



ALEX HALEY
**NEGRAS
RAIZES**

A SAGA DE UMA FAMÍLIA AMERICANA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ALEX HALEY

NEGRAS RAÍZES

Tradução de
A.B. PINHEIRO DE LEMOS

5ª EDIÇÃO



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Título original norte-americano
ROOTS

Copyright (c) 1976 by Alex Haley

Publicado mediante acordo com Paul R. Reynolds, Inc., New York, NY, USA.

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Av. Erasmo Braga, 255 — 8º andar — Rio de Janeiro, RJ
que se reserva a propriedade literária desta tradução

ALEX HALEY

Quando era menino, Alex Haley ouviu muitas vezes a avó contar a história do antepassado africano que saíra um dia para cortar um tronco na floresta perto de sua aldeia, a fim de fazer um tambor, quando foi subitamente agarrado por quatro homens, acorrentado e levado como escravo para a América. Kunta Kinte era o nome desse antepassado, que fez questão de contar à filha como era a sua vida na África, único meio que encontrou de não perder a identidade na terra dos homens brancos, os toubobs, como os chamava. E a história foi transmitida de geração em geração até chegar a Alex Haley. Já adulto, escritor, Haley decidiu reconstituir a história do seu antepassado africano e das gerações de negros americanos que o sucederam.

O autor realizou pesquisas em bibliotecas públicas e universidades, e em registros oficiais de seu país, foi a Juffure, a aldeia em Gâmbia onde nascera Kunta Kinte, conheceu seus primos que lá tinham ficado, e no dia 29 de setembro de 1967 estava no cais de Annapolis, exatamente 200 anos depois que Kunta Kinte ali havia desembarcado, semimorto, saindo dos porões de um navio negroiro.

Confirmando toda a história que sua avó contava, o trabalho de Alex Haley resultou em **NEGRAS RAÍZES**, um dos livros de maior sucesso em todos os tempos nos Estados Unidos, que não é apenas uma reconstituição histórica que cobre um período desde a escravidão até nossos dias. É, acima de tudo, a saga de um homem que se agarrou desesperadamente à própria identidade, recusando-se a renunciar à sua herança cultural.

Foram milhões os africanos brutalmente arrancados de sua terra natal, levados para um ambiente hostil, submetidos a crueldades, numa tentativa de destruir-lhes a identidade e eliminar qualquer capacidade de resistência. **NEGRAS RAÍZES** prova que isso não foi conseguido, porque o espírito humano é inquebrantável, e aponta o caminho para que os descendentes de milhões de pessoas possam encontrar também suas raízes.

Durante 20 anos pertenceu à Guarda Costeira dos Estados Unidos, época em que começou a escrever. Reformado em 1959, dedicou-se à carreira de jornalista profissional, trabalhando para diversas revistas antes de publicar o seu primeiro livro, *A Autobiografia de Malcolm X*. A partir de então passou 12 anos pesquisando e escrevendo **NEGRAS RAÍZES**, obra imediatamente aclamada como um trabalho épico, destinado a tornar-se um clássico da literatura americana.



Não estava previsto que o trabalho à pesquisar e escrever fosse levar doze anos.

Foi por acaso que o livro saiu publicado no Ano do Bicentenário dos Estados Unidos.

Assim sendo, dedico NEGRAS RAÍZES como um presente de aniversário ao meu país, no qual aconteceu a maior parte de NEGRAS RAÍZES.



Num livro como *NEGRAS RAÍZES*, cuja história se desenvolve ao longo de 200 anos em ambientes diferentes dos nossos, grandes são as dificuldades e variadas as opções que se apresentam ao tradutor brasileiro. Num exemplo entre muitos, na primeira parte do livro — a crônica da vida africana de Kunta Kinte — presume-se que os personagens sabiam perfeitamente sua língua, o mandingo, portanto foram evitados, na medida do possível, termos característicos de nossa cultura. Assim, quando o autor fala em *breakfast*, a tradução poderia ser “desjejum”, ou “café da manhã” ou simplesmente “café”, como comumente falamos. Mas acontece que na primeira refeição do dia numa aldeia do interior africano não se tomava café. Desse modo, o tradutor preferiu optar por “primeira refeição”, achando que, com isso estaria mais de acordo com o espírito da narrativa.

A partir do momento em que Kunta Kinte chega à América, as dificuldades e opções se avolumam. Logo no início ele ouve a palavra *horse* e a pronuncia *hoss*. Como fazer a mesma coisa com “cavalo”? Mas as opções não param aí. Kunta Kinte aprende que o dono da plantação e sua esposa são o *massa* e a *missis*. Uma adaptação fácil seria “*sinhô*” e “*sinhá*”. Mas acontece que *massa* possuía uma aplicação muito ampla para os negros americanos, servindo para todos os homens brancos, à exceção dos *poor crackers*, os brancos do Sul que não tinham escravos e trabalhavam a terra pessoalmente. Soaria bem ao leitor brasileiro falar-se em uma “reunião de *sinhôs*” ou no “*Sinhô Washington*”? Por isso, o tradutor preferiu manter *massa*.

O tradutor resistiu à tentação de fazer uma adaptação da pronúncia dos negros americanos para o português. Em muitos casos bastaria, digamos, suprimir o “r” final das palavras, um erro no Brasil bem característico de pessoas menos cultas, sem distinção da cor da epiderme. Nos Estados Unidos, porém, a fala dos escravos africanos, ou de seus descendentes, era típica. Brancos pobres e ignorantes podiam falar de forma um pouco parecida, mas jamais como os negros.

Além do mais, eram negros americanos e não brasileiros. Embora de mesma origem, o ambiente que vieram encontrar numa terra estranha era diferente. O tradutor preferiu, por isso, para evitar qualquer possível distorção, ater-se à grafia correta das palavras, mostrando por outros meios as dificuldades do manejo de uma língua estranha. Como a colocação pfonominal, dificuldade que o nosso idioma apresenta a quem o aprende de ouvido. Consequentemente, em vez de usar “apanhá-lo”, preferiu usar “apanhar ele”. Pelo mesmo motivo manteve, em muitos casos, períodos intermináveis, frases ligadas por sucessivos “e”, falas entremeadas de muitos “ai” e “então”.

Mas ficou nisso, sem correr os riscos de uma adaptação exagerada que poderia trair o espírito do original e as intenções do autor.

“Eu, também, sou América!”

– Langston Hughes

“Quem está gemendo? É negro ou é carro de boi?”

– Solano Trindade



Poucas narrativas despertam tanta inquietação e desconforto como *NEGRAS RAÍZES*, a saga do negro nos Estados Unidos, que merece ser considerada a saga do negro nas Américas. O trabalho de 12 anos de pesquisas, ao qual se dedicou Alex Haley, resultou na autobiografia mais coletiva de que já se teve notícia. Kunta Kinte, dito O Africano, pela avó e as tias velhas de Haley, não é apenas o mais remoto ancestral do autor, é também o mais remoto ancestral na genealogia de uma raça inteira, caçada nas matas ou à beira dos rios, amontoada nos porões infectos dos navios negreiros e vendida a retalhos num ponto qualquer dos Estados Unidos, Cuba, Haiti ou Brasil. Tal como um cometa,

Haley deitou a luminosidade de sua pesquisa e de sua recriação ao longo dos séculos de desconhecimento e incompreensão, revelando surpreendentes detalhes que se pensava possíveis apenas na imaginação.

A empostação paternalista de *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriete B. Stowe, e a tolerância patriarcal de *...E o Vento Levou*, de Margaret Mitchell, encontram finalmente a sua contestação.

Aqui a angulação é das costas, não do açoite; é da ferida, não do unguento. No grande painel traçado pelo livro, se desenvolve o enredo da tragédia americana, protagonizada pela intolerância e a segregação, geradoras dos capuzes sinistros da Ku Klux Klan e das mãos assassinas que tombaram Martin Luther King. “Eu tive um sonho”, disse o pastor negro, e este sonho torna-se realidade na medida em que Alex Haley — biógrafo de Malcolm X — desperta os brancos de seu país, que por acaso ainda estavam adormecidos, para a irrefutável realidade de que as origens do americano como povo se entrecruzam na ânsia comum da liberdade. Uns de tê-la, outros na de tolerar a alheia.

Não é tão pobre a bibliografia sobre a escravidão negra nos Estados Unidos, e diversas são as óticas sob as quais ela é examinada. Desde a fantasiosa, que afirma serem os negros “inocentes como crianças” e que só trabalhavam coercitivamente, teoria aliás que o Conde Gobineau (que viveu entre nós no II Império) também alardeava, até a formal acusação de genocídio, tal como os nazistas fizeram com os judeus. O ponto comum, no entanto, é que todos partem do negro já em território americano, subjugado, aculturado, vivendo sob nova realidade e desenvolvendo a secular luta pela emancipação e pelo direito de igual oportunidade.

É muito perigosa a generalização do tratamento e das relações senhor/escravo, muitos fatores entraram na questão, até de ordem humanitária. Não se pode deixar de ter em conta os alicerces do desenvolvimento econômico e a nascente sociedade capitalista, dados que poderiam — segundo a intensidade em que eles existiam nesta ou naquela região — propiciar a transigência de um tratamento mais humano, ou incentivar a exigência do sangue escravo, para literalmente adubar a terra. A única generalização pertinente em relação à escravidão é a de que ela foi um terrível mal. *NEGRAS RAÍZES* nos aproxima deste mal, sem ampliações ou exageros piedosos, proporcionando a brancos e pretos a

oportunidade de reverem conceitos, reformularem dogmas estabelecidos por preconceitos oriundos de informações tendenciosas e radicalizantes. Tem compasso de ragtime e andamento de samba-enredo.

Ao contrário do sentimento de culpa que se poderia esperar dos muitos brancos norte-americanos que leram o livro — a julgar pelas declarações — a sensação que ele produziu foi de um inesperado choque de identificação com os negros, enquanto estes experimentaram, não um sabor de revanche, mas um compensador orgulho ao vislumbrarem uma versão completa de onde estiveram e aonde chegaram. Nunca uma coletividade foi de tal forma atingida e jamais teve esta perspectiva partindo de uma retrospectiva tão ricamente exposta.

Atualmente mais de 300 colégios e universidades americanos estão usando NEGRAS RAÍZES em seus cursos, numa inequívoca demonstração da utilidade didática da obra, que promoveu uma aceleração inédita na escalada para a consecução dos direitos civis nos Estados Unidos. Mais uma vez a literatura se destaca na luta pela conquista e o restabelecimento dos valores indispensáveis ao ser humano. Nesta tarefa um novo aliado: a televisão que, quando lhe dão chance, revela-se uma auxiliar notável e prestígio. Este livro foi adaptado para uma série de oito programas, que reuniu um total de 130 milhões de espectadores. O último da série foi assistido por 80 milhões de pessoas, o que constituiu o recorde absoluto em todo o tempo de existência deste veículo de massas.

Mobilizado em torno do griot eletrônico, pretos e brancos, indistintamente, redescobriram-se sob os traços que os unem.

Alex Haley reconstituiu biblicamente a trajetória de sua família, a partir das histórias repetidas por sua avó, depois de percorrer arquivos, bibliotecas, coleções de documentos oficiais e particulares, realizar várias viagens à África, particularmente a Gâmbia — terra dos mandingas, cujos contingentes também aportaram no Brasil — onde detectou os passos do seu parente Kunta Kinte que — mais que uma personagem — é o símbolo e o protótipo do preto capturado pelos negociantes negreiros. No objetivo de descobrir quem é, Haley levantou todo um mural que retrata a nação americana e a sua construção racial, e desmonta a iniquidade da superioridade racial que os escravocratas e seus modernos seguidores se atribuíam.

No Brasil, algumas tentativas nesta busca às origens têm sido feitas, mas todas esbarram num entrave intransponível: falta de documentação. Por determinação de Ruy Barbosa, então Ministro da Fazenda, em circular de número 29, de 13 de maio de 1891, todo o arquivo relacionado com a escravidão foi queimado, para erradicar de vez a “terrível mancha”. Com isto, o grande segmento da população brasileira, que são os negros e mestiços, ficou fluando num grande espaço por não saber de onde veio. Quais as tribos que entraram no Brasil? A pergunta, feita por Artur Ramos no seu livro *O Negro Brasileiro* (1934), continua sem resposta precisa. Os esforços de Nina Rodrigues, pioneiro no assunto, seguido do próprio Artur Ramos e da escola baiana de Antropologia, conseguiram apenas levantar parte do véu. Os naturalistas alemães Spix e Martius acreditavam que todos os negros chegados ao Brasil provinham do grupo Bantu, e durante anos os nossos estudiosos e pesquisadores repetiram a informação, só muito mais tarde revista e contestada. Os aspectos exóticos e místico— religiosos sempre atraíram muito mais os primeiros cronistas do Brasil Colônia e Império, do que a busca às raízes encravadas no solo africano. A transmigração dentro do próprio continente, escravos comprados de sobas africanos que os tinham cativos conquistados em guerras tribais, menção equivocada do nome do local onde foi capturado, tudo isto contribuiu para dificultar a amostragem da origem étnica dos

negros vendidos aos escravagistas no Brasil e a posterior estratificação racial.

Com exceção do gueto brasileiro de Lagos (Nigéria), formado pelos remanescentes das viagens de volta à África empreendidas pelos ex-escravos, sendo a mais conhecida a realizada pelo patacho Aliança, em 1899, pouco ou nada resta dos laços familiares entre negros africanos e brasileiros, salvo os preceitos religiosos do culto do candomblé, mantidos pelas casas-de-santo da Bahia e do Ifé.

Alguns sociólogos brasileiros aludem ao “problema do negro”, como se houvesse uma patologia específica para os descendentes dos africanos, ou como se estes representassem um quisto racial. O negro não é problema e sim mais um dado na equação sócio-multirracial em que vivemos, e traz consigo a resultante dos erros pós-Abolição, quando os ex-escravos continuaram marginalizados profissionalmente, cidadãos de segunda classe, numa incipiente sociedade-ruralista, dependente e presunçosa.

Dai a grande importância para o leitor brasileiro deste livro de Alex Haley. É parte de nossa história comum, com os mesmos lances dramáticos e episódios de coragem e dor. É sobretudo uma lição de amor à liberdade e à sua busca incessante. Numa passagem do livro, durante a guerra de Secessão, Kunta Kinte comenta: “Não pensei que os brancos também precisassem de liberdade.”

É aí que os homens são irmãos.

Haroldo Costa



Devo uma gratidão profunda a tantas pessoas, pela ajuda que me prestaram em *NEGRAS RAÍZES*, que seriam necessárias páginas incontáveis para relacionar todas. Não posso deixar de agradecer, no entanto, às seguintes pessoas:

George Sims, meu amigo desde a nossa infância em Henning, Tennessee, é um pesquisador extraordinário que muitas vezes viajou comigo, partilhando aventuras físicas e emocionais. Suas pesquisas dedicadas, em centenas de livros e milhares de documentos, especialmente na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos e nos Arquivos Nacionais, forneceram grande parte do material histórico e cultural com base no qual descrevi as vidas dos personagens deste livro.

Murray Fisher foi meu editor durante anos na revista *Playboy*. Solicitei sua ajuda técnica para estruturar este livro, a partir de um labirinto aparentemente impraticável de materiais pesquisados. Depois que definimos o padrão dos capítulos de *NEGRAS RAÍZES*, elaboramos o enredo. Do princípio ao fim, sempre contei com sua orientação e ajuda. Na fase final do trabalho, ele chegou a esboçar algumas cenas de *NEGRAS RAÍZES*, e seu talento de editor contribuiu decisivamente para reduzir o grande volume de material escrito.

Os detalhes dos episódios africanos de *NEGRAS RAÍZES* só se tornaram possíveis porque, num momento crucial, a Sra. DeWitt Wallace e os editores do *Reader's Digest* partilharam e apoiaram meu desejo de verificar se a rica história oral da minha família pelo lado materno poderia ser devidamente documentada na África, onde começou a história de todos os negros americanos.

NEGRAS RAÍZES também não seria possível, em toda a sua plenitude, sem a ajuda de dezenas de bibliotecários e arquivistas dedicados, em 57 repositórios de informações, em três bibliotecas. Descobri que qualquer bibliotecário ou arquivista, quando contagiado por nosso próprio fervor de pesquisa, pode transformar-se num extraordinário pesquisador, contribuindo decisivamente para as buscas.

Devo muito também a Paul R. Reynolds, decano dos agentes literários, entre cujos clientes tenho o prazer de me incluir, a Lisa Drew e Ken McCormick, editores da Doubleday, que pacientemente partilharam e suavizaram minhas frustrações, ao longo dos muitos anos de produção de *NEGRAS RAÍZES*.

Finalmente, quero agradecer e reconhecer minha imensa dívida para com os griots da África. Dizem, com toda razão, que, quando um griot morre, é como se toda uma biblioteca tivesse sido arrasada pelo fogo. Os griots simbolizam como toda a genealogia humana remonta a algum lugar e algum tempo em que não havia escrita, quando somente as memórias e as bocas dos anciãos transmitiam para a posteridade as primeiras histórias da humanidade. Para que, hoje, todos nós saibamos quem somos.



No início da primavera de 1750, na aldeia de Juffure, a quatro dias rio acima da costa de Gâmbia, África Ocidental, nasceu um filho homem para Omoro e Binta Kinte. Emergindo com esforço do corpo forte e jovem de Binta, era tão negro quanto ela, salpicado e escorregadio com o sangue dela.

E estava berrando. As duas encarquilhadas parteiras, a velha Nyo Boto e Yaisa, a avó, viram que era um menino e riram de alegria. Segundo os antepassados, um menino primogênito pressagiava as bênçãos especiais de Alá, não apenas para os pais, mas também para as famílias dos pais. E havia também o orgulho de saber que o nome Kinte iria assim destacar-se e ser perpetuado.

Era a hora que antecedia o primeiro canto dos galos. E, juntamente com as vozes excitadas de Nyo Boto e da Vovó Yaisa, o primeiro som que o menino ouviu foi o bater ritmado e abafado dos pilões, pois as outras mulheres da aldeia estavam moendo os grãos de milho, preparando o tradicional cuscuz que todos comiam pela manhã, cozinhado em panelas de barro, em fogos acesos entre três pedras.

A fumaça azul começava a subir para o céu, penetrante e agradável, por toda a aldeia poeirenta, de cabanas redondas de barro, quando se ouviu o lamento anasalado de Kajali Demba, o alimamo local, convocando os homens para a primeira das cinco preces diárias que eram oferecidas a Alá, há mais tempo do que qualquer pessoa viva podia recordar-se. Deixando apressadamente suas camas de bambus e peles curtidas, metidos em túnicas ásperas de algodão, os homens da aldeia concentraram— se no local de orações. O alimamo comandou a prece:

– Allahu Akbar! Ashadu an lailahailala! (Deus é grande! E afirmo que só há um Deus!)

Só depois disso, quando os homens retornavam às suas cabanas para comer, é que Omoro lhes anunciou, radiante e excitado, o nascimento de seu primogênito. Dando-lhe os parabéns, todos os homens repetiram os presságios de felicidade.

De volta a sua cabana, cada homem aceitou um prato de cuscuz da esposa. As mulheres retornaram então à cozinha, nos fundos de cada conjunto, deram comida às crianças e depois comeram também. Os homens, ao terminarem de comer, pegaram suas enxadas de cabo curto e curvo, cujas lâminas de madeira tinham um revestimento de ferro, feito pelo ferreiro da aldeia. E saíram para preparar os campos para o plantio do amendoim, do milho e do algodão, que eram as culturas a cargo dos homens, enquanto o arroz ficava aos cuidados das mulheres.

De acordo com os costumes, só havia uma tarefa a que Omoro devia dedicar-se com afinco nos sete dias seguintes: a escolha de um nome para seu primogênito. Teria que ser um nome rico em história e promessas, pois os homens de sua tribo, os mandingas, acreditavam que uma criança iria desenvolver sete das qualidades da pessoa ou coisa em cuja homenagem fosse chamada.

Em seu nome e no de Binta, Omoro visitou durante a semana todas as cabanas de

Juffure, convidando cada família para a cerimônia em que o recém-nascido receberia seu nome, realizada tradicionalmente no oitavo dia de sua vida. Nesse dia, como seu pai e o pai de seu pai, o menino iria tornar-se um membro da tribo.

Quando o oitavo dia raiou, todos se reuniram diante da cabana de Omoro e Binta. As mulheres das duas famílias levavam nas cabeças as cabaças contendo o leite coalhado e os bolinhos de munko, arroz moído e mel, cerimoniais. Karamo Silla, ojaliba da aldeia, estava presente, com seus tambores tan-tang. Lá estavam também o alimamo e o arafang, Brima Cesay, que um dia seria o professor do menino. Os dois irmãos de Omoro, Jannah e Saloum, tinham vindo de muito longe para assistir à cerimônia, avisados pelos tambores do nascimento do sobrinho.

Binta, segurando orgulhosamente o filho, deixou que uma pequena parte dos cabelos da criança fosse raspada, como era costume fazer-se nesse dia. As mulheres comentaram como o menino era bem formado. Depois, todos ficaram quietos, quando o jaliba começou a bater seus tambores. O alimamo murmurou uma prece sobre as cabaças de leite coalhado e bolos de munko. Enquanto ele fazia a prece, cada convidado tocava à beira de uma cabaça, num gesto de respeito pela comida. Depois, o alimamo pôs-se a orar sobre o menino, suplicando a Alá que lhe concedesse uma vida longa, que tivesse sucesso na missão de proporcionar honra, orgulho e muitos filhos a sua família, a sua aldeia e a sua tribo. E, finalmente, pediu a Alá que concedesse força e espírito ao menino para honrar o nome que estava prestes a receber.

Em seguida, Omoro desfilou diante de todos os habitantes da aldeia. Aproximou-se da esposa, pegou o menino e levantou-o. Observado atentamente por todos, sussurrou três vezes no ouvido do filho o nome que escolhera para ele. Era a primeira vez que aquele nome era pronunciado como sendo o da criança. O povo de Omoro achava que um ser humano devia ser o primeiro a saber quem era.

Os tambores recomeçaram a ressoar. Omoro sussurrou o nome no ouvido de Binta, que sorriu de orgulho e prazer. Em seguida, Omoro sussurrou o nome para o arafang, que anunciou então para toda a aldeia ali reunida:

— O primeiro filho de Omoro e Binta Kinte é chamado de Kunta! Como todos sabiam, era o nome do meio do falecido avô do menino,

Kairaba Kunta Kinte, que viera de sua nativa Mauritània para Gâmbia, onde salvara o povo de Juffure da fome durante um período de terrível escassez de alimentos, casara com a Vovó Yaisa e depois servira à aldeia honradamente até sua morte, como homem santo.

O arafang recitou os nomes dos antepassados mauritânios, sobre os quais o avô do menino, o velho Kairaba Kinte, tantas vezes falara. Os nomes, que eram grandes e muitos, remontavam há mais de 200 estações das chuvas. Depois, ojaliba tornou a bater em seus tambores e todos manifestaram sua admiração e respeito por uma ascendência tão ilustre.

Na noite do oitavo dia, sozinho com o filho sob a lua e as estrelas, Omoro completou o ritual da indicação do nome. Levou o pequeno Kunta em seus braços fortes até a beira da aldeia, ergueu-o com o rosto virado para o céu e disse suavemente:

— Fend kiling dorong leh warrata ka iteh tee. (Veja! É a única coisa maior do que você!)



Era a estação do plantio, as primeiras chuvas começariam em breve. Em todos os campos aráveis, os homens de Juffure tinham amontoado pilhas de mato seco e ateados de fogo, para que a brisa espalhasse as cinzas sobre a terra, fertilizando o solo. As mulheres já estavam trabalhando nos arrozais, plantando rebentos verdes na lama.

Enquanto Binta se recuperava do parto, seu trato nos arrozais fora cuidado pela Vovó Yaisa. Mas Binta já estava agora em condições de retomar suas obrigações. Com Kunta acomodado em suas costas, numa tipoia de algodão, ela partiu com as outras mulheres (muitas levando filhos recém-nascidos da mesma maneira, além dos fardos equilibrados na cabeça) para as pirogas na margem do bolong, da aldeia, um dos muitos canais tributários que seguiam sinuosos por terra adentro, saindo do Rio Gâmbia. Aquele era conhecido como Kamby Bolongo. As pirogas saíram deslizando pelo bolong, cinco ou seis mulheres em cada uma, impulsionando-a com os remos curtos e largos. Cada vez que Binta se inclinava para remar, sentia o corpo macio e quente de Kunta comprimir-se contra suas costas.

O ar estava impregnado pela fragrância almiscarada dos mangues e de outras plantas e árvores, que cresciam nos dois lados do bolong. Alarmadas pela passagem inesperada das pirogas, famílias inteiras de babuínos, despertadas bruscamente do sono, gritavam freneticamente, pulando e sacudindo os galhos das árvores. Porcos selvagens grunhiam e corriam a se esconder nos capões. Nos mangues dos dois lados do canal, milhares de pelicanos, grous, garças, cegonhas, gaivotas e colheiros pararam subitamente de comer, para observar nervosamente a passagem das canoas. Algumas aves menores, talamares, saracuras, cararás, martins-pescadores, alçaram voo e sobrevoaram as pirogas, gritando estridentemente, até que as intrusas tivessem passado.

A medida que as pirogas cortavam as águas, eram acompanhadas por cardumes de barrigudinhos, que saltavam acima da superfície, num baile prateado, para logo tornar a mergulhar. Perseguindo os barrigudinhos, às vezes tão vorazes que nadavam diretamente ao encontro das pirogas, sempre surgiam peixes maiores. As mulheres conseguiam tonteá-los com golpes dos remos e recolhiam-nos, para uma suculenta refeição de noite. Naquele dia, porém, os barrigudinhos acompanharam as pirogas sem serem incomodados.

As mulheres passaram por uma curva do bolong sinuoso e entraram num tributário mais largo. E foi neste momento que houve uma revoada de aves marinhas, centenas de milhares, de todos os tipos, de todas as cores do arco-íris, povoando inteiramente o céu. A superfície do canal, escurecida pela tempestade de aves e encrespada pelo bater das asas, ficou coalhada de penas.

Ao se aproximarem da área pantanosa, onde muitas gerações de mulheres de Juffure vinham plantando arroz, as pirogas passaram por imensas nuvens de mosquitos. Cada piroga foi embicar numa moita espessa determinada, que indicava e identificava a localização dos tratos sob os cuidados das mulheres que nela iam. Aquela-altura, as hastes

verdes de arroz já se erguiam um palmo acima da superfície.

Como a extensão do trato de cada mulher era determinada anualmente pelo Conselho dos Anciãos de Juffure, de acordo com a quantidade de bocas que cada uma tinha de alimentar com o arroz, o trato de Binta ainda era pequeno. Saltando da piroga com todo cuidado, por causa do filho recém-nascido nas costas, Binta deu alguns passos e depois estacou abruptamente, olhando surpresa e deliciada para uma pequena cabana de bambu, com telhado de colmo, sobre palafitas. Enquanto ela se recuperava do parto, Omoro viera até ali e construía aquele abrigo para o filho deles. Nada contara a ela, o que era típico dos homens.

Depois de amamentar o bebê e acomodá-lo dentro do abrigo, Binta vestiu a roupa de trabalho que trouxera no fardo equilibrado na cabeça e começou a trabalhar. Inclinando-se sobre a água, ela arrancava pelas raízes o mato ainda rasteiro que crescia no terreno alagado. Se não se fizesse isso, o mato iria crescer mais do que as hastes de arroz e terminaria por sufocá-las, acabando praticamente com a colheita. Sempre que Kunta chorava, Binta ia até o abrigo, escorrendo água, e amamentava-o novamente.

O pequeno Kunta ia assim se tornando maior e mais forte a cada dia, sob os carinhos e a ternura da mãe. De volta à cabana, no fim do dia, depois de cozinhar e servir o jantar de Omoro, Binta amaciava a pele do filho, passando manteiga de Galam. Depois, com bastante frequência, desfilava orgulhosamente com o pequeno Kunta pela aldeia, levando-o à cabana da Vovó Yaisa, que cumulava o neto de beijos. As duas se empenhavam então em fazer o pequeno Kunta choramingar de irritação, apertando-lhe insistentemente a cabeça, o nariz, orelhas e lábios, a fim de moldá-los corretamente.

Às vezes, Omoro levava o filho para longe das mulheres, passando algum tempo com ele em sua própria cabana (os maridos sempre residiam separados das esposas). Omoro deixava que os olhos e os dedos do filho explorassem demoradamente objetos atraentes, como os amuletos na cabeceira da cama, ali colocados para afugentar os maus espíritos. Qualquer coisa colorida atraía o pequeno Kunta, especialmente a sacola de couro de caçador do pai, agora quase que totalmente coberta por conchas, cada uma assinalando um animal que Omoro trouxera pessoalmente para alimentar a aldeia. Kunta jamais deixava de admirar o arco grande e curvo e a aljava de flechas. Omoro sempre sorria ao ver o filho estender a mão muito pequena e tocar na lança comprida e fina, cuja haste estava agora polida, de tanto uso. Deixava que Kunta tocasse em tudo, menos no tapete de orações, que era sagrado para seu dono. Sozinho em sua cabana com o filho, Omoro falava-lhe longamente sobre as grandes e maravilhosas façanhas que o pequeno Kunta haveria de realizar, quando crescesse.

Depois, Omoro levava o filho de volta à cabana de Binta, para que ele fosse novamente amamentado. Onde quer que estivesse, Kunta estava quase sempre feliz. Adormecia com Binta a niná-lo no colo ou debruçada sobre ele na cama, a entoar baixinho uma canção de ninar:

Meu filho sorridente,
Com o nome de um nobre ancestral.
Grande guerreiro ou caçador,
Você será um dia,
O que dará orgulho a seu papai.
Mas sempre me lembrarei de você assim.

Amando profundamente o filho e o marido, Binta não podia deixar de sentir-se apreensiva. E que os maridos muçulmanos, seguindo um costume antigo, frequentemente

escolhiam e casavam com uma segunda esposa durante o período em que a primeira ainda estava amamentando o filho. Até aquele momento, Omoro não tomara uma segunda esposa. E como Binta não queria que ele se sentisse tentado, desejava intensamente que o pequeno Kunta começasse logo a andar, pois era esse momento que assinalava o término do período de amamentação.

Assim, Binta empenhou-se em ajudar o filho, a partir do momento em que Kunta, cerca de 13 luas depois do nascimento, tentou os primeiros passos, trôpegos e hesitantes. Não demorou muito para que Kunta fosse capaz de caminhar sem a mão de ninguém a apoiá-lo, embora ainda cambaleando. Binta ficou tão aliviada quanto Omoro sentiu-se orgulhoso. E quando Kunta chorou porque desejava comer, Binta não lhe deu o seio, mas uma sonora palmada e uma cabaça de leite de vaca.



Três chuvas haviam passado e estava-se na estação da escassez, com as reservas de alimentos estocados da última colheita quase esgotadas. Os homens saíam para caçar, mas retornavam apenas com alguns antílopes e gazelas pequenos, e umas poucas aves. Com o sol ardendo dia após dia, muitos dos olhos d'água da savana tinham secado e as caças melhores e maiores tinham-se embrenhado na selva. e justamente no momento em que o povo de Juffure precisava de todas as suas forças para o plantio das próximas colheitas. As mulheres já estavam engrossando as magras refeições de cuscuz e arroz com brotos de bambu sem gosto e com as folhas ressequidas de baobá, que tinham um gosto desagradável. Os dias de escassez tinham começado antes do que se esperava e cinco cabras e dois bois, mais do que no ano anterior, haviam sido sacrificados para reforçar as preces de todos para que Alá poupasse a aldeia da fome.

E finalmente as nuvens cobriram o céu, a brisa amena transformouse em ventania e, como sempre acontecia, as chuvas começaram de forma abrupta, caindo suavemente, enquanto os homens revolviam a terra em sulcos compridos, preparando-a para receber as sementes. Sabiam que o plantio tinha de estar concluído antes que comessem as chuvas mais fortes.

Na manhã seguinte, depois da primeira refeição, as mulheres não seguiram para os arrozais, mas vestiram os tradicionais trajes da fertilidade, de imensas folhas ainda novas, o verde simbolizando o crescimento das coisas. Foram para os campos onde os homens trabalhavam. Já de longe podiam-se ouvir as vozes delas, entoando as preces ancestrais para que o amendoim, o milho e outras sementes, que levavam em cabaças de barro equilibradas na cabeça, fincassem raízes fortes e crescessem.

Os pés descalços se deslocando no mesmo ritmo, as mulheres circundaram três vezes cada campo, sempre cantando. Depois, elas se separaram e cada uma foi postar-se atrás de um lavrador, que avançava ao longo de um dos sulcos, abrindo um buraco na terra afogada com o dedão do pé, a cada poucos centímetros. Em cada buraco, a mulher deixava cair uma semente, cobrindo-a de terra com seu próprio dedão. As mulheres trabalhavam ainda mais do que os homens, pois, além de os ajudar nos campos, ainda cuidavam dos arrozais e da pequena horta atrás de cada cozinha.

Enquanto Binta plantava cebola, inhame, abóbora, mandioca e tomate, o pequeno Kunta passava os dias brincando sob os olhos vigilantes das velhas da aldeia, que tomavam conta de todas as crianças de Juffure que pertenciam ao primeiro kafo, isto é. as que tinham menos de cinco chuvas de idade. Meninos e meninas corriam de um lado para outro inteiramente nus. Alguns mal tinham começado a balbuciar as primeiras palavras. Todos, como Kunta, estavam crescendo depressa. Perseguiam-se incessantemente, rindo e cantando, em torno do tronco gigantesco do baobá da aldeia, brincando de esconder-pegar, dispersando cachorros e galinhas numa confusão de pelos e penas.

Mas todas as crianças, mesmo as que ainda eram muito pequenas como Kunta,

ficavam imediatamente quietas quando uma das avós prometia contar uma história. Embora ainda incapaz de compreender muitas das palavras, Kunta ficava observando as velhas, com olhos arregalados, vendo— as representar as histórias, com tantos gestos e ruídos que pareciam estar realmente acontecendo.

Apesar de pequeno, Kunta já conhecia muitas histórias, que sua Avó Yaisa lhe contara, sempre que ia visitá-la. Mas Kunta e todos os seus companheiros do primeiro kafo achavam que a melhor contadora de histórias era a velha Nyo Boto, tão amada, estranha e misteriosa. Sem cabelo algum na cabeça, bastante encarquilhada, tão preta quanto o fundo de um caldeirão de barro, uma haste de capim na boca, parecendo uma antena de inseto, presa entre os poucos dentes que lhe restavam, alaranjados de tantas castanhas de kola que já mastigara, a velha Nyo Boto acomodava-se resmungando em seu banco muito baixo. Embora fingisse estar sempre zangada, as crianças sabiam que Nyo Boto as adorava, como se fossem seus próprios filhos. O que, diga-se de passagem, ela afirmava que eram mesmo.

Cercada pelas crianças, Nyo Boto resmungava:

— Deixem-me contar uma história.

— Por favor! — gritavam as crianças em coro, remexendo-se na expectativa.

E ela começava da maneira como todos os contadores de histórias mandingas começavam:

— Num certo tempo, numa certa aldeia, vivia uma certa pessoa.

A certa pessoa, no caso, era um menino com as mesmas chuvas que eles, que um dia foi até a margem do rio e encontrou um crocodilo preso numa rede.

— Ajude-me! — gritou o crocodilo.

— Você me mataria! — gritou o menino.

— Não! — respondeu o crocodilo. — Chegue mais perto!

E assim o menino se aproximou do crocodilo, e imediatamente foi apanhado pelos dentes imensos e fortes.

— Mas é assim que você paga minha bondade, com maldade? — gritou o menino.

— É claro — disse o crocodilo, pelo canto da boca. — O mundo é assim mesmo.

O menino se recusava a acreditar que fosse e o crocodilo concordou em não engoli-lo imediatamente, pedindo antes a opinião das três primeiras testemunhas que por ali passassem. E a primeira foi um burro velho.

Quando o menino pediu sua opinião, o burro disse:

— Agora que estou velho e não posso mais trabalhar, meu dono me expulsou, para que eu seja devorado pelos leopardos!

— Está vendo? — disse o crocodilo.

Em seguida, apareceu um cavalo velho, que disse praticamente a mesma coisa.

— Está vendo? — repetiu o crocodilo.

Apareceu então um coelho bastante gordo, que disse:

— Bem, mas posso dar uma opinião correta sem ver como isso aconteceu, desde o início.

Resmungando, o crocodilo abriu a boca para contar toda a história, e o menino escapou para um lugar seguro, na margem do rio. O coelho perguntou:

— Gosta de carne de crocodilo? O menino disse que gostava.

— E seus pais também gostam?

O menino novamente disse que sim.

— Pois aí tem um crocodilo pronto para o caldeirão.

O menino afastou-se correndo e voltou pouco depois com os homens da aldeia, que o

ajudaram a matar o crocodilo. Mas trouxeram também um cachorro wuolo, que saiu em perseguição, alcançou e matou também o coelho.

— O crocodilo estava certo — concluiu a velha Nyo Boto. — É a maneira do mundo: muitas vezes a bondade é paga com a maldade. Foi isso o que eu lhes quis contar com minha história.

— Que seja abençoada, que sempre tenha forças e possa prosperar — gritaram as crianças em coro, agradecidas.

As outras avós distribuíram então entre as crianças cabaças com besouros e gafanhotos torrados. Em outra época do ano, isso teria sido apenas um petisco saboroso. Mas agora, às vésperas das grandes chuvas, com a estação da fome já começando, os insetos torrados tinham de servir como a refeição do meio do dia, pois quase não restava mais alimentos nas despensas das famílias.



Agora, havia aguaceiros rápidos quase todas as manhãs. Nos intervalos entre as chuvas, Kunta e seus companheiros saíam correndo pela aldeia, gritando excitadamente:

— É meu! É meu!

Ficavam extasiados com os arco-íris que surgiam no céu, parecendo sempre estar perto. Mas as chuvas traziam também enxames de insetos, cujas ferroadas e picadas eram dolorosas e logo faziam com que as crianças retornassem às suas cabanas.

E uma noite, subitamente, as chuvas fortes começaram. Amontoadas no interior das cabanas frias, as pessoas ficavam ouvindo a chuva cair sobre os telhados de colmo, observando os relâmpagos riscarem o céu e acalmando as crianças, assustadas com as trovoadas que ressoavam pela noite escura. Além da chuva, os únicos barulhos que se ouviam eram os latidos dos chacais, os uivos das hienas e o coaxar de rãs.

As chuvas fortes voltaram na noite seguinte e na outra, sempre à noite, somente à noite, inundando as terras mais baixas, perto do rio, transformando os campos num pântano, a aldeia num lodaçal. Contudo, todas as manhãs, antes da primeira refeição, os homens chafurdavam pela lama até a pequena mesquita de Juffure e imploravam a Alá que lhes mandasse mais chuvas, pois suas vidas dependiam de água bastante para se entranhar fundo na terra, antes que o sol quente voltasse a brilhar, caso contrário as colheitas iriam definhar, pois as raízes não teriam água suficiente para sobreviver direito.

Na cabana úmida onde ficavam as crianças, mal iluminada e mal aquecida por alguns gravetos secos e por esterco do gado, ardendo num buraco aberto no chão, a velha Nyo Boto contava a Kunta e aos outros de uma ocasião terrível em que não tinha havido chuvas suficientes. Não importava quão terrível qualquer coisa pudesse ser, Nyo Boto sempre se recordava de uma ocasião em que fora pior. Apenas dois dias depois de começarem as chuvas fortes, contou ela, o sol quente tinha voltado. Apesar de o povo rezar desesperadamente a Alá e se empenhar com afincos na dança da chuva dos ancestrais, sacrificando duas cabras e um boi todas as manhãs, tudo o que crescia no solo continuava a secar e morrer, té mesmo os olhos d'água da floresta secaram, disse Nyo Boto. Primeiro, foram as galinhas do mato e depois os animais da floresta que começaram a aparecer no poço da aldeia, impelidos pela sede. De noite, num céu muito claro, brilhavam milhares de estrelas e um vento frio soprava. Mais e mais pessoas foram caindo doentes. Era evidente que os maus espíritos estavam rondando Juffure.

Aqueles que ainda o podiam, continuavam nas preces e nas danças. E finalmente a última cabra e o último boi foram sacrificados. Era como se Alá tivesse virado as costas a Juffure. Alguns, os velhos, os fracos, os doentes, começaram a morrer. Outros partiram, procurando alguma aldeia e implorando a alguém que tinha comida que os aceitasse como escravos, apenas para poderem comer. Os que ficaram, não demoraram a perder o ânimo e passavam o dia deitados em suas cabanas. E foi então, disse Nyo Boto, que Alá guiara os passos do marabu Kairaba Kunta Kinte até a faminta aldeia de Juffure. Vendo o desespero

dos habitantes, ele se ajoelhara e rezara a Alá, durante cinco dias seguidos, quase sem dormir e tomando apenas alguns goles de água. Na noite do quinto dia, viera uma chuva forte, inundando a terra e salvando Juffure.

Quando Nyo Boto acabou a história, as outras crianças olharam com um novo respeito para Kunta, que tinha o mesmo nome do avô ilustre, marido de Yaisa, avô do menino. Antes mesmo que isso acontecesse, Kunta já percebera como os pais das outras crianças tratavam Yaisa com toda deferência, sentindo que ela era uma mulher importante, certamente tão velha quanto Nyo Boto.

As chuvas fortes continuaram a cair todas as noites, até que Kunta e as outras crianças começaram a ver os adultos patinando pela aldeia, afundando na lama até os tornozelos e às vezes até os joelhos, chegando mesmo a irem de canoa de um ponto a outro. Kunta ouvira Binta dizer a Omoro que os arrozais estavam submersos, sob as águas transbordadas do bolong. Com frio e com fome, os pais sacrificavam preciosos bois e cabras a Alá quase que diariamente, consertavam os telhados de colmo que vazavam, escoravam as cabanas. e rezavam para que as reservas de alimentos durassem até a colheita.

Mas Kunta e seus companheiros, sendo ainda crianças pequenas, davam menos importância às pontadas de fome em suas barrigas que às brincadeiras na lama, engalfinhando-se às gargalhadas, deslizando sobre os traseiros pelados. Em seu anseio para tornar a ver o sol novamente, sacudiam os braços para o céu cinzento e gritavam, como tinham visto os pais fazerem:

— Brilhe, sol, brilhe, e eu lhe darei uma cabra!

A chuva, que trazia a vida, fazia tudo crescer, viçoso e luxuriante. Os pássaros cantavam por toda parte. As árvores e as outras plantas eram uma verdadeira explosão de verde e cores variadas, desabrochando com toda força. Todas as manhãs, a lama avermelhada e pegajosa amanhecia coberta por um tapete de pétalas coloridas e folhas verdes, arrancadas pela chuva da noite anterior. Mas em meio à exuberância na natureza, a doença começou a se espalhar pelo povo de Juffure, pois nenhuma das colheitas, que prometiam ser abundantes, já estava madura o suficiente para que se pudesse comê-la. Adultos e crianças contemplavam com os olhos da fome os frutos que pendiam das árvores, pois ainda estavam verdes e duros como pedra. Aqueles que os mordiam, ficavam doentes e vomitavam.

— Ah, só pele e ossos! — exclamava Vovó Yaisa, estalando ruidosamente a língua, toda vez que via Kunta.

A verdade é que a avó estava quase tão magra quanto o neto, pois todas as despesas de Juffure estavam agora completamente vazias. As poucas cabras, gado e galinhas da aldeia, que não tinham sido comidos nem sacrificados, tinham de ser mantidos vivos e devidamente alimentados, se se desejasse ter uma nova geração de cabritos, bezerros e pintos. Assim, as pessoas começaram a comer roedores, raízes e folhas, recolhidos na aldeia e arredores, em buscas que se iniciavam ao nascer do sol e só terminavam ao pôr-do-sol.

Se os homens saíssem para a floresta a fim de caçar animais selvagens, como frequentemente faziam em outras épocas do ano, não teriam forças suficientes para arrastar de volta à aldeia o que conseguissem abater. Os tabus tribais proibiam os mandingas de comerem os incontáveis macacos e babuínos. Também não tocavam nos muitos ovos que as galinhas punham e não comiam as rãs imensas e muito verdes, por considerá-las venenosas. E como eram muçulmanos devotos, preferiam morrer a comer a carne dos porcos selvagens, que muitas vezes entravam na aldeia em varas numerosas.

Há mais tempo do que qualquer pessoa de Juffure podia lembrar-se, famílias de grou

faziam seus> ninhos nos galhos mais altos da paineira da aldeia. Quando os filhotes rompiam a casca, os grouns ficavam voando incessantemente entre a paineira e o bolong, indo buscar peixes para alimentá-los. Aguardando o momento exato, as velhas e crianças saíam correndo na direção da árvore, gritando e atirando paus e pedras para o ninho. Muitas vezes, diante do barulho e confusão, um filhote de grou com o bico aberto não conseguia agarrar o peixe, que caía do ninho e ia batendo nos galhos e folhagem da paineira até o chão enlameado. As crianças lutavam pela presa e uma família tinha um verdadeiro banquete. Se uma das pedras arremessadas pelas crianças atingia um filhote de grou e o derrubava do ninho, juntamente com o peixe, naquela noite algumas famílias teriam sopa de grou ao jantar. Mas tais refeições eram raras.

Ao final da tarde, cada família reunia-se em sua cabana e todos os membros apresentavam o que tinham conseguido, às vezes uma toupeira ou um punhado de lagartas, se estavam com sorte, para a sopa familiar, cozinhada num caldeirão imenso, com bastante pimenta e outros condimentos, para melhorar o gosto. Mas tal comida lhes enchia a barriga sem alimentá-los devidamente. E, por isso, o povo de Juffure começou a morrer.



Era cada vez maior a frequência com que se ouviam os lamentos estridentes de uma mulher na aldeia. Afortunados eram os bebês e os muito pequenos ainda para compreenderem, pois até mesmo Kunta já tinha idade suficiente para saber que os uivos significavam um ente querido que acabara de morrer. Geralmente de tarde, algum lavrador doente, que saíra para arrancar o mato de seu campo, retornava à aldeia no lombo de um boi, completamente imóvel.

E a doença tinha começado a inchar as pernas de alguns adultos. Outros tinham febre, transpirando profusamente, o corpo tremendo em calafrios. Em todas as crianças, pequenas áreas, nas pernas ou nos braços, começavam de repente a inchar. E a inchação crescia rapidamente e tornava-se cada vez mais dolorosa, abrindo-se finalmente e deixando escapar um fluido rosado, que não demorava a se transformar num pus (amarelado e malcheiroso, que atraía as moscas, a zumbirem terrivelmente.

Um dia, quando tentava correr, a dor das feridas que cobriam as pernas de Kunta fê-lo tropeçar e cair. Foi levantado por seus companheiros, aturdido e gritando, o sangue a escorrer de um novo ferimento, na testa. Como Binta e Omoro tinham ido cuidar dos campos, levaram-no para a cabana da Vovó Yaisa, que há alguns dias não aparecia na cabana onde as crianças brincavam.

Yaisa parecia muito fraca, o rosto preto esquelético e repuxado, suando muito sob a pele de boi em sua enxerga de bambu. Mas ela levantou-se imediatamente ao ver Kunta com a testa sangrando e tratou de limpar o ferimento. Abraçando o neto, ordenou às outras crianças que lhe fossem buscar algumas formigas kelelalu. Quando as crianças voltaram, Vovó Yaisa uniu os dois lados do talho e depois comprimiu a cabeça de uma formiga a se debater contra o ferimento. Furiosa, a formiga enfiou as pinças na carne de Kunta. Nesse momento, Vovó Yaisa habilmente cortou a cabeça da formiga, deixando-a presa na testa do neto. Repetiu a operação várias vezes, até que o talho estivesse fechado.

Mandando as outras crianças irem embora, ela disse a Kunta que se deitasse na cama a seu lado e descansasse. Kunta deitou e ficou ouvindo a respiração pesada da avó em silêncio, por algum tempo. Depois, Vovó Yaisa gesticulou na direção de uma pilha de livros, que estava numa prateleira ao lado de sua cama. E falando devagar, suavemente, ela contou mais alguma coisa a respeito do avô de Kunta, a quem aqueles livros tinham pertencido.

Em sua terra natal, a Maurítânia, Kairaba Kunta Kinte estava com 35 chuvas quando seu mestre, um grande marabu, dera-lhe a bênção que o transformava também num homem santo. O avô de Kunta seguia uma tradição de homens santos da família, que remontava há muitas centenas de chuvas, no Velho Málí. Como um homem do quarto kafo, Kairaba suplicara ao velho marabu que o aceitasse como um discípulo. No decorrer das 15 chuvas seguintes, acompanhara o marabu, juntamente com as esposas dele, os escravos, os discípulos, os bois e as cabras, peregrinando de uma aldeia para outra, a serviço de Alá e de

seus fiéis. Sobre trilhas empoeiradas e ravinas enlameadas, sob o sol quente e a chuva fria, através de vales verdejantes e desertos varridos pelo vento, disse Vovó Yaisa, eles tinham percorrido a Mauritània, seguindo para o sul.

Depois de se tornar também um homem santo, Kairaba Kunta Kinte tinha vagueado sozinho por muitas luas pelo Velho Máli, indo a lugares como Keyla, Djeela, Kangaba e Timbuktu, prostrando-se humildemente diante de todos os grandes homens santos e implorando bênçãos para seu sucesso. E todos lhe haviam concedido muitas bênçãos. Depois, Alá guiara os passos do jovem homem santo para o sul, levando-o a Gâmbia onde parará primeiro na aldeia de Pakali N'Ding.

Não demorou muito para que o povo daquela aldeia soubesse, pelos resultados rápidos da prece dele, que aquele jovem homem santo contava com o favor especial de Alá. Os tambores espalharam a notícia e outras aldeias tentaram atraí-lo, enviando-lhe mensageiros com ofertas de donzelas para esposa, escravos, bois e cabras. E o jovem homem santo não demorava a partir, seguindo para a aldeia de Jiffarong. Mas fora apenas porque Alá o mandara até lá, já que o povo de Jiffarong pouco tinha a oferecer-lhe, além da gratidão por suas preces. E fora lá que Kairaba soubera da tragédia da aldeia de Juffure, onde as pessoas estavam doentes e morrendo, por falta de uma grande chuva. E assim ele partira para Juffure, onde rezara para Alá durante cinco dias ininterruptos, até que Alá mandara a grande chuva que salvara a aldeia.

Ao saber do grande feito do avô de Kunta, o próprio Rei de Barra, que governava aquela parte de Gâmbia, presenteara pessoalmente o jovem homem santo com uma virgem escolhida para sua primeira esposa. Essa virgem tinha o nome de Sireng. E com ela, Kairaba Kunta Kinte gerou dois filhos, a que deu os nomes de Jannah e Saloum.

A esta altura, Vovó Yaisa já estava sentada na enxerga, os olhos brilhando intensamente:

— E foi então que ele viu Yaisa, dançando a seoruba! Minha idade era de 15 chuvas! — Ela sorriu, feliz com a recordação, escancarando a boca e exibindo as gengivas sem dentes. — Ele não precisou de rei nenhum para escolher sua esposa seguinte! — Vovó Yaisa fez uma pausa e olhou para o neto. — Foi em minha barriga que ele gerou Omoro, seu pai!

Naquela noite, de volta à cabana de seu pai, Kunta passou muito tempo acordado, pensando nas coisas que Vovó Yaisa lhe dissera. Kunta já ouvira falar muitas vezes sobre o homem santo que fora seu avô, cujas preces tinham salvado a aldeia e a quem Alá mais tarde levava de volta. Mas Kunta ainda não tinha realmente entendido que tal homem era o pai de seu pai, que Omoro o conhecera assim como ele agora conhecia Omoro, que a Vovó Yaisa era a mãe de Omoro, assim como Binta era sua mãe. Algum dia, ele também encontraria uma mulher como Binta para dar-lhe um filho. E esse filho, por sua vez.

Virando-se e fechando os olhos, Kunta continuou seguindo esses pensamentos profundos até adormecer.



Nos dias seguintes, pouco antes do pôr-do-sol, depois que voltava dos arrozais, Binta mandava Kunta buscar uma cabaça de água fresca no poço da aldeia, que ela usava para cozinhar uma sopa, com tudo o que tivesse conseguido arrumar. E ela e Kunta iam levar um pouco dessa sopa até a cabana da Vovó Yaisa. Kunta tinha a impressão de que Binta caminhava mais devagar que o habitual e havia notado também que a barriga dela estava maior, bastante pesada.

Embora Vovó Yaisa protestasse debilmente, alegando que em breve estaria bem, Binta limpava a cabana e arrumava tudo. Depois, os dois partiam, deixando Vovó Yaisa acomodada direito no catre, tomando a sopa, juntamente com um pouco do pão especial que Binta preparava na estação da fome, feito com o pó amarelado que cobria as vagens pretas e ressequidas da acácia silvestre.

Uma noite, Kunta acordou sendo sacudido rudemente pelo pai. Binta estava gemendo na cama. Dentro da cabana, movendo-se rapidamente, estavam também Nyo Boto e Jankay Touray, amiga de Binta. Omoro atravessou correndo a aldeia, levando Kunta, que não conseguia entender o que estava acontecendo. Assim, ele tratou de voltar a dormir, na cama do pai.

Pela manhã, Omoro acordou Kunta novamente e disse-lhe:

— Você tem um irmão.

Ficando de joelhos na cama, sonolento, a esfregar os olhos, Kunta pensou que devia ser algo muito especial para agradar tanto o pai, um homem geralmente carrancudo. De tarde, Kunta saiu com seus companheiros de kafo, procurando coisas para comer. Nyo Boto chamou-o e levou-o para ver Binta.

Parecendo extremamente cansada, Binta estava sentada na beira da cama, acariciando o bebê que tinha no colo. Kunta ficou imóvel por um momento, estudando o corpo preto tão pequeno e enrugado. Reparou que as duas mulheres sorriam para o bebê e notou que a barriga de Binta já não estava mais tão inchada. Depois, saiu da cabana sem dizer nada. Ao invés de ir juntar-se a seus amigos, foi sentar-se sozinho diante da cabana do pai, pensando no que acabara de ver.

Kunta continuou a dormir na cabana de Omoro pelos sete dias seguintes. Ninguém parecia dar-se conta disso, pois todos estavam com suas atenções voltadas para o bebê. Kunta estava começando a pensar que sua mãe e seu pai não mais gostavam dele, até a tarde do oitavo dia. Omoro chamou-o então para a frente da cabana de Binta, juntamente com todos os habitantes de Juffure que estavam fisicamente capazes, para conhecerem o nome escolhido para o bebê. que era Lamin.

Naquela noite, Kunta dormiu bem e tranquilamente, de volta a sua cama, ao lado da mãe e do irmão. Alguns dias depois, assim que recuperou as forças, Binta saiu de casa com o bebê, logo depois de cozinhar alguma comida e servir Omoro e Kunta, passando quase que o dia inteiro na cabana da Vovó Yaisa. Pelas expressões preocupadas de Omoro e Binta,

Kunta compreendeu que Vovó Yaisa estava muito doente.

Dias depois, ao final da tarde, Kunta e seus companheiros de kafo estavam apanhando mangas, que tinham finalmente amadurecido. Amaciavam a casca alaranjada na pedra mais próxima e depois mordiam uma das pontas, espremendo a polpa avermelhada pela abertura. Estavam também colhendo cestos e mais cestos de frutos do baobá. Subitamente, Kunta ouviu o grito de uma voz que lhe era familiar, partindo da direção da cabana de Vovó Yaisa. Sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo, pois aquela era a voz de sua mãe, erguendo-se no lamento dos mortos, que ele ouvira tantas vezes, nos últimos dias. Outras mulheres aderiram imediatamente ao lamento, que logo se ouvia por toda a aldeia. Kunta saiu em disparada, desesperado, na direção da cabana da avó.

Em meio à confusão, Kunta viu Omoro, com a expressão angustiada, e a velha Nyo Boto, a soluçar desesperadamente. Pouco depois, o tambor tobalo começou a soar. O jiliba pôs-se a apregoar os grandes feitos da longa vida da Vovó Yaisa em Juffure. Aturdido pelo choque, Kunta ficou contemplando as jovens solteiras da aldeia a levantarem a poeira do chão com leques imensos de palha trançada, como era o costume por ocasião de uma morte. Ninguém parecia prestar a menor atenção a Kunta.

Quando Binta, Nyo Boto e mais duas mulheres em prantos entraram na cabana, a multidão que estava do lado de fora caiu de joelhos, todos abaixando a cabeça. Kunta desatou de repente a chorar, não só de dor, mas também por medo. Um momento depois, alguns homens trouxeram um tronco recentemente cortado e colocaram-no diante da cabana. Kunta observou as mulheres ajeitarem o corpo de sua avó sobre a superfície plana do tronco, envolvido da cabeça aos pés numa mortalha branca.

Por entre as lágrimas, Kunta viu a multidão dar sete voltas em torno de Yaisa, rezando e cantando, enquanto o alimamo dizia que ela estava fazendo a jornada para passar a eternidade com Alá e seus ancestrais. Para dar forças a Yaisa para a jornada, os jovens homens solteiros estavam colocando chifres de boi, cheios de cinzas recentes, em torno do corpo.

Depois, Nyo Boto e outras velhas se colocaram ao redor do corpo, soluçando e apertando as cabeças com as mãos. As mulheres jovens trouxeram folhas grandes de ciboa, as maiores que haviam sido encontradas, para proteger as cabeças das velhas da chuva, durante a vigília. As velhas sentaram, enquanto os tambores da aldeia começaram a falar sobre a Vovó Yaisa, espalhando a notícia pela noite.

Na manhã enevoada, seguindo o velho costume dos antepassados, os homens de Juffure, aqueles que ainda estavam em condições de andar, formaram uma procissão até o cemitério, não muito longe da aldeia. A não ser numa ocasião assim, ninguém ia ao cemitério, pois os mandingas sentiam um respeito temeroso pelos espíritos dos ancestrais. Logo atrás dos homens que carregavam o tronco em que estava Vovó Yaisa, ia Omoro, tendo no colo o bebê, Lamin, e segurando a mão do pequeno Kunta, que estava assustado demais para chorar. Em seguida, iam os outros homens da aldeia. O corpo já rígido, envolto na mortalha branca, foi colocado na cova recém-aberta, sendo coberto por uma esteira. Arbustos com espinhos foram postos por cima da esteira, para impedir que as hienas escavassem a cova. O resto desta foi enchido com pedras e depois por um pequeno monte de terra.

Nos dias seguintes, Kunta quase não comia nem dormia, não saindo para brincar com seus companheiros de kafo. Estava tão triste que Omoro levou-o uma noite para sua própria cabana e falou-lhe mais gentilmente do que já fizera em qualquer outra ocasião anterior. E disse algo para aliviar a dor de Kunta.

Em toda aldeia, havia três grupos de pessoas. Em primeiro lugar, havia as que se podiam ver, as que andavam, dormiam, comiam, trabalhavam. Em segundo lugar, havia os ancestrais, aos quais Vovó Yaisa fora agora se juntar.

— E qual é o terceiro grupo de pessoas? — indagou o pequeno Kunta.

— São aqueles que ainda estão esperando para nascer.



As chuvas chegaram ao fim. Entre o céu azul muito claro e a terra úmida, o ar estava impregnado pela fragrância da vegetação luxuriante e dos frutos maduros. As manhãs ecoavam com o soar dos pilões, as mulheres moendo milho e amendoim. Ainda não eram da colheita principal, mas das sementes que haviam caído ao chão ao se fazer a colheita do ano anterior e tinham germinado antes. Os homens caçavam, trazendo antílopes gordos e grandes. Depois de retirada a carne, eles raspavam e curtiavam as peles. As mulheres colhiam as bagas avermelhadas de mangkano, sacudindo os arbustos por cima de panos abertos. Depois, secavam as bagas ao sol, antes de separar a polpa deliciosa das sementes. Nada era desperdiçado. Cozidas com milho moído, as sementes proporcionavam uma papa adocicada para a primeira refeição do dia, que Kunta e todo mundo adoravam, como uma variação da dieta habitual de cuscuz.

À medida que a comida se tornava mais abundante a cada dia, a vida parecia desabrochar novamente em Juffure, com toda força, por formas que podiam ser vistas e ouvidas. Os homens agora andavam mais depressa, indo e voltando dos campos, inspecionando orgulhosamente as colheitas abundantes, que logo estariam prontas para serem colhidas. O rio transbordado estava retornando rapidamente a seus limites naturais. As mulheres já podiam ir diariamente ao faro, arrancando as últimas ervas daninhas que cresciam entre as hastas altas e verdes de arroz.

A aldeia voltou a se animar com os risos e gritos das crianças, de volta às suas brincadeiras, depois da longa estação da fome. As barrigas estavam agora repletas com uma comida nutritiva, as feridas tinham secado e as cascas logo caíram. As crianças corriam de um lado para outro, incessantemente, como se estivessem possuídas. Um dia, capturavam uma porção de besouros e os alinhavam para uma corrida, aclamando delicias o que corria mais depressa em torno de um círculo desenhado na terra com uma vara. Outro dia, Kunta e Sitafa Silla, seu amigo especial, que morava na cabana ao lado da de Binta, escavavam um cupinzeiro, para ver os cupins cegos e sem asas, que viviam no fundo, dispersarem-se freneticamente, aos milhares, procurando escapar da ameaça desconhecida.

Às vezes, os meninos desentocavam pequenos esquilos da terra e perseguiam-nos até o mato. Adoravam arremessar pedras e gritar para os bandos de macacos de rabo comprido, marrons e pequenos, que passavam nas proximidades da aldeia. De vez em quando, um macaco arremessava uma pedra de volta, antes de se juntar aos irmãos, que guinchavam nos galhos mais altos. E todos os dias os meninos lutavam, engalfinhando-se, grunhindo, rolando pelo chão, para se levantar e começar tudo de novo. Cada um sonhava com o dia em que poderia tornar-se um dos campeões de Juffure, sendo escolhido para enfrentar os campeões de outras aldeias, durante as festas da colheita.

Os adultos que passavam por perto das crianças fingiam ignorar os esforços delas, simulavam não ouvir Kunta, Sitafa e os demais integrantes do kafo a resmungarem e

rugirem como leões, saltarem barridos como elefantes e grunhirem como porcos selvagens. As meninas brincavam entre si, de mãe e esposa, cozinhando, cuidando de suas bonecas e batendo em seus pequenos pilões. Por mais rudes que fossem suas brincadeiras, as crianças jamais deixavam de tratar com respeito todos os adultos, como suas mães haviam ensinado. Fitando polidamente os adultos, as crianças indagavam:

— Kerabe? (Tem paz?)

Ao que os adultos respondiam:

— Kera dorong. (Somente paz.)

Se o adulto por acaso oferecia a mão, todas as crianças apertavam-na com as duas mãos e depois ficavam com as palmas cruzadas sobre o peito, até que o adulto fosse embora.

A educação que recebia em casa era tão rigorosa que Kunta tinha a impressão de que qualquer coisa que fazia provocava um irritado estalar dos dedos de Binta, quando não era agarrado e levava uma surra. Ao comer, recebia um cascudo na cabeça, se Binta o surpreendia a olhar para outra coisa que não a comida. A menos que se lavasse meticulosamente, livrando-se de toda sujeira, ao voltar para a cabana depois de um dia de brincadeiras, Binta pegava a esponja de hastes de plantas ressequidas, que arranhava bastante, e a barra de sabão feita em casa. Kunta tinha então a impressão de que a mãe lhe desejava arrancar a própria pele.

Se olhava fixamente para a mãe, o pai ou qualquer outro adulto, recebia imediatamente um tapa, o mesmo acontecendo quando cometia a ofensa igualmente grave de interromper uma conversa entre adultos. Eralhe também inconcebível falar qualquer coisa que não fosse a verdade. Como parecia não haver qualquer razão para que mentisse, Kunta jamais o fazia.

Embora Binta parecesse não achar isso, Kunta esforçava-se ao máximo em ser um bom menino.

Ele não demorou a exibir com as outras crianças o que aprendia em casa. Quando surgiam discórdias entre as crianças, como frequentemente acontecia, desde a troca de palavras ásperas até furiosos estalar de dedos, Kunta sempre virava as costas e se afastava, demonstrando assim a dignidade e o autodomínio, que sua mãe lhe ensinara serem as características mais orgulhosas da tribo mandinga.

Quase todas as noites, Kunta levava uma surra por ter feito alguma coisa com o irmão ainda bebê. Era geralmente por assustá-lo, rsnando ferozmente ou ficando de quatro, como um babuíno, a revirar os olhos e a bater com as mãos no chão.

— Vou chamar o toubobl — gritava Binta, quando Kunta a exasperava demais.

E Kunta ficava invariavelmente com medo, pois as velhas avós falavam constantemente dos homens brancos, cabeludos, de cara vermelha, aparência esquisita, que apreciavam em imensas canoas e roubavam pessoas das aldeias.



Embora Kunta e seus companheiros de kafo estivessem cansados de tanto brincar e com fome, ao pôr-do-sol de cada dia, mesmo assim disputavam quem subia primeiro nas árvores mais baixas, para contemplar a bola escarlate que afundava no horizonte. E gritavam:

— Ele vai estar ainda mais bonito amanhã!

Até mesmo os adultos de Juffure comiam rapidamente, para se reunir depois no centro da aldeia, ao crepúsculo, gritando, batendo palmas, com os tambores ressoando, admirando a lua em quarto crescente, símbolo de Alá, elevar-se pelo céu.

Mas quando as nuvens cobriam a lua, como aconteceu naquela noite, as pessoas se dispersavam, alarmadas. Os homens seguiram para a mesquita, rezando por perdão, já que a nova lua amortalhada pelas nuvens significava que os espíritos celestiais não estavam satisfeitos com o o povo de Juffure. Depois de rezar, os homens levaram suas assustadas famílias para o baobá, onde ojaliba já se encontrava, agachado junto a um pequeno fogo, esticando ao máximo a pele de cabra de seu tambor que falava.

Esfregando os olhos, que ardiam da fumaça da fogueira, Kunta recordou-se das muitas noites em que os tambores, falando de aldeias diferentes, tinham perturbado seu sono. Acordando, ele continuava deitado, escutando atentamente. Os sons pareciam-se tanto com palavras que ele acabava sempre entendendo alguma coisa. Eram histórias de escassez e fome, de alguma praga, da destruição de uma aldeia, seus habitantes mortos ou roubados.

Pendurada num galho do baobá, ao lado do ojaliba, estava uma pele de cabra com as marcas que falavam, escritas em árabe pelo arafang. A luz da fogueira, Kunta ficou observando ojaliba começar a bater no tambor. As varetas de ponta grossa batiam rapidamente em diversos pontos da pele do tambor. Era uma mensagem urgente, ao mago mais próximo, para que viesse a Juffure e afugentasse os maus espíritos.

Sem se atreverem a olhar para a lua, as pessoas voltaram rapidamente para suas cabanas e deitaram-se, muito assustadas. Durante a noite, a intervalos, tambores distantes ecoaram o apelo de Juffure, outras aldeias também pedindo um mago. Tremendo por baixo de sua pele de boi, Kunta compreendeu que a nova lua das outras aldeias também estava amortalhada.

No dia seguinte, os homens da idade de Omoro tiveram que ajudar os mais jovens a defender as colheitas, quase no ponto, da praga sazonal de babuínos e pássaros famintos. Os meninos do segundo kafo receberam a recomendação de ficarem alertas, enquanto as cabras pastavam. As mães e as avós ficaram mais atentas aos bebês e às crianças que começavam a andar do que normalmente faziam. As crianças maiores do primeiro kafo, como Kunta e Sitafa, foram instruídas para brincar além da cerca alta da aldeia, onde poderiam avistar qualquer estranho que se aproximasse da árvore dos viajantes, não muito distante. As crianças obedeceram, mas nenhum estranho apareceu naquele dia.

Na segunda manhã, porém, apareceu um estranho. Era um homem muito velho, andando com a ajuda de um bastão e trazendo um fardo grande sobre a cabeça sem cabelos. Avistando-o, as crianças atravessaram correndo o portão da aldeia. A velha Nyo Boto começou a bater no grande tambor tobaló, chamando os homens, que chegaram um instante antes de o mago alcançar o portão e entrar em Juffure.

Cercado pela gente da aldeia, o mago foi até o baobá e depositou o fardo no chão, cuidadosamente. Agachou-se em seguida e tirou da trouxa de pele de cabra diversos objetos ressequidos: uma cobra pequena, uma mandíbula de hiena, dentes de macaco, um osso de asa de pelicano, vários pés de galinha e raízes estranhas. Olhando ao redor, gesticulou impacientemente para que a multidão silenciosa lhe desse mais espaço. As pessoas recuaram e o mago começou de repente a tremer. Evidentemente, estava sendo atacado pelos espíritos maus de Juffure.

O rosto do mago estava contorcido, os olhos revirando incessantemente, as mãos trêmulas forçando o bastão hesitante a entrar em contato com os objetos misteriosos. Quando a ponta do bastão, num supremo esforço, encostou nos objetos misteriosos, o mago caiu para trás e ficou imóvel, como se tivesse sido atingido por um raio. As pessoas estavam aturdidas. Depois, o mago começou a recuperar-se, lentamente. Os espíritos maus tinham sido expulsos. Enquanto o mago esforçava-se debilmente em ficar de joelhos, os adultos de Juffure, exaustos mas aliviados, saíram correndo para suas cabanas, retornando com presentes para ele. O mago arrumou-os em seu fardo, que já estava grande e pesado dos presentes que recebera nas aldeias por que passara antes. Não demorou a partir, a caminho da próxima aldeia, onde seus serviços eram necessários. Em sua misericórdia, Alá houvera por bem poupar Juffure novamente da tragédia.



Doze luas se passaram. Quando as grandes chuvas cessaram novamente, começou a estação para os viajantes em Gâmbia. Pela rede de trilhas entre as aldeias, havia uma grande quantidade de viajantes. Os visitantes eram muitos, passando direto ou parando em Juffure, o que fazia com que Kunta e seus companheiros passassem quase que o dia inteiro a vigiar os caminhos. Depois de alertar a aldeia quando um visitante se aproximava, eles corriam a encontrá-lo, junto à árvore dos viajantes.

Caminhando em torno do estranho, as crianças falavam animadamente, os olhos procurando qualquer coisa que pudesse indicar a missão ou profissão do viajante. Se descobriam algum indício, abandonavam abruptamente o visitante e corriam a informar os adultos, na cabana da hospitalidade escolhida para aquele dia. De acordo com uma tradição antiga, uma família diferente em cada aldeia era escolhida diariamente para oferecer comida e abrigo aos visitantes, sem nada cobrar, enquanto eles desejassem permanecer ali, antes de retomar a jornada.

Como lhes fora confiada a responsabilidade de servirem como vigias da aldeia, Kunta, Sitafa e seus companheiros de kafo começaram a sentir-se e a agir como se fossem mais velhos do que suas chuvas. Agora, todas as manhãs, depois da primeira refeição, eles se reuniam na área em que funcionava a escola e ficavam ajoelhados em silêncio, ouvindo o arafang ensinar os meninos mais velhos, do segundo kafo, acima da idade de Kunta, entre cinco e nove chuvas, a ler os versos do Alcorão e a escrever com as penas especiais, mergulhadas na tinta preta, feita com uma mistura de suco de laranja amarga e com o pó da crosta que se formava no fundo dos caldeirões.

Quando os meninos mais velhos terminavam suas lições e saíam correndo, com as abas dos dundikos de algodão a se agitarem, para levar as cabras da aldeia a pastar no matagal, Kunta e seus companheiros simulavam estar indiferentes. Mas a verdade é que invejavam as blusas compridas dos meninos mais velhos, assim como suas importantes funções. Embora nada dissesse, Kunta não era o único a achar que já estava crescido demais para continuar a ser tratado como uma criança e obrigado a andar inteiramente nu. Evitavam as crianças de peito, como Lamin, parecendo até que eram doentes. As crianças que estavam aprendendo a andar eram consideradas ainda mais desprezíveis, não lhes merecendo qualquer atenção, a não ser como alvos de cascudos, quando nenhum adulto estava olhando. Esquivando-se inclusive às velhas avós, que haviam cuidado deles desde que se lembravam, Kunta, Sitafa e seus companheiros ficavam rondando os adultos da idade de seus pais, na esperança de serem notados e encarregados de alguma missão.

Pouco antes da colheita, Omoro disse a Kunta, em tom indiferente, uma noite, logo depois do jantar, que queria vê-lo de pé bem cedo, na manhã seguinte, para ajudar nos campos. Kunta ficou tão excitado que mal conseguiu dormir. Pela manhã, depois de engolir às pressas sua primeira refeição, Kunta ficou quase fora de si de tanta alegria, quando Omoro entregou-lhe a enxada para carregar, a caminho dos campos. Kunta e seus

companheiros quase que voavam de um lado para outro das Plantações, gritando e brandindo porretes para os porcos selvagens e babuínos, que saíam do mato para assaltar as plantações de amendoim. Com torrões de terra e gritos, afugentavam as nuvens de melros que voavam sobre os milharais. As avós lhe tinham contado muitas vezes que colheitas maduras eram arruinadas por pássaros famintos tão rapidamente quanto por quaisquer outros animais. Recolhendo os punhados de milho e amendoim que os pais tinham cortado ou arrancado, para verificar se já estavam maduros, carregando cabaças de água para matar a sede dos homens, as crianças não paravam durante o dia inteiro, trabalhando com uma rapidez e eficiência que só era igualada pelo orgulho que sentiam.

Seis dias depois, Alá determinou que a colheita deveria começar. Logo após a prece suba da madrugada, os lavradores e seus filhos, uns poucos escolhidos, carregando tambores tan-tang e souraba, partiram para os campos e ficaram esperando, as cabeças esticadas, ouvindo atentamente. Finalmente, o grande tambor tobalo da aldeia ressoou e a colheita começou. Enquanto ojaliba e outros tambores caminhavam por entre os homens, batendo incessantemente para manter o ritmo dos movimentos, todos trabalhavam incansavelmente, cantando. Num gesto súbito de alegria, de vez em quando um lavrador arremessava sua enxada para o ar, girando, numa determinada batida do tambor, apanhando-a na batida seguinte, sem deixá-la cair no chão.

U kafo de Kunta trabalhava junto com os adultos, sacudindo os arbustos de amendoim, derrubando na terra folhas e galhos. O primeiro descanso foi na metade da manhã. Ao meio-dia, soaram gritos de alegria, quando as mulheres apareceram, juntamente com as meninas, trazendo o almoço. Caminhando em fila indiana, também entoando as canções da colheita, as mulheres carregavam na cabeça os caldeirões com a comida. Misturaram os conteúdos dos caldeirões nas cabaças e serviram os tambores e os homens que trabalhavam na colheita propriamente dita. Depois de comerem, eles se deitaram e cochilaram, até que o tobalo soou novamente.

Ao final do primeiro dia, havia pilhas e mais pilhas do que fora colhido, espalhadas pelos campos. Suados, sujos de terra, os homens foram até o córrego mais próximo, tiraram as roupas e pularam na água, rindo e brincando, molhando-se inteiramente, para se refrescar e se limpar. Depois, seguiram para suas cabanas, esmagando as moscas que zumbiam em torno de seus corpos lustrosos. Quanto mais perto chegavam da fumaça que se desprendia das cozinhas de suas mulheres, mais apetitosos se tornavam os aromas das carnes assadas, que passariam a ser servidas três vezes por dia, até o final da colheita.

Naquela noite, depois de comer, Kunta notou que a mãe costurava alguma coisa. Binta já estava costurando há algumas noites. Mas como ela nada dissesse a respeito, Kunta também não perguntou. Na manhã seguinte, porém, quando ele pegou a enxada e encaminhou-se para a porta, Binta fitou-o e disse rispidamente:

— Por que não veste sua roupa?

Kunta virou-se rapidamente. Pendurado na parede, estava um dundiko novo. Esforçando-se para disfarçar a emoção, Kunta vestiu-o como se fosse a coisa mais natural do mundo e saiu lentamente da cabana, desatando a correr em seguida. Outros meninos do seu kafo já estavam esperando, todos vestidos pela primeira vez na vida, todos gritando, pulando e rindo de alegria, porque sua nudez fora finalmente coberta. Eram agora, oficialmente, do segundo kafo. Estavam-se tornando homens.



Naquela noite, ao voltar à cabana da mãe, Kunta já se exibira em seu dundiko a todos os habitantes de Juffure. Embora não tivesse parado de trabalhar durante o dia inteiro, não estava absolutamente cansado e sabia que não conseguiria dormir na hora habitual de ir para a cama. Talvez agora que já se tornara crescido, Binta o deixasse ficar acordado até mais tarde. Mas logo depois que Lamin adormeceu, Binta mandou-o deitar, como sempre fazia. A única diferença é que naquela noite lembrou-o de pendurar o dundiko.

Ao se virar para ir deitar, com uma expressão mal-humorada dentro do limite que lhe era possível exibir e escapar impune, Binta chamou-o de novo. Provavelmente era para censurá-lo por sua expressão irritada, pensou Kunta. Ou talvez a mãe tivesse sentido pena dele e mudasse de ideia. Mas Binta limitou-se a dizer-lhe:

— Seu pai quer falar com você de manhã.

Kunta sabia que era melhor não perguntar por quê, e disse apenas:

— Está bem, Mamãe.

E desejou boa noite à mãe. Era até bom que ele não estivesse cansado, pois agora não conseguiria dormir, mesmo que desejasse. Ficou deitado sob a pele de boi procurando imaginar o que fizera de errado. Por mais que rebuscasse o cérebro, no entanto, não conseguiu pensar numa única coisa que fosse tão terrível a ponto de a própria Binta não se encarregar pessoalmente do castigo. Afinal, o pai só se envolvia quando o erro era tremendo. Kunta acabou desistindo de se preocupar e adormeceu.

Na manhã seguinte, na hora da primeira refeição, Kunta estava-se sentindo tão abatido que quase esqueceu a alegria de seu dundiko, até que o pequeno Lamin, completamente nu, roçou na roupa.

Kunta ergueu a mão para empurrá-lo rudemente, mas um olhar carrancudo de Binta levou-o a não tomar qualquer atitude. Depois de comer, Kunta continuou na cabana por mais algum tempo, na esperança de que Binta lhe dissesse algo mais a respeito do assunto sobre o qual o pai queria falar-lhe. Mas Binta comportava-se como se nada lhe houvesse dito na noite anterior. Por isso, relutante, Kunta acabou partindo para a cabana de Omoro, a passos lentos. Parou à entrada e ficou esperando, com as mãos cruzadas.

Omoro finalmente saiu e, sem dizer nada, entregou ao filho um estilingue pequeno e novo. Kunta quase que perdeu a respiração. Olhou para o estilingue demoradamente e depois para o pai, sem saber o que dizer.

— Isso é seu, agora que está no segundo kafo. Jamais atire na coisa errada e trate de atingir aquilo em que atirar.

Kunta, ainda aturdido, mal conseguiu balbuciar:

— Sim, Papai.

— E agora que está no segundo kafo, terá também que cuidar das cabras e ir à escola. Sairá hoje para levar as cabras a pastar junto com Toumani Touray. Ele e os outros meninos mais velhos irão ensinar-lhe tudo. Trate-as com todo cuidado. E amanhã pela manhã irá à

escola.

Omoro voltou para o interior de sua cabana. Kunta saiu correndo para os cercados das cabras, onde já encontrou seu amigo Sitafa e o resto de seu kafo, todos nos dundikos novos e segurando estilingues. Para os meninos cujos pais estavam mortos, os estilingues tinham sido feitos pelos tios ou irmãos mais velhos.

Os meninos mais velhos estavam abrindo os cercados e as cabras — saíram apressadamente, famintas e ansiosas para pastar. Avistando Toumani, que era o primeiro filho do casal mais chegado a Omoro e Binta, Kunta tentou aproximar-se dele. Mas Toumani e seus companheiros estavam impelindo as cabras contra os meninos menores, que apressadamente procuravam esquivar-se. Pouco depois, os meninos mais velhos, rindo alegremente, levavam as cabras pelo caminho poeirento, com a ajuda dos cachorros wuolos. O kafo de Kunta corria atrás, sem saber o que fazer, cada menino segurando firmemente seu estilingue e procurando limpar a poeira do dundiko.

Apesar de estar familiarizado com as cabras, Kunta jamais imaginara que elas pudessem correr tão depressa. Além disso, exceto por uns poucos passeios com o pai, nunca estivera tão longe da aldeia quanto estava indo agora, atrás das cabras. Os meninos mais velhos, displicentemente, conduziram os diversos rebanhos para as respectivas áreas de pastagem, no pasto amplo, que ficava entre a floresta e as plantações da aldeia. Os cachorros wuolos ficaram andando de um lado para outro ou simplesmente deitaram-se perto das cabras.

Toumani decidiu finalmente se aperceber da presença de Kunta, que o seguia por toda parte. Mas agiu como se o menino menor não passasse de um inseto.

— Conhece o valor de uma cabra?

Antes que Kunta tivesse tempo de reconhecer que não tinha certeza, Toumani encarregou-se de responder:

— Se perder uma, seu pai vai fazer com que descubra!

E Toumani passou a discorrer sobre os perigos da atividade de cabreiro. Antes de mais nada, se um menino deixasse uma cabra se desgarrar do rebanho, por falta de atenção ou preguiça, uma porção de coisas terríveis poderia acontecer. Apontando para a floresta, Toumani disse que havia leões e panteras à espreita ali perto. Podiam arrastar-se pelo mato alto e matar uma cabra, com a maior facilidade, sem que se percebesse qualquer movimento.

— Mas se um menino estiver perto o suficiente, o leão vai achar muito mais saboroso!

Percebendo que Kunta ficava de olhos arregalados, Toumani ficou satisfeito e não parou por aí. Havia um perigo ainda maior que os leões e panteras: eram os toubobs e seus ajudantes pretos, que se aproximavam furtivamente pela savana alta e agarravam as pessoas, levando-as para um lugar distante, onde eram devoradas. Em suas cinco chuvas a cuidar das cabras, disse Toumani, nove meninos de Juffure tinham sido levados. Muitos outros das aldeias próximas haviam também desaparecido. Kunta não conhecera nenhum dos meninos que tinham sumido, mas lembrava-se de que ficara tão assustado, ao saber da história, que por vários dias depois não se aventurara a ir além do alcance de uma pedra da cabana de sua mãe.

Kunta já estava tremendo de medo. Toumani acrescentou então que, mesmo que um leão ou um toubob não o agarrasse, mesmo assim ele poderia meter-se na maior encrenca, se uma cabra se desgarrasse. Era impossível pegar uma cabra esquivada que se embrenhasse por uma plantação próxima de milho ou amendoim. Quando o menino e seu cachorro saíssem atrás da cabra desgarrada, as outras poderiam segui-los, acabando com uma plantação

ainda mais depressa que babuínos, antílopes ou porcos selvagens.

Por volta de meio-dia, quando Toumani partilhou o almoço que sua mãe preparara para ele e Kunta, todo o novo segundo kafo já sentia um respeito maior pelas cabras do que em qualquer outra ocasião anterior. Depois de comerem, alguns dos meninos do kafo de Toumani foram descansar debaixo das pequenas árvores próximas, enquanto os outros saíam pelos arredores atirando em pássaros com os estilingues ainda não experimentados. Kunta e seus companheiros ficaram cuidando das cabras. Os meninos mais velhos a todo instante gritavam advertências e insultos, rindo alegremente dos berros frenéticos dos menores e de suas corridas desesperadas quando uma cabra sequer levantava a cabeça para olhar ao redor. Quando Kunta não estava correndo atrás das cabras, lançava olhares nervosos para a floresta, com receio de que houvesse algo à espreita por lá, esperando uma oportunidade para devorá-lo.

No meio da tarde, com as cabras quase saciadas, Toumani chamou Kunta e disse-lhe rispidamente:

— Está querendo que eu pegue a lenha para você?

Foi somente então que Kunta recordou-se de como os cabreiros sempre levavam um feixe de lenha, ao voltar para a aldeia no final da tarde, a fim de alimentar as fogueiras noturnas. Tendo que ficar de olho nas cabras e na floresta, Kunta e seus companheiros tiveram a maior dificuldade em recolher gravetos e galhos caídos das árvores, secos o bastante para queimarem facilmente. Kunta empilhou o máximo de lenha que julgava possível carregar na cabeça, mas Toumani escarneceu dele e acrescentou mais alguns gravetos. Depois, Kunta prendeu a lenha toda com um cipó verde e flexível, duvidando de que conseguisse aguentar toda aquela quantidade na cabeça, muito menos levá-la até a aldeia.

Com os meninos mais velhos observando, Kunta e seus companheiros acabaram conseguindo equilibrar os feixes de lenha na cabeça. E seguiram os cachorros wuolos e as cabras, que conheciam o caminho de volta muito melhor que seus novos pastores. Sob as risadas zombeteiras dos mais velhos, Kunta e seus companheiros a todo instante tinham que segurar os feixes de lenha, para que não caíssem. A vista da aldeia jamais foi tão bonita para Kunta, que estava agora exausto, como nunca antes ficara. Assim que passaram pelo portão da aldeia, os meninos mais velhos puseram-se a fazer um tremendo alarido, gritando advertências e instruções, para que todos os adultos nas proximidades soubessem que estavam fazendo direito o seu trabalho e que o dia a ensinar os meninos menores, desajeitados e inexperientes, fora para eles uma árdua experiência. Kunta conseguiu, sem saber direito como, levar sua carga até o pátio de Brima Cesay, o arafang, que começaria na manhã seguinte a dar aulas a Kunta e seus companheiros no novo kafo.

Logo depois da primeira refeição, os novos cabreiros, cada um levando orgulhosamente sua tábua de escrever feita de choupo, uma pena e um pedaço de bambu que continha a fuligem que seria misturada com água para servir como tinta, seguiram ansiosamente para o pátio onde funcionava a escola. Tratando-os como se fossem ainda mais estúpidos do que as cabras de que cuidavam, o arafang ordenou-lhes que sentassem. Mal tinha acabado de falar, avançou pelo meio dos meninos, dispersando-os a golpes da vara flexível que sempre levava. É que sua ordem não fora obedecida com a presteza necessária. Com uma expressão carrancuda, o arafang advertiu-os de que não permitiria que ninguém fizesse qualquer ruído, por menor que fosse, a menos que lhe fosse ordenado falar. E quem quer que desobedecer, acrescentou, brandindo a vara flexível, receberia o castigo merecido e seria mandado de volta à cabana dos pais. O mesmo aconteceria com

qualquer menino que chegasse atrasado às aulas, que seriam dadas logo depois da primeira refeição e no fim da tarde, quando eles voltassem com as cabras.

— Vocês não são mais crianças e agora têm responsabilidades. E vão ter que assumi-las!
— disse o arafang,

Depois de anunciar a disciplina a ser rigorosamente cumprida, informou de que a primeira aula seria no final da tarde, com a leitura de alguns versos do Alcorão, que deveriam ser decorados e recitados, antes que passassem para outras matérias. Dispensou-os em seguida. Os meninos mais velhos, os antigos cabreiros, estavam começando a chegar. Pareciam ainda mais nervosos do que os membros do kafo de Kunta, pois aquele era o dia do exame final na recitação do Alcorão e na escrita de árab”. Os resultados influiriam decisivamente na promoção formal de cada um ao terceiro kafo.

Naquele dia, entregues à própria sorte pela primeira vez na vida, Kunta e seus companheiros conseguiram tirar as cabras dos cercados e levaram-nas com alguma dificuldade pela trilha até a pastagem. Por algum tempo, as cabras provavelmente comeriam menos que o habitual, já que os meninos inexperientes perseguiam-nas aos gritos, toda vez que se afastavam alguns passos para outra moita de capim. Kunta sentia-se ainda mais atormentado do que as cabras sob seus cuidados. Toda vez que se sentava para tentar analisar o significado daquelas mudanças em sua vida, elas pareciam algo que tinha de fazer, algum lugar onde não podia deixar de ir. Tendo que vigiar as cabras durante o dia inteiro, obrigado a comparecer às aulas com o arafang logo depois da primeira refeição e ao voltar do pasto aproveitando o pouco tempo que faltava até o escurecer para exercitar-se um pouco com o estilingue, parecia não mais dispor de momento algum em que pudesse concentrar-se em pensamentos profundos.



A colheita de amendoim e milho foi concluída e chegou o momento de as mulheres colherem o arroz. Os homens não foram ajudar suas esposas. Nem mesmo os meninos como Kunta e Sitafa foram ajudar as mães, já que a plantação de arroz era um encargo exclusivo das mulheres. A primeira luz da madrugada já encontrava Binta, Jankay Touray e as outras mulheres nos arrozais, cortando as hastes compridas e douradas, que ficavam estendidas por alguns dias nas passagens elevadas, secando, antes de serem levadas para a aldeia nas pirogas, onde eram ajuntadas em feixes meticulosos e guardadas nas despensas de cada família. As mulheres não descansavam nem mesmo depois que terminava a colheita do arroz, pois tinham de ir ajudar os homens a colherem o algodão, que era deixado sempre para o final, a fim de que secasse o máximo possível sob o sol forte, facilitando assim o trabalho de tecer os fios, também um encargo das mulheres.

Com todos na expectativa ansiosa pelo festival anual da colheita em Juffure, que durava sete dias, as mulheres apressavam-se em fazer roupas novas para toda a família. Kunta não ficou nada satisfeito por ter de cuidar do irmão menor, Lamin, tagarela e irrequieto, durante várias noites, enquanto Binta fiava o algodão. Mas sabia que era melhor não demonstrar sua irritação. Tornou a sentir-se feliz quando Binta permitiu que a acompanhasse ao tecelão da aldeia, Dembo Dibba. Kunta ficou observando, fascinado, o tear manual entrelaçar os rolos de fio, transformando-os em um pano.

Retornando à cabana, Binta deixou que Kunta escorresse água lentamente sobre as cinzas de madeira, preparando assim a barreira à qual acrescentaria folhas de índigo, a fim de tingir o pano de azul.

Todas as mulheres de Juffure estavam fazendo a mesma coisa. Os panos logo seriam estendidos sobre as moitas baixas para secar, engalanando a aldeia com manchas coloridas — vermelhas, verdes, amarelas e azuis.

Enquanto as mulheres teciam e costuravam, os homens também trabalhavam arduamente, para concluir suas próprias tarefas antes do festival da colheita e antes que começasse o período do calor mais intenso, quando qualquer trabalho mais pesado tornava-se praticamente impossível. A cerca alta de bambu que circulava a aldeia era consertada onde estava caindo ou quebrada do roçar das cabras e bois a se coçarem. As cabanas afetadas pelas grandes chuvas eram também consertadas, os tetos de colmo, substituídos. Havia necessidade também de construir as novas cabanas dos que iriam em breve casar-se. Kunta e outras crianças deleitaram-se em pisotear a terra encharcada de água, transformando-a no barro compacto e liso, que os homens usariam para fazer as paredes das novas cabanas.

Como começasse a aparecer uma água enlameada nos baldes puxados do fundo do poço, um homem desceu até lá e descobriu que os pequenos peixes, lá deixados para comerem os insetos, tinham morrido no lodo. Decidiu-se que deveria ser aberto um novo poço. Kunta ficou observando os homens que escavavam o novo poço, tirando torrões de

terra esverdeados, do tamanho de um ovo, que eram levados imediatamente às mulheres da aldeia que estavam com a barriga grande e comidos vorazmente. Esses torrões, explicou-lhe Binta, serviam para que o bebé nascesse com os ossos fortes.

Entregues a si mesmos, Kunta, Sitafa e seus companheiros passavam a maior parte de suas horas de folga a correr pela aldeia bancando os caçadores, com seus estilingues. Atirando em quase tudo, mas felizmente não acertando em quase nada, os meninos faziam barulho suficiente para assustar uma legião de animais. Até mesmo os meninos menores, do kafo de Lamin, brincavam praticamente à solta, pois não havia ninguém tão ocupado em Juffure naquele momento quanto as velhas avós. Frequentemente, elas trabalhavam até tarde da noite, para atender aos pedidos das moças solteiras da aldeia de perucas para o festival da colheita. Faziam coques, tranças e perucas inteiras, com fibras compridas cuidadosamente escolhidas das folhas apodrecendo de sisal ou da casca embebida em água do baobá. As perucas de sisal, mais ásperas, custavam menos do que as feitas com a fibra macia e sedosa do baobá, que exigia tanto tempo a entrelaçar que uma peruca inteira podia custar até três cabras. As freguesas sempre regateavam demoradamente, sabendo que as avós cobravam menos, se lhes fosse dada a oportunidade de uma boa hora a barganhar, antes de cada venda.

Juntamente com as perucas, que fazia muito bem, a velha Nyo Boto agradava a todas as mulheres da aldeia por seu desafio ostensivo à tradição antiga que determinava deverem as mulheres demonstrar o mais profundo respeito aos homens. Todas as manhãs, ela se acorava confortavelmente diante de sua cabana, despida da cintura para cima, apreciando o calor do sol sobre sua pele enrugada, ocupada a preparar perucas. Mas nunca estava tão ocupada que deixasse de notar todo homem que passava, comentando em voz bem alta:

— Ei, olhem só para isso! E eles se dizem homens! No meu tempo, os homens eram homens de verdade!

E os homens que passavam, sempre esperando o que era inevitável, quase que corriam para escapar à língua dela. No meio da tarde, Nyo Boto finalmente adormecia, com a peruca que estava entrelaçando no colo, enquanto as crianças pequenas, mal começando a andar, entregues a seus cuidados, riam alegremente de seus roncoss ruidosos.

As meninas do segundo kafo ajudavam as mães e as irmãs mais velhas a colherem, em cestos de bambu, raízes medicinais e especiarias, que eram depois estendidas ao sol para secar. Quando o milho estava sendo moído, as meninas encarregavam-se de retirar as alimpaduras e palha. Ajudavam também a limpar as roupas da família, batendo-as contra pedras, depois de ensaboadas com o sabão avermelhado que as mães faziam de lixívia e óleo de palmeira.

A medida que os homens concluíam suas tarefas principais, alguns dias antes da nova lua, que marcaria a abertura do festival da colheita em todas as aldeias de Gâmbia, começavam-se a ouvir os sons dos instrumentos musicais, em diversos pontos de Juffure. Quando os músicos da aldeia se exercitavam nas koras de 24 cordas, nos tambores e nos balafons, instrumentos melódiosos de cabaças presas entre blocos de madeira, de diversos tamanhos, percutidas por pequenos malhos, atraíam sempre pequenas multidões, que se reuniam a seu redor para escutar e bater palmas. Kunta, Sitafa e seus companheiros, ao trazerem as cabras de volta, punham-se a soprar flautas de bambu, a repicar sinos e a bater em cabaças ressequidas.

Quase todos os homens aproveitavam agora o tempo para descansar, acorados à sombra do baobá, conversando. Os que eram da idade de Omoro e mais jovens, mantinham-

se respeitosamente à distância do Conselho dos Anciãos, que estava discutindo as decisões sobre os assuntos mais importantes da aldeia, como sempre fazia todos os anos, antes do festival. De vez em quando, dois ou três dos homens mais jovens se levantavam, espreguiçavam-se e saíam vagueando pela aldeia, os dedos mínimos entrelaçados, frouxamente, à maneira yayo tradicional dos homens africanos.

Uns poucos homens passavam longas horas sozinhos, pacientemente esculpindo pedaços de madeira, de diferentes tamanhos e formatos. Kunta e seus amigos muitas vezes chegavam a esquecer os estilingues só para observar os entalhadores criarem expressões terríveis e misteriosas, nas máscaras que em breve seriam usadas pelos dançarinos do festival. Outros faziam vultos humanos ou de animais, os braços e pernas quase colados no corpo, os pés chatos, as cabeças erectas.

Binta e as outras mulheres passavam os poucos momentos de descanso de que dispunham em torno do novo poço da aldeia, onde iam todos os dias para beber um pouco de água fresca e conversar por alguns minutos. Mas ainda tinham muito o que fazer, com o festival quase chegando. As roupas tinham que ser concluídas, as cabanas meticulosamente limpas, os alimentos preparados, as cabras abatidas para serem assadas. Acima de tudo, as mulheres tinham que se enfeitar o máximo possível para o festival.

Kunta achava que as meninas mais crescidas, que tantas vezes vira antes subindo em árvores e empenhadas nas brincadeiras mais turbulentas, pareciam agora umas bobas, muito nervosas, esquivas, não mais brincando. Elas nem ao menos conseguiam andar direito. Não podia entender por que os homens se viraram para contemplar aquelas criaturas desajeitadas, que nem sequer conseguiriam disparar um arco, mesmo que tentassem.

Kunta notou que as bocas de algumas meninas estavam inchadas, quase do tamanho de um punho, o lábio inferior espetado com espinhos e esfregado com fuligem, até ficar negro. A própria Binta, juntamente com todas as demais mulheres da aldeia acima de 12 chuvas, todas as noites fervia e depois esfriava um caldo grosso de folhas socadas âfudano, no qual mergulhava os pés e as palmas brancas das mãos, para que ficassem negras. Kunta perguntou o motivo à mãe, que lhe disse para não amolar. Ele foi então perguntar ao pai, que lhe explicou:

- Quanto mais negra é uma mulher, mais bonita ela é.
- Mas por quê? — insistiu Kunta.
- Algum dia você compreenderá.



Kunta levantou-se assim que o tobalo soou, ao amanhecer. Um instante depois, ele e os outros meninos estavam correndo na direção da paineira, juntamente com os adultos. Os tambores da aldeia já batiam freneticamente, os homens gritando com eles como se fossem coisas vivas, as mãos a se agitarem velozmente, quase indistintas, sobre as peles de cabra esticadas. Um a um, os habitantes de Juffure começaram a reagir ao apelo dos tambores, com lentos movimentos dos braços, pernas e corpos, que se foram tornando cada vez mais rápidos. Não demorou muito para que todos aderissem à dança.

Kunta já assistira a tais cerimônias muitas vezes antes, para plantios, para colheitas, para homens que saíam em caçadas, para casamentos, nascimentos, mortes. Mas a dança jamais o atraía como estava acontecendo naquele momento, de uma maneira que não era capaz de compreender nem de resistir. Entre a multidão que rodopiava, pulava, contorcia-se, havia alguns que estavam usando máscaras. Kunta mal pôde acreditar em seus olhos quando viu a velha Nyo Boto começar de repente a gritar freneticamente, sacudindo as mãos diante do rosto e depois saltando para trás, como se estivesse deparando com algum terror invisível para os outros. Agarrando um fardo imaginário, Nyo Boto fez que o levava à cabeça e pôs-se a cambalear, até que caiu.

Kunta virava-se de um lado para outro, contemplando estarrecido as pessoas que conhecia entre os dançarinos. Por trás de uma das máscaras horripilantes, reconheceu o alimamo, sacudindo-se e contorcendo-se incessantemente, como uma cobra a contornar um tronco de árvore. Viu também que algumas pessoas ainda mais velhas do que Nyo Boto, conforme lhe tinham dito, haviam deixado suas cabanas, cambaleando nas pernas magras, agitando os braços encarquilhados, os olhos semicerrados contra o brilho intenso do sol, e ensaiavam alguns tímidos passos de dança. Ao avistar o próprio pai, Kunta arregalou os olhos de espanto. Os joelhos de Omoro tremiam, os pés levantavam uma nuvem de poeira. Soltando gritos estridentes, ele pulava para trás, os músculos tremendo, depois arremessava-se para a frente, batendo no peito, saltava, contorcendo-se no ar, e caía com grunhidos ruidosos.

O barulho dos tambores parecia ressoar não apenas nos ouvidos de Kunta, mas também em suas pernas e braços. Quase sem ter consciência do que fazia, como se fosse um sonho, ele sentiu o corpo começar a tremer, os braços a se agitarem. E logo estava pulando e gritando como os outros, aos quais não mais prestava a menor atenção. Finalmente, tropeçou e caiu, exausto.

Levantou-se, os joelhos trêmulos, e afastou-se para um lado, sentindo algo estranho, como nunca antes experimentara. Aturdido, assustado, ao mesmo tempo excitado, Kunta viu que Sitafa e seus outros companheiros de kafo estavam dançando entre os adultos. Assim que descansou um pouco, voltou a dançar. Os habitantes de Juffure, dos muito jovens aos muito velhos, dançaram durante o dia inteiro, não parando para comer ou beber, mas apenas de quando em quando para recuperar o fôlego. Naquela noite, quando Kunta

finalmente adormeceu, de cansaço, ou os tambores ainda estavam soando.

O segundo dia do festival começou logo depois do sol do meio-dia, com um desfile para as pessoas homenageadas. A frente do desfile, seguiam o arafang, o alimamo, os anciãos, os caçadores, os lutadores e aqueles que o Conselho dos Anciãos designara por seus feitos importantes, desde o último festival da colheita. Os demais iam atrás, cantando e aplaudindo, seguindo os músicos, numa fila sinuosa que saiu pelo portão da aldeia e foi contornar a árvore dos viajantes. Nesse momento, Kunta e seus companheiros de kafo saíram correndo na frente e formaram seu próprio desfile, marchando para a frente e para trás, nas proximidades dos adultos, trocando reverências e sorrisos, movimentando-se no ritmo de suas flautas, sinos e chocalhos. Os meninos se revezavam como a pessoa homenageada. Quando chegou a vez de Kunta, ele se empinou todo, sentindo-se muito importante. Ao passar pelos adultos, percebeu que Omoro e Binta o fitavam e compreendeu que estavam orgulhosos do filho. A cozinha de cada mulher oferecia uma ampla variedade de pratos, à disposição de quem quer que passasse e desejasse parar por um momento e comer alguma coisa. Kunta e seus companheiros de kafo empanturraram-se de guisados e arroz. Até mesmo carnes assadas, de cabra e de caça da floresta, eram oferecidas em abundância. As meninas tinham a incumbência especial de manter as cestas de bambu permanentemente cheias com todas as frutas disponíveis.

Quando não estavam comendo, os meninos corriam para a árvore dos viajantes, a fim de encontrar primeiro os forasteiros que chegavam à aldeia. Alguns passavam a noite em Juffure, mas a maioria demorava-se apenas algumas horas, antes de seguir para o festival da aldeia seguinte. Os visitantes senegaleses exibiam rolos de panos de cores variadas. Outros chegavam com sacos pesados de noz de kola nigeriana, da melhor qualidade, o preço variando de acordo com o tipo e o tamanho. Mercadores subiam o bolong em barcos carregados com barras de sal, para trocar por índigo, peles, cera de abelha e mel. A própria Nyo Boto estava agora empenhada nos negócios, vendendo pequenos molhos de raízes de verbena, limpas e aparadas, que proporcionavam um hálito agradável e a sensação de boca fresca a quem as esfregasse nos dentes regularmente.

Os mercadores pagãos passavam rapidamente por Juffure, sem parar, uma vez que suas cargas de tabaco, rapé e aguardente eram apenas para os infieis, já que os mandingas muçulmanos não fumavam nem bebiam. Outros viajantes que raramente paravam em Juffure, pois seguiam para aldeias maiores, eram os numerosos rapazes de outras aldeias, à procura de aventuras. Muitos rapazes de Juffure tinham partido pelo mesmo motivo. Ao avistá-los passando pelo caminho além da aldeia, Kunta e seus companheiros acompanhavam-nos por algum tempo, tentando descobrir o que levavam nas cestas de bambu equilibradas na cabeça. Geralmente eram roupas e pequenos presentes que os rapazes dariam aos novos amigos que pretendiam fazer durante suas andanças, antes de retornar às suas próprias aldeias, para a próxima estação do plantio.

A aldeia despertava todas as manhãs ao som dos tambores. E cada dia trazia diferentes músicos ambulantes, especialistas no Alcorão, no balafon, nos tambores. Se ficavam satisfeitos com os presentes que eram oferecidos, juntamente com a dança, as aclamações e palmas das multidões, paravam em Juffure por algum tempo e tocavam, antes de seguir para a aldeia seguinte.

Quando apareciam os griots, os contadores de história, todos ficavam em silêncio e sentavam-se junto ao baobá para ouvir as histórias de reis antigos e clãs poderosos, de guerreiros, grandes batalhas, as lendas do passado distante. Um griot religioso podia fazer profecias e advertir que Alá Todo-poderoso devia ser apaziguado, oferecendo-se então para

realizar as cerimônias necessárias, com as quais Kunta já estava agora familiarizado, em troca de um pequeno presente. Um griot cantador entoava versos intermináveis sobre os esplendores passados nos reinos de Gana, Songhai e Velho Máli. Quando acabava, algumas pessoas da aldeia muitas vezes ofereciam-lhe pagamento para cantar elogios a seus pais idosos. A multidão aplaudia quando os anciãos apareciam na porta da cabana e ficavam piscando ao sol, sorrindo de satisfação, e exibindo as gengivas sem dentes. Depois de descrever os grandes feitos desses anciãos, o griot cantador recordava a todos que uma mensagem pelos tambores — e uma modesta oferenda — poderia trazê-lo rapidamente de volta a Juffure, em qualquer ocasião, para entoar elogios a quem quer que fosse, em funerais, casamentos e outras ocasiões especiais.

Foi na sexta tarde do festival da colheita que se ouviu em Juffure as batidas de um tambor estranho. Compreendendo as palavras insultuosas pronunciadas através do tambor, Kunta saiu correndo da cabana e foi juntar-se aos outros aldeões, agrupados ao lado do baobá, furiosos. O tambor, soando bem perto, anunciava a chegada iminente de lutadores tão poderosos que quaisquer supostos lutadores de Juffure deveriam esconder-se. Minutos depois, o povo de Juffure aplaudiu delirantemente quando seu próprio tambor respondeu que os forasteiros temerários estavam querendo sair aleijados das lutas, se não lhes acontecesse algo ainda pior.

Todos correram para o local das lutas. Os lutadores de Juffure vestiram rapidamente os dalas sumários, o pano enrolado nos lados e nas nádegas, passando pelo corpo uma pasta escorregadia de folhas de baobá socadas e cinzas de madeira. Não demorou muito para que se ouvissem os gritos anunciando a chegada dos desafiantes. Caminhando atrás de seu tambor, os forasteiros seguiram diretamente para a área em que se travariam as lutas, já vestidos em seus dalas, começando imediatamente a esfregar no corpo sua própria pasta escorregadia. Quando os lutadores de Juffure se apresentaram, por trás de seus tambores, o alarido da multidão tornou-se tão impetuoso que os tambores tiveram de pedir um pouco de calma.

Os tambores dos dois lados anunciaram: “Prontos!” As equipes rivais se colocaram em posição, os lutadores aos pares, semi-agachados, encarando-se, com expressões furiosas. “Segurem! Segurem!”, determinaram os tambores. Cada par de lutadores começou a circular, um em torno do outro, como imensos gatos negros. Os tambores começaram a se movimentar rapidamente entre os lutadores, cada um recordando os ancestrais campeões das respectivas aldeias, que estavam observando a luta.

Depois de fintas rápidas e ágeis, os lutadores finalmente começaram a se atracar. Pés se erguiam, eram empurrados, chutavam, eram chutados, levantando uma nuvem de poeira, que escondia os lutadores quase que totalmente dos espectadores que gritavam freneticamente. Escorregões e tropeções não valiam. A vitória só era considerada quando um dos lutadores desequilibrava o outro, levantava-o inteiramente do chão e depois derrubava-o. Cada vez que havia uma queda — primeiro foi um dos campeões de Juffure, depois um dos desafiantes — a multidão pulava e gritava, e um tambor anunciava o nome do vencedor. Um pouco além da multidão excitada, Kunta e seus companheiros, como não podia deixar de ser, estavam brigando entre si.

As lutas chegaram ao fim, com a vitória de Juffure por diferença de só uma queda. Os vencedores foram premiados com os chifres e cascos de um boi recentemente abatido. Pedacos de carne foram postos a assar sobre uma fogueira e os bravos desafiantes convidados a participar do banquete.

Todos cumprimentaram os visitantes por sua força e bravura. Depois, as donzelas

solteiras amarraram pequenos sinos nos tornozelos e braços dos lutadores. Durante o banquete, os meninos do terceiro kafo de Juffure limpam e alisaram a área de combate, preparando-a para a seoruba que haveria em seguida.

O sol já tinha começado a mergulhar no horizonte quando todos se reuniram novamente na área de luta. Agora, estavam todos vestidos em suas melhores roupas. Com os tambores soando mais uma vez, baixinho, as duas equipes de luta pularam para a arena e todos começaram a se agachar e levantar, os músculos se retesando, os pequenos sinos repicando, enquanto os espectadores admiravam sua força e graça. O tambores subitamente começaram a bater mais alto. As donzelas entraram na arena, esquivando-se agilmente por entre os lutadores, enquanto a multidão batia palmas. Os tambores soaram mais alto e mais depressa, e as donzelas acompanharam o ritmo.

Exaustas, cobertas de suor, as moças foram deixando a arena, uma a uma, largando no chão o tiko colorido, a faixa que usavam na cabeça. Todos ficaram observando atentamente, para ver se algum homem casadouro pegava um tiko, demonstrando assim que tinha apreciado particularmente a dança da respectiva donzela. Isso podia significar que ele em breve iria consultar o pai da moça para discutir o preço em cabras e bois. Kunta e seus companheiros, que ainda eram jovens demais para entender tais coisas, concluíram que toda emoção já terminara e se afastaram rapidamente, para brincar com seus estilingues. Mas, para os outros, a emoção maior ainda estava para vir, pois um instante depois um dos lutadores visitantes pegou um tiko. Era um grande acontecimento, um acontecimento feliz. Mas a donzela escolhida não seria a primeira a ser perdida para outra aldeia, através do casamento.



Embora o sol já estivesse muito quente, as cinco luas compridas da estação seca tinham apenas começado. O calor fazia os objetos parecerem maiores a distância, as pessoas suavam dentro de suas cabanas tanto quanto nos campos. Todas as manhãs, antes que Kunta deixasse a cabana para levar as cabras para o pasto, Binta fiscalizava para ver se ele passava direito o óleo vermelho de palmeira nos pés, a fim de protegê-los. Todas as tardes, no entanto, quando ele retornava à aldeia, os lábios estavam ressequidos e as solas dos pés secas e rachadas pela terra escaldante. Alguns meninos voltavam com os pés sangrando, o que não os impedia de seguir na manhã seguinte, sem se queixar, como os pais, para o calor intenso da pastagem, que era ainda pior do que na aldeia.

Quando o sol atingia o zênite, os meninos, os cachorros e as cabras estendiam-se ofegantes à sombra das árvores raquíticas. Os meninos estavam cansados demais para caçar e assar os pequenos animais que conseguiam abater, o que fora até então uma das diversões cotidianas. Limitavam-se a ficar sentados e a conversar, o mais alegremente que podiam. Mas, de alguma forma, a aventura de cuidar das cabras já perdera uma boa parte de sua emoção.

Não parecia possível que a lenha que continuavam a ajuntar todos os dias pudesse ser necessária para mantê-los aquecidos de noite. Mas assim que o sol mergulhava no horizonte, o ar começava a esfriar e ficava tão frio quanto fora quente durante o dia. Depois da refeição noturna, o povo de Juffure acorava-se em torno das fogueiras. Os homens da idade de Omoro reuniram-se em torno de uma fogueira, a alguma distância da fogueira dos anciãos. Em torno de uma terceira fogueira ficavam as mulheres casadas e as jovens solteiras. As velhas avós ajeitavam-se ao redor de uma quarta fogueira, contando suas histórias às crianças pequenas do primeiro kafo.

Kunta e os outros meninos do segundo kafo eram orgulhosos demais. Para se sentarem com Lamin e seus companheiros do primeiro kafo, que ainda andavam sem roupas. Por isso, acoravam-se a alguma distância, para deixar bem claro que não pertenciam àquele grupo barulhento e risonho. Mas ficavam perto o bastante para ouvir as histórias das velhas avós, que ainda os emocionavam. As vezes, Kunta e seus companheiros! ouviam as conversas nas outras fogueiras, mas versavam quase sempre! sobre o calor. Kunta ouviu os velhos recordarem ocasiões em que o sol matara as plantas e queimara as colheitas; secara o poço ou deixara a água salobra, ressecando as pessoas. Aquela estação do calor podia estar muito ruim, diziam os velhos, mas não era nada em comparação com muitas outras que tinham conhecido. Kunta tinha a impressão de que as pessoas mais velhas sempre podiam recordar-se de algo pior.

E foi então que chegou um dia, abruptamente, em que respirar o ar era como respirar chamas. Naquela noite, as pessoas estremeçeram sob as cobertas, o frio se infiltrando em seus corpos até os ossos. Na manhã seguinte, estavam novamente enxugando os rostos suados, encontrando] dificuldades em respirar. De tarde, o vento harmattan começou a

soprar, i Não era um vento forte ou tempestuoso, o que teria ajudado. Em vez disso, soprava suave, mas incessantemente, seco, levantando poeira. E soprou dia e noite, por quase meia lua. Como sempre acontecia, o soprar] constante do harmattan ia aos poucos dando nos nervos do povo de Juffure. Não demorou muito para que os pais estivessem gritando com os filhos mais do que habitualmente, surrando-os por qualquer motivo, embora as brigas e discussões fossem raras entre os mandingas, dificilmente se passava um dia sem que se ouvissem gritos entre adultos, especialmente entre jovens casais, como Omoro e Binta. Todos saíam para ver as respectivas mães correrem até a cabana. Um momento depois, os gritos tornavam-se ainda mais altos, seguidos por uma chuva de cestas de costura, potes, cabaças, ferramentas e roupas, arremessados pela porta da cabana. A esposa e sua mãe deixavam a cabana, recolhendo tudo e se] afastando. Era uma filha que retornava à cabana da mãe.

Cerca de duas luas depois, o harmattan cessou, tão abruptamente quanto começara. Em menos de um dia, o ar ficou completamente parado, o céu muito claro. Na noite seguinte, houve um desfile de esposas de volta aos maridos, as sogras trocando pequenos presentes e desculpando-se pelas palavras ásperas. Mas ainda se estava na metade das cinco] compridas luas da estação seca. Embora ainda houvesse bastante comida nas despensas, as mulheres cozinhavam agora pequenas quantidades, [pois ninguém nem mesmo as crianças geralmente vorazes, sentia muita vontade de comer. O calor do sol minava as forças de todos. As pessoas falavam menos, faziam apenas o que não podia deixar de ser feito.

As peles do gado esquelético da aldeia estavam inchadas em muitos pontos, cobertas de feridas, onde as moscas tinham deixado seus ovos. As] galinhas descarnadas, normalmente a andar de um lado para o outro da aldeia soltando gritos estridentes, estavam agora muito quietas, deitadas] de lado, as asas estendidas, os bicos abertos. Até mesmo os macacos! eram raramente vistos ou ouvidos, pois a maioria se embrenhara pela floresta à procura de mais sombra. E as cabras, conforme Kunta notou, estavam pastando cada vez menos por causa do calor, ficando magras e nervosas.

Por alguma razão, talvez por causa do calor, talvez simplesmente porque estivessem mais velhos, Kunta e os outros cabreiros, que há quase seis luas ficavam sempre juntos quando saíam para o pasto, começaram agora a se dispersar, cada um seguindo para um lado, com as cabras a seus cuidados.

Isso já estava acontecendo há vários dias quando Kunta pensou que nunca antes ficara inteiramente isolado de outras pessoas por algum tempo mais prolongado. Olhou para os outros meninos e suas cabras, espalhados pela pastagem, no silêncio da terra crestada pelo sol. Nos campos mais além, os homens estavam cortando o mato que crescera nas luas decorridas desde a última colheita. As pilhas de mato, secando ao sol, pareciam tremeluzir no calor.

Enxugando o suor da testa, Kunta pensou que sua gente parecia sofrer uma provação depois de outra, algo incômodo e difícil, aterrador, uma ameaça à própria vida. Pensou nos dias quentes e escaldantes, nas noites muito frias. Pensou nas chuvas que viriam em seguida, transformando a aldeia num lodaçal, submergindo os caminhos, a um ponto tal que as pessoas tinham que ir de canoa de um canto a outro, que normalmente alcançavam a pé. Precisavam da chuva e precisavam do sol, mas sempre parecia que tinham de mais ou de menos. Mesmo quando as cabras estavam gordas e as árvores carregadas de frutos e flores, era a ocasião em que as reservas da colheita anterior se esgotavam nas despensas das famílias, a estação da fome, em que as pessoas não tinham o que comer, algumas chegavam

mesmo a morrer, como sua querida Vovó Yaisa, de quem não podia esquecer-se.

A estação da colheita era um período feliz. Depois, vinha a alegria do festival da colheita. Mas acabava muito depressa e começava a longa estação quente, com o terrível harmattan, Binta a gritar com ele, Kunta, e a sorrir Lamin, de tal maneira que quase sentia pena da peste do irmão menor. Ao levar as cabras de volta à aldeia, Kunta recordou-se das histórias que ouvira tantas vezes, quando era tão jovem quanto Lamin, sobre a maneira como os antepassados sempre tinham enfrentado perigos imensos, medos terríveis. Por mais longe que qualquer um pudesse saber, pensou Kunta, a vida das pessoas sempre fora difícil. Talvez continuaria a ser, pelo tempo afora.

Agora, todas as noites o alimamo comandava as preces, pedindo a Alá que mandasse as chuvas. Um dia, uma brisa amena começou a soprar, levantando alguma poeira. O povo de Juffure sentiu a maior emoção. Aquela brisa indicava que as chuvas viriam em breve. Na manhã seguinte, o povo da aldeia seguiu para os campos, onde os lavradores atearam fogo às pilhas de mato seco que tinham reunido. Uma fumaça espessa se estendeu sobre os campos. O calor era quase insuportável e todos suavam profusamente. Mesmo assim, dançavam e gritavam alegremente. As crianças do primeiro kafo corriam de um lado para outro, tentando apanhar alguma cinza que flutuava pelo ar, o que trazia sorte.

Os ventos fracos do dia seguinte começaram a espalhar as cinzas sobre os campos, fertilizando o solo para a próxima colheita. Os lavradores começaram a revolver a terra, preparando os sulcos compridos para receberem as sementes. Era o sétimo plantio desde que Kunta nascera, no interminável ciclo das estações.



Duas chuvas se passaram e a barriga de Binta estava novamente grande, e sua paciência bem menor que habitualmente. Ela demonstrava tanta vontade de castigar os filhos por qualquer coisa que Kunta sentia-se grato todas as manhãs ao ter que sair para cuidar das cabras, o que lhe garantia uma escapada de algumas horas. Ao voltar, de tarde, não podia deixar de sentir pena de Lamin, que já tinha idade suficiente para fazer travessuras e ser espancado por isso, mas não o bastante para deixar a cabana sozinho. Por isso, ao voltar para casa uma tarde e encontrar o irmão menor em lágrimas, Kunta perguntou a Binta, com alguma apreensão, se Lamin podia acompanhá-lo numa pequena missão.

— Pode! — gritou Binta.

O pequeno Lamin ficou radiante com esse inesperado e surpreendente ato de bondade. Mas Kunta ficou tão irritado com seu gesto impulsivo que deu um pontapé e um tabefe no irmão, assim que ficaram longe dos ouvidos de Binta. Lamin soltou um grito. e depois pôs-se a seguir o irmão mais velho como um cachorrinho.

A partir desse dia, Kunta sempre encontrava Lamin a esperá-lo ansiosamente na porta da cabana, de tarde, na esperança de ser levado novamente para dar uma volta. E Kunta atendia, quase que todos os dias, mas não porque assim o desejasse. É que Binta manifestava tanto alívio por ver-se livre dos dois filhos por algum tempo que Kunta agora receava levar uma surra, se não saísse com Lamin. Parecia-lhe um pesadelo ter o pequeno e despido Lamin grudado em suas costas, como uma gigantesca sanguessuga do bolong. Mas Kunta não demorou a perceber que alguns de seus companheiros de kafo estavam saindo também na companhia dos irmãos menores. Os menores ficavam brincando separados, mas estavam sempre atentos aos irmãos mais velhos, que se esforçavam ao máximo por ignorá-los. Às vezes, os meninos mais velhos saíam correndo, escarnecendo dos irmãos menores, que tentavam em vão alcançá-los. Quando Kunta e seus companheiros subiam em árvores, os menores tentavam segui-los e invariavelmente acabavam caindo. Os mais velhos riam desdenhosamente da falta de jeito deles. Até que era divertido ter a companhia dos irmãos menores.

Quando ficava a sós com Lamin, como acontecia algumas vezes, Kunta podia dispensar mais um pouco de atenção ao irmão. Apertando uma semente entre os dedos, ele explicava que a gigantesca paineira de Juffure crescera de uma coisa pequena assim. Pegando uma abelha, segurava-a cuidadosamente para que Lamin pudesse ver o ferrão, explicando em seguida como as abelhas sugavam a doçura que havia nas flores e usavam-na para fazer mel, em seus ninhos, nas árvores mais altas. Lamin começou a fazer uma porção de perguntas, a maioria das quais Kunta respondia pacientemente.. Até que era agradável o fato de Lamin pensar que ele sabia de tudo. Fazia Kunta sentir-se mais velho do que as suas oito chuvas. Relutante, começou a encarar o irmão menor como algo mais do que apenas uma peste.

Kunta esforçava-se em não deixar transparecer, mas agora, ao voltar de tarde com as cabras, realmente ansiava pela recepção calorosa de Lamin. Certa ocasião, Kunta teve a impressão de ter visto Binta sorrir, quando ele saiu da cabana em companhia de Lamin. Binta agora volta e meia gritava com o filho mais moço: — Comporte-se como seu irmão!

É verdade que ainda castigava Kunta por uma coisa ou outra, mas não com tanta frequência como antes. Binta também dizia a Lamin que, se ele não se comportasse direito, não poderia sair com Kunta. E Lamin passava o dia inteiro quieto.

Uma tarde, quando Lamin caiu de uma árvore pequena em que estava tentando subir, Kunta decidiu ensinar-lhe como devia fazer. A partir daí, ele ensinou uma porção de coisas a Lamin. Como lutar, por exemplo, a fim de que Lamin pudesse vencer um menino que o humilhara diante de seu kafo. Ou como assoviar com os dedos (embora o melhor assovio de Lamin nem de longe se aproximasse de um assovio de Kunta). Mostrou-lhe quais as folhas que a mãe usava para fazer chá. Avisou a Lamin para pegar os besouros grandes e lustrosos que estavam sempre entrando na cabana com todo cuidado, levando-os para fora gentilmente, pois dava azar matá-los. tocar o esporão de um galo dava mais azar ainda. Por mais que tentasse, no entanto, Kunta não conseguiu ensinar Lamin a calcular o momento do dia pela posição do sol.

— Você ainda é muito pequeno, mas vai acabar aprendendo. Kunta ainda brigava com o irmão de vez em quando, se Lamin tinha dificuldade em aprender algo simples. Podia também dar-lhe um tabefe, se Lamin estivesse levado demais. Porém, depois, ficava tão arrependido que às vezes deixava Lamin, que ainda não usava qualquer roupa, vestir o seu dundiko por algum tempo.

À medida que se foi tornando mais íntimo de Lamin, Kunta passou a sentir cada vez menos algo que antes o atormentara profundamente: o abismo entre as suas oito chuvas e os meninos mais velhos e homens de Juffure. Ao que pudesse lembrar-se, praticamente não se passara um único dia de sua vida em que não acontecesse algo para recordá-lo de que ainda era do segundo kafo, alguém que ainda dormia na cabana da mãe. Os meninos mais velhos, que se preparavam para ingressar na vida adulta, só tinham desprezo e tabefes para os que eram da idade de Kunta. Os adultos, como Omoro e os outros pais, comportavam-se como se um menino do segundo kafo fosse algo a ser apenas tolerado. Quanto às mães. Muitas vezes, quando estava na pastagem com as cabras, Kunta pensava, furioso, que certamente iria pôr Binta em seu devido lugar, assim que se tornasse um homem. sem deixar de tratá-la com bondade e de perdoá-la, pois, afinal de contas, era sua mãe.

O mais irritante para Kunta e seus companheiros, no entanto, era a maneira como as meninas do segundo kafo, com as quais tinham crescido, faziam questão de lembrar-lhes a todo instante que já estavam pensando em se tornar esposas. Kunta ficava furioso ao pensar que as moças se casavam com 14 chuvas ou menos, enquanto os meninos tinham que esperar até se tornarem homens, com 30 chuvas ou mais. De um modo geral, ser do segundo kafo era um incômodo para Kunta e seus companheiros, a não ser pelas tardes que passavam sozinhos na pastagem. Para Kunta, outro motivo de satisfação era seu novo relacionamento com Lamin.

Cada vez que saía com o irmão, Kunta imaginava que estava levando Lamin para alguma importante jornada, como os pais muitas vezes faziam com os filhos. Kunta sentia que tinha uma responsabilidade especial em agir como mais velho, já que Lamin o considerava como uma fonte inesgotável de conhecimentos. Caminhando ao lado do irmão, Lamin o assediava com uma pergunta depois da outra.

— Como é o mundo?

— Nenhum homem ou canoa jamais viajou pelo mundo todo. Ninguém sabe tudo o que há para saber.

— O que você aprende com o arafang?

Kunta recitou os primeiros versos do Alcorão em árabe e depois disse para Lamin:

— Tente repetir.

Lamin tentou, mas ficou completamente confuso, como Kunta já sabia que iria acontecer. Kunta disse-lhe então, paternalmente:

— Leva tempo para aprender.

— Por que ninguém faz mal às corujas?

— Porque os espíritos dos nossos ancestrais mortos estão nas corujas.

Kunta falou um pouco sobre a Vovó Yaisa.

— Você era apenas um bebê e não pode lembrar-se dela.

— Qual é o pássaro que está naquela árvore?

— Um gavião.

— O que ele come?

— Ratos, outros pássaros e coisas.

— Oh!

Kunta jamais percebera antes quantas coisas sabia. É verdade que de vez em quando perguntava coisas que ele desconhecia inteiramente.

— O sol está pegando fogo? Ou então:

— Por que nosso pai não dorme com a gente?

Nessas ocasiões, Kunta geralmente resmungava e parava de falar, como Omoro fazia, ao se cansar das muitas perguntas dele. Lamin não dizia mais nada, já que a educação mandinga ensinava que não se devia falar com quem não estava querendo falar. Outras ocasiões, Kunta comportava-se como se estivesse imerso em seus próprios e profundos pensamentos. Lamin ficava sentado perto, em silêncio.

E só se levantava quando Kunta o fazia. E havia ainda outras ocasiões em que Kunta, quando não sabia responder a alguma pergunta, fazia rapidamente algo para mudar de assunto.

Na primeira oportunidade, quando Lamin não estava por perto, Kunta perguntava a Binta ou Omoro o que precisava saber para satisfazer a curiosidade do irmão menor. Nunca explicava por que fazia tantas perguntas, mas os pais pareciam saber. Davam a impressão de que tinham passado a considerar Kunta como uma pessoa mais velha, desde que ele assumira a responsabilidade adicional de cuidar do irmão. Não demorou muito para que Kunta começasse a falar asperamente com Lamin, na presença de Binta, censurando-o por coisas que o irmão fizera errado.

— Tem de falar de maneira que todos entendam! — dizia Kunta, por exemplo, estalando os dedos.

Podia também dar um tabefe em Lamin, por não ter obedecido imediatamente a uma ordem da mãe. Binta fingia que nada tinha visto nem ouvido.

Lamin praticamente não podia mexer-se sem ser observado pelos rigorosos olhares da mãe ou do irmão mais velho. E Kunta precisava perguntar apenas uma vez para que Binta e Omoro lhe dessem imediatamente as respostas para as perguntas de Lamin.

— Por que a pele de boi de meu pai é vermelha? Não existe boi vermelho.

— Tingi a pele com líxívia e milhete — respondia Binta.

— Onde Alá vive?

— Alá vive no lugar de onde vem o sol — informava Omoro.



— O que são escravos? — perguntou Lamin uma tarde.

Kunta resmungou e não respondeu. Continuou a seguir em frente aparentemente concentrado em seus pensamentos. Estava procurando imaginar o que Lamin ouvira para levá-lo a fazer tal pergunta. Kunta sabia que todos aqueles que eram levados pelos toubobs tornavam-se escravos. Já ouvira também os adultos conversarem a respeito dos escravos possuídos por gente de Juffure. Mas a verdade é que não sabia realmente o que eram escravos. Como já acontecera muitas vezes antes, a pergunta de Lamin fez com que desejasse descobrir mais alguma coisa a respeito.

No dia seguinte, quando Omoro preparava-se para sair, a fim de buscar madeira para fazer uma nova despensa para Binta, Kunta perguntou-lhe se podia ir junto. Ele adorava ir a qualquer lugar com Omoro. Naquele dia, porém, não disse nada até estarem quase chegando ao bosque de palmeiras em que Omoro cortaria a madeira necessária para fazer a despensa.

— Fa, o que são escravos? — indagou Kunta, abruptamente.

A princípio, Omoro limitou-se a resmungar, sem dizer nada, examinando por alguns minutos vários troncos. E finalmente disse:

— Nem sempre é fácil distinguir os escravos dos que não são escravos.

Entre os golpes de machado no tronco escolhido, Omoro explicou que as cabanas dos escravos tinham teto de nyantangjongo, enquanto as] cabanas das pessoas livres eram cobertas comnyantang foro. Kunta sabia que a última era a melhor qualidade de colmo.

— Mas não se deve falar de escravos na presença de escravos acrescentou Omoro, com uma expressão solene.

Kunta não entendeu por quê, mas assentiu como se tivesse entendido. Quando a palmeira caiu, Omoro começou a cortar as folhas grandes e resistentes. Kunta recolheu alguns dos frutos maduros, sentindo] que o pai estava naquele dia com disposição de conversar. E pensou, alegremente, que assim poderia explicar tudo a Lamin a respeito dos escravos.

— Fa, por que algumas pessoas são escravas e outras não?

Omoro explicou que as pessoas tornavam-se escravas de diferentes maneiras. Algumas nasciam de mães escravas. Omoro enumerou algumas, que viviam em Juffure, pessoas a quem Kunta conhecia muito bem. Havia, inclusive, pais de companheiros seus de kafo. Outras, disse Omoro, tinham outrora enfrentado o desespero, durante a estação da fome em suas aldeias natais. Tinham ido para Juffure e implorado para se tornarem escravas de alguém, que concordasse em alimentá-las e sustentá-las. Havia outras ainda, entre as quais Omoro citou algumas "das pessoas mais velhas de Juffure, que tinham sido outrora inimigas e haviam caído prisioneiras.

— Tais homens tornaram-se escravos porque não eram bravos o suficiente para morrer ao invés de se deixarem capturar.

Omoro começou a cortar o tronco da palmeira em pedaços que pudessem ser carregados por um homem forte. Embora todas as pessoas referidas fossem escravas, continuou Omoro, eram respeitadas pelos outros, como Kunta bem sabia.

Os direitos delas são garantidos pelas leis dos nossos antepassados.

Todos os donos de escravos, explicou Omoro, tinham que proporcionar comida, roupas, uma cabana e um trato de terra para eles trabalharem, meio a meio, além de uma esposa ou marido.

— Só são desprezados aqueles que se tornam escravos por serem criminosos.

Eram os assassinos condenados, os ladrões, os que cometiam outros crimes. Eram os únicos escravos que podiam ser espancados ou punidos de qualquer outra maneira. Omoro acrescentou que, em sua opinião, eles bem que o mereciam.

— Os escravos têm que permanecer escravos para sempre? — indagou Kunta.

— Não. Muitos escravos compram sua liberdade como que economizam das colheitas partilhadas meio a meio com seus donos.

Omoro citou alguns habitantes de Juffure que tinham feito isso. Indicou outros que haviam conquistado a liberdade ao se casarem com uma pessoa das famílias que os possuíam.

Para poder transportar até a aldeia os pedaços do tronco, Omoro começou a preparar uma tipoia, com cipós verdes. Enquanto trabalhava, disse que alguns escravos conseguiam prosperar mais que seus próprios donos. Alguns haviam até tido seus próprios escravos, uns poucos tinham sido famosos.

— Sundiata foi um deles! — exclamou Kunta.

Ele ouvira muitas vezes as avós e os griots falarem sobre o grande antepassado escravo e general, cujo exército derrotara tantos inimigos. Omoro resmungou e assentiu, visivelmente satisfeito ao descobrir que Kunta sabia daquilo, pois também ouvira muitas histórias a respeito de Sundiata, quando tinha a idade do filho. Sondando o garoto, Omoro indagou:

— E quem foi a mãe de Sundiata?

— Sogolon, a Mulher Búfalo! — disse Kunta, orgulhoso com seus conhecimentos.

Omoro sorriu. Levantou até os ombros um pedaço do tronco, coma ajuda da tipoia, e começou a caminhar. Kunta acompanhou-o, comendo seus coquinhos. Durante quase todo o caminho de volta à aldeia, Omoro contou como o grande Império Mandinga fora vencido pelo brilhante escravo-general, cujo exército começara com escravos fugidos, reunidos nos pântanos e outros esconderijos.

— Vai aprender muito mais a respeito de Sundiata quando começar a se preparar para ser adulto.

Só de pensar nessa ocasião, Kunta sentiu um medo súbito, assim como uma expectativa ansiosa. Omoro contou que Sundiata escapara de seu odiado dono, como fazem muitos escravos que não gostam de seus donos. A não ser os criminosos condenados, nenhum escravo podia ser vendido, a menos que aprovasse antes seu futuro dono.

— Vovó Nyo Boto também é escrava — disse Omoro.

Kunta quase que engoliu inteiro o coquinho que acabara de pôr na boca. Não podia entender. Recordou-se da adorada Nyo Boto, acorçada diante de sua cabana, vigiando os 12 ou 15 bebês da aldeia, enquanto trançava cestos e escarneckia de todos os adultos que passavam... até mesmo dos anciãos, se sentia vontade de fazê-lo. “Vovó Nyo Boto não é escrava de ninguém”, pensou ele.

Na tarde seguinte, depois de conduzir as cabras a seus cercados, Kunta levou Lamin

por um caminho em que não encontrariam seus companheiros. Foram-se acocorar diante da cabana de Nyo Boto, em silêncio. Um momento depois, percebendo que tinha visitantes, a velha Nyo Boto apareceu na porta. Um único olhar para Kunta, que sempre fora uma das crianças de que mais gostava, foi o suficiente para compreender que o menino tinha algo muito importante a falar-lhe. Convidou os meninos a entrarem na cabana e começou a preparar um chá quente, de alguma erva.

— Como estão seu papai e sua mamãe?

— Vão muito bem. Obrigado por perguntar. Também está passando bem, Vovó?

— Estou muito bem, obrigada.

Kunta só voltou a falar depois que o chá lhe foi servido, quando indagou abruptamente:

— Por que é uma escrava, Vovó?

Nyo Boto olhou atentamente para Kunta e Lamin. Ficou calada por alguns minutos, antes de finalmente dizer:

— Está bem, vou contar-lhes a história. Aconteceu uma noite, na minha aldeia natal, que fica muito longe daqui. Foi há muitas chuvas, quando eu era jovem e esposa...

Nyo Boto contou como despertara aterrorizada, com os telhados de muitas cabanas da aldeia em chamas, os vizinhos gritando desesperadamente. Pegando os filhos, um menino e uma menina, cujo pai morrera pouco antes, numa guerra tribal, Nyo Boto saíra correndo junto com os outros... ao encontro de homens brancos caçadores de escravos e seus ajudantes pretos, fortemente armados. Depois de um furioso combate, os que não tinham morrido nem conseguido escapar foram reunidos como gado. Os que estavam muito feridos, eram velhos ou jovens demais para viajar, foram assassinados ali mesmo, na frente dos outros. Nesse ponto da narrativa, Nyo Boto começou a soluçar.

— ... inclusive meus dois bebês e minha mãe já idosa!

Enquanto Lamin e Kunta apertavam as mãos, nervosamente, ela contou como os aterrorizados prisioneiros, amarrados pelo pescoço, tinham sido obrigados a caminhar sob o calor intenso, constantemente espancados. A cada dia que passava, aumentava o número de prisioneiros que não conseguia prosseguir na viagem, as costas em carne viva dos açoites com que eram castigados para andar mais depressa. Alguns dias depois, outros ficavam pelo caminho de fome e exaustão. Os que não podiam continuar, eram deixados para trás, para serem devorados pelos animais selvagens. A longa fileira de prisioneiros passou por outras aldeias que tinham sido também queimadas e arrasadas. Podiam-se ver os esqueletos de homens e animais, entre as cabanas semidestruídas, que tinham outrora abrigado famílias felizes. Só menos da metade dos que iniciaram a viagem é que conseguiu chegar à aldeia de Juffure, a quatro dias do lugar mais próximo do Kamby Bolongo onde se vendiam escravos.

— E foi aqui que trocaram uma prisioneira por um saco de milho. Essa prisioneira era eu. E foi assim que me tornei Nyo Boto.

Kunta já sabia que Nyo Boto significava “saco de milho”, mas jamais entendera o porquê de tal nome. A velha Nyo Boto acrescentou que o homem que a comprara para ser sua escrava morrera pouco depois, “e tenho vivido aqui desde então”.

Lamin estava-se remexendo de excitação pela história. Kunta sentia um amor e respeito ainda maior pela velha Nyo Boto, que agora sorria ternamente para os dois meninos, cujos pais já embalara em seu colo.

— Omoro, o pai de vocês, era do primeiro kafo quando cheguei a Juffure — disse Nyo Boto, olhando diretamente para Kunta. — Yaisa, a mãe dele, que era sua avó, foi minha grande amiga. Lembra-se dela?

Kunta disse que se lembrava e acrescentou orgulhosamente que já contara a Lamin tudo o que sabia a respeito da avó.

— Isso é ótimo! — disse Nyo Boto. — E agora tratem de ir embora, pois tenho muito o que fazer!

Kunta e Lamin agradeceram o chá e foram embora, retornando lentamente à cabana da mãe, cada um imerso em seus próprios pensamentos.

Na tarde seguinte, ao voltar com as cabras, Kunta descobriu que Lamin tinha uma porção de perguntas a fazer, relacionadas com a história da velha Nyo Boto. Já houvera algum incêndio grande em Juffure? Kunta respondeu que nunca ouvira falar de nenhum e que a aldeia não tinha indícios de incêndio. Kunta já vira um desses homens brancos?

— Claro que não!

Kunta disse que já ouvira o pai falar de uma ocasião em que ele, juntamente com os irmãos, vira os toubobs e seus barcos, no rio.

Kunta tratou de mudar de assunto, pois conhecia bem pouco a respeito dos toubobs. Além disso, queria pensar neles em particular. Gostaria de ver um deles, a uma distância segura, é claro, já que tudo o que ouvira a respeito dos toubobs deixava patente que era melhor não chegar muito perto.

Ainda recentemente, uma menina que estava colhendo ervas desaparecera misteriosamente. Pouco antes, tinham desaparecido dois homens adultos, que haviam ido caçar. Ninguém tinha a menor dúvida de que haviam sido roubados pelos toubobs. Kunta recordava-se também de algumas ocasiões em que os tambores de outras aldeias haviam avisado de que os toubobs tinham capturado alguém ou estavam por perto. Os homens se arriavam e montavam uma guarda permanente, enquanto as mulheres reuniam apressadamente os filhos e iam esconder-se no mato, às vezes por vários dias, até que os toubobs estivessem longe.

Na tarde seguinte, Kunta estava voltando com as cabras para a aldeia quando resolveu levantar o assunto do toubob junto aos outros cabreiros. No mesmo instante, todos os meninos puseram-se a contar o que sabiam. Demba Conteh, por exemplo, disse que um tio seu, muito bravo, chegara perto o bastante de alguns toubobs para poder cheirá-los, descobrindo que tinham um fedor estranho. Todos os meninos já tinham ouvido dizer que os toubobs pegavam as pessoas para comê-las. Alguns, no entanto, já tinham ouvido também que os toubobs alegavam que não comiam ninguém, apenas punham as pessoas capturadas a trabalhar em imensas plantações. Sitafa Silla informou o comentário que seu pai fizera a respeito disso:

— É mentira do homem branco!

Na primeira oportunidade, Kunta perguntou a Omoro:

— Papai, pode contar-me como você e seus irmãos viram os toubobs no rio? — Depois de uma breve hesitação, apressou-se em acrescentar: — Preciso informar corretamente a Lamin.

Kunta teve a impressão de que o pai quase sorriu. Mas Omoro apenas resmungou, evidentemente não querendo conversar naquele momento. Alguns dias depois, Omoro convidou Kunta e Lamin a acompanharem-no além da aldeia, onde ia colher algumas ervas de que estava precisando. Era a primeira vez que Lamin saía com o pai para algum lugar e por isso ele estava exultante. Sabendo que fora a influência de Kunta que lhe proporcionara aquela felicidade, Lamin seguiu atrás do irmão mais velho.

Omoro disse aos filhos que, depois da iniciação como adultos, seus dois irmãos mais velhos, Jannehe Saloum, haviam deixado Juffure. Algum tempo depois, recebeu notícias

deles, como viajantes conhecidos por ; lugares estranhos e distantes. Tinham voltado a Juffure, quando os tambores espalharam por toda parte a notícia do nascimento do primeiro filho de Omoro.

Caminharam sem dormir por muitos dias e noites, para chegar a tempo da cerimônia de indicação do nome. Depois de passarem tanto tempo longe, os irmãos haviam abraçado alegremente Omoro e seus antigos companheiros de kafo. Souberam de muitos outros que tinham morrido ou desaparecido, alguns em aldeias incendiadas, outros abatidos pelas temíveis varas de fogo, muitos sequestrados, sumindo misteriosamente quando estavam arando a terra, caçando ou viajando. Em todos os casos, a culpa fora dos toubobs.

Os irmãos, furiosos, haviam convidado Omoro a acompanhá-los numa viagem para descobrir o que os toubobs estavam fazendo e verificar o que era possível fazer. Assim, os três irmãos viajaram por três dias ao longo da margem do Kamby Bolongo, mantendo-se cuidadosamente escondidos no mato, até que encontraram o que estavam procurando. Cerca de 20 canoas toubobs, imensas, estavam ancoradas no meio do rio, cada uma grande o bastante para conter toda a população de Juffure, e com um gigantesco pano branco preso por cordas a uma vara grossa que parecia uma árvore, da altura de dez homens. Ali perto havia uma ilha, que era uma verdadeira fortaleza.

Muitos toubobs estavam andando de um lado para outro, juntamente com seus ajudantes pretos. Muitas canoas pequenas levavam para as grandes canoas mercadorias como índigo, algodão, cera de abelha e peles. O mais terrível de tudo, de tal forma que nem podia descrever, disse Omoro, foram as surras e outras crueldades que eles viram serem infligidas àqueles que os toubobs tinham capturado e iam levar para longe.

Omoro calou-se e ficou quieto por um longo tempo. Kunta percebeu que o pai estava pensando se deveria ou não dizer-lhe mais alguma coisa. Finalmente, Omoro tomou uma decisão e disse:

— Já não estão mais levando tanta gente nossa como naquele tempo. Quando Kunta era um bebê, contou Omoro, o Rei de Barra, que governava aquela parte de Gâmbia, ordenara que não haveria mais aldeias incendiadas, com a captura ou morte de todos os seus habitantes. Os ataques tinham cessado pouco depois, quando os soldados de alguns reis furiosos tinham incendiado as canoas grandes na água mesmo, matando todos os toubobs que estavam a bordo.

— Agora, dezenove tiros são disparados em saudação ao Rei de Barra por toda canoa toubob que entra no Kamby Bolongo.

Omoro explicou em seguida que, atualmente, os agentes pessoais do rei forneciam a maior parte das pessoas que os toubobs levavam. Eram geralmente criminosos ou devedores, quaisquer pessoas condenadas por suspeita de conspirar contra o rei, às vezes até por simples sussurros. Mais pessoas eram subitamente condenadas por crimes diversos, sempre que navios toubobs entravam no Kamby Bolongo, procurando escravos para comprar.

— Mas nem mesmo um rei pode impedir que se continue a roubar Pessoas de suas aldeias. Vocês sabem perfeitamente que algumas pessoas de Juffure têm desaparecido misteriosamente, sendo que três nas últimas luas. E têm ouvido os tambores avisando de que pessoas de outras aldeias também desapareceram. — Omoro fez uma pausa, olhou pensativo para os filhos e acrescentou, falando bem devagar: — Devem ouvir as coisas que vou dizer agora com algo mais além dos ouvidos apenas... pois, se não fizerem o que vou dizer, podem ser roubados e levados para longe, para sempre! Nunca saiam de noite, se puderem evitar. E de dia ou de noite, quando estiverem sozinhos, mantenham-se longe do mato alto e de arbustos mais densos, se puderem evitar. — Pelo resto de suas vidas, “mesmo

quando já forem homens” — advertiu Omoro, devem manter-se alertas contra a ameaça dos toubobs.

“Eles frequentemente atiram com seus paus de fogo, o barulho podendo ser ouvido de muito longe. E sempre que virem fumaça longe de qualquer aldeia, saibam que provavelmente são as fogueiras de cozinhar deles, sempre muito grandes. Devem examinar atentamente os sinais deixados por eles, para saberem qual o caminho que estão seguindo. Como os passos deles são bem mais pesados, deixam marcas que facilmente reconhecerão como não sendo nossas. Os toubobs sempre quebramos gravetos e o capim. Quando chegarem perto do lugar em que eles estiveram, descobrirão que o cheiro deles ficou impregnado. É um cheiro parecido com o de galinha molhada. Há quem diga que os toubobs irradiam um nervosismo que se pode sentir a distância. Se sentirem alguma coisa estranha, tratem de ficar quietos. — Mas não é suficiente conhecer os toubobs — afirmou Omoro.

“Muitos da nossa própria gente trabalham para eles. São traidores. Mas sem se saber quem são, não há condição de reconhecê-los. Quando estiverem no mato, portanto, não confiem em ninguém que não conheçam.

Kunta e Lamin estavam imóveis, apavorados. O pai continuou:

— Tenho de lhes contar tudo isso, para que jamais esqueçam. Precisam saber o que seus tios e eu vimos acontecer com aqueles que tinham sido roubados. É a diferença entre os escravos que nós temos e aqueles que os toubobs pegam para serem seus escravos.

Omoro disse que tinha visto as pessoas roubadas acorrentadas dentro de cercados de bambu, sob forte vigilância, ao longo da margem do rio. Quando as canoas pequenas traziam toubobs aparentemente importantes das canoas grandes, as pessoas roubadas eram arrastadas para fora dos cercados.

— As cabeças tinham sido raspadas e os corpos besuntados até estarem brilhando intensamente. Primeiro, receberam ordens de se agacharem e pularem. Depois, os toubobs importantes ordenaram que as bocas das pessoas fossem abertas à força, para poderem examinar os dentes e a garganta.

Subitamente, Omoro esticou a mão e tocou com a ponta do dedo na virilha de Kunta. No mesmo instante, Kunta pulou. Omoro disse então:

— Os fotos dos homens foram puxados e olhados. Até mesmo as partes íntimas das mulheres foram examinadas. Finalmente, os toubobs mandaram as pessoas se acocorarem novamente e encostaram ferros em brasa em suas costas e ombros. Depois, gritando e se debatendo, as pessoas foram levadas para a água, onde as canoas pequenas estavam esperando, para levá-las às canoas grandes.

“Meus irmãos e eu vimos muitos se jogarem no chão, agarrando a terra aos punhados e comendo — a, como se quisessem segurar-se, num desespero final, ao lugar em que nasceram. Mas foram todos arrastados e açoitados.

“Mesmo dentro das canoas pequenas — contou Omoro a Kunta e Lamin — algumas pessoas continuaram a lutar, enfrentando os açoites e porretes, até saltarem na água, entre peixes compridos e terríveis, coma parte de cima cinzenta, a barriga branca, as bocas curvas, cheias de dentes afiados. E a água logo tinha ficado vermelha do sangue dos que caíram das canoas.

Kunta e Lamin estavam grudados um no outro, apertando-se as mãos com toda força.

— É melhor que saibam disso agora do que sua mãe e eu termos um dia que matar um galo branco por vocês. — Omoro fez uma pausa, olhando atentamente para os filhos. — Sabem o que isso significa?

Kunta conseguiu assentir e recuperou a voz o suficiente para balbuciar:

— É quando alguém está desaparecido, Fa? — Ele já vira famílias entoando freneticamente preces a Alá, acoradas em torno de um galo branco coma garganta cortada, o sangue escorrendo, as asas batendo.

— Exatamente. Se o galo branco morre caído sobre o peito, então significa que ainda resta uma esperança. Mas se morre de costas, então não há mais qualquer esperança e toda a aldeia se junta à família nas preces a Alá.

— Fã... — A voz de Lamin, esganiçada de tanto medo, surpreendeu Kunta. — Para onde as canoas grandes levam as pessoas roubadas?

— Os anciãos dizem que vão para Jong Sang Doo, uma terra onde os escravos são vendidos para imensos canibais, chamados toubado koomi, que nos comem Nenhum homem sabe qualquer coisa mais a respeito.



Lamin ficou tão apavorado com a conversa do pai, sobre as pessoas que eram roubadas e os canibais brancos, que naquela noite despertou Kunta várias vezes, com seus pesadelos. No dia seguinte, ao trazer as cabras de volta à aldeia, Kunta decidiu que devia desviar a mente do irmão menor — e também a sua — de tais pensamentos, falando-lhe a respeito dos tios ilustres.

— Os irmãos do nosso pai são também filhos de Kairaba Kunta Kinte, em cuja homenagem fui chamado — disse Kunta, orgulhosamente. — Só que nossos tios Janneh e Saloum nasceram de Sireng.

Lamin ficou perplexo e Kunta tratou de explicar:

— Sireng foi a primeira esposa do nosso avô e morreu antes que ele casasse com a Vovó Yaisa.

Kunta arrumou alguns gravetos no chão, para indicar as diversas pessoas da família Kinte. Percebeu que Lamin ainda não estava compreendendo. Soltando um suspiro, passou a falar sobre as aventuras dos tios, que o encantaram e o emocionaram profundamente, ao ouvi-las dos pais.

— Nossos tios jamais tomaram esposas, porque sentem uma paixão muito grande por viajar. Por luas sem fim, eles viajam sob o sol e dormem sob as estrelas. Nosso pai diz que eles já estiveram no lugar em que o sol queima a areia sem fim, uma terra em que jamais cai qualquer chuva.

Em outro lugar que os tios haviam visitado, contou Kunta, as árvores eram tão grandes e copadas que era escuro como a noite dentro das florestas, mesmo durante o dia. As pessoas que moravam nesse lugar não eram mais altas do que Lamin e andavam sempre nuas como Lamin, mesmo depois que se tornavam adultas. E matavam elefantes imensos com pequenos dardos envenenados. Em outro lugar, uma terra de gigantes, Janneh e Saloum tinham visto guerreiros que podiam arremessar suas lanças de caça duas vezes mais longe do que o mais forte dos mandingas, e também dançarinos que pulavam mais alto que as cabeças deles. Os gigantes eram seis palmos mais altos que o mais alto homem de Juffure.

Antes de ir para a cama, Kunta encenou, com Lamin observando de olhos arregalados, sua história predileta, começando subitamente a pular, golpeando o ar com uma espada imaginária, como se o irmão menor fosse um dos bandidos que os tios e outros tinham de enfrentar diariamente, numa jornada de muitas luas, em que seguiam, carregados de presas de elefantes, pedras preciosas e ouro, para a grande cidade negra de Zimbabwe.

Lamin implorou que lhe contasse mais histórias, mas Kunta disse que estava na hora de dormir. Sempre que Kunta era obrigado a deitar, depois que o pai lhe contava histórias assim, ficava muito tempo acordado, como certamente aconteceria agora com Lamin, a mente trabalhando ativamente, transformando as aventuras dos tios em imagens. Às vezes, Kunta chegava a sonhar que estava viajando em companhia dos tios a todos aqueles lugares

estranhos, que estava falando com pessoas que pareciam, agiam e viviam de maneira completamente diferente dos mandingas. Bastava ouvir os nomes dos tios para que seu coração disparasse.

Alguns dias depois, os nomes dos tios chegaram a Juffure de uma maneira tão excitante que Kunta mal conseguiu controlar sua emoção. Era uma tarde quente e tranquila. Quase todos os habitantes de Juffure estavam sentados à entrada de suas cabanas ou à sombra do baobá. De repente, ouviu-se o ressoar dos tambores de comunicação, na aldeia mais perto. Como os adultos, Kunta e Lamin ficaram prestando atenção, para ouvir o que os tambores diziam. Lamin deixou escapar um ogego alto ao ouvir o nome do próprio pai. Ele ainda não tinha idade suficiente para entender o resto da mensagem, por isso Kunta sussurrou-lhe: a cinco dias de viagem, na direção de onde o sol nascia, Janneh e Saloum Kinte estavam erguendo uma nova aldeia. E o irmão deles, Omoro, estava sendo aguardado para a bênção cerimonial da nova aldeia, a ser realizada na segunda nova lua seguinte.

Os tambores cessaram de falar. Lamin tinha uma infinidade de perguntas a fazer:

— Eram os nossos tios? Onde fica o lugar? Será que nosso pai vai até lá?

Kunta não respondeu. Nem sequer ouviu direito o irmão, pois estava correndo pela aldeia na direção da cabana do jalibu. Outras pessoas já estavam reunidas ali, esperando. Finalmente Omoro apareceu, seguido por Binta, coma barriga imensa. Todos ficaram observando enquanto Omoro e ojaliba conversavam rapidamente. Omoro deu-lhe um presente. O tambor falante estava perto de uma pequena fogueira, a pele de cabra esquentando e se esticando ao máximo. As mãos do jalibu logo começaram a transmitir a resposta de Omoro: Alá querendo, ele estaria na nova aldeia dos irmãos antes da segunda nova lua.

Nos dias seguintes, Omoro não podia ir a parte alguma sem que outros aldeões o cercassem para dar-lhe parabéns e suas bênçãos à nova aldeia, que a história iria registrar como tendo sido fundada pelo clã Kinte.

Poucos dias antes da partida de Omoro, Kunta teve uma ideia tão formidável que era quase inconcebível. Seria possível que o pai o deixasse acompanhá-lo na jornada? Kunta não conseguia pensar em mais nada. Percebendo que ele andava muito quieto, o que não era normal, os outros cabreiros, inclusive Sitafa, deixaram-no em paz. Kunta andava irritado até mesmo com o irmão menor, que o adorava. Desconcertado e magoado, Lamin terminou também por se afastar dele. Kunta sabia como se estava comportando e não se sentia feliz por isso, mas não podia fazer nada.

Sabia que, de vez em quando, algum menino afortunado tinha permissão para partilhar uma jornada com o pai, um tio ou um irmão adulto. Mas sabia também que tais meninos jamais tinham sido tão jovens quanto as suas oito chuvas, à exceção dos meninos sem pais, que tinham alguns privilégios, de acordo com as leis dos antepassados. Um menino nessas condições podia acompanhar qualquer homem, que partilharia com ele tudo o que tivesse, mesmo que a jornada fosse durar várias luas. O menino tinha apenas de seguir dois passos exatamente atrás do homem, fazer tudo o que lhe fosse mandado, jamais se queixar, nunca falar, a menos que recebesse autorização.

Kunta sabia que não podia deixar que ninguém desconfiasse do que estava sonhando, especialmente a mãe. Tinha certeza de que Binta iria desaproveitar e provavelmente proibiria que tornasse a sequer mencionar o assunto. O que significaria que Omoro jamais saberia o quão desesperadamente Kunta desejava acompanhá-lo. A única esperança dele era pedir ao próprio pai... se tivesse uma oportunidade de falar-lhe a sós.

Faltavam apenas três dias para a partida de Omoro. Kunta, ainda vigilante, quase perdida de esperança, estava conduzindo as cabras para a pastagem, depois da primeira refeição, quando avistou o pai saindo da cabana de Binta. No mesmo instante, começou a manobrar as cabras para a frente e para trás, praticamente sem sair do lugar, até que Omoro se afastasse a um ponto tal em que Binta não poderia vê-lo. Largando as cabras sozinhas, porque tinha de aproveitar aquela chance, Kunta correu como uma lebre e estacou abruptamente diante do pai, ofegante. E fitou o rosto do pai, que ficou surpreso em como aparecimento inesperado de Kunta, com uma expressão suplicante. Engolindo em seco, Kunta não conseguiu recordar-se de uma só das muitas frases que ensaiara mentalmente.

Omoro contemplou o filho em silêncio por um longo tempo, antes de finalmente falar: — Acabei de dizer a sua mãe. — E afastou-se. Kunta levou alguns segundos para compreender o significado das palavras do pai.

— Aieee! — gritou o menino, sem ter consciência de que estava gritando.

Curvando-se, ele pulou como uma rã... e voltou correndo para junto de suas cabras, levando-as para a pastagem na maior rapidez possível.

Quando recuperou o fôlego o bastante para contar a seus companheiros o que acontecera, eles ficaram tão invejosos que se afastaram, desta vez por sua própria iniciativa, deixando-o sozinho.

Mas, por volta do meio-dia, os outros cabreiros não mais puderam resistir à tentação de partilhar com Kunta a emoção de uma sorte tão fabulosa. A esta altura, porém, Kunta estava calado, compreendendo que o pai ficara pensando nele desde que recebera a mensagem pelo tambor.

No dia seguinte, ao voltar correndo para a cabana da mãe, Kunta foi inesperadamente agarrado por Binta, que começou a espancá-lo, sem dizer uma só palavra. E ela batia com tanta força que Kunta teve de escapar, sem se atrever a perguntar o que fizera de errado. A atitude de Binta em relação a Omoro também mudou, de uma maneira tão brusca que deixou Kunta igualmente chocado. Até mesmo Lamin sabia que uma mulher não podia desrespeitar um homem, em nenhuma circunstância. Mas quando Omoro estava por perto, a uma distância em que poderia ouvi-la perfeitamente, Binta punha-se a murmurar sua desaprovação pela permissão concedida a Kunta para partilhar a jornada, numa ocasião em que os tambores de diferentes aldeias estavam informando regularmente novos desaparecimentos de pessoas. Ao preparar o cuscuz da primeira refeição, Binta batia com tanta força no pilão que parecia até um tambor.

No dia seguinte, quando Kunta saiu apressadamente da cabana, para evitar outra surra, Binta ordenou que Lamin ficasse e pôs-se a beijá-lo, afagá-lo, abraçá-lo, como se fosse algo que jamais fizera desde que ele era bebê. Os olhos de Lamin disseram a Kunta como se sentia constrangido por aquela situação. Mas não havia coisa alguma que qualquer um dos dois pudesse fazer.

Deixando a cabana, longe da mãe, Kunta recebeu os parabéns de praticamente todos os adultos que encontrou, por ser o menino mais jovem de Juffure que já merecera a honra de partilhar a jornada de um adulto. Modestamente, refletindo a educação que recebera de Binta, Kunta limitava-se a dizer:

— Obrigado.

Mas assim que chegou à pastagem, fora das vistas dos adultos, Kunta exibiu-se com um fardo enorme na cabeça, que trouxera especialmente para mostrar aos companheiros como sabia equilibrá-lo... e como o equilibraria na manhã seguinte, ao passar pela árvore dos viajantes, atrás do pai. O fardo caiu no chão três vezes, em outros tantos passos.

Ao voltar, pensando nas muitas coisas que desejava fazer na aldeia antes de partir, Kunta sentiu um estranho impulso de visitar a velha Nyo Boto, antes de qualquer outra coisa. Deixou as cabras no cercado e escapou da cabana de Binta o mais depressa que pôde, indo acocorar-se diante da cabana de Nyo Boto, que logo depois apareceu na entrada.

— Eu já o esperava — disse ela, convidando-o a entrar.

Como sempre acontecia quando Kunta ia visitá-la sozinho, os dois ficaram sentados em silêncio por algum tempo. Kunta sempre gostara e procurava ansiosamente a sensação que tal momento lhe proporcionava. Embora ele fosse ainda muito moço e Nyo Boto fosse muito velha, os dois sentiam-se dominados por uma grande intimidade, quando ficavam sentados assim na cabana escura, cada um imerso em seus próprios pensamentos.

— Tenho uma coisa para você — disse Nyo Boto, finalmente. Pegando uma bolsa escura de pele de boi curtida, que estava pendurada na parede, Nyo Boto tirou lá de dentro um amuleto saphie escuro, do tipo que se usava em torno da parte superior do braço. — Seu avô abençoou este amuleto, quando seu pai fez a iniciação para se tornar adulto. Foi abençoado para a iniciação do primeiro filho de Omoro, que é você mesmo. Vovó Yaisa deixou-o comigo para entregar-lhe nessa ocasião. E a iniciação é agora, quando vai fazer essa jornada com seuFa.

Kunta contemplou com um amor profundo a velha e querida avó, mas não conseguiu imaginar um jeito de dizer que o amuleto o faria sentir que Nyo Boto estaria a seu lado, não importa o quão longe pudesse afastar-se.

Na manhã seguinte, retornando das preces na mesquita, Omoro ficou esperando impacientemente que Binta terminasse de preparar o fardo que Kunta levaria na cabeça. Como Kunta estava excitado demais para conseguir dormir, passara a noite inteira ouvindo os soluços da mãe. Um momento depois, ela estava abraçando Kunta, apertando-o com tanta força que ele pôde sentir o corpo dela tremendo. Kunta compreendeu naquele momento, mais do que em qualquer outra ocasião anterior de sua vida, o quanto a mãe realmente o amava.

Kunta treinara exaustivamente com seu amigo Sitafa o que ele e o pai estavam fazendo agora. Primeiro, Omoro e depois Kunta deram dois passos além da entrada da cabana. Pararam em seguida, viraram-se e curvaram-se, recolhendo a poeira de suas primeiras pegadas e guardando-as nas sacolas de caçador, assegurando assim que elas retornariam àquele mesmo lugar.

Binta ficou observando da entrada da cabana, a soluçar, apertando Lamin contra a barriga imensa, enquanto Omoro e Kunta se afastavam. Kunta já ia virar-se, para dar uma última olhada. Mas notou que o pai não o fazia e manteve os olhos fixos à frente, recordando-se de que não era apropriado a um homem deixar transparecer suas emoções. Ao atravessarem a aldeia, as pessoas cumprimentavam-nos e sorriam. Kunta acenou para seus companheiros de kafo, que haviam retardado a saída com as cabras só para o verem partir. Kunta sabia que os companheiros compreendiam perfeitamente que não podia responder aos cumprimentos, pois falar qualquer coisa agora era tabu para ele. Eles pararam ao chegar à árvore dos viajantes. Omoro acrescentou mais duas tiras estreitas de pano às centenas que já pendiam dos galhos mais baixos, cada uma representando a prece de um viajante para que sua jornada fosse segura e abençoada.



Kunta descobriu-se quase correndo para manter a distância apropriada de dois passos atrás de Omoro. Percebeu que eram necessários quase dois dos seus passos curtos e rápidos para cada passo comprido e tranquilo do pai. Uma hora depois, a excitação de Kunta já se desvanecera quase tanto quanto o vigor de seus passos. O fardo na cabeça estava cada vez mais pesado. Um pensamento terrível ocorreu-lhe: E se ficasse tão cansado que não mais conseguisse acompanhar o ritmo do pai? Furioso, disse a si mesmo que preferia desmaiar de exaustão a permitir que isso acontecesse.

Pouco depois, Kunta avistou a árvore dos viajantes de alguma aldeia pequena. Que aldeia seria? Tinha certeza de que reconheceria o nome, se o pai lhe dissesse. Mas Omoro nada dissera nem olhara para trás desde que haviam partido de Juffure. Mais alguns minutos e Kunta viu algumas crianças nuas, do primeiro kafo, correrem ao encontro deles, como fizera tantas vezes quando era pequeno. As crianças acenavam e gritavam Quando eles chegaram mais perto, Kunta viu-as arregalando os olhos de espanto, à vista de alguém tão pequeno viajando com o pai.

- Para onde estão indo? — indagaram as crianças, cercado Kunta pelos dois lados.
- Ele é seu/a?
- Você é mandinga?
- Qual é sua aldeia?

Por mais cansado que estivesse, Kunta não pôde deixar de sentir-se maduro e importante, ignorando as crianças, assim como seu pai estava fazendo.

Perto da árvore dos viajantes, a trilha bifurcava-se, um caminho seguindo para a aldeia e outro afastando-se. Assim, uma pessoa que nada tivesse a tratar ali podia seguir em frente calmamente, sem correr o risco de ser considerada grosseira. Quando Omoro e Kunta seguiram pelo caminho que se afastava da aldeia, as crianças deixaram escapar exclamações de desapontamento. Mas os adultos sentados à sombra do baobá da aldeia limitaram-se a lançar um rápido olhar para os viajantes, pois a atenção de todos estava concentrada numgríof, que falava sobre os grandes feitos dos mandingas, conforme Kunta pôde ouvir. Haveria muitos gnbís, cantadores e músicos na nova aldeia de seus tios, pensou Kunta.

O suor começou a escorrer para os olhos de Kunta, obrigando-o a piscar repetidamente, para que parassem de arder. O sol atravessara apenas a metade do céu desde que tinham começado a andar, mas suas pernas doíam tanto e o fardo na cabeça tornara-se tão pesado que Kunta começou a pensar que não ia conseguir. O pânico se avolumava cada vez mais dentro dele quando Omoro subitamente parou e pôs seu fardo no chão, junto a um poço de água cristalina, à beira da trilha. Kunta ficou imóvel por um momento, tentando controlar as pernas trêmulas. Agarrou o fardo para depositá-lo no chão, mas ele escorregou de suas mãos e caiu ruidosamente. Ficou mortificado por saber que o pai ouvira. Mas Omoro estava de joelhos, bebendo água, sem demonstrar absolutamente que sequer estava consciente da presença do filho.

Kunta ainda não tinha percebido como estava com sede. Aproximou-se da água e tentou ajoelhar— se para beber, mas suas pernas simplesmente recusaram-se a assumir a posição. Depois de um esforço em vão, acabou deitando-se de barriga, apoiado sobre os cotovelos, conseguindo abaixar a cabeça até a água.

— Apenas um pouco. — Era a primeira vez que o pai falava desde que tinham partido de Juffure e Kunta ficou aturdido. — Engula um pouco, depois espere, beba mais um pouco.

Por algum motivo que não entendia, Kunta ficou furioso como pai. Quis falar “Está bem, Fa”, mas nenhum som saiu de sua boca. Tomou um gole de água e depois obrigou-se a esperar, apesar da vontade de beber muito mais e imediatamente. Tinha a impressão de que ia desfalecer a qualquer momento. Bebeu mais um pouco, sentou e ficou descansando. Ocorreu-lhe a ideia de que a iniciação à vida de adulto devia ser algo parecido. E de repente, ainda sentado, Kunta caiu no sono.

Ao despertar, com um estremecimento — quanto tempo se teria passado? — não avistou Omoro em parte alguma. Levantando-se de um pulo, Kunta percebeu que o fardo grande estava encostado numa árvore próxima. O que significava que o pai não deveria estar longe. Começou a olhar ao redor, descobrindo subitamente que estava com todo o corpo dolorido. Sacudiu a cabeça, espreguiçou-se.

Os músculos estavam doloridos, é verdade, mas sentia-se também com uma disposição melhor do que antes. Ajoelhou-se para beber mais um pouco e viu seu reflexo na água, um rosto estreito e preto, com os olhos arregalados, a boca grande. Kunta sorriu para si mesmo, exibindo todos os dentes. Não pôde deixar de rir. Ao levantar a cabeça... deparou com Omoro de pé a seu lado. Kunta ergueu-se bruscamente, embaraçado. Mas a atenção do pai parecia estar concentrada em outra coisa.

A sombra de algumas árvores, nenhum dos dois dizendo qualquer coisa, enquanto os macacos faziam uma algazarra infernal e os papagaios guinchavam estridentemente, comeram um pouco do pão que haviam trazido e quatro pombos do mato bem gordos, que Omoro abatera com seu arco e assara, enquanto Kunta dormia.

Ao acabarem de comer, o sol já tinha percorrido três quartos do céu. Assim, já não estava tão quente quando tornaram a amarrar os fardos, ajeitaram-nos sobre as respectivas cabeças e novamente seguiram pela trilha.

— Os toubobs trazem suas canoas a um dia de marcha daqui — comentou Omoro, depois que haviam percorrido uma boa distância. — Ainda é dia e podemos ver ao redor, mas devemos evitar o mato alto e os arbustos espessos, onde pode haver surpresas. — Os dedos de Omoro tocaram na bainha da faca, no arco e nas flechas, antes de ele acrescentar: — Esta noite devemos dormir numa aldeia.

Como estava em companhia do pai, Kunta não precisava ter medo. Mesmo assim teve um sobressalto, depois de uma vida inteira a ouvir pessoas e tambores falando sobre pessoas desaparecidas e roubadas. Ao avançarem, agora um pouco mais depressa, Kunta viu bosta de hiena na trilha, de cor esbranquiçada, já que as mandíbulas fortes das hienas partiam e comiam até ossos. A alguma distância da trilha, uma pequena manada de antílopes parou de comer à aproximação deles.

Os animais ficaram imóveis como estátuas, observando, até os humanos passarem.

— Elefantes! — disse Omoro, algum tempo depois.

Kunta viu que o mato ao redor estava pisoteado, que as árvores pequenas estavam reduzidas a tronco e galhos, que algumas das árvores maiores tinham sido desenraizadas, empurradas pelos elefantes, para poderem alcançar com as trombas as folhas dos galhos

mais altos, que eram sempre mais tenras. Como os elefantes nunca iam comer perto das aldeias e pessoas, Kunta via apenas alguns ao longo de sua vida e mesmo assim a distância. Havia muitos elefantes entre os milhares de animais da floresta que tinham corrido juntos, fazendo um barulho terrível, que mais parecia uma trovoadas, fugindo das assustadoras nuvens de fumaça preta, quando um grande incêndio irrompera na savana. Nessa ocasião, Kunta ainda era bem pequeno. Mas Alá logo mandara a chuva e o fogo não chegara a afetar Juffure nem qualquer uma das aldeias próximas.

Kunta teve a impressão de que ele e Omoro estavam entrando agora numa região inteiramente diferente daquela em que viviam. O sol mergulhando no céu iluminava arbustos mais espessos do que ele jamais vira antes. Entre as árvores familiares, havia também muitas palmeiras e cactos estranhos. Além das moscas que zumbiam incessantemente, as únicas coisas que voavam não eram os lindos papagaios e outros pássaros que guinchavam e cantavam em torno de Juffure, mas gaviões à procura de uma presa, abutres à procura de carniça.

A bola alaranjada que era o sol estava quase chegando à terra quando Omoro e Kunta avistaram a fumaça subindo de uma aldeia à frente. Ao alcançarem a árvore dos viajantes, até mesmo Kunta pôde perceber que havia alguma coisa que não estava certa. Bem poucas tiras com preces pendiam dos galhos, indicando que eram poucos os habitantes daquela aldeia que já se tinham afastado de lá, e que a maioria dos viajantes das outras aldeias preferiam a trilha que a contornava. E nenhuma criança se aproximou correndo para recebê-los.

Ao passarem pelo baobá da aldeia, Kunta viu que estava parcialmente queimado. Mais da metade das cabanas estava vazia, havia lixo por toda parte, coelhos corriam livremente de um lado para outro, pássaros se banhavam na terra. O povo da aldeia, a maioria recostada ou deitada à entrada das cabanas, era quase todo de velhos ou doentes. Uns poucos bebês chorando pareciam ser as únicas crianças. Kunta não viu ninguém de sua idade, nem tampouco um homem como Omoro.

Vários velhos encarquilhados receberam os viajantes. O mais velho, apoiando-se num bastão, ordenou a uma mulher sem dentes que fosse buscar água e cuscuz para os viajantes. Talvez ela seja uma escrava, pensou Kunta. Depois, os velhos começaram a interromper um ao outro, na pressa de explicar o que acontecera com a aldeia. Caçadores de escravos tinham aparecido uma noite e matado ou capturado todos os mais jovens, “desde os que tinham as suas chuvas até os que eram do tamanho dele!”, esclareceu um dos velhos, apontando para Omoro e depois para Kunta.

— Nós, velhos, fomos poupados. Fugimos para a floresta.

A aldeia abandonada começara a desmoronar, antes que voltassem. Ainda não tinham colheitas, não lhes restava muita comida nem forças.

— Vamos acabar morrendo, sem os nossos jovens — disse um dos velhos.

Omoro tinha escutado tudo atentamente. Quando finalmente falou, a voz era firme e serena:

— A aldeia dos meus irmãos, que fica a quatro dias de distância, irá recebê-los com satisfação, avós.

Mas todos se puseram a sacudir a cabeça e o mais velho declarou:

— Esta é a nossa aldeia. Nenhum outro poço tem uma água tão gostosa. Nenhuma outra sombra de árvore é tão agradável. Nenhuma outra cozinha cheira tão bem quanto as das nossas mulheres.

Os velhos pediram desculpas por não terem uma cabana da hospitalidade a oferecer.

Omoru assegurou-lhes de que ele e o filho gostavam de dormir sob as estrelas. Naquela noite, depois de uma refeição frugal do pão que traziam, partilhado com os aldeões, Kunta deitou-se sobre uma cama improvisada de galhos verdes e ficou pensando em tudo o que ouvira. E se tivesse acontecido em Juffure, com todas as pessoas que ele conhecia mortas ou levadas? Omoru, Binta, Lamin e ele próprio também, o baobá queimado, o lixo por toda parte... Kunta fez um esforço para pensar em outra coisa.

E, subitamente, na escuridão, ouviu os gritos de alguma criatura da floresta, apanhada por um animal feroz. Não pôde deixar de pensar em pessoas agarrando outras pessoas. A distância, podia ouvir também os uivos das hienas. Mas em todas as estações, das chuvas ou da seca, da fome ou da colheita, sempre ouvira, em todas as noites de sua vida, as hienas uivando em algum lugar. Naquela noite, descobriu que os gritos familiares eram quase confortadores, ao finalmente adormecer.



Kunta acordou à primeira claridade da madrugada, levantando-se de um pulo. A seu lado, estava parada uma velha estranha, indagando, em voz estridente, o que acontecera com a comida que ela o mandara buscar, há mais de duas luas. Por trás de Kunta, Omoro disse gentilmente:

— Gostaríamos de poder dizer-lhe, Vovó.

Ao saírem apressadamente da aldeia, depois de se lavar e comer, Kunta recordou-se de uma velha de Juffure, que cambaleava por toda a aldeia, olhando fixamente para o rosto de cada pessoa e dizendo alegremente:

— Minha filha chega amanhã!

Todos sabiam que a filha desaparecera muitas chuvas atrás e o galo branco morrera de costas.

Mas aqueles a quem a velha detinha concordavam gentilmente:

— É, sim, Vovó... amanhã.

Antes que o sol estivesse muito alto, viram à frente deles um vulto solitário aproximando-se pela trilha. No dia anterior, tinham cruzado com dois ou três viajantes, limitando-se a trocarem sorrisos e cumprimentos. Mas o velho que agora se aproximava deixou claro que desejava conversar. Apontando na direção da qual vinha, ele disse:

— Pode encontrar umtoubob. — Por trás de Omoro, Kunta quase parou de respirar. — Ele tem muitas pessoas carregando seus fardos.

O velho informou de que o toubob vira-o e detivera-o, mas apenas para tentar descobrir onde o rio começava.

— Eu disse que o rio começa no ponto mais longe do lugar em que termina.

— Está querendo dizer que ele não lhe fez mal algum? — indagou Omoro.

— Foi até muito amistoso. Mas o gato sempre brinca com o rato que vai comer.

— Lá isso é verdade!

Kunta sentiu vontade de interrogar o pai a respeito daquele estranho toubob, que procurava por rios ao invés de pessoas. Mas Omoro já se despedira do velho e seguia rapidamente pela trilha, sem olhar para trás, como sempre, a fim de verificar se o filho o estava acompanhando. Desta vez, Kunta ficou satisfeito pelo fato de Omoro não ter olhado, pois teria visto o filho a segurar o fardo sobre a cabeça com as duas mãos e a correr com dificuldade para alcançá-lo. Os pés de Kunta tinham começado a sangrar, mas ele sabia que era desonroso sequer dar alguma importância a isso, muito menos mencionar o fato ao pai.

Mais tarde, nesse mesmo dia, Kunta conseguiu de alguma forma dominar seu terror, quando dobraram uma curva da trilha e depararam com uma família de leões, um macho imenso, a fêmeia muito bonita e dois filhotes já crescidos. Os animais estavam deitados numa campina, a pouca distância da trilha. Para Kunta, leões eram animais terríveis e traiçoeiros, capazes de matar com a maior facilidade uma cabra que um menino deixasse

desgarrar-se.

Omoro diminuiu o passo. Sem tirar os olhos dos leões, disse calmamente, como se sentisse o medo do filho:

— Os leões não caçam nem comem a esta hora do dia, a menos que estejam famintos. E esses estão bem gordos.

Mesmo assim, Omoro manteve a mão perto do arco e da aljava de flechas, enquanto passavam. Kunta prendeu a respiração, mas continuou em frente, olhando para os leões, que também o fitavam, curiosos.

Kunta teria continuado a pensar nos leões e também no toubob, que se encontrava em algum lugar da região, se suas pernas não doessem tanto. Quando a noite chegou, ele teria ignorado até vinte leões, mesmo que estivessem procurando comida no local que Omoro escolheu para passarem a noite. Deitou-se na cama de folhas e dormiu imediatamente. Teve a impressão de que apenas uns poucos minutos se haviam passado quando o pai despertou-o, sacudindo-o, ao amanhecer. Embora estivesse com a sensação de que não dormira nem um pouco, Kunta ficou observando, com uma admiração que não se dava ao trabalho de disfarçar, a maneira hábil como Omoro esfolava, limpava e assava a primeira refeição deles, duas lebres que apanhara em armadilhas preparadas antes de dormirem Acororado, comendo a carne saborosa, Kunta pensou como ele e seus companheiros levavam muitas horas para apanhar e cozinhar alguns pequenos animais. Era espantoso como o pai e os outros homens encontravam tempo para saber tanta coisa, aparentemente a respeito de tudo o que havia para se saber.

Os pés de Kunta estavam cheios de bolhas. As pernas, as costas e o pescoço começaram a doer novamente, assim que iniciou aquele terceiro dia pela trilha. Todo seu corpo doía. Mas ele imaginou que estava fazendo sua iniciação para a vida adulta e seria o último de seu kafo a manifestar a dor que estava sentindo. Ao pisar num espinho pouco antes da metade do dia, mordeu o lábio bravamente para não gritar. Mas começou a coxear e foi ficando tão para trás que Omoro decidiu deixá-lo descansar por alguns minutos, ao lado da trilha, onde acabaram comendo a refeição da tarde. A pasta que o pai esfregou no ferimento fê-lo sentir-se melhor. Mas assim que recomeçaram a andar, o ferimento tornou a doer... e a sangrar bastante. Mas não se passou muito tempo para que o ferimento ficasse cheio de terra e parasse assim de sangrar. O caminhar constante deixou-lhe o pé dormente e atenuou a dor, permitindo-lhe acompanhar o pai no mesmo ritmo. Não podia ter certeza, mas tinha a impressão de que, além disso, Omoro diminuía um pouco a velocidade. A região em torno do ferimento estava inchada e com um aspecto horrível, quando pararam naquela noite. Mas Omoro aplicou uma cataplasma e, pela manhã, o aspecto já era melhor. E Kunta podia pisar sem sentir muita dor.

Ao partirem no dia seguinte, Kunta notou aliviado que já tinham deixado para trás a região de espinheiros e cactos, pela qual vinham viajando. Estavam agora entrando numa savana, parecida com a região em torno de Juffure. Havia ainda mais árvores e plantas em flor, mais macacos a fazerem um ruído terrível, mais pássaros de todas as cores, como Kunta jamais vira antes. Aspirando o ar fragrante, Kunta recordou-se das ocasiões em que levara o irmão menor para pegar caranguejos no bolong. Ele e Lamin ficavam esperando e acenavam para a mãe e as outras mulheres, quando elas voltavam de canoa para a aldeia, depois de trabalhar nos arrozais.

Ao chegar a uma árvore dos viajantes, Omoro sempre seguia pela trilha que contornava a aldeia. As crianças do primeiro kafo de cada aldeia sempre corriam para recebê-los, informando aos forasteiros quais as notícias locais mais importantes. Numa das

aldeias, os pequenos mensageiros aproximaram-se gritando:

— Mumbo jumbo! Mumbo jumbo!

Considerando que já tinham cumprido sua missão, as crianças voltaram correndo para a aldeia. A trilha que contornava a aldeia passava perto o bastante para que Omoro e Kunta pudessem ver um vulto fantasiado e mascarado, brandindo uma vareta sobre as costas nuas de uma mulher, que gritava desesperadamente, segura por várias outras. Todas as mulheres que assistiam à cena também gritavam, a cada golpe da vara. Pelas conversas com os outros cabreiros, Kunta sabia que um marido, quando irritado demais com uma esposa que discutia por qualquer coisa, costumava ir até outra aldeia e contratava um mumbo jumbo. Escondido, o mumbo jumbo passava algum tempo a soltar gritos pavorosos, antes de finalmente aparecer e castigar publicamente a esposa. Depois disso, todas as mulheres da aldeia passavam a comportar-se muito bem, pelo menos durante algum tempo.

Numa árvore dos viajantes, não apareceu nenhuma criança para receber os Kintes. Também não se via ninguém e não se ouvia o menor ruído na aldeia silenciosa, a não ser o barulho dos macacos e dos pássaros. Kunta perguntou-se se os caçadores de escravos não teriam por acaso aparecido ali também. Ficou esperando em vão que Omoro explicasse o mistério, mas só foi descobrir o que acontecera por intermédio das crianças da aldeia seguinte. Apontando para a trilha, as crianças disseram que o chefe da aldeia anterior insistia em fazer coisas de que sua gente não gostava. Até que uma noite, não muito tempo atrás, quando ele estava dormindo, todos tinham partido em silêncio, levando seus pertences para as cabanas de amigos e parentes, em outras aldeias, deixando para trás um “chefe vazio”. Agora, o chefe estava prometendo a todos que se comportaria melhor, se sua gente voltasse.

Como a noite se aproximava rapidamente, Omoro decidiu entrar naquela aldeia. A multidão sob o baobá estava excitada, comentando o acontecimento. A maioria achava que os vizinhos retornariam à aldeia dentro de alguns dias, depois de ensinarem a lição ao chefe. Enquanto Kunta comia uma mistura de arroz com amendoim, Omoro foi procurar ojaliba da aldeia e acertou o envio de uma mensagem pelos tambores para seus irmãos. Disselhes que o esperassem ao cair do sol do dia seguinte e que estava viajando em companhia do primeiro filho.

Kunta sonhara muitas vezes em ouvir seu nome sendo transmitido pelos tambores. Agora, o sonho se transformava em realidade. Jamais iria esquecer. Mais tarde, na cama de bambu da cabana da hospitalidade, apesar de exausto, Kunta ficou acordado por muito tempo, pensando nos outros jalibas, debruçados sobre seus tambores, transmitindo o nome dele de aldeia para aldeia, até a nova aldeia fundada por Janneh e Saloum.

No dia seguinte, depois da fala dos tambores, em cada árvore dos viajantes não havia apenas as habituais crianças nuas, mas também alguns anciãos e músicos. Omoro não podia recusar a solicitação de um ancião para conceder à aldeia a honra de uma visita, por mais breve que fosse. Os Kintes lavavam-se em cada cabana da hospitalidade e depois comiam e bebiam à sombra do baobá e da paineira. Os adultos reuniam-se em torno de Omoro para fazerem perguntas, enquanto os meninos do primeiro, segundo o terceiro kafos cercavam Kunta.

Os meninos do primeiro kafo olhavam para Kunta em silêncio, intimidados. Os que tinham as mesmas chuvas que ele ou eram mais velhos mostravam-se visivelmente invejosos, fazendo-lhe perguntas respeitadas sobre sua aldeia natal e o lugar para onde estava indo. Kunta respondia solenemente, esperando estar demonstrando a mesma dignidade que Omoro. Ao partirem, Kunta tinha certeza de que os aldeões achavam que ele

era um menino que passara a maior parte de sua vida a viajar como pai pelas longas trilhas de Gâmbia.



Tinham demorado tanto na última aldeia que agora teriam de andar muito depressa para chegarem a seu destino ao pôr-do-sol, como Omoro prometera a seus irmãos. Embora suasse profusamente e sentisse o corpo todo doído, Kunta descobriu que tinha maior facilidade que antes em equilibrar o fardo na cabeça. Sentia também um novo impulso de energia a cada vez que as mensagens dos tambores espalhavam-se pelo ar, falando da chegada à aldeia à frente de griots, jalibas, anciãos e outras pessoas importantes, representando muitas aldeias distantes, como Karantaba, Kootacunda, Pisanía e Jonkakonda, sobre a maioria das quais Kunta jamais ouvira falar. Um griot do Reino de Wooli já tinha chegado, diziam os tambores. Havia até mesmo um príncipe, enviado por seu pai, o Rei de Barra. Ao avançar rapidamente pela trilha, os pés feridos pisando na terra quente, Kunta se espantava ao descobrir como seus tios eram famosos e populares. Dali a pouco ele estava quase correndo, não apenas para conseguir acompanhar as passadas cada vez mais rápidas de Omoro, mas também porque aquelas horas finais pareciam arrastar-se interminavelmente.

Finalmente, quando o sol começava a ficar vermelho no horizonte a oeste, Kunta avistou a fumaça a se erguer de uma aldeia não muito distante. O padrão da fumaça, circular, bem larga, informou a Kunta de que estavam queimando cascas secas de baobá, para afastar os mosquitos. Isso significava que a aldeia estava recebendo visitantes importantes. Kunta sentiu vontade de gritar de alegria. Não demorou muito para que ouvisse o troar do grande tambor tobaló cerimonial. Calculou que o tambor era tocado para saudar cada novo visitante que cruzava o portão da aldeia. Podia ouvir também o ressoar dos tambores tan-tang menores e os gritos dos dançarinos. Logo depois de uma curva da trilha, Kunta deparou com a aldeia. Ao lado de uma moita espessa, estava parado um homem. Ao avistá-los, começou a apontar e acenar, como se tivesse sido postado ali para aguardar a chegada de um homem e um menino. Omoro acenou para o homem, que imediatamente acorrou-se por trás de seu tambor e comunicou: “Omoro Kinte e seu primeiro filho...”

Kunta mal sentia os pés tocarem no chão. A árvore dos viajantes estava engalanada com incontáveis tiras de pano. A trilha, originalmente para uma pessoa de cada vez, estava agora alargada por muitos pés, sinal de que se tratava de uma aldeia grande e movimentada. O ressoar dos tan-tangs foi-se tornando cada vez mais alto. Subitamente, os dançarinos apareceram, grunhindo e gritando, em suas fantasias de folhas e cascas de árvore, pulando, rodopiando, batendo com os pés no chão, saindo pelo portão da aldeia à frente de todos os outros, para receberem os ilustres visitantes. O tobaló da aldeia começou a soar quando dois homens atravessaram rapidamente a multidão. Omoro largou o fardo no chão e saiu correndo na direção deles. Antes de sequer compreender o que estava acontecendo, Kunta largou também seu fardo e correu atrás do pai.

Os dois homens e o pai dele estavam-se abraçando e se empurrando afetuosamente.

— É esse o nosso sobrinho?

Os dois homens levantaram Kunta e abraçaram-no, em meio a exclamações de alegria. A multidão encaminhou-se de volta à aldeia, todos gritando cumprimentos. Mas Kunta estava totalmente concentrado nos tios. Pareciam-se com Omoro, mas eram um pouco mais baixos, mais corpulentos e mais musculosos. Os olhos do tio mais velho, Janneh, volta e meia ficavam semicerrados, dando a impressão de olhar para algo muito longe. Os dois homens moviam-se com uma rapidez e agilidade quase animais. Falavam também muito mais depressa do que o pai, fazendo-lhe perguntas a respeito de Juffure e de Binta.

Finalmente, Saloum bateu com o punho na cabeça de Kunta e disse:

— Não nos encontramos desde que ele recebeu seu nome. E agora olhem só para ele!

Quantas chuvas tem, Kunta?

— Oito, senhor — respondeu Kunta, polidamente.

— Mas está quase pronto para se tornar um adulto!

Em torno da cerca alta de bambu estavam empilhados espinheiros secos, no meio dos quais ficavam ocultas estacas pontudas, contra animais ou homens que se arrissem a um ataque. Mas Kunta não estava reparando em tais coisas e olhava apenas pelo canto dos olhos os poucos meninos de sua idade. Também não prestava atenção à algazarra dos macacos e papagaios nas árvores ou aos latidos dos cachorros wuolos. Os tios levaram-nos a conhecerem a nova aldeia. Cada cabana tinha seu próprio quintal particular, disse Saloum. A despensa de cada mulher estava montada diretamente acima da fogueira de cozinhar, para que a fumaça afastasse os insetos.

Kunta estava quase tonto de tanto virar a cabeça de um lado para outro, atraído pelas cenas, ruídos e cheiros excitantes. Era ao mesmo tempo fascinante e desconcertante ouvir tantas pessoas falando em dialetos mandingas que ele não podia compreender, a não ser por uma ou outra palavra. Como todos os mandingas, exceto os que eram sábios como o arafang, Kunta não conhecia coisa alguma da língua das outras tribos, nem mesmo das mais próximas. Mas passara bastante tempo nas proximidades da árvore dos viajantes para saber a que tribo pertencia cada homem. Os fuis as tinham o rosto oval, cabelos mais compridos, lábios mais finos, com cicatrizes verticais nas têmporas. Os wolofs eram muito pretos e reservados. Os serahulis tinham a pele mais clara e eram mais baixos. Não havia como deixar de reconhecer os jóias, pois cobriam o corpo inteiro de cicatrizes e pareciam estar permanentemente com uma expressão feroz.

Kunta reconheceu pessoas de todas essas tribos na nova aldeia, além de muitas outras que não pôde identificar. Alguns barganhavam aos gritos com mercadores. As mulheres mais velhas regateavam por peles curtidas, as mais moças por perucas de sisal e baobá. Os gritos de “Kola! Kola!” atraíam aqueles cujos poucos dentes restantes estavam alaranjados, de mastigarem as castanhas.

Por entre empurrões e pancadinhas amistosas, Omoro foi apresentado a uma sucessão interminável de aldeões e pessoas importantes, de lugares distantes. Kunta ficou impressionado pela facilidade com que os tios falavam as línguas mais estranhas. Deixando-se levar pela multidão, sabendo que poderia reencontrar o pai e os tios no momento em que assim desejasse, Kunta logo descobriu-se entre os músicos, que estavam tocando para todos os que sentissem vontade de dançar. Depois, experimentou um pouco de carne de antílope e guisado de amendoim, preparados pelas mulheres da aldeia e colocados em mesas à sombra do baobá, para quem quer que quisesse comer. A comida não era ruim, pensou Kunta, mas também não era saborosa como os pratos suculentos que as mães de Juffure preparavam no festival da colheita.

Avistando algumas mulheres junto ao poço, conversando animadamente, Kunta aproximou-se, os ouvidos tão atentos quanto os olhos. As mulheres falavam sobre um grande marabu que estaria apenas a meio dia de viagem de distância, pela trilha, vindo com seu séquito para homenagear a nova aldeia, já que fora fundada pelos filhos do falecido homem santo Kairaba Kunta Kinte. Ao ouvir o nome de seu avô, pronunciado com o maior respeito, Kunta ficou emocionado. Sem ser reconhecido pelas mulheres, ouviu-as em seguida conversarem sobre seus tios. Estava na hora de eles viajarem menos e assentarem, terem esposas e filhos, disse uma mulher. Outra comentou:

— O único problema que eles vão ter será o de escolher entre as muitas donzelas que estão ansiosas em tornarem-se suas esposas.

Já estava quase escuro quando Kunta, sentindo-se meio constrangido, finalmente aproximou-se de alguns meninos da sua idade. Mas os meninos aparentemente não se importavam que ele tivesse ficado no meio dos adultos até aquele momento. Contaram a Kunta como havia surgido a nova aldeia.

— Todas as nossas famílias tornaram-se amigas dos seus tios, durante as viagens deles — disse um menino.

E todas estavam insatisfeitas com as vidas em suas respectivas aldeias, por um motivo ou outro.

— Meu avô não tinha espaço suficiente para toda a sua família e para que as famílias dos seus filhos vivessem perto dele — disse outro menino.

— Nosso bolong não dava um bom arroz — falou um terceiro.

Os tios começaram a dizer aos amigos que conheciam um lugar ideal onde estavam pensando em construir uma aldeia. E não havia demorado muito para que as famílias dos amigos de Janneh e Saloum se pusessem a caminho, com suas cabras, galinhas, cachorros, tapetes de oração e outros bens.

Assim que escureceu, Kunta ficou observando as fogueiras da nova aldeia serem acesas, com os gravetos e galhos que seus novos amigos tinham trazido naquele dia. Porque a ocasião era de festa, todos os aldeões e visitantes iriam sentar-se misturados em torno das diversas fogueiras, esquecendo— se do costume tradicional, que determinava que os homens, mulheres e crianças deveriam sentar-se em torno de fogueiras separadas. O alimamo abençoaria a reunião, disséramos meninos, e depois Janneh e Saloum ficariam no meio do círculo, para contarem suas viagens e aventuras. Junto deles estaria o mais velho dos visitantes, um ancião da distante Fulladu, que ficava rio acima. Dizia-se que o ancião tinha mais de cem chuvas e iria partilhar sua sabedoria com todos aqueles que tivessem ouvidos para escutá-lo.

Kunta foi juntar-se ao pai ao lado da fogueira, a tempo de ouvir a prece do alimamo. Terminada a prece, ninguém disse nada por um longo tempo. Podiam-se ouvir perfeitamente os grilos e o estalar da lenha. As chamas projetavam sombras dançantes sobre os rostos da multidão. Finalmente, o ancião de mais de cem chuvas levantou-se e disse:

— Centenas de chuvas antes das minhas recordações mais antigas, chegou ao outro lado das grandes águas a notícia de que existia uma montanha de ouro na África. E foi isso o que trouxe os toubobs à África! Não existia nenhuma montanha de ouro — disse ele — mas encontrou-se ouro em abundância em poços escavados no norte da Guiné e depois nas florestas de Gana.

“Os toubobs nunca foram informados de onde o ouro vinha, pois o que um toubob sabe, os outros logo sabem também.

Janneh começou então a falar. Quase tão precioso quanto o ouro, em muitos lugares,

era o sal. Ele e Saloum tinham visto pessoalmente ouro e sal serem trocados em pesos iguais. O sal era encontrado em blocos sob certas areias distantes. Determinadas águas, em outros lugares, deixavam uma papa de sal ao secarem — Existiu outrora uma cidade de sal — disse o ancião. — Foi a cidade de Taghaza, cujos habitantes construía suas casas e mesquitas com blocos de sal.

Uma velha, que fez Kunta lembrar-se da Vovó Nyo Boto, atreveu-se a interromper, pedindo:

— Falem de novo sobre os estranhos animais com corcundas.

Uma hiena uivou. As pessoas se inclinaram para a frente, expectantes, iluminadas pelas chamas. Foi a vez de Saloum falar:

— Esses animais são chamados camelos e vivem num lugar de areias sem fim. Encontram o caminho pelo sol, as estrelas e o vento. Janneh e eu andamos nesses animais durante três luas seguidas, parando apenas algumas vezes para tomar água.

— Sem falar nas paradas para lutarmos contra os bandidos! — comentou Janneh.

— Certa ocasião, viajamos numa caravana que tinha 12 mil camelos — continuou Saloum — Na verdade, eram muitas caravanas menores, viajando juntas para melhor se defenderem dos bandidos.

Kunta reparou que, enquanto Saloum falava, Janneh estava desenrolando um pedaço grande de pele curtida. O ancião fez um gesto impaciente para dois jovens, que imediatamente trataram de jogar mais lenha na fogueira. Ao clarão mais forte, Kunta e os outros podiam seguir o dedo de Janneh a deslocar-se por um desenho de aspecto estranho.

— Isto é a África — disse ele.

O dedo indicou o que Janneh informou ser “a grande água a oeste”, deslocando-se depois para “o grande deserto de areia”, um lugar muitas vezes maior que Gâmbia, que ele indicou na metade do desenho, à esquerda.

— Os navios toubobs trazem porcelana, especiarias, panos, cavalos e incontáveis outras coisas fabricadas pelo homem para a costa norte da África — disse Saloum. — Depois, camelos e mulas levam essas mercadorias para o interior, a lugares como Sijilmassa, Ghadames e Marrakech.

O dedo de Janneh ia indicando onde ficavam essas cidades. Saloum continuou:

— Esta noite, enquanto estamos sentados aqui, há muitos homens atravessando florestas profundas com pesados fardos, levando as coisas africanas, como marfim, peles, tâmaras, kola, algodão, cobre, pedras preciosas, para os navios dos toubobs.

Kunta estava aturdido com tantas histórias e prometeu silenciosamente a si mesmo que algum dia iria conhecer todos aqueles lugares.

“Omarabu!”

De sua posição na trilha, o tambor de vigia transmitiu a notícia. Rapidamente, formouse um grupo para ir recebê-lo: Janneh e Saloum, como os fundadores da aldeia; depois o Conselho dos Anciãos, o alimamo e o arafang; em seguida os representantes das outras aldeias, inclusive Omoro; Kunta ficou entre os meninos de sua idade. Os músicos seguiram na frente do grupo para a árvore dos viajantes, calculando seu avanço para chegarem lá ao mesmo tempo que o homem santo. Kunta ficou olhando atentamente para o velho muito preto, de barba branca, à frente de seu séquito, numeroso e cansado. Homens, mulheres e crianças carregavam imensos fardos na cabeça. Só não carregavam nada os homens que conduziam o gado. Kunta calculou que devia haver mais de cem cabras.

Em gestos rápidos, o homem santo abençoou o grupo que viera recebê-lo e que ficara

de joelhos. Depois, abençoou especialmente Janneh e Saloum. Omoro foi apresentado por Janneh. Saloum chamou Kunta, que se adiantou correndo.

— Este é o meu primeiro filho — disse Omoro. — Tem o nome do seu santo avô.

O marabu disse algumas palavras em árabe para Kunta, que não entendeu nada, a não ser o nome de seu avô. Sentiu que os dedos do homem santo tocavam em sua cabeça, tão de leve quanto as asas de uma borboleta. Depois, Kunta saiu correndo de volta a seu lugar, junto com os outros meninos, enquanto o marabu ia conversar com os outros homens, como se fosse uma pessoa comum. Os meninos do grupo de Kunta se adiantaram, olhando para a longa fileira de esposas, filhos, discípulos e escravos, estes na retaguarda.

As esposas e filhos do marabu retiraram-se rapidamente para as cabanas de hospitalidade. Os discípulos, sentando no chão, abriram seus fardos e tiraram livros e manuscritos, pertencentes a seu mestre, o homem santo, pondo-se a ler em voz alta para os que se reuniam ao redor a fim de escutá-los. Kunta percebeu que os escravos não entraram na aldeia junto com os outros. Ficaram do lado de fora da cerca, acorados perto do lugar em que tinham prendido o gado. Eram os primeiros escravos que Kunta conhecia que se mantinham afastados das outras pessoas.

O homem santo mal podia mexer-se, de tantas pessoas ajoelhadas a seu redor. Os habitantes da aldeia e visitantes ilustres comprimiam as testas contra a terra, suplicando-lhe que ouvisse suas queixas. Alguns fizeram menção de tocar nas roupas do marabu. Outros imploraram-lhe que fosse visitar suas aldeias, promovendo os serviços religiosos, há muito negligenciados. Alguns pediram decisões legais, já que a lei e a religião são companheiras sob o Islam. Pais pediam-lhe que desse nomes significativos para seus filhos recém-nascidos. As pessoas de aldeias sem um arafang perguntavam se seus filhos podiam ser ensinados por um dos discípulos.

Naquele momento, os discípulos estavam ocupados em vender pequenos quadrados de pele de cabra curtida. Os compradores estendiam esses pedaços de pele para o marabu, a fim de que ele fizesse sua] marca neles. Um pedaço de pele assim abençoado, costurado dentro de um amuleto saphie como o que Kunta usava no braço, assegurava à pessoa uma proximidade constante com Alá. Kunta comprou também um pedaço de pele de cabra, com as duas conchas de cowrie que trouxera de j Juffure, juntando-se à multidão que cercava o marabu.

Ocorreu subitamente a Kunta que seu avô devia ter sido como aquele homem santo, que tinha o poder, através de Alá, de trazer a chuva para salvar uma aldeia faminta, como Kairaba Kunta Kinte fizera com Juffure. Era o que suas queridas avós Yaisa e Nyo Boto haviam-lhe contado, desde que tivera idade suficiente para compreender. Mas somente agora, pela primeira vez, é que ele estava realmente compreendendo a grandeza do avô... e do Islam. Somente uma pessoa, decidiu Kunta, iria saber que ele gastara as suas duas preciosas cowries para comprar aquele quadrado de pele de cabra, que estava agora aguardando a marca do homem santo. Ia entregar o pedaço de pele à velha Nyo Boto, pedindo-lhe que o guardasse até chegar o momento de costurá-lo num amuleto saphie para o braço de seu primeiro filho homem.



O kafo de Kunta, com inveja da viagem dele e prevendo que voltaria a Juffure a se gabar, decidira, sem que ninguém chegasse a dizê-lo objetivamente, não demonstrar o menor interesse pelas aventuras que teria] para contar. E foi o que fizeram, sem pensar na desolação de Kunta ao voltar para Juffure e descobrir que seus companheiros não apenas comportavam-se como se ele não tivesse viajado, mas também paravam de conversar abruptamente, quando se aproximava. O próprio Sitafa, o amigo mais querido de Kunta, mostrava-se ainda mais indiferente do que os outros. Kunta ficou tão perturbado que mal pensou no seu novo irmão, tSuwadu, que nascera enquanto estava viajando com Omoro.

Um dia, enquanto as cabras pastavam, Kunta finalmente decidiu ignorar a crueldade dos companheiros e tentar endireitar a situação. Aproximando-se dos outros meninos, que estavam afastados dele, comendo os almoços trazidos da aldeia, sentou-se e começou a falar: — Gostaria de que todos vocês pudessem ter ido junto comigo. E sem esperar pela reação deles, começou a contar toda a história da viagem.

Disse quão árduos tinham sido os dias de caminhada, como seus músculos haviam doído, o medo que sentira ao passar pelos leões. Descreveu as diversas aldeias por que tinha passado, as pessoas que lá viviam. Enquanto ele falava, um dos meninos afastou-se para reunir suas cabras, que começavam a se dispersar. Ao voltar, sentou mais perto de Kunta, parecendo não o notar. As palavras de Kunta logo eram acompanhadas por grunhidos e exclamações dos outros. No momento em que Kunta ia falar da chegada à aldeia nova fundada pelos tios, já estava na hora de levar as cabras de volta.

Na manhã seguinte, no pátio em que funcionava a escola, todos os meninos tiveram que se controlar ao máximo para não deixarem o arafang perceber como estavam ansiosos em irem embora. Finalmente na pastagem com as cabras, todos se reuniram em torno de Kunta, que se pôs a falar sobre as pessoas de diversas tribos e línguas que se integravam na aldeia dos tios. Estava no meio de uma das histórias sobre lugares distantes, contadas por Jannah e Saloum, com os outros meninos ouvindo extasiados, quando a quietude da pastagem foi rompida pelos latidos furiosos de um cachorro wuolo e pelo grito estridente e aterrorizado de uma cabra.

Levantando-se rapidamente, os meninos viram, à beira da pastagem, uma imensa pantera amarelada largando a cabra que tinha presa entre as mandíbulas e investindo contra dois cachorros wuolôs. Os meninos ainda estavam imóveis, aturdidos e apavorados demais para se mexer, quando um dos cachorros foi atirado para longe pela pata da pantera. O outro cachorro saltava furiosamente, para a frente e para trás. A pantera agachou-se para dar o bote, os rosnados horríveis abafando os latidos frenéticos dos outros cachorros e os gritos das cabras, que disparavam em todas as direções.

Os meninos prontamente se dispersaram, gritando e correndo, a maioria tentando cercar as cabras. Mas Kunta avançou sem pensar na direção da cabra de seu pai morta pela pantera.

— Pare, Kunta! Não faça isso! — gritou Sitafa, tentando impedir o amigo de correr entre os cachorros e a pantera.

Mas ele não conseguiu alcançar Kunta. A pantera, ao ver os dois meninos gritando e correndo em sua direção, recuou alguns passos, depois virou-se e fugiu para a floresta, perseguida pelos cachorros furiosos.

O fedor da pantera e a cabra mutilada deixaram Kunta abalado. O sangue escuro escorria pelo pescoço retorcido da cabra, a língua estava pendurada, os olhos revirados e, o que era mais horrível, a barriga estava aberta de um lado a outro. Kunta pôde ver lá dentro o filhote por nascer. E lá perto, o cachorro wuolo atingido pela pantera estava ganhando de dor, tentando arrastar-se na direção de Kunta. Com uma náusea incontrolável, Kunta vomitou, virando-se em seguida, muito pálido, e olhando para o rosto angustiado de Sitafa.

Vagamente, por entre as lágrimas, percebeu que alguns dos outros meninos o cercavam, olhando para o cachorro ferido e para a cabra morta. Depois, lentamente, todos se afastaram... todos, menos Sitafa, que passou o braço pelos ombros de Kunta. Nenhum dos dois disse nada, mas ambos pensavam na mesma coisa: Como ele iria dar a notícia ao pai? De alguma maneira, Kunta conseguiu recuperar a voz e pediu a Sitafa:

— Pode ficar tomando conta das minhas cabras? Tenho de levar a pele para meu pai.

Sitafa foi falar com os outros meninos. Dois deles foram pegar o cachorro ferido. Kunta fez um gesto para Sitafa, pedindo-lhe que se afastasse, junto com os outros. Ajoelhando-se junto à cabra morta, com a faca na mão, Kunta cortou e puxou, cortou novamente, como já vira o pai fazer, até que finalmente conseguiu arrancar toda a pele. Depois de cobrir a carcaça da cabra morta e do filhote por nascer com um pouco de mato, ele partiu para a aldeia, levando a pele. Já esquecera antes, uma vez, de vigiar as cabras e prometera a si mesmo que jamais tornaria a acontecer. Mas acontecera novamente e desta vez fora morta uma cabra que estava prenhe.

Desesperadamente, Kunta desejou que fosse um pesadelo, do qual iria agora despertar. Mas a pele estava em suas mãos, para lembrá-lo. Desejou que a morte se abatesse sobre si próprio, mas sabia que sua desgraça recairia sobre os ancestrais. Alá devia estar punindo-o por se gabar, pensou Kunta, envergonhado. Parou para rezar, voltado para a direção do sol nascente, implorando por perdão.

Levantando-se, viu que seu kafo já reunira todas as cabras e preparava-se para levá-las de volta à aldeia. Os meninos já estavam pondo na cabeça os feixes de lenha. Sitafa, vendo Kunta a olhá-los, tornou a pôr o feixe no chão e encaminhou-se para ele. Mas, imediatamente, Kunta acenou-lhe para que seguisse junto com os outros.

Cada passo na trilha das cabras parecia levar Kunta para mais perto do fim. o fim de tudo. Estava atordoado, dominado pelo sentimento de culpa, pelo medo. Seria expulso de casa. Iria sentir saudade de Binta, de Lamin, da velha Nyo Boto. Iria sentir saudade das aulas do arafang. Pensou na falecida Vovó Yaisa, no avô que fora um homem santo e cujo nome tinha, agora, caído em desgraça, pensou nos tios viajantes famosos, que tinham construído uma aldeia. Recordou-se de que não estava levando o feixe de lenha habitual. Pensou na” cabra prenhe, da qual se recordava muito bem, sempre arisca, propensa a se desgarrar das outras. E pensou no filhote que não chegara a nascer. Enquanto pensava em todas essas coisas, não pensava no que mais temia: a reação do pai.

E de repente ele teve um sobressalto, estacou abruptamente, prendendo a respiração, aturdido. Era Omoro que vinha correndo em sua direção. Nenhum menino se teria atrevido a contar-lhe. Como ele soubera?

— Você está bem? — perguntou o pai.

A língua de Kunta parecia grudada no céu da boca, mas ele conseguiu murmurar:

— Estou, Fã.

A esta altura, a mão de Omoro já estava apalpando a barriga de Kunta, descobrindo que o sangue que ensopava o dundiko não era do filho. Empertigando-se, Omoro pegou a pele e estendeu-a sobre a relva.

— Sente-se! — Kunta obedeceu, tremendo; e Omoro sentou-se na frente dele. — Há uma coisa de que precisa saber — disse Omoro. — Todos os homens cometem erros. Perdi uma cabra para um leão, quando tinha tantas chuvas quanto você. — Erguendo a túnica. Omoro expôs o quadril esquerdo. A cicatriz clara e profunda deixou Kunta chocado. — Aprendi e você deve aprender também. Jamais corra para cima de qualquer animal perigoso! — Os olhos examinaram atentamente o rosto de Kunta, durante uma breve pausa. — Entendeu?

— Entendi, Fã.

Omoro levantou-se, tornou a pegar a pele da cabra e jogou-a para o mato.

— Então isso é tudo o que precisa ser dito.

Kunta sentia uma vertigem terrível durante todo o caminho de volta à aldeia, atrás do pai. Maior ainda que o sentimento de culpa e alívio, era o amor que sentia pelo pai naquele momento.



Kunta estava com dez chuvas. Os meninos de sua idade, do segundo kafo estavam prestes a concluir os estudos, que vinham fazendo desde que tinham cinco chuvas, duas vezes por dia. No dia da conclusão do curso, os pais de Kunta e dos outros meninos foram sentar no pátio do arafang, radiantes de orgulho, nas primeiras filas, à frente até dos anciãos da aldeia. Com Kunta e seus companheiros acorados diante do arafang, o alimamo da aldeia fez uma prece. Depois, o arafang levantou-se e começou a olhar para os alunos, todos acenando com a mão, pedindo que lhes fizesse perguntas. Kunta foi o primeiro a ser perguntado.

— Qual era a profissão de seus antepassados, Kunta Kinte? Kunta respondeu com toda confiança:

— Há centenas de chuvas, na terra de Máli, os homens Kintes eram ferreiros e suas mulheres faziam potes e teciam pano.

A cada resposta correta, os espectadores deixavam escapar murmúrios de satisfação. O arafang fez uma pergunta de matemática:

— Se um babuíno tem sete esposas, cada esposa tem sete filhos, cada filho come sete amendoins por sete dias, quantos amendoins o babuíno rouba da plantação do homem?

Depois de cálculos frenéticos com as penas sobre as tábuas de escrever, o primeiro a gritar a resposta certa foi Sitafa Silla. Os gritos de elogio da multidão abafaram os gemidos decepcionados dos outros meninos.

Em seguida, os meninos escreveram seus nomes em árabe, como tinham aprendido. O arafang ergueu as tábuas de escrever, uma a uma, para que todos vissem a instrução que dera aos meninos. Como os outros, Kunta descobrira que as marcas de que falavam eram ainda mais difíceis de ler do que escrever. Muitas manhãs e tardes, com o arafang a distribuir cascudos, todos tinham desejado que escrever fosse tão fácil quanto entender a linguagem dos tambores que falavam, que podia ser compreendida até mesmo pelas crianças da idade de Lamin, pois era como se alguém invisível estivesse gritando as palavras.

O arafang começou a pedir a cada aluno que ficasse de pé. Finalmente, chegou a vez de Kunta.

— Kunta Kinte!

Com todos os olhares fixados nele, Kunta sentiu o grande orgulho de sua família, sentada na primeira fila, até mesmo dos ancestrais, enterrados no cemitério além da aldeia, especialmente de sua amada Vovó Yaisa. De pé, ele leu em voz alta um verso da última página do Alcorão. Ao terminar, comprimiu-o contra a testa, dizendo:

— Amém!

Depois que todos leram, o arafang apertou a mão de cada menino e anunciou que a educação estava concluída, aqueles meninos pertenciam agora ao terceiro kafo. Todos prorromperam em aclamações. Binta e as outras mães removeram rapidamente as coberturas dos potes e cabaças que tinham trazido e a cerimônia de conclusão do curso

terminou com um banquete.

Na manhã seguinte, Omoro estava esperando quando Kunta foi buscar as cabras da família para levar até a pastagem. Apontando para um macho e uma fêmea, Omoro disse:

— Essas duas são seu presente pela conclusão do curso. Antes de Kunta poder balbuciar um agradecimento, Omoro afastou-se, sem dizer mais nada, quase como se desse um casal de cabras todos os dias. Kunta esforçou-se para não parecer muito emocionado. Mas no momento em que o pai ficou longe de suas vistas, soltou um grito tão alto que as cabras se assustaram e saíram correndo em todas as direções. Quando finalmente conseguiu alcançá-las e levá-las para o pasto, o resto de seus companheiros já estava lá, exibindo orgulhosamente as cabras que agora lhes pertenciam. E tratavam— nas como se fossem animais sagrados, levando-as para os lugares em que o capim era mais tenro, já imaginando os filhotes que iriam gerar e que mais tarde gerariam a outros, até ficarem com rebanhos tão grandes e valiosos como os dos respectivos pais.

Antes que a nova lua surgisse no céu, Omoro e Binta figuraram entre os pais que se desfizeram de uma terceira cabra, dada de presente ao arafang, como uma expressão de gratidão pela instrução que havia dado ao filho. Se fossem mais prósperos, ficariam felizes por poderem dar até mesmo uma vaca. Mas sabiam que o arafang compreendia que isso estava além de suas posses, pois Juffure era uma aldeia pobre. Alguns pais, que eram escravos recentes, nada tinham guardado, quase nada podiam oferecer, a não ser seu próprio trabalho. E a oferta de uma lua de trabalho nas plantações para o arafang era aceita de bom grado.

O passar das luas se transformou em estações e logo as novas chuvas tinham passado. Kunta e seus companheiros ensinaram a Lamín e ao kafo dele como serem cabreiros. Um tempo há muito esperado estava agora iminente. Não se passava um dia sem que Kunta e seus companheiros não sentissem tanta ansiedade como alegria pela aproximação do próximo festival da colheita, que terminaria com a ida dos meninos do terceiro kafo, entre dez e quinze chuvas, para um lugar distante de Juffure, do qual voltariam como homens, quatro luas depois.

Kunta e seus companheiros procuravam dar a impressão de que não estavam realmente se preocupando com isso. Mas praticamente não pensavam em mais nada, sempre atentos ao menor sinal ou palavra de um adulto que pudesse ter qualquer relação com a iniciação na vida adulta. No início da estação da seca, depois que vários pais saíram da aldeia e ficaram ausentes durante dois ou três dias, os meninos ficaram ainda mais tensos. Kalilu Conteh ouviu o tio dizer que era preciso fazer muitos reparos na jujuo, a aldeia utilizada para o treinamento daqueles que se iam iniciar na vida adulta, pois estava abandonada e exposta ao tempo e aos animais há quase cinco chuvas. Houve sussurros ainda mais excitados entre Kunta e seus companheiros depois de ouvirem as conversas dos pais sobre qual o adulto que seria escolhido pelo Conselho dos Anciãos para ser o kintango, o homem encarregado da iniciação. Já tinham ouvido muitas vezes os pais, tios e irmãos mais velhos falarem reverentemente dos kintangos que tinham supervisionado suas próprias iniciações, muitas chuvas atrás.

Pouco antes da estação da colheita, os meninos do terceiro kafo comentaram ansiosamente como suas mães haviam medido, em silêncio, com uma fita de costurar, a cabeça e os ombros de cada um. Kunta esforçou-se em esquecer a recordação muito nítida de uma manhã, cinco chuvas atrás, em que ele e seus companheiros tinham presenciado, apavorados, os meninos do kafo mais velho, gritando freneticamente e com as cabeças dentro de capuzes brancos, serem escarnecidos e chutados e empurrados para fora da

aldeia, por um bando de dançarinos kankurang, com máscaras aterrorizantes e empunhando lanças.

O tobalo não demorou a soar, anunciando o começo da nova colheita. Kunta foi trabalhar também nas plantações. Acolheu com satisfação os dias compridos de trabalho árduo, pois mantinham-no permanentemente ocupado e deixavam-no extremamente cansado, para pensar demais no que teria de enfrentar. Mas quando a colheita terminou e o festival começou, ele descobriu-se incapaz de apreciar a música, a dança e a comida como os outros. E como ele próprio fizera, por tantas chuvas quanto podia recordar. Quanto mais alegres os outros se tornavam, mais infeliz ele ficava. Passou os dois últimos dias do festival sentado sozinho à margem do bolongo, jogando pedras para deslizarem sobre a superfície.

Na noite anterior ao último dia do festival, Kunta estava na cabana de Binta, comendo em silêncio a refeição noturna de amendoim e arroz, quando Omoro entrou, inesperadamente. Pelo canto dos olhos, Kunta percebeu que o pai levantava algo branco. Antes que tivesse tempo de virar-se, Omoro enfiou e prendeu firmemente um capuz branco em sua cabeça. O terror que invadiu Kunta deixou-o atordoado. Sentiu a mão do pai a segurar-lhe o braço, obrigando-o a ficar de pé e depois recuar, até sentar novamente, num pequeno banco. Kunta sentiu-se grato pela oportunidade de sentar, pois as pernas estavam bambas e a cabeça parecia girar. Escutou-se a respirar em ofegos curtos. Sabia que, se tentasse mover-se, acabaria caindo do banco. Por isso ficou imóvel, tentando acostumar-se com a escuridão. Apesar de aterrorizado, não pôde deixar de pensar que um capuz semelhante fora outrora enfiado na cabeça de seu pai. Será que Omoro ficara com medo? Kunta não podia sequer aceitar a possibilidade do pai sentir medo e por isso ficou envergonhado, achando que era uma desgraça para o clã dos Kintes.

A cabana estava em silêncio. Esforçando-se para dominar o medo que lhe embrulhava o estômago, Kunta fechou os olhos e concentrou-se em escutar alguma coisa, qualquer ruído que fosse. Teve a impressão de ouvir Binta se mover na cabana, mas não pôde ter certeza. Onde será que estaria Lamin? E para onde teriam levado Suwadu, que certamente estaria fazendo barulho, se continuasse na cabana? Kunta só tinha certeza de uma coisa: nem Binta nem ninguém mais iria dizer-lhe o que quer que fosse, muito menos arrancar aquele capuz de sua cabeça. Kunta pensou em seguida que seria horrível se alguém lhe tirasse o capuz, pois todos veriam então como ele estava apavorado, sendo talvez indigno de reunir-se aos demais companheiros de kafo para a iniciação na vida adulta.

Depois de algum tempo, Kunta ouviu o ressoar distante dos tambores e gritos dos dançarinos. Mas tempo se passou. Que horas seriam agora? Devia ser a hora sutoba, que antecedia o amanhecer. Mas alguns momentos depois ouviu o chamado estridente do alimam, convocando para a prece do safo, duas horas antes da meia-noite. A música cessou e Kunta compreendeu que todos tinham parado de festejar, os homens seguiam apressadamente para a mesquita.

Kunta ficou imóvel até calcular que a prece já deveria ter terminado. Mas a música não recomeçou. Ficou atento, mas podia ouvir apenas o silêncio. Finalmente cochilou, despertando pouco depois, com um sobressalto. Estava tudo quieto e mais escuro sob o capuz que uma noite sem lua. Kunta teve certeza de ouvir os primeiros ganidos matutinos das hienas. Sabia que as hienas sempre ganiam por algum tempo, antes de passarem a uivar, continuando assim até o romper do dia.

E sabia também que, durante a semana do festival da colheita, o tobalo sempre soava ao romper do dia. Ficou esperando que isso acontecesse, querendo que acontecesse alguma coisa, qualquer coisa. Sentiu que a raiva o invadia, esperando o soar do tobalo a qualquer

instante. Mas nada aconteceu. Rangeu os dentes, esperou mais algum tempo. Acabou cochilando novamente, num sono inquieto. Levou um susto quando o tobalo finalmente soou. Sentiu que as faces ficavam vermelhas, sob o capuz, embaraçado por ter adormecido.

Já estando acostumado à escuridão do capuz, Kunta quase que podia ver as atividades matutinas, pelos ruídos que chegavam a seus ouvidos, como o cantar dos galos, os latidos dos cachorros wuolos, o chamado do alimamo, o bater dos pilões, as mulheres preparando o cuscuz da primeira refeição. A prece daquela manhã para Alá, Kunta sabia, seria pelo sucesso da iniciação na vida adulta dos meninos do terceiro kafo. Ouviu movimentos na cabana e sentiu que era Binta. Era estranho como podia ter certeza de que era a mãe, mesmo não podendo vê-la. Como estariam Sitafa e seus outros companheiros? Kunta ficou surpreso ao constatar que não pensara neles durante a noite inteira. Disse a si mesmo que certamente todos haviam passado uma noite tão longa e inquieta quanto ele.

Kunta ouviu pouco depois a música dos koras e balafons, com pessoas andando por toda parte e falando cada vez mais alto. Os tambores juntaram-se à algazarra. Um momento depois, sentiu o coração quase parar, ao perceber que alguém entrava correndo na cabana. Seus pulsos foram agarrados, levantaram-no rudemente, empurraram-no para fora da cabana, para o meio do barulho ensurdecedor dos tambores e das pessoas a gritarem freneticamente.

Mãos golpearam-no, pés chutaram-no. Desesperado, Kunta pensou em tentar escapar. Mas quando já estava prestes a tentar, a mão firme mas gentil de alguém segurou a dele. Ofegando sob o capuz, Kunta compreendeu que não mais estava sendo golpeado e chutado, que a multidão não mais gritava a seu redor. Calculou que deviam ter ido para a cabana de outro menino e que a mão a segurar a sua devia pertencer ao escravo contratado por Omoro, como todo pai fazia, para levar o filho encapuçado até ayuluu.

Os gritos da multidão tornavam-se estridentes, toda vez que um menino era arrastado para fora de sua cabana. Kunta ficou contente por não poder ver os dançarinos kankurangs, que soltavam gritos pavorosos ao pularem, brandindo as lanças. Tambores grandes e pequenos, todos os tambores da aldeia, ao que parecia, estavam soando, quando o escravo guiou Kunta, cada vez mais depressa, por entre a multidão. Na passagem, Kunta podia ouvir os gritos:

— Quatro luas!

— Eles vão tornar-se homens!

Kunta tinha vontade de chorar. Queria desesperadamente encontrar e abraçar Omoro, Binta,

Lamin, até mesmo o pequeno e manhoso Suwadu. Estava certo de que não aguentaria passar quatro luas sem tornar a ver aqueles a quem amava, muito mais do que percebera até aquele momento. Os ouvidos de Kunta informaram-no de que ele e seu guia estavam agora integrados numa fila de pessoas, avançando ao ritmo acelerado dos tambores. Ao passarem pelo portão da aldeia — e Kunta soube que o tinham feito porque o barulho da multidão começou a diminuir — sentiu as lágrimas escorrerem por seu rosto. Fechou os olhos, com toda força, como se quisesse esconder as lágrimas de todos, até de si mesmo.

Assim como sentira a presença de Binta na cabana, Kunta pôde sentir agora, quase como se fosse um cheiro, o medo de seus companheiros, na frente e atrás dele, em fila. Compreendeu que estavam todos tão apavorados quanto ele. Isso fez com que se sentisse menos envergonhado. Continuando em frente, na escuridão do capuz, Kunta compreendeu que estava deixando para trás muito mais do que o pai, mãe, irmãos, a aldeia em que nascera. O que o encheu de tristeza e terror. Mas sabia que tinha de ser feito, assim

como o pai tinha feito antes, assim como um dia seu filho ainda o faria. Iria voltar em breve, mas já agora como um homem.



Deviam estar-se aproximando de um bambuzal recentemente cortado pensou Kunta, ao sentir o cheiro característico. Chegaram mais perto, o cheiro tornou-se mais forte. Chegaram ao obstáculo, passaram por ele. Mas continuavam ao ar livre. Só podia ser uma cerca de bambu. Subitamente, os tambores cessaram e todos pararam. Por vários minutos, Kunta e os outros ficaram imóveis, em silêncio. Ele ficou atento a qualquer ruído que pudesse informá-lo por que tinham parado, onde estavam. Mas só ouviu a barulheira dos papagaios e macacos, nas árvores.

Subitamente, o capuz de Kunta foi retirado. Ele ficou piscando, ofuscado pelo sol forte do meio da tarde, tentando ajustar os olhos à claridade. Teve medo até de virar a cabeça ligeiramente, para olhar seus companheiros de kafo. É que à frente do grupo estava parado o ancião Silla Ba Dibba, encarquilhado, a expressão carrancuda. Como todos os outros meninos, Kunta o conhecia muito bem. Mas Silla Ba Dibba comportava-se como se jamais tivesse visto antes nenhum deles. Dava até a impressão de que preferia não os estar vendo naquele momento. Contemplava-os como se fossem meros vermes. Kunta sabia que era o kintango escolhido para eles. De cada lado dele, havia um homem mais jovem, Ali Sise e Soru Tura, aos quais Kunta também conhecia muito bem. Soru era grande amigo de Omoro. Kunta sentiu-se grato por seu pai não ter sido escolhido, pois não queria que o visse tão apavorado.

Como tinham sido ensinados, os 23 meninos do kafo cruzaram as palmas Sobre o coração e saudaram os mais velhos da maneira tradicional:

— Paz!

— Somente paz! — responderam o kintango e seus assistentes.

Estendendo o olhar por um momento, tomando todo cuidado para não mexer a cabeça, Kunta verificou que estavam numa pequena aldeia, com diversas cabanas, cercada por uma cerca de bambu alta e nova. Pôde ver que diversas cabanas tinham sido consertadas recentemente, sem dúvida pelos pais que se haviam ausentado de Juffure por alguns dias. E viu tudo isso sem mexer um músculo. No instante seguinte, teve um sobressalto, quando o kintango disse, em voz bem alta:

— Crianças deixaram a aldeia de Juffure. Se vão voltar homens, seus medos devem ser eliminados, pois uma pessoa com medo é uma pessoa fraca e uma pessoa fraca representa um perigo para sua família, sua aldeia, sua tribo.

Ele lançou um olhar furioso para os meninos, como se nunca tivesse visto um grupo tão lamentável, e depois afastou-se. Os dois assistentes adiantaram-se e começaram a bater com varas nos meninos, separando-os em grupos. e levando-os para as cabanas, como se estivessem tratando com cabras.

Amontoados na cabana pequena e vazia, Kunta e seus companheiros estavam aterrorizados demais para sentirem os golpes recebidos e envergonhados demais para levantarem a cabeça e se olharem. Alguns minutos depois, quando parecia que não ia mais

sofrer castigos, pelo menos por enquanto, Kunta pôs-se a lançar olhares furtivos para os companheiros. Gostaria de estar na mesma cabana que Sitafa. Conhecia, é claro, aqueles outros meninos, mas nenhum tão bem quanto seu irmão yayo. Ficou triste por isso. Mas talvez não tivesse sido por acaso, pensou depois. Provavelmente não queriam que tivessem nem mesmo esse mínimo de consolo. E quando sua barriga começou a roncar de fome, pensou que talvez nem mesmo fossem dar-lhes comida.

Pouco antes do pôr-do-sol, os assistentes do kintango entraram na cabana e ordenaram:

— Saíam!

Kunta foi atingido no ombro. Os meninos saíram correndo, debaixo de golpes, esbarrando nos meninos das outras cabanas. Obedecendo a ordens ríspidas e estimulados pelas varadas, formaram uma fila irregular, cada menino segurando a mão do que estava na frente. Quando estavam todos em seus lugares, o kintango fitou-os ameaçadoramente e anunciou que iam realizar uma jornada noturna pela floresta.

À ordem de marcha, os meninos começaram a caminhar, na maior confusão. As varas não paravam de subir e descer. Kunta ouviu alguém dizer, quase no seu ouvido:

— Você anda como um búfalo!

Um menino soltou um berro ao levar um golpe e no mesmo instante os dois assistentes gritaram:

— Quem foi?

O culpado recebeu uma saraivada de golpes. Depois disso, nenhum menino deixou escapar qualquer ruído.

Kunta morou muito para que as pernas de Kunta comessem a doer, mas não tanto quanto teriam doído se não tivesse aprendido a andar de forma descontraída, durante a viagem que fizera com o pai até a aldeia de Janneh e Saloum. Ficou estranhamente satisfeito ao pensar que as pernas dos outros meninos deviam estar doendo muito mais, já que ainda não haviam aprendido a andar em longas caminhadas. Mas nada do que aprendera ajudava Kunta a esquecer a fome e a sede. O estômago parecia estar todo contraído e sentia vertigens quando finalmente foi determinada uma pequena parada, perto de um córrego. O reflexo da lua na superfície foi logo alterado pelas ondulações provocadas pelos meninos, recolhendo água com as mãos em concha e bebendo o máximo que podiam. Um momento depois, os assistentes ao kintango ordenaram-lhes que se afastassem do córrego, pois não podiam beber demais. Eles abriram em seguida os fardos que tinham trazido e distribuíram alguns nacos de carne-seca. Os meninos devoraram a carne como hienas. Kunta mastigou e engoliu tão depressa que mal sentiu o gosto dos quatro nacos que conseguiu pegar.

Os pés de cada menino estavam quase em carne viva, inclusive os de Kunta. Mas era tão agradável a sensação de ter água e comida no estômago que ele mal sentiu. Sentados à beira do córrego, ao luar, Kunta e seus companheiros de kafo começaram a se entreolhar. Não disseram nada, mais por cansaço do que por medo. Kunta trocou um olhar demorado com Sitafa, mas não deu para descobrir, na semi-escuridão, se o amigo estava em situação tão deplorável quanto ele.

Kunta mal acabara de pôr os pés doloridos para refrescarem no córrego quando os assistentes do kintango ordenaram que retomassem suas posições, para a longa marcha de volta. Quando finalmente avistou o portão na cerca de bambu, pouco antes do amanhecer, Kunta sentiu as pernas e a cabeça inteiramente entorpecidas. Com a sensação de que estava prestes a morrer, cambaleou até a cabana, esbarrou em outro menino que tinha

entrado na sua frente, perdeu o equilíbrio e caiu no chão. adormecendo um instante depois, no lugar mesmo em que caíra.

Eles tornaram a marchar nas seis noites seguintes, cada marcha mais comprida do que a anterior. A dor nos pés feridos era terrível. Na quarta noite, Kunta descobriu que já não se importava tanto com a dor, pois começava a sentir uma nova emoção: orgulho. Na sexta marcha, os meninos descobriram, embora a noite estivesse muito escura, que não precisavam mais segurar a mão um do outro para seguirem em fila certa.

Na sétima noite, houve a primeira lição dada pessoalmente pelo kintango: mostrou-lhes como os homens no fundo da floresta usavam as estrelas para se orientarem, a fim de jamais ficarem perdidos. Já na primeira meia-lua, cada menino do kafo sabia como orientar o grupo pelas estrelas, levando-o de volta à jujuo. Uma noite, quando Kunta era o líder, quase pisou num rato do mato antes de ser notado pelo bicho, que saiu correndo para se esconder. Kunta sentiu-se tão orgulhoso quanto desconcertado, pois isso significava que estavam andando tão silenciosamente que não eram ouvidos nem mesmo por um animal.

Mas os animais, disse o kintango, eram os melhores mestres na arte de caçar, uma das coisas mais importantes que todo mandinga tinha de aprender. Quando achou que todos os meninos já haviam dominado as técnicas de marchar, o kintango levou-os para o meio da savana, bem longe da jujuo, durante toda a meia-lua seguinte. Os meninos construíram abrigos improvisados, onde dormiam nos intervalos entre as incontáveis lições dos segredos de tornar-se um simbon. Kunta tinha a impressão de que seus olhos mal se fechavam antes que um dos assistentes do kintango despertasse todos, aos gritos, para uma nova aula.

Os assistentes do kintango apontaram o lugar onde leões tinham estado recentemente, à espreita, para darem o bote em antílopes que passavam. Depois, mostraram o lugar para onde os leões tinham levado os antílopes e comido, deitando-se em seguida para dormirem pelo resto da noite. Seguiram para trás os rastros dos antílopes, mostrando aos meninos tudo o que os animais tinham feito, no dia anterior ao encontro com os leões. O kafo inspecionou as fendas nas rochas em que se escondiam os lobos e as hienas. Todos aprenderam inúmeros truques de caçar, como jamais haviam imaginado antes. Não sabiam, por exemplo, que o primeiro segredo do mestre simbon era nunca se mover abruptamente. O velho kintango contou a história de um caçador tolo e desajeitado, que acabara morrendo de fome numa região onde existia caça em abundância. É que era tão desajeitado e fazia tanto barulho que os animais afastavam-se silenciosamente à sua aproximação, sem que ele sequer percebesse que tinham estado tão perto.

Os meninos sentiram-se como esse caçador desajeitado durante as aulas de imitação dos sons dos animais e pássaros. Seus grunhidos e assovios espalhavam-se pelo ar, mas nenhum animal ou pássaro se aproximava. Depois, o kintango e seus assistentes ordenaram que se escondessem e ficassem quietos, enquanto se punham a chamar os bichos. Para Kunta e seus companheiros, pareciam exatamente os mesmos ruídos que tinham acabado de fazer, mas a diferença é que logo apareceram animais e pássaros, à procura do companheiro que os chamara.

Uma tarde, quando estavam praticando os chamados de pássaros, subitamente apareceu um pássaro de corpo grande e bico comprido, pousando ruidosamente numa moita próxima.

— Olhem! — gritou um menino, soltando uma risada.

Todos os outros meninos sentiram o coração subir pela garganta, sabendo que seriam agora punidos porque o companheiro não conseguia ficar calado. Não tinham sido poucas as vezes anteriores em que ele demonstrara seu hábito de agir antes de pensar. Mas o

kintango surpreendeu a todos, aproximando-se do menino e dizendo-lhe rispidamente:

— Traga-me aquele pássaro. vivo!

Kunta e seus companheiros prenderam a respiração, observando o menino aproximar-se silenciosamente da moita, onde o pássaro grande e estúpido continuava pousado, virando a cabeça para um lado e outro. Mas quando o menino saltou, o pássaro conseguiu escapar das mãos dele, batendo freneticamente as asas curtas e conseguindo elevar-se acima das moitas. O menino saiu atrás dele, logo desaparecendo.

Kunta e os outros ficaram aterrados. Era evidente que não havia limite o que o kintango podia ordenar-lhes que fizessem. Nos três dias e duas noites seguintes, ao saírem para treinar, os meninos se olhavam apreensivamente e depois para as moitas próximas, preocupados com o companheiro desaparecido. Por mais que os tivesse irritado antes, fazendo com que fossem todos punidos por coisas que só ele fizera, era agora, mais do que nunca, um companheiro que se fora.

Na manhã do quarto dia, quando os meninos começavam a se aproximar, o vigia informou de que alguém estava-se aproximando da jujuo. Um momento depois, veio a mensagem pelo tambor: Era ele. Todos correram para recebê-lo, gritando alegremente, como se fosse um irmão querido voltando de uma longa viagem a Marrakech. Magro e sujo, o corpo cheio de talhos e equimoses, o menino cambaleava um pouco. Mas conseguiu exibir um débil sorriso. e com toda razão: debaixo de seu braço, as asas, os pés e o bico amarrados com um cipó fino, estava o pássaro que fora buscar. O bicho parecia estar em condições ainda piores que o menino, mas estava vivo.

O kintango saiu de sua cabana. Embora se dirigisse ao menino, deixou bem claro que estava falando para todos:

— Isso ensinou-lhe duas coisas importantes: faça o que lhe mandarem e fique de boca fechada. São dois predicados dos homens.

O menino recebeu então o primeiro olhar de aprovação que o velho kintango concedia. Kunta e seus companheiros não podiam imaginar que o kintango tinha certeza de que o menino acabaria apanhando, mais cedo ou mais tarde, um pássaro tão pesado que não conseguia se erguer acima das moitas e voar por longas distâncias.

O pássaro foi imediatamente assado e comido com prazer por todos, menos pelo menino que o capturara, pois ele estava tão cansado que não conseguiu esperar. Teve permissão para dormir durante o dia e também durante a noite, enquanto Kunta e os outros tiveram que ficar pela savana tomando aulas de caça. No dia seguinte, durante o primeiro período de descanso, o menino contou aos companheiros em silêncio como fora a difícil perseguição, até que finalmente, dois dias e uma noite depois de começar, armou uma armadilha em que o pássaro caiu. Depois de amarrar o pássaro, conseguira permanecer acordado por mais um dia e uma noite, orientando-se pelas estrelas para encontrar o caminho de volta a Jujuo. Por algum tempo, depois disso, os outros meninos quase nunca tinham o que falar com ele. Kunta disse a si mesmo que não estava realmente com inveja, apenas achava que o menino estava pensando que sua façanha — e a aprovação do kintango — faziam-no mais importante do que os companheiros de kafo. Na primeira vez que os assistentes do kintango ordenaram uma tarde de treinamento de luta, Kunta aproveitou a oportunidade e derrubou rudemente o menino.

Na altura da segunda lua de treinamento, o kafo de Kunta já se tornara tão hábil em sobrevivência na floresta quanto o seria em sua própria aldeia. Podiam agora descobrir e seguir os sinais quase invisíveis deixados pelos animais. Estavam agora aprendendo os rituais secretos e preces dos antepassados que podiam tornar o próprio simbon invisível aos

animais. Toda a carne que agora comiam era de animais que tinham capturado em suas armadilhas ou abatido com seus estilingues e flechas. As refeições de animais abatidos eram completadas com insetos torrados sobre as brasas.

Algumas das lições mais importantes foram aprendidas em decorrência de acontecimentos imprevistos. Um dia, durante um período de descanso, um menino estava experimentando seu arco, e uma flecha disparada descuidadamente foi atingir um ninho de abelhas kurburungo, no alto de uma árvore. Todos foram atacados por uma nuvem de abelhas furiosas, mais uma vez sofrendo pelo erro de um. Nem mesmo o corredor mais rápido conseguiu escapar às picadas dolorosas.

— O simbon nunca dispara uma flecha sem saber o que vai atingir — disse-lhes depois o kintango. Ordenando aos meninos que esfregassem manteiga de Galan nas picadas um do outro, ele acrescentou: — Esta noite vocês irão lidar com as abelhas da maneira certa.

Ao cair da noite, os meninos empilharam musgo seco sob a árvore onde estava o ninho das abelhas. Um dos assistentes do kintango ateou fogo e o outro lançou nas chamas algumas folhas de um determinado arbusto. Elevou-se uma fumaça espessa e sufocante, que envolveu a árvore. Um momento depois, abelhas mortas, aos milhares, começaram a cair sobre os meninos, como uma chuva inofensiva. Pela manhã, Kunta e seus companheiros aprenderam a derreter os favos de mel, retirando o resto das abelhas mortas, a fim de que cada um pudesse ter sua porção de mel. Kunta quase que pôde sentir o corpo formigar com uma energia extra. Já tinha ouvido dizer que o mel revigorava os caçadores embrenhados na floresta.

Mas não importava o quanto aprendessem, o velho kintango nunca estava satisfeito. Suas exigências e disciplina continuavam tão rigorosas que os meninos viviam quase que o tempo todo dominados pelo medo e pela raiva. Isto é, nas raras ocasiões em que não estavam cansados demais para sentir qualquer emoção. Qualquer ordem a um menino que não fosse cumprida imediatamente e com perfeição ainda acarretava uma punição ao kafa inteiro. E quando não estavam sendo castigados, Kunta tinha a impressão de que estavam sendo acordados rudemente, no meio da noite, para mais uma marcha interminável. sempre pelo erro que um só cometera. Somente o que impedia Kunta e os outros de darem uma surra no menino culpado era a certeza de que seriam inevitavelmente castigados, por brigarem. Uma das primeiras lições que tinham aprendido em suas vidas, muito antes de virem para ajujuo, era a de que os mandingas nunca deviam lutar entre si. Finalmente, os meninos começaram a compreender que o bem-estar do grupo dependia de cada um. assim como o bem-estar da tribo iria um dia depender de cada um. As violações das regras reduziram-se a um ou outro equívoco menor. E com a redução das punições, o medo que sentiam pelo kintango foi aos poucos sendo substituído por um respeito que só haviam sentido antes pelos próprios pais.

Mas dificilmente se passava um dia sem que acontecesse algo novo para fazer Kunta e seus companheiros sentirem-se novamente desajeitados e ignorantes. Ficaram espantados ao descobrir, por exemplo, que um pano dobrado e pendurado diante de uma cabana de determinada maneira servia para informar aos outros mandingas que o morador daquela cabana pretendia retornar em breve. Ou que sandálias cruzadas diante de uma cabana, de maneiras determinadas, diziam muitas coisas que somente outros homens podiam compreender. Mas o segredo que Kunta achou mais extraordinário foi o sira kango, uma espécie de linguagem dos homens, na qual os sons das palavras mandingas eram mudados de uma forma que as mulheres, crianças e não-mandingas não tinham permissão de aprender. Kunta recordou-se das muitas vezes em que ouvira o pai falar rapidamente a

outro homem e não entendera absolutamente nada, também não se atrevendo a pedir uma explicação. Agora que tinha aprendido, ele e seus companheiros passaram a falar quase tudo na linguagem secreta dos homens.

Em cada cabana, sempre que mais uma lua chegava ao fim, os meninos acrescentavam uma nova pedra dentro de uma tigela, para marcar há quanto tempo tinham partido de Juffure. Poucos dias depois da terceira pedra, os meninos estavam treinando luta na jujuo, uma tarde, quando subitamente olharam para o portão e avistaram um grupo de 25 a 30 homens. Deixaram escapar um arquejo, ao reconhecerem os pais, tios e irmãos mais velhos. Kunta ergueu-se imediatamente, incapaz de acreditar nos próprios olhos, invadido por uma alegria intensa, ao ver Omoro pela primeira vez, em mais de três luas. Mas teve a impressão de que uma mão invisível o continha e sufocava um grito de alegria, antes mesmo de reparar que o rosto do pai não deixava transparecer qualquer sinal de que havia reconhecido o filho.

Somente um menino saiu correndo, gritando pelo nome do pai. Sem dizer uma só palavra, o pai pegou a vara do assistente do kintango mais próximo e espancou o filho, gritando-lhe depois que não devia trair suas emoções, pois isso era um sinal de que ainda não deixara de ser menino. E acrescentou, desnecessariamente, ao desferir os últimos golpes, que não deveria esperar favor nenhum de seu pai. Depois, o próprio kintango ordenou que todo o kafo deitasse de barriga para baixo, em fila. Os visitantes caminharam ao longo dessa fila golpeando as costas dos meninos com seus bastões. As emoções de Kunta eram um verdadeiro turbilhão. Não se importava com os golpes, sabendo que eram apenas mais um rigor no treinamento. Mas doía-lhe não poder abraçar o pai ou ouvir a voz dele e ficou envergonhado por saber que não era viril desejar essas pequenas indulgências.

Depois das pancadas, o kintango ordenou aos meninos que corressem, pulassem, dançassem, lutassem e rezassem como lhes fora ensinado. Os pais, tios e irmãos mais velhos observaram a tudo em silêncio. Ao partirem, apresentaram seus cumprimentos ao kintango e os dois assistentes, mas nem sequer olharam para os meninos, profundamente deprimidos. Uma hora depois, eles receberam outra surra, por estarem com expressões carrancudas durante os preparativos para a refeição noturna. E o pior era que o kintango e seus assistentes comportavam-se como se não tivesse aparecido nenhum visitante. No início da noite, quando os meninos estavam treinando luta, antes de irem deitar, um dos assistentes do kintango passou por Kunta e disse-lhe bruscamente, baixinho:

— Você tem um novo irmão e o nome dele é Madi.

Somos quatro agora, pensou Kunta, acordado por muito tempo depois que deitou. Quatro irmãos, quatro filhos de sua mãe e seu pai. Pensou em como isso soaria na história da família Kinte, quando fosse contada pelos griots, a algumas centenas de chuvas no futuro. Depois de Omoro, pensou Kunta, ele seria o primeiro homem da família, ao voltar para Juffure. Não apenas estava aprendendo a ser um homem, como também estava aprendendo muitas coisas que poderia ensinar a Lamin, como já lhe ensinara tantas coisas da infância. Isto é, iria ensinar o que fosse permitido aos meninos aprenderem. Depois, Lamin ensinaria a Suwadu, que por sua vez ensinaria ao novo irmão, que Kunta ainda não tinha visto e cujo nome era Madi. Algum dia, pensou Kunta, ao cair no sono, ele seria da mesma idade de Omoro e teria seus próprios filhos. E tudo começaria novamente.



— Estão deixando de ser crianças e começam a renascer como homens — disse o kintango certa manhã, a todo o kafo reunido.

Era a primeira vez que o kintango usava a palavra “homens” sem ser para dizer-lhes que ainda não o eram. Depois de luas a aprenderem juntos, a trabalharem juntos, a serem espancados juntos, disse o kintango, cada um estava finalmente começando a descobrir que tinha dois eus: um dentro de si mesmo; o outro, maior, em todos aqueles cujo sangue e vidas partilhava. Somente depois de compreenderem essa lição é que poderiam iniciar a fase seguinte do treinamento: como se tornarem guerreiros.

— Já sabem que os mandingas só lutam quando os outros é que estão querendo. Mas somos os melhores guerreiros, quando nos levam a lutar.

Durante a meia-lua seguinte, Kunta e seus companheiros aprenderam a guerrear. Famosas estratégias de batalhas travadas pelos mandingas foram desenhadas na areia, pelo kintango ou seus assistentes. Depois, os meninos recebiam a ordem de reconstituir a estratégia, em batalhas simuladas.

— Jamais cerquem inteiramente o inimigo — aconselhou o kintango. — Deixem sempre algum caminho de fuga, pois ele irá lutar mais desesperadamente, se estiver encurralado.

Os meninos aprenderam também que as batalhas só deveriam ser iniciadas no fim da tarde, pois assim o inimigo, pressentindo a derrota, poderia escapar honrosamente, aproveitando a escuridão. Aprenderam também que, durante uma guerra, nenhum dos dois lados deveria fazer qualquer mal a marabus, griots e ferreiros de viagem. É que um marabu irritado poderia atrair a ira de Alá; um griot furioso poderia utilizar a língua eloquente para incitar o exército inimigo à maior salvageria; um ferreiro zangado poderia fabricar e consertar armas para o inimigo.

Sob a orientação dos assistentes do kintango, Kunta e seus companheiros fizeram lanças e flechas farpadas do tipo usado apenas em combates, exercitando-se em alvos cada vez menores. Quando um menino conseguia acertar num bambu, a 25 passos de distância, era aclamado e elogiado. Os meninos saíram pela floresta e colheram algumas folhas do arbusto kooná. De volta à aldeia, ferveram as folhas, fazendo um caldo negro, no qual mergularam fios de algodão. Esse fio, preso na farpa de uma flecha, poderia infiltrar um veneno fatal num ferimento.

Ao final do período de treinamento guerreiro, o kintango contou-lhes mais do que jamais tinham ouvido antes a respeito da maior de todas as guerras e do maior de todos os guerreiros mandingas: a ocasião em que o exército do lendário exescravo General Sundiata, filho de Sogolon, a Mulher Búfalo, havia derrotado as forças do país de Boure, do Rei Soumaoro, um rei tão cruel que usava trajes feitos com pele humana e adornava as paredes de seu palácio com crânios de inimigos.

Kunta e seus companheiros prendiam a respiração, ouvindo como os dois exércitos

havam sofrido milhares de baixas, de mortos e feridos. Mas os arqueiros dos mandingas tinham cercado as tropas de Soumaoro, com uma armadilha gigantesca, disparando uma chuva de flechas, dos dois lados, até que finalmente o apavorado exército de Soumaoro batera em retirada, desordenadamente. Durante duas noites, disse o kintango, sorrindo pela primeira vez, desde que haviam chegado àjujuo, os tambores falantes de cada aldeia acompanharam o avanço das vitoriosas tropas dos mandingas, carregadas de despojos e com milhares de prisioneiros. Em cada aldeia, multidões felizes escarneciam e chutavam os prisioneiros, cujas cabeças raspadas estavam abaixadas, as mãos amarradas às costas. O General Sundiata finalmente convocara uma gigantesca reunião do povo e apresentara os chefes das aldeias que derrotara. Devolvera-lhes as lanças que eram símbolos do cargo de chefe e impusera um tratado de paz, a durar pelas próximas cem chuvas. Naquela noite, Kunta e seus companheiros foram deitar acalentados por sonhos maravilhosos. Jamais tinham-se orgulhado tanto de serem mandingas.

Quando começou a lua seguinte de treinamento, chegou àjujuo uma mensagem transmitida pelos tambores, de que deveriam esperar visitantes dentro de dois dias. O entusiasmo com que a notícia de qualquer visitante teria sido recebida, passado tanto tempo da visita dos pais, tios e irmãos mais velhos, dobrou quando os meninos souberam que a mensagem era enviada pelo campeão da equipe de luta de Juffure, a qual iria dar algumas lições especiais ao kafo.

Ao final da tarde do dia seguinte, os tambores anunciaram a chegada deles, mais cedo do que se esperava. Mas o prazer dos meninos, ao reverem aqueles rostos familiares, foi inteiramente esquecido quando os lutadores, sem dizerem uma só palavra, agarram-nos e começaram a derrubá-los rudemente, com mais violência do que jamais tinham conhecido antes. Cada menino estava machucado ao serem separados em grupos, para se enfrentarem entre si, sob a supervisão dos campeões, Kunta jamais imaginara que existissem tantas maneiras de agarrar o; oponente numa luta e como poderiam ser eficazes, se aplicadas corretamente. Os campeões disseram várias vezes aos meninos que eram o conhecimento e a habilidade e não a força que fazia a diferença entre um lutador comum e um campeão. Naquela noite, em torno da fogueira, o campeão de Juffure falou sobre os nomes e os feitos dos grandes lutadores mandingas, até mesmo os que tinham vivido há mais de cem chuvas. Quando chegou a hora de os meninos irem deitar, os lutadores voltaram para Juffure.

Dois dias depois, chegou a notícia de outro visitante. Desta vez, a mensagem foi trazida por um corredor de Juffure, um jovem do quarto] kafo, a quem Kunta e seus companheiros conheciam muito bem. Apesar de ter alcançado há pouco a idade viril, ele comportou-se como se nunca tivesse visto antes aquelas crianças do terceiro kafo. Sem nem mesmo olhá-las, correu para o kintango e comunicou que Kujali N'jai, um griot famoso em toda Gâmbia, viria em breve passar um dia inteiro na Jujuo.

O griot chegou três dias depois, acompanhado por diversos jovens de sua família. Era muito mais velho do que qualquer griot que Kunta já vira antes, tão velho que fazia até o kintango parecer jovem. Depois de gesticular para que os meninos se acocorassem num semicírculo a seu! redor, o griot pôs— se a contar como se tornara o que era. Ao longo de muitos anos de estudos, desde que alcançara a vida adulta, cada grioff gravara em sua mente as histórias dos ancestrais.

— De que outra maneira vocês poderiam conhecer os grandes feitos! dos antigos reis, homens santos, caçadores e guerreiros, que viveram centenas de chuvas antes de nós? Por acaso os conheceram? Não! A história do nosso povo é levada para o futuro aqui! — E o griot

bateu na cabeça grisalha.

A pergunta que todos se faziam foi rapidamente respondida pelo velho griot: somente os filhos dos griots podiam tornar-se griots. Na verdade, era obrigação deles tornarem-se griots. Depois de iniciados na vida adulta, tais meninos, como aqueles seus netos, sentados ao lado dele, começavam a estudar e a viajar com griots devidamente escolhidos, ouvindo vezes sem conta os nomes históricos e os acontecimentos relatados. Com o passar do tempo, cada jovem saberia uma parte determinada da história dos antepassados, em todos os detalhes, conforme fora contada a seu pai e ao pai de seu pai. E chegaria o dia em que ele também teria filhos, aos quais contaria aquelas histórias, a fim de que os acontecimentos do passado distante pudessem viver para sempre.

Depois que os meninos devoraram rapidamente a refeição noturna e voltaram a se agrupar em torno do velho griot, ele contou-lhes histórias emocionantes até tarde da noite, sobre os grandes impérios negros, que haviam governado a África há centenas de chuvas.

O velho griot disse que, “muito antes de qualquer toubob pisar na África”, existia o Império de Benin, governado por um rei todo-poderoso, chamado de Oba, cujos desejos, quaisquer que fossem, eram imediatamente atendidos. Mas o verdadeiro governo de Benin era exercido por conselheiros de confiança de Oba, cujo tempo integral era necessário só para fazer os sacrifícios indispensáveis para apaziguar as forças do mal e para cuidar devidamente de um harém de mais de cem esposas. Mas antes mesmo de Benin, existira um reino ainda mais rico, chamado Songhai, disse o griot. A capital de Songhai era a cidade de Gao, com muitas casas espetaculares, dos príncipes negros e comerciantes ricos, que recebiam suntuosamente os mercadores viajantes, que traziam muito ouro para comprar mercadorias.

— Mas também não foi esse o reino mais rico!

E o velho griot pôs-se a falar do muito antigo reino de Gana, no qual uma cidade inteira era povoada apenas pela corte do Rei. O Rei Kanissai tinha mil cavalos, cada um sob os cuidados de três servos e com um urinol próprio, de cobre. Kunta mal podia acreditar em seus ouvidos.

— Ao final de cada dia, quando o Rei Kanissai saía de seu palácio, mil fogueiras eram acesas, iluminando todo o espaço entre o céu e a terra. Os servos do grande Rei traziam comida suficiente para alimentar dez mil pessoas, que ali se reuniam todas as noites.

O griot fez uma pausa nesse momento e os meninos não mais conseguiram conter suas exclamações de espanto e admiração, embora soubessem perfeitamente que nenhum ruído deveria ser feito, enquanto um griot falava. Mas nem o velho griot nem o kintango pareceram notar a grosseria dos meninos. Pondo na boca a metade de uma castanha de kola e oferecendo a outra metade ao kintango, que aceitou com prazer, o griot ajeitou a túnica comprida em torno das pernas, abrigando-se do frio da noite, antes de recomeçar a contar suas histórias.

— Mas nem mesmo Gana foi o mais rico dos reinos negros! O mais rico, o mais antigo de todos, foi o reino do antigo Máli!

Como os outros impérios, Máli tinha suas cidades, seus fazendeiros, artesãos, ferreiros, curtidores, tecelões. Mas a enorme riqueza de Máli derivava de suas extensas rotas comerciais, de sal, ouro e cobre.

— No total, Máli tinha uma largura de quatro meses de viagem e um comprimento também de quatro meses de viagem. A maior de todas as suas cidades era a lendária Timbuktu!

Era o grande centro cultural da África, habitada por milhares de estudiosos, o número

sempre engrossado por um fluxo incessante de visitantes que iam ampliar seus conhecimentos. O movimento era tão grande que alguns dos maiores mercadores vendiam apenas pergaminhos e livros.

— Não existe um só marabu, um único mestre, até mesmo nas menores aldeias, cujos conhecimentos não tenham vindo pelo menos em parte de Timbuktu!

Quando o kintango finalmente se levantou e agradeceu ao griot a generosidade com que partilhara os tesouros de sua mente, Kunta e seus companheiros, pela primeira vez desde que tinham chegado a Jujoo, atreveram-se a manifestar seu desprazer, pois chegara a hora de irem deitar. O kintango fingiu ignorar o atrevimento, pelo menos naquele momento, ordenando-lhes rispidamente que fossem para suas cabanas. mas não antes de os meninos lhe pedirem que persuadissem o griot a vir visitá-los novamente.

Eles ainda estavam pensando e falando sobre as histórias maravilhosas que o griot contara, quando, seis dias depois, chegou a notícia de que um moro famoso iria em breve visitar ajujoo. O moro era o grau mais elevado de mestre em Gâmbia. Eram tão sábios e havia tão poucos que a função deles não era a de ensinar a meninos, mas a outros mestres, como o arafang de Juffure.

Até mesmo o kintango mostrou uma preocupação incomum pela visita iminente, ordenando que toda ajujoo fosse meticulosamente limpa, a terra sendo revolvida e depois alisada com galhos, a tal ponto que nela ficariam marcadas as pegadas do moro. Depois, o kintango reuniu os meninos e disse-lhes:

— Os conselhos e bênçãos desse homem que em breve estará conosco são procurados não apenas pelas pessoas comuns, mas também por chefes de aldeias e até mesmo por reis!

Quando o moro chegou, na manhã seguinte, estava acompanhado por cinco discípulos, carregando fardos na cabeça. Kunta sabia que aqueles fardos continham preciosos livros em árabe e pergaminhos antigos, como os que tinham existido na antiga Timbuktu. No momento em que o velho moro cruzou o portão, Kunta e seus companheiros ficaram de joelhos, assim como o kintango e seus assistentes, todos encostando a testa na terra. Depois que o moro abençoou-os e ajujoo, todos se levantaram e sentaram-se ao redor dele, respeitosamente. O moro abriu seus livros e começou a ler, primeiro do Alcorão, depois de livros desconhecidos, como o Taureta La Musa, o Zabora Dawidi e o Lingeeli Ia Isa, qual, segundo ele disse, eram conhecidos pelos “cristãos” como O Pentateuco de Moisés, Os Salmos de Davi e O Livro de Isaías. Cada vez que lia ou fechava um livro, desenrolava ou enrolava um pergaminho, o moro encostava-o na testa e murmurava: — Amém!

Depois das leituras, o velho moro guardou os livros e passou a falar dos grandes acontecimentos e pessoas do Alcorão Cristão, que era conhecido como a Bíblia Sagrada. Falou de Adão e Eva, de José e seus irmãos, de Moisés, Davi e Salomão, da morte de Abel. E falou também de grandes homens da história mais recente, como Djoulou Kar Naini, conhecido pelos toubobs como Alexandre, o Grande, um poderoso Rei de ouro e prata, cujo sol brilhara por mais da metade do mundo.

Antes de finalmente levantar-se para partir, o moro verificou o que os meninos já sabiam sobre as cinco preces diárias a Alá e disse-lhes como deveriam comportar-se na mesquita sagrada de sua aldeia, na qual entrariam pela primeira vez quando voltassem, como homens. Depois, ele e seus discípulos partiram apressadamente para o próximo lugar onde estavam sendo esperados, num programa intenso. Os meninos homenagearam-no, conforme o kintango determinara, cantando umas das canções que tinham aprendido Aojalli kea:

“Uma geração passa. outra geração vem e vai. mas Alá permanece para sempre.”

Naquela noite, Kunta ficou outra vez acordado até tarde, pensando como tantas coisas que aprendera — na verdade, quase tudo — se vinculavam. O passado estava ligado com o presente, o presente com o futuro; os mortos com os vivos e com aqueles que ainda estavam por nascer; ele próprio com sua família, companheiros, aldeia, tribo, África; o mundo do homem com o mundo dos animais e das plantas. Todos viviam com Alá. Kunta sentiu-se muito pequeno, ao mesmo tempo que muito grande. Talvez, pensou ele, seja isso o que significa tornar-se um homem.



Estava-se aproximando o momento que Kunta e seus companheiros tinham, estremeçando só de pensar: a operação *kasas boyo*, que purificava um menino e preparava-o para ser pai de muitos filhos. Todos sabiam que era iminente, mas aconteceu num momento em que nenhum previa. Um dia, quando o sol estava a pino, um dos assistentes do kintango deu uma ordem que parecia ser rotineira, para que todos entrassem em fila. Os meninos obedeceram rapidamente, como sempre faziam. Kunta sentiu uma pontada de medo quando o kintango saiu de sua cabana, o que raramente acontecia àquela hora do dia.

— Tirem para fora seus fotos — ordenou o kintango.

Os meninos hesitaram, não acreditando, ou não querendo acreditar, no que tinham ouvido.

— Agora!

Lenta e timidamente eles obedeceram, cada um olhando para o chão, ao enfiar a mão dentro da tanga. Os assistentes do kintango prenderam uma tira de pano, sobre a qual tinham passado uma pasta verde, feita com uma determinada folha, em torno da cabeça do foto de cada menino.

— Daqui a pouco não terão mais qualquer sensação nos fotos — disse o kintango, ordenando em seguida que voltassem para as cabanas.

Encolhidos dentro das cabanas, constrangidos, com medo do que estava para acontecer, os meninos ficaram esperando, em silêncio. No meio da tarde, receberam ordem de sair e entrar novamente em fila. Viram diversos homens de Juffure, os pais, tios e irmãos que já tinham estado lá e muitos outros entrarem pelo portão. Omoro estava entre eles, mas desta vez Kunta fingiu que não tinha visto o pai. Os homens também ficaram em fila, diante dos meninos, e entoaram:

— Esta coisa a ser feita, também foi feita em nós, e nos antepassados antes de nós. e assim vocês também serão, homens como todos nós.

O kintango ordenou em seguida que os meninos retornassem novamente às cabanas.

A noite estava caindo, quando, subitamente, muitos tambores começaram a soar, perto da *jujuo*. Saindo mais uma vez das cabanas, os meninos viram uma dúzia de dançarinos *kankurang*, pulando e gritando, atravessar o portão. Estavam de máscaras e com as fantasias de folhas, brandindo as espadas diante dos meninos apavorados. Tão abruptamente como haviam aparecido, os dançarinos *kankurang* foram embora. Entorpecidos pelo medo, os meninos ouviram e obedeceram a ordem do kintango de sentarem com as costas na cerca de bambu da *jujuo*, bem perto um do outro.

Os pais, tios e irmãos mais velhos estavam parados perto e entoavam:

— Em breve voltarão para a aldeia, e para suas plantações, e depois irão casar, e a vida eterna vai brotar de suas virilhas.

Um dos assistentes do kintango gritou o nome de um menino. O menino levantou e o assistente levou-o para trás de uma tela de bambu entrelaçado. Kunta não pôde ver nem

ouvir o que aconteceu lá atrás. O menino voltou pouco depois, com a tanga entre as pernas manchada de sangue. Cambaleando ligeiramente, foi quase carregado pelo outro assistente até seu lugar, na cerca de bambu. Outro menino foi chamado, depois outro e mais outro, até que o assistente do kintango gritou:

— Kunta Kinte!

Kunta estava aterrorizado. Mas conseguiu levantar e foi para trás da tela. Lá estavam quatro homens, um dos quais ordenou-lhe que deitasse de costas. Kunta obedeceu, inclusive porque as pernas trêmulas não conseguiriam agüentá-lo por muito tempo mais. Os homens inclinaram-se e agarraram-no firmemente, levantando suas coxas. Um instante antes de fechar os olhos, Kunta viu o kintango inclinar-se com algo na mão. Sentiu a dor do corte. Era ainda pior do que imaginara, embora não tão ruim como teria sido sem a pasta que lhe deixara o foto entorpecido. Foi feito rapidamente um curativo e o assistente ajudou-o a voltar para seu lugar. Kunta sentou, fraco e atordoado, junto com os outros que já tinham estado atrás da tela.

Não olhavam um para o outro. Mas, de certa forma, estavam aliviados, pois a coisa que mais temiam, acima de todas as outras, já tinha acontecido.

Quando os fotos começaram a sarar, o kafo foi ficando cada vez mais exultante. Desaparecera para sempre a indignidade de serem simples meninos, tanto no corpo como na mente. Agora, já eram quase homens, e sentiam uma gratidão e respeito profundos pelo kintango. E o kintango, por sua vez, passou a tratar o kafo de Kunta de maneira diferente. O ancião encarquilhado, de cabeça grisalha, a quem tinham aos poucos aprendido a amar, agora até sorria, de vez em quando. E quando ele ou seus assistentes se dirigiam ao kafo, diziam com a maior naturalidade:

— Vocês, homens.

Para Kunta e seus companheiros, parecia tão inacreditável quanto era agradável de ouvir.

Pouco depois de começar a quarta lua, o kintango ordenou pessoalmente que, todas as noites, três ou quatro membros do kafo de Kunta deixassem a jujuo e corresse até a aldeia adormecida de Juffure, esgueirando-se pelas sombras até as despensas das respectivas mães, roubando o máximo de alimentos que pudessem carregar. Voltavam para ajujuo e os alimentos eram alegremente cozinhados no dia seguinte.

— É para provar a si mesmos que são mais espertos do que todas as mulheres, inclusive suas mães — explicou o kintango.

As mães, é claro, no dia seguinte gabavam-se para as amigas de que tinham ouvido os filhos entrar nas cabanas, pois estavam acordadas, escutando com o maior orgulho.

O ambiente na jujuo era agora inteiramente diferente. Quase todas as noites, o kafo de Kunta aconchava-se em torno do kintango, num semicírculo. De um modo geral, ele continuava tão severo quanto antes, só que agora falava-lhes como a homens jovens de sua aldeia e não mais como meninos. Discorria muitas vezes sobre as qualidades de um homem, entre as quais se destacavam a bravura e, logo depois, a integridade absoluta, em todas as coisas. Em outras ocasiões, falava sobre os antepassados, dizendo que os vivos tinham o dever de venerar aqueles que agora viviam com Alá. Pediu que cada menino dissesse o nome do ancestral de que melhor se recordava; Kunta deu o nome da Vovó Yaisa.

O kintango declarou que esses ancestrais estavam intercedendo junto a Alá por eles.

Numa noite, o kintango disse-lhes que todas as pessoas que viviam numa aldeia eram igualmente importantes para essa aldeia, desde o bebê recém-nascido ao mais velho dos anciãos. Agora que eram homens, deviam aprender a tratar a todos com o mesmo respeito.

E a principal obrigação de um homem era zelar pelo bem-estar de cada homem, mulher e criança de Juffure, como se fosse o seu próprio bem-estar.

— Quando voltarem, começarão a servir a Juffure como os olhos e ouvidos da aldeia. Terão que ficar de guarda fora da aldeia, vigiando uma possível aproximação de toubobs e outros selvagens. E servirão também nas plantações, como sentinelas, para manter as colheitas a salvo dos animais.

Terão também a responsabilidade de inspecionar os caldeirões em que as mulheres cozinham, inclusive os de suas próprias mães, para certificarem-se se estão sendo mantidos limpos. E deverão repreender severamente se encontrarem alguma sujeira ou um inseto dentro.

Os meninos mal podiam esperar o momento de iniciar o cumprimento de tais obrigações.

Embora quase todos, à exceção de uns poucos que eram mais velhos, ainda fossem muito jovens para sonhar com as responsabilidades que iriam assumir quando alcançassem o quarto kafo, sabiam que um dia, como homens entre 15 e 19 chuvas, seriam designados para a missão importante de levar mensagens, como o jovem que trouxera a notícia da visita do moro, entre Juffure e outras aldeias. O kafo de Kunta não podia imaginar que aqueles que eram velhos o bastante para serem mensageiros sonhavam com o dia em que deixariam de ser mensageiros. Ao chegarem ao quinto kafo, com 20 chuvas, é que passariam a fazer um trabalho realmente importante, ajudando os anciãos da aldeia como emissário e negociadores, nos tratos com outras aldeias. Os homens da idade de Omoro, acima de 30 chuvas, iam gradativamente subindo de categoria e assumindo maiores responsabilidades, a cada chuva que passava, até chegarem à honrosa posição de anciãos. Kunta muitas vezes observara o pai sentar perto do Conselho de Anciãos, sentindo o maior orgulho por isso. E aguardava ansiosamente o dia em que Omoro ingressaria naquele círculo fechado, herdando a responsabilidade e autoridade de líderes reverenciados como o kintango, quando eles fossem chamados por Alá.

Não era fácil a Kunta e seus companheiros prestarem a atenção devida a tudo o que o kintango dizia. Parecia-lhes impossível que tanta coisa tivesse acontecido ao longo das últimas quatro luas e que agora estavam prestes a se tornar homens. Os últimos dias pareceram mais longos que todas as luas que os tinham precedido. Quando a quarta lua brilhava no céu, toda cheia, os assistentes do kintango ordenaram que o kafo entrasse em fila, logo depois da refeição noturna.

Seria aquele o momento pelo qual tanto tinham esperado? Kunta olhou ao redor, procurando pelos pais e irmãos, que certamente deveriam estar ali, para a cerimônia. Mas não se podia vê-los em parte alguma e onde estaria o kintango? Kunta foi finalmente avistá-lo parado junto ao portão. E subitamente o kintango abriu o portão e gritou-lhes:

— Homens de Juffure, voltem para sua aldeia!

Por um momento, todos continuaram parados, como se tivessem criado raízes. Mas um instante depois desataram a gritar de alegria, abraçaram o kintango e seus assistentes, que fingiram estar ofendidos com tamanha impertinência. Quatro luas atrás, quando lhe haviam arrancado o capuz branco da cabeça, Kunta não teria acreditado que pudesse mais tarde lamentar a partida daquele lugar e que iria aprender a amar o velho rigoroso que viram diante deles. Mas agora sentia as duas emoções. Logo começou a pensar na família e na aldeia. Saiu correndo pelo portão, soltando gritos de alegria, junto com seus companheiros. Não tinham percorrido uma grande distância quando todos subitamente se calaram e diminuíram o ritmo dos passos, como que a um sinal silencioso. Pensavam na

mesma coisa, cada um a sua maneira: o que estavam deixando para trás, o que iriam encontrar pela frente. Desta vez, não precisaram das estrelas para encontrar o caminho.



— Aieeee! Aieeee!

Os gritos estridentes e felizes das mulheres ressoavam pelo ar. As pessoas saíram correndo de suas cabanas, rindo, dançando, batendo palmas, quando o kafo de Kunta e aqueles que tinham completado 15 chuvas e passado assim para o quarto kafo entraram quase ao mesmo tempo pelo portão da aldeia, ao romper da madrugada. Ao ver a mãe correndo em sua direção, Kunta sentiu vontade de correr também para abraçá-la. Não pôde impedir que seu rosto ficasse radiante, mas conseguiu controlar os passos e prosseguiu caminhando normalmente. Um instante depois, Binta estava em cima dele, enlaçando-o pelo pescoço, as mãos a lhe acariciarem o rosto, as lágrimas escorrendo, murmurando o nome dele. Kunta permitiu tal demonstração apenas por um breve instante, pois já era um homem. Ele deu um passo para trás, mas procurou dar a impressão de que o fazia simplesmente para contemplar melhor o fardo que uivava nas costas de Binta. Ele tirou o bebê lá de dentro, segurando-o com as duas mãos.

— Então esse é o meu irmão Madi! — gritou ele alegremente, erguendo o bebê bem alto.

Binta seguiu ao lado radiante, quando Kunta embrenhou-se para a cabana dela, com o bebê nos braços. Kunta se perguntava onde estariam Omoro e Lamin. Mas recordou-se abruptamente de que o irmão menor já devia ter saído com as cabras. Já estava sentado no interior da cabana de Binta quando percebeu que um dos meninos maiores do primeiro kafo seguira-os e agora o fitava atentamente, segurando a saia da mãe.

— Olá, Kunta — disse o menino.

Era Suwadu! Kunta mal podia acreditar. Ao partir, quatro luas atrás, Suwadu era apenas algo insignificante, pequeno demais para merecer qualquer atenção, a não ser quando irritava Kunta com seus ganidos. Suwadu crescera consideravelmente e estava aprendendo a falar. Já se tornara uma pessoa! Devolvendo o bebê a Binta, Kunta pegou Suwadu e jogou-o para o alto, várias vezes, fazendo-o gritar de alegria.

Ao terminar a brincadeira com Suwadu, que saiu correndo da cabana para ver os outros novos homens, a cabana ficou subitamente em silêncio. Transbordando de felicidade e orgulho, Binta não sentia a menor necessidade de falar. Mas Kunta sentia. Queria dizer quanta saudade sentira da mãe, como estava contente por voltar. Mas não conseguiu encontrar as palavras. E sabia que era o tipo de coisa que um homem não podia dizer a uma mulher, nem mesmo à própria mãe.

— Onde está meu pai? — perguntou Kunta, finalmente.

— Está cortando colmo para a sua cabana.

Em sua excitação, Kunta esquecera inteiramente que agora, como homem, teria uma cabana só para si. Saiu correndo e foi direto para o lugar que o pai apontara como sendo o que tinha o melhor colmo para se fazer um telhado.

Omoro viu-o aproximar-se. O coração de Kunta disparou, ao ver o pai adiantar-se para

recebê-lo. Apertaram-se as mãos à maneira dos homens, um olhando fundo nos olhos do outro, vendo-se pela primeira vez de homem para homem. Kunta quase tremeu de tanta emoção. Os dois ficaram em silêncio por um momento. Depois, Omoro disse, como se estivesse fazendo um comentário sobre o tempo, que comprara para Kunta uma cabana cujo proprietário casara e construira outra. Kunta gostaria de inspecionar a cabana agora? O filho respondeu que sim e seguiram lado a lado. Omoro era praticamente o único a falar, pois Kunta tinha a maior dificuldade em encontrar as palavras para dizer o que pensava.

As paredes da cabana precisavam de muitos reparos, assim como o telhado. Mas Kunta mal notou e não se importou, pois era a sua cabana e ficava longe da cabana de Binta, do outro lado da aldeia. É claro que não deixou transparecer sua satisfação nem tampouco falou a respeito. Em vez disso, declarou a Omoro que se encarregaria de fazer pessoalmente os reparos necessários. Omoro disse que Kunta podia consertar as paredes, se assim desejasse, mas ele terminaria de fazer os reparos no telhado, pois já começara. Sem dizer mais nada, Omoro virou-se e voltou para o lugar em que estava cortando o colmo. Kunta ficou sozinho, sentindo-se grato pelo fato de o pai ter começado o novo relacionamento entre eles, como homens, com a maior naturalidade.

Kunta passou a maior parte da tarde percorrendo Juffure, contemplando os rostos queridos cuja falta tanto sentira, as cabanas e outros lugares familiares, como o poço da aldeia, o pátio escolar, o baobá e a paineira. Não percebera quanta saudade sentira de Juffure, até começar a deleitar-se com os cumprimentos de todos por quem passava.

Estava voltando lentamente para sua nova cabana quando ouviu uma algazarra familiar: o barulho das cabras, latidos de cachorros, gritos de crianças. Era o segundo kafo voltando. Lamin devia estar entre eles. Kunta ficou examinando ansiosamente os rostos dos meninos que passavam. Lamin avistou-o primeiro, gritou o nome dele, aproximou-se correndo, com um sorriso radiante. Mas estacou bruscamente, a alguns passos de distância, ao ver a expressão fria do irmão. Ficaram-se olhando em silêncio, até que Kunta finalmente falou:

— Olá.

— Olá, Kunta.

Continuaram a se olhar por mais algum tempo. Havia um brilho de orgulho nos olhos de Lamin, mas Kunta percebeu também mágoa e incerteza sobre a maneira como deveria ser tratado o irmão que se tornara um homem. Kunta pensou que o jeito como ambos estavam-se comportando não era o que teria gostado, mas sabia também que era necessário, pois um homem devia ser encarado com respeito, até mesmo pelo próprio irmão.

Lamin foi quem tornou a falar:

— Suas duas cabras estão prenhes, Kunta.

Kunta ficou deliciado. Isso significava que em breve teria quatro cabras, talvez cinco, se uma delas estivesse com duas crias na barriga. Mas ele não sorriu nem se mostrou surpreso, limitando-se a dizer, com menos entusiasmo até do que queria demonstrar:

— É uma boa notícia.

Sem saber o que mais dizer, Lamin afastou-se, gritando com os cachorros wuolos para que cercassem as cabras, que já tinham começado a se dispersar.

Binta manteve-se com uma expressão impassível, ao ajudar Kunta a providenciar sua mudança para a nova cabana. Ela disse que todas as roupas dele tinham ficado pequenas e acrescentou, no tom respeitoso apropriado, que assim que ele tivesse algum tempo, nos intervalos de suas importantes tarefas, gostaria de tirar-lhe as novas medidas, para poder fazer-lhe algumas roupas. Como o filho não possuía praticamente coisa alguma, além do

arco, flechas e estilingue, Binta pôs-se a dizer “Vai precisar disso ou daquilo”, até fornecer-lhe os utensílios essenciais, como um colchão, algumas tigelas, um banquinho, um tapete de orações, que ela fizera enquanto Kunta estava na ajujuo. A cada nova coisa que recebia, Kunta grunhia como sempre ouvira o pai fazer, como se não pudesse pensar em nenhuma objeção a ter aquele objeto em sua cabana. Ao notá-lo coçando a cabeça, Binta ofereceu-se para verificar se estava com piolho. Mas Kunta respondeu bruscamente “Não!”, ignorando os resmungos da mãe a partir desse momento.

Já era quase meia-noite, quando Kunta finalmente dormiu, pois tinha muita coisa em que pensar. Teve a impressão de que mal fechara os olhos quando foi despertado pelo cantar dos galos, ouvindo em seguida o chamado do alimamo para que todos os homens seguissem até a mesquita. Seria a primeira prece matutina que ele e seus companheiros teriam permissão de fazer, junto com os outros homens de Juffure. Vestindo-se rapidamente, Kunta pegou seu novo tapete de orações e saiu da cabana. Seguiu junto com seu kafo, todos de cabeça abaixada e com o tapete de orações enrolado debaixo do braço, como se tivessem feito aquilo durante a vida inteira. Entraram na mesquita sagrada atrás dos outros homens da aldeia. Kunta e seus companheiros ficaram observando e imitaram cada gesto e fala dos homens mais velhos, tomando um cuidado especial em não falar alto ou baixo demais, ao recitarem suas orações.

Depois da prece, Binta levou a primeira refeição até a cabana de Kunta. Colocou a tigela de cuscuz fumegante diante de Kunta, que se limitou a grunhir novamente, não deixando transparecer qualquer emoção. Binta afastou-se rapidamente, e Kunta comeu sem prazer, irritado pela suspeita de que a mãe parecia estar contendo com dificuldade uma risada divertida.

Depois da primeira refeição, Kunta foi juntar-se a seus companheiros, assumindo a função de serem os olhos e ouvidos da aldeia, com uma diligência que os mais velhos também acharam divertida. As mulheres mal podiam virar-se sem que deparassem com um dos novos homens, pedindo para inspecionar suas tigelas, à procura de insetos. Esquadrinhando o exterior das cabanas e a cerca da aldeia, eles descobriram centenas de lugares em que o estado de conservação não condizia com seus padrões exigentes.

Vários foram tirar água do poço da aldeia, provando-a cuidadosamente, à procura de algum indício de que estivesse salobra, enlameada ou com qualquer outra característica indevida. Ficaram desapontados, mas mesmo assim substituíram por novos os peixes e a tartaruga que eram mantidos no fundo do poço, para comerem os insetos. Os novos homens, em suma, estavam por toda parte.

— Eles são numerosos como pulgas! — comentou a velha Nyo Boto, quando Kunta aproximou-se do córrego em que ela estava batendo a roupa suja numa pedra. Ele quase que correu em outra direção. Kunta também procurou evitar qualquer lugar conhecido em que pudesse deparar com Binta, dizendo a si mesmo que não iria dispensar-lhe nenhum favor especial, apesar de ser sua mãe. Iria tratá-la com toda firmeza e rigor, se Binta fizesse por merecer. Afinal, ela era uma mulher.



Juffure era tão pequena e seu kafo de novos homens era tão diligente que Kunta não demorou a achar que praticamente todos os telhados, paredes, cabaças e caldeirões da aldeia já tinham sido devidamente inspecionados, limpos, consertados ou substituídos momentos antes de sua verificação. Mas ele sentiu-se mais satisfeito do que desapontado, pois isso lhe proporcionava mais tempo para cuidar do pequeno trato que o Conselho dos Anciãos designara para seu uso. Todos os novos homens plantavam seu próprio milho ou amendoim, uma parte para comer, a outra para trocar com aqueles que colhiam muito pouco para alimentar suas famílias.

Um homem jovem que soubesse cuidar de suas colheitas poderia rapidamente ter uma dúzia de cabras, trocando-as por uma novilha, que iria crescer e ter crias. E assim iria progredindo, até tornar-se um homem de posses, por volta das 25 ou 30 chuvas, podendo então pensar em tomar uma esposa e ter seus próprios filhos.

Algumas luas depois de seu retorno, Kunta já colhera muito mais do que poderia comer, fazendo diversas trocas hábeis, por coisas para adornar sua cabana, a tal ponto que Binta começou a resmungar a respeito, sempre que o via por perto. Kunta tinha tantos bancos, esteiras, potes, cabaças e diversos outros objetos na cabana, murmurava Binta, que quase não restava espaço para ele próprio. Mas Kunta preferiu ignorar a impertinência da mãe, pois agora dormia numa excelente cama, de juncos, com um colchão de bambu, que Binta passara meia-lua a fazer para o filho.

Na cabana, juntamente com diversos saphies que obtivera em troca de partes de suas colheitas, Kunta tinha várias outras defesas espirituais poderosas, como os extratos de determinadas plantas e cascas, que esfregava na testa, parte superior dos braços e coxas, todas as noites, antes de deitar, como fazia cada homem mandinga. Acreditava-se que essa essência mágica protegeria um homem de ser possuído por maus espíritos durante o sono. E fazia também com que cheirasse agradavelmente, algo com que Kunta começara a preocupar-se, juntamente com sua aparência.

Ele e os demais integrantes de seu kafo estavam ficando cada vez mais exasperados com um problema que há muitas luas afetava-lhes o orgulho viril. Ao partirem para o treinamento e iniciação na vida adulta, tinham deixado para trás um grupo de meninas esqueléticas, tolas, sempre soltando risadinhas, capazes de qualquer brincadeira mais rude, tanto quanto os meninos. Quatro luas depois, ao voltarem como novos homens, tinham descoberto que aquelas meninas, com as quais tinham crescido, rebojavam sempre que sentiam alguém a observá-las, empinavam os seios do tamanho de mangas, sacudiam a cabeça e os braços, exibindo os novos brincos, colares de contas e braceletes. O que mais irritava Kunta e seus companheiros não era o fato de as meninas estarem se comportando de maneira tão absurda, mas sim por aparentemente estarem-no fazendo em benefício exclusivo dos homens que eram mais velhos dez chuvas ou mais do que elas mesmas. Para os novos homens como Kunta, aquelas donzelas de idade de casar, com 14 ou 15 chuvas,

mal lançavam um olhar, a não ser para escarnecer ou rir desdenhosamente. Ele e seus companheiros ficaram tão repugnados com essa exibição que decidiram não mais dar qualquer atenção às meninas e aos homens mais velhos e ansiosos, que elas procuravam seduzir de maneira tão óbvia.

Mas havia algumas manhãs em que Kunta descobria, ao despertar, que seu foto estava tão duro quanto o polegar. É claro que já ficara duro muitas vezes antes, mesmo quando era da idade de Lamin. Mas agora a sensação era muito diferente, intensa, profunda. Kunta não podia controlar-se e metia a mão por baixo da coberta, apertando o foto. Também não podia deixar de pensar nas coisas que ele e seus companheiros tinham ouvido, a respeito de fotos sendo enfiados nas mulheres.



Kunta tinha a impressão de que Binta, o provocava e irritava quase todos os dias, por um motivo ou outro. Ela não precisava fazer ou dizer coisa alguma. Bastava um olhar, um certo tom de voz, para que Kunta percebesse que a mãe desaprovava alguma atitude sua. Era pior quando Kunta acrescentava a seus bens um objeto qualquer que não obtivera por intermédio de Binta. Uma manhã, ao chegar com a primeira refeição na cabana do filho, Binta quase deixou cair o cuscuz fumegante em cima dele, ao ver que Kunta estava usando o primeiro dundiko que não fora, costurado por ela.

Sentindo-se culpado por ter trocado uma pele curtida de hiena pelo dundiko, Kunta recusou-se furiosamente a dar qualquer explicação. Mas percebeu que a mãe ficara profundamente magoada.

Daquela manhã em diante, Kunta percebeu que Binta jamais trazia sua primeira refeição sem vasculhar com os olhos todos os objetos que havia na cabana, procurando descobrir se havia algo novo, um banco, uma esteira, um balde, uma cabaça que não chegava ali pelas mãos dela. Se havia alguma coisa nova, os olhos aguçados de Binta jamais deixavam de notá-la. Kunta ficava furioso ao ver a mãe afixar a expressão de indiferença que já a vira usar tantas vezes com Omoro. Ele sabia, assim como o pai, que Binta estaria dali a pouco no poço da aldeia, conversando com as amigas e lamentando-se por seus problemas, que era a única coisa que as mulheres mandingas faziam, quando tinham alguma divergência com os maridos.

Um dia, pouco antes de a mãe chegar com a primeira refeição, Kunta colocou quase à entrada da cabana uma linda cesta que ganhara de presente de Jinna M'Baki, uma das diversas viúvas de Juffure. A mãe quase que ia tropeçar na cesta. Só depois é que se lembrou de que a viúva era um pouco mais jovem que Binta. Quando Kunta ainda era um cabreiro do segundo kafo, o marido dela saíra para caçar e nunca mais voltara. linna morava perto de Nyo Boto, a quem Kunta continuava a visitar com frequência. Ele e a viúva viam-se constantemente e tinham começado a conversar de vez em quando, depois que Kunta ficara mais velho. Kunta ficara aborrecido quando alguns de seus amigos zombavam dele, especulando sobre o motivo que teria levado a viúva a dar-lhe a cesta de presente. Chegando à cabana e deparando com a cesta, Binta reconheceu imediatamente o estilo de trançar da viúva e recuou, como se estivesse diante de um escorpião, antes de conseguir recuperar o controle.

A mãe não fez qualquer comentário, mas Kunta sentiu que sua intenção ficara bem clara. Não era mais um menino e já estava na hora de Binta deixar de tratá-lo como a mãe protetora. Ele sentira que era responsabilidade sua mudar a atitude da mãe. Não podia conversar com Omoro a respeito, pois sabia que ficaria numa posição ridícula, se pedisse ao pai conselhos sobre a melhor maneira de fazer Binta respeitar o filho, assim como respeitava o marido. Kunta tinha pensado em discutir o assunto com Nyo Boto, mas mudou de ideia ao recordar a maneira estranha e fria com que ela o recebera, ao voltar da ijujuo.

Assim, Kunta resolveu agir sozinho e decidiu que não mais iria à cabana da mãe, onde vivera pela maior parte de sua vida. Quando Binta trazia suas refeições, ele ficava em silêncio, imóvel, enquanto ela deixava a comida sobre a esteira e partia sem dizer nada, sem nem mesmo fitá-lo. Kunta finalmente começou a pensar em providenciar um novo esquema para conseguir suas refeições. A maioria dos outros novos homens ainda comia o que as mães preparavam, mas alguns comiam da cozinha de uma irmã mais velha ou de uma cunhada. Se Binta piorasse, disse Kunta a si mesmo, iria procurar outra mulher que cozinhasse para ele, talvez a viúva que lhe dera a cesta. Sabia, antes mesmo de perguntar, que a viúva teria o maior prazer em cozinhar para ele. Por enquanto, porém, Kunta não queria que ela soubesse que estava sequer cogitando da ideia. Continuou a comer as refeições preparadas pela mãe. Encontravam-se apenas na hora das refeições... e comportavam-se como se um não visse o outro.

Uma manhã, ao voltar de uma noite como vigia nas plantações de amendoim, Kunta avistou três jovens caminhando apressadamente pela trilha, alguma distância a sua frente. Tinham aproximadamente a mesma idade dele e eram viajantes de alguma outra aldeia. Kunta gritou até que se virassem e saiu correndo ao encontro deles e saudou-os. Disseram-lhe que eram da aldeia de Barra, a um dia e uma noite de viagem de Juffure. Estavam indo em busca de ouro. Eram da Tribo Feloop, um ramo dos mandingas, mas Kunta teve de prestar toda atenção para entendê-los, da mesma forma como eles fizeram para compreendê-lo. Isso fez com que Kunta recordasse da visita que fizera em companhia do pai à nova aldeia dos tios. Não pudera compreender o que algumas pessoas haviam dito, apesar de eles viverem a apenas dois ou três dias de viagem de Juffure.

Kunta ficou intrigado com a viagem dos três jovens. Achou que iria interessar também a alguns de seus amigos e por isso convidou-os a pararem em Juffure, para um dia de hospitalidade, antes de prosseguirem a viagem. Mas eles recusaram o convite, alegando que precisavam alcançar o lugar em que se encontrava o ouro na tarde do terceiro dia de viagem.

— Mas por que não vem conosco? — um deles perguntou a Kunta. Nunca tendo antes sonhado com tal coisa, Kunta ficou tão aturdido que se descobriu dizendo não, antes mesmo de sequer pensar a respeito, explicando que agradecia o convite, mas tinha muito trabalho a fazer em suas plantações, além de outras obrigações. Os três jovens lamentaram a decisão.

— Mas se mudar de ideia, venha juntar-se a nós — disse outro. Ajoelharam-se em seguida e desenharam na terra o lugar onde iriam procurar ouro, cerca de dois dias e duas noites de viagem além de Juffure. O pai de um dos meninos, um músico ambulante, é que revelara a localização.

Kunta acompanhou seus novos amigos até a bifurcação na trilha dos viajantes. Os três jovens seguiram pelo caminho que contornava Juffure, virando-se mais adiante para acenar em despedida. Kunta voltou lentamente para a aldeia. Pensava intensamente ao chegar em sua cabana e deitar na cama. Embora tivesse passado a noite inteira acordado, não sentia o menor sono. Talvez, no final das contas, fosse também em busca de ouro, se conseguisse encontrar algum amigo para cuidar de suas plantações. E tinha certeza de que alguns dos seus amigos se prontificariam a substituí-lo em seus deveres como sentinela, se pedisse, assim como ele próprio teria de bom grado feito a mesma coisa.

O pensamento que lhe ocorreu em seguida, subitamente, fê-lo saltar da cama de um pulo: Agora que era homem, podia levar Lamin em sua companhia, assim como o pai certa vez o levara! Durante a hora seguinte, Kunta andou de um lado para outro da cabana,

pensando nos problemas decorrentes daquela ideia. Antes de mais nada, será que Omoro permitiria que Lamin fizesse tal viagem? Afinal, Lamin ainda era um menino e por isso era necessária a autorização do pai. Como um homem, Kunta sentiu-se irritado por ter que pedir permissão para alguma coisa. E se Omoro não desse permissão?

E como seus três novos amigos iriam reagir quando ele aparecesse com o irmão menor?

Pensando melhor, Kunta concluiu que não havia sentido em se expor a um embaraço desagradável, só para fazer um favor a Lamin. Afinal, depois que voltara da ajujuo, ele e Lamin já não tinham mais a mesma intimidade de antes. Mas sabia também que isso não acontecia pela vontade de ambos.

Gostavam um do outro, profunda e sinceramente, antes da partida de Kunta. Mas o tempo vago de Lamin era agora absorvido por Suwadu, que estava sempre rondando o irmão mais velho, com orgulho e admiração, da mesma maneira como Lamin outrora cercara Kunta. Apesar disso, Kunta sentia que Lamin o admirava ainda mais do que antes. Acontecera apenas que se abria uma espécie de distância entre ambos, pelo fato de Kunta ter-se tornado um homem. Os homens simplesmente não perdiam seu tempo com meninos. Mesmo que nenhum dos dois desejasse que assim fosse, não havia jeito de se alterar tal situação... até que Kunta pensou em levar Lamin na viagem em busca de ouro.

— Lamin é um bom menino. Aprendeu rapidamente tudo que lhe foi ensinado e está tomando conta muito bem das minhas cabras.

Foi assim que Kunta iniciou a conversa com Omoro, pois sabia que os homens quase nunca começavam a falar diretamente sobre o assunto em discussão. Omoro também sabia disso e assentiu lentamente, respondendo:

— Eu diria que isso é verdade.

Tão calmamente quanto podia, Kunta relatou ao pai seu encontro com os três novos amigos e o convite para uma viagem em busca de ouro. Respirando fundo, Kunta disse finalmente:

— Estive pensando que Lamin iria gostar de uma viagem assim.

O rosto de Omoro não deixou transparecer qualquer emoção. Um longo tempo se passou antes que ele falasse:

— Viajar é uma boa coisa para um menino.

Kunta compreendeu que o pai pelo menos não iria recusar categoricamente. Podia sentir a confiança que Omoro depositava nele, mas percebia também a preocupação, que o pai não iria manifestar além do necessário.

— Há muitas chuvas que não viajo por aquela região e não me lembro muito bem da trilha — disse Omoro, falando com a maior naturalidade, como se fosse um comentário sobre o tempo.

Kunta sabia que o pai, um homem que jamais esquecia coisa alguma, estava querendo verificar se ele conhecia o caminho para o local em que existia ouro.

Abaixando-se, apoiado num joelho, Kunta desenhava a trilha na areia, como se a conhecesse há muitos anos. Fez círculos para indicar as aldeias que estavam ao lado da trilha e as que ficavam um pouco mais distantes. Omoro também ajoelhou-se e disse, assim que Kunta terminou de desenhar a trilha:

— Eu passaria por perto do maior número possível de aldeias. Pode levar mais algum tempo, mas será mais seguro.

Kunta assentiu, esperando estar com um ar mais confiante do que realmente sentia. Ocorreria-lhe que os três amigos, viajando juntos, podiam corrigir os erros um do outro, se é que cometessem algum. Mas ele estaria viajando com um irmão menor, por quem seria

responsável. Não teria ninguém para ajudá-lo, se algo saísse errado.

O dedo de Omoro fez um círculo em torno da última terça parte da trilha.

— Nesta área, poucos falam mandinga — disse Omoro.

Kunta recordou-se das lições que aprendera na ajujuo. Fitou o pai nos olhos e declarou:

— O sol e as estrelas irão informar-me o caminho.

Um longo momento se passou antes que Omoro voltasse a falar:

— Acho que vou dar um pulo até a cabana de sua mãe.

O coração de Kunta disparou. Sabia que aquela era a maneira do pai dizer que concedera permissão e achava que era melhor comunicar pessoalmente sua decisão a Binta.

Omoro não demorou muito na cabana de Binta. Mal a tinha deixado, retornando a sua própria cabana, quando ela saiu correndo, as mãos na cabeça.

— Madi! Suwadu!

Os dois meninos aproximaram-se imediatamente, separando-se das outras crianças, em resposta ao chamado de Binta. Outras mães e jovens solteiras saíram de suas cabanas, atraídas pelos gritos desesperados de Binta, que seguiu rapidamente para o poço, levando os dois filhos. Com todas as outras mulheres a seu redor, Binta soluçou e gemeu desesperadamente, dizendo que só lhe restava agora dois filhos, pois os outros seriam certamente capturados pelos toubobs.

Uma menina do segundo kafo, incapaz de se conter, saiu correndo para o lugar em que Lamin e seus companheiros pastavam as cabras. Algum tempo depois, todos se viraram para olhar, sorridentes, quando um menino delirando de alegria entrou correndo na aldeia, saltando gritos capazes de despertar até mesmo os ancestrais. Alcançando a mãe à entrada da cabana, Lamin abraçou-a e levantou-a, apesar de ser ainda um palmo mais baixo, beijando-a na testa e girando-a enquanto Binta gritava que a largasse. Depois, ela pegou a vara mais próxima e começou a espancar o surpreso Lamin. Ele saiu correndo, sem sentir qualquer dor, na direção da cabana de Kunta. Nem mesmo bateu antes de entrar. Era uma intrusão inadmissível na cabana de um homem. Mas Kunta, ao ver a expressão do irmão, achou melhor não fazer qualquer censura. Lamin ficou parado, olhando para Kunta, a boca mexendo, como se quisesse dizer alguma coisa, o corpo todo tremendo. Kunta teve de recorrer a toda a sua força de vontade para não abraçar Lamin, num súbito e intenso impulso de amor pelo irmão.

Kunta limitou-se a dizer, num tom um tanto ríspido:

— Pelo que vejo, já soube da notícia. Partiremos amanhã, logo depois da primeira prece.

Mesmo já sendo um homem, Kunta procurou evitar Binta, ao ir procurar os amigos e combinar para que cuidassem de suas plantações e o substituissem nas funções de sentinela. Mas sabia por onde Binta andava, pelos gemidos dela, a desfilar pela aldeia com Suwadu e Madi, gritando o mais alto que podia:

— Estes dois são os únicos que me restam!

Mas como todo mundo em Juffure, ela sabia que não importava o que sentisse, dissesse ou fizesse. Omoro tinha tomado uma decisão.



Na árvore dos viajantes, Kunta fez uma prece para que a jornada fosse feita em segurança. E para que fosse também próspera, prendeu uma galinha pelas pernas num galho baixo, deixando-a cacarejar e bater as asas, enquanto se afastava com Lamin pela trilha. Embora não se virasse para olhar, Kunta sabia que Lamin esforçava-se rapidamente para manter o mesmo ritmo dos passos dele e para conseguir equilibrar o fardo na cabeça, sem que Kunta percebesse as dificuldades que ele enfrentava.

Depois de uma hora de viagem, passaram por uma árvore baixa e frondosa, na qual estavam penduradas muitas contas. Kunta teve vontade de explicar a Lamin que aquela árvore indicava que ali perto viviam alguns dos poucos mandingas que eram kafirs, pagãos incréus, que usavam rapé e fumavam tabaco, em cachimbos de madeira com o forninho de barro, além de beberem álcool. Mais importante do que aquele conhecimento, no entanto, era que Lamin aprendesse a disciplina da marcha em silêncio. Quando o sol ficou a pino, Kunta sabia que os pés e pernas de Lamin deviam estar doendo terrivelmente, assim como o pescoço sob o peso do fardo. Mas era apenas quando continuava de qualquer maneira, apesar da dor, que um menino podia fortalecer o corpo e o espírito. Ao mesmo tempo, Kunta sabia que Lamin devia parar e descansar um pouco antes de cair de exaustão, o que iria ferir-lhe o orgulho.

Quando avistou à frente, ao lado da trilha, um pequeno bosque, Kunta segurou firmemente a lança, como lhe fora ensinado. Continuou a caminhar, cautelosamente, parou mais adiante e ficou escutando atentamente. Lamin também parou, de olhos arregalados, com receio até de respirar. Um momento depois, Kunta relaxou e recomeçou a andar, aliviado. Tinha identificado o barulho à frente como sendo o de vários homens a entoarem uma canção de trabalhar. Logo chegaram a uma clareira no bosque e depararam com 12 homens, puxando uma piroga. Tinham derrubado uma árvore, cortado os galhos, preparado o tronco e agora estavam levando-a para o rio, puxando-a com cordas. Depois de cada puxão, os homens cantavam o verso seguinte da canção, sempre terminando com um “Todos juntos!”, repetindo o movimento, a piroga avançando a distância de um braço a cada vez. Acenando para os homens, que retribuíram ao aceno, Kunta seguiu adiante, recordando-se de explicar mais tarde a Lamin por que eles tinham procurado uma árvore na floresta, ao invés de derrubarem uma na margem do rio. Aqueles homens eram da aldeia de Kerewan e faziam as melhores pirogas dos mandingas. Sabiam que somente as árvores da floresta flutuavam.

Kunta pensou nos três jovens de Barra com quem iriam encontrar-se. Sentiu uma onda de afeição, o que era estranho. Apesar de nunca tê-los visto antes, pareciam-lhe como irmãos. Talvez fosse porque eram também mandingas. Diziam as coisas de uma maneira diferente, é verdade, mas não havia qualquer diferença por dentro. Como eles, também decidira deixar sua aldeia em busca de fortuna — e também de emoção — retornando antes das grandes chuvas.

Quando se aproximou o momento para a prece do alansaro, no meio da tarde, Kunta saiu da trilha, perto de um pequeno córrego que corria por entre as árvores. Sem olhar para Lamin, depositou o fardo no chão, flexionou os músculos e depois inclinou-se para apanhar água com as mãos em concha, molhando o rosto e bebendo um pouco. Estava no meio da prece quando ouviu o fardo de Lamin cair no chão, estrepitosamente. Levantando-se ao final da prece, Kunta tinha a intenção de censurar asperamente o irmão. Mas mudou de ideia ao ver como Lamin quase que se arrastava na direção do córrego, o corpo visivelmente doído. Mesmo assim, sua voz ainda soou um pouco ríspida, quando disse: — Beba um pouco só de cada vez!

Enquanto Lamin bebia, Kunta decidiu que uma hora de descanso ali seria suficiente. Depois de comer alguma coisa, Lamin poderia continuar a caminhar mais um pouco, pelo menos até a hora da prece fitiro, ao anoitecer, quando fariam uma refeição completa e dormiriam até a manhã seguinte.

Mas Lamin estava cansado demais até para comer. Ficou imóvel no lugar em que se deitara para beber, o rosto virado para baixo, os braços esticados, com as palmas das mãos para cima. Kunta aproximou-se silenciosamente para dar uma olhada nas solas dos pés do irmão. Ainda não estavam sangrando. Kunta resolveu descansar um pouco também. Ao levantar, pegou uma porção de carne-seca no fardo, suficiente para dois. Acordou Lamin e entregou-lhe sua cota. Pouco depois, estavam novamente na trilha, que fazia todas as curvas e passava por todos os pontos de referência indicados pelos jovens homens de Barra. Perto de uma aldeia, viram duas avós e duas moças, com algumas crianças do primeiro cafo, capturando caranguejos num pequeno córrego.

Perto do anoitecer, quando Lamin começava a segurar o fardo na cabeça com uma frequência cada vez maior, Kunta avistou diversas aves voando em círculos, bastante baixo. Parou abruptamente e escondeu-se, enquanto Lamin caía de joelhos atrás de uma moita próxima. Kunta contraiu os lábios, emitindo o chamado do macho para o acasalamento. Diversas aves se aproximaram, procurando ao redor. A flecha de Kunta atingiu uma delas em cheio. Ele cortou-lhe a cabeça, deixou o sangue escorrer e acendeu uma fogueira para cozinhá-la. Construiu um abrigo tosco com alguns galhos e depois fez sua prece. Também cozinhou algumas espigas de milho que colhera ao longo do caminho, antes de acordar Lamin, que adormecera no momento mesmo em que tirara o fardo da cabeça. Lamin devorou rapidamente a refeição e voltou a dormir, sobre a relva, por baixo do abrigo de galhos que Kunta fizera.

Kunta ficou sentado, abraçando os joelhos. Não muito longe, ouviu os ganidos de hienas. Por algum tempo, concentrou-se em identificar os ruídos da floresta. Depois, ouviu a distância, fracamente, o som melodioso de uma trompa, por três vezes. Sabia que era o chamado para a última prece do dia, a soar na aldeia mais próxima, com o alimamo soprando uma presa oca de elefante. Desejou que Lamin estivesse acordado, para ouvir o lamento impressionante, que quase parecia com uma voz humana. Sorriu um momento depois, ao pensar que o irmão estava tão cansado que não se iria importar com nenhum som. Depois de fazer sua prece, Kunta também dormiu.

Pouco depois do nascer do sol, passaram pela aldeia, ouvindo o ressoar dos pilões das mulheres, preparando o cuscuz para a primeira refeição. Kunta quase que podia sentir o gosto do cuscuz na boca, mas decidiu não parar na aldeia. Mais além, havia outra aldeia. Ao passarem, os homens estavam deixando a mesquita e as mulheres se concentravam em torno das fogueiras de cozinhar. Ainda mais adiante, Kunta viu um velho sentado ao lado da trilha. Estava inclinado sobre diversas conchas de cauri, estendidas sobre uma esteira,

misturando-as continuamente. Não querendo interrompê-lo, Kunta já ia seguindo em frente quando o velho levantou a cabeça e acenou para que se aproximassem.

— Vim da aldeia de Kootacunda, que fica no reino de Wooli, onde o sol se levanta por cima da floresta de Simbani — disse o velho, a voz alta e dissonante. — De onde vocês são?

Kunta informou que eram da aldeia de Juffure. O velho assentiu.

— Já ouvi falar na aldeia de vocês.

O velho explicou que estava consultando os búzios para saber da próxima mensagem a respeito de sua viagem para a cidade de Timbuktu, “que desejo conhecer antes de morrer”. Será que os dois viajantes poderiam ajudá-lo?

— Somos pobres, mas teremos o maior prazer em partilhar com o senhor tudo o que é nosso, Avô — respondeu Kunta.

Ele colocou o fardo no chão, tirou um pedaço de carne-seca e entregou-o ao velho, que pôs a comida no colo, agradecendo.

— Vocês são irmãos viajando?

— Somos, Avô — respondeu Kunta.

— Isso é ótimo! — disse o velho, pegando duas conchas de cauri e entregando-as a Kunta. — Acrescente essas conchas a sua bolsa de caça e terá um bom proveito. — Entregando outra a Lamin, disse: — E você, menino, guarde essa concha até se tornar um homem e ter sua própria bolsa de caça.

Os dois agradeceram e desejaram-lhe todas as bênçãos de Alá. Seguiram em frente. Algum tempo depois, Kunta decidiu que era chegado o momento de romper o silêncio com Lamin. Sem parar nem virar-se, ele começou a falar:

— Há uma lenda, meu irmão, de que foram viajantes mandingas que deram o nome ao lugar para onde aquele velho está indo. Encontraram lá um inseto que nunca tinham visto antes e chamaram o lugar de “Tumbo Kutu”, que significava “novo inseto”.

Como Lamin nada respondesse, Kunta virou a cabeça. E viu o irmão inclinado sobre o fardo, caído no chão, tentando desesperadamente amarrá-lo novamente. Kunta voltou, compreendendo que Lamin afrouxara a corda de tanto segurar o fardo e pusera-o no chão, sem fazer barulho e sem querer romper a regra do silêncio, pedindo ao irmão mais velho que parasse. Ao ajudar Lamin a amarrar o fardo, Kunta percebeu que os pés dele estavam sangrando. Mas como já estava esperando por isso, não fez qualquer comentário. As lágrimas brilhavam nos olhos de Lamin, quando ele pôs o fardo novamente na cabeça e recomeçou a marcha. Kunta censurou-se por não ter percebido que o irmão ficara para trás.

Não tinham andado muito quando Lamin deixou escapar um grito abafado. Pensando que ele pisara num espinho, Kunta virou-se. E viu-o olhando fixamente para uma pantera, num galho da árvore pelo qual iriam passar dentro de um momento. A pantera fitou-os por um instante e depois desapareceu entre as folhas da árvore. Abalado, Kunta seguiu em frente. Estava alarmado, constrangido e furioso consigo mesmo. Por que não vira a pantera? Tudo indicava que o animal preferia não ser visto e provavelmente não iria atacá-los, porque as panteras raramente atacavam alguma presa à luz do dia, a menos que estivessem famintas. E eram bem poucos os casos conhecidos de uma pantera atacando uma pessoa, a não ser quando estava encurralada, era provocada ou estava ferida. Mas Kunta recordou-se da pantera que matara uma das cabras a seus cuidados, no tempo em que era cabreiro. E quase que pôde ouvir a advertência do kintang:

— Os sentidos do caçador devem ser superiores. Ele tem que ouvir o que os outros não podem ouvir, tem que cheirar o que os outros não podem cheirar. E tem que ver na escuridão.

Mas embora ele estivesse na frente, fora Lamin quem avistara a pantera. É que ele estava tão absorto em seus pensamentos que não prestara atenção a mais nada. A maioria de seus problemas derivava de tal hábito, pensou Kunta, amargurado. Tinha de aprender a corrigi-lo. Inclinando-se rapidamente, sem diminuir o ritmo das passadas, Kunta pegou uma pedra pequena, cuspiu nela três vezes e depois arremessou-a para trás, na direção da trilha. Esperava que a pedra levasse consigo os espíritos do infortúnio.

Continuaram em frente, sob o sol quente. A paisagem foi aos poucos mudando, da floresta luxuriante para palmeiras esparsas e arbustos, com córregos sinuosos e preguiçosos. Passaram por aldeias poeirentas, parecidas com Juffure, as crianças do primeiro kafo correndo em bandos de um lado para outro, os homens descansando à sombra do baobá, as mulheres conversando em torno do poço. Kunta não compreendeu por que, nessas aldeias, deixavam as cabras à solta, juntamente com os cachorros e galinhas, ao invés de mantê-las em cercados ou pastando sob a vigilância dos meninos do segundo kafo, como se fazia em Juffure. Concluiu que aquelas pessoas deviam ser diferentes, meio esquisitas.

Entraram numa região de solo arenoso, sem vegetação rasteira, os frutos ressequidos dos baobás espalhados por toda parte. Quando chegou o momento da prece, pararam e comeram alguma coisa. Kunta verificou o fardo e os pés de Lamin, que já não mais estavam sangrando tanto. Retomaram a jornada, até que finalmente chegaram a um baobá imenso e muito antigo, que os jovens de Barra haviam descrito. O baobá devia ter centenas de chuvas para estar finalmente morrendo, pensou Kunta, contando a Lamin o que um dos jovens de Baria dissera:

— Um gríot repousa aí dentro.

Kunta acrescentou o que sabia a respeito do costume, dizendo que os griots jamais eram enterrados como as outras pessoas, mas sim colocados dentro dos troncos de baobás muito antigos, já que se considerava que tanto as árvores como as histórias na mente de um gríot eram eternas.

— Já estamos quase chegando — disse Kunta, um pouco mais adiante.

Desejou já estar com o tambor que pretendia fazer para si, pois poderia então avisar aos amigos de sua aproximação. Chegaram finalmente aos poços escavados no chão, quando o sol afundava no horizonte. Os três jovens de Barra lá estavam.

— Sabíamos que você viria! — gritaram eles, felizes por vê-lo. Ignoraram Lamin inteiramente, como se fosse um irmão deles próprios, do segundo kafo. Conversando animadamente, os jovens mostraram com orgulho as pequenas pepitas de ouro que já tinham encontrado. Ao raiar da manhã seguinte, Kunta e Lamin começaram a trabalhar também, pegando torrões de argila e jogando-os em cabaças com água. Giravam a cabaça por algum tempo e depois entornavam lentamente a água enlameada, tateando cuidadosamente com os dedos, para verificar se alguma pepita afundara. De vez em quando encontravam uma pepita tão pequena quanto uma semente de milhete, às vezes um pouco maior.

Trabalhavam tão arduamente que não havia tempo para conversar. Lamin parecia até ter esquecido o corpo dolorido, no afã de encontrar ouro. Cada pepita era enfiada cuidadosamente no meio oco de penas grandes do pombo savana, tampadas com um pedaço de algodão. Kunta e Lamin estavam com seis penas cheias quando os três jovens de Barra disseram que já tinham apanhado ouro suficiente. Tencionavam agora seguir mais adiante, em busca de presas de elefantes. Haviam-lhes falado de um lugar em que os elefantes mais velhos às vezes quebravam as presas, ao tentarem derrubar pequenas árvores para alcançar as folhas mais altas e mais tenras. E tinham também ouvido dizer que uma

pessoa que conseguisse descobrir um cemitério de elefantes, teria a sua disposição uma fabulosa fortuna em marfim. Kunta não gostaria de acompanhá-los? Bem que ele se sentiu tentado. A perspectiva parecia muito mais emocionante do que a busca de ouro. Mas não podia ir, pois estava com Lamin. Agradeceu o convite, muito triste, dizendo que tinha de voltar para Juffure com o irmão. Antes de se separarem, Kunta exigiu que os jovens parassem em Juffure e aceitassem a hospitalidade da aldeia, ao voltarem para Barra. A despedida foi calorosa.

A viagem de volta pareceu mais curta para Kunta. Os pés de Lamin estavam sangrando ainda mais, mas ele caminhou mais depressa, depois que Kunta entregou-lhe as penas para carregar, dizendo:

— Sua mãe vai gostar disso.

A felicidade de Lamin não era maior do que a de Kunta, por ter levado o irmão na viagem, assim como o pai o levara e assim como um dia Lamin levaria Suwadu, e este levaria Madi. Estavam quase alcançando a árvore dos viajantes de Juffure quando Kunta ouviu o fardo de Lamin cair novamente. Kunta virou-se, furioso, mas deparou com uma expressão suplicante de Lamin.

— Está certo! — disse ele, ríspidamente. — Pode vir buscar mais tarde!

Sem dizer nada, esquecendo inteiramente os músculos doloridos e os pés sangrando, Lamin passou correndo por Kunta, disparando para a aldeia.

Ao cruzar o portão, Kunta avistou mulheres e crianças excitadas reunidas em torno de Binta, que estava prendendo as seis penas com ouro nos cabelos, uma expressão radiante, de alívio e felicidade. Um momento depois, Binta e Kunta se olharam, com uma ternura e afeto muito além do cumprimento habitual entre mãe e filho homem que voltava de uma viagem. As mulheres logo espalharam por toda aldeia que os dois filhos mais velhos dos Kintes tinham voltado e o que haviam trazido.

— Binta está com uma vaca na cabeça! — disse uma velha avó, pois havia ouro suficiente nas penas para se comprar uma vaca. E todas as mulheres passaram a repetir a frase.

— Você se saíram bem — disse Omoro simplesmente, quando Kunta encontrou-o.

Mas o sentimento que eles partilharam, sem necessidade de palavras para expressá-lo, foi ainda maior do que o de Kunta com Binta. Nos dias que se seguiram, os mais velhos começaram a falar com Kunta e a sorrir-lhe de uma maneira especial, ao que ele respondia apresentando solenemente seus cumprimentos. Até mesmo os meninos do segundo kafo, como Suwadu, passaram a tratá-lo como se fosse um adulto, dizendo “Paz!” e cruzando as palmas sobre o peito até que ele passasse. Um dia, passando perto do poço, Kunta ouviu por acaso a mãe dizer:

— ... os dois homens que eu alimento.

Ele ficou cheio de orgulho ao descobrir que a mãe finalmente o considerava um homem.

Kunta não mais se incomodou que Binta lhe preparasse as refeições e lhe prestasse outros serviços, como examinar-lhe a cabeça à procura de piolhos. E achou também que não mais havia qualquer problema em fazer de vez em quando uma visita à cabana da mãe. Nessas ocasiões, Binta ficava radiante, sorrindo sem parar, até mesmo cantarolando, enquanto trabalhava. De repente, Kunta perguntava se a mãe queria que ele fizesse alguma coisa. Quando Binta pedia alguma coisa, ele fazia com o máximo de presteza possível. Se ele olhava para Lamin ou Suwadu, quando estavam brincando por demais ruidosamente, os dois imediatamente ficavam quietos. Kunta gostava de atirar Madi no ar, segurando-o

quando caía. E Madi gostava ainda mais. Lamin considerava seu irmão-homem inferior apenas a Alá. Cuidava das sete cabras de Kunta como se fossem feitas de ouro, e ajudava o irmão a cuidar das plantações dele.

Sempre que Binta precisava fazer algum trabalho na cabana, Kunta ficava tomando conta dos três irmãos. Ela ficava parada na entrada da cabana, sorrindo, a contemplar Kunta afastar-se, com Madi no ombro, Lamin atrás e Suwadu por último. Era maravilhoso, pensava Kunta. Tão maravilhoso que ele desejava ter algum dia uma família assim. Mas só quando o momento chegasse, é claro, dizia ele a si mesmo. E ainda faltava muito.



Como os novos homens tinham permissão, sempre que não havia nenhum conflito com suas obrigações, Kunta e seus companheiros de kafo sentavam-se nas proximidades do Conselho dos Anciãos, durante as sessões formais, realizadas em cada lua, debaixo do baobá. Os seis anciãos mais antigos de Juffure sentavam-se em peles curtidas, parecendo tão velhos quanto a árvore e esculpido na mesma madeira, só que eram pretos como ébano, o que se destacava ainda mais pelas túnicas e barretes brancos. Os que tinham problemas ou divergências a serem resolvidos iam sentar diante deles. Por trás dos suplicantes, em filas de acordo com a idade, sentavam-se os demais anciãos e os homens, terminando com os novos homens do kafo de Kunta. Por trás deles, as mulheres podiam sentar, embora raramente o fizessem, a não ser quando alguém de sua família estava envolvido numa das questões a serem resolvidas. De vez em quando, todas as mulheres assistiam às sessões, mas somente quando algum caso prometia ser escandaloso.

Nenhuma mulher comparecia quando o Conselho se reunia para tratar de questões puramente administrativas, como o relacionamento de Juffure com as outras aldeias. No dia em que eram resolvidas as questões pessoais, contudo, a audiência era sempre numerosa e ruidosa. Mas todos ficavam em silêncio quando o mais velho dos anciãos erguia seu bastão, adornado com contas coloridas, e batia no tambor falante a sua frente, enunciando o nome da primeira pessoa a ser ouvida. A ordem de chamada era de acordo com a idade de cada um, os mais velhos sendo atendidos primeiro. A pessoa chamada, levantava-se e expunha seu caso. Os anciãos ouviam em silêncio, olhando para o chão, até que a pessoa terminava de falar e tornava a sentar-se. Nesse momento, qualquer um dos anciãos podia fazer-lhe perguntas.

Se o caso era uma controvérsia qualquer, a segunda pessoa expunha seus argumentos e era também interrogada. Depois, os anciãos ficavam de costas para a audiência e discutiam o problema em voz baixa, o que podia demorar algum tempo. Qualquer ancião podia virar-se e fazer mais perguntas. Finalmente, todos tornavam a ficar de frente para a audiência e o mais velho dos anciãos anunciava a decisão do Conselho. Resolvido o problema, outro nome era chamado pelo tambor.

Mesmo para os novos homens como Kunta, tais audiências geralmente só apresentavam questões de rotina. Pessoas com filhos recentemente nascidos pediam um trato de terra maior para o homem cultivar e uma área maior nos arrozais para a esposa. Tais pedidos eram prontamente atendidos, assim como os pedidos de terra para plantio dos novos homens. Durante a iniciação najujoo, o kintango dissera a Kunta e seus companheiros que não deveriam perder nenhuma reunião do Conselho dos Anciãos, a menos que fosse absolutamente impossível. Estariam assim a par das decisões dos anciãos e alargariam seus próprios conhecimentos, preparando-se para o dia em que iriam integrar o Conselho. Na primeira reunião, Kunta ficara olhando para Omoro, sentado a sua frente, imaginando quantas centenas de decisões o pai deveria conhecer, embora ainda não fosse

um ancião.

Na primeira sessão, Kunta testemunhou uma controvérsia. Dois homens reclamavam os frutos de algumas árvores, plantadas pelo primeiro nas terras que o segundo estava agora cultivando, já que a família do primeiro diminuía. O Conselho dos Anciãos decidiu que os frutos pertenciam ao primeiro homem, alegando que “os frutos não existiriam se ele não tivesse plantado as árvores”.

Em outras sessões, Kunta viu diversas pessoas acusadas de terem quebrado ou perdido um objeto emprestado. As pessoas que tinham emprestado alegavam que os objetos eram ao mesmo tempo valiosos e novos. Se a pessoa que tomara emprestado não tinha testemunhas para refutar tais alegações, era obrigada a pagar ou substituir. Kunta viu também algumas pessoas furiosas acusarem outras de ter-lhes causado azar, através da magia negra. Um homem declarou que outro o tocara com um esporão de galo, fazendo com que ficasse gravemente doente. Uma jovem esposa declarou que a sogra escondera em sua cozinha um ramo de bourein, fazendo com que ficasse horrível tudo o que cozinhava. Uma viúva alegou que um velho, cujas propostas rejeitara, havia salpicado em seu caminho casca de ovo moída, levando-a a meter-se numa sucessão de dificuldades, que ela passou então a descrever. Se a pessoa apresentava provas suficientes dos motivos e resultados da magia negra, o Conselho determinava que fosse efetuada uma magia corretiva imediatamente, chamando-se pelos tambores o mago viajante mais próximo de Juffure, às expensas do culpado.

Os devedores eram obrigados a pagar, mesmo que precisassem vender seus bens; se nada tinham a vender, eram obrigados a trabalhar como escravos para os credores, pelo valor das dívidas. Havia escravos que acusavam os donos de crueldade ou de não lhes proporcionarem comida e alojamento adequados. Às vezes, os escravos acusavam os donos de ficarem com mais da metade do que tinham produzido. Os donos, por sua vez, acusavam os escravos de trapacearem, escondendo parte do que produziam, trabalhando pouco ou quebrando deliberadamente os utensílios agrícolas. Nesses casos, o Conselho analisava meticulosamente as provas apresentadas e os antecedentes das pessoas envolvidas. Não eram raros os casos em que a reputação dos escravos era melhor do que a de seus donos.

Não eram poucas as ocasiões em que não havia qualquer divergência entre escravos e donos. Muitas vezes, eles compareciam juntos ao Conselho, pedindo permissão para que o escravo casasse com uma pessoa da família. Qualquer casal que tencionasse casar precisava da autorização do Conselho. Quando o Conselho julgava que os dois eram parentes muito próximos, a autorização era negada imediatamente. Nos outros casos, havia uma espera de uma lua entre o pedido e a resposta. Durante esse tempo, esperava-se que qualquer pessoa que tivesse informações a respeito do casal, boas ou más, procurasse discretamente um dos membros do Conselho para revelá-las. Os dois sempre tinham demonstrado um bom comportamento em seus lares desde a infância? Já tinham provocado problemas indevidos a quem quer que fosse, inclusive a suas famílias? Já tinham exibido tendências indesejáveis de qualquer espécie, assim como trapacear ou dizer algo menos que a verdade total? A moça era irritadiça e tinha o hábito de discutir? O homem era conhecido por espancar suas cabras impiedosamente? Se tal acontecia, o casamento não era permitido, pois acreditava-se que tais características desfavoráveis seriam transmitidas aos filhos. Mas como Kunta já sabia, antes mesmo de começar a assistir às reuniões do Conselho, quase todos os casais recebiam a permissão para o casamento, pois os respectivos pais já tinham procurado as respostas para tais questões e considerado os resultados satisfatórios.

Mas Kunta descobriu que havia coisas sobre as quais os pais não eram informados, mas que as pessoas iam contar aos anciãos do Conselho. Foi negada a autorização para um casamento porque uma testemunha se apresentou para dizer que o homem, quando era cabreiro, roubara-lhe uma cesta, pensando não estar sendo visto. O crime não fora comunicado na ocasião por compaixão, já que ele era um menino e a pena por roubo era cortar-lhe a mão direita. Kunta ficou aturdido quando o ladrão, finalmente denunciado, desatou a chorar desesperadamente, confessando tudo, diante de seus pais horrorizados e da moça com quem tentacionava casar-se. Pouco depois, ele desapareceu de Juffure e nunca mais se ouviu falar a seu respeito.

Depois de assistir às sessões do Conselho durante algumas luas, Kunta calculou que a maioria dos problemas provinha das pessoas casadas, especialmente dos homens com duas, três ou quatro esposas. A acusação mais frequente de tais homens era a de adultério. Se o marido apoiava a acusação com testemunhas de terceiros e provas convincentes, o homem culpado era rigorosamente punido. Se o marido enganado era pobre e o ofensor era rico, o Conselho podia determinar que o segundo fosse entregando seus bens ao primeiro, um a um, até que o ofendido declarasse:

— Já tenho o suficiente.

O que muitas vezes só acontecia quando o culpado de adultério estava reduzido a uma cabana sem nada dentro. Quando os dois homens eram pobres, como geralmente acontecia, o Conselho podia determinar que o criminoso trabalhasse como escravo para o marido, por um período julgado satisfatório para reparar os danos. Kunta sentiu pena de um infrator reincidente, que foi condenado pelos anciãos a ser punido publicamente pelo segundo marido enganado, recebendo 39 vergastadas nas costas nuas, de acordo com a antiga regra muçulmana de “40 menos um”.

Kunta perdeu um pouco o entusiasmo pelo casamento ao ouvir as declarações furiosas de maridos e esposas ofendidos, perante o Conselho dos Anciãos. Os homens acusavam as esposas de não os respeitarem, de serem preguiçosas, de não quererem fazer amor nas ocasiões devidas, de uma convivência impossível. A menos que uma esposa acusada apresentasse fortes argumentos em contrário, apoiados por testemunhas, o Conselho autorizava o homem a pegar três coisas da esposa e tirar da cabana dela, pronunciando sobre os objetos três vezes, na presença de testemunhas, as palavras “Eu me divorcio de você”.

A acusação mais séria de uma esposa, que sempre atraía para a sessão todas as mulheres da aldeia, quando a notícia se divulgava com antecedência, era a alegação de que o marido não era um homem, indicando assim que não cumpria seus deveres conjugais na cama. O Conselho designava três pessoas já idosas para cuidarem do caso, uma da família da esposa queixosa, outra da família do marido e a terceira um de seus membros. Era marcada uma data em que essas três pessoas iriam observar marido e mulher na cama. Se duas decidiam que a esposa tinha razão, era-lhe concedido o divórcio e sua família ficava com as cabras do dote. Mas se duas achassem que o marido cumprira direito suas funções, ele ficava com as cabras e podia espancar a esposa, divorciando-se dela, se assim também desejasse.

Algum tempo depois que Kunta e seus companheiros se tornaram novos homens, houve um caso julgado pelo Conselho que os deixou na maior expectativa, sendo precedido por muitos rumores envolvendo dois dos membros mais velhos do kafo e duas viúvas ainda jovens. No dia em que a questão foi finalmente apresentada ao Conselho, quase todos os habitantes de Juffure reuniram-se bem cedo em torno do baobá, cada um querendo

garantir um bom lugar. Depois que problemas de rotina de pessoas mais velhas foram julgados, o Conselho tratou do caso de Dembo Dabo e Kadí Tamba, que se haviam divorciado uma chuva antes. Os dois se apresentaram ao Conselho, sorridentes, de mãos dadas, pedindo permissão para casarem novamente. Pararam de sorrir quando o ancião mais velho do Conselho disse-lhes em tom severo:

— Insistiram no divórcio. Por isso, não se podem casar de novo, enquanto não tiverem antes uma outra esposa e um outro marido.

Os comentários em voz baixa dos que estavam mais atrás foram abafados pelo som dos tambores, um instante depois, chamando “Tuda Tamba e Kalilu Conteh! Fanta Bedeng e Seio Kela!” Os dois membros do kafo de Kunta e as duas viúvas se levantaram. A viúva mais alta, Fanta Bedeng, falou pelos quatro, dando a impressão de que ensaiara meticulosamente suas palavras. Mesmo assim, demonstrava um nervosismo intenso ao dizer:

— Tuda Tamba, com 32 chuvas, e eu, com 33 chuvas, temos pouca possibilidade de arrumar outro marido.

Em seguida, ela pediu ao Conselho que autorizasse amizades teriya para ela e Tuda Tamba, que cozinhariam e dormiriam com Sefo Kela e Kalilu Conteh, respectivamente.

Os anciãos fizeram algumas perguntas aos quatro. As duas viúvas responderam confiantes, enquanto os dois companheiros de Kunta demonstraram um nervosismo e hesitação que contrastavam com a atitude habitualmente segura e ousada deles. Os anciões viraram as costas à audiência, conferenciando entre si. Todos ficaram esperando, em silêncio. Se alguém deixasse cair um amendoim, o barulho soaria como um estrondo. O mais velho dos anciãos anunciou finalmente a decisão:

— Alá aprovaria! Vocês, viúvas, terão um homem para seu uso. E vocês, novos homens, terão uma experiência valiosa, que será muito útil quando mais tarde casarem.

O mais velho dos anciãos bateu duas vezes com o bastão na beira do tambor falante, lançando um olhar furioso para as mulheres que comentavam a decisão, muito excitadas. Somente depois que voltou a haver silêncio é que o nome seguinte foi chamado: “Jankeh Jallon!” Tendo apenas 15 chuvas, ela seria a última a ser ouvida. Toda Juffere festejara quando ela conseguira retornar à aldeia, depois de escapar de um toubob que a sequestrara. Algumas luas mais tarde, ela começara a ficar grande com criança, apesar de ser solteira, o que provocara muitos comentários. Jovem e forte, ela poderia ser aceita mesmo assim por algum homem velho, como terceira ou quarta esposa. A criança finalmente nascera, com uma cor castanha, meio clara, com pele curtida, os cabelos esquisitos. A partir desse momento, sempre que Jankeh Jallon aparecia em algum lugar, as pessoas imediatamente olhavam para o chão e se afastavam rapidamente, como se tivessem algo muito importante para fazer. Os olhos dela estavam cheios de lágrimas quando se levantou e perguntou ao Conselho: “O que devia fazer?” Os anciãos não se viraram para conferenciar. O mais velho disse que teria de estudar o problema, que era muito sério e difícil, até a reunião do Conselho na próxima lua. Ele e os outros cinco anciãos levantaram-se nesse momento e se afastaram.

Perturbado, de certa forma insatisfeito pela maneira como terminara a sessão do Conselho, Kunta continuou sentado por mais algum tempo, depois que seus companheiros e o resto da audiência já tinham levantado, conversando sobre os acontecimentos. Ele ainda estava imerso em seus pensamentos quando Binta trouxe-lhe a refeição noturna. Não disse nada enquanto comia e Binta também não falou. Mais tarde, ao pegar sua lança, o arco e as flechas e sair correndo com seu cachorro wuolo para seu posto de sentinela, pois aquela era

sua noite de montar guarda além do portão da aldeia, Kunta ainda estava pensando no bebê de pele mais clara e cabelos estranhos, no pai dele, certamente uma estranha criatura. Será que o toubob teria devorado Jankeh Jallon, se ela não tivesse conseguido escapar?



No meio das plantações de amendoim, iluminadas pelo luar, Kunta subiu pelo tronco seco ali colocado, sentando-se de pernas cruzadas na plataforma de vigia, construída sobre a forquilha. Colocando as armas a seu lado, juntamente com o machado que trouxera e com o qual pretendia cortar a madeira necessária para a estrutura de seu tambor, na manhã seguinte, ele ficou observando o cachorro wuolo correr de um lado para outro dos campos, farejando tudo. Recordou que, nas suas primeiras luas no serviço de sentinela, há algumas chuvas, agarrava nervosamente a lança, ao ouvir um simples rato correndo lá embaixo. Cada sombra parecia um macaco, cada macaco uma pantera, cada pantera um toubob. Mas seus olhos e ouvidos haviam acabado se acostumando. Com o passar do tempo, era capaz de distinguir entre o rugido de um leão e o de um leopardo. Tinha levado mais algum tempo para aprender como permanecer vigilante durante aquelas longas noites. Quando seus pensamentos o absorviam, como sempre acontecia, esquecia muitas vezes onde estava e o que deveria estar fazendo. Mas acabara aprendendo a manter-se alerta com a metade da mente, enquanto a outra se concentrava nos pensamentos particulares.

Naquela noite, pôs-se a pensar nas amizades teriya que o Conselho dos Anciãos aprovara para seus dois amigos. Há várias luas que os dois vinham dizendo a Kunta e os demais companheiros de kafo que pretendiam levar o caso ao Conselho, mas ninguém acreditara. E agora já estava tudo decidido. Talvez, naquele exato momento, os dois estivessem realizando o ato teriya na cama, com as viúvas. Kunta empertigou-se bruscamente, procurando imaginar como seria.

Era principalmente pelos comentários de seu kafo que Kunta conhecia o pouco que sabia a respeito das roupas das mulheres. Nas negociações para o casamento, os pais tinham de garantir que as filhas eram virgens, a fim de obterem o melhor dote possível. Ele sabia também que as mulheres sangravam constantemente. Todas as luas elas sangravam. E sangravam também quando tinham bebês e na noite em que casavam. Todos sabiam que, na manhã seguinte ao casamento, as respectivas mães iam até a cabana dos recém-casados e punham num cesto o pano branco sobre o qual eles tinham dormido e que estava ensanguentado, levando-o ao alimano como prova da virgindade da jovem esposa. O alimamo só então saía pela aldeia, anunciando com seu tambor as bênçãos de Alá ao casamento. Se o pano branco não estivesse ensanguentado, o novo marido deixava a cabana, com as duas mães por testemunhas, gritando bem alto, para que todos ouvissem, a frase “Eu me divorcio de você!” por três vezes.

Mas a amizade teriya não envolvia nada disso. Era apenas um novo homem deitando com uma viúva complacente e comendo o que ela cozinhava. Kunta pensou por um momento na maneira como Jinna M'Baki o fitara, ao final da sessão do Conselho, não fazendo o menor esforço para ocultar suas intenções. Quase que sem pensar, ele apertou o foto endurecido. Mas tratou de conter-se e resistiu ao impulso premente de continuar a afagá-lo, pois iria parecer que estava fazendo o que a viúva desejava, algo embaraçoso só de

pensar. Não queria ter nada mais firme com a viúva, disse a si mesmo. Mas agora que era um homem, tinha todo o direito a pensar no teriya. Afinal, os próprios anciãos estavam sempre insistindo que não era algo de que um homem devesse envergonhar-se.

Kunta lembrou-se de algumas moças por que passara, numa determinada aldeia, ao retornar de sua viagem em busca de ouro, junto com Lamin. Deviam ser umas dez moças, todas bonitas, os vestidos apertados, contas coloridas e braceletes, seios empinados, pequenas tranças nos cabelos. Haviam-se comportado de maneira tão estranha que Kunta levava algum tempo para compreender que o fato de virarem a cabeça sempre que ele olhava na direção delas não significava que não estivessem interessadas no jovem desconhecido que passava, mas sim que queriam que o desconhecido se interessasse por elas.

As mulheres eram desconcertantes, concluiu Kunta. As moças de sua idade em Juffure não lhe davam atenção suficiente sequer para desviarem os olhos. Será que era porque elas sabiam o que ele realmente era? Ou será que era porque sabiam que ele era muito mais jovem do que aparentava, jovem demais para lhes merecer alguma atenção? Provavelmente as moças daquela outra aldeia imaginavam que nenhum homem viajando em companhia de um menino podia ter menos que 20 ou 25 chuvas. Jamais poderiam imaginar que ele tinha apenas 17 chuvas. Teriam escarnecido dele, se soubessem. No entanto, ele estava sendo assediado por uma viúva, que sabia perfeitamente sua idade. Talvez fosse uma sorte não ser mais velho, pensou Kunta. Se fosse, as moças de Juffure viveriam a provocá-lo, como tinham feito as moças daquela outra aldeia. E ele sabia que todas pensavam apenas numa coisa: casamento, pelo menos Jinna M'Bakí era velha demais para pensar em outra coisa que não uma amizade teriya. Por que um homem precisava casar, quando podia arrumar uma mulher que cozinhasse e deitasse com ele, sem pensar em casamento? Devia haver alguma razão. Talvez fosse porque um homem só podia ter filhos através do casamento. O que era muito bom. Mas o que ele poderia ensinar a seus filhos, enquanto não tivesse vivido o bastante para aprender alguma coisa a respeito do mundo? E não queria conhecer apenas pelas informações do pai, do arafang e do kintango, mas também explorando o mundo pessoalmente, como os tios haviam feito.

Os tios ainda não haviam casado, apesar de serem mais velhos do que Omoro. Com aquela idade, a maioria dos homens já tomara uma segunda esposa. Será que o pai estava pensando em tomar uma segunda esposa? Kunta ficou confuso ao pensar nisso. Como a mãe iria reagir? É verdade que Binta, como esposa mais antiga, poderia determinar as obrigações da segunda esposa e fixaria os dias em que ela dormiria com Omoro. Haveria problemas entre as duas mulheres? Não, ele tinha certeza de que Binta não seria como a primeira esposa de seu kintango, que vivia insultando as outras, causando uma confusão permanente e não deixando que o marido tivesse um só instante de paz.

Kunta mudou de posição, deixando as pernas penduradas por algum tempo para fora da plataforma, a fim de não ficar com câibras. O cachorro wuolo estava enroscado lá embaixo, o pelo castanho brilhando ao luar. Mas ele sabia que o cachorro apenas parecia estar cochilando, continuando com o focinho e os ouvidos alertas, a qualquer cheiro ou ruído que surgisse na noite. Sairia em disparada, latindo furiosamente, se os babuínos decidissem fazer uma incursão às plantações de amendoim. Durante aquelas longas noites de vigia, Kunta sempre ficava satisfeito quando era arrancado de seus pensamentos pelos rosnados distantes de um babuíno, surpreendido por entre as moitas por um dos grandes felinos. Ficava mais satisfeito ainda quando o babuíno soltava subitamente um grito estridente, logo silenciado, o que significava que não conseguira escapar.

Mas estava tudo quieto naquele momento. O único sinal de vida era um pequeno clarão amarelado distante, a tocha de um pastor fulani procurando afugentar algum animal, provavelmente uma hiena que se aproximara demais das vacas aos cuidados dele. Os fulanis sabiam cuidar tão bem dos rebanhos que muita gente dizia que falavam com os animais. E Omoro contara a Kunta que os fulanis, como parte de seu pagamento por cuidar do gado, tiravam um pouco de sangue do pescoço das vacas, misturando-o com leite e bebendo. Ah, mas que povo estranho!, pensou Kunta. Contudo, apesar de não serem mandingas, eles eram de Gâmbia. Mais estranhos ainda deveriam ser os povos, e os costumes, que se iria encontrar além das fronteiras de sua terra.

Uma lua depois de retornar com Lamin da jornada ao campo de ouro, Kunta começara a sentir vontade de sair novamente pelo mundo, mas desta vez para uma viagem de verdade. Ele sabia que outros jovens de seu kafo estavam também planejando fazer viagens, assim que terminassem todas as colheitas. Mas nenhum iria tão longe quanto ele estava pretendendo. Seu objetivo era alcançar o lugar distante chamado Máli, onde o clã Kinte começara, há 300 ou 400 chuvas, segundo Omoro e os tios. Esses antepassados Kintes haviam adquirido fama como ferreiros, homens que dominavam o fogo para fazer armas de ferro, que iriam ganhar guerras, e ferramentas de ferro, que tornariam o trabalho nos campos menos árduos. Todos os descendentes e todas as pessoas que trabalhavam para ela haviam tomado o nome Kinte dessa família original. Alguns membros do clã tinham ido para a Mauritània, onde nascera o homem santo que fora o avô de Kunta.

Para que ninguém soubesse, nem mesmo Omoro, de seus planos até o momento em que decidisse anunciá-los, Kunta consultara o arafang sobre o melhor caminho para Máli, pedindo-lhe que mantivesse a coisa em sigilo. Desenhando um mapa tosco na terra e indicando o caminho com o dedo, o arafang dissera que, seguindo pela margem do Kamby Bolongo durante seis dias, na direção do lugar para onde se faziam as preces a Alá, o viajante chegaria à Ilha Samo. Mais além, o rio se estreitava e virava bruscamente para a esquerda. Iniciava uma série de voltas, tão sinuoso quanto uma serpente, com muitos bolongs tributários tão largos quanto o próprio rio. Em alguns locais, as margens não podiam ser vistas pelo viajante, pois ficavam ocultas por uma profusão de mangues, alguns tão altos quanto dez homens. Nos pontos em que se podiam avistar as margens do rio, encontrava-se uma imensa quantidade de macacos, hipopótamos e grupos de até 500 babuínos.

Mas depois de dois ou três dias a percorrer esse trecho difícil do caminho, disse o arafang, Kunta chegaria a uma segunda ilha também grande, a partir da qual as margens do rio iriam elevar-se em pequenos penhascos, com arbustos e árvores não muito grandes. A trilha ao longo do rio iria fazê-lo passar pelas aldeias de Bansang, Karantaba e Diabugu. Pouco depois, cruzaria a fronteira leste de Gâmbia e entraria no Reino de Fulladu. Meiodia de viagem depois, chegaria à aldeia de Fatoto. Empoleirado na plataforma de vigia, Kunta tirou da sacola o pedaço de couro curtido que o arafang lhe dera. Nele estava escrito o nome de um colega do arafang em Fatoto, que daria as orientações necessárias para os 12 a 14 dias de viagem seguintes, através de uma terra chamada Senegal. Depois disso, Kunta estaria em Máli, sendo fácil então chegar a Ka-ba, o principal lugar do país. Para ir e voltar, calculou o arafang, Kunta levaria cerca de uma lua, sem contar o tempo que passaria no Máli.

Kunta desenhara e estudara o caminho tantas vezes, no chão de sua cabana, apagando antes que Binta chegasse com suas refeições, que quase podia vê-lo inteiramente diante de si. Pensando nas aventuras que o aguardavam no caminho e no Máli, Kunta mal podia conter sua ansiedade em partir logo de uma vez. Estava quase tão ansioso em revelar

seus planos a Lamin, não apenas porque queria partilhar o segredo, mas também porque decidira levar consigo o irmão menor. Sabia o quanto Lamin se gabara de sua primeira viagem com o irmão. Desde então, Lamin também fizera o treinamento e iniciação como novo homem e seria agora um companheiro de jornada mais experiente e digno de confiança. A principal razão para levá-lo, Kunta não podia deixar de admitir, era o fato de querer ter companhia.

Kunta sorriu para si mesmo, ao pensar na reação de Lamin quando lhe revelasse tudo. Planejava falar em tom indiferente, como se tivesse acabado de pensar naquilo. Antes, porém, tinha que conversar com Omoro. Mas já sabia que o pai não ficaria apreensivo com a perspectiva da longa jornada. Pelo contrário, tinha certeza de que Omoro ficaria bastante satisfeito. E a própria Binta, apesar de ficar preocupada, não se mostraria tão transtornada como na vez anterior. Kunta ficou pensando no que poderia trazer do Máli para a mãe, algo que ela fosse apreciar ainda mais do que as penas de ouro. Talvez pudesse trazer alguns potes enfeitados ou uma peça de um pano bonito. Omoro e seus tios haviam dito que as antigas mulheres Kintes, no Máli, eram conhecidas pelos potes que faziam e pelos panos que teciam. Talvez as descendentes delas que continuavam no Máli ainda fizessem as mesmas coisas.

Quando voltasse do Máli, pensou Kunta, talvez pudesse fazer uma outra viagem, ainda mais longa, uma ou duas chuvas depois. Poderia até ir ao distante lugar, além das areias sem fim, sobre o qual os tios haviam falado, onde havia imensas caravanas de animais estranhos, com água armazenada em duas corcovas no lombo. Kalilu Conteh e Sefo Kela podiam ter suas esposas teriya, velhas e feias. Mas ele, Kunta Kinte, faria uma peregrinação até Meca. Naquele momento, Kunta estava olhando na direção onde ficava a cidade santa e viu um pequeno clarão amarelado no meio dos campos. Compreendeu que era o pastor fulani cozinhando a primeira refeição. Ele estava tão imerso em seus pensamentos que nem percebera que a manhã começava a despontar.

Inclinando-se para pegar as armas e voltar para casa, Kunta viu o machado e recordou-se da madeira que pretendia cortar para fazer um tambor. Mas estava cansado demais. Talvez fosse melhor deixar para o dia seguinte. Não! Já estava na metade do caminho para a floresta. Se não fosse agora, provavelmente deixaria para quando entrasse outra vez no serviço de vigia, dali a 12 dias. Além do mais, um homem não podia ceder ao cansaço. Flexionando as pernas à procura de câibras e não encontrando nenhuma, ele desceu da plataforma. O cachorro wuolo o estava esperando, latindo alegremente e abanando o rabo. Depois de ajoelhar-se para a-prece suba, Kunta levantou, espreguiçou-se, respirou fundo e partiu na direção do bolong, a passos rápidos e compridos.



Os perfumes familiares das flores silvestres penetraram pelas narinas de Kunta enquanto ele corria, molhando as pernas no mato coberto de orvalho. Gaviões circulavam pelo céu, à procura de uma presa. Nas valas ao lado das plantações, incontáveis rãs estavam coaxando. Ele desviou-se de uma árvore para não incomodar um bando de melros empoleirados nos galhos, como folhas pretas. Mas poderia ter-se poupado o trabalho. Mal tinha passado pela árvore, ouviu uma algazarra furiosa. Virou a cabeça, a tempo de ver centenas de corvos expulsando os melros da árvore.

Respirando fundo enquanto corria, mas ainda sem perder o fôlego, ele começou a sentir o cheiro dos mangues, ao se aproximar das terras baixas, que se estendiam muito além das margens do bolong. A sua aproximação, um bando de porcos selvagens pôs-se a grunhir e dispersou-se. Mais adiante, um bando de babuínos também ficou agitado, começando a rosnar, com os machos pondo as fêmeas e os filhotes para trás. Quando era mais jovem, Kunta costumava parar e imitar os babuínos, rosnando e pulando, pois isso sempre os irritava, levando-os a sacudir os punhos cerrados e a atirar pedras de vez em quando. Mas já não era mais um menino e aprendera a tratar todas as criaturas de Alá como desejava ser tratado: com respeito.

Nuvens brancas de garças, grouns, cegonhas e pelicanos alçaram voo dos lugares em que dormiam, à medida que ele ia avançando na direção do bolong. O cachorro wuolo de Kunta saiu correndo na frente, perseguindo tartarugas, que deslizavam pelas encostas lamacentas para dentro da água, mergulhando sem levantar a menor ondulação na superfície.

Como sempre fazia quando sentia necessidade de ir até ali, depois de uma noite de vigia, Kunta ficou parado por algum tempo à beira do bolong, desta vez observando uma garça cinzenta voando baixo sobre o bolong, agitando a superfície com o bater das asas. Embora a garça estivesse à procura de peixes pequenos, Kunta sabia que aquele era o melhor lugar do bolong para pegar o kujalo, um peixe grande e saboroso, que Binta lhe preparava com cebolas, arroz e tomates. Com o estômago já roncando de fome, à espera da primeira refeição, ele ficou ainda mais ansioso em comer alguma coisa, só de pensar.

Um pouco mais adiante, bolong abaixo, Kunta afastou-se da margem, seguindo por uma trilha que ele próprio fizera, até um mangue antigo, que já devia conhecê-lo tão bem quanto o conhecia, depois de incontáveis visitas. Subiu pela árvore até seu lugar predileto, quase no alto. Dali, à luz clara da manhã, com o sol aquecendo-lhe as costas, podia avistar até a curva do bolong, ainda povoado de aves aquáticas dormindo. Mais adiante, ficavam os arrozais das mulheres, pontilhados pelos pequenos abrigos de bambu, onde as mães deixavam os bebês. Em qual daqueles abrigos a mãe o deixava, quando ele era pequeno? Naquele lugar, no início da manhã, Kunta sentia-se dominado por uma sensação de paz, muito mais do que em qualquer outro. Ali, mais até do que na mesquita de Juffure, podia sentir como todas as coisas e todas as pessoas estavam nas mãos de Alá. E podia também

compreender que todas as coisas que via, ouvia e cheirava, do alto de sua árvore, ali estavam há mais tempo do que os homens podiam recordar-se. Continuariam ali, depois que ele e seus filhos e os filhos dos seus filhos já se tivessem juntado aos ancestrais.

Afastando-se do bolong, na direção do sol nascente, Kunta finalmente chegou à região de mato alto onde ficava o bosque no qual iria cortar um pedaço de tronco, do tamanho necessário para fazer a estrutura de seu tambor. Se pusesse a madeira verde para secar a partir daquele dia, provavelmente estaria pronta para ocá-la dentro de uma lua e meia, mais ou menos na ocasião em que ele e Lamin estivessem voltando da viagem ao Máli. Ao entrar no bosque, Kunta percebeu um movimento súbito, pelo canto dos olhos. Era uma lebre. O cachorro wuolo saiu em sua perseguição, mais para se divertir do que por sentir vontade de comer, já que estava latindo furiosamente. Kunta sabia que um wuolo jamais faz qualquer barulho, quando está caçando para comer. O cachorro e a lebre logo desapareceram. Mas Kunta não se preocupou, pois sabia que o cachorro voltaria, assim que perdesse o interesse pela caçada.

Kunta seguiu para o meio do bosque, onde teria mais facilidade em encontrar a árvore do tamanho que desejava, com um tronco liso e redondo. Era bastante agradável pisar na terra coberta de musgo. A medida que avançava, o ar se tornava mais úmido e frio. O sol ainda não subira bastante nem ficara quente o suficiente para penetrar além da espessa camada de folhas. Deixando as armas e o machado encostados numa árvore, Kunta saiu andando pelo bosque, a esmo, parando de vez em quando para examinar com os olhos e com os dedos algum tronco, à procura do ideal. Um deles era quase o tronco certo, tendo apenas o inconveniente de ser um pouco maior do que desejava.

Estava-se inclinando sobre um tronco que parecia bom quando ouviu o estalar súbito de um graveto, seguido pelo grito áspero de um papagaio. Era provavelmente o cachorro voltando, pensou Kunta, distraidamente. Mas recordou-se um instante depois que nenhum cachorro adulto jamais quebrava um graveto. Virou-se bruscamente. Viu um rosto branco avançando em sua direção, um porrete levantado, outros passos soando mais atrás. Um toubob. O pé de Kunta ergueu-se agilmente e foi atingir o homem na barriga macia. Ele ouviu um grunhido, no instante mesmo em que algo duro e pesado lhe roçava pela cabeça e ia atingi-lo no ombro. Vergando sob a dor, Kunta virou-se ficando de costas para o homem caído no chão e atacando com os punhos os rostos dos dois pretos que investiam em sua direção, com um saco grande nas mãos, além de outro toubob, que brandia um porrete curto e grosso.

Ansiando desesperadamente por uma arma, Kunta lutou de tudo que é jeito, desferindo socos, cabeçadas, joelhadas, mal sentindo os golpes do porrete em suas costas. Os três caíram com ele, derrubando-o sob seu peso combinado. Nesse momento, um joelho acertou nas costas de Kunta com toda força, fazendo-o sentir uma dor intensa e perder o fôlego por um instante. A boca aberta se encontrou com carne, ele mordeu, arrancou. Os dedos entorpecidos encontraram um rosto, ele tentou arrancar os olhos, ouvindo o homem uivar, no instante em que o porrete acertava em sua cabeça com toda força.

Atordoado, Kunta ouviu o rosnado de um cachorro e um toubob gritando. Um instante depois, ouviu um ganido angustiado. Conseguindo ficar de pé, contorcendo-se desesperadamente, procurando esquivar-se aos golpes, o sangue a escorrer da cabeça rachada, Kunta viu que um dos pretos estava com a mão no olho, gemendo angustiadamente, enquanto um toubob estava segurando o braço ensanguentado, ao lado do corpo do cachorro. O outro preto e o outro toubob o cercavam, com porretes levantados. Gritando de raiva, Kunta atacou o segundo toubob, erguendo o braço e amortecendo o

golpe do porrete que descia. Quase sufocado com o cheiro horrível do toubob, Kunta tentou desesperadamente arrancar-lhe o porrete. Por que não os ouvira, não sentira, não cheirá?

Foi nesse instante que o porrete do segundo preto acertou novamente na cabeça de Kunta, fazendo— o cambalear e cair de joelhos. O toubob, conseguiu desvencilhar-se dele. A cabeça prestes a explodir, o corpo quase que totalmente dormente, furioso com a própria fraqueza, Kunta conseguiu levantar-se mais uma vez, rugindo freneticamente, os braços atacando a esmo, a visão obscurecida pelas lágrimas, sangue e suor. Estava agora lutando por algo mais do que apenas sua vida. Omoro! Binta! Lamin! Suwadu! Madi! O porrete do toubob acertou em cheio na têmpora dele. E tudo ficou subitamente escuro.



Kunta perguntou-se se não teria enlouquecido. Nu, acorrentado, algemado, despertou deitado de costas, entre dois homens numa escuridão total, um calor sufocante, um cheiro horrível, uma confusão indescritível, uma algazarra terrível, de gente a gritar, soluçar, rezar, vomitar. Kunta sentiu seu próprio vômito, sobre o peito e a barriga. Todo o corpo doía, das pancadas que recebera desde sua captura, há quatro dias. O que doía mais era o lugar em que o haviam marcado com um ferro em brasa, nas costas, entre os ombros.

O corpo peludo de um rato roçou no rosto dele, o focinho farejando-lhe a boca. Tremendo de repugnância, Kunta bateu com os dentes, desesperadamente, conseguindo afugentar o rato. Num acesso de raiva, Kunta puxou e sacudiu as algemas que lhe prendiam os pulsos e os tornozelos. No mesmo instante, ouviu exclamações furiosas e sentiu os puxões da pessoa a quem estava acorrentado. O choque e a dor aumentaram a fúria de Kunta, que arremeteu para a frente, a cabeça batendo com toda força contra a madeira, no ponto mesmo em que fora golpeado pelo toubob, no bosque.

Ofegando e rosnando, ele e o homem a seu lado, a quem estava acorrentado, começaram a bater com as algemas um no outro, até que ambos tornaram a ficar imóveis, de exaustão. Kunta sentiu que ia vomitar novamente e tentou conter-se, mas não conseguiu. Sua barriga já vazia expeliu um fluido ralo e azedo, que escorreu pelo lado da boca, enquanto ele ficava imóvel, desejando morrer.

Disse a si mesmo que não podia perder o controle, se desejava poupar as forças e manter a sanidade mental. Depois de algum tempo, quando sentiu que podia mexer-se novamente, começou a examinar, lenta e cuidadosamente, as algemas que lhe prendiam o pulso e o tornozelo direitos, com a mão esquerda. Estavam sangrando. Puxou ligeiramente a corrente. Parecia estar ligada ao tornozelo e pulso esquerdos do homem com quem acabara de lutar. A esquerda de Kunta, também acorrentado a ele, estava outro homem, que gemia sem parar. Estavam tão juntos que os ombros, braços e pernas se encostavam, se qualquer um deles se movesse mesmo que apenas um pouco.

Recordando-se da madeira em que batera com a cabeça, Kunta tornou a erguer-se, ligeiramente, devagar, o necessário para encostar a cabeça suavemente. Não havia espaço suficiente sequer para sentar. E por trás de sua cabeça, havia uma parede de madeira. Estou preso como um leopardo numa armadilha, pensou ele. Lembrou-se então do tempo em que ficara sentado na cabana de sua mãe, mergulhado na escuridão, com um capuz na cabeça, antes de ser levado para ajujuo, a fim de fazer o treinamento e a iniciação para se tornar um homem. Sentiu um soluço a lhe subir pela garganta, mas conseguiu contê-lo. Kunta obrigou-se a pensar nos gritos e gemidos que estava ouvindo. Devia haver muitos homens na escuridão, alguns perto, outros mais longe, alguns do lado, outros à sua frente. Mas estavam todos no mesmo aposento, se é que era um aposento. Prestando atenção, podia ouvir outros gritos, abafados, parecendo vir lá de baixo, além das tábuas sobre as quais estava deitado.

Escutando ainda mais atentamente, começou a reconhecer os diferentes idiomas daqueles que o cercavam. Insistentemente, um fulani estava gritando em árabe:

— Alá no paraíso, ajude-me! Um homem da tribo serere estava recitando em voz rouca algo quase ininteligível, parecendo ser os nomes das pessoas de sua família. Mas, principalmente, Kunta ouvia mandingas gritando, alguns na linguagem secreta dos homens, a sira kango, prometendo mortes terríveis a todos os toubobs. Os gritos dos outros eram tão distorcidos pelos soluços que Kunta não conseguiu identificar nem as palavras nem os idiomas. Mas sabia que algumas das línguas estranhas que ouvia não eram de Gâmbia.

Enquanto escutava, Kunta começou lentamente a compreender que estava tentando afastar de sua mente o impulso de aliviar as necessidades de suas entranhas, que há quatro dias vinha contendo.

Mas não conseguiu mais se conter e finalmente as fezes saíram por entre suas nádegas. Revoltado consigo mesmo, cheirando sua própria contribuição ao fedor geral, Kunta começou a soluçar. Sentiu novamente um engulho, mas desta vez apenas um pouco de saliva escorreu de sua boca. Mas continuou a ter ânsias de vômito. Por que pecados estaria sendo punido daquela maneira? Suplicou a Alá que lheoferecesse uma resposta. Já era um grande pecado ele não ter feito uma só prece desde a manhã em que fora ao bosque buscar a madeira para seu tambor. Embora não pudesse ficar de joelhos e não soubesse para que direção ficava o leste, mesmo assim fechou os olhos e rezou, implorando o perdão de Alá.

Depois, ficou imóvel por um longo tempo, quase sem pensar, dominado pelas diversas dores que sentia no corpo. Lentamente, foi-se apercebendo de que uma dessas dores, no estômago embrulhado, era simplesmente fome. Não comera coisa alguma desde a noite anterior a sua captura. Estava tentando recordar se dormira durante esse período, quando subitamente viu-se caminhando por uma trilha na floresta. Por trás deles, caminhavam dois pretos. A sua frente, iam dois toubobs, com suas roupas estranhas e os cabelos compridos, de cores esquisitas. Kunta abriu os olhos bruscamente e sacudiu a cabeça. Estava coberto de suor, o coração acelerado. Adormecera sem o perceber. Fora um pesadelo ou será que pesadelo era aquela escuridão malcheirosa? Não, aquela cena era tão real quanto o fora a cena na floresta de que recordara no sono. Mesmo sem querer Kunta lembrou dos acontecimentos.

Depois de lutar desesperadamente contra os pretos e os toubobs, despertara sentindo dores terríveis, descobrindo-se amordaçado, vendado e com os pulsos amarrados nas costas, os tornozelos presos por uma corda frouxa. Ao tentar desvencilhar-se, fora impiedosamente espancado com varas pontudas, até que o sangue escorria por suas pernas. Obrigado a ficar de pé e forçado a avançar, cambaleara à frente dos toubobs o mais depressa que podia, com a peia nos tornozelos.

Em algum ponto da margem do bolong, conforme Kunta percebera pelos sons e pela terra macia sob seus pés, haviam-no metido numa canoa. Ainda vendado, ouvira os pretos grunhindo, enquanto remavam rapidamente. Os toubobs espancavam-no sempre que tentava desvencilhar-se. Alcançaram novamente terra e obrigaram-no a andar, até chegarem a um lugar em que o derrubaram no chão e o amarraram com as costas numa cerca de bambu. E inesperadamente tiraram-lhe a venda dos olhos. Estava escuro, mas Kunta pôde ver o rosto pálido de um toubob à sua frente e as silhuetas de outros nas proximidades. O toubob estendera um pedaço de carne, para que ele arrancasse um pouco com os dentes. Kunta virara a cabeça, a boca fechada. Soltando uma exclamação de raiva, o

toubob agarrara— o pela garganta e tentara abrir-lhe a boca à força. Como Kunta continuasse com a boca fechada, o toubob desferira-lhe um violento soco no rosto.

Kunta não fora mais incomodado pelo resto da noite. Ao amanhecer, pudera divisar os vultos de outras pessoas capturadas, num total de onze, seis homens, três moças e duas crianças, vigiados por pretos armados e por toubobs. As moças estavam nuas. Kunta mal conseguira desviar os olhos, pois nunca antes vira uma mulher nua. Os homens, também nus, tinham uma expressão de ódio assassino. Estavam em silêncio, os corpos cobertos de sangue ressequido, derramados dos talhos abertos pelo chicote. As moças estavam chorando e falando histericamente. Uma delas falava sobre seus entes queridos, mortos numa aldeia incendiada; outra soluçava amargamente, balançando os braços para um lado e outro, balbuciando palavras carinhosas para um bebê imaginário aninhado em seus braços; a terceira gritava estridentemente, a intervalos, que estava indo ao encontro de Alá.

Numa fúria incontrolável, Kunta pusera-se a dar puxões para frente e para trás, tentando libertar— se das cordas que o prendiam. Um golpe violento com o porrete deixara-o novamente sem sentidos. Ao voltar a si, descobriu que também estava nu, que as cabeças de todos tinham sido raspadas, os corpos besuntados com óleo de palmeira. Por volta do meio-dia, dois novos toubobs tinham aparecido. Os pretos que os serviam, agora sorrindo subservientemente, desamarraram rapidamente os cativos, ordenando-lhes que ficassem de pé e entrassem em fila. Os músculos de Kunta estavam retesados, de medo e raiva. Um dos novos toubobs era baixo e corpulento, os cabelos eram brancos. Os outros eram bem mais altos e ainda mais corpulentos, com expressões terríveis e cicatrizes de facadas no rosto. Mas tanto os pretos que os serviam como os outros toubobs quase que se curvavam diante do toubob de cabelos brancos, a cujas ordens obedeciam sem a menor hesitação.

Olhando para os prisioneiros, o toubob de cabelos brancos fizera um gesto para que Kunta se adiantasse. Recuando, aterrorizado, Kunta soltara um grito de dor quando o chicote o atingira nas costas. Um preto o agarrara pelas costas e obrigara-o a ficar de joelhos, levantando-lhe a cabeça. O toubob de cabelos brancos entreabriu calmamente os lábios trêmulos de Kunta e lhe examinara os dentes. Kunta tentara erguer-se, mas levara outra chicotada e ficou quieto, enquanto os dedos do toubob apalpavam seus olhos, peito, barriga. Quando os dedos seguraram seu foto, ele pulara para o lado, com um grito sufocado. Dois pretos e diversas chicotadas obrigaram Kunta a se curvar todo. E fora aterrorizado que sentira suas nádegas serem entreabertas. Depois, o toubob de cabelos brancos empurrara Kunta para o lado, rudemente, indo examinar os outros cativos, inclusive as partes íntimas das moças, que soluçavam desesperadamente. Depois, os chicotes e gritos fizeram com que os prisioneiros passassem algum tempo a pular.

O toubob de cabelos brancos e um outro, gigantesco, com uma cicatriz no rosto, afastaram-se um pouco e conversaram durante algum tempo, em voz baixa. Em seguida, o toubob de cabelos brancos chamara outro e apontara o dedo para quatro homens, inclusive Kunta, e duas das moças. O toubob chamado parecera ficar desolado, apontando para outros com uma expressão suplicante. Mas o de cabelos brancos sacudira a cabeça firmemente. Kunta ficara muito tenso, a cabeça parecendo que ia explodir de raiva, enquanto os toubobs discutiam acaloradamente. Depois de algum tempo, o toubob de cabelos brancos escreveu alguma coisa num papel e entregara ao outro, que aceitara com uma expressão furiosa.

Kunta se debatera, rugindo de ódio, quando os pretos o haviam agarrado novamente e obrigado a ficar outra vez de joelhos. Com os olhos arregalados de terror, vira um toubob tirar do fogo um ferro fino e comprido, que o de cabelos brancos trouxera. Kunta gritou

desesperadamente quando o ferro em brasa fora encostado em suas costas, causando-lhe uma dor insuportável. E todos os demais tinham sido marcados, um a um, aos gritos desesperados. Depois, haviam esfregado óleo de palmeira sobre a marca esquisita, um LL, que Kunta vira nas costas dos outros.

Uma hora depois, estavam todos a caminho, acorrentados, sendo açoitados pelos pretos toda vez que se retardavam ou tropeçavam. As costas e os ombros de Kunta estavam em carne viva ao chegarem, naquela noite, as duas canoas escondidas num arbusto denso, à margem do bolong. Os prisioneiros foram separados em dois grupos e embarcados nas canoas, remadas pelos pretos. Um toubob ficara com o chicote, golpeando imediatamente qualquer prisioneiro que fizesse sequer menção de se mexer.

Ao avistar um vulto imenso e escuro a assomar a sua frente, Kunta sentira que aquela era sua última oportunidade. Levantando-se inesperadamente por entre gritos de surpresa e raiva, quase virara a canoa, em sua tentativa de pular na água. Mas estava acorrentado aos outros e não conseguira saltar. Quase que não sentira os golpes dos chicotes e porretes contra suas costelas, costas, rosto, barriga, cabeça, enquanto a canoa batia na coisa grande e escura. Apesar da dor intensa que experimentara um instante depois, sentira o sangue quente a escorrer pelo rosto e ouvira os gritos de muitos toubobs. Fora envolto por cordas e não mais pudera oferecer qualquer resistência. Fora meio empurrado e meio puxado por uma estranha escada de corda. Chegando no alto, ainda tivera forças suficientes para se debater desesperadamente, numa derradeira tentativa de recuperar a liberdade. E fora novamente castigado pelos chicotes. Agarrado por muitas mãos, sentindo o cheiro insuportável dos toubobs, ouvindo os gritos estridentes de mulheres e as imprecações furiosas dos toubobs.

Através dos olhos inchados, Kunta vira incontáveis pernas e pés a seu redor. Olhando para cima, o braço erguido a proteger o rosto ensanguentado, vira o toubob de cabelos brancos a alguma distância, calmamente fazendo anotações num caderninho. Depois, fora rudemente levantado e empurrado. Vislumbrara alguns postes imensos, com panos brancos enrolados lá no alto. Descera alguns degraus estreitos, entrando num lugar onde a escuridão era total. No mesmo instante, um mau cheiro indescritível penetrara em suas narinas e ouvira gritos e gemidos de angústia.

Kunta começara a vomitar enquanto um toubob, à luz de chamas amareladas que ardiam dentro de uma estrutura de metal, acorrentava seus pulsos e tornozelos, empurrando-o para o meio de dois homens, que gemiam sem parar. Mesmo em seu terror, Kunta compreendera que luzes iguais, a distância, indicavam que outros toubobs estavam amarrando os novos cativos em outros pontos daquele estranho lugar. Um Um momento depois, Kunta sentira os pensamentos hesitarem. Só podia estar dormindo! E não demorou muito para que ele acabasse realmente adormecendo.



Somente o rangido da portinhola sendo aberta é que indicava a Kunta se era dia ou noite. Ouvindo o rangido, ele levantava ligeiramente a cabeça, o único movimento livre que lhe era permitido pelas correntes e algemas, vendo quatro toubobs descerem, dois com luzes e chicotes nas mãos, protegendo os outros, deslocando-se todos pela estreita passagem entre os corpos, empurrando uma tina cheia de comida. Porções de comida eram jogadas entre dois prisioneiros. Até aquele momento, Kunta nada comera, preferindo morrer de fome. Chegou a um ponto em que a dor do estômago vazio era tão grande quanto a das vergastadas no corpo. Depois que todos ali recebiam alguma comida, as luzes indicavam que os toubobs desciam mais ainda, levando o resto da comida para os que estavam mais abaixo.

De vez em quando, geralmente quando era noite lá fora, os toubobs traziam mais cativos para o porão, gritando e uivando de terror, ao serem empurrados e açoitados para os espaços ainda vazios em que seriam acorrentados.

Um dia, pouco depois da hora da comida, os ouvidos de Kunta captaram um ruído estranho e abafado, que parecia ressoar sobre a cabeça dele. Outros homens ouviram também e pararam de gemer abruptamente. Kunta ficou escutando atentamente. Parecia que muitos pés estavam correndo lá em cima. Depois, muito mais perto deles, na escuridão, houve um novo ruído, como o de um objeto muito pesado, sendo içado lentamente, a ranger.

As costas nuas de Kunta sentiram uma estranha vibração nas tábuas em que estava estendido. Um calafrio lhe percorreu o corpo e algo pareceu inchar dentro de seu peito. A seu redor, ouviu estranhos ruídos e compreendeu que eram os cativos tentando erguer-se, fazendo força contra as correntes.

Teve a sensação de que todo o sangue de seu corpo concentrava-se na cabeça, que latejava terrivelmente. O terror dominou-o um instante depois ao sentir que aquele estranho lugar estava-se deslocando, levando-os para longe. Os prisioneiros começaram a berrar desesperadamente, clamando por Alá e Seus espíritos, batendo com a cabeça na madeira, sacudindo estrepitosamente as correntes.

— Alá, nunca mais deixarei de fazer pelo menos cinco preces por dia! — gritou Kunta, em meio ao tumulto geral. — Ouça-me! Ajude-me!

Os gritos, soluços e preces angustiados continuaram, só diminuindo quando os homens ficaram inertes, as forças-esgotadas, ofegando ruidosamente para recuperar o fôlego, em meio à escuridão malcheirosa. Kunta sabia que nunca mais tornaria a ver a África. Podia agora sentir nitidamente que a madeira em que seu corpo estava encostado oscilava ligeiramente, às vezes com um movimento mais brusco, que o empurrava de encontro a um dos homens acorrentados em seus lados. Ele gritara tanto que já não tinha mais voz e somente sua mente continuava a gritar: “Matem os toubobs... e os negros traidores que os ajudam!”

Estava soluçando baixinho quando a portinhola se abriu e os quatro toubobs desceram,

trazendo a comida. Kunta novamente fechou a boca firmemente, procurando controlar e dominar os espasmos de fome. Mas recordou-se nesse momento de algo que o kintango lhe dissera: os guerreiros e caçadores deviam comer bem, para terem mais forças que os outros homens. Se ficasse com fome, a fraqueza iria impedi-lo de matar os toubobs. Por isso, quando a comida foi jogada na madeira entre ele e o homem a seu lado, Kunta tratou de comer. O gosto era de milho cozido com óleo de palmeira. Cada porção que engolia provocava-lhe uma dor intensa na garganta, no lugar em que fora quase estrangulado antes, por recusar-se a comer. Mesmo assim, continuou a comer, até que não houvesse mais nada. Podia sentir a comida dentro da barriga como uma massa sólida. Não demorou muito para que a comida lhe subisse pela garganta. Não conseguiu conter-se e um instante depois a papa de milho estava novamente derramada sobre as tábuas. Podia ouvir, acima do barulho de sua ânsia de vômito, muitos outros fazendo a mesma coisa. Quando as luzes se aproximaram do final da fileira de cativos, Kunta ouviu subitamente um chocalhar de correntes, uma cabeça batendo na madeira e um homem gritando histericamente, numa estranha mistura de mandinga e palavras esquisitas, que pareciam ser do idioma dos toubobs. Os toubobs desataram a rir e os chicotes começaram a estalar, até que os gritos do homem ficaram reduzidos a uma lamúria ininteligível. Seria possível? Será que ouvira mesmo um africano falando toubobl? Haveria um preto traidor entre eles? Kunta ouvira dizer que os toubobs muitas vezes traíam-os traidores negros que os ajudavam, acorrentando-os também e levando-os para longe.

Depois que os toubobs desceram para o nível inferior, quase que não se ouviu qualquer barulho no nível de Kunta. Os toubobs tornaram a subir e deixaram o porão, fechando a portinhola. Nesse instante, começou um zumbido furioso em diversos idiomas, como um enxame de abelhas. Depois, no final da fileira em que Kunta se encontrava, soou um chocalhar de correntes, seguido por um uivo de dor e imprecações históricas em mandinga. Kunta ouviu o homem gritar:

— Está pensando que sou um toubob?

Soaram outros golpes, mais violentos e rápidos, e gritos desesperados. Depois, os golpes cessaram e na escuridão do porão ouviu-se um grito estridente em seguida um gorgolejo, como se um homem estivesse sendo estrangulado. Outro chocalhar de correntes, pés descalços a baterem na madeira e finalmente o silêncio.

A cabeça de Kunta latejava e o coração estava disparado quando os homens a seu redor começaram a gritar:

— Os traidores morrem! Os traidores morrem!

Kunta pôs-se a gritar também, sacudindo as correntes, num estrépito ensurdecedor. A portinhola foi subitamente aberta e diversos toubobs desceram, com luzes e chicotes. Tinham sido atraídos pela confusão lá embaixo. Embora agora houvesse silêncio, os toubobs saíram correndo de um lado para outro, desferindo chicotadas a esmo. Depois que eles partiram, sem descobrir o homem assassinado, houve silêncio no porão por um longo tempo. Muito tempo se passou antes que soasse uma risada triste, ao final da fileira em que estava o corpo do traidor morto.

A próxima refeição foi bastante tensa. Os toubobs pareciam sentir que algo estava errado e desferiram mais chicotadas que o habitual. Kunta estremeceu e soltou um grito quando o chicote o atingiu nas pernas. Já descobrira que, quando alguém se recusava a gritar ao ser açoitado, continuava a ser castigado até que o fizesse. Ele pegou um punhado da papa insípida e meteu na boca, observando as luzes avançarem.

Todos os homens no porão estavam atentos quando um dos toubobs soltou uma

exclamação de surpresa e disse alguma coisa para os outros. As luzes se agitaram, soaram mais explicações e algumas imprecações. Um dos toubobs afastou-se correndo, subiu pela portinhola e voltou com outros dois toubobs. Kunta ouviu as algemas de ferro sendo abertas. Dois toubobs meio que carregaram, meio que arrastaram o corpo do homem assassinado, subindo pela portinhola, enquanto os demais continuavam a distribuir a comida.

A turma da comida estava no nível inferior quando mais quatro toubobs desceram pela portinhola e seguiram diretamente para o lugar em que o traidor estivera acorrentado. Virando a cabeça com dificuldade, Kunta pôde ver as luzes levantadas. Gritando furiosamente, dois toubobs começaram a açoitar um homem. Quem quer que fosse, recusou-se a princípio a soltar um grito sequer, apesar da violência dos golpes, que deixava Kunta aterrorizado, só de ouvir. O homem açoitado contorcia-se audivelmente nas correntes, na agonia da tortura. Era patente a determinação inabalável dele de não gritar.

Os toubobs estavam agora gritando estridentemente, numa raiva histórica. Podiam-se ver as luzes trocando de mãos, os toubobs se revezando com os chicotes. Mas finalmente o homem espancado começou a gritar, primeiro uma imprecação em foulah, depois coisas que não podiam ser entendidas, também em foulah. Kunta pensou subitamente nos homens da tribo foulah, sempre tranquilos e gentis, que cuidavam do gado dos mandingas. As vergastadas continuaram, até que o foulah mal conseguia gemer. Finalmente, os quatro toubobs foram embora, ofegantes, deixando escapar imprecações, com ânsias de vômito por causa do mau cheiro.

Os gemidos do foulah ecoavam pela escuridão do porão. Algum tempo depois, uma voz gritou firmemente em mandinga:

— Vamos partilhar a dor dele! Devemos estar neste lugar como se fôssemos uma aldeia!

A voz pertencia a um ancião. E ele estava certo. A dor do foulah era também a de Kunta. Ele sentiu-se prestes a explodir de raiva. E sentiu também um terror indescritível, maior do que já experimentara em qualquer outra ocasião anterior, que parecia infiltrar-se pelos ossos. Parte dele queria morrer, para escapar a tudo aquilo. Mas não podia morrer, pois tinha que viver para vingar— se. Forçou-se a ficar absolutamente imóvel. Levou algum tempo, mas finalmente sentiu a tensão e a confusão, até mesmo as dores do corpo começaram a se desvanecer. A única exceção foi a dor entre os ombros, no lugar em que fora marcado pelo ferro em brasa. Kunta descobriu que agora podia concentrar-se melhor na única opção que parecia haver para ele e os outros: ou morreriam todos naquele lugar de pesadelo ou tinham de encontrar alguma maneira de vencer e matar os toubobs.



As picadas dolorosas dos piolhos foram-se multiplicando, e a coceira foi-se tornando cada vez pior. Na sujeira do porão, os piolhos e as pulgas se reproduziam aos milhares. Era pior nas partes do corpo que tinham cabelos. As axilas de Kunta e a área em torno ao foto pareciam estarem fogo. Ele coçava continuamente até o ponto em que a mão acorrentada podia alcançar.

Ainda alentava a ideia de encontrar um jeito de se levantar e escapar. Um momento depois, seus olhos se enchiam com lágrimas de frustração e uma raiva intensa o dominava. Tinha que se esforçar ao máximo para conseguir recuperar alguma calma. O que mais o atormentava era não poder ir a parte alguma, não poder mexer-se. Tinha vontade de roer as correntes que o prendiam. Decidiu que precisava concentrar-se em alguma coisa, encontrar algo com que ocupar sua mente ou as mãos, do contrário acabaria enlouquecendo, como parecia já ter acontecido a alguns dos homens que estavam no porão, a julgar pela maneira como gritavam.

Ficando imóvel, prestando atenção às respirações dos dois homens em seus lados, Kunta há muito que já aprendera a distinguir quando estavam acordados ou dormindo. Passou a concentrar-se nos sons mais distantes. Escutando atentamente os ruídos repetidos, não demorou a descobrir que seus ouvidos podiam determinar quase que exatamente o lugar de onde haviam partido. Era uma sensação estranha, quase como se os ouvidos estivessem tomando o lugar dos olhos. De vez em quando, entre os gemidos e imprecações que povoaram a escuridão, podia ouvir o baque de uma cabeça contra as tábuas do porão. Havia um outro ruído, estranho e monótono. Parava a intervalos, recomeçando algum tempo depois. Era como se dois pedaços de metal estivessem sendo esfregados um no outro. Depois de algum tempo, Kunta concluiu que alguém estava tentando desgastar os elos da corrente para libertar-se. Kunta também ouvia frequentemente exclamações curtas e o retinir das correntes, quando dois homens lutavam furiosamente, batendo com as algemas nos pulsos e tornozelos um do outro.

Kunta já perdera inteiramente a noção do tempo. A urina, o vômito e as fezes formavam agora uma pasta fétida, que cobria inteiramente o chão de madeira. Quando ele começava a pensar que não mais poderia suportar, oito toubobs desceram pela escotilha, soltando imprecações furiosas. Ao invés da comida habitual, traziam o que pareciam ser estranhas enxadas, de cabo comprido, e quatro tinas grandes. E Kunta notou, atônito, que não estavam usando roupa alguma.

Os toubobs nus começaram quase que imediatamente a vomitar, mais do que quaisquer outros que já tinham descido antes. Ao clarão das luzes, os toubobs saíram pelas fileiras de cativos, em grupos de dois, puxando a massa fétida de fezes, vômito e urina com as enxadas e despejando nas tinas. Quando uma tina ficava cheia, os toubobs arrastavam-na até a escotilha aberta, subiam os degraus e iam despejá-la lá fora, retomando em seguida. Não demorou muito para que os toubobs estivessem com horríveis ânsias de vômito,

os rostos contorcidos grotescamente, os corpos peludos e sem cor cobertos com manchas da sujeira que estavam removendo. Quando eles terminaram o trabalho e se foram, não havia qualquer diferença no mau cheiro sufocante e repugnante do porão.

Da próxima vez que desceram mais toubobs do que os quatro que habitualmente traziam a comida, Kunta calculou que devia haver pelo menos uns vinte. Ficou apavorado. Virando a cabeça para um lado e outro, viu pequenos grupos de toubobs tomando posição em diversos pontos do porão, alguns carregando chicotes e armas, protegendo os outros com as luzes levantadas, nas extremidades das fileiras de cativos. Kunta sentiu um terror imenso invadi-lo, ao começar a ouvir estranhos ruídos, estalidos secos, seguidos pelo chocalhar de correntes. Seu tornozelo direito acorrentado foi bruscamente sacudido. Em pânico, compreendeu que o toubob o estava soltando. Por quê? Que coisa terrível iria acontecer agora? Ele continuou imóvel, o tornozelo direito não mais sentindo o peso familiar da corrente, ouvindo por todo o porão mais estalidos e o chocalhar de correntes sendo puxadas. Depois, os toubobs começaram a gritar e a desferir chicotadas. Kunta compreendeu que estavam querendo que saíssem de suas prateleiras. Seu grito de alarme juntou-se à algazarra de outros gritos, nas mais diferentes línguas, os homens procurando recuar, batendo com a cabeça na madeira.

Os açoites zumbiam, arrancando gritos de dor. Os prisioneiros finalmente começaram a se colocar na passagem, aos pares. Kunta e o wolof a que estava acorrentado abraçaram-se, enquanto os golpes faziam-nos sacudir-se convulsivamente. Mãos agarraram os tornozelos de ambos e puxaram rudemente. Os dois caíram entre os cativos que já estavam no corredor, uivando de dor sob as vergastadas aos toubobs. Contorcendo-se desesperadamente, mas em vão, para escapar aos golpes, Kunta vislumbrou vultos se movendo à luz que entrava pela portinhola aberta. Os toubobs estavam obrigando os prisioneiros a ficarem de pé, aos pares, espancando-os e forçando-os a avançarem pela escuridão na direção da portinhola. Kunta tinha a sensação de que as pernas estavam separadas do resto do corpo, ao cambalear ao lado do wolof, acorrentados um ao outro pelos pulsos, nus, cobertos de sujeira, querendo apenas que os toubobs não os comessem vivos.

Ao sair pela escotilha, a luz do dia, que via pela primeira vez em 15 dias, atingiu Kunta entre os olhos com a força de um malho. Cambaleou com a dor intensa, erguendo a mão livre para cobrir os olhos. Os pés descalços disseram-lhe que a coisa sobre a qual estava andando, o que quer que fosse, balançava ligeiramente de um lado para outro. Avançando às cegas, a claridade a lhe doer nos olhos, mesmo com as pálpebras fechadas e as mãos sobre eles, tentou inutilmente respirar pelas narinas quase que totalmente obstruídas. Entreabriu os lábios rachados e respirou fundo o ar marinho, pela primeira vez em sua vida. Os pulmões se convulsionaram com o ar puro a que não estavam acostumados, depois de 15 dias no porão fétido. Caiu no chão, vomitando, juntamente com o companheiro a que estava acorrentado. A seu redor, ouvia o barulho de outros cativos vomitando, correntes chocalhando, os açoites caindo em cheio em carne humana e uivos de dor, por entre os gritos e imprecações dos toubobs e um estranho ruído lá no alto.

Ao levar outra vergastada, Kunta encolheu-se todo, ouvindo o wolof a seu lado soltar um gemido.

Continuaram a ser açoitados até que se levantaram. Kunta entreabriu os olhos, para tentar escapar pelo menos a alguns golpes. Mas o açoite continuou a castigá-lo, enquanto o algoz empurrava-o e ao wolof na direção de um lugar em que havia outros toubobs, passando uma corrente pelos grilhões nos tornozelos dos cativos. Havia mais cativos do que Kunta calculara. e muito mais toubobs do que tinham descido ao porão. À luz do sol, os

toubobs pareciam ainda mais pálidos e mais repugnantes, os rostos marcados pelos buracos da doença, os estranhos cabelos compridos, amarelos, pretos ou vermelhos, alguns até com cabelos em torno da boca e debaixo do queixo. Alguns eram magros, outros gordos, alguns tinham horríveis cicatrizes de faca no rosto ou lhes faltava a mão, um olho, uma perna. Muitos estavam com as costas cortadas por incontáveis cicatrizes profundas. Kunta compreendeu subitamente por que seus dentes haviam sido contados e examinados. É que muitos daqueles toubobs quase não tinham dentes.

Muitos toubobs estavam parados junto à amurada, a intervalos, empunhando chicotes, facas compridas ou um estranho bastão de metal, com um buraco na extremidade. Além deles, Kunta avistou algo surpreendente e espantoso: uma massa interminável de água azul ondulante. Levantou a cabeça para verificar o que estava fazendo tanto barulho lá em cima. Eram gigantescos panos brancos, agitados pelo vento, entre imensos postes e muitas cordas. Kunta viu que havia uma barricada de bambu mais alta do que qualquer homem, estendendo-se por toda a largura da canoa de proporções inacreditáveis. Por uma abertura no meio da barricada, podia-se ver uma coisa de metal, de aspecto terrível, muito grande, com uma boca imensa e escura. Podia ver também as pontas de bastões de metal, como os que estavam nas mãos dos toubobs junto à amurada. Tanto a coisa imensa como os bastões estavam apontados na direção dos cativos.

No momento em que os grilhões nos seus tornozelos estavam sendo ligados à nova corrente, Kunta pôde dar uma boa olhada no wolof. Como ele próprio, o homem estava coberto de sujeira da cabeça aos pés. Ele parecia ter tantas chuvas quanto Omoro, o pai de Kunta. Tinha feições clássicas dos homens de sua tribo e era muito preto. As costas wolof sangravam das vergastadas e pus escorria da marca LL, gravada em suas costas com um ferro em brasa. Kunta percebeu, ao examinar wolof, que o outro homem também o fitava com o mesmo espanto. E(meio à confusão, tiveram tempo de olhar também para os outros homens nus, a maioria tremendo de medo. Pelas feições, tatuagens tribais e marcas de escarificação, Kunta identificou alguns foulah, joia, serere wolof. A maioria, no entanto, era mesmo formada por mandingas. Havia alguns que ele não conseguiu identificar. Descobriu, excitado, que o homem que devia ter matado o traidor, pois estava com o corpo todo coberto de sangue ressequido, da surra que levava, era de fato um foulah.

Foram logo empurrados e açoitados na direção do lugar em que onde cativos, presos a outra corrente, estavam sendo banhados com baldes de água do mar. Outros toubobs, com escovas de cabo comprido, estavam esfregando os cativos, que gritavam desesperadamente. Kunta gritou também quando a água salgada atingiu-o, ardendo como fogo nos talhos! abertos pelos chicotes e na queimadura nas costas. Gritou ainda mais quando a escova muito dura arrancou as crostas de sujeira em seu corpo e também as cascas dos ferimentos. Viu que a água que escorria pelos seus pés estava rosada e cheia de espuma. Depois, foram levados para o centro { do convés, sendo amontoados de qualquer maneira. Kunta ficou boquiaberto ao ver vários toubobs subindo pelos postes, como macacos, puxando as cordas entre os panos brancos. Apesar de tudo, Kunta sentiu algum prazer pelo calor do sol em seu corpo. Estava também aliviado por sua pele estar livre de uma boa parte da sujeira.

Um alarido súbito e gritos desesperados fizeram com que os homens acorrentados tornassem a levantar. Cerca de 20 mulheres, quase todas ainda jovens, e quatro crianças saíram correndo de detrás da barricada, nuas e sem correntes, perseguidas por dois toubobs sorridentes, empunhando chicotes. Kunta reconheceu entre elas as moças que tinham sido embarcadas junto com ele. Uma raiva intensa invadiu-o, ao ver os toubobs olhando lubrificamente para as mulheres nuas, alguns até afagando seus fotos. Recorrendo a toda sua

força de vontade, ele resistiu ao impulso de investir contra o toubob mais próximo, mesmo sabendo que não teria qualquer chance contra as armas. Cerrou os punhos e teve que se esforçar para conseguir respirar, desviando os olhos das mulheres aterrorizadas.

Nesse momento, um toubob junto à beira da canoa começou a puxar e apertar entre as mãos um objeto esquisito, que se comprimia e se abria, emitindo um ruído sibilante. Outro toubob pôs-se a bater num tambor africano. Vários outros toubobs se adiantaram, formando uma fila irregular, sob os olhares atônitos dos homens, mulheres e crianças prisioneiros. Os toubobs na fila seguravam um pedaço de corda e prenderam-na nos respectivos tornozelos, como se fosse a corrente que prendia os cativos nus. Sorrindo, começaram a pular, todos ao mesmo tempo, no ritmo do tambor e da coisa que emitia um ruído sibilante. Depois, eles e os toubobs armados gesticularam para que os cativos acorrentados comessem a pular da mesma maneira. Como os homens acorrentados continuassem imóveis, como se estivessem paralisados, os sorrisos dos toubobs transformaram-se em carrancas, e os chicotes começaram a zunir.

— Pulem! — gritou a mais velha das mulheres, em mandinga. Ela devia ter tantas chuvas quanto Binta, a mãe de Kunta. Livre das correntes, ela começou a pular. E gritou novamente: — Pulem! — A mulher lançou um olhar furioso para as crianças e as outras mulheres, que começaram também a pular. — Pulem para matar os toubobs.

Ela olhou rapidamente para os homens nus, os braços e as mãos movendo-se, com os movimentos da dança do guerreiro. Compreendendo a intenção dela, os homens acorrentados aos pares começaram a pular, debilmente, as correntes chocalhando ao bater no convés. Com a cabeça abaixada, Kunta podia ver a confusão de pés e pernas a pularem. Ele pulava também, sentindo as pernas fracas, a respiração ofegante. As moças puseram-se a acompanhar o canto da mulher. O som parecia feliz, mas as mulheres cantaram como os horríveis toubobs tinham-nas levado todas as noites para os cantos escuros da imensa canoa e as usado como se fossem cadelas.

— Toubob fa! (Matem os toubobs) — gritavam elas, entre sorrisos e risadas.

Os homens nus ecoaram o brado de ódio:

— Toubob fa!

Até mesmo os toubobs estavam agora sorrindo, alguns batendo palmas, com prazer.

Mas Kunta sentiu os joelhos vergarem e a garganta se apertar quando avistou o toubob baixo e de cabelos brancos se aproximando, acompanhado pelo gigante com uma cicatriz de faca no rosto, que também estava no lugar em que ele fora examinado como um animal, espancado, quase estrangulado e (marcado com um ferro em brasa, antes de ser levado para a canoa grande. Um instante depois, todos os cativos já tinham visto os dois se aproximando. E ficaram em silêncio. A música parou. O único ruído que se ouvia agora era dos imensos panos brancos adequando lá no alto.

Gritando algo asperamente, o toubob com a cicatriz no rosto fez com que os outros se afastassem dos cativos. Do cinto dele, prendia uma argola grande, cheia das coisas finas e brilhantes que Kunta vira outros toubobs usando para abrir as correntes. O toubob de cabelos brancos começou a se deslocar por entre os cativos nus, examinando-lhe os corpos atentamente. Sempre que via os ferimentos das vergastadas inflamados ou pus escorrendo de mordidas de ratos ou queimaduras, passava uma pasta amarelada, de uma lata que o toubob de cicatriz no rosto lhe estendia. Este também trabalhava, salpicando um pó amarelado sobre os pulsos e tornozelos dos cativos. Quando os dois toubobs aproximaram-se dele Kunta encolheu-se de medo e fúria. Mas o toubob de cabelos brancos: passou a pasta em suas feridas infeccionadas, enquanto o outro jogava o pó em seus pulsos e tornozelos,

sem que nenhum dos dois parecesse reconhecê-lo.

E subitamente, em meio aos gritos frenéticos dos toubobs, uma das moças que fora embarcada com Kunta saiu correndo por entre os guardas. Desvencilhando-se de todos os que tentavam agarrá-la, a moça pulou por cima da amurada, gritando desesperadamente. O toubob de cabelos brancos e o toubob de cicatriz no rosto pegaram chicotes e começaram a castigar os que tinham deixado a moça escapulir.

Os toubobs lá no alto, por entre os panos brancos, começaram a gritar e a apontar para a água. Todos olharam. A moça subia e descia nas ondas, enquanto duas barbatanas escuras avançavam rapidamente em sua direção. Soou outro grito, atemorizador, houve uma agitação súbita na água e a moça desapareceu, deixando uma mancha vermelha no lugar em que estivera. Pela primeira vez, os cativos acorrentados não foram açoitados, ao serem levados de volta ao porão escuro. Kunta sentia uma vertigem terrível. Depois de respirar o ar fresco do oceano, o mau cheiro do porão era ainda pior do que antes; depois da luz do dia, o porão parecia ainda mais escuro. Ao ouvir outro alarido, aparentemente distante, seus ouvidos atentos disseram-lhe que os toubobs estavam levando para o convés os aterrorizados cativos do nível inferior.

Algum tempo depois, Kunta ouviu uma voz baixa perto de seu ouvido direito:

— Ma?

O coração de Kunta disparou. Conhecia muito pouco do idioma wolof, mas sabia que essa tribo e outras usavam a palavra jula para designar viajantes e mercadores, que eram geralmente mandingas. Virando ligeiramente a cabeça, Kunta sussurrou:

— Jula. Mandinga.

Ficou esperando, muito tenso. Ocorreu-lhe subitamente que, se pudesse falar muitas línguas, como os irmãos de seu pai. No meio instante, Kunta sentiu-se envergonhado por tê-los trazido àquele lugar, mesmo que em seus pensamentos.

— Wolof. Jebou Manga.

Kunta compreendeu que era o nome dele e respondeu:

— Kunta Kinte.

Trocando um sussurro a intervalos irregulares, em seu desespero para se comunicarem, os dois homens se empenharam em aprender a língua um do outro. Era como se fossem novamente crianças do primeiro kafo e estivessem aprendendo suas primeiras palavras. Durante um dos longos intervalos de silêncio, Kunta recordou-se da fogueira distante de um pastor fulani que avistara durante a noite, quando estava vigiando as plantações de amendoim contra os babuínos. Experimentara então uma sensação de conforto e desejara conversar com aquele homem que nunca vira. Era como se o desejo estivesse agora sendo realizado, só que com o wolof, ao qual estava acorrentado há semanas, mas que nunca antes vira. Kunta rebuscou na memória todas as palavras do idioma wolof que já ouvira. Sabia que o wolof estava fazendo a mesma coisa, procurando recordar palavras do idioma mandinga. Não tardou a descobrir que o wolof sabia mais palavras mandingas do que ele conhecia do idioma wolof. Em outro intervalo de silêncio, Kunta sentiu que o homem deitado do seu outro lado, que jamais emitira qualquer outro ruído além dos gemidos de dor, os estava escutando atentamente. E percebeu também, pelos murmúrios que agora soavam por todo o porão, que ele e o wolof não eram os únicos que estavam tentando comunicar-se. Agora que se tinham visto à luz do dia, os homens podiam comunicar-se. O porão só ficava em silêncio quando os toubobs desciam com a comida ou para remover a sujeira. E havia inclusive algo novo nesse silêncio. Pela primeira vez, desde que tinham sido capturados e acorrentados, os homens sentiam que não estavam sós.



Na próxima vez em que os cativos foram levados para o convés, Kunta fez questão de olhar o homem que estava atrás dele na fila, o que ficava deitado a sua esquerda, no porão. Era da tribo serere, bem mais velho do que Kunta, o corpo todo coberto pelos cortes das vergastadas, alguns profundos e infeccionados. Kunta arrependeu-se do impulso que muitas vezes sentira, no escuro, de agredir o homem, por gemer tão alto. O serere retribuiu o olhar de Kunta com uma expressão de fúria e desafio. Foi nesse momento que um chicote zuniu no ar e foi atingir Kunta, incitando-o a se adiantar. A violência do golpe fez Kunta cair de joelhos e desencadeou um acesso de fúria. Soltando um grito quase animal, ele investiu na direção do toubob, apenas para se esborrachar no chão, arrastando na queda o wolof ao qual estava acorrentado. O toubob afastou-se agilmente para fora do alcance deles. Outros toubob:> se aproximaram. O toubob ameaçado estreitou os olhos, com uma expressão de ódio, e pôs-se a açoitar tanto Kunta quando o wolof. Ao tentar rolar para o lado, a fim de escapar aos golpes, Kunta foi várias vezes chutado nas costelas. Com um imenso esforço, Kunta e o wolof conseguiram levantar-se e voltar para o meio dos demais cativos, a caminho do lugar em que seriam banhados com água do mar.

A água salgada parecia queimar nos ferimentos de Kunta. Seus gritos juntaram-se aos dos outros, por cima do barulho do tambor e da coisa sibilante, que novamente marcavam o ritmo para que os cativos pulassem e dançassem. Kunta e o wolof estavam tão fracos das vergastadas recentes que tropeçaram duas vezes, mas novos golpes com o chicote e pontapés obrigaram-nos a ficar de pé, continuando a pular. A fúria de Kunta era tão grande que ele mal ouviu as mulheres cantando “Toubob fa!” E quando foi finalmente levado de volta ao porão escuro, seu coração batia desesperadamente, dominado por uma ânsia incontrolável de matar todos os toubobs.

A intervalos de poucos dias, os oito toubobs nus desciam para o porão e removiam o excremento acumulado entre os cativos acorrentados. Nessas ocasiões, Kunta ficava completamente imóvel, sentindo apenas ódio, a acompanhar com os olhos as luzes alaranjadas, escutando os toubobs praguejarem e às vezes escorregarem e caírem sobre a sujeira.

Na última vez em que subiram ao convés, Kunta notara um homem coxeando, com uma perna bastante infeccionada. O chefe dos toubobs aplicara sua pasta na perna do homem, mas de nada adiantara. O homem passara a gritar horrivelmente na escuridão do porão. Ao subirem novamente para o convés, foi preciso ajudar o homem a caminhar. Kunta viu que a perna dele, antes acinzentada, já começara a apodrecer e cheirava mal mesmo ao ar fresco. Quando os cativos foram levados de volta ao porão, o homem ficou no convés. Alguns dias depois, as mulheres informaram aos demais cativos, em seu canto, que a perna do homem fora cortada e uma delas ficara encarregada de cuidar dele. Mas o homem acabara morrendo, naquela noite mesmo, sendo o corpo lançado ao mar. A partir desse momento, quando desciam para fazer a limpeza do porão, os toubobs passaram a

jogar pedaços de metal em brasa em baldes cheios de vinagre. As nuvens acres melhoravam um pouco o cheiro que impregnava o porão, mas o fedor não demorava a dominar novamente. Kunta tinha a impressão de que aquele cheiro nunca mais deixaria seus pulmões e sua pele.

O murmúrio no porão continuava, sempre que não havia nenhum touhob presente. E a cada dia ia aumentando em volume e intensidade, à medida que os homens aprendiam a se comunicar cada vez melhor. As palavras não compreendidas eram sussurradas de um para outro, ao longo das prateleiras, até que alguém, conhecedor de mais de um idioma, fornecia a explicação, que voltava então à pessoa que levantara a questão, pelo mesmo processo. Assim, todos os homens aprenderam palavras novas, de idiomas que nunca haviam falado antes. Algumas vezes, os homens erguiam-se bruscamente, batendo com a cabeça na madeira, na emoção de se comunicarem e por saberem que o estavam fazendo sem que os touhobs soubessem. Conversando em murmúrios durante horas, os homens foram desenvolvendo um profundo senso de intriga e fraternidade. Embora fosse de aldeias e tribos diferentes, sentiam agora que não eram de povos ou lugares diferentes.

Da próxima vez em que os touhobs levaram-nos para o convés, os homens marcharam como se estivessem num desfile. Ao retornarem para o porão, vários homens que falavam diversos idiomas conseguiram mudar de posição na fila, a fim de serem acorrentados nas extremidades das prateleiras, o que lhes permitiria fornecer mais depressa as explicações pedidas. Os touhobs não perceberam, pois eram incapazes ou não se preocupavam em distinguir um homem acorrentado do outro.

Perguntas e respostas começaram a se espalhar pelo porão.

— Para onde estamos sendo levados?

Tal pergunta provocou comentários amargurados.

— Alguém voltou para contar?

— Ninguém volta, porque todos são comidos!

A pergunta “Há quanto tempo estamos aqui?” provocou os mais disparatados palpites, de poucos dias a uma lua inteira. A pergunta foi finalmente traduzida para um homem que pudera contar os dias, pela claridade que entrava por um pequeno orifício próximo ao lugar em que estava acorrentado. Ele informou que contara 18 dias desde que a grande canoa começara a viajar.

Por causa das intromissões dos touhobs, trazendo comida ou vindo limpar o porão, às vezes perdia-se um dia inteiro para se transmitir as respostas a uma única declaração. Ansiosamente, os homens procuravam descobrir se havia algum conhecido entre os cativos.

— Alguém da aldeia de Barrakunda está aqui? — perguntou alguém um dia.

A resposta alegre não demorou a voltar, transmitida de boca em boca:

— Eu, Jabon Sallah, estou aqui!

Um dia, Kunta quase explodiu de emoção quando o wolof a seu lado sussurrou:

— Alguém aqui é da aldeia de Juffure?

— Eu, Kunta Kinte!

Kunta quase não respirou, de ansiedade, durante a hora que demorou para a resposta voltar:

— Era esse mesmo o nome. Ouvi os tambores de sua aldeia lamentando o desaparecimento.

Kunta desatou em soluços, a mente angustiada pela imagem de sua família reunida em torno de um galo branco a se debater e que terminara morrendo de costas. Pensou no wadanela da aldeia a espalhar a notícia e todas as pessoas indo procurar Omoro, Binta,

Lamin, Suwadu e Madi, enquanto os tambores da aldeia informavam, a quem quer que estivesse ouvindo, que um filho de Juffure, chamado Kunta Kinte, era agora considerado como desaparecido para sempre.

Muitos dias de conversa foram gastos em respostas para uma única pergunta:

— Como os toubobs desta canoa podem ser atacados e mortos?

Alguém tinha ou sabia onde se conseguir alguma coisa que pudesse ser usada como arma? Ninguém sabia. Quando subiam para o convés, alguém notara alguma negligência ou ponto fraco na vigilância dos toubobs, de que se pudesse tirar proveito num ataque de surpresa? Ninguém notara coisa alguma. A informação mais útil foi dada pelas mulheres, em seu canto, enquanto os homens dançavam: cerca de 30 toubobs estavam viajando com eles na grande canoa. Parecia haver mais, mas as mulheres estavam em melhores condições para contá-los. As mulheres disseram também que havia mais toubobs no início da viagem, mas cinco deles haviam morrido. Havia sido colocados e costurados em panos brancos, sendo jogados ao mar, enquanto o toubob de cabelos brancos lia alguma coisa de um livro. As mulheres contaram ainda que frequentemente os toubobs brigavam entre si, geralmente como resultado de discussões a respeito de quem iria usá-las durante a noite.

Através do canto das mulheres, quase nada acontecia no convés sem que os homens fossem informados, enquanto dançavam com as correntes. Ao voltarem para o porão, os homens discutiam os acontecimentos. Foi feito contato com os homens que estavam no nível inferior. O silêncio era total quando foi feita a pergunta aos que estavam lá embaixo:

— Quantos estão aí embaixo?

A resposta levou algum tempo para chegar:

— Calculamos que somos uns 60.

A transmissão de alguma informação, qualquer que fosse a fonte, parecia a única função” que justificava permanecer vivo. Quando não havia notícias, os homens falavam de suas famílias, aldeias, ofícios, plantações, cabanas. E eram cada vez mais frequentes as discussões sobre a melhor maneira de matar os toubobs e quando deveriam tentá-lo. Alguns homens achavam que, quaisquer que fossem as consequências, os toubobs deviam ser atacados na próxima vez em que subissem para o convés. Outros achavam que era melhor continuar à espreita, esperando por uma ocasião propícia. As discussões eram acaloradas. Uma delas foi interrompida pela voz de um ancião:

— Ouçam-me! Embora sejamos de diferentes tribos e idiomas, somos o mesmo povo! E, aqui, devemos ser como uma única aldeia!

Murmúrios de aprovação espalharam-se rapidamente pelo porão. Aquela voz já fora ouvida antes, dando conselhos nos momentos de maior tensão. Foi transmitida a informação de boca em boca que o referido ancião tinha sido o alcaide de sua aldeia. Ele não demorou a falar outra vez, dizendo que um líder tinha de ser encontrado e aceito por todos, que um plano de ataque tinha de ser apresentado e aprovado por todos, se quisessem ter alguma esperança de vencer os toubobs, que estavam obviamente bem organizados e bem armados. Novamente soaram murmúrios de aprovação pelo porão.

A sensação nova e reconfortante de não mais estar sozinho fez com que Kunta não ficasse tão atormentado pelo fedor e sujeira, pelos piolhos e ratos. Surgiu então a notícia assustadora: acreditava-se que outro traidor estava no nível inferior. Uma das mulheres cantara que estava no grupo de prisioneiros vendidos que esse traidor ajudara a levar para a canoa grande. Em seu canto, ela informara de que era noite quando lhe haviam retirado a venda, mas vira um toubob dar álcool a esse traidor, que bebera até mal conseguir ficar de pé. O toubob, às gargalhadas, derrubara-o e levava-o desacordado para o porão. A mulher

não podia dizer como era o rosto do traidor, mas tinha certeza de que ele estava acorrentado com os demais, dominado pelo terror, diante da possibilidade de ser descoberto e morto, como já acontecera com um traidor. No porão, os homens discutiram que esse traidor provavelmente também sabia falar algumas palavras da língua dos toubobs e era capaz de avisá-los dos planos de ataque que ouvisse, numa tentativa de salvar sua vida miserável.

Ocorreu a Kunta, ao sacudir os grilhões para afugentar um rato gordo, por que quase nada sabia a respeito dos traidores. Era porque nenhum deles se atrevia a viver nas aldeias, mas as outras pessoas, pois sabiam que uma simples suspeita de suas atividades seria suficiente para que fossem imediatamente mortos. Recordou-se de que, em Juffure, seu pai e outros homens mais velhos, sentados à noite em torno das fogueiras, pareciam desnecessariamente preocupados com perigos possíveis. Os homens mais jovens sempre achavam, sem o manifestar, que jamais poderiam sucumbir a tais perigos. Mas agora ele compreendia por que os homens mais velhos da aldeia preocupavam-se com a segurança da aldeia. É que sabiam que muitos traidores infiltravam-se furtivamente em muitas aldeias de Gâmbia. Os desprezados filhos de pais toubobs, de pele mais clara, eram fáceis de identificar. Mas nem todos. Kunta pensou na moça de sua aldeia que fora sequestrada pelos toubobs e depois escapara, comparecendo ao Conselho dos Anciãos pouco antes de ele ser capturado, querendo saber o que fazer com seu bebe sasso borro. Kunta ficou imaginando o que o Conselho teria finalmente decidido.

Pelas conversas no porão, Kunta soube agora que muitos mulatos limitavam-se a abastecer as canoas dos toubobs com mercadorias como índigo, ouro e presas de elefante. Mas havia centenas de outros que ajudavam os toubobs a incendiar aldeias e capturar pessoas. Alguns homens contaram com crianças eram atraídas com pedaços de cana-de-açúcar; quando estavam longe, enfiavam sacos em suas cabeças. Outros diriam que tinham sido cruelmente espancados pelos traidores durante a marcha. A esposa de um homem, grande de criança, morrera no caminho. O filho ferido de outro, com o corpo aberto em carne viva das vergastadas, fora deixado para trás, a fim de morrer sem qualquer socorro. Quanto mais Kunta ouvia, maior se tornava sua raiva, não só pelo que lhe haviam feito, mas também pelo que haviam feito a outros.

Passava horas deitado na escuridão, ouvindo a voz de seu pai, advertindo-o e a Lamin, a jamais se afastarem da aldeia sozinhos. Kunta desejou desesperadamente que tivesse acatado a advertência do pai. Sentiu o coração se apertar, ao pensar que nunca mais iria ouvir o pai. Pelo resto de sua vida, como quer que fosse, teria de pensar por si mesmo.

— Todas as coisas são a vontade de Alá!

A declaração, feita pelo alcala, passou de boca em boca. Quando chegou sua vez, virou ligeiramente a cabeça para transmiti-la ao wolof. Depois de um momento, Kunta percebeu que o wolof não sussurrara as palavras para o homem seguinte. Não conseguiu compreender por que e achou que talvez não tivesse falado com clareza suficiente. Já ia sussurrar novamente as palavras quando o wolof disse, em voz alta o suficiente para ser ouvido em todo o porão.

— Se é essa a vontade do seu Alá, então prefiro o demônio!

De vários pontos do porão soaram exclamações de aprovação. Não demorou muito para que irrompessem várias discussões.

Kunta ficou profundamente abalado. Estava chocado ao descobrir que tinha um pagão ao seu lado, pois a fé em Alá era-lhe tão preciosa quanto a própria vida. Até aquele momento, Kunta respeitara a amizade e as opiniões do homem mais velho a que estava

agrilhado. Mas, agora, Kunta sabia que não mais podia haver qualquer camaradagem entre eles.



Quando os homens subiram novamente para o convés, as mulheres cantaram que haviam conseguido roubar e esconder algumas facas e outras coisas que poderiam ser usadas como armas. Mas os homens estavam separados em dois grupos. Os que achavam que os toubobs deviam ser atacados imediatamente eram liderados por um wolof de aparência terrível, coberto de tatuagens. Dançava freneticamente quando subia ao convés, mostrando os dentes afiados para os toubobs, que o contemplavam satisfeitos, pensando que ele estivesse sorrindo. Aqueles que achavam que era melhor esperar, fazendo preparativos meticulosos, eram liderados pelo foulah que fora impiedosamente espancado por ter matado o traidor.

Alguns partidários do wolof diziam que os touhohs deveriam ser atacados, quando descessem ao porão em número considerável. Lá embaixo, os homens acorrentados podiam ver melhor do que os toubobs, e contariam com o elemento surpresa. Mas os outros achavam que esse plano era absurdo, ressaltando que a maioria dos touhohs estaria a salvo, no convés, podendo facilmente matar os homens acorrentados, como se fossem ratos. Às vezes, quando as discussões dos partidários do wolof e do foulah alcançavam o ponto em que todos gritavam, o alcalá tinha de intervir, ordenando— lhes que se acalmassem, para que as discussões não fossem ouvidas pelos toubobs.

Qualquer que fosse a opinião que finalmente prevalecesse, Kunta estava disposto a lutar até a morte. Já não tinha mais medo de morrer. A partir do momento em que concluía que nunca mais tornaria a ver sua família e a aldeia, passara a sentir-se como se já estivesse morto. Seu único receio era morrer sem matar pelo menos um toubob. A tendência dele era a de apoiar o cauteloso foulah. E achava que a maioria dos homens tinha a mesma opinião. Àquela altura, Kunta já descobrira que quase todos os cativos eram mandingas. E qualquer mandinga sabia perfeitamente que os foulahs eram conhecidos por passarem anos, até mesmo uma vida inteira, se fosse necessário, para vingar com a morte qualquer ofensa séria que tivessem sofrido. Se alguém matava um foulah e escapava, os filhos dele não descansavam até o dia em que encontrassem o assassino e o matassem.

— Devemo-nos unir sob o comando do líder cuja opinião finalmente adotarmos — aconselhou o alcalá.

Os partidários do wolof reclamaram furiosamente. Mas, àquela altura, já ficara evidente que a maioria concordava com o foulah. Assim sendo, ele assumiu o comando e deu a primeira ordem:

— Devemos observar todos os movimentos dos toubobs com os olhos de gavião. E quando o momento chegar, devemos entrar em ação como guerreiros.

Aconselhou-os a seguirem o conselho da mulher que lhes dissera para darem a impressão de estarem felizes, ao pularem no convés com suas correntes. Isso faria com que os toubobs afrouxassem a vigilância, facilitando um ataque de surpresa. O foulah disse também que cada homem deveria localizar com os olhos um objeto que pudesse servir como

arma e que estivesse a seu alcance quando o momento chegasse. Kunta ficou muito satisfeito consigo mesmo. Nas ocasiões em que já subira ao convés, localizara uma vareta de ferro meio solta que poderia arrancar e enfiar na barriga do toubob mais próximo, como se fosse uma lança. Sempre que pensava nisso, seus dedos se contraíam, como se estivessem segurando uma lança imaginária.

Sempre que os toubobs abriam a escotilha e desciam, gritando e brandindo os chicotes, Kunta ficava tão imóvel quanto os animais da floresta. Recordara o que o kintango dissera, de que o caçador devia aprender com o que o próprio Alá ensinara aos animais da floresta: como esconder-se e observar os caçadores que queriam matá-los. Kunta passava horas pensando numa coisa estranha: o fato de os toubobs aparentemente gostarem de causar dor aos cativos. Recordou-se com ódio dos toubobs rindo ao açoitarem os homens, especialmente os que já estavam bastante feridos. Amargurado, imaginava os toubobs a levarem as mulheres para os cantos escuros da canoa durante a noite, quase que podia ouvi-las gritando. Será que os toubobs não tinham suas próprias mulheres? Seria por isso que perseguiam as mulheres dos outros como cachorros? Os toubobs pareciam não respeitar coisa alguma. Pareciam não ter nenhum deus, nenhum espírito a cultuar.

A única coisa que podia desviar os pensamentos de Kunta dos toubobs, e de como matá-los, era a presença dos ratos, mais e mais audaciosos, a cada dia que passava. Sentia os focinhos dos ratos roçarem em suas pernas, quando os bichos iam morder uma ferida qualquer que estivesse sangrando ou com pus. Os piolhos e pulgas preferiam mordê-lo no rosto, sugando o líquido que escorria pelos cantos de seus olhos ou de suas narinas. Kunta contorcia-se desesperadamente, esmagando os bichos que conseguia pegar entre suas unhas. Pior ainda era a dor intensa que ele sentia nos ombros, cotovelos e quadris, ardendo agora como se estivessem em fogo, depois de semanas a roçarem contra a madeira áspera sobre a qual estava estendido. Já vira as regiões em carne viva nos outros homens, quando subiam ao convés. Todos gritavam desesperadamente sempre que a canoa grande balançava mais do que o habitual.

Kunta tinha visto, ao subir para o convés, que alguns homens começavam a agir como se fossem zumbis. Suas expressões indicavam que não mais tinham medo, porque não mais se importavam se viviam ou morriam. Mesmo açoitados pelos toubobs, reagiam apenas lentamente. Depois que eram lavados da sujeira que os cobria da cabeça aos pés, nem mesmo tentavam pular quando recebiam a ordem. O toubob de cabelos brancos, com uma expressão preocupada, ordenava que os outros permitissem que esses homens sentassem, o que eles faziam, com a testa sobre os joelhos, um líquido ralo e rosado escorrendo pelas costas em carne viva. O chefe dos toubobs empurrava-lhes a cabeça para trás e metia em suas bocas alguma coisa, que geralmente os fazia engasgar. Alguns caíam para o lado, inertes, incapazes de se mexer, sendo carregados de volta ao porão pelos toubobs. Antes mesmo que esses homens morressem, o que quase sempre acontecia, Kunta já sabia que eles haviam decidido morrer.

Mas Kunta e a maioria dos homens, em obediência às ordens do foulah, tentavam agir como se estivessem felizes, ao dançarem no convés, embora o esforço fosse um cancro a lhes corroer as almas. Mas era verdade que quando os toubobs ficavam mais relaxados por isso, desferiam menos chicotadas e permitiam que os cativos permanecessem por mais tempo no convés, ao sol. Depois de suportarem os baldes de água salgada e a tortura das escovadas, os homens ficavam acorados, observando todos os movimentos dos toubobs, como se postavam a intervalos regulares junto à amurada, como mantinham as armas sempre próximas, ao alcance da mão em caso de necessidade. Quando um toubob encostava a

arma na amurada, todos os homens acorrentados anotavam mentalmente o gesto. Sentado no convés, à espera do dia em que atacariam e matariam os toubobs, Kunta preocupava-se com a coisa grande de metal que aparecia pela abertura na barricada. Sabia que, qualquer que fosse o custo em vidas, aquela arma teria de ser capturada. Embora não soubesse exatamente que arma era e como funcionava, não tinha a menor dúvida de que era capaz de provocar uma terrível destruição. Fora certamente por isso que os toubobs tinham-na colocado ali.

Kunta tinha outro receio: de que os toubobs pudessem perceber como ele e os outros estavam agora se comportando de maneira diferente ao pularem no convés com as correntes. É que tinham passado a dançar realmente e não podiam deixar que seus movimentos expressassem o que lhes passava pela cabeça. Faziam gestos de que estavam-se livrando dos grilhões e correntes, depois como se estivessem desferindo golpes de porrete, estrangulando, atirando lanças, matando. Durante a dança, Kunta e os outros chegavam mesmo a gritar freneticamente, na expectativa da matança. Mas para seu alívio, sempre que a dança terminava e podia novamente controlar-se, descobria que os toubobs de nada desconfiavam, sorrindo felizes pela animação dos cativos. Um dia, quando estavam no convés, os prisioneiros acorrentados ficaram atônitos, incapazes de se mexer, assim como os toubobs, contemplando uma cena inusitada: centenas de peixes-voadores que pulavam da água e voavam um pouco acima da superfície, como pássaros prateados. Kunta estava observando, estarecido, quando ouviu um grito súbito. Virando-se rapidamente, viu o wolof tatuado arrancar uma das varas de metal de um toubob. Brandindo-a como um porrete, ele acertou a cabeça do toubob com um golpe violento, derramando os miolos dele sobre o convés. Enquanto outros toubobs se recuperavam do choque, o wolof tatuado derrubou outro. Tudo acontecera tão inesperadamente que o wolof urrando de raiva, estava derrubando o quinto toubob quando uma faca comprida cortou-lhe a cabeça. A cabeça bateu no convés antes de o corpo cair, o sangue esguichando abundantemente. Os olhos na cabeça decapitada ainda estavam abertos, com uma expressão de surpresa.

Por entre gritos de pânico, diversos toubobs correram para o local, saindo pelas portas e descendo como macacos dos grandes panos brancos que adejavam por cima da canoa. Enquanto as mulheres gritavam, os homens acorrentados se juntaram num círculo compacto. As varas de metal cuspiram fogo e fumaça, ruidosamente. O cano grande e preto explodiu, como se fosse uma trovoada, despejando uma rajada de calor e fumaça sobre as cabeças dos cativos, que gritaram e caíram uns em cima dos outros, dominados pelo terror.

O chefe dos toubobs e seu companheiro de cicatriz no rosto saíram de detrás da barricada, gritando de raiva. O de cicatriz no rosto acertou um soco no toubob mais próximo, fazendo o sangue esguichar de sua boca. Depois, todos os toubobs puseram-se a gritar freneticamente, empurrando os homens acorrentados na direção da escotilha aberta, com seus chicotes, facas e varas de metal. Kunta moveu-se, sem sentir as vergastadas que o atingiam, ainda esperando o sinal do foulah para atacar.

Mas antes mesmo que o percebesse, já estavam todos de volta ao porão escuro, acorrentados em seus lugares, a escotilha sendo fechada.

Mas não estavam sozinhos. Na confusão, um toubob ficara também preso lá embaixo. Ele corria de um lado para outro, tropeçando e esbarrando nas prateleiras, gritando de terror, caindo de vez em quando, levantando-se no mesmo instante, recomeçando a correr. Os uivos dele pareciam os de algum animal primitivo.

— Toubob f a! — gritou alguém. Outras vozes ecoaram:

— Toubob fã! Toubob fã!

Os gritos eram cada vez mais altos, outros homens foram-se juntando ao coro. O toubob parecia compreender que os cativos gritavam assim por sua causa, querendo matá-lo. Gemidos suplicantes saíram de sua garganta. Kunta permaneceu imóvel, incapaz de fazer qualquer ruído, de mexer um músculo sequer. A cabeça latejava terrivelmente, o corpo estava coberto de suor, a boca se entreabriu, procurando aspirar um pouco de ar para os pulmões doloridos. Subitamente, a escotilha foi novamente aberta e uma dúzia de toubobs desceram para o porão escuro. Os chicotes açoitaram o toubob aprisionado lá embaixo, antes que ele conseguisse explicar que era um deles.

Debaixo de vergastadas impiedosas, os cativos foram outra vez levados ao convés, sendo obrigados a assistir quatro toubobs a açoitarem o corpo sem cabeça do wolof, transformando-o numa massa sangrenta e informe. Os corpos nus dos homens acorrentados brilhavam de sangue e suor, mas quase que não se ouviu um só ruído emitido por eles. Todos os toubobs estavam agora fortemente armados, tendo no rosto uma expressão de raiva assassina. Depois, os homens nus foram mais uma vez açoitados indiscriminadamente e levados de volta ao porão, sendo acorrentados a seus lugares.

Por um longo tempo, ninguém se atreveu sequer a sussurrar. Em meio à torrente de pensamentos e emoções que invadiu Kunta, quando seu terror atenuou-se o suficiente para permitir-lhe pensar, estava a impressão de que não era o único a admirar a coragem do wolof, que morrera como um verdadeiro guerreiro. Ele recordou-se de sua expectativa ansiosa pelo sinal do líder foulah para que atacassem. mas o sinal não viera. Kunta sentiu-se amargurado. O que quer que pudesse ter acontecido, estava agora acabado, já não mais restava nenhuma esperança. Por que não morrer logo de uma vez? Seria possível que viesse a surgir uma oportunidade melhor? Havia alguma razão para continuar preso à vida, naquela escuridão fétida? Ele desejou desesperadamente poder comunicar-se com o wolof a que estava acorrentado. Mas isso era impossível, pois o homem era um pagão.

Murmúrios de raiva pela hesitação do foulah em entrar em ação foram bruscamente interrompidos pela mensagem dramática dele: o ataque seria desfechado da próxima vez em que os homens do nível inferior do porão estivessem no convés, sendo levados e pulando com suas correntes, a ocasião em que os toubobs ficavam mais relaxados. E o foulah acrescentou:

— Muitos de nós irão morrer, assim como nosso irmão morreu por nós. mas nossos irmãos lá debaixo irão vingar-nos!

Havia resmungos de aprovação entre os murmúrios que passaram a circular. Kunta ficou imóvel na escuridão, ouvindo o ruído de uma lima roubada contra as correntes. Há semanas que sabia que as marcas da lima haviam sido cuidadosamente cobertas com sujeira, para que os toubobs nada percebessem. Recordou os rostos dos toubobs que manejavam a grande roda da canoa, já que as vidas deles seriam as únicas poupadas.

Mas durante aquela longa noite, Kunta e os outros cativos começaram a ouvir um som estranho e diferente, como nunca tinham ouvido antes. Parecia vir do convés lá em cima. O silêncio baixou sobre o porão. Escutando atentamente, Kunta calculou que ventos mais fortes deviam estar agitando os grandes panos brancos com mais força do que habitualmente. Logo, outro ruído surgiu, como arroz caindo no convés. Depois de algum tempo, Kunta compreendeu que devia estar chovendo. Teve certeza de ouvir também as trovoadas de uma tempestade.

Pés corriam rapidamente pelo convés, a grande canoa rangia e sacudia-se toda. Os gritos de Kunta eram ecoados pelos outros homens, pada vez que a canoa se sacudia bruscamente para cima e para baixo ou de um lado para outro. Os ombros, cotovelos e

nádegas dos cativos, já em carne viva e infeccionados, roçavam com mais força ainda sobre as tábuas ásperas, arrancando nacos de carne, até que os próprios músculos ficassem expostos. A dor lancinante, dominando seu corpo todo, da cabeça aos pés, fez com que Kunta quase perdesse os sentidos. Teve uma vaga impressão de ouvir água entrando no porão, por entre gritos desesperados, uma algazarra indescritível.

A água entrava no porão cada vez mais depressa, até que Kunta ouviu algo pesado ser estendido sobre o convés lá em cima, dando a impressão de que era algum pano muito grosso. Momentos depois, apenas um filete continuava a escorrer para o porão. Mas Kunta começou a suar, sentindo que estava sufocando. Os toubobs haviam coberto os buracos por cima deles para impedir a passagem da água. Mas, ao fazerem-no, tinham tapado também todas as passagens de ar, deixando o calor e o cheiro fétido aprisionados dentro do porão. Era mais do que se podia suportar e os homens começaram a sufocar e vomitar, sacudindo freneticamente os grilhões, gritando de dor. Kunta tinha impressão de que seu nariz, garganta e pulmões estavam estofados com algodão em chamas. Ofegava desesperadamente, procurando aspirar ar suficiente para poder gritar. Cercado por um chocalhar frenético de correntes e por gritos abafados, nem mesmo percebeu quando sua bexiga e intestinos se afrouxaram.

Ondas furiosas batiam contra o casco da canoa. As tábuas rangiam, quase se soltando das cavilhas que as prendiam. Os gritos sufocados dos homens no porão eram mais altos quando a canoa mergulhava, estremecendo sob as toneladas de oceano se despejavam em cima. Depois, milagrosamente, a canoa tornava a subir, sob a chuva torrencial, que caía sobre o convés como granizo. Quando a canoa tornou a afundar, quase virando de lado, tremendo toda, o barulho no porão começou a diminuir, enquanto mais e mais homens acorrentados desmaiavam.

Quando recuperou os sentidos, Kunta descobriu que estava no convés, espantando-se por ainda estar vivo. As luzes alaranjadas, deslocando-se de um lado para outro, fizeram-no pensar a princípio que ainda estivesse no porão. Ao aspirar, porém, descobriu que era ar fresco que entrava em seus pulmões. Ficou deitado de costas, sentindo dores tão terríveis que não podia conter os gritos, mesmo na presença dos toubobs. Viu-os lá no alto, parecendo fantasmas à luz da lua, avançando pelos barotes transversais dos postes. Pareciam estar tentando desenrolar os grandes panos brancos. Virando a cabeça, que latejava terrivelmente, na direção de outro ruído alto, Kunta viu outros toubobs saindo pela escotilha aberta, cambaleando, arrastando para o convés da canoa os corpos nus dos cativos.

O wolof a que Kunta estava acorrentado tremia violentamente e vomitava por entre os gemidos. Kunta também não conseguia evitar o vômito. O toubob de cabelos brancos e o que tinha a cicatriz no rosto gritavam ordens e imprecações para os outros, que escorregavam e caíam no vômito, para o qual eles próprios haviam contribuído. E os toubobs continuaram a trazer corpos inertes do porão.

A grande canoa ainda balançava bastante e de vez em quando uma chuva de espuma caía sobre o convés. O chefe dos toubobs, movendo-se por entre os cativos, acompanhado por outro que segurava uma luz, tinha alguma dificuldade em manter o equilíbrio. Um ou outro virava para cima o rosto de cada homem inerte, a luz baixando para iluminá-lo. O chefe dos toubobs examinava o rosto atentamente, às vezes enfiava um dedo sob o grilhão, sentindo o pulso do homem. De vez em quando, praguejava amargurado e gritava uma ordem para outros toubobs, que iam pegar o cativo que ele acabara de examinar e o jogavam no mar.

Kunta compreendeu que aqueles homens tinham morrido no porão. E perguntou-se

se era possível que Alá, o qual se dizia estar em toda parte ao mesmo tempo, também estivesse ali. Pensou, em seguida, que o simples fato de pensar nisso fazia-o igual ao pagão que tremia e gemia a seu lado. Concentrou seus pensamentos numa prece pelos homens que haviam sido lançados ao mar, indo juntar-se aos ancestrais. Invejava-os profundamente. ,



Quando a madrugada chegou, a tempestade já passara e o céu estava limpo, mas a canoa continuava a balançar bastante, impelida pelas ondas imensas. Alguns dos cativos, ainda deitados de costas ou de lado, não demonstravam o menor sinal de vida; outros estavam tendo convulsões horríveis. Mas Kunta, juntamente com a maioria dos outros, conseguira sentar, o que aliviava um pouco as dores nas costas e nas nádegas. Ele olhou para as costas dos homens mais próximos; estavam sangrando novamente, por entre as crostas ressequidas do sangue anterior. Teve a impressão de ver ossos expostos, nos ombros e cotovelos. Olhando para outro lado, viu uma mulher deitada no convés, com as pernas abertas, as partes íntimas viradas em sua direção, cobertas por uma estranha pasta amarelada. Sentiu um cheiro indescritível e compreendeu que vinha da mulher.

De vez em quando, um dos homens ainda deitados fazia um esforço para erguer-se. Muitos tornavam a cair, mas outros conseguiam. Entre estes, Kunta viu o líder foulah, que sangrava abundantemente, parecendo completamente alheio ao que se passava a seu redor. Kunta não reconheceu muitos dos homens que o cercavam. Calculou que eram os cativos do nível inferior ao seu. Eram os homens que, segundo o foulah, iriam vingar os mortos do primeiro nível, depois que os toubobs fossem atacados. O ataque. Kunta não tinha forças sequer para pensar nisso.

Em alguns dos rostos a seu redor, inclusive no do wolof a que estava acorrentado, Kunta pôde ver a morte estampada. Sem saber explicar por quê, teve certeza de que aqueles homens iam morrer. O rosto do wolof estava acinzentado. Cada vez que ele arquejava para respirar, um ruído de gorgolejo saía por suas narinas. Até mesmo os ossos dos ombros e cotovelos do wolof, que apareciam em meio à carne aberta em feridas, pareciam estar cinzentos. Quase como se soubesse que Kunta o fitava, o wolof abriu os olhos e fixou-os nele, -mas sem qualquer sinal de reconhecimento. Ele era um pagão, mas. Kunta estendeu o dedo para tocar o braço do wolof. Mas não houve qualquer indício de que ele tivesse percebido o gesto de Kunta, que tivesse compreendido o quanto significava.

Embora as dores não diminuíssem, o sol quente fez com que Kunta se sentisse um pouco melhor. Olhou para baixo e viu a poça de sangue que escorrera de suas costas. Um ganido incontrolável subiu por sua garganta. Os toubobs também estavam visivelmente fracos e doentes, deslocando-se por entre os cativos com baldes e escovas, a limpar vômito e fezes. Outros traziam tinas cheias de sujeira do porão, despejando-as no mar. A luz do dia, Kunta contemplou distraidamente os corpos pálidos e cabeludos, notando que os fotos eram muito pequenos.

Pouco depois, sentiu o cheiro do vapor de vinagre fervendo. O chefe dos toubobs começou a aplicar sua pomada nos homens acorrentados. Punha um emplastro de um pano salpicado com um pó nos homens que estavam com os ossos expostos. Mas o sangue logo fazia com que os emplastos escorregassem e caíssem. Abriu também as bocas de alguns homens, inclusive a de Kunta, despejando pelas gargantas um líquido de um vidro preto.

Ao pôr-do-sol, aqueles que ainda tinham algumas forças foram alimentados, com milho cozinhado em óleo de palmeira, servido numa pequena tina, na qual todos enfiaram as mãos. Depois, cada homem bebeu uma concha de água, servida por um toubob, de um barril mantido ao pé do poste mais alto do convés. Quando as estrelas surgiram no céu, os homens foram levados novamente para o porão. Os espaços vazios no nível de Kunta, deixados pelos homens que tinham morrido, foram preenchidos pelos homens do nível inferior que estavam em piores condições. Os gemidos de dor eram ainda mais altos do que antes.

Durante três dias, Kunta esteve imerso num delírio de dor, vômito e febre, seus gritos misturando-se com os dos outros. Era um dos que estavam dominados por acessos de tosse, rouca e profunda. O pescoço estava quente e inchado, o corpo tudo suava profusamente. Saiu de seu estupor apenas uma vez, quando sentiu um rato roçar em sua coxa. Quase que por reflexo, estendeu a mão livre e agarrou o rato pela cabeça e patas dianteiras. Mal podia acreditar. Toda a raiva que se acumulara dentro dele, ao longo daqueles dias intermináveis de sofrimento, fluiu para seu braço e mão. E começou a apertar, cada vez com mais força, o rato se debatendo e guinchando freneticamente, até sentir os olhos do bicho saltarem para fora, o crânio esmagado por seu polegar. Somente então a força desapareceu de seus dedos e ele abriu a mão, largando o rato ensanguentado.

Um ou dois dias depois, o chefe dos toubobs começou a descer pessoalmente para o porão. A cada vez, descobria e mandava tirar das correntes pelo menos mais um corpo sem vida. Com ânsias de vômito por causa do cheiro fétido, enquanto outros seguravam luzes para que ele visse, o chefe dos toubobs aplicava a pomada e o pó nos ferimentos, forçava o gargalo do vidro preto nas bocas dos que ainda estavam vivos. Kunta esforçava-se ao máximo para não gritar, toda vez que a pomada era passada em suas costas ou o vidro comprimido contra seus lábios. Também encolhia-se de repugnância ao contato daquelas mãos pálidas em suas costas. Preferia sentir o contato dos açoites. Ao clarão alaranjado das luzes, os rostos dos toubobs tinham uma estranha palidez, como se fossem destituídos de feições. Ele compreendeu que tal visão jamais se apagaria de sua mente, assim como o cheiro fétido do porão também ficaria gravado para sempre.

Deitado em meio à sujeira, dominado pela febre, Kunta não sabia se já estavam dentro daquela canoa há duas ou seis luas, ou seja se passara toda uma chuva. O homem estendido junto à fresta e que podia contar os dias havia morrido. E não mais havia qualquer comunicação entre os sobreviventes.

Um dia, ao despertar sobressaltado de um sono inquieto, Kunta foi invadido por um terror indescritível e sentiu que a morte estava perto dele. Levou algum tempo para compreender que não mais estava ouvindo a respiração ofegante do wolof ao seu lado. E mais tempo ainda se passou até que Kunta tomasse coragem e estendesse a mão para tocar no braço do homem. Retirou a mão horrorizado, pois o braço estava rígido e frio. Kunta estremeceu. Pagão ou não, o wolof conversara muitas vezes com ele, haviam estado juntos por um longo tempo. E agora ele estava sozinho.

Quando os toubobs tornaram a descer, trazendo a comida, Kunta encolheu-se aterrorizado ao ouvi-los se aproximando. Depois, ouviu um deles sacudir o corpo do wolof e depois praguejar. A comida foi jogada entre ele e o wolof imóvel. Os toubobs seguiram em frente. Apesar de faminto, Kunta não podia comer.

Mais tarde, dois toubobs vieram abrir os grilhões do tornozelo e pulso do wolof, que o prendiam a Kunta. Aturdido, Kunta ouviu o corpo sendo arrastado pela passagem e pelos degraus. Sentiu vontade de afastar-se daquele espaço vazio. Mas no momento em que se

mexeu, os músculos expostos encostados na madeira áspera doeram terrivelmente, fazendo-o gritar. Ficou imóvel, esperando que a dor se atenuasse. Quase que podia ouvir os gemidos de morte das mulheres da aldeia do wolof, lamentando a morte dele.

— Toubob fa — gritou ele, em meio à escuridão fétida, sacudindo ruidosamente os grilhões.

Da próxima vez em que subiu ao convés, o olhar de Kunta encontrou-se com o do toubob que mais o açoitara e ao wolof. Por um instante, os dois se fitaram nos olhos. Mas apesar do rosto do toubob ser uma máscara de ódio, desta vez ele não açoitou Kunta. Ao recuperar-se da surpresa, Kunta olhou para o outro lado do convés e avistou as mulheres, pela primeira vez desde a tempestade. Seu coração se contraiu. Das 20 mulheres que haviam iniciado a viagem, restavam apenas 12. Mas ele sentiu uma pontada de alívio ao descobrir que todas as quatro crianças haviam sobrevivido.

Desta vez, os toubobs não esfregaram os cativos com as escovas, pois as feridas nas costas deles estavam em péssimo estado. E pularam apenas por um momento, debilmente, ao som do tambor, pois o toubob que tocava o objeto sibilante morrera. Da melhor forma que podiam, as mulheres cantaram que mais alguns toubobs haviam sido metidos em sacos de pano e lançados ao mar.

Com uma expressão de cansaço estampada no rosto, o toubob de cabelos brancos estava-se deslocando pelo meio dos cativos nus, com sua pomada e seu vidro preto, quando um homem saiu correndo na direção da amurada, os grilhões do companheiro morto a chocalharem. Já estava quase lá em cima quando o toubob mais próximo conseguiu alcançá-lo e segurar a ponta da corrente, no instante mesmo em que o cativo pulava. Um instante depois, o corpo do cativo batia ruidosamente contra o costado da grande canoa, enquanto seus gritos ressoavam pelo ar. Subitamente, de maneira inconfundível, Kunta ouviu o cativo gritar algumas palavras toubobs. Um murmúrio sibilante saiu das gargantas dos homens acorrentados. Era o outro traidor! Enquanto o homem batia contra o costado, gritando “Toubob fa!” por entre súplicas de misericórdia, o chefe dos toubobs aproximou-se da amurada e olhou para baixo. Ficou escutando por um momento, depois puxou a corrente das mãos do outro toubob e deixou o traidor cair no mar. Sem dizer nada, ele voltou a passar a pomada e o pó nos ferimentos dos cativos, como se nada tivesse acontecido.

Embora os guardas já não usassem os chicotes com tanta frequência, pareciam agora estar com medo dos prisioneiros. Cada vez que os homens nus e acorrentados eram levados ao convés, os toubobs ficavam juntos, vigilantes, com os paus de fogo e as facas em posição, como se receassem um ataque a qualquer momento. Mas Kunta, pelo menos, apesar de continuar a desprezar e odiar os toubobs intensamente, não mais estava preocupado em matá-los. Sentia-se tão doente e fraco que nem se importava se ele próprio vivesse ou morresse. Quando subia para o convés, simplesmente deitava de lado e fechava os olhos. Não demorava muito a sentir as mãos do toubob de cabelos brancos a passar a pomada em suas costas. Por algum tempo, nada sentia. O calor do sol e o ar fresco a lhe entrar nos pulmões faziam-no mergulhar numa espécie de nevoeiro, a dor esquecida, esperando apenas o momento de felicidade em que morreria, indo ao encontro de seus ancestrais.

No porão, Kunta ouvia de vez em quando um murmúrio, aqui e ali. Não podia entender o que os homens ainda podiam encontrar para conversar. E de que adiantava? O wolof a que estava acorrentado já morrera, assim como muitos dos homens que serviam de intérpretes. A cada dia,

Kunta sentia-se ainda pior. De nada adiantava ver o que estava acontecendo com

alguns dos outros homens. Os intestinos deles tinham começado a expelir uma mistura de sangue coagulado e um fluido amarelado, de cheiro fétido.

Ao sentirem o cheiro pela primeira vez e verem a descarga pútrida, os toubobs ficaram extremamente nervosos. Um deles subiu correndo pela escotilha e voltou alguns minutos depois com o chefe dos toubobs. Com ânsias de vômito, ele gesticulou para que os outros toubobs soltassem os homens que gritavam e os tirassem do porão. Vários toubobs retornaram ao porão pouco depois, com enxadas, escovas e baldes. Vomitando e balbuciando imprecizações, eles tiraram a sujeira e esfregaram e tornaram a esfregar os lugares em que tinham estado os homens doentes. Depois despejaram vinagre fervendo sobre esses lugares e removeram os homens mais próximos para outros espaços vazios.

Mas de nada adiantou, pois a doença, que Kunta ouviu os toubobs chamarem de “disenteria”, foi— se espalhando cada vez mais. Não demorou muito para que ele próprio se estivesse contorcendo com dores horríveis na cabeça e nas costas, sentindo o corpo a arder de febre e depois estremecer em calafrios, os intestinos se contraindo e expelindo a mistura de sangue e muco. Com a sensação de que suas entranhas estavam também sendo expelidas, Kunta quase desmaiou de dor. Por entre os gemidos de dor, gritou coisas que mal podia acreditar que estivesse realmente dizendo:

— Omoro. Ornar, o Segundo Califa, o terceiro depois de Maomé, o Profeta! Kairaba. Kairaba significa paz!

Finalmente perdeu a voz de tanto gritar e mal podia ser ouvido em meio aos soluços dos outros. Dois dias depois, a disenteria infecciosa já contagiara quase todos os homens que estavam no porão.

O sangue começou a escorrer para as passagens e não havia a menor possibilidade dos toubobs evitarem-no. Roçavam ou pisavam na mistura de sangue e muco, praguejando e vomitando, toda vez que desciam ao porão. Todos os dias agora, os homens eram levados para o convés, enquanto os toubobs desciam com baldes e mais baldes, fervendo o vinagre na tentativa de limpá-lo. Kunta e seus companheiros subiam pela escotilha a cambalear e caíam pelo convés, que não demorava a ficar coberto pelo sangue que lhes escorria das costas e a evacuação pútrida dos intestinos. O cheiro do ar fresco parecia envolver inteiramente o corpo de Kunta, da cabeça aos pés. Voltava para o porão e experimentava a mesma sensação com o cheiro de vinagre e alcatrão. Mas o fedor da disenteria jamais era inteiramente eliminado.

Em seu delírio, Kunta via a Vovó Yaisa deitada de lado na cama, como na última vez em que conversara com ele, quando ainda era menino. Recordava-se também da Vovó Yaisa e das histórias que ela costumava contar quando ele era do primeiro kafo, principalmente a história do crocodilo que caíra numa armadilha junto ao rio e do menino que aparecera para livrá-lo.

Chegou o momento em que a maioria dos homens não mais conseguia andar e os toubobs tinham de carregá-los para o convés, a fim de que o chefe deles pudesse passar sua pomada inútil à luz do dia. Não se passava um único dia sem que alguém não morresse e fosse atirado ao mar, inclusive algumas das mulheres e duas das quatro crianças, além de vários toubobs. Muitos dos toubobs sobreviventes também mal conseguiam arrastar-se. O que manejava a roda grande ficava o tempo todo sentado numa tina, onde caía sua evacuação.

As noites e os dias foram-se sucedendo, interminavelmente. Um dia Kunta e os poucos outros que ainda conseguiam arrastar-se pelos degraus olharam por cima da amurada e ficaram atônitos ao contemplarem um tapete ondulante de algas marinhas douradas, flutuando sobre a superfície até onde a vista podia alcançar. Kunta sabia que a

água não poderia continuar para sempre e parecia agora que a canoa grande estava prestes a alcançar a beira do mundo. Mas não se importava com isso. Sentia que estava chegando ao fim. Só não sabia ainda de que maneira iria morrer.

Percebeu vagamente que os grandes panos brancos estavam meio caídos, não mais enfunados pelo vento, como antes. Em cima dos postes, os toubobs puxavam as cordas de um lado para outro, deslocando os panos e procurando aproveitar a menor brisa. E também suspendiam baldes que os toubobs no convés enchiam de água, despejando-os sobre os panos brancos. Mesmo com todos os esforços dos toubobs, a grande canoa estava quase parada na calmaria, balançando suavemente de um lado para outro.

Todos os toubobs estavam agora com os nervos à flor da pele. O de cabelos brancos gritava até mesmo com seu inseparável companheiro de cicatriz no rosto, o qual, por sua vez, batia nos outros toubobs com uma frequência cada vez maior. Os cativos acorrentados não mais eram açoitados, a não ser em raras ocasiões. E passavam quase que o dia inteiro no convés. Para espanto de Kunta, começaram a receber também quase meio litro de água todos os dias.

Certa manhã, ao subirem para o convés, os prisioneiros viram centenas de peixes-voadores ali amontoados. As mulheres informaram, em seu canto, que os toubobs haviam acendido luzes no convés na noite anterior, para atrair os peixes, que haviam voado para bordo e depois não mais conseguiram escapar. Naquela noite, os peixes foram cozidos junto com o milho. O gosto de peixe fresco proporcionou um prazer imenso a Kunta. Ele engoliu tudo vorazmente, até mesmo as espinhas.

Na vez seguinte em que o pó amarelo foi salpicado nas costas de Kunta, o toubob de cabelos brancos colocou também uma bandagem de pano grosso no ombro dele. Kunta compreendeu que isso significava que seu osso começara a aparecer, como já tinha acontecido com muitos outros homens, especialmente os mais magros, que tinham menos músculos em torno dos ossos. A bandagem fez com que o ombro de Kunta doesse ainda mais do que antes. Pouco depois que ele voltou ao porão, o sangue fez com que a bandagem escorregasse do lugar. Não tinha importância. Kunta pensava de vez em quando nos horrores por que já passara e no ódio profundo que acalentava contra todos os toubobs. De modo geral, porém, limitava-se a ficar imóvel na escuridão fétida, os olhos fechados por uma substância amarelada e pegajosa, mal consciente de que estava vivo.

Ouvia outros homens gemerem e gritarem, suplicando a Alá que os salvasse. Mas não sabia quem eram nem se importava com isso. Caía num sono irrequieto, gemendo, com sonhos confusos, de que estava trabalhando nas plantações em Juffure, vendo peixes saltando na superfície prateada do bolong, antílopes sendo assados sobre carvões em brasa, cabaças de arroz fumegante adoçado com mel. Ao despertar, descobria-se murmurando ameaças amarguradas e incoerentes, suplicando em voz alta pela oportunidade de rever sua família pela última vez. Cada um deles, Omoro, Binta, Lamin, Suwadu e Madi, era uma chaga aberta em seu coração. Torturava-o pensar que lhes causara tanta dor. Conseguia finalmente desviar os pensamentos para alguma outra coisa. Mas não adiantava. Sempre havia algo que o fazia recordar, pensar, por exemplo, no tambor que pretendia fazer e como iria praticar à noite, quando estivesse de vigia nas plantações de amendoim, ocasião em que ninguém iria ouvir seus erros. E ao pensar no tambor, lembrava o dia em que fora capturado e tudo voltava.

Entre os homens que ainda estavam vivos, Kunta foi um dos últimos a conseguir subir para o convés sem qualquer ajuda. Mas chegou o momento em que as pernas não mais aguentaram e ele também teve que ser meio carregado, meio arrastado para o convés.

Gemendo baixinho, com a cabeça entre os joelhos, os olhos remelosos fechados, ele ficava sentado até chegar sua vez de ser lavado. Os toubobs usavam agora uma esponja grande, cheia de espuma, ao invés das escovas, que iriam piorar ainda mais o estado das costas feridas e inflamadas dos cativos. Mas Kunta ainda estava em melhor estado do que a maioria, que ficava o tempo todo deitada de lado, mal parecendo respirar.

Entre todos os cativos, somente as mulheres e crianças sobreviventes ainda estavam com saúde razoável. Não tinham sido algemadas e acorrentadas no porão escuro e fétido, cheio de piolhos, pulgas, ratos e doenças. A mais velha das mulheres sobreviventes, a que tinha tantas chuvas quanto Binta, que se chamava Mbuto e era da aldeia mandinga de Kerewan, demonstrava tamanha altivez e dignidade que parecia estar usando um manto, apesar de sua nudez. Os toubobs não a impediam de caminhar entre os homens acorrentados, dizendo-lhes palavras de conforto, acomodando melhor no convés os que estavam mais doentes, fazendo massagens no peito e testa dos que tinham febre.

— Mãe! Mãe! — balbuciava Kunta, quando sentia as mãos dela a afagá-lo.

Outro homem, ao lado dele, fraco demais para falar, entreabriu a boca, numa tentativa de sorrir.

E chegou o dia em que Kunta não mais conseguia comer sem ajuda. Os restos de músculos nos ombros e cotovelos recusavam-se a levantar-lhe a mão até a boca. Agora, os homens eram quase sempre alimentados no convés. Um dia, reparando a dificuldade de Kunta em conseguir comer, o toubob com a cicatriz no rosto ordenou a outro que enfiasse um tubo na boca do cativo e despejasse a comida por ele. Quase sufocando Kunta conseguiu engolir a metade da papa, a outra escorrendo por seu queixo.

Os dias eram cada vez mais quentes. Mesmo no convés, todos sufocavam com o ar parado. Alguns dias se passaram desse jeito, até que Kunta sentiu o sopro de uma brisa fresca. Os grandes panos brancos nos postes altos começaram novamente a adejar e logo eram enfunados pelo vento. Os toubobs lá no alto voltaram a se movimentar como macacos e não demorou muito para que a canoa grande estivesse novamente deslizando sobre a água, fazendo muita espuma na proa.

Na manhã seguinte, mais toubobs desceram para o porão do que habitualmente. E também muito mais cedo. Falavam e agiam excitadamente, correndo pela passagem e soltando os homens, ajudando-os a subirem para o convés. Cambaleando pela escotilha, atrás de alguns homens que tinham subido a sua frente, Kunta piscou à claridade da manhã, antes de reparar que os outros toubobs, as mulheres e as crianças estavam parados junto à amurada. Os toubobs estavam rindo, gritando alegremente, gesticulando sem parar. Por entre as costas em carne viva dos outros homens, Kunta semicerrou os olhos e viu...

Embora ainda indistinta na distância, não restava a menor dúvida de que era um pedaço da terra de Alá. Aqueles toubobs tinham realmente uma terra para pisar. Segundo diziam os antepassados, era uma terra que se estendia do nascer ao pôr-do-sol. O corpo de Kunta começou a tremer. O suor brotou em sua testa. A viagem estava terminando. Sobrevivera a todos os horrores. Mas as lágrimas lhe toldaram a visão da praia distante. Kunta sabia que, o que quer que estivesse para vir, seria ainda pior.



De volta à escuridão do porão, os homens acorrentados estavam amedrontados demais para falarem alguma coisa. No silêncio, Kunta podia ouvir a madeira rangendo, o som sibilante das ondas a bater no costado da canoa, o ruído surdo dos pés dos toubobs correndo sobre o convés.

De repente, um mandinga começou a gritar uma prece a Alá e todos os outros acompanharam-no, até que o alarido era ensurdecedor, cada homem rezando e sacudindo as correntes com todas as forças que ainda lhe restavam. Em meio à confusão, Kunta não ouviu o rangido da portinhola sendo aberta. Mas a claridade ofuscante paralisou sua língua e fez com que a cabeça virasse bruscamente naquela direção. Piscando os olhos, para remover um pouco do muco que os cobria, ele ficou observando os toubobs saltarem os homens e levarem-nos para o convés, com mais pressa do que habitualmente. Lá em cima, empunhando novamente as escovas de cabo comprido e ignorando os gritos angustiados dos cativos, os toubobs removeram a sujeira grudada nos corpos cobertos por ferimentos infeccionados. O chefe dos toubobs avançou pela fileira de cativos salpicando o pó amarelado nos ferimentos. Desta vez, porém, quando as úlceras nos músculos eram muito fundas, ele fazia um sinal para seu ajudante com a cicatriz no rosto aplicar uma substância preta, com uma escova larga. Quando a escova encostou nas nádegas em carne viva de Kunta, a dor intensa deixou-o completamente tonto e ele caiu no convés.

Estendido no chão, com a impressão de que o corpo inteiro estava em chamas, Kunta ouviu outros homens gritando de terror. Levantando rapidamente a cabeça, viu que os toubobs estavam empenhados no que só podia ser os preparativos para que os homens fossem devorados. Vários deles, aos pares, estavam puxando um homem acorrentado depois do outro, obrigando-os a ficar de joelhos, enquanto um terceiro toubob lhes esfregava a cabeça com uma espuma branca e depois raspava os cabelos, com um objeto fino e brilhante, deixando um filete de sangue a escorrer pelos rostos.

Quando chegou a vez de Kunta, ele gritou e se debateu com todas as suas forças, até que um pontapé nas costelas deixou-o sem fôlego. Sentiu a espuma branca ser espalhada sobre sua cabeça, que foi em seguida raspada. Em seguida, os toubobs passaram óleo sobre os corpos dos homens acorrentados, até que estivessem brilhando intensamente. Foram obrigados depois a vestir estranhas tangas, que tinham dois buracos para enfiar as pernas e cobriam inteiramente as partes íntimas.

Finalmente, sob um exame atento do toubob de cabelos brancos, foram acorrentados às grades da amurada, deitados. Nesse momento, o sol alcançava o centro do céu.

Kunta estava aturdido, quase que em estado de estupor. Ocorreu-lhe que, quando finalmente comessem sua carne e sugassem seus olhos, há muito que seu espírito já teria ido encontrar-se com Alá. Estava fazendo uma prece silenciosa quando os gritos do toubob de cabelos brancos e de seu ajudante com a cicatriz no rosto levaram-no a abrir os olhos para descobrir o que estava acontecendo. Outros toubobs subiam rapidamente pelos postes. Só

que, desta vez, seus grunhidos ao puxarem as cordas estavam misturados com risadas e gritos excitados. Um momento depois, a maioria dos grandes panos brancos tinha afrouxado e caído.

As narinas de Kunta farejaram um novo cheiro no ar. Na verdade, era uma mistura de muitos cheiros, quase todos estranhos e desconhecidos para ele. Pouco depois, Kunta teve a impressão de ouvir ruídos novos e diferentes a distância, do outro lado da água. Deitado no convés, com os olhos semicerrados, não podia determinar de onde vinham os ruídos, que se foram tornando cada vez mais altos e próximos. Kunta e seus companheiros de cativo começaram a soltar gritos apavorados e a rezar desesperadamente. Finalmente, à brisa amena que soprava, Kunta pôde farejar os corpos de muitos toubobs desconhecidos. Neste exato momento, a canoa grande bateu em algo sólido e que não recuou, estremeecendo toda, balançando de um lado para outro, até que foi firmemente presa por cordas e ficou imóvel, pela primeira vez desde que haviam partido da África, há quatro luas e meia.

Os homens acorrentados estavam paralisados pelo terror. Os braços de Kunta envolviam as pernas, os olhos estavam fechados. Ele prendeu a respiração pelo máximo de tempo que pôde, para não respirar cheiros repugnantes. Ao ouvir algo bater pesadamente no convés, entreabriu os olhos e viu dois novos toubobs saltarem de uma prancha larga, com panos brancos sobre os narizes. Avançando rapidamente eles apertaram a mão do chefe dos toubobs, que estava agora sorrindo, visivelmente ansioso em agradar aos dois. Kunta implorou silenciosamente o perdão e a misericórdia de Alá, enquanto os toubobs avançavam ao longo da amurada, soltando os cativos e ordenando-lhes que ficassem de pé. Como Kunta e seus companheiros continuassem agarrados às correntes, não querendo largar o que quase já se tornara parte de suas costas, os chicotes começaram a estalar, primeiro acima de suas cabeças, depois em suas costas. No mesmo instante, soltando gritos de dor, os homens largaram as correntes e apressaram-se em ficar de pé.

Além da grande canoa, no atracadouro, Kunta viu dezenas de toubobs, rindo e apontando para os cativos, bastante excitados, enquanto muitos outros aproximavam-se correndo, de todas as direções. Empurrados pelas vergastadas, os cativos foram obrigados a entrar em fila e descer pela prancha inclinada, na direção da multidão. Os joelhos de Kunta quase cederam sob seu peso quando ele pisou na terra dos toubobs. Mas outros toubobs, estalando chicotes, mantiveram-nos em movimento, fazendo-os passar bem perto da multidão ruidosa. O cheiro de tantos toubobs reunidos foi como um golpe violento no rosto de Kunta. Um dos cativos caiu, suplicando a Alá e arrastando em sua queda os que iam na frente e atrás, a ele ligados pela corrente. Os chicotes zuniram, obrigando-os a se levantar novamente, sob os gritos excitados da multidão.

O impulso de sair correndo e escapar invadiu Kunta, mas os chicotes mantiveram sua fileira em movimento. Seguiram adiante, passando por toubobs em estranhos veículos de duas e quatro rodas, puxados por animais imensos, que pareciam um pouco com os burros da África. Mais adiante, havia uma grande multidão de toubobs reunida num lugar que parecia um mercado, com pilhas coloridas do que pareciam ser frutas e legumes. Muitos toubobs bem vestidos contemplavam-nos com uma expressão de repugnância, enquanto outros, vestidos mais toscamente, apontavam para eles e gritavam alegremente. Kunta descobriu entre a multidão uma mulher toubob, os cabelos cor de palha. Ao pensar na maneira voraz com que os toubobs tinham procurado as mulheres pretas na grande canoa, Kunta ficou espantado ao verificar que os toubobs também tinham suas mulheres. Mas vendo-a agora, ele podia compreender por que eles preferiam as africanas.

Kunta lançou um olhar para o lado ao passarem por um grupo de toubobs que

gritavam freneticamente, agrupados ao redor de dois galos que brigavam desesperadamente. Mal o barulho ficara para trás, depararam com um novo grupo a gritar, todos pulando de um lado para outro, para não levarem esbarros de três meninos toubobs que corriam e pulavam em cima de um pequeno porco, imundo e a grunhir, parecendo coberto de óleo. Kunta não podia acreditar em tudo o que estava vendo.

Como se um raio o atingisse, Kunta avistou de repente dois homens pretos que não tinham vindo na grande canoa. Não teve a menor dúvida de que eram um mandinga e um serere. Virou a cabeça para vê-los passar, seguindo em silêncio atrás de um toubob. No final das contas, ele e seus companheiros não estavam sozinhos naquela terra terrível! E se haviam permitido que aqueles homens vivessem, talvez eles também fossem poupados do caldeirão. Kunta sentiu vontade de sair correndo e abraçar os dois pretos desconhecidos. Mas reparou que estavam sem qualquer expressão nos rostos, com os olhos abaixados numa atitude de medo. Um momento depois, ele sentiu o cheiro dos dois pretos. Havia algo errado com eles! Kunta sentiu uma vertigem. Não podia compreender como homens pretos seguiam docilmente atrás de um toubob, que não os estava observando nem mesmo carregava uma arma, ao invés de tentarem escapar. ou matá-lo.

Não teve mais tempo de pensar a respeito, pois chegaram à porta aberta de uma casa grande e quadrada, feita com tijolos de barro cozido, de formato retangular, com barras de ferro em espaços abertos nos lados. Os homens acorrentados foram obrigados a passar pela porta, sob vergastadas, sendo levados para uma sala grande. Kunta sentiu que a terra compactada sob seus pés era fria. À claridade fraca que entrava pelas duas aberturas com barras de ferro, Kunta pôde divisar os vultos de cinco homens pretos sentados junto a uma das paredes. Eles nem mesmo levantaram a cabeça quando os toubobs prenderam os tornozelos e pulsos de Kunta e seus companheiros nos grilhões de ferro suspensos nas paredes por correntes curtas.

Juntamente com os outros, Kunta ajeitou-se no chão, o queixo encostado nos joelhos. Estava aturdido, a cabeça girando, por tudo que vira, ouvira e cheirara, desde que desembarcara da canoa grande. Algum tempo depois, outro homem preto entrou na sala. Colocou pequenas vasilhas de metal, com água e comida, diante de cada homem, saindo em seguida, sem dizer nada. Kunta não estava com fome, mas sentia a garganta tão ressequida que dali a pouco não conseguiu mais se conter e tomou um gole de água. O gosto era esquisito. Atordoado, ele ficou olhando por um dos espaços com barras de ferro, até que a luz do dia foi desaparecendo, substituída pela escuridão da noite.

Quanto mais tempo passava, mais Kunta sentia-se dominado por um terror indefinido. Quase que preferia ter continuado no porão escuro da grande canoa, pois lá pelo menos sabia o que iria acontecer em seguida. Encolheu-se todo de medo em todas as vezes em que um toubob entrou na sala, durante a noite. O cheiro deles era estranho, opressivo, insuportável. Mas ele já estava acostumado a cheiros horríveis e repugnantes que estava novamente sentindo agora, de suor, urina, corpos imundos, o fedor de homens acorrentados, obrigados a evacuarem por entre preces, imprecações, gemidos e chocalhar de correntes.

Subitamente, todos os ruídos cessaram, quando um toubob entrou, carregando uma luz parecida com as que eram usadas na canoa grande. Por trás dele, Kunta pôde ver outro toubob açoitando um preto, que gritava desesperadamente, no que parecia ser a língua dos toubobs. Esse novo preto foi logo depois acorrentado também e os dois toubobs partiram. Kunta e seus companheiros ficaram imóveis, ouvindo os gemidos angustiados do homem açoitado.

A madrugada estava-se aproximando quando Kunta ouviu nitidamente a voz firme e incisiva do kintango, a repetir o que fora dito durante o período de treinamento e iniciação dele como homem:

— Um homem deve ser sábio o bastante para estudar e aprender com os animais.

A sensação foi tão intensa que Kunta empertigou-se. Seria finalmente uma mensagem de Alá? Qual poderia ser o sentido de aprender com os animais, ali, naquele momento? Se havia alguma semelhança, ele era como um animal preso numa armadilha. Procurou recordar-se dos animais que já vira presos em armadilhas. Mas algumas vezes os animais escapavam, antes de serem mortos. Como?

A resposta acabou-lhe ocorrendo. Os animais que conseguiam escapar das armadilhas não eram os que se debatiam freneticamente, até ficarem enfraquecidos pela exaustão. Os que fugiam eram os que ficavam esperando quietos, conservando todas as suas forças, até o momento em que os captores apareciam. O animal aproveitava então algum momento de descuido, para utilizar todas as suas forças num ataque desesperado ou — o que era ainda mais sábio — numa fuga para a liberdade.

Kunta ficou imediatamente alerta. Era a primeira esperança que sentia, desde que haviam planejado matar os toubobs, na canoa grande. Seus pensamentos concentravam-se agora numa única coisa: a fuga. Devia dar a impressão aos toubobs de que estava vencido, de que se tornara dócil. Não devia permitir-se um acesso de raiva, não devia lutar, pelo menos por enquanto. Era preciso fazer com que todos pensassem que perdera inteiramente a esperança.

Mas mesmo que conseguisse escapar, para onde iria? Onde poderia esconder-se, naquela estranha terra? Conhecia a região ao redor de Juffure como sua própria cabana. Mas não conhecia absolutamente nada daquele lugar. Nem mesmo sabia se existiam florestas na terra dos toubobs e se eram parecidas com as da África. Mas disse a si mesmo que tais problemas simplesmente teriam que esperar, sendo enfrentados quando chegasse o momento.

Quando a primeira claridade da madrugada entrou pelas aberturas com barras de ferro, Kunta caiu num sono irrequieto. Teve a impressão de que mal acabara de fechar os olhos quando foi despertado pelo preto estranho, que entrou na sala, trazendo novamente vasilhas com água e comida. O estômago de Kunta estava contraído de fome, mas a comida tinha um cheiro tão repugnante que ele nem pensou em comê-la. Sentia a língua áspera e inchada. Tentou engolir o muco que tinha na língua e a garganta doeu com o esforço.

Olhou para os companheiros que tinham vindo com ele na canoa grande. Todos pareciam não estar vendo coisa alguma, não estar ouvindo qualquer ruído, totalmente imersos em si mesmos. Kunta virou a cabeça para contemplar os cinco homens que já estavam dentro da sala quando eles haviam chegado. Dois deles tinham a pele mais clara de sasso borro, que os anciãos diziam que sempre acontecia quando um toubob deitava com uma mulher preta. Kunta olhou em seguida para o homem que fora trazido durante a noite. Ele estava inclinado para a frente, com crostas de sangue seco nos cabelos e na roupa de toubob que estava usando. O braço estava inerte, numa posição esquisita.

Kunta compreendeu que fora quebrado.

Mais tempo se passou. Kunta adormeceu novamente, sendo despertado bastante tempo depois, pela chegada de nova refeição. Era uma espécie de papa fumegante e tinha um cheiro ainda pior do que a comida anteriormente colocada a sua frente. Fechou os olhos para não ver. Ao abri-los novamente, descobriu que todos os seus companheiros haviam pegado os recipientes e estavam engolindo vorazmente. Achou que a comida não

devia ser tão ruim assim. E se estava querendo escapar daquele lugar, pensou Kunta, então iria precisar de todas as suas forças. Pegando a vasilha, levou-a à boca e engoliu toda a papa. Enojado consigo mesmo, bateu com a vasilha no chão. Sentiu uma ânsia de vômito, mas conseguiu controlar-se. Tinha que manter a comida no estômago, se desejava viver.

Desse dia em diante, três vezes por dia, Kunta obrigava-se a engolir a comida detestada. O preto que trazia a comida aparecia na sala uma vez por dia, com uma enxada, uma pá e uma tina, para limpar a sujeira. E todas as tardes apareciam dois toubobs para passar o líquido preto que tanto ardia nos ferimentos dos cativos. Kunta desprezava-se pela fraqueza que o fazia tremer e gemer de dor, como os outros.

Pelas aberturas gradeadas, Kunta contou seis dias e cinco noites. Nas primeiras quatro noites, tinha ouvido gritos de mulheres, fracamente, não muito distantes. Reconhecera as vozes das mulheres que tinham vindo com eles na grande canoa. Ele e seus companheiros haviam sofrido de angústia e humilhação por não serem capazes de defender suas mulheres, muito menos a si próprios. Mas na quinta noite foi ainda pior, pois não ouviram os gritos das mulheres. Que novos horrores lhes teriam acontecido?

Quase todos os dias, um ou mais dos estranhos pretos, em roupas de toubob, eram empurrados rudemente para dentro da sala e acorrentados. Encostados nas paredes ou enroscados no chão, eles sempre deixavam à mostra as marcas de terem sido recentemente açoitados. Pareciam não saber onde estavam nem o que poderia acontecer-lhes em seguida. Geralmente no dia seguinte, um toubob de aparência importante entrava na sala, com um lenço no nariz. O prisioneiro que chegara no dia anterior começava então a berrar de terror, enquanto o toubob o chutava e gritava furiosamente. Depois, esse preto era levado de lá.

Sempre que sentia que uma porção de comida se acomodara em seu estômago, Kunta tentava fazer sua mente parar de pensar, num esforço para conseguir dormir. Mesmo uns poucos minutos de descanso, esquecido aquele horror aparentemente interminável, que por alguma razão era da divina vontade de Alá, eram um alívio. Quando Kunta não conseguia dormir, o que quase sempre acontecia, tentava obrigar sua mente a concentrar-se em outras coisas que não sua família e sua aldeia. É que não conseguia deixar de chorar, quando começava a pensar nessas coisas.



Na sétima manhã, logo depois que os prisioneiros comeram, dois toubobs entraram na sala com um punhado de roupas nos braços. Um homem apavorado depois do outro foi solto das correntes e ensinado a vestir as roupas. Uma das roupas cobria a cintura e as pernas, outra a parte superior do corpo. Quando Kunta vestiu suas roupas, os ferimentos, que já estavam curando, começaram a coçar terrivelmente.

Pouco depois, ele começou a ouvir vozes lá fora, cada vez mais numerosas e falando mais alto. Muitos toubobs estavam-se reunindo ali, falando, rindo, a pouca distância da abertura gradeada. Kunta e seus companheiros ficaram sentados, esperando, dominados pelo terror do que estava para acontecer, o que quer que fosse.

Os dois toubobs voltaram e levaram três dos cinco pretos que já estavam na sala quando Kunta e seus companheiros tinham chegado. Todos se comportaram como se aquilo já lhes tivesse acontecido muitas vezes antes e agora não mais se importavam com coisa alguma. Momentos depois, o ruído feito pelos toubobs lá fora mudou subitamente. Todos ficaram quietos e um deles começou a gritar. Esforçando-se em vão para entender o que estava sendo dito, Kunta prestou toda atenção às estranhas palavras:

— Está em plena forma! Há muita energia neste macho!

A breves intervalos, outros toubobs também gritavam palavras incompreensíveis:

— Trezentos e cinquenta!

— Quatrocentos!

— Quinhentos!

E o primeiro toubob tornou a gntar:

— Alguém disse seiscentos? Olhem só para ele! Trabalha como uma mula!

Kunta estremeceu de medo, o suor a lhe escorrer pelo rosto, a respiração encontrando dificuldade para passar pela garganta contraída. Quando quatro toubobs entraram na sala, os dois que já tinham estado lá antes e mais dois outros, Kunta sentiu-se paralisado. Os dois novos toubobs ficaram parados à entrada, segurando porretes curtos numa das mãos e pequenos objetos de metal na outra.

Os outros dois avançaram pela parede em que estava Kunta, abrindo as algemas. Quando um dos cativos gritava ou fazia menção de resistir, era imediatamente golpeado com uma tira de couro, curta e grossa. Mesmo assim, ao sentir que o tocavam, Kunta ergueu-se, rosnando de raiva e terror. Levou uma pancada na cabeça, que pareceu explodir de dor. Sentiu vagamente que as algemas de ferro em seus pulsos eram abertas. Quando sua cabeça começou a clarear, Kunta percebeu que era o primeiro de uma fileira de seis homens acorrentados, cambaleando para a luz do dia.

— Acabaram de ser agarrados nas árvores!

O toubob que gritava estava em cima de uma plataforma de madeira baixa, com centenas de outros toubobs reunidos a sua frente. Enquanto os toubobs gesticulavam e falavam excitadamente, Kunta estremeceu com o cheiro deles. Viu alguns pretos entre os

toubobs, mas os rostos deles eram de quem não estava vendo coisa alguma. Dois desses pretos estavam segurando por correntes os dois prisioneiros que tinham deixado a sala pouco antes. O toubob que gritara inicialmente passou diante de Kunta e seus companheiros, os olhos avaliando-os meticulosamente da cabeça aos pés. Voltou depois para o início da fila, batendo com o cabo do chicote na barriga e peito de cada prisioneiro, enquanto gritava estranhas palavras:

— Inteligentes como macacos! Podem ser treinados para qualquer coisa!

Voltando ao final da fila, ele empurrou Kunta rudemente na direção da plataforma. Mas Kunta não conseguia mexer-se, o corpo todo tremendo incontrolavelmente. Era como se todos os seus sentidos o tivessem abandonado. O cabo do chicote golpeou com toda a força o ferimento nas nádegas dele. Quase desmaiando de dor, Kunta cambaleou até a plataforma. O toubob prendeu a extremidade livre da corrente numa alça de ferro.

— Este é uma oferta especial, jovem, forte e dócil! — gritou o toubob.

Kunta já estava tão aturdido pelo terror que mal notou a multidão de toubobs aproximar-se para examiná-lo melhor. Com golpes de cabo do chicote, obrigaram-no a entreabrir os lábios, para mostrar os dentes cerrados. Vários toubobs puseram-se a apalpá-lo, sob as axilas, no peito, barriga, até mesmo no foto. Depois, todos recuaram e alguns dos que tinham examinado Kunta começaram a gritar palavras estranhas:

— Trezentos dólares!

— Trezentos e cinquenta!

O toubob na plataforma riu desdenhosamente. Os outros continuaram a gritar:

— Quinhentos!

— Seiscentos!

O toubob na plataforma tornou a rir e gritou, parecendo estar furioso:

— Este é um negro de primeira! Será que não vou ouvir ninguém dizer setecentos e cinquenta?

— Setecentos e cinquenta!

O toubob na plataforma repetiu as mesmas palavras várias vezes, depois gritou “Oitocentos!”, sendo imediatamente ecoado por alguém na multidão. E antes que ele tivesse oportunidade de falar novamente, um outro toubob gritou:

— Oitocentos e cinquenta!

Não houve mais gritos. O toubob que estava na plataforma tirou a corrente de Kunta da alça e estendeu-a na direção de outro toubob, que se adiantava. Kunta experimentou um impulso súbito de tentar sua fuga naquele momento. Mas sabia que jamais conseguiria escapar. Além disso, tinha a impressão de que não conseguiria mover as pernas.

Viu um preto se adiantar por trás do toubob a quem fora entregue a corrente. Os olhos de Kunta fixaram-se no rosto desse preto, que tinha as feições características dos wolofs, com uma expressão suplicante, Meu Irmão, você veio também da minha terra... O preto segurou a corrente, parecendo nem olhar para Kunta. Deu um puxão tão forte que Kunta saiu cambaleando atrás dele, pelo meio da multidão. Alguns dos toubobs mais jovens riram, escarneceram e espetaram Kunta com os bastões que tinham nas mãos. Finalmente a multidão ficou para trás e o preto parou diante de uma caixa grande, assentada sobre quatro rodas, por trás de um daqueles animais enormes, parecidos com mulas, que Kunta vira ao desembarcar da canoa grande.

Com um grito de raiva, o preto empurrou Kunta para dentro da caixa. Kunta ficou todo encolhido no chão, ouvindo a extremidade da corrente sendo presa, com um estalido, em alguma coisa por baixo de um assento elevado, na frente da caixa, logo atrás do estranho

animal.

Dois sacos grandes, que pelo cheiro pareciam ser de algum cereal, estavam empilhados ao lado de Kunta. Ele estava com os olhos fechados.

Tinha vontade de nunca mais tornar a ver coisa alguma, especialmente aquele abominável preto traidor.

Depois do que pareceu ser um tempo interminável, Kunta farejou a aproximação do toubob, que disse alguma coisa e depois subiu como preto para o assento, que ranguu sob o peso dos dois. O preto emitiu um ruído estranho e estalou uma tira de couro comprida sobre o lombo do animal. No mesmo instante, o animal começou a andar, puxando a caixa sobre rodas.

Kunta estava tão aturdido que, por algum tempo, nem mesmo ouviu a corrente presa no grilhão em seu tornozelo chocalhando no chão da caixa. Não tinha a menor ideia do tempo a que estavam viajando quando lhe ocorreu novamente uma ideia clara e definida. Entreabriu os olhos o suficiente para examinar a corrente. Era menor do que a corrente que o prendia na canoa grande. Se reunisse todas as suas forças e puxasse, será que aquela corrente iria desprender-se da caixa?

Kunta levantou os olhos cautelosamente para olhar as costas dos dois homens sentados a sua frente. O toubob estava muito empertigado num dos lados do assento de madeira, o preto com os ombros caídos no outro. Ambos olhavam fixamente à frente, como se estivessem alheios ao fato de que partilhavam o mesmo assento. Por baixo do assento, escondida nas sombras, a corrente parecia estar presa firmemente a alguma coisa. Kunta decidiu que ainda não era o momento de tentar escapar.

O odor dos sacos de cereais era muito forte, mas mesmo assim Kunta podia sentir também os cheiros do preto e do toubob. Não demorou muito a sentir o cheiro de outros pretos, nas proximidades. Sem fazer qualquer ruído, ergueu o corpo dolorido contra a madeira áspera do lado da caixa. Mas sentiu medo de levantar a cabeça acima da madeira e por isso não viu os outros pretos.

No momento em que ele voltou a estender-se no chão da caixa, o toubob virou a cabeça e os olhos de ambos se encontraram. Kunta ficou paralisado de medo, mas o rosto do toubob estava impassível. Um instante depois, ele tornou a virar a cabeça para a frente. Animado pela indiferença do toubob, Kunta ergueu o corpo novamente, desta vez um pouco mais alto, ao ouvir um canto distante, que se foi tornando cada vez mais alto. Não muito longe, avistou um toubob sentado no lombo de outro animal igual ao que estava puxando a caixa sobre rodas. O toubob tinha um chicote enrolado na mão. Uma corrente saía do animal e prendia-se aos grilhões nos pulsos de cerca de 20 pretos — ou pelo menos a maioria era de pretos, havendo alguns pardos — caminhando em fila à frente do toubob.

Kunta piscou e semicerrou os olhos para ver melhor. Exceto por duas mulheres, inteiramente vestidas, eram todos homens e estavam nus da cintura para cima. O canto era profundamente triste. Kunta ficou prestando atenção, mas não conseguiu reconhecer nenhuma palavra. Quando a caixa rolante passou ao lado, nem os pretos nem o toubob olharam, apesar de estarem tão perto que poderiam até tocá-la. Kunta viu que as costas de quase todos estavam cobertas de cicatrizes de açoites, algumas recentes. Reconheceu algumas das tribos: foulah, yoruba, wolof, mauritânicos, mandingas. Não pôde reconhecer vários, alguns dos quais haviam tido o infortúnio de terem toubob como pais.

Além dos pretos, até onde os olhos de Kunta podiam avistar, estendiam-se campos cultivados, nas mais diversas cores. Ao lado da estrada, havia uma plantação de milho. Estava exatamente igual às plantações de Juffure depois da colheita, as hastes castanhas e

sem as espigas.

Pouco depois, o toubob inclinou-se e tirou um pedaço de pão e uma espécie de carne de um saco por baixo do assento. Partiu um pedaço de cada e colocou no assento, entre ele e o preto, que pegou e começou a comer. Depois de mastigar por algum tempo, o preto virou a cabeça e olhou para Kunta, que o observava atentamente. O preto ofereceu um pedaço de pão. Kunta podia sentir o cheiro e sua boca ficou cheia de água. Mas virou a cabeça. O preto deu de ombros e continuou a comer tranquilamente.

Procurando não pensar na fome que sentia, Kunta tornou a olhar pelo lado da caixa. No outro lado de um campo arado, avistou o que parecia ser um grupo de pessoas, todas inclinadas, aparentemente trabalhando. Teve a impressão de que eram pretos, mas estavam tão longe que não pôde ter certeza. Farejou o ar, tentando captar o cheiro daquelas pessoas. Mas não conseguiu.

Quando o sol começava a mergulhar no horizonte, a caixa sobre rodas passou por outra igual, seguindo na direção oposta. Estava sendo conduzida por um toubob e levava três crianças pretas do primeiro kafo. Atrás da caixa, presos por uma corrente, caminhavam sete adultos pretos, quatro homens com roupas esfarrapadas e três mulheres em vestidos ordinários. Kunta perguntou-se por que aqueles pretos não estavam também cantando. Reparou então no profundo desespero estampado nos rostos deles. Para onde será que o toubob os estaria levando?

À medida que a escuridão foi aumentando, pequenos morcegos pretos começaram a guinchar e a voar de um lado para outro, exatamente como acontecia na África. Kunta ouviu o toubob dizer alguma coisa ao preto. Pouco mais adiante, a caixa sobre rodas desviou-se para um caminho menor. Kunta sentou-se e avistou à distância uma casa grande e branca, por entre as árvores. Sentiu o estômago se contrair. Em nome de Alá, o que iria acontecer agora? Ele tornou a afundar no chão da caixa e ficou completamente imóvel, como se a vida o tivesse abandonado.



A medida que a caixa sobre rodas aproximava-se da casa, Kunta foi farejando, e depois ouvindo, mais pretos. Erguendo a cabeça, divisou apenas três vultos, aproximando-se da carroça, na semi- escuridão. O maior deles estava balançando uma daquelas pequenas luzes com as quais Kunta já estava familiarizado, desde que os toubobs tinham começado a descer para o porão da canoa grande. Só que aquela luz estava dentro de algo claro e brilhante, ao invés de metal. Kunta nunca vira nada parecido. A coisa parecia dura, mas podia-se ver através dela, como se não existisse. Mas não teve oportunidade de examiná-la melhor, pois os três pretos afastaram-se rapidamente para o lado, quando um novo toubob aproximou-se da caixa, que foi parar ao lado dele. Os dois toubobs se cumprimentaram e um dos pretos suspendeu a luz, para que o toubob na caixa pudesse ver melhor ao descer. Os dois se apertaram as mãos calorosamente e seguiram juntos para a casa.

Kunta sentiu a esperança renascer. Será que os pretos iriam agora libertá-lo? Mas reparou nos rostos deles, parados junto à carroça. Aqueles pretos estavam rindo dele, Kunta! Que tipo de pretos seriam aqueles, que desdenhavam os de sua própria espécie e trabalhavam como cabras para os toubobs? De onde teriam vindo? Pareciam africanos, mas evidentemente não tinham vindo da África.

O preto que guiara a caixa sobre rodas emitiu um ruído estranho para o animal e estalou as tiras de couro. A caixa recomeçou a andar. Os outros pretos foram caminhando ao lado, ainda rindo. A caixa tornou a parar. O preto que a guiava desceu e puxou violentamente a corrente de Kunta, emitindo ruídos ameaçadores. Tirou a corrente do lugar em que estava presa, por baixo do assento, e fez um gesto para que Kunta descesse também.

Kunta teve de se esforçar ao máximo para conter o impulso de atacar os quatro pretos. Naquele momento, estava tudo contra ele. Sua oportunidade chegaria mais tarde. Todos os músculos de seu corpo doíam terrivelmente quando ficou de quatro e começou a se deslocar para o fundo da caixa. Como estivesse demorando muito, dois pretos agarraram-no e puxaram-no rudemente pelo lado da caixa. Um momento depois, o primeiro preto tinha prendido a extremidade livre da corrente de Kunta em torno de um poste grosso.

Kunta ficou deitado ali, dominado pela dor, medo e ódio. Um dos pretos colocou duas vasilhas de metal à frente dele. Kunta viu que uma estava cheia de água e a outra continha uma comida de aspecto e cheiro estranhos. Mesmo assim, sentiu a saliva surgir em sua boca e escorrer pela garganta. Mas permaneceu completamente imóvel. Os pretos riram.

Erguendo a luz, o preto que guiara a caixa aproximou-se do poste e deu um puxão com toda força na corrente, obviamente para mostrar a Kunta que não poderia ser quebrada. Apontou em seguida para a água e a comida, com o pé, soltando grunhidos ameaçadores. Os outros riram novamente e depois os quatro se afastaram.

Kunta ficou deitado na escuridão, esperando que os pretos dormissem, onde quer que tivessem ido. Imaginava-se a recuar e pular para frente, repetidas vezes, com toda a força

de que fosse capaz, até finalmente quebrar a corrente e poder escapar para. Nesse momento, ele farejou um cachorro se aproximando e ouviu-o farejar também, curioso. De alguma forma, sentiu que aquele cachorro não era seu inimigo. O cachorro aproximou-se e Kunta sentiu o ruído do animal a comer, o barulho dos dentes batendo na vasilha de metal. Embora não pretendesse comer aquilo, Kunta ergueu-se num acesso de raiva, rosnando como um leopardo. O cachorro fugiu rapidamente, parando a alguma distância e pondo-se a latir. Um momento depois, Kunta ouviu o rangido de uma porta se abrindo e viu alguém correndo em sua direção, com uma luz na mão. Era o preto da carroça. Kunta ficou olhando-o, com expressão de ódio, enquanto ele examinava ansiosamente a corrente em torno da base do poste e depois a parte que estava presa ao grilhão no tornozelo do prisioneiro. A luz fraca e amarelada, Kunta viu a expressão de satisfação do outro preto ao ver a vasilha de metal vazia. Soltando um grunhido rouco, ele voltou para sua cabana, deixando Kunta na escuridão, com o desejo intenso de apertar o pescoço do cachorro.

Depois de algum tempo, Kunta tateou na escuridão, até encontrar a vasilha com água. Bebeu um pouco, mas isso não fez com que se sentisse melhor. Pelo contrário, teve a impressão de que todas as forças se esvaíam de seu corpo. Parecia ser apenas uma casca oca. Abandonando a ideia de quebrar a corrente, pelo menos por enquanto, sentiu que Alá lhe virava as costas. Mas por quê? Que coisa terrível ele fizera para merecer tudo aquilo? Tentou recordar tudo o que já fizera de alguma importância na vida, certo ou errado, até a manhã em que saíra para cortar o tronco na floresta, a fim de fazer um tambor, e ouvira o estalar de um galho, tarde demais. Pareceu-lhe que, todas as vezes em sua vida em que fora punido, fora como resultado de negligência e desatenção.

Kunta ficou escutando os grilos, os barulhos dos pássaros noturnos, os latidos distantes de cachorros. Ouviu o guincho súbito de um rato e depois o ruído de seus ossos sendo esmagados pela boca do animal que o matara. De vez em quando, sentia-se dominado pelo impulso de escapar. Mas sabia que, mesmo que conseguisse partir a corrente, o barulho certamente atrairia alguém das cabanas próximas.

Ele continuou imóvel, sem sequer pensar em dormir, até surgir a primeira claridade da manhã. Apesar das pernas doerem terrivelmente, conseguiu ficar de joelhos e iniciou a prece suba. Mas quando estava encostando a testa na terra, perdeu o equilíbrio e quase caiu de lado. Ficou furioso ao descobrir quão fraco estava.

Enquanto o céu a leste ia lentamente clareando, Kunta pegou a vasilha com água e bebeu o que restava. Mal tinha terminado quando ouviu passos. Eram os quatro pretos que voltavam.

Rapidamente, eles levaram Kunta de volta à caixa sobre rodas, que foi levada até a frente da casa grande. O toubob estava esperando e subiu outra vez para o assento. Voltaram para a estrada, seguindo na mesma direção que no dia anterior.

Por algum tempo, Kunta ficou olhando distraidamente para a corrente a chocalhar no chão da caixa. Depois, olhou com um brilho de ódio para as costas do toubob e do preto no assento. Desejava poder matá-los. Mas disse a si mesmo que, se desejava sobreviver, como já sobrevivera a tantos horrores, precisava manter o controle, forçar-se a esperar, sem desperdiçar suas energias, até ter certeza de que chegara o momento certo.

A manhã já ia pela metade quando Kunta ouviu um ruído diferente, que imediatamente identificou: o de um ferreiro batendo em metal. Levantando a cabeça, Kunta semicerrrou os olhos para ver melhor e finalmente localizou o ruído por trás de algumas árvores por que estavam passando. Viu que boa parte da floresta fora recentemente cortada. Em alguns lugares, Kunta também viu e cheirou uma fumaça

cinzenta se elevando pelo ar, de arbustos secos que estavam sendo queimados. Será que os toubobs estariam também fertilizando a terra dessa maneira, para a próxima colheita, como era feito em Juffure?

Mais adiante, avistou uma pequena cabana quadrada ao lado da estrada. Parecia feita de troncos. Numa clareira à frente dela, um toubob estava trabalhando na terra, atrás de um boi castanho. As mãos do toubob seguravam os cabos curvos de um objeto estranho, puxado pelo boi, que ia abrindo sulcos na terra. Ao se aproximarem, Kunta viu mais dois toubobs, pálidos e magros, acorados junto a uma árvore, enquanto três porcos igualmente esqueléticos fossavam a terra em torno deles e algumas galinhas bicavam coisas no chão. Na entrada da cabana, estava parada uma mulher toubob com os cabelos vermelhos. Um instante depois, três crianças toubobs saíram correndo da cabana e se aproximaram da caixa sobre rodas, acenando e gritando. Ao verem Kunta, as crianças desataram a rir. Kunta fitou-as como se fossem filhotes de hiena. As crianças correram ao lado da carroça, por um longo trecho, antes de voltar. Kunta compreendeu que acabara de ver uma família toubob inteira.

Kunta avistou, longe da estrada, duas outras casas grandes e brancas dos toubobs, como aquela em que a carroça parara, na noite anterior. Cada uma tinha a altura de duas casas, como se fosse uma em cima da outra. Na frente, tinham uma fileira de três ou quatro postes grandes e brancos, tão grossos e quase tão altos quanto árvores. Perto delas, havia um grupo de cabanas pequenas e escuras. Kunta imaginou que os pretos deviam viver nessas cabanas. Mais além, havia intermináveis campos de algodão. Kunta percebeu que a colheita terminara recentemente.

Entre essas duas casas grandes, a caixa sobre rodas passou por duas pessoas estranhas, caminhando ao lado da estrada. A princípio, Kunta pensou que fossem pretos. Mas quando a carroça chegou mais perto, viu que a pele deles era avermelhada e tinham cabelos pretos compridos, entrelaçados como cordas. Caminhavam rapidamente, em sapatos e tangas esquisitas, que pareciam feitos de pele. Carregavam arcos e flechas. Não eram toubobs, mas também não eram da África. Que tipo de gente seriam? Nenhum dos dois pareceu notar a passagem da caixa sobre rodas, que os envolveu numa nuvem de poeira.

Quando o sol começou a mergulhar no horizonte, Kunta virou o rosto para leste. Ao terminar sua prece vespertina silenciosa para Alá, o crepúsculo já se adensava. Sentia-se tão fraco, depois de dois dias a recusar a comida que lhe era oferecida, que ficou estendido no fundo da caixa, sem mais se importar com o que estivesse acontecendo a seu redor.

Mas conseguiu levantar-se novamente e olhar para o lado quando a caixa tornou a parar, pouco tempo depois. Descendo, o preto pendurou uma luz no lado da caixa, voltou para o assento e recomeçou a viagem. Mais adiante, o toubob falou alguma coisa e o preto respondeu. Era a primeira vez que trocavam uma palavra, desde que haviam iniciado a viagem, pela manhã. A caixa parou novamente e o preto desceu, jogando alguma espécie de cobertura para Kunta, que a ignorou. Voltando ao assento, o preto ajeitou uma cobertura sobre o corpo, da mesma forma que o toubob. A viagem recomeçou.

Embora não demorasse a tremer de frio, Kunta recusou-se a puxar a cobertura, sobre seu corpo, para não lhes dar tal satisfação. Eles me oferecem uma cobertura, pensou Kunta, mas continuam a manter-me acorrentado. E a minha própria gente cruza os braços e deixa que tais coisas aconteçam, como também ainda ajuda os toubobs, fazendo todo o trabalho sujo deles. Kunta só sabia de uma coisa: tinha de escapar de qualquer maneira daquele lugar horrível, ou morrer na tentativa. Não se atrevia a sequer sonhar que poderia algum dia rever Juffure. Mas se, por acaso conseguisse voltar, prometeu a si mesmo, toda Gâmbia iria saber

como a terra dos toubobs realmente era.

Kunta estava quase que totalmente entorpecido pelo frio quando a caixa sobre rodas saiu da estrada principal e seguiu por outra, mais estreita, cheia de buracos, aos solavancos. Ele novamente obrigou o corpo dolorido a erguer-se o suficiente para poder ver o que havia à frente, na semi- escuridão. A distância, divisou os contornos brancos de outra casa grande. Como na noite anterior, Kunta foi dominado pelo medo do que poderia acontecer-lhe, quando a caixa parou diante da casa. Mas não conseguiu sentir o cheiro de toubobs nem de pretos, que, imaginava, deveriam estar à espera.

O toubob desceu do assento resmungando e agachou-se diversas vezes, para movimentar os músculos há tanto tempo parados. Depois, falou rapidamente para o preto ainda no assento, gesticulando na direção de Kunta, antes de encaminhar-se para a casa.

Nenhum outro preto tinha aparecido. A caixa sobre rodas avançou na direção das cabanas. Kunta continuou estendido no chão da caixa, simulando indiferença. Mas estava com o corpo todo tenso, esquecida inteiramente a dor. Suas narinas farejaram outros pretos nas proximidades, mas nenhum deles apareceu. Sentiu suas esperanças aumentarem. O preto no assento parou a caixa perto das cabanas e saltou, encaminhando-se para a cabana mais próxima, levando a luz pendurada no lado da caixa. Kunta ficou observando e esperando, pronto para pular assim que o preto entrasse na cabana. Em vez disso, porém, ele virou-se e voltou para a caixa. Enfiou as mãos debaixo do assento, despreendeu a corrente de Kunta e segurou-a frouxamente com uma das mãos, enquanto dava a volta para a parte de trás da caixa. Alguma coisa fez com que Kunta ainda se contivesse. O preto deu um puxão brusco na corrente e gritou asperamente para Kunta. Com o preto observando cuidadosamente, Kunta ficou de quatro, procurando parecer ainda mais fraco do que se sentia e começou a aproximar-se da parte de trás da caixa, lentamente. Como ele estava esperando que acontecesse, o preto perdeu a paciência, inclinou-se e puxou Kunta com força, o joelho erguido para amortecer-lhe a queda.

Um instante depois, Kunta explodiu para cima, as mãos agarrando a garganta grande do preto, como as mandíbulas de uma hiena, capazes de partirem qualquer osso. A luz caiu no chão, enquanto o preto cambaleava para trás, soltando um grito rouco e procurando desvencilhar-se. No momento seguinte, o preto tornou a avançar, as mãos grandes golpeando furiosamente o rosto de Kunta, empurrando-lhe os braços. Mas, de alguma forma, Kunta conseguiu encontrar forças para apertar a garganta com mais força ainda, enquanto contorcia o corpo desesperadamente, procurando evitar os golpes do preto, com os punhos cerrados, os pés e os joelhos. Kunta não largou a garganta dele, até que o preto finalmente cambaleou para trás e depois tombou, inerte, um ruído de gorgorejo escapando de sua boca.

Erguendo-se, temendo acima de tudo um cachorro que comesse a latir, Kunta afastou-se como uma sombra do preto caído e da luz. Saiu correndo meio agachado, as pernas roçando nos algodoeiros. Os músculos, há tanto tempo sem uso, doíam terrivelmente. Mas o ar frio da noite era bastante agradável na pele dele. E teve de recorrer a toda a sua força de vontade para não começar a gritar, pela alegria de sentir-se novamente livre.



Os espinheiros à beira da floresta pareciam se estender e rasgar as pernas de Kunta. Afastando-os com as mãos, ele foi avançando, cambaleando e caindo, levantando novamente, embrenhando-se cada vez mais na floresta. Ou pelo menos era o que pensava, até que as árvores começaram a rarear e viu— se novamente numa área de vegetação baixa. À sua frente, havia outro algodal e mais além outra casa grande e branca, com pequenas cabanas escuras ao lado. Dominado pelo choque e pelo pânico, Kunta recuou, compreendendo que se limitara a atravessar uma estreita floresta, que separava as duas grandes plantações dos toubobs. Agachando-se atrás de uma árvore, ficou escutando o bater do coração e o latejar da cabeça. Sentiu as mãos, os braços e os pés começarem a arder. Olhando para baixo, à luz da lua, viu que estavam cortados e sangrando dos espinheiros. O que mais o alarmou, no entanto, foi verificar que a lua já estava muito baixa no céu. Em breve estaria amanhecendo. Sabia que, o que quer que fosse fazer, teria pouco tempo para decidir.

Recomeçou a se movimentar, cambaleando. Não demorou muito a compreender que os músculos não conseguiriam levá-lo para mais longe. Devia recuar para a parte mais densa da floresta e esconder-se. Seguiu cambaleando, algumas vezes engatinhando, os pés, braços e pernas embaraçando-se nas trepadeiras, até que finalmente encontrou-se em meio a um agrupamento compacto de árvores. Embora seus pulmões estivessem ameaçando explodir, pensou em subir numa das árvores. Mas a camada de folhas sob seus pés disse-lhe que as árvores estavam quase nuas e que poderia assim ser facilmente visto. Era melhor ficar escondido no chão.

Voltando a arrastar-se, ajeitou-se finalmente num lugar de densa vegetação baixa, no momento em que o céu começava a clarear. Exceto por sua respiração ofegante, estava tudo muito quieto. Isso fez com que Kunta se recordasse das noites de vigia nas plantações de amendoim, em companhia de seu fiel cachorro wuolo. Nesse momento, ouviu, a distância, o latido de um cachorro. Talvez o tivesse ouvido apenas em sua imaginação, pensou Kunta. Mesmo assim, ficou imediatamente alerta, prestando toda atenção. Mas tornou a ouvir os latidos, e desta vez de dois cachorros. Não lhe restava muito tempo.

Ajoelhando-se voltado para leste, fez uma prece a Alá por sua salvação. Tinha acabado quando os latidos soaram novamente, agora mais perto. Kunta decidiu que era melhor continuar escondido onde estava.

Mas quando tornou a ouvir os latidos, alguns minutos depois, ainda mais perto, teve a impressão de que sabiam exatamente onde ele se encontrava. Não mais conseguiu permanecer onde estava. Voltou a engatinhar por entre as moitas, procurando um lugar melhor para se esconder. A cada metro, os espinheiros lhe rasgavam a carne. A dor nos joelhos era uma terrível tortura. Mas continuou a engatinhar, cada vez mais depressa, à medida que os latidos iam soando mais e mais perto. Apesar de todos os seus esforços, os latidos foram-se aproximando, Kunta teve certeza de ouvir os gritos de homens, por trás

dos cachorros.

Não estava avançando com velocidade suficiente. Levantando-se, começou a correr, tropeçando a todo instante nos espinheiros. Mas mesmo assim seguiu em frente, o mais silenciosamente e o mais depressa que sua exaustão lhe permitia. Ouviu uma explosão e o choque fê-lo tropeçar e cair sobre um espinheiro.

Os cachorros estavam agora rosnando à beira da pequena floresta. Tremendo de terror, Kunta pôde até sentir o cheiro deles. Um momento depois, os cachorros avançaram rapidamente sob as moitas e investiram em sua direção. Kunta conseguiu ficar de joelhos no instante em que os cachorros pularam em cima dele, uivando, babando e mordendo. Derrubaram-no facilmente e recuaram para pular de novo. Rosnando também, Kunta lutou desesperadamente para desviar-se do ataque, usando as mãos como garras, enquanto tentava recuar. Ouviu os homens gritando bem perto. Novamente soou uma explosão, desta vez muito mais alta. Enquanto os cachorros atenuavam um pouco o ataque, Kunta ouviu os homens praguejando e cortando os espinheiros com facões, para abrir caminho.

Viu primeiro o preto que estrangulara, surgindo por trás dos cachorros. Ele segurava com uma das mãos uma faca imensa, enquanto na outra tinha um porrete curto e uma corda. Tinha nos olhos uma expressão de ódio assassino. Kunta ficou deitado de costas, o corpo todo sangrando, a boca cerrada firmemente para não gritar, esperando a qualquer momento ser retalhado em pedacinhos. Kunta viu em seguida o toubob que o trouxera até ali, com o rosto vermelho e suado. Kunta ficou esperando que o relâmpago e a explosão saíssem do pau de fogo que conheceria na canoa grande, empunhado por um segundo toubob, que nunca vira antes. Mas foi o preto que avançou correndo, furioso erguendo o porrete. Neste momento, o chefe toubob soltou um grito.

O preto parou no mesmo instante. O toubob gritou para os cachorros, que recuaram ainda mais. Depois, o toubob disse alguma coisa para o preto, que recomeçou a avançar, desenrolando a corda. Um golpe violento com o porrete deixou Kunta completamente atordoado. Mal percebeu que estava sendo amarrado, com tanta força que a corda arrancava pedaços de pele do corpo já sangrando. Depois, foi arrancado do meio do espinheiro e obrigado a andar. Sempre que perdia o equilíbrio e caía, um chicote lhe cortava as costas. Quando finalmente alcançaram a beira da floresta, Kunta viu que três dos animais parecidos com mulas estavam amarrados perto de algumas árvores.

Ao se aproximarem dos animais, Kunta tentou escapar novamente, mas foi derrubado por um violento puxão na corda. e ganhou um pontapé nas costelas. O segundo toubob segurou a corda e passou à frente de Kunta, puxando-o na direção de uma árvore perto dos cavalos. Ele jogou a ponta livre da corda por cima de um galho baixo e o preto pôs-se então a puxá-la, até que os pés de Kunta mal encostavam no chão.

O chicote do chefe toubob começou a cortar as costas de Kunta. Ele contorceu-se de dor, recusando-se a deixar escapar um gemido que fosse. Mas tinha a impressão de que cada golpe o cortava ao meio. Começou finalmente a gritar, mas mesmo assim as vergastadas continuaram.

Kunta estava quase inconsciente quando o castigo finalmente cessou. Sentiu vagamente que estava sendo abaixado e colocado no chão, depois levantado e colocado no lombo de um dos animais. Um instante depois, teve a sensação de estar em movimento.

A próxima coisa de que Kunta se apercebeu, sem ter a menor ideia de quanto tempo se passara, foi a de estar estendido de costas no chão de uma cabana, as pernas e os braços esticados. Percebeu que havia uma corrente presa nos grilhões de ferro em seus tornozelos e pulsos. As correntes estavam presas no outro lado em estacas nos quatro cantos da cabana.

O menor movimento causava-lhe uma dor tão terrível que por algum tempo ficou completamente imóvel, o rosto coberto de suor, a respiração ofegante.

Sem se mexer, podia ver um pequeno espaço quadrado por cima dele, através do qual penetrava a luz do dia. Pelo canto dos olhos, viu também uma reentrância numa das paredes, dentro da qual havia uma tora queimada e algumas cinzas. No outro lado da cabana, havia uma coisa estranha no chão, larga, de pano, encaroçada, com palha de milho saindo pelos buracos. Calculou que devia ser usada como cama.

Quando viu pela abertura no teto que a noite começava a cair, Kunta ouviu muito perto o som estranho de uma trompa sendo soprada. Pouco tempo depois, ouviu muitas vozes de gente passando nas proximidades da cabana. Pelo cheiro, sentiu que eram pretos. Mais algum tempo e sentiu o cheiro de comida. Enquanto os espasmos de fome misturavam-se com o latejar da cabeça e as pontadas de dor nas costas e nos braços e pernas, cortados pelos espinhos, censurou a si mesmo por não ter aguardado uma ocasião melhor para escapar, como um animal aprisionado teria feifo. Deveria primeiro ter observado e aprendido mais alguma coisa sobre aquela terra estranha e seus habitantes pagãos.

Os olhos de Kunta estavam fechados quando a porta da cabana se abriu com um rangido. Ele sentiu o cheiro do preto que tentara estrangular e que ajudara a recapturá-lo. Ficou imóvel, fingindo que dormia, até que um pontapé nas costelas fez com que abrisse os olhos. Soltando uma imprecação, o preto colocou alguma coisa ao lado do rosto de Kunta, jogou uma coberta sobre o corpo dele e depois, saiu, batendo a porta violentamente.

O cheiro da comida fez com que o estômago de Kunta doesse quase tanto quanto as costas. Acabou abrindo os olhos novamente. Havia uma papa esquisita e um pedaço de carne sobre um objeto de metal, redondo e chato, com uma cabaça com água ao lado. Os braços estendidos impediam que Kunta pegasse a comida com a mão. Mas tanto a comida como a água estavam perto o suficiente para que as alcançasse com a boca. Quando já estava prestes a dar uma mordida, sentiu o cheiro repugnante de carne de porco. A bílis foi expelida de seu estômago e derramou-se sobre o objeto redondo de metal.

Passou uma noite inquieta, dormindo e acordando a todo instante, pensando naqueles pretos que pareciam africanos, mas comiam carne de porco. Significava que, aos olhos de Alá, eram todos estrangeiros, ou traidores. Silenciosamente, suplicou o perdão de Alá por antecipação, se seus lábios algum dia encostassem em carne de porco, antes que o percebesse, ou se algum dia comesse num prato em que já estivera carne de porco.

Pouco depois do amanhecer, Kunta ouviu a trompa estranha soar novamente. Não demorou muito para que sentisse o cheiro de comida sendo preparada. Ouviu vozes de pretos correndo lá fora, de um lado para outro. O preto a quem tanto desprezava tornou a entrar na cabana, trazendo mais comida e água. Ao descobrir que Kunta vomitara sobre a comida, sem tocá-la, o preto inclinou-se, a praguejar furiosamente, e esfregou-a na cara de Kunta. Depois de largar no chão a nova comida e água, o preto se retirou.

Kunta disse a si mesmo que engoliria aquela comida mais tarde. Agora, estava nauseado demais para sequer pensar em comer. Algum tempo depois, ouviu a porta abrir-se mais uma vez. Desta vez, sentiu o fedor de um toubob. Manteve os olhos fechados. Mas quando o toubob começou a resmungar iradamente, Kunta abriu os olhos, recebendo outro pontapé. Descobriu-se a olhar para o rosto odiado do toubob que o trouxera até ali. O rosto estava vermelho de raiva. O toubob praguejou furiosamente e disse-lhe, por gestos ameaçadores, que seria novamente açoitado, se não comesse.

O toubob foi embora. Kunta conseguiu mexer a mão esquerda o suficiente para pegar

um pouco da terra dura do lugar em que estivera pousado o pé do toubob. Apertando a terra na mão, Kunta fechou os olhos e apelou aos espíritos do mal que amaldiçoassem para sempre o toubob e a família dele.



Kunta já tinha contado quatro dias e três noites na cabana. Todas as noites, ficava escutando o canto nas cabanas próximas, e sentindo-se mais africano do que jamais se sentira quando estava em sua própria aldeia. Que espécie de pretos seriam aqueles, para passarem o tempo a cantar, na terra dos toubobst. Quantos daqueles estranhos pretos existiriam na terra dos toubobs, uns pretos que não pareciam saber nem se importar quem ou o que eram?

Kunta sentia uma intimidade especial com o sol, toda vez que o via surgir. Recordava-se das palavras de um ancião que viajara no porão da grande canoa e fora antes um alcalá:

— O sol que reaparece todos os dias irá recordar-nos que nasceu em nossa África, que é o centro da terra.

Embora estivesse com os braços e pernas esticados, presos, por correntes, Kunta conseguiu, depois de muito esforço, encontrar um jeito de inclinar-se para a frente e para trás, apoiado nas costas e nas nádegas, a fim de poder examinar mais atentamente os aros de ferro, pequenos mas grossos, parecendo braceletes, que prendiam as correntes aos postes nos cantos da cabana. Os postes eram da grossura da parte inferior de sua perna e ele compreendeu imediatamente que não havia a menor esperança de quebrar um deles ou arrancá-lo da terra dura, inclusive porque se elevavam acima do teto da cabana. Com os olhos e depois com os dedos, Kunta examinou cuidadosamente os pequenos buracos nos aros de metal. Observara seus captos enfiarem uma coisa estreita de metal naqueles buracos e depois girá-la, provocando um estalido. Sacudiu um dos aros, fazendo a corrente chocalhar, alto o suficiente para que alguém lá fora ouvisse. Achou melhor desistir. Conseguiu encostar a boca num dos elos da corrente e mordeu com toda força. Acabou quebrando um dente e sentindo uma terrível dor.

Procurando alguma terra melhor que a do chão, a fim de fazer um fetiche para os espíritos, Kunta raspou com os dedos um pouco do barro avermelhado e endurecido entre as toras da parede. Vendo que havia pelos curtos e pretos no barro, examinou um deles atentamente. Ao perceber que era um pelo de porco, arremessou-o longe, juntamente com o barro, tratando de limpar a mão da melhor forma possível.

Na quinta manhã, o preto entrou na cabana pouco depois de soar a trompa. Kunta ficou tenso, ao ver que ele trazia consigo, além do porrete curto habitual, duas grossas algemas de ferro. Abaixando— se o preto prendeu as algemas, ligadas por uma grossa corrente de ferro, nos tornozelos de Kunta. Somente depois é que ele abriu os grilhões que mantinham os braços e pernas de Kunta esticados. Finalmente podendo mexer-se, Kunta não pôde evitar o impulso de erguer-se rapidamente, apenas para ser derrubado novamente pelo punho do preto odiado. Kunta tentou erguer-se novamente e uma bota pesada bateu impiedosamente em suas costelas. Procurando levantar mais uma vez, dominado pela agonia e raiva, Kunta foi novamente derrubado, com mais violência ainda. Ele não tinha ainda percebido o quanto os vários dias estendido de costas lhe haviam

minado as forças. Esforçou-se em recuperar o fôlego, enquanto o preto o fitava desdenhosamente, com uma expressão que revelou a Kunta que continuaria a derrubá-lo, até que ele alcançasse quem mandava ali.

O preto finalmente gesticulou para que Kunta ficasse de pé. Como ele não conseguisse ficar de pé, nem mesmo apoiado nas mãos e joelhos, o preto puxou-o rudemente, com uma imprecação, levantando-o de qualquer maneira e empurrando-o para fora da cabana. Os grilhões nos tornozelos faziam com que Kunta cambaleasse desajeitadamente.

Ao sair da cabana, a claridade intensa do dia ofuscou-o por um momento. Mas logo divisiu uma fila de pretos avançando apressadamente, seguida por um toubob montado num “cavalo”, como ele ouvira o estranho animal ser chamado. Kunta soube, pelo cheiro, que era o mesmo toubob que o puxara pela corda, depois que os cachorros o tinham encurralado. Havia uns 10 ou 12 pretos, as mulheres com panos brancos ou vermelhos amarrados na cabeça, a maioria dos homens e crianças com um chapéu de palha. Apenas uns poucos estavam sem nada na cabeça. Pelo que Kunta pôde ver, nenhum deles estava usando um amuleto saphie no pescoço ou no braço. Alguns homens carregavam o que parecia ser facas compridas. A fila seguia na direção dos campos de cultivo. Kunta calculou que deviam ser aqueles pretos que ouvira cantando durante as noites. Sentiu apenas desprezo por eles. Virando ligeiramente a cabeça, Kunta contou as cabanas. Eram dez, incluindo a dele, todas muito pequenas. Não tinham a aparência sólida e resistente das cabanas de Juffure, com seus tetos de colmo de cheiro agradável. Estavam dispostas em duas fileiras de cinco, de tal forma que se podia avistar da casa grande tudo que os pretos que lá viviam estivessem fazendo.

Abruptamente, o preto odiado começou a espetar o peito de Kunta com o dedo esticado, a dizer:

— Você, vocêToby!

Kunta não entendeu e deixou-o transparecer no rosto. O preto continuou a espetar-lhe o peito, repetindo a mesma coisa, vezes sem conta. Kunta finalmente percebeu que o preto estava querendo fazê-lo compreender alguma coisa que dizia, na estranha língua dos toubobs.

Como Kunta continuasse com uma expressão aturdida, o preto passou a espetar com o dedo o próprio peito.

— Eu Samson! Samson! — Tornou a espetar o dedo no peito de Kunta. — Você To-by. Toby. Massa dizer seu nome Toby!

Quando Kunta entendeu, teve que recorrer a todo seu autocontrole para não dar vazão à raiva que o dominava e não demonstrar que havia compreendido. Sua vontade foi de gritar: “Eu sou Kunta Kinte, primeiro filho de Omoro, que é filho do homem santo Kairaba Kunta Kinte!”

Perdendo a paciência com a aparente estupidez de Kunta, o preto praguejou e deu de ombros, levando-o para outra cabana. Gesticulou para que Kunta se lavasse numa tina grande e larga de metal, onde havia alguma água. Ele jogou na água um pedaço de pano e uma coisa marrom. Pelo cheiro, Kunta compreendeu que era algo parecido com o sabão que as mulheres de Juffure faziam, com gordura derretida e líxivia. O preto ficou observando, de cara amarrada, enquanto Kunta aproveitava a oportunidade para lavar-se meticulosamente. Quando acabou, o preto jogou-lhe algumas roupas toubobs para cobrir-lhe o peito e as pernas, além de um chapéu de palha esfiapado, igual aos usados pelos outros pretos. Como será que aqueles pagãos iriam reagir ao sol africano?, pensou Kunta.

O preto levou-o em seguida para outra cabana. Lá dentro, uma velha irritada estendeu uma tigela de metal para Kunta, que engoliu a papa grossa, junto com um pão que parecia bolo de munko, tomando em seguida um caldo quente e escuro, com gosto de carne. Foram em seguida para uma cabana estreita, cujo cheiro, a distância, indicou a Kunta qual era seu uso. Fingindo abaixar a parte inferior de sua roupa, o preto ficou de cócoras sobre uma abertura numa tábua larga e resmungou, como se estivesse evacuando. Havia uma pilha de sabugos de milho a um canto e Kunta não pôde entender para o que serviam. Calculou que o preto estava querendo mostrar-lhe os hábitos dos toubobs, que agora desejava aprender, ao máximo possível, a fim de tornar sua fuga mais fácil.

Ao passarem pelas cabanas seguintes, Kunta avistou um velho sentado numa estranha cadeira, que balançava lentamente, para a frente e para trás. O velho entrelaçava palha de milho e Kunta calculou que estava fazendo uma escova. Sem levantar a cabeça, o velho lançou um olhar de simpatia para Kunta, que o ignorou friamente.

Pegando uma faca comprida, igual às outras que Kunta vira com os pretos afastando-se das cabanas, o homem fez um gesto com a cabeça na direção dos campos distantes, indicando a Kunta que devia segui-lo. Kunta obedeceu, cambaleando por causa dos grilhões de ferro, que lhe esfolavam os tornozelos. Ao se aproximarem, viu que as mulheres e os pretos mais moços abaixavam-se e levantavam-se incessantemente, reunindo e empilhando os talos de milho, cortados pelos homens que iam na frente, com as facas compridas.

Quase todos os homens estavam com as costas nuas, brilhando de suor. Kunta procurou marcas especiais, feitas com um ferro em brasa, como a que tinha nas costas, mas viu apenas cicatrizes feitas pelos açoites. O toubob montado no “cavalo” trocou rapidamente algumas palavras com o preto que trouxera Kunta. Lançou em seguida um olhar ameaçador para Kunta, enquanto o preto gesticulava para atrair a atenção dele.

Cortando uma dúzia de talos de milho, o preto virou-se, abaixou-se e fez gestos para indicar que Kunta devia apanhá-los e empilhá-los, como os outros estavam fazendo. O toubob a cavalo aproximou-se de Kunta, o chicote enrolado, a expressão no rosto deixando claro o que tencionava fazer, se Kunta por acaso se recusasse a obedecer. Furioso com sua impotência, Kunta inclinou-se e pegou dois talos e depois mais dois. Podia sentir que os olhos dos outros pretos estavam fixados nele e podia ver as patas do cavalo do toubob bem perto. E sentiu o alívio dos outros pretos, quando o cavalo finalmente se afastou.

Sem levantar a cabeça, Kunta viu o toubob seguir para um lado e outro, sempre que via alguém que não estava trabalhando com a rapidez suficiente para agradá-lo. Soltava um grito furioso e o chicote estalava nas costas de um preto.

Kunta avistou uma estrada a distância. Durante a tarde muito quente, através do suor que lhe escorria da testa e ardia nos olhos, viu passar pefa estrada um viajante solitário a cavalo e duas carroças. Virando a cabeça para o outro lado, podia avistar a floresta para a qual tentara escapar. De onde estava, percebia agora como a floresta era estreita, o que facilitara sua captura. Depois de algum tempo, Kunta teve que parar de olhar nessa direção, pois sentiu-se invadido por um desejo quase irresistível de sair correndo para aquelas árvores. Cada passo que dava, no entanto, fazia-o recordar que não conseguiria correr mais do que uns poucos passos, com aqueles grilhões nos tornozelos. Enquanto avançava ao sol da tarde, trabalhando sem parar, Kunta decidiu que, antes de tentar sua próxima fuga, deveria obter alguma espécie de arma, para enfrentar os cachorros e os homens. Nenhum servo de Alá jamais deixava de lutar se era atacado, disse a si mesmo. Quer fossem cachorros ou homens, búfalos feridos ou leões famintos, o filho de Omoro

Kinte jamais admitiria a possibilidade de recuar diante de uma luta.

O sol já se tinha posto quando a trompa tornou a soar, desta vez bem distante. Observando os outros pretos formarem apressadamente uma fila, Kunta desejou poder deixar de pensar neles como membros das tribos com que se pareciam, pois não passavam de pagãos sem a menor dignidade, que não mereciam ser iguados àqueles que tinham vindo em sua companhia na canoa grande.

Seja como for, os toubobs eram muito estúpidos para colocarem aqueles que tinham sangue fulani, mesmo sendo uns pobres espécimes, a cortarem talos de milho, ao invés de cuidarem do gado.

Afinal, todo mundo sabia que os fulanis tinham nascido para cuidar de gado, que chegavam mesmo a conversar com o gado. Os pensamentos de Kunta foram interrompidos quando o toubob a cavalo estalou o chicote, indicando-lhe que devia entrar na fila. Ele obedeceu. A mulher baixa e corpulenta que estava no final da fila avançou alguns passos, tentando manter-se o mais distante possível de Kunta. Ele sentiu vontade de cuspir nela. Começaram a marchar. A cada passo, Kunta sentia os grilhões de ferro lhe esfolar os tornozelos, já quase que inteiramente em carne viva e começando a sangrar. Ouvindo Cachorros latindo à distância, estremeceu, recordando os cachorros que tinham seguido sua trilha e o atacado. Depois, subitamente, lembrou seu próprio cachorro wuolo, que morrera lutando contra os homens que o haviam capturado, na África.

De volta à cabana, Kunta ajoelhou-se e encostou a testa na terra, na direção em que o sol iria levantar-se na manhã seguinte. Rezou por um longo tempo, para compensar as duas preces que deixara de fazer enquanto trabalhava nos campos e que certamente teriam sido interrompidas por uma chicotada do toubob a cavalo.

Terminada a prece, Kunta ficou sentado por algum tempo, falando baixinho na língua secreta sira kango, pedindo a seus ancestrais que o ajudassem a suportar a provação. Depois, apertando entre os dedos duas penas de galo que conseguira pegar sem ser notado, naquela manhã, quando “Samson” o conduzia por entre as cabanas, ficou pensando em quando teria a oportunidade de roubar um ovo fresco. Com as penas de galo e a casca de ovo moído, poderia preparar um poderoso fetiche para os espíritos, aos quais pediria que abençoassem a terra em que seus pés havia pousado pela última vez, sua aldeia. Se aquela terra fosse abençoada, suas pegadas iriam um dia reaparecer em Juffure, onde as pegadas de todos os homens eram reconhecidas por seus vizinhos. Ao verem o sinal, todos se regozijariam por saberem que Kunta Kinte ainda estava vivo e que voltaria a Juffure. Algum dia.

Pela milésima vez, Kunta reviveu o pesadelo de sua captura. Se o graveto que estalara o tivesse alertado um momento antes, poderia ter pulado e apanhado sua lança! Lágrimas de raiva brotaram dos olhos de Kunta. Tinha a sensação de que, por luas sem fim, só viveria aqueles momentos, em que fora atacado, capturado, acorrentado.

Não! Não podia ficar assim. Afinal, era um homem agora, com 17 chuvas, velho demais para chorar e se entregar à autopiedade. Limpando as lágrimas, engatinhou até o colchão de palha de milho e tentou dormir. Mas ficou pensando no nome que lhe fora dado, “Toby”. A raiva novamente dominou-o. Furioso, chutou as próprias pernas, num gesto de frustração. Mas isso só serviu para que os grilhões machucassem ainda mais seus tornozelos em carne viva, levando-o a gritar.

Será que algum dia cresceria para ser um homem como Omoro? Seus pensamentos mudaram de direção. Será que o pai ainda pensava nele? Será que a mãe dera a Lamin, Suwadu e Madi o amor que lhe fora subtraído, quando haviam roubado seu filho? Pensou

em toda Juffure, compreendendo, mais do que em qualquer outra ocasião anterior, como amava sua aldeia. Como muitas vezes acontecera durante a travessia na grande canoa, Kunta passou a metade da noite a recordar-se de cenas de Juffure. Finalmente, obrigou-se a fechar os olhos e acabou adormecendo.



A cada dia que passava, os ferimentos nos tornozelos tornavam mais difíceis e dolorosos os passos de Kunta. Mas ele continuou a dizer a si mesmo que a chance de recuperar a liberdade dependia de não parar de fazer tudo o que lhe mandavam, mantendo uma máscara de incompreensão e estupidez. Enquanto isso, seus olhos, ouvidos e nariz não perderiam um só detalhe, não deixariam de perceber uma só arma que pudesse ser usada mais tarde, não ficariam sem descobrir qualquer fraqueza dos toubobs que pudesse explorar. E quando finalmente seus captores não tivessem mais nenhum receio e lhe tirassem os grilhões, ele então iria fugir novamente.

Assim que a trompa soava pela manhã, Kunta coxeava para fora de sua cabana, observando os estranhos pretos aparecerem, com os rostos ainda sonolentos, molhando-se com água nos baldes puxados do poço próximo. Sentindo a falta do barulho dos pilões das mulheres de sua aldeia, preparando o cuscuz para a primeira refeição, Kunta entrava na cabana da velha cozinheira e gozolia tudo o que ela lhe dava, a não ser que fosse carne de porco.

E todas as manhãs, enquanto comia, seus olhos vasculhavam a cabana, à procura de alguma coisa que pudesse usar como arma e fosse possível levar sem que ninguém percebesse. Mas além dos utensílios pretos pendurados de ganchos por cima do lugar em que a mulher acendia a fogueira para cozinhar, só havia aquelas coisas redondas em que ela punha a comida, para que todos comessem com a mão. Kunta vira-a comendo com um objeto de metal fino, com três ou quatro pontas separadas, para espetar a comida. Não tinha a menor ideia do que era aquele objeto, mas concluiu que, apesar de pequeno, poderia ser útil, se algum dia conseguisse desviar a atenção dela por um momento, quando o objeto estivesse a seu alcance.

Uma manhã, quando estava comendo e observando a mulher cozinheira a cortar carne com uma faca que nunca vira antes, a imaginar o que faria se aquela faca estivesse em seu poder, Kunta ouviu um guincho estridente de agonia lá fora. Era algo tão ligado a seus pensamentos que teve um sobressalto. Cambaleando para fora da cabana, descobriu que os outros já estavam em fila para irem trabalhar, muitos ainda mastigando, mas se antecipando para evitar o risco de uma chicotada por atraso. Mais além, havia um porco se debatendo, com o sangue a escorrer da garganta cortada. Dois pretos levantaram o animal e mergulharam-no num caldeirão cheio de água fervendo, retirando em seguida e raspando os pelos. Kunta notou que a pele do porco era da cor dos toubobs. Os pretos suspenderam o corpo pelas patas traseiras e cortaram-lhe a barriga, puxando as entranhas para fora. Kunta ainda sentia o cheiro das entranhas do porco ao marchar com os outros para os campos, tendo que se esforçar ao máximo para não tremer de repulsa por ter que viver no meio daqueles pagãos, capazes de comerem a carne de um animal tão repugnante.

Agora, todas as manhãs a geada cobria as hastes de milho e uma neblina baixa se estendia pelos campos, até ser dissipada pelo calor do sol a subir pelo céu. Kunta jamais

deixava de se espantar com o poder de Alá. Mesmo num lugar distante como aquela terra dos toubobs, do outro lado da grande água, o sol e a lua de Alá ainda se levantavam e atravessavam o céu. É verdade que o sol não era tão quente e a lua não era tão bonita quanto em Juffure. Eram apenas as pessoas daquele lugar amaldiçoado que não pareciam ser uma criação de Alá. Os toubobs era inumanos. Quanto aos pretos, simplesmente não havia qualquer sentido em tentar entendê-los.

Quando o sol chegou ao meio do céu, a trompa soou novamente, assinalando que os pretos deviam novamente entrar em fila, esperando a chegada da carroça. A mulher cozinheira acompanhava a carroça e servia pedaços de pão e uma tigela com uma espécie de cozido para cada pessoa. Alguns comiam em pé mesmo, outros sentavam, todos servindo-se depois da água de um barril também trazido pela carroça. Todos os dias, Kunta cheirava cautelosamente a comida, para não pôr carne de porco na boca. Mas, geralmente, havia apenas legumes, sem carne alguma, ao que pudesse ver ou cheirar. Sentia-se melhor quando comia o pão, pois já o vira sendo preparado por algumas mulheres pretas, que moíam o milho com um pilão de pedra, mais ou menos como na África. A principal diferença a de que o pilão de Binta era de madeira.

Havia ocasiões em que serviam coisas que Kunta já conhecia de Juffure, como kanjo, que ali era chamado de “quiabo”, e so-so, que ali era chamada de “vagem”. Descobriu que aqueles pretos adoravam uma fruta que os ouvira chamarem de “melancia”. Mas descobriu também que Alá parecia ter negado àquela gente as mangas, palmito, fruta-pão e tantas outras delícias que cresciam quase que em todos os lugares da África para que se olhasse.

De vez em quando o toubob que levava Kunta para aquele lugar e a quem os outros chamavam de massa aparecia nos campos, quando eles estavam trabalhando. Com um chapéu de palha branco na cabeça e gesticulando com uma chibata comprida e fina, de couro trançado, ele passava algum tempo falando com o toubob que tomava conta dos campos. Kunta notou que o “capataz” toubob sorria sem parar e se mostrava nervoso, quase tanto quanto os pretos quando o chefe vinha aos campos.

Muitas coisas estranhas aconteciam todos os dias. De volta a sua cabana, de noite, Kunta ficava pensando a respeito, até encontrar o sono. Os outros pretos pareciam não ter qualquer outra preocupação na vida além de agradar ao toubob com o chicote. Kunta ficava repugnado ao pensar como aqueles pretos aceleravam o trabalho sempre que viam um toubob. E quando um toubob lhes dizia alguma coisa, tratavam de fazer imediatamente o que lhes fora mandado. Kunta não podia imaginar o que acontecera para lhes destruir as mentes de tal forma, fazendo com que agissem como macacos e cabras. Talvez fosse porque tivessem nascido naquele lugar e não na África, talvez porque o único lar que conhecessem fossem as cabanas dos toubobs, feitas com toras e barro misturado com pelos de porco. Aqueles pretos jamais tinham sabido o que significava trabalhar e suar ao sol, para si próprios e para sua gente, não para amos toubobs.

Não importava quanto tempo ficasse entre aqueles pretos, Kunta jurou a si mesmo que nunca seria como eles. E todas as noites punha-se a pensar na melhor maneira de escapar daquela terra odiada e desprezada. Não podia deixar de censurar-se por seu fracasso na tentativa anterior de fuga. Recordando o que acontecera entre os espinheiros, em todos os detalhes, compreendeu que precisaria ter um plano melhor na próxima vez. Primeiro, teria que fazer um amuleto saphie, para garantir a segurança e o sucesso da fuga. Depois, tinha de conseguir ou fazer uma arma. Até mesmo um galho afiado na ponta teria sido suficiente para enfiar na barriga daqueles cachorros. E poderia estar longe, antes que o preto e o toubob conseguissem chegar ao lugar em que os cachorros o haviam encontrado.

Finalmente, devia conhecer melhor a região ao redor, para poder procurar esconderijos melhores, na próxima fuga.

Embora frequentemente passasse metade da noite acordado, Kunta sempre acordava antes do primeiro cantar dos galos, que servia para despertar as outras aves. Os pássaros daquele lugar limitavam-se a chilrear e cantar. Não havia nada parecido com os guinchos ensurdecedores dos bandos de papagaios verdes, que sempre se manifestavam nas manhãs de Juffure. Aliás, parecia não haver papagaios naquela terra. Nem macacos. Em Juffure, os macacos sempre começavam o dia fazendo uma algazarra terrível nas árvores atirando gravetos nas pessoas que passavam lá embaixo. Kunta também não tinha visto nenhuma cabra, um fato tão incrível quanto guardar os porcos em cercados e até mesmo comer a carne desse animal repugnante.

Os grunhidos dos porcos não eram, porém, mais feios do que a língua dos toubobs, com a qual pareciam bastante. Kunta seria capaz de dar qualquer coisa para ouvir uma frase em mandinga ou qualquer outro idioma africano. Sentia saudade de seus companheiros de cativeiro no porão da grande canoa, até mesmo dos que não eram muçulmanos. Para onde teriam sido levados? Para outras plantações dos toubobs, iguais àquela. Onde quer que estivessem, deviam estar também ansiando pelo prazer de ouvirem uma frase em seus próprios idiomas, sentindo-se excluídos de tudo e sozinhos, porque não sabiam coisa alguma da língua dos toubobs.

Kunta percebeu que precisava aprender alguma coisa daquele estranho idioma, para poder conhecer como viviam os toubobs, a fim de facilitar sua fuga. Sem que ninguém soubesse, ele já conhecia algumas palavras: “porco”, “melancia”, “capataz” e, especialmente, “sim, massa”, que era praticamente a única coisa que ouvia os pretos lhes dizerem. Certa vez, à distância, Kunta avistou uma criatura magra, da cor da barriga de um sapo, colhendo flores em torno da casa grande. Devia ser a mulher toubob que os outros pretos diziam viver na casa grande com o massa e a quem chamavam de missis.

Kunta ainda não conseguia compreender a maioria das palavras dos toubobs. Sempre mantendo sua expressão impassível, esforçava-se em entender o sentido delas e aos poucos foi relacionando determinados sons com objetos de ações específicas. Mas havia uma palavra em particular que o deixava confuso e desconcertado, embora a ouvisse diariamente, pronunciada tanto pelos toubobs quanto pelos pretos. O que seria um “negro”?



Depois que as hastes de milho tinham sido cortadas e devidamente empilhadas, o capataz passou a separar os pretos em grupos e atribuir-lhes tarefas diferentes. Uma manhã, Kunta foi encarregado de colher e colocar na “carroça”, como descobrira ser o nome que davam à caixa sobre rodas, um fruto grande e pesado, da cor de manga madura e parecido com os cocos que as mulheres de Juffure secavam e cortavam ao meio para fazerem suas tigelas. Os pretos dali chamavam aquele fruto rasteiro de “abóbora-moranga.”

Seguindo com as “abóboras-morangas” na carroça para descarregá-las numa construção grande chamada “celeiro”, Kunta viu que alguns dos pretos estavam serrando uma árvore grande em pedaços, rachando-os depois em lenha, que as crianças ajeitavam em pilhas mais altas que suas cabeças. Em outro lugar, dois homens estavam pendurando em postes finos as folhas grandes de tabaco, algo repugnante que os pagãos adoravam. Kunta já sentira aquele cheiro antes, na viagem que fizera com o pai.

As se aproximar do “celeiro”, reparou que muitas coisas estavam sendo secadas, para consumo posterior, exatamente como se fazia em Juffure. Algumas mulheres estavam colhendo e tendo em feixes um vegetal comprido e fino. Muitos legumes estavam estendidos sobre panos, para secarem. Até mesmo musgo, recolhido por bandos de crianças e mergulhados em água fervendo, estava sendo posto para secar. Kunta não tinha a menor ideia do motivo.

Mais adiante, Kunta sentiu o estômago embrulhar, ao passar por um cercado onde mais porcos estavam sendo abatidos. Notou que até os pelos eram postos para secar e depois guardados, provavelmente para serem usados para argamassa. O que mais o deixou enojado, no entanto, foi ver que as bexigas dos porcos eram cuidadosamente removidas, sopradas até que inchassem, as duas extremidades amarradas e postas assim para secar. Só Alá sabia qual o propósito ímpio daquilo.

Depois que terminou de colher e guardar as “abóboras-morangas”, Kunta foi enviado com diversos outros homens para um bosque próximo. Deviam sacudir vigorosamente os galhos das árvores, a fim de derrubar as castanhas que nelas cresciam. As castanhas eram recolhidas em cestos por crianças do primeiro kafo. Kunta pegou uma castanha e escondeu-a nas roupas, para provar mais tarde. Não tinha um gosto ruim.

Depois que todas essas tarefas foram terminadas, os homens começaram a consertar coisas que precisavam de reparos. Kunta ajudou outro homem a consertar uma cerca. As mulheres andavam bastante ocupadas, fazendo uma limpeza geral da casa grande e de suas próprias cabanas. Viu algumas mulheres lavando roupa. Primeiro, elas mergulhavam as roupas numa tina grande, cheia de água, esfregando-as depois para cima e para baixo de um pedaço de metal todo enrugado, coberto de espuma de sabão. Não entendeu como nenhuma delas sabia a maneira certa de lavar as roupas, batendo-as contra pedras.

Kunta notou que o chicote do capataz batia nas costas dos pretos com uma frequência cada vez menor. A atmosfera era parecida com a que havia em Juffure quando

toda a colheita terminara e tudo estava guardado em segurança nas despensas. Antes mesmo que a trompa anunciasse o fim do trabalho do dia, alguns pretos começaram a brincar, conversar e cantar. O capataz a cavalo aproximou-se e brandiu o chicote, mas Kunta percebeu que ele não tinha realmente a menor intenção de castigar os homens. Os outros pretos logo puseram-se também a cantar e não demorou muito para que as mulheres acompanhassem. As palavras que eles cantavam não faziam o menor sentido para Kunta. Ele sentia um nojo tão grande por todos aqueles pretos que ficou contente quando a trompa finalmente soou, anunciando que era chegado o momento de todos voltarem a suas cabanas.

De noite, Kunta ficava sentado à entrada da cabana, no lado de dentro, os pés colados no chão para reduzir ao máximo o contato dos grilhões de ferro com os ferimentos infeccionados nos tornozelos. Se soprava alguma brisa, ele gostava de senti-la em seu corpo e de pensar no tapete de folhas douradas e esmeraldas que encontraria sob as árvores na manhã seguinte. Nessas ocasiões, sua mente voltava às noites da estação da colheita em Juffure, com os mosquitos e outros insetos atormentando as pessoas, sentadas em torno das fogueiras, empenhadas em longas conversas, pontuadas de vez em quando pelos rosnados distantes dos leopardos e pelos gritos das hienas.

Descobriu subitamente que uma coisa que não ouvia, desde que partira da África, era o som dos tambores. Os toubobs provavelmente não permitiam que aqueles pretos tivessem tambores. Só podia ser esse motivo. Mas por quê? Seria porque os toubobs sabiam e temiam que o som dos tambores podia acelerar o sangue de todas as pessoas de uma aldeia, das crianças pequenas aos velhos desdentados, levando-as a dançarem freneticamente? Ou que o ritmo dos tambores impelia os lutadores a proezas de força ainda maiores? Ou que a batida dos tambores podia fazer com que os guerreiros investissem contra o inimigo em frenesi? Talvez os toubobs simplesmente tivessem medo de permitir uma forma de comunicação que não podiam entender e que podia cobrir instantaneamente a distância de uma fazenda a outra.

Mas aqueles pretos pagãos eram incapazes de compreender a linguagem dos tambores tanto quanto os toubobs. Kunta foi forçado a admitir, se bem que com grande relutância, que os pretos daquele lugar talvez não fossem totalmente irrecuperáveis. Por mais ignorantes que fossem, algumas das coisas que faziam eram tipicamente africanas, embora eles próprios não soubessem disso. Mas Kunta sabia, porque ouvira durante toda sua vida aqueles sons de exclamação, acompanhados pelos mesmos gestos com as mãos e pelas mesmas expressões. E a maneira como aqueles pretos moviam o corpo era também idêntica. E quando estavam sozinhos, a maneira como riam, com o corpo inteiro, era exatamente igual a das pessoas de Juffure.

Kunta recordava-se também da África na maneira como as mulheres usavam os cabelos amarrados em pequenas tranças. A única diferença era que as mulheres africanas quase sempre enfeitavam as tranças com contas coloridas. As mulheres dali também amarravam pedaços de pano na cabeça, embora não o fizessem da maneira correta. Alguns daqueles pretos também usavam os cabelos em tranças, assim como muitos pretos da África.

Kunta também encontrava a África no modo como as crianças pretas dali eram ensinadas a tratar os mais velhos com polidez e respeito. Via também a semelhança no jeito com que as mães carregavam os bebês, com as pernas enganchadas em seus corpos. Notou a semelhança até mesmo em pequenos costumes, como os mais velhos ficarem esfregando a ponta de um graveto aromático nos dentes e gengivas. E apesar de não poder compreender como eles podiam fazê-lo na terra dos toubobs, Kunta não podia deixar de reconhecer que

a grande paixão daqueles pretos pelo canto e dança era negavelmente africana.

Mas o que realmente começou a abrandar o coração de Kunta em relação àqueles pretos foi o fato de que, ao longo da última lua, a demonstração de repulsa por ele só continuara quando o “capataz” ou o “sinhô” estavam por perto. Quando Kunta se aproximava deles, numa ocasião em que estivessem sozinhos, a maioria acenava-lhe rapidamente e ele podia perceber as expressões preocupadas pelo agravamento de seu ferimento no tornozelo esquerdo. Embora os ignorasse friamente e continuasse a cambalear em frente, Kunta mais tarde quase que se arrependia de não ter retribuído aos acenos.

Uma noite, ao despertar subitamente de um sono irrequieto, como frequentemente lhe acontecia, Kunta ficou olhando para a escuridão e sentiu que Alá, por alguma razão, quisera que ele fosse parar ali, em meio à tribo perdida de uma grande família preta, que tinha suas raízes nos mais longínquos antepassados. Mas, ao contrário dele, os pretos daquele lugar não tinham o menor conhecimento de quem eram e de onde tinham vindo.

Sentindo perto dele, de alguma maneira estranha, a presença do homem santo que fora seu avô, Kunta estendeu as mãos na escuridão. Não havia nada para ser encontrado, mas mesmo assim ele começou a falar em voz alta ao Alquaran Kairaba Kunta Kinte, implorando-lhe que lhe revelasse o objetivo de sua missão ali, se é que havia alguma. Ficou surpreso ao ouvir o som de sua própria voz. Até aquele momento, na terra dos toubobs, não dirigira um som qualquer a quem quer que fosse além de Alá, exceto pelos gritos de dor ao ser açoitado.

Na manhã seguinte, ao juntar-se aos outros na fila para o trabalho, Kunta surpreendeu-se quase a dizer “Bom dia”, como os ouvira cumprimentando-se diariamente. Mas embora já quisesse palavras suficientes do idioma toubob para compreender uma boa parte do que falavam e também para se fazer entender, algo levou-o a tomar a decisão de continuar a manter isso em segredo.

Ocorreu a Kunta que aqueles pretos disfarçavam seus verdadeiros sentimentos em relação aos toubobs tão cuidadosamente quanto ele ocultava sua verdadeira atitude em relação a eles. Àquela altura, já havia testemunhado muitas vezes os rostos sorridentes dos pretos ficarem subitamente amargos, no momento em que um toubob virava a cabeça para o outro lado. Já os vira quebrarem suas ferramentas de trabalho deliberadamente e depois alegarem com uma expressão inocente que não sabiam como acontecera, quando o “capataz” amaldiçoava-os asperamente por sua falta de jeito. E percebera também como os pretos, apesar da demonstração de atividade intensa quando os toubobs estavam por perto, demoravam duas vezes mais do que o necessário para fazerem qualquer coisa nos campos.

Estava começando a compreender também que, assim como os mandingas possuíam a linguagem secreta sira kango, aqueles pretos partilhavam alguma espécie de comunicação conhecida apenas deles próprios. Às vezes, quando estavam trabalhando nos campos, Kunta surpreendia um gesto rápido ou movimento de cabeça entre eles. Ou então um deles emitia alguma exclamação estranha; a intervalos imprevisíveis, outro e mais outro repetiam a exclamação, sempre que o “capataz” a cavalo se afastava para outro lado. E muitas vezes, quando o “capataz” estava bem no meio deles, os homens começavam a cantar de uma maneira que dizia a Kunta, embora não pudesse compreender as palavras, que uma mensagem estava sendo transmitida, da mesma forma que as mulheres davam informações aos homens na grande canoa.

Quando a escuridão caía sobre as cabanas e as luzes não mais brilhavam na casa grande, os ouvidos aguçados de Kunta percebiam os ruídos de um ou dois pretos saindo da “senzala”. e voltando algumas horas depois. Kunta ficava imaginando onde eles teriam ido e

para que. e por que eram loucos o bastante de voltar. Na manhã seguinte, nos campos, tentava descobrir qual deles deixara a “senzala”. De qualquer forma, estava começando a pensar que talvez pudesse confiar naqueles pretos.

A duas cabanas de distância de Kunta, os pretos sentavam-se todas as noites em torno da pequena fogueira da mulher cozinheira, depois do “jantar”. A cena fazia Kunta recordar-se de Juffure. A única diferença era que, aqui, os homens e mulheres sentavam juntos e alguns, de ambos os sexos, ficavam soprando cachimbos com o tabaco pagão. Escutando atentamente do lugar em que estava sentado, à entrada de sua cabana, Kunta podia ouvi-los conversando, por cima do barulho dos grilos e dos pios distantes das corujas na floresta. Embora não entendesse as palavras, podia sentir a amargura nas vozes deles.

Mesmo no escuro, Kunta podia agora ver em sua mente o rosto de qualquer preto que estivesse falando. Sua mente registrara as vozes dos 12 adultos e os nomes das tribos a que cada um se assemelhava. Sabia quais eram os que, de um modo geral, comportavam-se de maneira mais despreocupada, os que raramente sorriam, sendo que uns poucos nem mesmo na presença dos toubobs.

Aqueles encontros noturnos tinham um padrão regular que Kunta não demorou a perceber. A primeira pessoa a falar era geralmente a mulher que cozinha na casa grande. Ela imitava coisas ditas tanto pela missis como pelo massa. Depois, o preto imenso que o capturara arremedava o “capataz”. Kunta ficava atônito ao ouvir os demais quase engasgando ao conterem as risadas, para não serem ouvidos na casa grande.

Mas as risadas acabavam esquecidas e eles ficavam conversando entre si. Kunta podia ouvir o tom desesperado de alguns, a raiva de outros, embora entendesse muito pouco do que diziam. Tinha a impressão de que estavam recordando coisas dos respectivos passados. Algumas mulheres começavam a falar e subitamente desatavam a chorar. A conversa ia aos poucos diminuindo, até que uma das mulheres começava a cantar e os outros a acompanhavam. Kunta não podia compreender as palavras.

“Ninguém sabe como já sou nesta vida” — mas sentia a profunda tristeza do canto.

Finalmente soava uma voz que Kunta sabia ser a do homem mais velho, o que ficava sentado na cadeira de balanço, entrelaçando palha de milho, e soprava a trompa. Os outros abaixavam a cabeça e ele punha-se a falar lentamente. Kunta tinha a impressão de que era uma espécie de prece, embora tivesse certeza de que não era para Alá. Mas Kunta sempre se recordava de uma frase que o velho Alcalá dissera na canoa grande:

— Alá conhece todas as línguas.

Enquanto a prece continuava, Kunta ouvia o mesmo som estranho, emitido tanto pelo velho como os outros, que o interrompiam volta e meia:

— Ó Senhor!

Ele se perguntou se aquele “ó senhor!” não seria o Alá deles.

Alguns dias mais tarde, os ventos noturnos começaram a soprar com um frio como Kunta jamais sentira antes. Ao acordar, descobriu que as últimas folhas das árvores tinham sido arrancadas.

Parado na fila, tremendo de frio, esperando o momento de partir para os campos, ele ficou aturdido quando o “capataz” levou-os em vez disso para o celeiro. O “sinhô” e a “sinhá” estavam lá dentro, juntamente com quatro outros toubobs, muito bem vestidos. Todos ficaram observando e aclamaram quando os pretos foram divididos em dois grupos e postos a disputar para ver qual conseguia arrancar mais depressa as palhas da colheita de milho.

Depois, os toubobs, e os pretos, em grupos separados, comeram e beberam fartamente.

Em seguida, o preto velho que rezava todas as noites pegou um instrumento musical estranho, com cordas ao longo de todo seu comprimento, que fez Kunta recordar-se do kora de sua terra. O velho começou a tocar uma música estranha, passando uma vara de um lado para outro das cordas. Os outros pretos se levantaram e começaram a dançar freneticamente. Os toubobs ficaram olhando, batendo palmas alegremente e gritando, inclusive o “capataz”. Os rostos deles estavam vermelhos de excitação. Subitamente, todos os toubobs se levantaram. Os pretos afastaram-se para os lados, enquanto os toubobs avançavam para o meio do celeiro e punham-se a dançar, de uma maneira desajeitada, enquanto o velho tocava como se tivesse enlouquecido e os outros pretos pulavam, gritavam e batiam palmas, como se estivessem assistindo à maior exibição que já haviam presenciado em todas as suas vidas.

Naquela noite, de volta a sua cabana, refletindo sobre tudo o que acontecera, Kunta chegou à conclusão de que, de uma maneira muito estranha e muito profunda, os pretos e os toubobs tinham alguma necessidade uns dos outros. Não apenas durante a dança no celeiro, mas também em muitas outras ocasiões, parecera-lhe que os toubobs sentiam-se mais felizes quando estavam por perto dos pretos, mesmo quando os estavam açoitando.



O tornozelo esquerdo de Kunta estava tão infeccionado que o pus que escorria quase que continuamente cobria o grilhão de ferro. Ele andava com tanta dificuldade que o “capataz” decidiu finalmente examinar o ferimento mais de perto. Chamou Samson e mandou que retirasse os grilhões.

Doía muito levantar o pé, mas Kunta estava tão emocionado por estar desacorrentado que mal sentiu. Naquela noite, depois que os outros foram deitar e tudo ficou quieto, Kunta saiu coxeando de sua cabana e tornou a fugir. Atravessando um campo na direção oposta da que seguira na primeira vez, seguiu na direção de uma floresta do outro lado, que sabia ser maior e mais densa. Tinha chegado a uma ravina e estava subindo pelo outro lado, rastejando, quando ouviu o primeiro ruído de movimento, à distância. Ficou imóvel, o coração disparado, ouviu passos se aproximarem e a voz rouca de Samson praguejar e gritar:

— Toby! Toby!

Agarrando um pau que afiara para se transformar numa lança tosca, Kunta sentiu-se estranhamente calmo, o corpo meio entorpecido. Ficou observando a silhueta corpulenta de Samson deslocando-se por entre as moitas, de um lado para o outro, no alto da ravina. Teve a sensação de que Samson temia por si mesmo, pelo que poderia acontecer-lhe, se ele, Kunta, escapasse. E Samson foi-se aproximando, cada vez mais perto. Kunta ficou tenso, continuando imóvel como uma pedra. E foi então que o momento chegou. Arremessou a lança com toda sua força e grunhiu ligeiramente com a dor causada pelo movimento. Samson ouviu e pulou no mesmo instante para o lado. A lança improvisada passou raspando.

Kunta tentou correr, mas a fraqueza de seus tornozelos mal lhe permitia ficar de pé. Quando virou— se para lutar, Samson estava em cima dele, golpeando-o com todo o peso de seu corpo. Kunta caiu. Samson levantou-o e continuou a bater, apenas no peito e na barriga, enquanto Kunta contorcia-se desesperadamente, procurando alcançar-lhe o corpo, arrancar os olhos, morder, bater de qualquer maneira. Um golpe violento derrubou-o novamente e ele não mais conseguiu levantar-se. Não tinha forças sequer para se defender.

Respirando fundo, para recuperar o fôlego, Samson amarrou os pulsos de Kunta com uma corda e pôs-se a puxá-lo na direção da fazenda, chutando-o selvagememente toda vez que ele tropeçava, e xingando-o a cada passo.

Kunta não podia fazer mais nada além de cambalear atrás de Samson. Tonto da dor e da exaustão, com raiva de si mesmo, previa a surra que levaria ao chegarem à cabana. Mas quando finalmente chegaram, pouco antes do amanhecer, Samson limitou-se a desferir-lhe mais um ou dois pontapés e depois deixou-o sozinho.

Kunta estava tão esgotado que começou a tremer. Mas começou a roer e rasgar as fibras da corda que lhe amarravam os pulsos, até os dentes doerem como se estivessem pegando fogo. E conseguiu finalmente romper a corda, no momento mesmo em que a

trompa soava. Kunta estava chorando. Fracassara novamente. Conseguiu ficar de joelhos e fazer uma prece a Alá.

Nos dias que se seguiram, parecia que ele e Samson partilhavam algum pacto secreto de ódio. Kunta sabia que era atentamente vigiado. Sabia que Samson estava à espera do menor pretexto para castigá-lo, de uma maneira que os toubobs aprovariam. A reação de Kunta foi a de fazer direito tudo o que lhe mandavam, ainda com maior rapidez e eficiência do que antes. Percebera que o “capataz” prestava menos atenção aos que mais trabalhavam ou viviam sorrindo. Kunta não conseguia sorrir, mas constatou satisfeito, que, na medida em que se esforçava mais no trabalho, menos vezes o chicote lhe caía nas costas.

Uma noite, depois do trabalho, Kunta estava passando perto do celeiro quando avistou uma cunha de ferro, meio escondida entre as toras de madeira, no lugar em que o “capataz” pusera dois homens para racharem lenha. Olhando ao redor rapidamente e vendo que ninguém estava observando Kunta pegou a cunha e escondeu por baixo da camisa, seguindo apressadamente para sua cabana. Usando a cunha para abrir um buraco no chão duro de terra, escondeu-a lá dentro e tornou a fechar. Bateu a terra cuidadosamente e depois colocou uma pedra por cima, para que ninguém visse o lugar em que a terra fora revirada.

Passou a noite acordado, preocupado com a possibilidade de revistarem todas as cabanas, quando dessem pela falta da cunha. Sentiu-se melhor ao não ouvir nenhum grito de alarma no dia seguinte. Mas ainda não tinha a menor ideia de como poderia utilizar a cunha para ajudá-lo na fuga, quando uma nova oportunidade se apresentasse.

O que realmente desejava era se apoderar de uma das facas compridas que o “capataz” entregava todas as manhãs a uns poucos escolhidos. Todas as noites, é verdade, o “capataz” pedia as facas de volta e contava-as cuidadosamente. Com uma daquelas facas, ele poderia cortar o mato e avançar mais depressa pela floresta. E se fosse obrigado a fazê-lo, poderia matar um cachorro, ou um homem.

Numa tarde fria, quase uma lua depois, com o céu cinzento, Kunta estava atravessando os campos, para ajudar outro homem a consertar uma cerca, quando ficou atônito ao ver cair do céu o que parecia ser sal, a princípio levemente, depois cada vez mais depressa e em quantidades maiores. Quando o sal tornou-se muito branco e flocoso, ouviu os pretos mais próximos gritarem:

— Neve!

Calculou que era esse o nome que davam àquela coisa. Inclinou-se e pegou um pouco. Era bastante fria, e sentiu-a mais fria ainda quando lambeu-a. Ardia e não tinha o menor gosto. Tentou cheirar, mas a coisa parecia não ter qualquer odor. Além disso, não tardou a se desmanchar em água e desaparecer. Olhando para o chão, viu que estava coberto por uma fina camada esbranquiçada.

Ao chegar ao outro lado dos campos, a “neve” já parara de cair e a que estava no chão começava a derreter. Ocultando seu espanto, Kunta acenou silenciosamente para o companheiro preto, que estava esperando junto à cerca quebrada. Puseram-se a trabalhar, Kunta ajudando o outro homem a esticar um cordão de metal a que davam o nome de “arame”. Não demoraram a chegar a um lugar quase oculto pelo mato alto. O homem cortou um pouco com a faca comprida que levava. Kunta avaliou a distância entre o lugar em que estava e o bosque mais próximo. Sabia que Samson não estava por perto e que o “capataz” estava em outra parte dos campos. Kunta trabalhou ativamente, para que o outro homem não desconfiasse do que estava pensando. Mas quase parou de respirar quando o homem abaixou-se para prender o arame num dos postes. A faca ficara alguns passos atrás, no lugar

em que o homem parara de cortar o mato.

Largando o arame que estava mantendo esticado e fazendo uma prece silenciosa a Alá, Kunta ergueu as mãos cruzadas e baixou-as sobre o pescoço do homem, com toda força de que seu corpo magro ainda era capaz. O homem caiu no chão, sem fazer qualquer ruído, como se tivesse sido abatido com um machado. Um momento depois, Kunta tinha amarrado os tornozelos e os pulsos do homem com o arame. Pegando a faca comprida e refreando o impulso de matar o homem — afinal, aquele não era o odiado Samson — Kunta saiu correndo para a floresta próxima, meio agachado.

Sua uma estranha leveza, como se corresse num sonho, como se aquilo não estivesse realmente acontecendo.

Alcançou a beira da floresta pouco depois, quando ouviu o homem que deixara vivo começar a berrar, com toda a força de seus pulmões. Deveria tê-lo matado, pensou Kunta furioso consigo mesmo, enquanto tentava correr ainda mais depressa. Ao invés de se embrenhar pela floresta, decidiu contorná-la. Tinha primeiro que se distanciar o máximo possível, para depois procurar um lugar em que se esconder. Se se afastasse ao máximo da fazenda, o mais depressa possível, teria tempo para procurar um bom esconderijo e descansar, antes de recomeçar a fuga, sob a proteção da noite.

Kunta estava preparado para viver na floresta, como os animais. Já aprendera muitas coisas sobre a terra dos toubobs e contava também com os conhecimentos que adquirira na sua África. Iria capturar coelhos e outros roedores com armadilhas, cozinhando-os num fogo que não fazia fumaça. Correndo sempre, manteve-se numa área em que o mato era alto o bastante para escondê-lo, mas não o suficiente para estorvar sua fuga.

Ao cair da noite, Kunta sabia que já havia percorrido uma grande distância. Mas continuou em frente, atravessando ravinas e barrancos. Durante algum tempo, correu sobre o leito de um córrego raso. Só parou quando ficou completamente escuro, escondendo-se num lugar em que as moitas eram densas, mas do qual poderia sair correndo facilmente, em caso de necessidade. Deitado na escuridão, ficou escutando atentamente, à espera de latidos de cachorros. Mas só havia silêncio a seu redor. Seria possível? Será que, desta vez, iria realmente conseguir?

Algo frio adejou em seu rosto. Ele estendeu a mão. A “neve” estava caindo novamente! Logo estava coberto — e cercado — por uma brancura que se estendia até onde a vista podia alcançar. A “neve” continuou a cair, silenciosamente, mais e mais, até que Kunta começou a temer a possibilidade de acabar soterrado. Estava começando a congelar. Não mais conseguiu conter-se e saiu correndo à procura de um abrigo melhor.

Já tinha percorrido uma boa distância quando tropeçou e caiu. Não chegou a se machucar, mas ficou horrorizado ao olhar para trás e descobrir que seus pés haviam deixado uma trilha profunda na neve, de tal forma que até um cego poderia segui-la. Sabia que não havia a menor possibilidade de apagar aquelas pegadas e sabia também que a manhã estava próxima. A única solução era tentar distanciar-se mais ainda. Procurou aumentar a velocidade, mas corraera quase a noite toda e respirava com dificuldade. A faca comprida parecia cada vez mais pesada. Podia cortar o mato, mas não servia para derreter a “neve”. O céu estava começando a clarear, a leste, quando ouviu, muito longe, o som de trompas. Mudou de rumo. Mas tinha o pressentimento desesperado de que não encontraria lugar nenhum em que descansar em segurança, naquela brancura interminável que cobria a terra.

Ao ouvir os latidos distantes dos cachorros, foi invadido por uma raiva como nunca sentira antes. Correu como um leopardo perseguido, mas os latidos foram-se tornando cada

vez mais altos, até que, ao olhar para trás pela décima vez, pôde avistar os cachorros em seu encalço. Os homens não deviam estar muito atrás. Ouviu subitamente um estampido, o que o fez correr ainda mais depressa. Mas os cachorros conseguiram alcançá-lo. Quando estavam a poucos passos atrás, Kunta virou-se e agachou-se, rosnando. Os cachorros pularam em cima dele. Kunta atacou também, abrindo a barriga de um deles com um golpe da faca e atingindo o outro entre os olhos.

Recomeçou a correr. Não se passou muito tempo antes que ouvisse os homens a cavalo avançando por entre as moitas, atrás dele. Tentou embrenhar-se pelo mato mais denso, onde os cavalos não poderiam segui-lo. Foi então que ouviu o estampido de outro tiro e mais outro. E sentiu uma dor intensa na perna, como se fosse perfurada por um ferro em brasa. Caiu no chão, conseguiu levantar-se novamente, a cambalear. O toubob gritou e disparou novamente. Kunta ouviu as balas passarem zunindo por sua cabeça e ir-se cravar-se nas árvores. E pensou: Que eles me matem! Morrerei como um homem! Outro tiro acertou-o na mesma perna, derrubando-o como se fosse atingido por um punho gigantesco. Estava rosnando quando o “capataz” e outro toubob se aproximaram, com as armas apontadas. Quis levantar-se e atacá-los, para acabar com tudo logo de uma vez. Mas os ferimentos na perna não lhe permitiram ficar de pé.

O outro toubob ficou apontando a arma para a cabeça de Kunta, enquanto o “capataz” lhe arrancava as roupas e deixava-o estendido inteiramente nu sobre a neve. O sangue escorria dos ferimentos na perna de Kunta, tingindo a brancura de vermelho. Praguejando a cada respiração, o “capataz” pôs-se a desferir socos em Kunta, deixando-o quase inconsciente. Depois, os dois puseram-no encostado de frente numa árvore grande, com os pulsos amarrados do outro lado.

O chicote começou a cortar a carne dos ombros e costas de Kunta, o “capataz” praguejando sem cessar. Kunta estremeceu sob o impacto de cada golpe. Logo não mais conseguia conter-se e pôs-se a gritar de dor, mas o castigo continuou, até que o corpo dele ficou inerte. Os ombros e as costas estavam lanhados, o sangue a escorrer. Em alguns pontos, os lanhos eram tão profundos que os músculos estavam à mostra. Kunta teve a sensação de que estava caindo. Sentiu o frio da neve envolver seu corpo e tudo se apagou.

Recuperou os sentidos na cabana. E junto com os sentidos, a dor também voltou, intensa, terrível, envolvendo-o inteiramente. O menor movimento fazia-o gritar de agonia. Descobriu que estava novamente acorrentado. Pior do que isso, porém, era que estava envolto da cabeça aos pés num pano grande, untado com gordura de porco. Quando a velha cozinheira entrou para trazer-lhe comida, tentou cuspir nela, mas conseguiu apenas vomitar. Teve a impressão de ver um brilho de compaixão nos olhos dela.

Dois dias depois, Kunta foi despertado de manhã bem cedo pelo barulho de alguma festa. Ouviu os pretos reunidos diante da casa grande a gritar:

— Os presentes de Natal, Massa!

O que eles estariam comemorando? Kunta não sabia. E não se importava. Naquele momento, queria apenas morrer, a fim de ir encontrar-se com os ancestrais. Queria apenas que acabasse seu sofrimento interminável na terra dos toubobs, uma terra tão horrível, sufocante e malcheirosa, que jamais conseguia respirar um pouco de ar fresco. Estava dominado por uma fúria incontrolável pelo fato de os toubobs, ao invés de espancá-lo como a um homem, o houvessem despido primeiro.

Quando ficasse bom, iria vingar-se. e tentaria novamente fugir. Ou morreria na tentativa.



Quando Kunta finalmente saiu da cabana, novamente com os tornozelos acorrentados, a maioria dos outros pretos passou a evitá-lo, revirando os olhos de medo à aproximação dele e afastando-se rapidamente, como se fosse alguma espécie de animal selvagem. Somente a velha cozinheira e o Velho que soprava a trompa ainda olhavam para ele diretamente.

Samson não era visto em parte alguma. Kunta não tinha a menor ideia do lugar para onde ele fora, mas sentia-se contente com a ausência. Alguns dias depois, ele tornou a ver o preto odiado, com as marcas ainda não curadas do açoite. Ficou ainda mais contente. Mas agora, ao menor pretexto, Kunta sentia nas costas o chicote do toubob “capataz”.

Sabia que era atentamente vigiado enquanto trabalhava. Fazia como os outros, trabalhando mais depressa quando o toubob estava por perto, mais devagar quando ele se afastava. Sem dizer nada, Kunta fazia o que quer que lhe mandassem. E quando o dia terminava, levava sua tristeza profunda para a cabana miserável em que dormia.

Em sua solidão, começou a falar sozinho, geralmente em conversas imaginárias com as pessoas de sua família. Quase sempre falava na mente, mas de vez em quando em voz alta.

— Fã — dizia ele — esses pretos não são como nós. Os ossos deles, o sangue, os músculos, as mãos, os pés, nada pertence a eles mesmos. Vivem e respiram não para si próprios, mas sim para os toubobs. Também não possuem coisa alguma, nem mesmo os próprios filhos. São gerados e amamentados para os outros.

Ou então:

— Mãe, essas mulheres usam panos na cabeça, mas não sabem como amarrar. Quase nada cozinham que não contenha a carne ou a gordura do porco repugnante. E muitas delas já deitaram com os toubobs, pois seus filhos são amaldiçoados com a meia-cor sasso borro.

E ele conversava também com os irmãos, Lamin, Suwadu e Madi, dizendo-lhes que o mais sábio dos anciãos jamais conseguiria mostrar-lhes de maneira adequada que até mesmo o mais feroz e traiçoeiro dos animais da floresta nem de longe era tão perigoso quanto os toubobs.

E as luas foram-se passando. As espigas de “gelo” caíram e se transformaram em água. A relva verde começou a sair da terra avermelhada, as árvores criaram folhas novas, os pássaros voltaram a cantar. Chegou o momento de arar os campos novamente, de fazer o plantio nos sulcos intermináveis. E finalmente veio o tempo em que os raios do sol tornaram a terra tão quente que Kunta era obrigado a caminhar rapidamente. E se tinha de parar para fazer alguma coisa, ficava mexendo os pés incessantemente, para que não empolassem.

Kunta mostrava-se obediente e submisso, esperando que os toubobs ficassem outra vez desatentos e deixassem de vigiá-lo tanto. Mas tinha agora a impressão de que os outros pretos também o vigiavam, mesmo quando o capataz” ou outro toubob não estava por perto.

Tinha de encontrar algum meio de não Ser tão atentamente vigiado. Talvez pudesse tirar proveito tio fato de os toubobs não encararem os pretos como pessoas, mas sim como coisas. Já que as reações dos toubobs a essas coisas pretas pareciam depender da maneira como essas coisas se comportavam, decidiu comportar-se da maneira que menos chamasse atenção.

Embora desprezando a si mesmo por isso, forçou-se a agir da mesma forma que os outros pretos sempre que os toubobs estavam por perto. Só não conseguia sorrir e arrastar os pés, por mais que tentasse. Mas fez um esforço para parecer cooperativo,, até mesmo amistososo. E fazia questão de mostrar que estava sempre ativo, procurando esforçar-se ao máximo em todas as tarefas de que era encarregado. A esta altura, já aprendera muitas outras palavras toubobs sempre escutando atentamente tudo o que se dizia a seu redor, nos campos ou de noite entre as cabanas. Continuou a não querer falar coisa alguma, mas deixou claro que podia pelo menos entender alguma coisa..

O algodão, uma das principais colheitas da fazenda, crescia rapidamente naquela terra dos toubobs. As flores logo se transformaram em casulos verdes e depois se abriram, deixando à mostra uma bola felpuda. Os campos se transformaram num mar interminável de brancura, até onde a vista podia alcançar. Em comparação com a"quilo,, pensava Kunta, as plantações em torno de Juffure eram insignificantes. Chegou o momento da colheita e a trompa passou a soar cada vez mais cedo, pela manhã. O chicote do "capataz" já começava a estalar em advertência, antes mesmo que os "escravos", como eles eram chamados, tivessem tempo de deixar as camas.

Observando os outros, Kunta aprendeu que uma posição meio curvada fazia com que o saco comprido de lona parecesse ficar menos pesado, à medida que as bolas de algodão iam-no enchendo. Quando o saco estava cheio, ele ia esvaziá-lo na carroça à espera. Kunta conseguia encher o saco inteiramente duas vezes por dia, que era a média geral. Havia uns poucos pretos, odiados e, invejados pelos outros, pois se empenhavam arduamente em agradar os toubobs e conseguiam-no, que podiam colher o algodão tão depressa que mal se conseguia ver-lhes as mãos. Quando a trompa soava ao anoitecer, os sacos desses pretos já tinham sido enchidos e esvaziados na carroça pelo menos três vezes.

Quando cada carroça ficava cheia de algodão, era levada para um depósito na fazenda. Mas Kunta notou que as carroças transbordando de tabaco, dos campos maiores contíguos àqueles em que trabalhava, eram levadas para algum lugar da estrada. Viu também outras carroças carregadas de tabaco, certamente das outras fazendas, rodando pela estrada principal, as vezes puxadas até por quatro mulas. Kunta não sabia para onde as carroças iam, mas tinha certeza de que iam para muito longe, pois já reparara na exaustão de Samson e outros cocheiros, ao voltarem de uma viagem.

Talvez fossem longe o bastante para levá-lo à liberdade. Kunta teve dificuldade em aguentar a rotina dos dias seguintes, tamanho era seu entusiasmo. Excluiu rapidamente a possibilidade de esconder-se numa das carroças da fazenda. Não teria tempo de esconder-se numa das cargas de tabaco antes que alguém o visse. Tinha de fugir numa das carroças das outras fazendas, passando pela estrada. De noite, sob o pretexto de ir até a latrina e depois de certificar-se de que não havia ninguém por perto, Kunta foi até um ponto de onde podia ver a estrada, iluminada pelo luar. Havia carroças de tabaco viajando até de noite. Podia ver as luzes distantes, piscando afastando-se lentamente, até sumirem na distância.

Planejou tudo meticulosamente, não deixando escapar um único detalhe das carroças de tabaco locais. Colhendo algodão nos campos, suas mãos agora quase que voavam. E

conseguia até mesmo sorrir, quando o “capataz” se aproximava. Pensava constantemente como faria para pular na traseira de uma carroça carregada de tabaco, passando pela estrada, de noite. Calculava que não seria ouvido pelos cocheiros lá na frente, por causa dos solavancos barulhentos da carroça. Também não seria visto, por causa da pilha de folhas de tabaco entre os cocheiros e a traseira da carroça. Sentia-se repugnado só de pensar em tocar e cheirar aquela planta pagã, da qual conseguira manter-se longe, ao longo de toda sua vida. Mas se aquela era a única maneira de escapar, tinha certeza de que Alá iria perdoá-lo.



Uma noite, depois de esperar algum tempo por detrás da “casinha”, como os escravos chamavam a cabana onde iam aliviar-se, Kunta conseguiu matar com uma pedrada um dos muitos coelhos que viviam nos matos próximos. Cortou em fatias e secou a carne, como aprendera a fazer em Juffure, pois precisaria levar algum alimento consigo. Depois, com uma pedra lisa, raspou e endireitou a lâmina de faca enferrujada e entortada que encontrara, prendendo-a com arame no cabo de madeira que preparara. Mais importante do que a comida e a faca era o amuleto saphie que fizera, com a pena de um galo para atrair os espíritos, um pelo de cavalo para dar força e o osso dos desejos de um pássaro, para dar sorte. Estava tudo dentro de um pequeno saco de aniagem, que ele costurara com um espinho improvisado em agulha. Sabia que era um absurdo desejar que esse saphie fosse abençoado por um homem santo, mas qualquer saphie era melhor do que nenhum.

Passou a noite inteira acordado. No dia seguinte, porém, longe de estar cansado, teve que recorrer a toda sua força de vontade para não deixar transparecer o excitamento que o dominava, enquanto trabalhava nos campos. Pois aquela noite seria a noite. De volta a sua cabana, depois da refeição noturna, as mãos tremiam quando ele enfiou no bolso a faca e as fatias secas de coelho, amarrando em seguida o saphie no braço direito. Mal suportava ouvir a rotina noturna familiar dos outros pretos. Esperou impacientemente que fossem logo dormir. Cada momento que passava, parecendo durar interminavelmente, poderia trazer algum acontecimento inesperado, capaz de arruinar seu plano. Mas o canto triste e as preces dos pretos, exaustos do trabalho nos campos, logo terminaram. Kunta esperou o máximo a que se atreveu, para dar-lhes tempo de caírem num sono profundo.

Empunhando a faca improvisada, ele saiu para a noite escura. Não percebendo a presença de ninguém de pé nas proximidades, abaixou-se e saiu correndo o mais depressa que podia. Foi esconder-se numa moita pequena e densa, um pouco abaixo do lugar em que a estrada grande fazia uma curva. Ajeitou-se da melhor forma possível, respirando fundo. E se não passasse mais nenhuma carroça naquela noite? O pensamento deixou-o apavorado. Um instante depois, foi abalado por um outro medo, ainda pior: E se o ajudante do cocheiro da carroça que passasse estivesse sentado na traseira, como vigia? Mas tinha de correr o risco.

Ouviu uma carroça se aproximando minutos antes de ver a luz bruxuleante. Os dentes cerrados, os músculos tremendo, Kunta teve a sensação de que ia desfalecer. A carroça dava a impressão de que mal se arrastava. Mas, finalmente, estava diante dele e logo passava adiante, lentamente. Dois vultos quase indistintos estavam sentados no banco da frente. Kunta saiu do arbusto e foi correndo, meio agachado, atrás da carroça, que avançava bem devagar, rangendo ruidosamente. Esperou até o próximo trecho esburacado da estrada, quando os solavancos da carroça tornariam seu movimento mais difícil de ser descoberto. Com a mão estendida agarrou então a parte traseira da carroça e pulou para o interior dela, caindo sobre a montanha de tabaco. Tinha embarcado!

Freneticamente, começou a enterrar-se entre o tabaco. As folhas estavam presas em molhos, bem mais compactas do que ele imaginara. Mas acabou escondendo todo o corpo. Mesmo depois de abrir um espaço para respirar mais livremente, pois o fedor da planta repugnante deixava-o enjoado, teve que mover os ombros e as costas para um lado e outro, até encontrar uma posição confortável, sob o peso do tabaco. O balançar da carroça, amortecido pelas folhas, que o envolviam com um calor agradável, logo deixou-o sonolento. Acabou dormindo.

Um solavanco mais brusco e um ruído despertou-o com um sobressalto. Começou a pensar que seria descoberto. Para onde a carroça estaria indo? Quanto tempo levaria para chegar a seu destino? E quando chegasse, será que conseguiria escapular sem que ninguém o visse? Será que o teriam seguido e o capturariam mais uma vez? Por que não pensara em tudo isso antes? Viu subitamente, em sua mente, os cachorros, Samson e os toubobs com suas armas. Estremeceu. Levando em consideração o que tinham feito com ele na última vez, sabia que sua vida iria agora depender de não ser apanhado.

Quanto mais pensava nisso, maior se tornava o impulso de deixar a carroça imediatamente. Com as mãos, entreabriu as folhas o suficiente para dar uma olhada. E avistou campos intermináveis, iluminados pelo luar. Não podia saltar agora. O luar estava muito claro e ajudaria seus perseguidores, tanto quanto poderia ajudá-lo também. E quanto mais longe fosse na carroça, menos provável seria de os cachorros farejarem seu rastro. Cobriu o buraco que abriu e tentou manter-se calmo. Mas cada vez que a carroça dava um solavanco, tinha a impressão de que ia parar e seu coração disparava.

Muito tempo depois, quando tornou a abrir um buraco entre as folhas e verificou que estava quase amanhecendo, Kunta tomou uma decisão. Iria deixar a carroça imediatamente, antes que sua inimiga, a luz do dia, se aproximasse ainda mais. Fazendo uma prece a Alá, empunhou a faca e começou a contorcer-se para sair do meio das folhas de tabaco. Quando sentiu o corpo totalmente livre, ficou esperando pelo próximo solavanco da carroça. Teve a sensação de esperar por uma eternidade. Quando finalmente houve o solavanco mais brusco, ele pulou imediatamente e caiu na estrada. Um instante depois, estava fora das vistas dos homens lá da frente, escondido atrás de um arbusto.

Pôs-se a caminho. Por duas vezes teve que dar uma volta grande, para evitar duas fazendas toubobs, nas quais pôde avistar a casa grande familiar e as pequenas cabanas na proximidade. Os sons das trompas de despertar flutuaram pelo ar muito quieto até seus ouvidos. À medida que o dia ia clareando, ele se aprofundava cada vez mais, cortando a vegetação rasteira, pelo que sabia ser uma floresta bem grande. Fazia frio na floresta e o orvalho que o molhava era bastante agradável. A faca parecia não ter peso e Kunta grunhia de prazer a cada golpe. No início da tarde, encontrou um pequeno córrego, de água cristalina, cheio de pedras cobertas de musgo. As rãs se afastaram alarmadas, quando ele parou para beber. Olhando ao redor e sentindo-se seguro o bastante para descansar um pouco, sentou à beira do córrego e tirou do bolso um pedaço de carne seca de coelho. Lavou-o na água e meteu-o na boca, mastigando lentamente. A terra era macia sob seu corpo e os únicos ruídos que ouvia eram os feitos pelas rãs, insetos e pássaros. Ficou escutando-os enquanto comia, contemplou os raios de sol que passavam pelas copas densas das árvores, hastes douradas entre muito verde. Disse a si mesmo que estava contente por não ter precisado correr tanto e tão depressa como na vez anterior, pois a exaustão o transformava numa presa fácil.

Kunta continuou em frente, pelo resto da tarde. Parou para a prece do pôr-do-sol e depois seguiu em frente, até que a escuridão e o cansaço obrigaram-no a parar. Deitado em

sua cama improvisada de folhas e relva, decidiu que mais tarde iria construir um abrigo de galhas com forquilha e teto de capim, como aprendera a fazer durante o treinamento para tornar-se homem. O sono não demorou a dominá-lo. Acordou diversas vezes durante a noite, por causa dos mosquitos, ouvindo os rosnados distantes de animais selvagens, matando suas presas.

Kunta levantou-se com os primeiros raios do sol, afiou a faca e partiu. Algum tempo depois, deparou com uma trilha que fora usada por muitos homens. Embora visse também que não era usada há algum tempo, tratou de se afastar dali, o mais depressa que pôde.

Foi-se embrenhando cada vez mais fundo na floresta, cortando com a faca o mato que lhe obstruía a passagem. Viu várias cobras. Mas aprendera na fazenda toubob que as cobras não atacavam, a menos que estivessem assustadas ou encurraladas. Por isso, deixou-as se afastarem. Volta e meia tinha a impressão de ouvir latidos de cachorros e estremezia. Mais do que aos homens, temia o faro dos cachorros.

Por diversas vezes, durante o dia, Kunta deparou com um mato tão denso que nem mesmo com a faca podia abrir uma passagem. Tinha então que dar a volta e procurar outro caminho. Parou duas vezes para afiar a faca, que parecia estar perdendo o fio cada vez mais depressa. Algum tempo depois da segunda vez, quando a faca parecia já não estar cortando tão bem, calculou que era ele que estava perdendo as forças, de tanto cortar o mato. Parou novamente para descansar, comeu mais um pouco do coelho, juntamente com algumas amoras silvestres, e bebeu água acumulada nas folhas côncavas de plantas na base das árvores. Naquela noite, descansou junto a outro córrego, mergulhando no sono no instante mesmo em que deitou, surdo aos gritos dos animais e dos pássaros, insensível até mesmo ao zumbido e picadas dos insetos, atraídos por seu corpo suado.

Somente na manhã seguinte é que começou a pensar em seu destino. Não se permitira pensar nisso antes. Como não podia determinar o rumo certo, ia que não tinha a menor ideia de onde se encontrava, decidiu que a melhor coisa a fazer era evitar as proximidades de quaisquer outros seres humanos, pretos ou toubobs, e continuar a correr na direção do sol nascente. Os mapas da África que vira quando era menino mostravam a grande água a oeste. Sabia, assim, que acabaria chegando à grande água, se continuasse a seguir para leste. Mas ficou com medo do que aconteceria então, mesmo que não fosse apanhado antes. Como conseguiria atravessar a grande água, mesmo que tivesse um barco? Como conseguiria chegar ao outro lado em segurança? Não tinha a menor ideia. Entre as preces, apalpava o amuleto saphie no braço. Fazia-o até mesmo enquanto corria.

Naquela noite, deitado sob um arbusto denso, que o escondia inteiramente, descobriu-se a pensar no grande herói dos mandingas, o guerreiro Sundiata, que tinha sido um escravo aleijado, tão cruelmente tratado por seu dono africano que acabara fugindo e fora esconder-se nos pântanos, onde encontrara outros fugitivos e os organizara num exército vitorioso, que construíra o Império Mandinga. Talvez, pensou Kunta, ao iniciar o quarto dia de fuga, pudesse encontrar outros africanos fugidos da terra dos toubobs. Talvez eles estivessem igualmente desesperados e dispostos a tudo para pisarem novamente o solo africano. Talvez fossem em número suficiente para construírem ou roubarem uma canoa grande.

E então.

O devaneio de Kunta foi interrompido por um som terrível. Ele estacou abruptamente. Não, era impossível! Mas não havia engano algum. Era mesmo o latido de cachorros. Desesperadamente, ele avançou, cortando o mato, tropeçando, caindo, tornando a levantar. Não demorou muito a ficar tão cansado que, ao cair novamente, não

mais se levantou. Ficou sentado onde caíra, imóvel, apertando a faca, escutando atentamente. Mas não ouviu mais nada, além dos ruídos dos insetos e dos pássaros.

Teria realmente ouvido latidos de cachorros? O pensamento atormentou-o. Não sabia qual era o pior inimigo: os toubobs ou sua própria imaginação. Não podia achar que realmente não ouvira nada. Por isso, recomeçou a correr. Sua única segurança era manter-se em movimento. Mas dali a pouco teve que parar novamente para descansar, exausto não apenas por ter corrido tanto e tão depressa, mas também pelo medo que sentia. Fecharia os olhos só por um momento e depois continuaria.

Despertou com o corpo suando abundantemente e sentou-se bruscamente. Já era noite fechada! Dormira o dia inteiro! Sacudindo a cabeça, estava tentando descobrir o que o acordara quando ouviu novamente os latidos de cachorros, desta vez bem mais perto que antes. Levantou-se de um pulo e saiu correndo tão desesperadamente que levou alguns minutos para descobrir que havia esquecido a faca. Correu de volta ao lugar em que estivera deitado. Mas o emaranhado de plantas rasteiras era tão grande que não conseguiu encontrá-la, por mais que procurasse. E ficou ainda mais angustiado por ter certeza de que a faca estava ao alcance de Sua mão.

À medida que os latidos foram-se aproximando, o estômago de Kunta foi-se contraindo. Se não encontrasse a faca sábia que seria novamente capturado. Ou talvez acontecesse algo pior. Passando as mãos desesperadamente sob o arbusto, acabou encontrando uma pedra do tamanho de seu punho. Agarrou-a e saiu correndo novamente.

Durante toda aquela noite, como se estivesse possuído, foi-se embrenhando cada vez mais fundo na floresta, tropeçando, caindo, os pés se emaranhando nas trepadeiras rasteiras, parando apenas de vez em quando, por breves momentos, para recuperar o fôlego. Mas os cachorros continuavam-se aproximando, inexoravelmente, cada vez mais perto. Pouco depois do amanhecer, olhou para trás e finalmente avistou-os. Era como um pesadelo que se repetia. Sentiu que não conseguiria ir mais longe. Parou numa pequena clareira, virou-se e agachou-se, de costas para uma árvore. Estava preparado para o ataque, a mão direita segurando um galho grosso que arrancara de uma árvore enquanto corria a toda velocidade, a mão esquerda apertando a pedra.

Os cachorros atacaram-no. Soltando um grito terrível, Kunta golpeou-os com o galho, tão ferozmente que os cachorros bateram em retirada, indo se colocar fora do alcance dele, latindo e babando, até que os toubobs chegaram, a cavalo.

Kunta nunca vira aqueles homens antes. O mais moço sacou uma arma, mas o outro fez sinal para que se contivesse e depois desmontou e avançou na direção de Kunta. Estava calmamente desenrolando um chicote preto e comprido.

Kunta continuou parado onde estava, com uma expressão desvairada nos olhos, o corpo tremendo, a lhe surgirem no cérebro visões rápidas de rostos de toubobs, no bosque da África em que fora capturado, na canoa grande, no lugar onde fora vendido, na fazenda pagã, no mato onde fora apanhado, espancado, açoitado e baleado, três vezes antes. Quando o braço do toubob que empunhava o chicote recuou, o braço de Kunta arremessou-se para a frente, com uma violência que o fez perder o equilíbrio e cair para o lado, no instante em que a pedra saiu de seus dedos.

Ouviu o toubob gritar. Um instante depois, uma bala passou zunindo por seu ouvido e os cachorros o atacaram. Rolando pelo chão, atacadado com os cachorros, Kunta vislumbrou um rosto de toubob com o sangue escorrendo. Ele estava rosnando como um animal selvagem quando os toubobs chamaram os cachorros e depois foram-se aproximando dele, com as armas apontadas. Sabia, pelas expressões deles, que agora ia morrer. Mas não se

importava. Um deles pulou para a frente e agarrou-o, enquanto o outro o golpeava com a arma. Mas eles tiveram que recorrer a toda força de que dispunham para segurá-lo, pois Kunta se contorcia e lutava desesperadamente, gemendo, gritando, tanto em árabe quanto em mandinga. Golpearam-no novamente e ele ficou tonto. Levaram— no rudemente até uma árvore, tiraram-lhe as roupas e o amarraram no tronco, pela cintura. Kunta preparou-se para ser espancado até a morte.

Mas o toubob sangrando parou abruptamente e uma expressão estranha surgiu em seu rosto, quase um sorriso. Virou-se para o toubob mais jovem e disse-lhe algumas palavras, em voz rouca. O mais jovem sorriu e assentiu, voltando até seu cavalo e pegando um machado de caça, de cabo curto, que estava guardado na sela. Depois, cortou um tronco podre e arrastou-o até o lugar em que Kunta estava.

Parado à frente dele, o toubob sangrando começou a fazer gestos. Apontou para o genital de Kunta e depois para a faca de caça em seu cinto. Depois, apontou para o pé de Kunta e para o machado em sua mão. Compreendendo tudo, Kunta começou a gritar e a chutar, mas foi novamente golpeado. Uma voz dentro de Kunta gritava-lhe que um homem, para ser um homem, devia ter filhos. E as mãos de Kunta baixaram rapidamente, para cobrir seu foto. Os dois toubobs sorriam cruelmente.

Um deles colocou o tronco debaixo do pé direito de Kunta. O outro amarrou o pé no tronco, tão apertado que Kunta não conseguiu desvencilhá-lo, por mais que tentasse. O toubob sangrando levantou o machado. Kunta gritava e se debatia desesperadamente. O machado desceu velozmente e cortou, pele, tendões, músculos, ossos. Kunta ouviu o baque surdo do machado no tronco, enquanto o choque lhe causava uma agonia insuportável no cérebro. A explosão de dor espalhou-se pelo corpo de Kunta. Ele se inclinou, as mãos baixando a se agitarem freneticamente, como num esforço para salvar a metade dianteira do pé, que caía para a frente, enquanto o sangue muito vermelho esguichava do coto. E Kunta mergulhou na escuridão.



Durante quase um dia inteiro, Kunta vagou entre a consciência e a inconsciência, os olhos fechados, os músculos do rosto parecendo frouxos, a saliva a escorrer por um canto da boca entreaberta. A medida que foi compreendendo que estava vivo, a dor terrível pareceu se dividir em partes, martelando a cabeça, dilacerando o corpo, queimando a perna direita. Quando sentiu que era preciso um esforço demasiado para abrir os olhos, tentou recordar o que acontecera. E lembrou-se de tudo, o rosto vermelho contorcido do toubob, o machado subindo, o impacto contra o tronco, a frente de seu pé caindo. A dor na cabeça de Kunta foi tão violenta que ele novamente mergulhou na escuridão.

Na próxima vez em que voltou a si e abriu os olhos, Kunta descobriu-se a olhar para uma teia de aranha no teto. Depois de algum tempo, conseguiu mexer-se o suficiente para verificar que seu peito, pulsos e tornozelos estavam amarrados. O pé direito e a cabeça estavam apoiados em algo macio e ele usava uma espécie de túnica comprida. Em meio à sua agonia, sentiu o cheiro de algo parecido com alcatrão. Kunta pensara que já tinha conhecido antes todos os sofrimentos, mas aquilo era ainda pior.

Estava murmurando uma prece a Alá quando a porta da cabana foi aberta. Parou imediatamente. Um toubob alto, que nunca vira antes, entrou na cabana, carregando uma pequena sacola preta. A expressão dele era furiosa, embora a raiva parecesse não ser dirigida contra Kunta. Afastando as moscas que zumbiam irritantemente, o toubob abaixou-se ao lado dele. Kunta podia ver-lhe apenas as costas. O toubob fez então algo com o pé dele que levou Kunta a gritar como uma mulher e a tentar recuar, fazendo força contra a corda que lhe prendia o peito. O toubob finalmente virou-se e pôs a mão na testa de Kunta. Depois, segurou de leve o pulso de Kunta, por algum tempo. Levantou-se em seguida, olhando para o rosto contorcido de dor de Kunta. E gritou rispidamente:

— Bell!

Uma mulher de pele preta, baixa e corpulenta, com uma expressão severa, mas não antipática, entrou na cabana, trazendo uma vasilha com água. Kunta teve a sensação estranha de que a reconhecia, que em algum sonho ela já estivera ali, fitando-o, inclinada sobre ele, dando-lhe água. O toubob falou com ela gentilmente, enquanto tirava alguma coisa da sacola preta e misturava numa caneca com água. A mulher preta ajoelhou-se e levantou a cabeça de Kunta com uma das mãos e com a outra inclinou a cabeça para que ele bebesse. Kunta bebeu, pois estava fraco demais para resistir.

Deu uma olhada para baixo e vislumbrou a ponta da imensa bandagem em seu pé direito. Estava toda manchada de sangue seco. Ele estremeceu, sentiu vontade de levantar, mas os músculos não reagiam, parecendo tão inúteis quanto a coisa de gosto horrível que lhe descia pela garganta. A mulher preta ajeitou a cabeça dele, o toubob falou-lhe novamente e ela respondeu. Os dois saíram juntos.

Antes mesmo de eles saírem, Kunta já estava mergulhando num sono profundo. Quando tornou a abrir os olhos, já noite fechada, não conseguiu recordar-se de onde estava.

O pé direito parecia estar pegando fogo. Tentou sacudi-lo, mas o movimento fê-lo gritar de dor. Imagens enevoadas e pensamentos vagos surgiram-lhe na mente, sumindo antes que tivesse tempo de fixá-lo. Vislumbrando Binta, disse-lhe que estava ferido, mas que ela não deveria ficar preocupada, pois estaria novamente em casa, assim que fosse possível. Viu uma família de pássaros voando muito alto no céu e uma lança a atingir um deles. Sentiu-se caindo, a gritar, segurando-se desesperadamente no nada.

Ao despertar novamente, Kunta sentiu que algo terrível acontecera a seu pé. Ou será que fora um pesadelo? Sabia apenas que estava muito doente. Todo seu lado direito estava dormente, a garganta ressequida, os lábios também, por causa da febre, começando a rachar. O suor lhe cobria todo o corpo, tinha um cheiro horrível. Seria possível que uma pessoa fosse capaz de cortar o pé de outra? Recordou-se do toubob apon tando para seu pé e seu foto. da expressão horrível no rosto dele. Foi outra vez invadido por uma raiva intensa. Tentou mexer os dedos do pé e o movimento provocou-lhe uma dor insuportável. Ficou imóvel esperando que a dor passasse. Mas não passou. Era uma dor insuportável, mas, de alguma maneira, estava conseguindo suportá-la. Odiou a si mesmo por querer que o toubob voltasse, trazendo de novo aquela coisa que misturava na água e que proporcionava a ele, Kunta, tanto alívio.

Tentou por várias vezes desvencilhar as mãos das cordas que as prendiam nos lados, mas não conseguiu. Estava-se contorcendo e gemendo de angústia quando a porta tornou a abrir-se. Era a mulher preta, o clarão amarelado de uma lanterna a lhe iluminar o rosto. Sorrindo, ela começou a emitir ruídos e a fazer gestos e expressões. Kunta sabia que a mulher estava fazendo um esforço para fazê-lo compreender alguma coisa. Apontando para a porta, ela indicou um homem alto a entrar, dando alguma coisa para beber a um homem que gemia, o qual começava a sorrir, como se estivesse sentindo-se muito melhor. Kunta não deixou transparecer o menor sinal de que havia entendido que o toubob alto era um curandeiro.

Dando de ombros, a mulher agachou-se e colocou um pano úmido na testa de Kunta. Ele não a odiou menos por isso. A mulher fez um gesto para indicar que ia levantar-lhe a cabeça para que pudesse tomar um pouco da sopa que trouxera. Engolindo-a, Kunta sentiu um acesso de raiva pela expressão satisfeita da mulher. Depois, ela fez um pequeno buraco no chão de terra, onde prendeu uma coisa redonda e comprida, parecendo de cera, acendendo-a em seguida. Perguntou finalmente se Kunta desejava mais alguma coisa. Ele limitou-se a fitá-la com uma expressão furiosa e a mulher foi embora.

Kunta ficou olhando para a chama, tentando pensar, até que a coisa se derreteu toda e apagou. Na escuridão, recordou-se do plano para matar os toubobs que haviam tramado na canoa grande.

Ansiava por ser um guerreiro, num grande exército preto, matando toubobs tão depressa quanto seus braços podiam mover-se. Mas Kunta logo estremeceu, com medo de também morrer, mesmo sabendo que assim estaria para sempre ao lado de Alá. Afinal, ninguém voltara para dizer como era a existência ao lado de Alá; assim como ninguém retornara à África para contar como era a existência entre os toubobs.

Na visita seguinte, Bell ficou olhando, com uma expressão preocupada, para os olhos injetados e amarelados de Kunta, que tinham afundado mais ainda no rosto ardendo em febre. Ele tremia todo, gemia sem parar, estava ainda mais magro do que uma semana antes, quando ali chegara. Bell saiu. Voltou uma hora depois com panos grossos, dois potes com água fervendo e um par de colchas dobradas. Agindo rápida e, por alguma razão, furtivamente, ela cobriu o peito nu de Kunta com uma cataplasma quente de folhas

fervidas, moídas e misturadas com algo que ardia bastante. A cataplasma estava tão quente que Kunta gemeu mais alto e tentou desvencilhar-se. Mas Bell manteve-o firmemente no lugar. Molhando os panos no outro pote com água fervendo, ela torceu-os e em seguida colocou-os sobre a cataplasma. E finalmente cobriu Kunta com as duas colchas.

Sentou-se e ficou observando o suor escorrer do corpo dele, pingando no chão de terra. Com a ponta do avental, ela enxugava de vez em quando o suor que escorria para os olhos fechados de Kunta. Ele finalmente ficou inerte. Bell só tirou os panos do peito de Kunta quando sentiu que estavam quase frios. Removeu também a cataplasma, cobriu-o com as colchas e foi embora.

Ao despertar, Kunta sentia-se fraco demais até mesmo para mexer o corpo. Teve a impressão de que sufocava sob as colchas pesadas. Mas sabia também que a febre passara, embora não sentisse a menor gratidão por isso.

Ficou imaginando onde aquela mulher aprendera o que fizera com ele. Era algo parecido com os tratamentos que Binta lhe fizera na infância, o segredo das ervas da terra de Alá vindos dos mais longínquos ancestrais. Kunta recordou-se também da atitude furtiva da mulher preta, fazendo-o compreender que aquela não era uma medicina toubob. Sabia que o toubob alto não apenas ignorava o que a mulher fizera, mas também jamais deveria sabê-lo. E Kunta descobriu-se a pensar no rosto da mulher. Como fora mesmo que o toubob a chamara? “Bell.”

Com alguma relutância, Kunta acabou concluindo que a mulher parecia ser de sua tribo, mais do que qualquer outra. Tentou imaginá-la em Juffure, preparando o cuscuz pela manhã, remando a piroga através do bolong, trazendo o arroz de volta à aldeia. Mas logo censurou a si mesmo por pensar em Juffure relacionada com aqueles pretos pagãos da terra dos toubobs.

As dores de Kunta eram agora menos constantes e menos intensas. Só doía mais forte quando ele fazia pressão contra as cordas que o prendiam, desejando desesperadamente mexer-se. As moscas é que o atormentavam terrivelmente, zumbindo em torno do pé coberto pela bandagem. ou do que restara de seu pé. De vez em quando, conseguia sacudir um pouco a perna direita, fazendo com que as moscas ficassem longe por algum tempo.

Começou a perguntar-se onde estaria. Aquela não era sua cabana. E pelos sons lá fora, pelas vozes dos pretos que passavam, sabia também que estava em alguma outra fazenda. Podia sentir o cheiro da comida que faziam, ouvir as conversas no início da noite, os cantos, as preces, a trompa soando todas as manhãs.

O toubob alto aparecia na cabana diariamente, sempre fazendo o pé de Kunta doer, ao mudar a bandagem. Bell aparecia três vezes por dia, trazendo comida e água, juntamente com um sorriso e a mão quente a pousar na testa de Kunta. Ele dizia a si mesmo que aqueles pretos não eram melhores do que os toubobs. Aquela mulher preta e aquele toubob talvez não quisessem causar-lhe mal algum, embora ainda fosse cedo para ter certeza. Mas não podia esquecer de que fora o preto Samson que o espancara quase até matá-lo, que tinham sido os toubobs que o haviam açoitado, baleado, cortado seu pé. Quanto mais recuperava as forças, mais raiva sentia por estar deitado ali, impotente, incapaz de fazer qualquer movimento, de ir onde bem desejasse. Durante todas as suas 17 chuvas, sempre pudera correr, pular, subir em árvores, em qualquer lugar que quisesse. A situação em que estava agora era monstruosa, além de sua capacidade de compreensão, algo insuportável.

Quando o toubob alto finalmente desamarrou os pulsos de Kunta das estacas baixas que os prendiam nos lados, ele passou as horas seguintes tentando inutilmente levantar os

braços. Estavam pesados demais. Angustiado, amargurado, obstinado, começou a recuperar o uso dos braços, primeiro flexionando os dedos vezes sem conta, depois cerrando os punhos. E finalmente conseguiu levantar os braços. A etapa seguinte foi o esforço para levantar o corpo, apoiado nos cotovelos. Depois que conseguiu, passava horas equilibrado desse jeito, olhando para o coto do pé, ainda envolto em bandagem. Parecia tão grande quanto uma “abóbora”, embora a bandagem não estivesse tão ensanguentada quanto as outras que vira o toubob tirar. Quando tentou erguer o joelho da perna direita, descobriu que ainda não conseguia suportar a dor.

Descarregou toda sua fúria e humilhação em Bell, quando ela apareceu na cabana, insultando-a em mandinga e jogando longe a caneca de metal, depois de tomar a água. Só depois é que percebeu ter sido a primeira vez, desde que chegara na terra dos toubobs, que falava com alguém em voz alta. E ficou ainda mais furioso ao recordar a expressão afetuosa dos olhos de Bell, apesar da explosão de raiva dele.

Um dia, quando Kunta já estava ali há quase três semanas, o toubob fez-lhe um gesto para que sentasse, ao começar a remover a bandagem. Kunta reparou que havia uma substância espessa e levemente amarelada no pano. Cerrou os dentes quando o toubob começou a retirar o último pano. E teve uma vertigem ao ver a metade inchada de seu pé, coberta por uma crosta de sangue ressequida, de aspecto horrível. Kunta quase gritou. O toubob espalhou algo sobre a ferida e depois envolveu-a com apenas um pano, não muito apertado. Em seguida, pegou a sacola preta e retirou-se apressadamente.

Nos dois dias seguintes, Bell fez a mesma coisa que o toubob, falando suavemente, enquanto Kunta se encolhia todo e procurava esquivar-se. Quando o toubob voltou, no terceiro dia, Kunta teve um sobressalto ao vê-lo trazendo dois paus retos, com forquilhas em cima. Kunta já vira pessoas feridas andarem com aquelas coisas, em Juffure. Agitando as forquilhas debaixo de seus próprios braços, o toubob mostrou-lhe como deveria fazer, cambaleando de um lado para outro da cabana, o pé direito sem encostar no chão.

Kunta recusou-se a fazer qualquer coisa enquanto os dois não foram embora. Esforçou-se então em ficar de pé, apoiado na parede da cabana, esperando até conseguir suportar a dor na perna direita. O suor lhe escorria abundantemente pelo rosto, antes mesmo que ajeitasse as forquilhas sob os braços. Completamente tonto, hesitando, jamais se afastando muito da parede que lhe proporcionava um ponto de apoio, conseguiu deslocar o corpo, aos pulos, meio desajeitado, o coto envolto na bandagem ameaçando fazê-lo perder o equilíbrio, a cada movimento.

Quando Bell trouxe-lhe a primeira refeição, na manhã seguinte, Kunta surpreendeu a expressão de alegria no rosto dela, ao ver as marcas deixadas pelos esforços dele no chão de terra dura. Kunta fitou-a com uma expressão carrancuda, furioso consigo mesmo por não ter-se lembrado de apagar as marcas. Recusou-se a tocar na comida enquanto Bell não foi embora. Mas depois comeu rapidamente, pois agora desejava recuperar as forças. Mais alguns dias e já estava andando facilmente pela cabana com os paus terminando em forquilha.



Em muitas coisas, aquela fazenda toubob era bastante diferente da outra, conforme Kunta começou a descobrir, a partir do momento em que conseguiu chegar à porta da cabana, apoiado nas muletas.

As cabanas dos pretos eram caiadas de branco e pareciam estar em condições bem melhores do que as cabanas da outra fazenda. A cabana em que ele estava tinha uma mesa pequena e uma prateleira na parede, sobre a qual havia um prato de metal, uma cabaça para beber água, uma “colher” e os objetos que os toubobs usavam para comer, e cujos nomes Kunta já descobrira: “garfo” e “faca”. Achava que era uma estupidez deles deixar tais coisas a seu alcance. O colchão em que dormia, estendido no chão era também mais recheado com palha de milho. Algumas das cabanas que avistava da porta tinham até pequenos jardins atrás. A que ficava mais próxima da casa grande dos toubobs tinha um jardim grande e circular na frente, todo florido. Da entrada de sua cabana, Kunta podia ver qualquer pessoa que se aproximasse, de qualquer direção. E sempre que avistava alguém, voltava rapidamente para o interior da cabana e lá ficava por algum tempo, antes de se aventurar novamente até a porta.

O faro de Kunta localizou facilmente a “casinha”. Todos os dias, continha-se ao máximo, até ter certeza de que todos os pretos já se tinham afastado, indo trabalhar nos campos e outros lugares. E só depois, cautelosamente, verificando se ninguém estava olhando, é que per corria rapidamente, com as muletas, a curta distância até a “casinha”. Tomava também todas as precauções para voltar.

Duas semanas se passaram antes que Kunta começasse a se aventurar, em rápidas excursões, além da “casinha” e da cabana da mulher que cozinhava para os pretos. Descobriu, surpreso, que a cozinheira não era Bell. Assim que ele se recuperara o suficiente para conseguir andar, Bell deixara de levar-lhe as refeições e nem mesmo ia mais visitá-lo. Kunta se perguntou o que teria acontecido com ela, até que um dia, quando estava parado à entrada de sua cabana, viu-a sair pela porta dos fundos da casa grande. Mas Bell não o viu ou fingiu não ter visto, passando direto pela cabana dele, a caminho da “casinha”. O que significava que, no final das contas, ela era igual aos outros. Kunta jamais tivera qualquer dúvida, desde o início. Kunta também via, de vez em quando, o toubob alto, quase sempre entrando apressadamente numa charrete fechada e afastando-se imediatamente, os dois cavalos na frente guiados por um preto que ia sentado num banco.

Mais alguns dias e Kunta passou a ficar fora de sua cabana mesmo quando os pretos voltavam dos campos, no final da tarde, arrastando os pés, visivelmente cansados. Recordando-se da outra fazenda em que estivera, ficou espantado ao verificar que aqueles pretos não eram seguidos por um toubob a cavalo, com um chicote na mão. Eles passavam perto de Kunta, parecendo não lhe prestarem menor atenção, e desapareciam em suas cabanas. Mas tornavam a sair pouco depois e empenhavam-se em diversas tarefas. Os homens iam trabalhar no celeiro, as mulheres ordenhavam as vacas e alimentavam as

galinhas. As crianças carregavam baldes com água e tanta lenha quanto seus braços podiam levar. Era evidente que não tinham a menor ideia de que poderiam levar duas vezes mais lenha se amarrassem num feixe e equilibrassem na cabeça.

Os dias foram passando e Kunta compreendeu que aqueles pretos, embora vivessem melhor que os pretos da outra fazenda toubob, pareciam não ter também a menor compreensão de que eram uma tribo perdida, que lhes fora arrancado totalmente qualquer respeito que podiam ter por si mesmos, a tal ponto que aparentemente sentiam que suas vidas eram como deveriam ser. Pareciam desejar apenas não serem espancados, terem o suficiente para comer e algum lugar para dormir. Quase todas as noites Kunta tinha a maior dificuldade em dormir. Ficava acordado durante horas, ardendo em fúria pela miséria de sua gente. Mas aqueles pretos nem ao menos pareciam saber que eram uns miseráveis. Por que então ele tinha de se atormentar, se aquela gente estava satisfeita com seu destino patético? Kunta tinha a sensação de que ia morrendo um pouquinho a cada dia que passava. Se ainda lhe restava alguma vontade de viver, tinha que tentar escapar novamente, não importando as consequências. Afinal, como estava, de que mais ele valia, vivo ou morto? Doze luas tinham decorrido desde que o haviam roubado de Juffure. E quantas chuvas não envelhecera nesse período?

A situação ficava ainda pior pelo fato de ninguém, aparentemente, ter encontrado um trabalho útil que Kunta pudesse fazer, apesar de ele ser capaz agora de ir rapidamente de um lugar a outro, apoiado nas muletas. Conseguia dar a impressão de que preferia ficar sozinho e não tinha o menor desejo ou necessidade de ligar-se a quem quer que fosse. Sentia que os outros pretos não confiavam nele, assim como também não confiava neles. De noite, porém, sozinho em sua cabana, sentia-se profundamente solitário e deprimido. Passava horas a olhar para a escuridão, com a sensação de que o envolvia e esmagava. Era como uma doença a se espalhar por dentro dele. E ficou surpreso e envergonhado quando descobriu que sentia a necessidade de amor.

Kunta estava fora de sua cabana num dia em que a charrete do toubob chegou à casa grande com um homem da cor sasso borro ao lado do cocheiro preto, no banco na frente. O toubob saltou e entrou na casa grande. A charrete seguiu em frente, até as cabanas, onde parou novamente. O cocheiro saltou primeiro e depois ajudou o pardo a descer, pois uma das mãos dele estava metida no que parecia, ser barro branco endurecido. Kunta não tinha a menor ideia do que era, mais calculou que a mão do pardo devia estar ferida de alguma forma. O pardo pegou com a mão boa uma caixa escura e de formato estranho debaixo do assento e depois seguiu o cocheiro pela fileira de cabanas, até a última, que Kunta sabia estar vazia.

Kunta ficou tão curioso que, na manhã seguinte, foi até a última cabana. Não esperava encontrar o pardo sentado logo depois da entrada. Os dois ficaram simplesmente se olhando por algum tempo. O rosto e os olhos do estranho não tinham qualquer expressão e a voz era indiferente quando finalmente perguntou:

— O que está querendo?

Kunta não disse nada, pois não havia entendido.

— Você é um desses negros africanos.

Kunta reconheceu a palavra que ouvira tantas vezes, mas não entendeu o resto. Continuou parado, em silêncio.

— Se não está querendo nada, suma daqui!

Kunta percebeu o tom ríspido, sentiu que o outro mandava-o embora. Quase tropeçou, ao virar-se bruscamente, voltando apressadamente para sua cabana, embaraçado

com o incidente.

Toda vez que pensava no pardo ficava tão furioso que desejava conhecer o bastante da língua toubob para ir gritar-lhe “Pelo menos sou preto e não um pardo como você!” Desse dia em diante, sempre que saía para alguma coisa, Kunta evitava olhar na direção da última cabana. Mas não podia afastar sua curiosidade pelo fato de que, todas as noites, depois da última refeição, os outros pretos iam-se reunir na cabana do pardo. Ficava escutando da entrada de sua cabana e podia ouvir o pardo a falar sem parar. As vezes, os outros desatavam a rir, em outras ocasiões crivavam o pardo de perguntas. Kunta ansiava em saber quem ou o que ele era.

Uma tarde, cerca de duas semanas depois, o pardo estava saindo da privada no momento em que Kunta se aproximava. A massa branca que cobria a mão do pardo fora retirada e ele estava trançando palha de milho. Furioso com o encontro inesperado, Kunta passou rapidamente por ele. Sentado lá dentro, Kunta pôs-se a pensar nos insultos que gostaria de gritar ao homem. Quando ele saiu, o pardo estava parado, a sua espera, com uma expressão indiferente, como se nada tivesse acontecido entre eles. Sem parar de trançar, ele fez um gesto com a cabeça para que Kunta o seguisse.

Foi tão inesperado, e tão desconcertante, que Kunta descobriu-se a segui-lo, sem dizer nada, antes mesmo de pensar no que estava fazendo. Obedientemente, Kunta sentou no banco que o pardo lhe apontou, enquanto seu anfitrião sentava no outro, sempre trançando. Kunta perguntou-se se o pardo saberia que estava trançando a palha de milho como os africanos faziam.

Depois de mais algum tempo de silêncio, o pardo começou a falar:

— Ovi dizer que você anda furioso. Teve mais sorte de eles não terem matado você. Podiam matar e a lei ficaria do lado deles. Foi o que aconteceu quando aquele homem branco quebrou minha mão só porque fiquei cansado de tocar violino. A lei diz que qualquer branco que vir você fugindo pode matar você e não vai ter nenhum castigo. E essa lei é lida de seis em seis meses nas igrejas dos brancos. E não me venha falar das leis dos brancos. Quando eles começam um povoado, a primeira coisa que fazem é construir um tribunal para fazer mais leis. A próxima coisa que constroem é uma igreja, para provar que eles são cristãos. Acho que tudo que essa tal Câmara da Virgínia faz é aprovar mais leis contra os negros. Tem uma lei que diz que os negros não podem levar arma nenhuma, nem mesmo um cajado que eles acham que possa ser parecido com um porrete. A lei diz que você recebe vinte açoites se for apanhado viajando sem um passe, dez açoites se olhar um branco nos olhos, trinta açoites se levantar a mão contra um branco cristão. A lei diz que nenhum negro pode pregar, se não tiver um branco querendo escutar. A lei diz que não pode haver nenhum funeral de negro, se os brancos acharem que os negros estão é querendo reunir-se. A lei diz para cortar uma orelha do negro, se um branco disser que ele mentiu. E diz para cortar as duas orelhas, se o branco disser que o negro mentiu duas vezes. A lei diz para enforcar o negro que matar um branco. Mas se o negro mata outro negro, é apenas açoitado. A lei diz para recompensar o índio que pegar um negro fugido com todo o tabaco que esse índio puder carregar. A lei diz que nenhum negro pode aprender a ler e escrever. A lei diz para não dar nenhum livro a um negro. Eles têm até uma lei que proíbe os negros de baterem em tambores. Os negros não podem fazer nenhuma das coisas que faziam na África.

Kunta sentiu que o pardo sabia que ele não podia compreender, mas tanto gostava de falar como tinha a impressão de que o simples fato de Kunta ouvir atentamente poderia levá-lo a compreender alguma coisa. Olhando para o rosto do pardo e prestando toda

atenção ao tom de voz dele, Kunta sentiu que quase podia compreender. E teve vontade de rir e chorar ao mesmo tempo por alguém estar-lhe falando realmente como de um ser humano para outro.

— O que aconteceu com seu pé não é tão ruim. Não é apenas pés e braços que eles cortam, mas cortam até o pau e os ovos da gente. Já vi muito negro estragado desse jeito ainda trabalhando. As mulheres pretas de barriga ficam deitadas com a cara no chão e com a barriga dentro de um buraco, enquanto os brancos batem nelas. Já vi negros apanharem tanto que até os ossos ficam aparecendo. E quando os negros ficam em carne viva, cobrem eles com terebintina ou sal, depois esfregam urtiga. Já vi negros que foram apanhados falando em revolta serem obrigados a dançar em cima de brasas até caírem. Não há praticamente nada que eles não possam fazer com os negros. E se os negros morrem por causa disso, não é crime nenhum, se quem matou era o dono do negro ou matou por ordem do dono. A lei é assim. E se você está pensando que isso é ruim, devia ouvir o que todo mundo conta sobre os negros que os navios negreiros vão vender do outro lado das águas, nas tais plantações de açúcar das índias Ocidentais.

Kunta ainda estava escutando, e tentando compreender quando um menino do tamanho do primeiro kafo aproximou-se com a refeição noturna do pardo. Ao ver Kunta, o menino saiu correndo e voltou pouco depois, trazendo um prato para ele também. Kunta e o pardo comeram juntos, sem falar. Ao terminar, Kunta levantou-se abruptamente, sabendo que os outros em breve chegariam. Mas o pardo fez um gesto para que Kunta ficasse.

Quando os outros chegaram, alguns minutos depois, não conseguiram disfarçar a surpresa pela presença de Kunta, especialmente Bell, que foi uma das últimas a aparecer. Como quase todos os outros, ela limitou-se a acenar com a cabeça para Kunta. Mas ele teve a impressão de ter visto um princípio de sorriso no rosto de Bell. Enquanto a escuridão ia-se adensando, o pardo pôs-se a falar para o grupo. Kunta calculou que ele devia estar contando histórias. Kunta podia dizer quando terminava uma história, pois todos começavam a rir, ou faziam perguntas. De vez em quando, Kunta reconhecia algumas das palavras que já se tinham tornado familiares a seus ouvidos.

Ao voltar para sua cabana, Kunta estava confuso por seu relacionamento com aquela gente. Ficou acordado até tarde, as emoções em conflito, recordando o que Omoro lhe dissera certa ocasião, quando se recusara a ceder uma manga escolhida a dedo, que Lamin pedira para dar uma mordida:

— Quando você cerra o punho, ninguém pode pôr nada em sua mão. mas você também não consegue apanhar coisa alguma.

Mas Kunta sabia também que o pai concordaria plenamente com sua opinião, de que jamais deveria tornar-se como aqueles pretos, não importando o que lhe pudesse acontecer. Mesmo assim, todas as noites ele sentia uma estranha atração e acabava indo juntar-se aos outros na cabana do pardo. Bem que resistia à tentação, mas quase todas as tardes ia visitar o pardo, aproveitando um momento em que ele estivesse sozinho na cabana.

— Tenho que pôr meus dedos em forma para voltar a tocar violino — disse o pardo um dia, sempre a trançar as palhas de milho. — Tive muita sorte de esse massa ter querido comprar-me. Já toquei violino por toda Virgínia e posso ganhar um bom dinheiro para ele e para mim também. Não há muita coisa que eu já não tenha visto ou feito. É uma pena que você não possa saber do que estou falando. Os brancos dizem que tudo o que os africanos sabem é viver em cabanas de capim, vaguear de um lado para outro e se matarem.

Ele fez uma pausa no monólogo, como se esperasse alguma reação. Mas Kunta

continuava calado, observando e escutando, impassível, a apalpar seu amuleto saphie.

— Está vendo o que eu quis dizer? Você tem que começar a esquecer essas coisas — disse o pardo, apontando para o amuleto. — Não vai mais conseguir sair daqui, por isso é melhor começar a aceitar os fatos e se ajustar. Está-me entendendo, Toby?

Um brilho de raiva surgiu nos olhos de Kunta e ele gritou, impulsivamente:

— Kunta Kinte!

O pardo ficou tão surpreso quanto Kunta.

— Ei, mas ele fala! Mas tem que entender, garoto, que precisa esquecer todas essas coisas de africano. Os brancos ficam furiosos e os negros com medo. Seu nome é Toby. E a mim eles chamam de Violinista. — Apontou para si mesmo e acrescentou: — Vamos, diga Violinista!

Kunta permaneceu impassível, embora compreendesse perfeitamente o que o pardo estava querendo dizer.

— Violinista! Sabe o que significa violinista?

Ele fez um movimento sobre o braço esquerdo com a outra mão. Desta vez, a expressão impassível de Kunta não era simulada.

Exasperado, o pardo levantou-se e foi pegar a um canto a caixa estranha que tirara da charrete ao chegar. Abrindo-a, tirou um objeto de madeira clara com um formato ainda mais estranho, com um pescoço fino e comprido e quatro cordas esticadas ao longo de todo o comprimento. Era o mesmo instrumento musical que Kunta vira o velho tocar na outra fazenda.

— Violino! — exclamou o pardo.

Como estavam sozinhos, Kunta decidiu colaborar e repetiu o som:

— Violino.

Com uma expressão satisfeita, o pardo tornou a guardar o instrumento e fechou a caixa. Depois, olhando ao redor, apontou para outro objeto.

— Balde!

Kunta repetiu, fixando na cabeça o que era.

— E agora, água! Kunta tornou a repetir.

Depois de passarem por uma vintena de novas palavras, o pardo foi apontando silenciosamente para o violino, balde, água, cadeira, palhas de milho e outros objetos, olhando para Kunta e esperando que ele repetisse! a palavra certa para designar cada coisa. Kunta disse prontamente alguns dos nomes, em outros se confundiu e foi corrigido, uns poucos sons simplesmente não conseguiu dizer. O pardo ensinou-o pacientemente a falar tais palavras e mais uma vez passou em revista todos os nomes, e Quando se aproximava a hora da refeição noturna, ele resmungou:

— Você não é tão estúpido quanto parece.

As lições continuaram pelos dias seguintes, foram se prolongando] pelas semanas a fora. Kunta ficou espantado ao descobrir que não apenas estava começando a compreender o que o pardo dizia, como também já podia fazer-se entender, de uma maneira rudimentar. E o que mais queria explicar ao pardo era o motivo pelo qual recusava-se a abrir mão de seu nome e de sua herança africana e por que preferia morrer um homem livre, tentando fugir, a passar o resto de sua vida como um escravo. Não conhecia as palavras para expressá-lo da forma como desejava, mas percebeu que o pardo havia compreendido pela reação dele, franzindo o rosto e sacudindo a cabeça. Uma tarde, não muito tempo depois disso, Kunta encontrou um outro visitante, ao chegar à cabana do pardo. Era o velho que ele vira de vez em quando revolvendo a terra no jardim perto da

casa grande. O pardo sacudiu a cabeça e Kunta sentou.

O velho começou a falar:

— O violinista me disse que você já fugiu quatro vezes. Está vendo agora o que consegui com isso. Mas espero que tenha aprendido sua lição, assim como eu aprendi. Porque você não fez nada de novo. Quando eu era jovem, fugi tantas vezes que quase me arrancaram a pele fora, antes que entrasse na minha cabeça que não havia lugar nenhum para onde pudesse fugir. Cheguei a fugir por dois Estados. Mas eles avisam pelos jornais e a gente sempre termina sendo apanhado, quase matam a gente de tanto bater e mandam de volta para o lugar de onde a gente fugiu. Acho que não há ninguém que tenha pensado em fugir. Até os negros que mais arreganham os dentes para os brancos estão pensando em fugir. Mas nunca ouvi falar de ninguém que tenha realmente conseguido fugir e não foi mais apanhado. Está na hora de você assentar a cabeça e começar a tirar o melhor proveito possível das coisas como elas são, em vez de ficar desperdiçando os melhores anos de sua juventude, como eu fiz, planejan do uma coisa que é impossível. E agora estou velho e cansado. Acho que venho agindo como o negro preguiçoso e imprestável que os brancos dizem que a gente é, desde que você nasceu.

O massa só me mantém aqui porque sabe que ninguém daria nada por mim num leilão. E pelo menos eu cuido mais ou menos do jardim. Mas ouvi dizer por Bell que o massa vai botar você para trabalhar comigo a partir de amanhã.

Sabendo que Kunta não havia entendido o que o jardineiro dissera, o violinista passou a meia hora seguinte a explicar-lhe, falando mais devagar, em palavras mais simples. Kunta sentia-se confuso, sem saber o que pensar. Sabia que o velho jardineiro estava-lhe dando um conselho de amigo e começava a admitir que a fuga era realmente impossível. Mas mesmo que jamais pudesse escapar, nunca poderia pagar o preço de renunciar a tudo o que fora a fim de viver o resto de sua vida sem ser espancado. E a ideia de tornar-se um jardineiro aleijado deixava-o furioso e humilhado. Mas talvez devesse aceitar a tarefa, por algum tempo, até recuperar plenamente suas forças. E podia fazer-lhe bem descansar a mente do seu tormento e voltar a usar as mãos para cuidar da terra, mesmo sendo uma terra que não lhe pertencesse.

No dia seguinte, o velho jardineiro mostrou a Kunta o que deveria fazer. Ele ia arrancando as ervas daninhas que pareciam crescer quase que diariamente no jardim e na horta e Kunta fazia o mesmo. Quando ele tirava os insetos que atacavam as plantas e esmagava-os com o pé, Kunta fazia a mesma coisa. Davam-se bem, mas quase não se comunicavam, apesar de trabalharem juntos. Geralmente o velho se limitava a emitir grunhidos e fazer gestos sempre que precisava ensinar a Kunta como fazer uma nova tarefa. Kunta, sem dizer nada, simplesmente fazia o que lhe era mandado. Não se importava com o silêncio. Na verdade, seus ouvidos precisavam de algumas horas de descanso por dia, nos intervalos entre as conversas com o violinista, que falava sem parar durante todo o tempo em que ficavam juntos.

Naquela noite, Kunta estava sentado à porta de sua cabana, logo depois de comer, quando um homem chamado Gildon, que era o encarregado de fazer os arreios para os cavalos e mulas e os sapatos para os pretos, aproximou-se e entregou-lhe um par de sapatos. Explicou que, por ordem do massa, tinha feito aqueles sapatos especialmente para Kunta. Pegando-os e sacudindo a cabeça em agradecimento, Kunta passou algum tempo a revirá-los, examinando-os meticulosamente, antes de se decidir a experimentá-los. Estranhou ter aquelas coisas nos pés, mas descobriu que se ajustavam perfeitamente. A metade da frente do sapato do pé direito estava estofada de algodão. Não houve nada com

o pé esquerdo, mas sentiu o pé direito formigar, ao dar alguns passos desajeitados e cautelosos diante de sua cabana, sem as muletas.

Mais tarde, Kunta aventurou-se a andar um pouco mais longe com os sapatos e sem as muletas. O pé direito ainda o incomodava. Tirou um pouco do algodão e tornou a meter o sapato. Ficou mais confortável e ele finalmente teve coragem de apoiar todo o peso do corpo no pé direito, não sentiu qualquer dor exagerada.

Naquela mesma semana, quando a charrete do massa voltou de uma viagem, o cocheiro preto, Luther, foi correndo até a cabana de Kunta chamou-o, seguindo depois para a cabana do violinista. Kunta ouviu-se dizer alguma coisa para o violinista, sorrindo alegremente. Apontando para a casa grande e com palavras cuidadosamente selecionadas, o violinista informou a Kunta que o Massa William Waller, o toubob que vivia ali, era agora o dono dele.

— Luther veio dizer que ele acabou de comprar você do irmão dele que foi seu primeiro dono. Agora você pertence a ele.

Como sempre, Kunta não deixou que suas emoções transparecessem. Sentia-se furioso e envergonhado por alguém poder ser o dono dele. Mas sentia-se também aliviado, pois temia que algum dia fossem levá-lo de volta à outra “plantação”, como sabia agora que as fazendas dos toubobs eram chamadas. O violinista esperou até que Luther se afastasse, antes de dizer, em parte para Kunta, em parte para si mesmo:

— Os negros daqui dizem que Massa William é um bom amo. Posso dizer que já vi piores. Mas nenhum deles é realmente bom. Todos eles vivem à custa dos negros. Os negros são as coisas mais importantes que eles têm.



Quase todos os dias, terminado o trabalho, Kunta voltava para sua cabana e, depois da prece vespertina, alisava um pequeno quadrado no chão de terra e desenhava caracteres árabes comum graveto. E ficava sentado a olhar para o que escrevera durante um longo tempo, frequentemente até a hora da última refeição do dia. Apagava depois o que escrevera e ia sentar junto com os outros para ouvir o violinista.

Assim como fizera na África, Kunta também começou a registrar a passagem do tempo, jogando uma pedrinha numa cabaça, na manhã seguinte a cada nova lua. Tinha jogado primeiro na cabaça 12 pedrinhas redondas e de cores diversas, pelas 12 luas que passara na outra fazenda toubob, pelos seus cálculos. Jogou mais seis pedrinhas pelas seis luas em que estava naquela nova fazenda. Contou cuidadosamente 204 pedrinhas para as 17 chuvas que tinha ao ser roubado de Juffure, pondo-as também na cabaça. Somando tudo, calculou que estava agora com 19 chuvas.

A pesar de sentir-se muito velho, ainda era um jovem. Iria passar o resto de sua vida ali, como acontecera como velho jardineiro, vendo a esperança e o orgulho irem-se desvanecendo como passar dos anos, até que não lhe restasse coisa alguma por que viver e seu tempo tivesse se esgotado? A perspectiva deixava-o apavorado... e deu-lhe também a determinação de não terminar como o velho jardineiro, cambaleando por um trato de terra que pertencia a outros. O pobre coitado do jardineiro estava exausto muito antes da refeição do meio-dia. Durante a tarde, ele conseguia apenas fingir que estava trabalhando, deixando quase tudo aos cuidados de Kunta.

Todas as manhãs, enquanto Kunta trabalhava, Bell aparecia com um cesto na horta, para pegar os legumes que iria preparar naquele dia para o massa, pois era a cozinheira da casa grande. Mas Bell parecia que nunca olhava para Kunta, mesmo quando passava ao lado dele. Kunta ficava desconcertado e irritado, recordando-se como Bell cuidara dele diariamente enquanto lutava para sobreviver e como lhe acenava todas as noites, ao se encontrarem na cabana do violinista. Concluiu que Bell o odiava, que só cuidara dele porque o massa assim ordenara. Kunta gostaria de saber o que o violinista teria a dizer a respeito dessa atitude de Bell, mas sabia que seu conhecimento limitado das palavras toubobs não lhe permitiriam expressar a questão de maneira conveniente... além do fato de que seria embaraçoso tão-somente perguntar.

Uma manhã, o velho jardineiro não apareceu para trabalhar. Kunta calculou que ele estivesse doente. Nos últimos dias, ele parecia estar ainda mais fraco do que habitualmente. Ao invés de ir até a cabana do velho para ver como ele estava, Kunta pôs-se a trabalhar, regando e arrancando as ervas daninhas, pois sabia que Bell iria aparecer a qualquer momento e achava que não era certo que ela não encontrasse alguém ali.

Bell apareceu realmente alguns minutos depois e começou imediatamente a colher os legumes, sem olhar para Kunta, que ficou parado, segurando sua enxada, fitando-a. Quando já estava prestes a partir, Bell hesitou por um momento, olhou ao redor e largou o

cesto no chão. E afastou-se, lançando um olhar rápido e frio para Kunta. O recado dela era óbvio: Kunta deveria levar o cesto até a porta dos fundos da casa grande, como o velho sempre fazia. Kunta quase explodiu de raiva, recordando-se das mulheres de Juffure desfilando com seus fardos na cabeça, diante da árvore bantaba em que os homens sempre descansavam. Jogando a enxada no chão violentamente, Kunta já se ia afastar quando lembrou como Bell estava próxima do massa. Rangendo os dentes, ele pegou o cesto e seguiu atrás de Bell, sem dizer nada. Na porta, Bell virou-se e pegou o cesto, como se nem mesmo o visse. Kunta afastou-se, fervendo de raiva.

A partir desse dia, Kunta tornou-se praticamente o jardineiro. O velho estava muito doente e só aparecia de vez em quando, sempre que se sentia forte o bastante para poder andar. Fazia uma coisa e outra enquanto se sentia capaz, o que não era por muito tempo, voltando pouco depois a sua cabana. Kunta recordava-se dos velhos de Juffure, os quais, sentindo-se envergonhados por sua fraqueza, ainda insistiam em fazer alguma coisa, até serem obrigados a ficar de cama e quase nunca mais saindo de suas cabanas.

A única obrigação nova que Kunta detestava era ter que carregar diariamente o cesto de Bell até a porta da cozinha da casa grande. Praguejando baixinho, ele a seguia até lá, empurrava-lhe o cesto na mão o mais rudemente a que se atrevia, virava as costas e voltava ao trabalho, o mais depressa que podia. Por mais que a detestasse, no entanto, Kunta ficava sempre com a boca cheia D'Água, quando sentia o aroma maravilhoso das coisas que ela cozinhava.

Kunta acabara de jogar a 22 pedrinha na cabaça-calendário quando, sem qualquer sinal de mudança no relacionamento, Bell fez-lhe o sinal uma manhã para entrar na casa. Depois de um momento de hesitação, Kunta seguiu-a e colocou o cesto numa mesa. Procurando não parecer muito espantado, ficou olhando para as coisas estranhas que havia naquele aposento a que davam o nome de “cozinha”. Já se ia virando para sair quando Bell tocou-lhe o braço e entregou-lhe um pãozinho com o que parecia ser uma fatia de carne entre os dois pedaços. Como Kunta ficasse olhando, com uma expressão aturdida, Bell disse-lhe:

— Será que nunca viu um sanduíche antes? Ele não vai morder você. Pelo contrário, você é que tem de morder ele.

A medida que o tempo foi passando, Bell começou a dar-lhe mais do que podia carregar nas mãos. Geralmente entregava-lhe um prato de metal com uma coisa chamada “broa”, uma espécie de pão como Kunta nunca antes provara, juntamente com folhas de mostarda cozinhadas em seu próprio caldo. Kunta é que semeara as pequenas sementes de mostarda, na horta em que misturara a terra preta e fértil do pasto, acompanhando o crescimento rápido das folhas verdes. Ele adorava também a maneira como Bell cozinhava as deliciosas ervilhas, que cresciam nas trepadeiras em torno das hastes de milho. Bell jamais lhe dava qualquer coisa que tivesse sido cozinhada com gordura de porco. Kunta não tinha a menor ideia de como ela adivinhara que ele se recusaria a tocar em qualquer coisa que cheirasse a porco. Depois de comer, ele sempre limpava o prato cuidadosamente com um pano, antes de devolvê-lo.

Um domingo, depois do jantar, Kunta saiu para dar uma volta. Estava passando diante da cabana do violinista, a apalpar a barriga, quando o pardo interrompeu o monólogo que fazia para contemplá-lo e exclamar:

— Ei, você está começando a engordar!

E era verdade. Kunta jamais parecera — nem se sentira — tão bem desde que deixara Juffure.

Depois de meses a entrançar palha de milho incessantemente, a fim de fortalecer os dedos, o violinista também estava-se sentindo muito melhor, como em nenhum momento antes, desde que lhe haviam quebrado a mão. E recomeçou a tocar o instrumento, de noite. Segurando-o entre a mão em concha e o queixo, o violinista roçava as cordas com sua vareta, que parecia ser feita de cabelos finos e compridos. Todas as noites, a audiência gritava e aplaudia, mas o violinista invariavelmente dizia, com uma expressão irritada:

— E vocês ainda não viram nada! Esperem só até meus dedos voltarem a ser ágeis como antes!

Mais tarde, quando ficaram a sós, Kunta perguntou-lhe, timidamente: — O que quer dizer ágeis?

O violinista flexionou e retorceu os dedos.

— Ágeis! Ágeis! Está entendendo?

Kunta assentiu. O violinista acrescentou então:

— Sabia que você é um negro de sorte? Passa os dias inteiros brincando naquele jardim. É difícil encontrar alguém com um trabalho mais mole do que o seu. A não ser nas plantações muito maiores do que esta.

Kunta pensou ter compreendido e não gostou do comentário, dizendo:

— Trabalho duro. — E sacudindo a cabeça para o violinista acomodado no banco, acrescentou: — Mais duro que isso.

O violinista sorriu.

— Tem toda razão, Africano!



Os “meses”, como eles chamavam as luas na terra dos toubobs, passavam agora mais depressa. Antes que a estação quente conhecida como “verão” terminasse, a colheita começou, aumentando o número de tarefas para Kunta e os outros. Enquanto os outros pretos, inclusive Bell, estavam ocupados com o trabalho mais pesado nos campos, Kunta devia cuidar das galinhas, das vacas e dos porcos, além do jardim e horta. E no auge da colheita de algodão, ele guiava a carroça para os campos. Exceto por ter de dar comida aos repugnantes porcos, Kunta não se importava com o trabalho extra, pois fazia com que se sentisse um pouco menos aleijado. Mas agora raramente voltava à sua cabana antes do escurecer. E muitas vezes estava tão cansado que até deixava de comer.

Tirando apenas o chapéu de palha esfiapado e os sapatos, para aliviar a dor no meio pé, ele se estendia no colchão de palha de milho, puxando a colcha de aniagem recheada com algodão até o queixo. Um instante depois já tinha caído num sono profundo, as roupas ainda úmidas de suor.

As carroças voltavam dos campos carregadas de algodão, depois com espigas de milho. As folhas de tabaco foram postas para secar. Os porcos foram mortos e retalhados, pendurados por cima de brasas para assar. Já estava começando a ficar frio quando todos na plantação se prepararam para a “dança da colheita”, um acontecimento tão importante que até mesmo o massa estaria presente. Tamanha era a excitação geral que Kunta, ao descobrir que a festa nada tinha a ver com o Alá daqueles pretos, resolveu comparecer... mas apenas para assistir.

Quando finalmente se aproximou, a festa já ia a meio. O violinista, cujos dedos estavam novamente ágeis, passava o estranho bastão sobre as cordas do instrumento, de um lado para outro, enquanto um homem marcava o ritmo com dois ossos de boi. Foi nesse momento que alguém gritou:

— Cakewalk!

Os dançarinos começaram a desfilar diante do violinista executando os passos mais intrincados.

As mulheres puseram o pé no joelho do parceiro respectivo, que amarrou o cordão do sapato. O violinista gritou então:

— Trocar de par!

Todos trocaram e ele pôs-se a tocar freneticamente. Kunta percebeu que os movimentos dos dançarinos imitavam o plantio das colheitas, o cortar de lenha, o colher de algodão, o movimento das foices, o arrancar das espigas de milho, o lançar do feno nas carroças como forçado. Era tudo tão parecido com o festival da colheita de Juffure que o pé inteiro de Kunta logo estava batendo no chão, acompanhando o ritmo... até que ele percebeu o que estava fazendo e parou imediatamente, olhando ao redor, embaraçado, para verificar se alguém notara.

Mas ninguém tinha notado. Naquele exato momento, todos estavam concentrados

numa moça esguia, do quarto kafo, que pulava e girava, parecendo leve como uma pena, a sacudir a cabeça, revirar os olhos, os braços se movendo incessantemente. Os outros dançarinos, exaustos, começaram a se afastar para os lados, a fim de recuperar o fôlego e observar. Nem mesmo o parceiro da moça conseguia acompanhar o ritmo vertiginoso dela.

Quando ele finalmente se afastou para o lado, ofegante, todos o aclamaram. A moça finalmente também parou de dançar, sob os gritos delirantes dos espectadores. E os gritos se tornaram ainda mais altos quando Massa Waller recompensou a moça com um prêmio de meio dólar. E sorrindo para o violinista, que também sorriu e fez uma reverência, o massa se retirou, por entre as aclamações de todos os pretos. Mas a festa ainda não terminara. Os outros dançarinos, já refeitos, recomeçaram a dançar, dando a impressão de que continuariam pela noite inteira.

Kunta estava deitado em sua cabana, pensando no que vira e ouvira, quando alguém bateu inesperadamente na porta.

— Quem é? — perguntou ele, espantado, pois apenas duas pessoas haviam ido à sua cabana, desde que ali chegara.

— Abra logo essa porcaria, negro!

Kunta abriu a porta, pois tinha reconhecido a voz do violinista. Sentiu imediatamente o bafo de álcool. Embora ficasse repugnado, Kunta não disse coisa alguma, pois percebeu que o violinista estava louco de vontade de falar. Seria uma maldade repeli-lo, só porque ele estava embriagado.

— Viu só a cara do massa? — disse o violinista. — Ele não sabia que eu podia tocar tão bem assim! Vai ver só como ele vai agora arrumar para os brancos me ouvirem tocar e depois me pagar algum dinheiro!

Delirando de tanta felicidade, o violinista sentou-se no banco de três pernas de Kunta, como violino no colo.

— Eu sou o segundo melhor violino destas bandas! Já ouviu falar de Sy Gilliat de Richmond? — Hesitou por um momento, antes de continuar: — Mas é claro que nunca ouviu! Pois ele é o negro escravo que melhor toca violino no mundo inteiro! E eu toquei violino com ele! Ele só toca nas festas importantes dos brancos, como o Baile da Corrida de Cavalos, que se realiza uma vez por ano, e outras coisas assim! Devia só ver ele, com o violino pintado de dourado, vestido como as gentes da Corte, até mesmo com uma peruca parda! E que maneiras, meu Senhor! E tinha também um negro chamado London Brigg tocando flauta e clarinete junto coma gente. Ah, os minuets, as jigas, os congos e não sei mais quantas outras danças! Ah, como a gente fez os brancos dançar!

O violinista continuou a falar assim por mais uma hora, até que os efeitos do álcool começassem a se dissipar, contando a Kunta histórias sobre os famosos negros cantores que trabalhavam nas fábricas de tabaco da Virgínia. Falou de conhecidos escravos músicos, que tocavam o “cravo”, “piano” e “vidino”, o que quer que tais coisas significassem. Tinham aprendido a tocar ouvindo os músicos toubobs que vinham de um lugar chamado Europa, contratados para ensinar música aos filhos dos massas das plantações.

Na manhã seguinte, muito fria, os pretos iniciavam novas tarefas. Kunta viu as mulheres misturarem sebo derretido com barreira e água, fervendo e mexendo. A mistura grossa e marrom era posta para secar em bandejas de madeira, durante quatro noites e três dias, antes de ser cortada em sabões retangulares. Kunta sentiu-se enojado ao ver alguns homens fermentando maçãs, pêssegos e caquis, fazendo uma coisa de cheiro horrível a que davam o nome de “aguardente” e que punham em garrafas e barris. Outros misturavam argila vermelha, água e pelos de porco secos, fazendo a massa para tapar as rachaduras que

tinham aparecido nas cabanas. As mulheres enchiam colchões com palha de milho. Algumas metiam também musgo seco. Um novo colchão foi feito para o massa, cheio de penas de ganso.

O escravo que trabalhava com madeira construiu novas tinas, nas quais se punham de molho, em água com sabão, as roupas sujas, antes de serem fervidas e colocadas em cima de uma tora de madeira, para serem batidas com um pau. O homem que trabalhava com couro, fazendo arreios e sapatos, estava agora ocupado curtindo as peles dos bois abatidos. E as mulheres tingiam de cores diferentes as peças de algodão que o massa comprara para que fizessem roupas. E exatamente como acontecia em Juffure, todas as trepadeiras, arbustos e cercas próximas estavam com panos pendurados, vermelhos, amarelos e azuis, secando.

A cada dia que passava, o ar foi ficando mais e mais frio, o céu mais e mais cinzento, até que o solo ficou novamente coberto de neve e gelo, algo que Kunta achava extremamente desagradável, ao mesmo tempo que extraordinário. E não se passou muito tempo para que os outros pretos comessem a falar, muito excitados, sobre o “Natal”. Kunta já tinha ouvido falar nisso antes.

Parecia ter algo a ver com cantos, danças, muita comida, dar e receber presentes, o que era ótimo. Mas parecia também que era uma festa relacionada com o Alá deles. Por isso, embora agora apreciasse intensamente as reuniões em torno do violinista, Kunta decidiu ficar sozinho em sua cabana, pelo menos até que aquelas festividades pagãs tivessem terminado. Ele nem mesmo foi visitar o violinista, que o fitou com uma expressão de curiosidade na próxima vez em que se encontraram, mas não fez qualquer comentário.

Outra estação da primavera rapidamente chegou. Ajoelhado entre os canteiros, plantando as sementes, Kunta recordava-se de como os campos em torno de Juffure eram viçosos nesta época do ano. E recordava-se também do tempo em que era um menino do segundo kafo e levava as cabras famintas para o pasto. Ali, naquela estranha terra dos toubobs, os meninos pretos se empenhavam em perseguir e apanhar os baaaing, que eram chamados de “carneiros”. E depois os meninos lutavam para decidir de quem era a vez de sentar na cabeça de um carneiro a se debater desesperadamente, enquanto um homem cortava o pelo espesso e sujo com uma tesoura. O violinista explicou a Kunta que a lã dos carneiros era levada para algum lugar, onde a limpavam e a “cardavam”. A lã era então devolvida à fazenda, onde as mulheres a fiavam em novelos, a fim de prepararem as roupas de inverno.

Cuidar do jardim e da horta era um trabalho estafante e Kunta se empenhava do amanhecer ao anoitecer, os dias se sucedendo interminavelmente. Em meados do mês a que eles chamavam de “julho”, os que trabalhavam nos campos voltavam para suas cabanas sempre exaustos, já escuro, depois de passarem o dia inteiro tirando o mato em torno dos algodoeiros que batiam na cintura e dos pés de milho comumpendão dourado. O trabalho era árduo, mas pelo menos havia o bastante para se comer, pois as despensas haviam ficado abarrotadas no outono anterior. Nessa mesma época, em Juffure, pensava Kunta, os estômagos das pessoas doíam de fome e só se comia uma sopa rala, feita de raízes, insetos, qualquer coisa comestível que se conseguisse encontrar, pois as colheitas e os frutos deliciosos ainda não estavam maduros.

Kunta soube que a “limpeza” tinha de acabar antes do segundo “domingo” de julho, quando os pretos da maioria das plantações da quela região, que era chamada de “Condado Spotsylvania”, teriam permissão para ir até um determinado lugar, para uma espécie de “reunião”. Desde que tal encontro, para o que quer que fosse, estava relacionado com o Alá

deles, ninguém sequer sugeriu a Kunta que acompanhasse os vinte e tantos pretos que partiram muito cedo na manhã de domingo, amontoados numa carroça, com a permissão de Massa Waller.

Nos dias que se seguiram, quase todos os outros partiram também. Bem poucos ficaram e ninguém teria percebido se Kunta tivesse fugido novamente. Mas Kunta sabia que, apesar de ter aprendido a caminhar rapidamente e haver descoberto uma porção de coisas úteis, não conseguiria ir muito longe antes que algum caçador de escravos o capturasse. Embora se envergonhasse de admiti-lo, começara a preferir a vida que podia ter naquela plantação à certeza de que seria capturado e provavelmente morto, se tentasse escapar mais uma vez. No fundo, ele sabia que nunca mais tornaria a ver sua terra e sentia algo precioso e irrecuperável a morrer dentro de si. Mas a esperança continuava viva. Podia nunca mais tornar a ver sua família, mas era possível que um dia pudesse constituir a sua própria família.



Outro ano se passou, tão depressa que Kunta mal pôde acreditar. As pedras na cabaça disseram— lhe que já estava com 20 chuvas. Estava novamente frio e o “Natal” mais uma vez se aproximava.

Embora continuasse a sentir a mesma coisa em relação ao Alá daqueles pretos, Kunta achou que eles estavam-se divertindo tanto que seu próprio Alá não faria qualquer objeção a que simplesmente observasse as atividades, durante aquele período festivo.

Dois dos homens, tendo recebido passes para viajarem durante uma semana, concedidos por Massa Waller, estavam arrumando suas coisas para ir visitar as respectivas mulheres, que viviam em outras plantações. Um dos homens ia ver seu bebê recém-nascido pela primeira vez. Em todas as cabanas, com exceção da de Kunta e a desses dois homens, os preparativos para a festa se faziam com entusiasmo, as roupas sendo enfeitadas com rendas e contas, pegando-se castanhas e maçãs nos depósitos.

Na casa grande, todos os caldeirões e panelas de Bell estavam sendo utilizados, cozinhando inhame e coelho, porcos eram assados. Havia diversos pratos com animais de que Kunta nunca ouvira falar até chegar àquela terra, como peru, guaxinim, gambá e outros. Embora hesitasse a princípio, os aromas suculentos que se irradiavam da cozinha acabaram persuadindo Kunta a experimentar de tudo... exceto porco, é claro. Também não se interessou em experimentar as bebidas alcoólicas que Massa Waller prometera aos pretos: dois barris de cidra, um de vinho e um barrilete de uísque, que ele trouxera de algum lugar em sua charrete.

Kunta descobriu que uma parte dessa bebida estava sendo consumida de antemão, especialmente pelo violinista. Enquanto os bebedores faziam trejeitos e caretas, as crianças pretas corriam de um lado para outro com bexigas de porco secas presas na ponta de varas, chegando cada vez mais perto do fogo, até que elas estouravam com um estampido, provocando gritos e risadas. Kunta achou que era uma cena de inacreditável estupidez e repugnante.

Quando o dia finalmente chegou, todos se puseram a beber e a comer fartamente. Da porta de sua cabana, Kunta ficou observando os convidados de Massa Waller chegarem para o banquete na metade do dia. Depois, os escravos se reuniram diante da casa grande e começaram a cantar, liderados por Bell. O massa levantou a janela, sorrindo, e saiu logo em seguida com os outros brancos. Ficaram escutando, por um longo tempo, dando a impressão de que estavam extasiados. Terminado o canto, o massa mandou Bell chamar o violinista para tocar.

Kunta podia compreender que eles fizessem o que lhes era mandado. Mas por que tinham de dar a impressão de que estavam gostando? E se os brancos gostavam tanto dos escravos a ponto de lhes dar presentes, por que não os faziam realmente felizes, dando-lhes o maior de todos os presentes, a liberdade? Mas Kunta tinha dúvidas se algum daqueles pretos, mais parecendo animais domésticos, seriam capazes de sobreviver sozinhos, sem

ninguém a tomar conta deles, como ele conseguiria.

Kunta aproveitava todas as oportunidades que apareciam para fazer ao violinista as perguntas que o atormentavam, sempre de forma indireta. Mais duas pedrinhas tinham sido jogadas na cabaça de contagem do tempo quando ele foi à cabana do violinista, numa tarde tranquila de domingo, em que ninguém estava trabalhando. O violinista estava estranhamente quieto.

Após os cumprimentos, ficamos dois em silêncio por um longo tempo. Depois, só para puxar conversa, Kunta comentou que tinha ouvido o cocheiro do massa, Luther, dizer que os brancos estavam agora falando senpre em “taxas”. O que eram taxas?

— Taxas é um dinheiro a mais que os brancos têm de pagar em quase tudo o que compram — explicou o violinista. — O rei do outro lado das águas cobra taxas sobre tudo, para ficar mais rico.

O violinista nunca era tão lacônico assim e por isso Kunta calculou que ele estava de mau humor. Desanimado, ficou em silêncio por mais algum tempo, antes de fazer a pergunta que realmente queria:

— Onde você vivia antes de vir para cá?

O violinista fitou-o em silêncio, por um longo momento de tensão. Depois, voltou a falar, a voz fria:

— Sei que tudo que é negro daqui está pensando coisas a meu respeito. Nunca disse nada a ninguém. Mas você é diferente. — Fez uma pausa, lançando um olhar furioso para Kunta. — E sabe por que é diferente? Porque você não sabe de nada! Foi trazido para cá à força e cortaram seu pé e por isso pensa que sabe de tudo o que há para saber! Mas não foi o único que se deu mal! — Outra pausa. A voz do violinista era cada vez mais furiosa. — Se algum dia contar para alguém o que eu vou falar, juro que penduro você pelos pés!

— Não vou contar nada!

O violinista inclinou-se para a frente e falou baixinho, como se receasse que alguém mais pudesse escutá-lo:

— O massa que eu tinha na Carolina do Norte morreu afogado. Ninguém descobriu como foi. Eu fugi na mesma noite. Ele não tinha esposa nem filhos para reclamarem a minha propriedade. Escondi-me com os índios, até que achei que já era seguro vir embora. E vim aqui para a Virgínia para tocar violino.

— O que é “Virgínia”?

— Homem, você não sabe de nada, não é mesmo? Virgínia é a colônia em que você está vivendo, se é que chama a isso de viver.

— O que é uma colônia?

— Você é mais estúpido do que parece. Existem 13 colônias que formam este lugar. Ao sul daqui há as Carolinas e lá no norte ficam Maryland, Pensilvânia, Nova York e uma porção de outras. Nunca estive lá no norte e dizem que quase não há negros por lá. Parece que os brancos de lá não gostam da escravidão e libertam todos os negros que aparecem. Em mesmo sou um negro meio livre. Mas tenho que ficar ligado a um massa para o caso de os patrulheiros me agarrarem.

Kunta não tinha entendido, mas comportou-se como se tivesse, pois não queria ser novamente insultado.

— Já viu os índios?

Kunta hesitou por um momento, antes de responder:

— Vi alguns.

— Eles estavam aqui antes de os brancos chegarem. Os brancos dizem que foi um

deles, um homem chamado Colombo, quem descobriu este lugar. Mas se ele encontrou os índios aqui, então não descobriu coisa nenhuma, não é mesmo? — O violinista fez uma nova pausa. Estava começando a se entusiasmar pelo assunto. — Os brancos acham que quem já estava num lugar antes deles não conta. Dizem que não passam de selvagens.

O violinista fez mais uma pausa, a fim de observar a reação de Kunta às suas palavras.

— Já viu as tendas dos índios?

Kunta sacudiu a cabeça. O violinista pegou um pedaço de pano e passou em torno de três dedos esticados.

— Os dedos são estacas e o pano são peles. Eles vivem dentro disso. — Sorrindo, o violinista acrescentou: — Como veio da África, pensa que provavelmente sabe tudo sobre caçar e coisas assim Mas ninguém caça e viaja como os índios. Sempre que um índio vai a algum lugar, faz um mapa do caminho na cabeça. As mulheres índias, que eles chamam de squaws, carregam os bebês nas costas, como me disseram que também se faz na África.

Kunta ficou espantado ao descobrir que o violinista sabia daquilo e deixou transparecer sua surpresa. O violinista sorriu novamente e continuou a aula:

— Alguns índios odeiam os negros, outros gostam da gente. Os negros e a terra são os grandes problemas que os índios têm com os brancos. Os brancos querem todas as terras dos índios e odeiam os índios que escondem negros!

Os olhos do violinista examinaram atentamente a expressão de Kunta, antes de continuar:

— Todos vocês, africanos e índios, cometeram o mesmo erro, deixando os brancos entrarem no lugar onde viviam. Ofereceram comida e um lugar para dormir. E quando descobriram, os brancos estavam expulsando vocês da terra ou acorrentando todo mundo!

O violinista fez outra pausa, antes de explodir inesperadamente:

— Não sei por que perco meu tempo com negros africanos como você! Já conheci uns cinco ou seis como você. Vivem pensando que os negros daqui deviam ser como vocês! Mas como é que poderíamos saber alguma coisa sobre a África? Nunca estivemos lá e nunca iremos para lá!

E com um olhar irritado para Kunta, o violinista voltou a ficar em' silêncio. Com receio de provocar outra explosão, Kunta foi embora dali a pouco, sem dizer mais nada. Estava abalado com tudo o que o violinista lhe dissera. Mais tarde, em sua cabana, quanto mais pensava a respeito, mais satisfeito ficava. O violinista tirara a máscara. Isso significava que estava começando a confiar em Kunta. Pela primeira vez, em seu relacionamento com as pessoas desde que fora roubado de Juffure, há três chuvas, Kunta estava realmente começando a conhecer alguém



Nos dias seguintes, enquanto trabalhava, Kunta pensou muitas vezes em quanto tempo demorara a descobrir que sabia muito pouco a respeito do violinista e que havia muito mais a aprender, como nunca imaginara. E pensou também que o velho jardineiro, a quem ia visitar de vez em quando, também usava uma máscara em sua presença. Ocorreu-lhe que tanto o velho jardineiro quanto Bell começavam às vezes a dizer-lhe ou insinuar alguma coisa, mas jamais terminavam. Ambos eram de fato cautelosos com todo mundo, mas pareciam especialmente cautelosos com ele. Tomou a decisão de conhecê-los melhor. Na visita seguinte ao velho jardineiro, Kunta perguntou-lhe, à maneira indireta dos mandingas, algo a respeito do que o violinista dissera. Kunta disse que ouvira falar a respeito dos “patrulheiros”, mas não sabia quem ou o que eram.

— São os brancos pobres que nunca possuíram um negro em suas vidas! — explicou o velho jardineiro, veementemente. — Uma velha lei da Virgínia diz para patrulhar as estradas ou qualquer outro lugar onde haja negros e açoitá-los e prender o negro que for apanhado sem um passe escrito pelo massa. E os brancos pobres é que são contratados para fazer isso. Eles adoram agarrar e açoitá-los os negros dos outros, porque não têm negro nenhum. Sabe o que há por trás disso? É que todos os brancos morrem de medo de um negro à solta começar a planejar uma revolta. Para dizer a verdade, não há nada que os patrulheiros mais gostem do que dizer que um negro é suspeito, tirar as roupas dele na frente da esposa e dos filhos e espancar o negro até ele ficar em carne viva.

Percebendo o interesse de Kunta e satisfeito com a visita dele, o velho jardineiro resolveu se aprofundar:

— O massa que nós temos não concorda com essas coisas. É por isso que ele não tem nenhum capataz. Diz que não quer ninguém surrando os negros dele. Diz que seus negros podem tomar conta de si mesmos, fazer o trabalho que eles sabem fazer e respeitar todas as regras dele. Ele jura que nenhum negro daqui vai quebrar as regras dele.

Kunta ficou imaginando quais seriam essas regras. Mas não chegou a perguntar, porque o velho jardineiro continuou a falar:

— E o massa é assim porque a família dele já era rica antes de chegar aqui, vindo de um lugar chamado Inglaterra, do outro lado da água. Os Wallers sempre foram o que a maioria dos massas procura mostrar que é. Quase todos esses massas eram caçadores de gambás, que arrumaram um pedaço de terra e puseram um ou dois negros a trabalhar para eles até a morte. Foi assim que eles foram enriquecendo. Não são muitas as plantações que têm uma porção de escravos. A maioria tem no máximo cinco ou seis negros. Os vinte que têm aqui fazem essa plantação um bocado grande.

Kunta interrompeu-o abruptamente para perguntar:

— Você é muito velho?

— Sou mais velho do que você ou qualquer outro pensa que eu sou. — O velho jardineiro ficou calado por um momento, como se estivesse recordando, antes de

acrescentar: — Cheguei a ouvir os índios gritando, na guerra deles contra os brancos, quando eu era criança. Mais um momento de silêncio. O velho, que estava de cabeça abaixada, levantou-a subitamente e fitou Kunta, começando a cantar:

Ahyah, tairumbam, boowah...

Kunta empertigou-se, atônito.

Kee lay zee day nic olay, man lun dee nic o lay ah wah nee...

O velho parou de cantar e sorriu.

— Minha mãe é que cantava isso. Disse que aprendeu com a mãe dela, que tinha vindo da África, assim como você. Pelas palavras, sabe de onde ela veio?

— Pelo som, parece que é da tribo serere. Mas não conheço as palavras. Havia gente que falava serere no barco que me trouxe.

O velho jardineiro olhou furtivamente ao redor.

— Não é bom ficar cantando essas coisas. Algum negro pode ouvir e contar ao massa. Os brancos não querem que os negros falem qualquer coisa em africano.

Kunta já estava prestes a dizer que o velho jardineiro era certamente um gambiano, de sangue jolof, por causa do nariz alto e dos lábios achatados, a pele mais escura que a da maioria das outras tribos de Gâmbia. Mas depois dessas palavras, decidiu que era melhor não falar a respeito de coisa assim. Mudou de assunto, indagando de onde o velho tinha vindo e como fora parar naquela plantação. O jardineiro levou algum tempo para responder:

— O negro que sofreu um bocado como eu acabou também aprendendo um bocado. — Fez uma pausa, olhando atentamente para Kunta, como se estivesse decidindo se deveria ou não continuar. — Já fui um homem forte. Mas me puseram para trabalhar e me espantaram tanto que fiquei assim. Foi quando meu antigo massa me deu a este massa para pagar uma conta. Agora sou um velho fraco e quero apenas descansar pelo resto de tempo que ainda me sobra na vida.

Os olhos dele contemplaram demoradamente o rosto de Kunta.

— Não sei por que estou dizendo essas coisas a você. Não estou realmente tão mal assim. Mas o massa não me vai vender enquanto pensar que eu estou muito ruim. Tenho visto você trabalhar. — Ele hesitou por um instante, antes de acrescentar tristemente: — Posso voltar ao trabalho e ajudar você um pouco, se quiser. Mas não muito. Já não sou mais tão bom quanto era.

Kunta agradeceu o oferecimento do velho jardineiro, mas disse-lhe que não havia necessidade, que podia cuidar de todo o serviço sozinho. Alguns minutos depois, pediu licença e voltou para sua cabana. Estava furioso consigo mesmo por não sentir maior compaixão pelo velho. Sentia pena por todos os sofrimentos que o velho aguentara, mas não podia deixar de sentir prevenção contra as pessoas que tinham acabado desistindo de lutar.

No dia seguinte, Kunta decidiu ver se conseguia fazer com que Bell também falasse alguma coisa. Como sabia que Massa Waller era o assunto predileto dela, perguntou por que ele não era casado.

— Ele se casou com Missis Priscilla no ano mesmo em que cheguei aqui. Ela era bonita como um beija-flor. E não era muito maior que um beija-flor. Foi por isso que ela morreu quando teve o primeiro bebê. Era uma menina, que morreu também. Foi o tempo mais terrível que alguém já viu por aqui. O massa nunca mais foi o mesmo. Só faz trabalhar, trabalhar e trabalhar. Parece até que está querendo se matar de tanto trabalhar. Não suporta ver ninguém doente ou machucado, e fica querendo logo ajudar. O massa ficou furioso com o que fizeram com seu pé e foi comprar você do próprio irmão dele, John. O

irmão disse que não tinha dado a ordem, que foram os brancos pobres que contratou para pegarem você. E eles disseram que você tinha tentado matar eles.

Kunta ficou escutando, compreendendo que, assim como estava começando a descobrir as profundezas e dimensões individuais daqueles negros, percebia agora que os brancos também podiam ter sofrimentos humanos, embora a atitude deles, de um modo geral, jamais pudesse ser perdoada. Desejou saber falar bastante bem a língua dos brancos para poder dizer tudo isso a Bell... e para contar-lhe a história de Vovó Nyo Boto, do menino que tentara ajudar o crocodilo preso numa armadilha, e que invariavelmente terminava com as mesmas palavras: “Neste mundo, o pagamento pelo bem é muitas vezes o mal.”

Pensando em Juffure, Kunta recordou-se de uma coisa que há muito tempo vinha querendo dizer a Bell. Achou que aquele era um momento apropriado. Exceto pela cor parda, disse-lhe Kunta, orgulhosamente, ela quase que parecia uma linda mulher mandinga.

Kunta não teve que esperar muito pela reação de Bell a esse grande elogio:

— Mas que besteira é essa de que está falando? — disse Bell, visivelmente irritada. — Não sei por que os brancos continuam trazendo para cá negros da África como você!



Pouco antes do Natal, Massa Waller recebeu a visita de alguns parentes. O cocheiro preto deles foi comer alguma coisa na cozinha de Bell e aproveitou para dar-lhes as últimas notícias.

— Ouvi dizer que um negro lá da Geórgia, chamado George Leile, recebeu permissão dos brancos batistas para fazer pregação para os negros, no Rio Savannah. Ouvi dizer até que ele vai fundar uma igreja batista para os negros em Savannah. É a primeira vez que ouço falar de uma igreja para negros...

— Já ouvi falar de outra, em Petersburg, aqui mesmo na Virgínia — disse Bell. — Sabe de alguma coisa sobre as confusões dos brancos lá no Norte?

— Ouvi dizer que uma porção de brancos importantes se encontraram lá em Filadélfia. E eles chamaram o encontro de Primeiro Congresso Continental.

Bell disse que já tinha ouvido falar a respeito. Lera a notícia, com a maior dificuldade, na Gazette da Virgínia, comprada por Massa Waller. Ela partilhou a informação como velho jardineiro e como violinista. Eram os únicos que sabiam que Bell era capaz de ler alguma coisa. Conversando a respeito, tinham concordado que Kunta não deveria saber disso. É verdade que Kunta sabia ficar de boca fechada e era capaz de compreender as coisas e expressá-las inesperadamente bem, para alguém que viera da África. Mas os dois achavam que ele ainda não estava em condições de avaliar as graves consequências, se o massa sequer suspeitasse de que Bell sabia ler. Ela seria vendida no mesmo dia.

No início do ano seguinte, 1775, quase todas as notícias que chegavam à fazenda tinham alguma relação com os acontecimentos em Filadélfia. Pelo pouco que ouviu e pôde compreender, Kunta ficou convencido de que os brancos estavam-se encaminhando para uma grave crise com o rei do outro lado da grande água, no lugar chamado Inglaterra. O “Massacre de Boston” era prova disso. Falava-se muito de um certo Massa Patrick Henry, que teria declarado:

— Deem-me a liberdade ou a morte!

Kunta gostava disso, mas não podia entender como um branco era capaz de dizer tal coisa. Afinal, os brancos pareciam-lhe bastante livres.

Um mês depois, chegou a notícia de que dois brancos, William Dawes e Paul Revere, tinham corrido a cavalo para avisar a alguém que soldados do Rei estavam-se dirigindo para um lugar chamado “Concord”, a fim de destruírem rifles e munições ali guardados. E pouco depois chegou a notícia de que, numa encarniçada batalha num lugar chamado “Lexington”, os “milicianos” tinham perdido apenas um punhado de homens, enquanto matavam mais de 200 soldados do Rei. Dois dias depois, veio a notícia de que mais mil soldados do Rei tinham tombado numa sangrenta batalha num lugar chamado “Bunker Hill”.

— Os brancos lá na sede do condado estão rindo à toa, dizendo que os soldados do rei usam casacos vermelhos para ninguém ver o sangue — comentou Luther, um dia. — E ouvi

dizer que uma boa parte desse sangue foi derramado por negro lutando ao lado dos brancos.

E Luther acrescentou que, agora, em todo lugar onde ia, descobria que os massas da Virgínia estavam-se mostrando cada vez mais desconfiados de seus escravos, “até mesmo dos negros já velhos que trabalhava em suas casas há muito tempo!”

Saboreando intensamente sua nova importância entre os escravos, Luther voltou um dia de uma viagem, em junho, encontrando um público ansioso, à espera das últimas notícias.

— Um certo Massa George Washington está organizando um exército. Um negro me disse que ouviu dizer que ele tem uma plantação grande com uma porção de escravos.

Luther informou ainda que ouvira dizer que vários escravos da Nova Inglaterra tinham sido libertados, para ajudar a combater os casacos vermelhos do Rei.

— Eu já sabia que isso ia acontecer — exclamou o violinista. — Os negros foram chamados para lutar e para morrer na Guerra dos índios e nas lutas com os tais franceses. E depois que tudo terminou, os brancos voltaram a ser como antes, açoitando os negros por qualquer coisa!

— Talvez agora seja diferente — disse Luther. — Ouvi dizer que uns brancos que se chamam de quakers fundaram, uma Sociedade Antiescravagista lá em Filadélfia. Acho que existem alguns brancos que pensam que os negros não devem ser escravos.

— É o que eu também penso — rematou o violinista.

Bell frequentemente contribuía com muitas notícias, que davam a impressão de que discutia o problema com o próprio massa. Mas ela finalmente confessou que andava escutando as conversas pelo buraco da fechadura da porta da sala de jantar, sempre que o massa tinha convidados. Pouco antes, o massa ordenara-lhe que servisse o jantar e depois se retirasse, fechando a porta ao sair. E o próprio massa fora fechar a porta.

— E eu conheço o massa melhor do que a própria mãe dele — comentou Bell, indignada.

— E o que ele disse lá dentro depois que trancou a porta? — indagou o violinista, impaciente.

Esta noite ele disse que parece que não há condições de lutarem contra os ingleses. Disse que os ingleses vão mandar para cá uma porção de barcos carregados de soldados. E disse também que há mais de 200 mil escravos só aqui na Virgínia e que a maior preocupação deles devia ser a possibilidade de os ingleses jogarem pretos contra os brancos. O massa disse que ele é leal ao rei tanto quanto qualquer outro homem, mas que ninguém agüenta as taxas dele.

— O General Washington não está deixando mais eles porem negros no Exército — comentou Luther.

— Mas alguns negros livres lá do Norte estão alegando que também fazem parte deste país e por isso querem lutar.

— Eles não deviam fazer isso — disse o violinista. — Deviam deixar que só os brancos se matassem. Esses negros livres devem estar doidos.

Mas as notícias que chegaram duas semanas depois foram ainda mais sensacionais. Lord Dunmore, o governador real da Virgínia, tinha oferecido liberdade aos escravos que deixassem as plantações para servirem na esquadra inglesa, integrada por fragatas e barcos de pesca.

— O massa ficou furioso — comentou Bell. — O homem que foi jantar com ele falou em acorrentar e pôr na cadeia todos os negros que estiverem pensando em ir-se juntar aos

ingleses. Falou também em capturar e enforcar Lord Dunmore.

Kunta fora encarregado de dar água e forragem aos cavalos dos massas nervosos e suados que iam visitar Massa Walter. Kunta contou aos outros que alguns dos cavalos estavam tão suados que era evidente que tinham corrido por uma longa extensão. E acrescentou que alguns massas pareciam ainda mais exaustos que os cavalos. Um deles, contou Kunta, era John Walter, o irmão do massa, o homem que o comprara quando chegara na América, oito anos atrás. Kunta seria capaz de reconhecer aquele rosto odiado em quaisquer circunstâncias. Mas o homem jogara as rédeas do cavalo para Kunta, sem dar o menor sinal de tê-lo reconhecido.

— Não fique tão espantado assim — comentou o violinista. — Um massa como ele não costuma falar com um negro. Especialmente quando não se lembra de quemé esse negro.

Nas semanas seguintes, Bell soube, através de seu posto de escuta no buraco da fechadura, da fúria e apreensão do massa e dos visitantes pelas notícias de que milhares de escravos da Geórgia, Carolina do Sul e Virgínia estavam fugindo das plantações para se juntarem a Lord Dunmore. Alguns diziam que corriam rumores e que a maioria dos negros fugidos estava simplesmente seguindo para o Norte. Mas todos os brancos concordavam que era necessário providenciar mais cachorros, para perseguir os negros fugidos.

Um dia, Massa Waller chamou Bell à sala de visitas e leu-lhe duas vezes, bem devagar, uma notícia assinalada na Gazette de Virgínia. Ordenou a Bell que repetisse a notícia aos outros escravos e lhes mostrasse o jornal. Bell fez o que lhe era mandado e eles reagiram da mesma forma que ela: mais com raiva do que com medo. “Não fiquem tentados, Negros, a se desgraçarem... quer sejam ou não prejudicados se vocês nos abandonarem, podem estar certos de que vocês sofrerão muito mais.”

Antes de devolver o jornal, Bell leu diversas outras notícias, em sua cabana, entre as quais informações sobre revoltas de escravos, já ocorridas ou previstas. Mais tarde, o massa gritou com ela por não ter devolvido o jornal antes do jantar. Bell se desculpou, em lágrimas. Pouco depois, ela foi incumbida de transmitir outra notícia aos demais escravos: a Câmara dos Representantes da Virgínia tinha aprovado “a morte sem o benefício de julgamento a todos os negros ou outros escravos que conspirarem para se rebelar ou fazer insurreições”.

— O que significa isso? — indagou um dos pretos. O violinista encarregou-se de explicar:

— Significa que basta você se revoltar para os brancos matarem você na hora!

Luther trouxe mais informações. Alguns brancos conhecidos como tones e outros chamados “escoceses” estavam-se juntando aos ingleses.

— Ouvi dizer também que Lord Dunmore está destruindo as plantações junto do rio, queimando as casas-grandes e dizendo aos negros que são livres, se forem se juntar a ele.

Luther informou ainda que, em Yorktown e outras cidades, os pretos que eram surpreendidos nas ruas durante a noite eram açoitados e metidos na cadeia.

Foi no início de 1776 que Kunta e os outros souberam que um certo General Cornwallis chegara da Inglaterra com muitos barcos carregados de marinheiros e soldados. Tentara alcançar um lugar chamado “York River”, mas uma grande tempestade dispersara os barcos. Souberam em seguida que houvera um outro Congresso Continental, em que muitos massas da Virgínia tinham proposto a separação completa dos ingleses. Dois meses se passaram sem notícias de maior importância. Foi quando Luther voltou da sede do condado com a notícia de grande movimentação, depois de uma nova reunião dos massas, realizada a 4 de julho.

— Todos os brancos que eu vi estão-se preparando para lutar! Só sabem falar numa tal

Declaração de Independência. Ouvi eles dizerem que Massa John Hancock escreveu seu nome com letras tão grandes que o rei não vai precisar de se esforçar para ler.

Pouco depois, Luther voltou de outra viagem com o relato sensacional de uma grande batalha travada ali mesmo na Virgínia, com escravos lutando dos dois lados. Em meio aos tiros de centenas de casacos vermelhos e fones”, juntamente com um grupo de condenados e pretos, uma pequena força de “coloniais” e seus pretos fora obrigada a baterem retirada por uma ponte. Um escravo soldado chamado Billy Flora tinha arrancado e jogado longe uma porção de tábuas da ponte, impedindo o avanço das forças inglesas e conseguindo assim salvar as tropas “coloniais”.

— Destruíu uma ponte? — comentou o jardineiro. — Devia ser um negro um bocado forte!

Quando os franceses entraram na guerra, do lado dos colonos, em 1778, Bell informou que um Estado depois do outro estava autorizando o alistamento de escravos, com a promessa de libertação, depois que a guerra fosse vencida.

— Agora só tem dois Estados que dizem que nunca vão deixar os negros lutarem, a Carolina do Sul e a Geórgia.

— É a única coisa boa que já ouvi falar a respeito desses dois Estados! — comentou o violinista.

Por mais que odiasse a escravidão, Kunta achava que de nada adiantaria os brancos entregarem armas aos pretos. Em primeiro lugar, porque os brancos sempre teriam mais armas do que os pretos. Assim, qualquer tentativa de revolta acabaria inevitavelmente em derrota. E ele se recordou de que, na África, os toubobs haviam fornecido armas e munição aos chefes e reis mais perversos, até que pretos estavam lutando contra pretos, aldeia contra aldeia. Os vencidos eram acorrentados e vendidos como escravos por sua própria gente.

Bell ouviu o massa dizer que cerca de cinco mil pretos, tanto livres como escravos, estavam participando dos combates. Luther regularmente trazia notícias de pretos lutando e morrendo ao lado de seus massas. Luther também contou que existiam companhias só de pretos “lá no Norte”. Havia até mesmo um batalhão só de pretos, conhecido como “Os Negros da América”.

— Até mesmo o coronel deles é um negro — disse Luther. — O nome dele é Middleton. — Lançou um olhar malicioso para o violinista, antes de acrescentar — Aposto que não consegue adivinhar o que ele é!

— Como assim?

— Ele é também um violinista!

Luther pôs-se então a cantarolar uma música que aprendera na sede do condado. O ritmo era contagiante e a letra fácil de se decorar e logo outros estavam cantando também, enquanto alguns batiam o compasso com pedaços de pau. Yankee Doodle carne to town, ridin’ on a pony... E quando o violinista começou a tocar, todos os escravos se puseram a dançar e bater palmas.

Em maio de 1781 chegou a notícia estarrecedora de que os casacos vermelhos haviam destruído a plantação de Massa Thomas Jefferson, que tinha o nome de Monticello. As colheitas haviam sido destruídas, o celeiro queimado, o gado dispersado, todos os cavalos e cerca de 30 escravos capturados.

— Os brancos estão dizendo que precisam salvar a Virgínia a qualquer custo.

Pouco depois, Luther comunicou que os brancos estavam na maior alegria, porque o exército do General Washington estava a caminho da Virgínia.

— E tem uma porção de negros no exército dele!

Outubro trouxe a notícia de que as forças combinadas de Washington e Lafayette haviam atacado Yorktown, onde estava o general inglês Cornwallis. E chegaram também notícias de outras batalhas encarniçadas, na Virgínia, Nova York, Carolina do Norte e Maryland. Na terceira semana de outubro, chegou a notícia que fez até mesmo os escravos gritarem:

— Cornwallis se rendeu! A guerra acabou! A liberdade venceu!

Luther mal tinha tempo de dormir entre as diversas viagens. O massa estava novamente sorrindo... pela primeira vez em muitos anos, informou Bell.

— Os negros estão gritando tão alto quanto os brancos em todos os lugares em que estive — disse Luther.

Ele acrescentou que os escravos aclamavam especialmente o seu herói, “O1 d Billy” Flora, que fora recentemente dispensado do exército e voltara para Norfolk, levando seu fiel mosquete.

Não muito tempo depois, Bell convocou todos os pretos para dar uma notícia:

— Venham todos até aqui! O massa acaba de me dizer que eles escolheram Filadélfia para ser a capital dos Estados Unidos!

Mais tarde, Luther trouxe outra informação:

— Massa Jefferson acaba de fazer a Lei de Alforria. Diz que os massas têm o direito de libertar os negros. Mas eu soube que os quacres, os brancos contra a escravidão e os negros libertos lá do Norte estão reclamando porque a Lei diz que os massas não são obrigados a libertar os escravos, a menos que queiram.

Quando o General Washington licenciou as tropas, no início de novembro de 1783, terminando oficialmente o que muitas pessoas já começavam a chamar de “A Guerra dos Sete Anos”, Bell informou a todo mundo na senzala:

— O massa disse que agora vai haver paz. Mas o violinista comentou, amargamente:

— Não vai haver paz nunca, porque a coisa que os brancos mais gostam é matar. — Olhou rapidamente para os rostos ansiosos a seu redor e acrescentou: — Guardem bem o que vou dizer: as coisas não vão ficar melhores para os negros como nós.

Naquela noite, sozinho em sua cabana, Kunta passou horas a separar em pilhas de 12 as pedrinhas coloridas que continuara a jogar na cabaça, a cada nova lua. Ficou espantado ao descobrir o que as pedrinhas tinham a lhe dizer. Já estava com 34 chuvas! O que acontecera, em nome de Alá, com sua vida? Já estava na terra dos homens brancos há tanto tempo quanto vivera em Juffure. Ainda era um africano ou será que já se tornara um “negro”, como os outros se chamavam? Será que ainda era um homem? Estava com a mesma idade que o pai quando o vira pela última vez. Apesar disso, ainda não tinha filhos, não tinha esposa, não tinha família, não tinha aldeia, não tinha povo, não tinha pátria. O próprio passado já não lhe parecia real e não existia futuro algum, ao que pudesse ver. Era como se Gâmbia tivesse sido um sonho que lhe acontecera há muito tempo.



Kunta não teve muito tempo para meditar a respeito do futuro, pois alguns dias depois houve um incidente que provocou a maior confusão na plantação. Uma escrava fugida, que trabalhava na casa, informou Bell aos outros pretos, depois que o xerife chegara e se trancara com o massa para uma conversa, confessara sob açoites que sua rota de fuga fora indicada pelo próprio cocheiro do massa, Luther. Massa Waller vendeu Luther imediatamente.

Todos estavam começando a discutir quem seria o novo cocheiro quando Bell procurou Kunta uma noite e disse-lhe que o massa desejava falar-lhe imediatamente. Embora desconfiasse do motivo de sua convocação, Kunta estava com algum medo, pois nunca antes falara com o massa nem se aventurara na casa grande além da cozinha de Bell, nos 16 anos que estava na plantação.

Bell levou-o da cozinha para um corredor e Kunta arregalou os olhos ao ver o assoalho reluzente e as paredes altas forradas de papel. Bell bateu numa porta imensa, toda trabalhada. E Kunta ouviu o massa dizer:

— Entre!

Uma vez lá dentro, Kunta mal pôde acreditar no tamanho da sala. Parecia tão grande quanto o interior do celeiro. O assoalho de carvalho encerado estava coberto de tapetes e nas paredes havia quadros e tapeçarias. Os móveis escuros eram lustrosos e havia muitos livros nas prateleiras. Massa Waller estava sentado atrás de uma escrivaninha, lendo um livro à luz de um lampião a óleo, com um vidro circular esverdeado. Ele marcou o livro com um dedo depois de um momento e levantou o rosto para fitar Kunta.

— Toby, estou precisando de um cocheiro para a minha charrete. Você se tornou um homem aqui e creio que é leal. — Os olhos azuis pareciam penetrar fundo em Kunta. — Bell me disse que você nunca bebe. E isso me agrada. Tenho notado também a maneira como se comporta.

Massa Waller fez uma pausa. Bell lançou um olhar rápido para Kunta, que se apressou em dizer:

— Sim, Massa.

— Sabe o que aconteceu com Luther, Toby?

— Sim, Massa.

Os olhos do massa se estreitaram, a voz tornou-se fria e incisiva.

— Eu venderia você sem a menor hesitação. E venderia Bell também, se os dois não tiverem juízo.

Os dois ficaram calados. O massa tornou a abrir o livro.

— Você vai começar no novo serviço amanhã mesmo. Tenho de ir a Newport. Eu lhe mostrarei o caminho, até que aprenda. — Virou-se para Bell e acrescentou: — Arrume as roupas adequadas para ele. E diga ao violinista que ele irá substituir Toby no jardim.

— Sim, Massa.

Bell e Kunta se retiraram. Ela providenciou as roupas, mas foram o violinista e o velho jardineiro que supervisionaram Kunta quando ele vestiu, na manhã seguinte, a calça de lona engomada e passada e a camisa de algodão. Kunta achou que as roupas até que não ficaram mal, mas sentiu-se ridículo coma fita preta que os dois ajudaram-no a ajeitar em torno do pescoço.

— Newport não é muito longe, fica logo depois do Condado de Spotsylvania — informou o jardineiro. — É o lugar onde tem uma porção de casas da família Waller.

O violinista, que a esta altura estava já informado de suas novas funções, deu uma volta em torno de Kunta, com uma expressão que revelava ao mesmo tempo prazer e inveja.

— Você é agora um negro especial. Só não pode deixar que isso suba a sua cabeça.

Era um conselho desnecessário para alguém que, depois de tantos anos, ainda achava que não havia a menor dignidade em qualquer coisa que se fizesse para o homem branco. Mas qualquer que fosse o entusiasmo que Kunta pudesse sentir pela perspectiva de alargar seus horizontes, como os tios Jannehe Saloum tinham feito, logo o perdeu por completo, na intensidade de suas novas funções.

Chamado por seus pacientes a qualquer hora do dia ou da noite, Massa Waller arrancava Kunta às pressas de sua cabana, para atrelar os cavalos e se lançar a viagens a toda velocidade, a casas a quilômetros da plantação, por estradas estreitas e sinuosas, quase sempre esburacadas. Passando aos solavancos sobre os buracos, chicoteando os cavalos até deixá-los sem fôlego, com Massa Waller segurando-se no assento traseiro coberto, Kunta demonstrava uma habilidade excepcional nas rédeas, sempre chegando com segurança ao destino, mesmo no degelo da primavera, quando as estradas transformavam-se em traiçoeiros rios de lama.

Certa manhã, bem cedo, o irmão John do massa apareceu a galope na plantação, para informar de que a esposa já entrara em trabalho de parto, embora ainda faltassem dois meses para a época prevista para o nascimento. O cavalo de Massa John estava exausto demais para voltar sem descanso. Assim, Kunta levou a ambos na charrete, mal conseguindo chegar a tempo. Kunta ainda estava dando água a seus cavalos quando ouviu os gritos estridentes de uma criança recém-nascida.

Era uma menina de dois quilos e 200 gramas. Na volta para casa, Massa Waller disse a Kunta que iam dar-lhe o nome de Anne.

Nesse mesmo verão e outono houve uma epidemia de febre amarela, com vítimas por todo o condado. Massa Waller e Kunta não pararam um só instante e acabaram ficando também doentes.

Mas continuaram sem parar, graças a doses maciças de quinino, salvando mais vidas do que perderam. Para Kunta, a vida durante esse período foi uma sucessão vertiginosa de incontáveis cozinhas de casa grande, cochilos em cabanas estranhas ou pilhas de feno, horas intermináveis a esperar na charrete diante de casas e cabanas, escutando os mesmos gritos de dor, para depois levar o massa de volta à plantação... ou ao próximo paciente.

Mas Massa Waller nem sempre viajava para atender a chamados urgentes, durante epidemias. Havia semanas inteiras em que não ocorria qualquer emergência e Massa Waller aproveitava para visitar parentes e amigos, em plantações nas proximidades. Nessas ocasiões, especialmente na primavera e verão, quando as campinas estavam em flor e viam-se framboesas e amoras por toda parte, a charrete rodava tranquilamente pelas estradas, puxada pelo par de cavalos baios. Massa Waller, vez por outra, cochilava sob o toldo preto que o protegia do sol. Por toda parte havia perdizes, cardeais vermelhos e cotovias. De vez

em quando havia uma cobra tomando sol na estrada, afastando-se rapidamente à aproximação da charrete. Ou então era um urubu que alçava voo, deixando o coelho morto que estava devorando. Mas a vista predileta de Kunta era um velho carvalho ou cedro solitário, isolado no meio de uma campina. Isso sempre o fazia pensar nos baobás da África e recordar o que os anciãos diziam: sempre que se avistava um baobá assim isolado, podia-se ter certeza de que ali existira outrora uma aldeia. Ao ver uma árvore dessas, Kunta jamais deixava de pensar em Juffure.

Em suas visitas sociais, o massa quase sempre ia visitar os parentes em Enfield, uma plantação que ficava entre os condados de King William King and Queen. Para chegar à casa grande, a charrete passava por um caminho entre árvores imensas, indo parar sob uma nogueira frondosa, no gramado que se estendia diante da porta da frente. A casa, que era muito maior e de aparência mais suntuosa do que a do massa, ficava sobre uma pequena elevação, ao lado de um riacho estreito e preguiçoso.

Durante os primeiros meses de Kunta como cocheiro, as cozinheiras das diversas plantações em cujas cozinhas ele comia, especialmente Hattie Mae, a gorda e presunçosa cozinheira de Enfield, olhavam-no com desconfiança, ciosa de seus domínios, como Bell também o era na casa de Massa Waller. Mas diante da dignidade e da reserva de Kunta, nenhuma ousava desafiá-lo diretamente. Kunta sempre comia tudo o que lhe serviam, menos carne de porco. Mas depois da sexta ou sétima visita de Kunta, elas se acabaram acostumando como jeito dele. Até mesmo a cozinheira de Enfield concluiu que Kunta era digno de conversar.

— Você sabe onde é que está? — perguntou ela um dia, abruptamente, enquanto Kunta comia.

Ele não respondeu, e Hattie Mae também não esperou por uma resposta.

— Esta foi a primeira casa dos Wallers nos Estados Unidos. Só os Wallers viveram aqui, durante 150 anos!

Ela informou em seguida de que Enfield era originalmente bem menor e acrescentou, orgulhosamente:

— Os tijolos da nossa lareira foram trazidos em barcos da Inglaterra!

Kunta limitou-se a sacudir a cabeça, polidamente, enquanto ela continuava a falar. Ele não se deixou impressionar.

De vez em quando, Massa Waller ia a Newport, o primeiro destino de Kunta como cocheiro. Parecia-lhe inacreditável que um ano inteiro já se tivesse passado desde então. Um tio e uma tia do massa viviam ali, numa casa que Kunta achava extremamente parecida com Enfield.

Kunta descobriu também que diversos primos do massa viviam em Prospect Hill, no Condado Spotsylvania. Como Enfield, a casa grande tinha também um andar e meio de altura. A cozinheira de Prospect Hill explicou a Kunta que assim era porque o rei cobrava um imposto extra sobre as casas de dois andares. Prospect Hill era bem menor do que as outras casas da família Waller. A cozinheira informou, sem se preocupar se Kunta estava ou não prestando atenção, de que nenhuma outra possuía um vestíbulo tão grande e uma escadaria tão inclinada.

Nos fundos da casa, ela mostrou a Kunta o primeiro tear que ele já vira. Ali perto, ficava a senzala. Mais além havia um açude e depois o cemitério dos escravos. Lendo os pensamentos de Kunta, a cozinheira comentou:

— Estou vendo que não gosta muito de ver isso.

Kunta perguntou-se se ela podia imaginar como ele achava estranho e triste ouvi-la

falar sobre a plantação como “nossa”, igual a muitos outros escravos. Ela dava a impressão de que era a dona da plantação em que vivia, ao invés do contrário.



Mesmo quando não tinha visto nem ouvido nada na cidade para contar aos outros, Kunta gostava de sentar-se junto com os outros, em torno da fogueira, diante da cabana do violinista. Ultimamente, porém, vinha conversando cada vez menos com o violinista, que fora outrora o único motivo de sua presença ali, e cada vez mais com Bell e o velho jardineiro. O relacionamento entre eles não chegara a esfriar, mas as coisas já não eram como antigamente, o que entristecia Kunta. O fato de o violinista ter assumido as funções anteriores de Kunta não contribuía para aproximá-los. Como passar do tempo, o violinista acabara superando isso. Mas não podia perdoar o fato de Kunta tê-lo substituído como a fonte mais bem informada de notícias a respeito do mundo exterior.

Ninguém podia ainda acusar o violinista de ser um homem calado, mas os famosos monólogos dele foram-se tornando cada vês mais breves e raros. E ele quase nunca mais tocava para os outros pretos. Depois de uma noite em que o violinista se mostrara mais distante do que o habitual, Kunta abordou o problema com Bell, indagando se ele não fizera ou dissера alguma coisa que poderia ter ferido os sentimentos do outro.

— Não se preocupe com isso! Há meses que o violinista vem correndo de um lado para outro do condado, tocando para os brancos. Ele anda simplesmente cansado demais para falar como antigamente. Está agora ganhando um dólar e meio por noite nas festas dos brancos em que vai tocar. Mesmo quando o massa fica coma metade, o violinista ainda recebe 75 cents. Por isso é que ele não se dá mais ao trabalho de tocar para os negros... a menos que você queira fazer uma coleta e ele concorde em tocar por cinco cents.

Bell levantou os olhos do fogão para ver se Kunta estava sorrindo. Ele não estava. Mas ela teria levado um susto e caído no caldeirão de sopa se Kunta estivesse. Só o vira sorrir uma vez, quando ele soubera que um escravo que conhecia, de uma plantação próxima, conseguira escapar para o Norte.

— Ouvi dizer que o violinista está planejando economizar tudo o que ganha para comprar sua liberdade do massa — acrescentou Bell.

— Quando ele conseguir isso, vai estar tão velho que nem vai conseguir sair de sua cabana — comentou Kunta, muito sério.

Bell desatou a rir, de tal forma que quase caiu no caldeirão de sopa.

Se o violinista jamais conseguisse conquistar sua liberdade, não seria por falta de tentar, concluiu Kunta, depois de ouvi-lo tocar numa festa, pouco tempo depois. Ele fora levar o massa e estava conversando com os outros cocheiros, debaixo de uma árvore no gramado, quando a banda começou a tocar, comandada pelo violinista, que estava em forma esplêndida naquela noite. A música era tão animada que os brancos não conseguiram manter os pés quietos.

Do lugar em que estava sentado, Kunta podia ver as silhuetas dos jovens casais rodopiando pelo salão, saindo para a varanda por uma porta e voltando por outra. Quando a dança terminou, todos os convidados se encaminharam para uma mesa comprida,

iluminada por diversas velas e com mais comida do que aparecia numa senzala durante um ano inteiro. Depois que todos comeram, a gorda filha do anfitrião servindo-se três vezes, a cozinheira mandou uma bandeja com restos e um cântaro de limonada para os cocheiros. Pensando que o massa estava prestes a partir, Kunta engoliu às pressas uma coxa de galinha e uma coisa doce e deliciosa que os outros cocheiros chamavam de “ecler”. Mas os massas, todos vestidos de branco, continuaram a conversar durante horas, com charutos compridos nas mãos, tomando de vez em quando um gole de vinho, enquanto suas esposas sorriam discretamente por trás dos leques.

A primeira vez em que levará o massa a uma dessas festas, Kunta fora dominado por emoções conflitantes. Sentira espanto, indignação, inveja, desprezo, fascinação, repulsa e, acima de tudo, uma solidão e uma tristeza profundas, levando uma semana inteira para se recuperar. Não podia acreditar que pudesse existir tanta riqueza, que pudesse haver pessoas que viviam daquela maneira. Levou muito mais tempo e incontáveis outras festas para compreender que eles não viviam realmente daquela maneira, que aqueles encontros eram estranhamente irrealis, uma espécie de sonho maravilhoso que os brancos procuravam, uma mentira que diziam a si mesmos, a de que a bondade podia derivar da maldade, a de que podiam ser civilizados entre si, mesmo sem tratarem como seres humanos os escravos cujos suor e sangue tornavam possível aquela vida privilegiada.

Kunta pensou em partilhar tais pensamentos com Bell e o velho jardineiro, mas sabia que não conseguiria encontrar as palavras certas na língua toubob para expressá-los. Além do mais, os dois tinham vivido assim desde o nascimento e não poderiam encarar as coisas como ele, com os olhos de alguém que viera de fora, de alguém que nascera livre. Por isso, como sempre fazia quando pensava nessas coisas, Kunta guardou os pensamentos para si. E descobriu-se a desejar, depois de tantos anos, não se sentir tão sozinho.

Cerca de três meses depois, Massa Waller foi convidado para o Baile de Ação de Graças que seus pais ofereciam em Enfield todos os anos, com a presença de “todo mundo que é alguém no Estado da Virgínia”, comentou o violinista. Chegando tarde, porque o massa, como sempre, parara no caminho para ver um paciente, Kunta viu que a festa já estava bastante animada, ao se aproximar da casa toda iluminada. Parando diante da porta, ele pulou do assento e ficou imóvel, esperando o porteiro ajudar o massa a descer da charrete. E foi nesse momento que ele ouviu. Em algum lugar, ali perto, alguém estava batendo com as mãos numa espécie de tambor que tinha o nome de qua-qua.

Pela força e precisão das batidas, Kunta percebeu que o músico só podia ser um africano.

Mal pôde esperar até que a porta se fechasse depois da entrada do massa. Jogou as rédeas para o cavaliário à espera e correu, tão depressa quanto seu meio-pé lhe permitia, para os fundos da casa.

O som, cada vez mais alto, parecia vir do meio de uma multidão de pretos, batendo palmas e marcando o ritmo com os pés, próximo de uma fileira de lanternas, que os Wallers tinham permitido aos escravos instalar, para também comemorarem o Dia de Ação de Graças. Ignorando os protestos indignados dos pretos a que empurrou, Kunta abriu caminho por entre a multidão até o centro do círculo. E lá estava ele, um homem magro, de cabeça branca, a pele muito preta, batendo no qua-qua, entre um tocador de bandomim e dois homens a baterem com ossos de boi. Todos olharam para Kunta, diante da interrupção inesperada. Kunta e o homem do tambor se fitaram e no mesmo instante se aproximaram e se abraçaram, enquanto os outros pretos ficavam espantados e depois riam.

— Ah-salakium-salaam!

— Malakium-salaam!

As palavras soaram como se nenhum dos dois jamais tivesse deixado a África. Depois do abraço, Kunta afastou o outro à distância de um braço e disse:

— Nunca vi você antes.

— Acabei de ser vendido para aqui, vindo de outra plantação.

— Meu massa é filho do seu massa. Eu guio a charrete dele.

Os outros pretos começaram a resmungar impacientemente, querendo que a música recomeçasse e obviamente constrangidos com aquela exibição aberta de africanidade. Tanto Kunta como o tocador de quaqua sabiam que não deviam irritar os outros, que poderiam denunciá-los aos brancos.

— Eu voltarei! — disse Kunta.

— Salakium-salaam! — disse o tocador de qua-qua, voltando a se acocorar.

Kunta ficou ali por mais algum tempo, depois que a música recomeçou. Em seguida, virou-se abruptamente e tornou a abrir caminho por entre a multidão, de cabeça baixa, frustrado e embaraçado. Foi esperar o fim da festa na charrete de Massa Waller.

Nas semanas seguintes, Kunta não parou de pensar no tocador de qua-qua. De que tribo ele seria? Evidentemente, não era um mandinga nem pertencia a qualquer uma das tribos que Kunta conhecera ou de que ouvira falar, tanto em Gâmbia como na canoa grande. Os cabelos brancos diziam que já era bem velho. Talvez tivesse tantas chuvas quanto Omoro deveria ter agora. E como teriam compreendido no mesmo instante que ambos eram servos de Alá? A facilidade com que o homem falara a língua toubob, assim como a língua do Islam, indicava que já estava há bastante tempo na terra dos brancos, provavelmente há muito mais chuvas do que Kunta. O tocador de qua-qua dissera que fora vendido recentemente ao pai de Massa Waller. Por onde estivera na terra dos toubobs, durante todas as chuvas até chegar lá?

Kunta recordou-se dos outros africanos que tivera a oportunidade de ver, nas três chuvas em que guiava a charrete do massa. Infelizmente encontrara a maioria quando estava ao lado do massa, não podendo acenar para ninguém, muito menos falar. Alguns deles eram inegavelmente mandingas. Vira a maioria ao passar pelo local onde se realizavam os leilões de escravos, todas as manhãs de sábado. Mas depois de um incidente ocorrido seis meses antes, Kunta decidira não mais passar pelo local dos leilões, se pudesse evitá-lo sem que o massa desconfiasse do motivo. Naquele dia, quando a charrete passava por lá, uma jovem joia acorrentada começara a gritar desesperadamente. Virando-se para ver o que estava acontecendo, Kunta descobrira os olhos da jovem fixados nele, com uma expressão suplicante. Chicoteara os dois cavalos, que haviam disparado bruscamente, fazendo o massa perder o equilíbrio. Kunta ficara aterrorizado com as possíveis consequências, mas o massa não dissera nada.

Kunta encontrara um escravo africano na sede do condado, numa ocasião em que esperava o massa, visitando um paciente. Mas nenhum dos dois conhecia o idioma tribal do outro. E o outro homem ainda não aprendera a falar a língua toubob. Parecia inacreditável a Kunta que somente depois de 20 chuvas na terra dos brancos é que fora finalmente encontrar um outro africano com quem podia comunicar-se.

Nos dois meses seguintes daquela primavera de 1788, Kunta teve a impressão de que Massa Waller visitou todos os pacientes, parentes e amigos em cinco condados... Mas não tornou a ir visitar os próprios pais, em Enfield. Chegou a pensar em pedir uma permissão para viajar, o que nunca fizera antes. Mas sabia que o massa iria certamente interrogá-lo, querendo saber para onde ele pretendia ir e por quê. Kunta poderia dizer que queria visitar

Liza, a cozinheira de Enfield. Mas o massa certamente falaria com os pais a respeito e eles conversariam com Liza. Kunta sabia que Liza estava de olho nele, mas o sentimento não era recíproco. Assim sendo, ele abandonou a ideia.

Em sua impaciência para retornar a Enfield, Kunta começou a se mostrar cada vez mais irritado com Bell, ainda mais porque não podia falar com ela a respeito. Bell jamais escondera sua aversão por qualquer coisa africana. Kunta pensou em conversar sobre o assunto com o violinista e o velho jardineiro. Tinha certeza de que os dois nada diriam, mas chegou finalmente à conclusão de que também não saberiam avaliar a importância de se encontrar alguém de sua terra natal, depois de mais de 20 chuvas.

Um domingo, logo depois do almoço, inesperadamente, o massa mandou-o atrelar a charrete. Ia fazer uma visita a Enfield. Kunta quase saiu correndo da cozinha, enquanto Bell o fitava, aturdida com aquela reação.

Liza estava ocupada com suas caçarolas quando Kunta entrou na cozinha de Enfield. Ele perguntou como ela estava passando e apressou-se em acrescentar que não tinha fome. Liza fitou-o afetuosamente e disse suavemente:

— Faz tempo que não vejo você. — Ela fez uma pausa, o rosto se tornando subitamente grave, antes de acrescentar: — Ouvi falar sobre você e aquele africano que tem aqui agora. O massa também ouviu. Alguns negros falaram com ele, mas ele não disse nada. Por isso, não precisa ficar preocupado. — Segurou e apertou a mão de Kunta. — Espere um instante.

Kunta estava quase estourando de impaciência, mas esperou Liza terminar de preparar dois sanduíches de carne. Entregou-lhe os sanduíches, tornando a apertar a mão dele. Depois, ela encaminhou-se até a porta da cozinha, parou, hesitou por um momento e acabou dizendo:

— Você nunca me perguntou, por isso nunca contei, mas minha mãe era uma negra africana. Acho que é por isso que eu gosto tanto de você. — Percebendo a ansiedade de Kunta em partir, ela virou-se abruptamente e apontou: — A cabana dele é aquela com a chaminé quebrada. A maioria dos negros do massa está longe daqui, hoje, e não vai voltar antes de ficar escuro. Mas você deve ficar atento para estar na charrete quando seu massa sair.

Coxeando rapidamente até a cabana indicada, Kunta bateu na porta.

— Quem está aí? — gritou a voz de que ele se recordava perfeitamente.

— Ah-salakium-salaam! — disse Kunta. E a porta se abriu um momento depois.



Como eram africanos, nenhum dos dois demonstrou o quanto aguardavam ansiosamente aquele momento. O homem mais velho ofereceu a Kunta sua única cadeira. Ao descobrir que Kunta preferia acocorar-se no chão de terra, como teria feito na África, o tocador de qua-qua soltou um grunhido de satisfação, acendeu a vela que estava sobre a pequena mesa e acocorou-se também.

— Vim de Gana e sou do povo Akan. Os brancos me dão o nome de Pompey, mas meu verdadeiro nome é Boteng Bediako. Faz muito tempo que estou nesta terra. Já estive em seis plantações dos brancos e espero que esta seja a última. E você?

Procurando imitar a maneira lacônica do ganense, Kunta disse que era mandinga, de Gâmbia, Juffure, falou de sua família, da captura, das tentativas de fuga, do pé cortado, de como havia cuidado da horta e do jardim e agora guiava a charrete.

O ganense ouviu tudo em silêncio. Quando Kunta terminou, ele ficou calado mais algum tempo, pensativo, antes de dizer:

— Todos nós sofremos. E o homem sábio é aquele que tenta aprender com o sofrimento. — Fez uma pausa e contemplou Kunta. — Qual é a sua idade?

Kunta respondeu que tinha 37 chuvas.

— Pois não parece. Eu estou com 66 chuvas.

— Também não parece — falou Kunta.

— Cheguei aqui antes de você ter nascido. Gostaria de saber então tudo o que sei agora. Mas você ainda é moço e por isso vou contar o que aprendi. As velhas avós de sua terra também costumam contar histórias às crianças?

Kunta respondeu que sim e o ganense continuou:

— Pois então vou contar uma história a você. É sobre o lugar de onde vim. Eu me lembro de que o chefe do nosso povo Akan costumava sentar numa cadeira grande, feita com dentes de elefante. Um homem ficava segurando um guarda-sol sobre a cabeça dele. Ao lado, ficava o homem através de quem o chefe falava. Ele só falava através desse homem e os outros só podiam falar com ele através desse homem. E havia um menino que ficava sentado aos pés do chefe. Esse menino é que levava as mensagens do chefe às pessoas. Esse menino levava sempre uma espada de lâmina grossa. Assim, todo mundo que o via chegando sabia quem ele era. Eu fui esse menino, levando mensagens do chefe para as pessoas. E foi assim que os homens brancos acabaram me agarrando.

Kunta já ia falar, mas o ganense levantou a mão, impedindo-o.

— Esse não é o fim da história. O que eu queria falar era sobre uma coisa que estava esculpida por cima do guarda-sol do chefe: uma mão segurando um ovo. Isso representava os cuidados com que um chefe devia usar os seus poderes. O homem através de quem o chefe falava sempre segurava um bastão. E nesse bastão estava esculpida uma tartaruga. A tartaruga representava que o segredo da vida é a paciência. — O ganense fez outra pausa. — E havia uma abelha esculpida no casco dessa tartaruga. A abelha representava que nada

pode atingir a tartaruga através do casco duro.

Houve mais uma pausa. A luz da vela iluminava o rosto tranquilo do ganense.

— É isso o que eu quero dizer a você, o que aprendi na terra dos brancos. O que você mais precisa para viver aqui é de paciência... e de um casco duro.

Kunta não tinha a menor dúvida de que o ganense seria, na África, um kintango ou um alcalá, se não mesmo um chefe. Mas não sabia como expressar o que sentia e por isso permaneceu em silêncio.

— Parece que você temas duas coisas — comentou finalmente o ganense, sorrindo.

Kunta começou a balbuciar uma desculpa, mas sua língua parecia estar presa. O ganense sorriu outra vez, ficou em silêncio por mais algum tempo e depois voltou a falar:

— Na minha terra, todos dizem que vocês, mandingas, são grandes viajantes e comerciantes.

Deixou o comentário no ar, obviamente esperando que Kunta dissesse alguma coisa. E Kunta conseguiu finalmente recuperar a fala:

— Pois dizem certo. Meus tios são viajantes. Escutando as histórias que eles contavam, eu achava que eles já tinham estado em todos os lugares. Meu pai e eu fomos uma vez a uma aldeia que meus tios fundaram, longe de Juffure. Eu estava planejando ir a Meca, Timbuktu, Máli, a todos os lugares que meus tios foram. Mas fui roubado de Juffure antes de ter uma oportunidade.

— Conheço alguma coisa da África — disse o ganense. — O chefe mandou que os homens sábios me ensinassem e não esqueci o que eles disseram. Tenho procurado juntar as coisas que aprendi com tudo o que vi e ouvi desde que cheguei aqui. Sei que a maioria de nós foi roubada da África Ocidental... da sua Gâmbia até a minha Guiné, pela costa. Já ouviu falar no lugar que os brancos chamam de Costa do Ouro?

Kunta disse que não.

/v r

— Eles chamam assim por causa do ouro que tem lá. E a costa que vai até o Volta. E lá que os brancos apanhamos ashantis e os fantis. São esses ashantis que dizem chefiar todos os levantes e revoltas quando são trazidos para cá. Apesar disso, os brancos pagam os melhores preços pelos ashantis, porque eles são espertos, fortes e têm espírito. Depois vem o lugar que os brancos chamam de “Costa dos Escravos”. É onde eles pegamos yorubas e os daomeanos. E depois, além da ponta da Nigéria, eles pegamos ibos.

Kunta disse que já ouvira dizer que os ibos eram um povo gentil. O ganense assentiu.

— Já ouvi contar que 30 ibos se deram as mãos e caminharam para dentro do rio e morreram afogados juntos. Isso parece que aconteceu lá na Louisiana.

Kunta estava começando a ficar preocupado com a possibilidade de o massa estar prestes a partir e ter de ficar esperando. Houve um momento de silêncio. Enquanto Kunta procurava um pretexto para ir embora, o ganense disse:

— Ninguém deve ser visto por aqui conversando com a gente. Acho que muitas vezes eu pus o qua-qua a dizer o que tinha na minha mente. E acho que falei com você, sem saber que você estava aqui.

Profundamente comovido, Kunta fitou o ganense nos olhos por um longo tempo. Depois, os dois se levantaram. A luz da vela, Kurilarper cebeu os dois sanduíches esquecidos que Liza lhe dera. Apontou para os sanduíches e sorriu.

— Podemos comer juntos em outra ocasião — disse o ganense. — Agora sei que você tem de ir embora. Na minha terra, enquanto conversava com você, eu estaria esculpindo alguma coisa de um espinho grande, para dar a você.

Kunta disse que, em Gâmbia, o costume era esculpir alguma coisa de um caroço seco de manga.

— Muitas vezes eu sonhei ter um caroço de manga para plantar aqui e poder lembrar-me da minha terra.

O ganense olhou solenemente para Kunta e depois sorriu.

Você ainda é jovem e tem muitas sementes. Só está precisando de uma esposa para plantar essas sementes.

Kunta ficou tão embaraçado que não soube o que responder. O ganense estendeu a mão esquerda. Os dois se apertaram a mão esquerda, de acordo com o costume africano, indicando que em breve iriam encontrar-se novamente.

— Ah-salakium-salaam.

— Malaika salaam.

E Kunta se afastou apressadamente ao crepúsculo, pascando pelas outras cabanas e seguindo para a casa grande, perguntando-se se o massa já saíra a sua procura. Mas outra meia hora se passou antes que o massa aparecesse. Guiando a charrete de volta, mal sentindo as rédeas nas mãos nem ouvindo os cascos na estrada, Kunta ia pensando que parecia ter conversado com seu querido pai Omoro. Nenhuma outra tarde de sua vida fora mais importante para ele.



— Vi Toby passar ontem e gritei para ele: “Ei, negro, venha conversar um pouco!” Devia ver só o olhar que ele me deu e nemme disse nada! Sabe o que está acontecendo?

O velho jardineiro não sabia como responder ao violinista e os dois foram perguntar a Bell.

— Também não sei. Se ele está doente, devia dizer para a gente. Está-se comportando de maneira tão esquisita que acho melhor a gente deixar ele em paz.

Até mesmo Massa Waller notou que seu cocheiro, sempre reservado e merecedor de toda a sua confiança, estava diferente. Esperava que não fosse um acesso incubado da epidemia a que ambos tinham-se exposto tantas vezes. E por isso perguntou um dia, se Kunta estava-se sentindo mal.

— Não, senhor.

Massa Waller não mais pensou no assunto. Não o interessava, contanto que Kunta continuasse a levá-lo em segurança a todos os lugares a que desejava ir.

Kunta ficara profundamente abalado com seu encontro com o ganense, que servira para mostrar-lhe como se perdera na terra dos brancos. Dia após dia, ano após ano, ele passara a resistir cada vez menos, a aceitar cada vez mais, até que finalmente, sem nem mesmo percebê-lo, esquecera inteiramente quem era. Era verdade que passara a conhecer melhor e aprendera a conviver com o violinista, o velho jardineiro, Bell e os outros pretos. Mas sabia agora que nunca poderia ser realmente um deles, assim como eles também não poderiam ser como ele, Kunta. Depois do encontro com o ganense, o violinista, o velho jardineiro e Bell pareciam irritá-lo terrivelmente. Ficou contente ao perceber que eles estavam-se mantendo a distância. De noite, em sua cabana, Kunta sentia-se atormentado pelo remorso e vergonha, por ter deixado acontecer consigo tudo o que acontecera.

Compreendia agora que o aprendizado da língua toubob desempenhara um papel importante em sua transformação. Falando essa língua diariamente, ele quase nunca mais pensava em palavras mandingas, excetuando-se umas poucas que continuavam gravadas em sua mente, por alguma razão inexplicável. Kunta tinha até de admitir que já estava inclusive pensando na língua toubob. Em incontáveis coisas que fazia, os hábitos mandingas haviam sido lentamente substituídos pelos dos pretos entre os quais vivia. A única coisa de que podia sentir algum orgulho era o fato de que, em mais de 20 chuvas, jamais tocara em carne de porco.

Kunta vasculhou a mente. Devia haver mais alguma coisa de sua personalidade anterior que conseguira manter. E havia mesmo: mantivera a dignidade. Apesar de tudo por que passara, continuava a ostentar sua dignidade, como outrora ostentara em Juffure os amuletos saphie para afugentar os maus espíritos. Prometeu a si mesmo que, agora mais do que nunca, sua dignidade seria como um escudo entre ele e todos aqueles que chamavam a si mesmos de “negros”. Como eles ignoravam tudo o que eram! Nada conheciam de seus ancestrais, ao contrário de Kunta. Ele recordou os nomes de todos os

Kintes do antigo clã no Mália, depois as gerações que tinham vivido na Mauritània e em Gâmbia, até chegar a Kunta Kinte e seus irmãos. Pensou também que todos os membros de seu kafo possuíam um conhecimento igual dos ancestrais.

Kunta pôs-se então a recordar os amigos da infância. A princípio ficou apenas surpreso, mas depois foi-se tornando mais e mais chocado, ao descobrir que não conseguia lembrar os nomes deles. Recordava os rostos de todos, as correrias até a árvore dos viajantes, para escoltarem qualquer forasteiro que chegava a Juffure, as pedras atiradas contra os macacos que imediatamente as devolviam, as disputas para verificar quem conseguia comer seis mangas mais depressa. Por mais que tentasse, no entanto, Kunta não conseguiu lembrar o nome de nenhum. Podia ver seu kafo reunido, a fitá-lo, todos comas expressões carrancudas.

Em sua cabana e guiando a charrete do massa, Kunta vasculhava a mente desesperadamente. E pouco a pouco os nomes lhe foram voltando. Isso mesmo, Sitafa Silla. Fora seu melhor amigo! E Kalilu Conteh, que perseguira e apanhara o papagaio, por ordem do kintango. Sefo Kela... fora ele quem pedira ao Conselho dos Anciãos autorização para manter uma amizade sexual teriya com aquela viúva.

Começou a recordar também os rostos dos mais velhos, juntamente com os nomes, que pensara ter esquecido há muito tempo. O kintango era Silla Ba Bibba! O alimamo era Kujali Demba! O wadanela era Karamo Tamba! Kunta recordou-se da cerimônia com que terminara o terceiro kafo. Havia lido tão bem os versos do Alcorão que Omoro e Binta tinham dado uma cabra gorda em reconhecimento ao arafang, que se chamava Brima Cesay. Sentiu-se na maior alegria com tais recordações, até pensar que aqueles anciãos já deveriam ter morrido e que seus companheiros de kafo, os quais recordava como meninos, já deviam ser agora homens com a idade dele em Juffure... e nunca mais tornaria a vê-los. Pela primeira vez, em muitos anos, Kunta chorou até conseguir dormir.

Na sede do condado, alguns dias depois, outro cocheiro preto informou a Kunta de que alguns pretos livres do Norte, que integravam um grupo chamado “A União Negra”, estavam propondo um retorno em massa à África de todos os pretos, tanto livres como escravos. A ideia deixou Kunta excitado, mesmo sabendo que era impossível, com os massas disputando os negros disponíveis e pagando preços cada vez mais elevados. Embora soubesse que o violinista provavelmente iria preferir continuar como um escravo na Virgínia a ir para a África como um homem livre, Kunta ansiava em discutir o assunto com ele. E que o violinista parecia saber praticamente tudo o que estava acontecendo em toda parte, se tinha alguma relação coma liberdade.

Mas há quase dois meses que Kunta se limitava a exibir uma expressão carrancuda para o violinista, agindo da mesma forma com Bell e o velho jardineiro. Não se podia dizer que sentisse a falta deles ou os apreciasse intensamente, mas a sensação de isolamento foi crescendo dentro dele. Quando a lua seguinte surgiu no céu e ele jogou mais uma pedrinha na cabaça, estava-se sentindo terrivelmente solitário, como se estivesse totalmente isolado do resto do mundo.

Da próxima vez em que avistou o violinista, Kunta acenou-lhe com a cabeça, hesitante. O violinista seguiu em frente, como se não tivesse visto ninguém. Kunta ficou furioso e constrangido. No dia seguinte, cruzou com o velho jardineiro, que imediatamente mudou de direção, afastando-se. Naquela noite, magoado e amargurado, com um sentimento de culpa crescente, Kunta passou horas a andar de um lado para outro em sua cabana. Na manhã seguinte, foi até a última cabana e bateu na porta.

A porta se abriu e o violinista perguntou friamente:

— O que você quer?

Dominando seu embaraço, Kunta murmurou:

— Pensei em fazer uma visita a você. O violinista cuspiu no chão.

— Escute bem o que vou dizer a você, negro. Eu, Bell e o velho conversamos um bocado sobre você. E todos concordamos é que, se há uma coisa que a gente não pode suportar, é um negro metido a besta! — Lançou um olhar furioso a Kunta e acrescentou: — É isso o que está errado com você! Não está doente nem coisa nenhuma!

Kunta ficou olhando para os pés. Depois de um momento, a expressão furiosa do violinista se atenuou e ele deu um passo para o lado.

— Já que está aqui, entre logo de uma vez. Mas vou dizer uma coisa a você: se meta a besta com a gente de novo e nunca mais ninguém vai falar com você até ficar velho como Matusalém!

Dominando a raiva e a humilhação, Kunta entrou na cabana e sentou. Depois de um silêncio aparentemente interminável, que o violinista obviamente não tinha a menor intenção de romper, Kunta fez um tremendo esforço e falou sobre a ideia do retorno à África de todos os pretos. O violinista disse que há muito já sabia disso e que a possibilidade de acontecer era tão grande quanto a de uma bola de neve resistir no inferno.

Vendo a expressão desconsolada de Kunta, o violinista se abrandou um pouco.

— Pois vou dizer a você uma coisa de que ainda não sabe. Lá no Norte, em Nova York existe uma coisa que eles chamam de Sociedade de Manumissão e que abriu uma escola para os negros livres que quiserem aprender a ler, escrever e a ter um ofício.

Kunta estava tão feliz e aliviado pelo fato de o violinista estar novamente falando com ele que mal prestou atenção nas palavras. Alguns minutos depois, o violinista parou de falar subitamente e ficou olhando para Kunta com uma expressão inquisitiva, antes de finalmente perguntar:

— Você está prestando atenção?

— Hem? — murmurou Kunta, imerso em seus pensamentos.

— Fiz uma pergunta a você há uns cinco minutos.

— Desculpe. Eu estava pensando numa coisa.

— Já que você parece não saber como escutar, vou mostrar a você como é. — O violinista recostou — se e cruzou os braços.

— Não vai continuar com o que estava dizendo? — indagou Kunta.

— Agora já esqueci o que estava dizendo. E você já esqueceu o que estava pensando?

— Não era nada importante. Apenas uma coisa que estava na minha cabeça.

/V

— E melhor ir embora daqui antes de ficar com dor de cabeça, ou me deixar com uma.

— Não posso falar sobre a coisa.

— Ahn. — murmurou o violinista, dando a impressão de que se sentia insultado. — Se é assim que você se sente.

— Não tem nada a ver com você. É uma coisa pessoal. Surgiu um brilho repentino nos olhos do violinista.

— Não me diga! É sobre uma mulher, não é mesmo?

— Não é nada disso! — exclamou Kunta, embaraçado. Ficou em silêncio por um momento, depois levantou-se e acrescentou: — Já estou atrasado para o trabalho. Até mais tarde. E obrigado por ter falado comigo.

— Não foi nada. Basta me dizer quando me quiser ouvir falar de novo.

Como ele soubera? perguntou-se Kunta, a caminho do estábulo. E por que tentara

fazê-lo falar? Era com a maior relutância que o próprio Kunta sequer pensava no assunto. Mas, ultimamente, parecia não conseguir pensar em qualquer outra coisa. Só se lembrava do conselho do ganense de plantar suas sementes.



Muito antes de conhecer o ganense, Kunta já sentia um vazio dentro de si toda vez que pensava que, se continuasse em Juffure, a esta altura estaria com três ou quatro filhos, além da esposa que seria a mãe dos seus filhos. O que geralmente provocava tais pensamentos era algo que ocorria todas as luas. Kunta tinha um sonho do qual sempre despertava abruptamente, no escuro, profundamente embaraçado, sentindo a seiva quente que saía de seu foto ainda endurecido. Depois disso, ficava acordado durante horas, pensando não apenas numa esposa, mas também no fato de que, na senzala, todo homem e mulher que gostavam um do outro iam viver juntos, na melhor cabana disponível.

Havia muitas razões que levavam Kunta a não desejar casar-se. Por um lado, a ideia de simplesmente “pular a vassoura” com uma mulher, diante dos demais escravos, parecia-lhe ridícula para uma ocasião tão solene. Ele ouvira dizer que, em uns poucos casos, os pretos que trabalhavam na casa grande podiam fazer suas promessas diante de um pregador, na presença do massa e da missis. Mas isso era uma cerimônia pagã. Para um casamento apropriado, pensava Kunta, a noiva deveria ter de 14 a 16 chuvas, com o homem em torno das 30 chuvas, como era o costume entre os mandingas. Mas em todos os anos há que estava na terra dos brancos, Kunta jamais conhecera uma só jovem preta de 14 a 16 chuvas — ou até mesmo de 20 a 25 chuvas — a quem não considerasse desmedidamente tola, especialmente aos domingos ou nos dias de festa, quando pintavam os rostos de tal forma que ficavam parecidas com os dançarinos da morte de Juffure, que se cobriam com cinzas.

Quanto às mulheres mais velhas, eram geralmente cozinheiras nas casas-grandes a que costumava levar Massa Waller. Era o caso de Liza, em Enfield. Na verdade, Liza era a única que Kunta de vez em quando sentia vontade de rever. Ela não tinha nenhum companheiro e já dera a entender a Kunta que receberia com agrado, se não mesmo com ansiedade, uma maior intimidade com ele. Kunta pensava nisso em particular, mas sem deixar transparecer qualquer coisa. Teria morrido de vergonha se Liza sequer desconfiasse de que era a mulher com quem ele costumava sonhar em sua cabana solitária.

Vamos supor, apenas supor, que eu tome Liza como esposa, pensava Kunta. Seriam como tantos casais que ele conhecia, vivendo separados, cada um na plantação de seu massa. Geralmente o homem recebia um passe na tarde de sábado para ir visitar a esposa, contando que voltasse antes da noite de domingo, a fim de descansar da viagem frequentemente longa e poder recomeçar o trabalho na madrugada de segunda-feira. Kunta disse a si mesmo que não queria saber de uma esposa que não vivesse a seu lado e decidiu que esse problema liquidava de vez o assunto.

Mas sua mente, como se dotada de vontade própria, continuou a pensar a respeito. Considerando que Liza adorava falar sem parar e às vezes se tornava sufocante, considerando que ele próprio gostava de passar longas horas sozinho, talvez o fato de terem que viver separados fosse no fundo uma bênção. E se se casasse com Liza, era improvável

que vivessem como muitos outros casais pretos, sob o medo constante de um deles ou ambos serem vendidos para plantações distantes. Afinal, o massa parecia estar satisfeito com ele. E Liza era dos pais do massa, que aparentemente gostavam dela. As ligações de família também tornavam improváveis os atritos que algumas vezes surgiam nessas ocasiões, em que dois massas estavam envolvidos, um deles ou ambos proibindo o casamento.

Por outro lado, pensava Kunta. E ele analisava o problema interminavelmente. Por mais e melhores razões que encontrasse para casar-se com Liza, sempre havia algo que o retinha. E uma noite, deitado na cama, tentando dormir, uma ideia atingiu-o como se fosse um raio. Havia outra mulher que podia cogitar!

Bell!

Ele devia estar louco. Bell já tinha pelo menos três vezes a idade apropriada. Ela devia ter passado de 40 chuvas. Era absurdo sequer pensar nisso.

Bell.

Kunta tentou afastá-la de sua mente. Ela ali ingressara, disse a si mesmo, apenas porque a conhecia há tanto tempo. Nunca sequer sonhara com ela. Sombriamente, recordou-se de uma sucessão interminável de indignidades e irritações que Bell lhe inflingira. Lembrou-se de como ela costumava bater com a porta de tela na cara dele, quando ia levar o cesto com legumes até a cozinha. E lembrou— se também, ainda com maior intensidade, da indignação de Bell quando lhe dissera que ela parecia com uma linda mandinga. Bell era uma pagã. Além disso, vivia discutindo e gostava de mandar nele. E ainda por cima falava demais.

Mas Kunta também não pôde deixar de recordar da ocasião em que estivera à morte, até mesmo querendo morrer, e Bell o visitava cinco a seis vezes por dia, como ela cuidara dele e lhe dera comida, como o limpava, como aplicara a cataplasma que acabara vencendo a febre. E Bell era também forte e saudável, e sabia cozinhar coisas deliciosas.

Quanto melhor pensava a respeito dela, mais rudemente Kunta a tratava, sempre que ia à cozinha.

E tratava de se retirar assim que dizia a Bell ou encontrava o que o levava até lá. Bell passou a fitá-lo ainda com mais frieza do que antes.

Um dia, quando já estava conversando com o violinista e o velho jardineiro há algum tempo,

Kunta encaminhou a conversa para o assunto Bell e indagou, procurando parecer o mais indiferente possível:

— De onde ela era antes de vir para aqui?

Sentiu o coração se contrair, ao ver que os outros dois se empertigavam subitamente, sentindo algo no ar. Depois de um minuto de tensão, o jardineiro disse:

— Ela chegou aqui uns dois anos antes de você. Mas nunca falou muito a respeito de si mesma. Por isso, sei tanto quanto você.

O violinista disse que Bell também não lhe falara a respeito do passado dela. Kunta não sabia o que havia na expressão dos dois que tanto os irritava. Mas não tardou a descobrir: era um olhar malicioso. O violinista coçou a orelha direita e disse, sacudindo a cabeça na direção do jardineiro:

— É engraçado que você tenha perguntado sobre Bell, pois a gente estava agora mesmo conversando sobre vocês dois.

Ele fixou um olhar atento em Kunta, enquanto o jardineiro concluía:

— Estávamos dizendo que vocês dois parecem ser justamente o que o outro está precisando.

Furioso, Kunta abriu a boca para falar, mas não conseguiu dizer nada. Ainda coçando a orelha, o violinista acrescentou, novamente com um olhar malicioso:

— É, o traseiro dela é grande demais para a maioria dos homens conseguir dar conta.

Kunta já ia falar, mais furioso do que nunca. Mas o jardineiro impediu-o, indagando asperamente:

— Há quanto tempo você não toca numa mulher?

Os olhos de Kunta pareciam estar disparando flechas.

— Há 20 anos pelo menos! — exclamou o violinista.

— Deus do Céu! — disse o jardineiro. — Está na hora de arranjar uma mulher, antes de secar.

— Se é que ele já não secou! — comentou o violinista.

Incapaz de dizer qualquer coisa, mas também não conseguindo mais se conter, Kunta levantou-se bruscamente e saiu da cabana. O violinista ainda gritou-lhe:

— Não se preocupe! Você não vai ficar seco por muito tempo com ela!



Nos dias seguintes, sempre que não estava levando o massa a algum lugar, Kunta passava as manhãs e as tardes a passar óleo e polir a charrete. Como ficava diante do celeiro, à vista de todo mundo, ninguém podia dizer que estava novamente se isolando. Mas, ao mesmo tempo, qualquer um podia ver que estava absorvido demais com seu trabalho para perder tempo a conversar com o violinista e o velho jardineiro, com os quais ainda estava furioso, pelo que haviam dito a respeito dele e de Bell.

Ficando sozinho, Kunta também tinha mais tempo para analisar seus sentimentos em relação a Bell. Sempre que pensava em alguma coisa nela que não o agradava, o pano deslocava-se rapidamente sobre o couro, tornando-se uma mancha indistinta. Quando pensava em alguma coisa boa, os movimentos eram lentos e sensuais. Algumas vezes o pano chegava quase a parar, quando Kunta se demorava a pensar numa qualidade extremamente favorável dela. Quaisquer que fossem os defeitos dela, Kunta não pôde deixar de reconhecer, Bell sempre procurara fazer o melhor para ajudá-lo, ao longo de todos aqueles anos. Tinha certeza inclusive de que Bell tivera um papel importante na escolha dele para cocheiro da charrete do massa. Não havia a menor dúvida de que Bell, à sua maneira sutil, tinha mais influência junto ao massa do que qualquer outra pessoa da plantação. Ou mais que todos os outros somados. Kunta recordou-se de uma porção de coisas de menor importância. Lembrou de uma ocasião em que ainda tratava do jardim e da horta e Bell o vira coçando os olhos frequentemente. Na manhã seguinte, sem dizer nada, ela aparecera com algumas folhas grandes, ainda molhadas do orvalho, e sacudira diante dos olhos dele. A coceira acabara pouco depois.

Mas também não gostava de muitas coisas em Bell, recordou-se Kunta, o pano aumentando de velocidade. Não gostava especialmente do hábito repulsivo dela de fumar tabaco num cachimbo. Ainda mais desagradável era a maneira como ela dançava, sempre que havia alguma festa para os pretos. Kunta achava que as mulheres não deviam dançar. Ou se queriam dançar, que o fizessem com menos entusiasmo. O que mais o atormentava era o fato de que Bell parecia esforçar-se para fazer com que seu traseiro rebolasse de uma determinada maneira. Certamente fora por isso que o violinista e o velho jardineiro tinham feito aquele comentário. Mas o traseiro de Bell, é claro, não era da conta dele. Kunta desejava apenas que ela demonstrasse um pouco mais desrespeito por si mesma, e também por ele e pelos outros homens. Kunta tinha a impressão de que a língua de Bell era ainda mais ferina do que a da velha Nyo Boto. Ele não se importaria se Bell guardasse suas críticas para si mesma. Ou se fizesse os comentários apenas quando estivesse na companhia das outras mulheres, como era o costume em Jufure.

Ao terminar com a charrete, Kunta começou a limpar os arreios de couro. Por alguma razão, começou a pensar nos homens de Juffure que esculpam coisas em blocos de madeira, como o toro de nogueira em que estava sentado. Recordou-se de como eles escolhiam cuidadosamente a madeira e depois estudavam-na meticulosamente, antes de

começarem a trabalhar com seus enxós e facas.

Kunta levantou-se subitamente e virou o toro de nogueira, dispersando os besouros que viviam por baixo. Depois de examinar atentamente os dois lados, rolou o toro para a frente e para trás, batendo com um ferro em diversos pontos e ouvindo sempre o mesmo som sólido. Achou que aquele excelente pedaço de madeira não tinha qualquer propósito definido. Aparentemente, alguém o pusera ali há algum tempo e depois esquecera de levar. Olhando ao redor, para certificar-se de que ninguém estava olhando, Kunta rolou o toro rapidamente até sua cabana, encostando-o a um canto e fechando a porta. Voltou a trabalhar.

Naquela noite, depois de trazer o massa de uma viagem à sede do condado que pareceu durar toda uma eternidade, Kunta não conseguiu sentar para comer, tão ansioso estava em dar uma outra olhada no bloco de nogueira. Acabou levando a comida para sua cabana. Sem nem mesmo perceber o que estava comendo, sentou-se no chão diante do bloco de madeira e pôs-se a estudá-lo atentamente, à luz da vela acesa em cima da mesa. Em sua mente, estava vendo o pilão que Omoro fizera para Binta e que ela costumava usar todas as manhãs, preparando o cuscut da primeira refeição.

Simplesmente para passar o tempo, quando Massa Waller não estava querendo ir a lugar nenhum, conforme justificou para si mesmo, Kunta começou a cortar o toro com uma machadinha afiada, fazendo os contornos externos do almofariz. No terceiro dia, com um martelo e um formão de madeira, escavou também toscamente a parte interior do almofariz. Depois, começou a fazer o acabamento com uma faca. Depois de uma semana, Kunta ficou surpreso com a agilidade de seus dedos, levando-se em consideração que há mais de 20 chuvas não via os velhos de Juffre trabalhando na madeira.

Depois que terminou a parte interna e a externa do almofariz, Kunta encontrou um bom galho de nogueira, reto e da grossura de seu braço, com o qual começou a fazer o pilão propriamente dito. Ao final, alisou a parte superior do cabo, raspando-a primeiro com uma lima, depois com uma faca e finalmente com um pedaço de vidro.

Terminado o trabalho, as duas peças continuaram a um canto da cabana de Kunta por mais duas semanas. Ele olhava para o pilão de vez em quando, pensando que não ficaria deslocado na cozinha de sua mãe. Mas agora que já terminara, não sabia o que fazer com aquele pilão. Ou pelo menos foi isso o que disse a si mesmo. Certa manhã, sem nem mesmo pensar por que estava fazendo aquilo, Kunta pegou o pilão e levou-o consigo quando foi perguntar a Bell se o massa ia precisar da charrete. Bell informou-o secamente, de detrás da porta de tela, de que o massa não tinha nenhuma viagem marcada para aquela manhã. Kunta esperou até que ela virasse as costas, pondo em seguida o pilão no último degrau e afastando-se o mais depressa possível. Ao ouvir o barulho, Bell virou-se rapidamente e viu Kunta se afastando ainda mais depressa do que habitualmente. Foi só depois que descobriu o pilão.

Indo até a porta, ela ficou observando Kunta, até que ele desaparecesse. Depois abriu a porta de tela e olhou para o pilão. Estava aturdida. Pegou o pilão e levou-o para dentro da cozinha, examinando atentamente e com espanto o trabalho delicado. E começou a chorar!

Era a primeira vez, em seus 22 anos na plantação Waller, que um homem lhe dava algo que fizera com as próprias mãos. Bell ficou dominada por um profundo sentimento de culpa pela maneira como vinha tratando Kunta.

Estava confusa, não sabia como deveria sentir-se, nem como deveria agir quando Kunta aparecesse novamente, para saber se o massa ia precisar da charrete, logo depois do almoço. Ficou contente ao pensar que pelo menos teria o resto da manhã para tomar uma

decisão a respeito. Kunta voltou para sua cabana. Tinha a impressão de que era duas pessoas diferentes, uma delas profundamente humilhada pela coisa tola e ridícula que a outra acabara de fazer. Mas sentia-se também quase delirando de felicidade, bastante emocionado. O que o levava a fazer aquilo? O que Bell iria pensar? Kunta começou a reacear o retorno à cozinha, logo depois do almoço.

A hora finalmente chegou e Kunta seguiu para a cozinha como se estivesse indo ao encontro do carrasco. Ao ver que o pilão desaparecera do degrau, sentiu-se ao mesmo tempo animado e deprimido. Chegando à porta de tela, viu que Bell o deixara no chão, logo à entrada, como se estivesse indecisa quanto ao motivo pelo qual Kunta o levava até ali. Virando-se quando ele bateu, como se não tivesse ouvido os passos se aproximando, Bell procurou parecer calma, enquanto destrancava a porta para que ele entrasse. Era um mau sinal, pensou Kunta, pois há meses que Bell não lhe abria a porta. Kunta queria entrar na cozinha, mas tinha a impressão de que não conseguiria dar o passo decisivo. Por isso continuou onde estava e perguntou, em tom indiferente, se o massa ia sair. Bell, procurando esconder sua mágoa e confusão, conseguiu responder, também em tom indiferente, que o massa dissera que não estava pensando em sair naquela tarde. No momento em que Kunta se virou para ir embora, ela acrescentou, já agora num tom esperançoso:

— Ele passou o dia inteiro escrevendo cartas. — Bell esquecera por completo todas as coisas que pensara dizer. Quando Kunta se virou novamente, ela descobriu-se a balbuciar, apontando para o pilão: — O que é isso?

Kunta desejou estar naquele momento em qualquer outro lugar do mundo. Mas finalmente conseguiu responder, quase com raiva:

— É para você moer o milho.

Bell fitava-o com todas as emoções confusas que a dominavam agora transparecendo em seu rosto. Aproveitando o silêncio entre os dois como um pretexto para se retirar, Kunta virou-se e afastou-se rapidamente, sem dizer mais nada. Bell ficou parada onde estava por um longo momento, sentindo-se uma idiota.

Nas duas semanas seguintes, nenhum dos dois se falou além dos cumprimentos de praxe. Um dia, quando Kunta apareceu na porta da cozinha, Bell deu-lhe uma broa de milho. Murmurando um agradecimento, Kunta foi para sua cabana e comeu a broa, ainda molhada de manteiga derretida. Estava profundamente comovido. Tinha quase certeza de que Bell usara o pilão que ele lhe dera. Já tinha decidido antes disso que ia ter uma conversa com Bell. Depois do almoço, quando foi indagar se o massa pretendia sair, forçou-se a dizer as palavras que ensaiara e decorara com todo cuidado:

— Quero trocar uma palavra com você depois do jantar. A resposta de Bell não demorou:

— Não me precisa agradecer por nada.

Ela arrependeu-se de tais palavras, no instante mesmo em que as dizia.

Até a hora do jantar, Kunta deixou-se dominar pela imaginação e estava bastante nervoso. Por que Bell dissera aquilo? Será que ela era realmente tão indiferente quanto parecia? Mas se era, por que fizera a broa para ele? Teria que esclarecer tudo com ela. Mas nem ele nem Bell haviam-se lembrado de definir quando ou onde iriam se encontrar. Kunta finalmente decidiu que Bell iria certamente esperá-lo na cabana dela. Enquanto aguardava o momento, Kunta ficou ansiando desesperadamente que o massa recebesse um chamado de emergência, obrigando-o a se ausentar da plantação. Mas não houve qualquer chamado. Decidindo que não poderia protelar o encontro por mais tempo, Kunta respirou

fundo, saiu de sua cabana e foi até o estábulo. Pegou um jogo de arreios, achando que seria o suficiente para satisfazer a curiosidade de quem o visse por ali, e foi até a cabana de Bell. Olhou cautelosamente ao redor, para certificar-se de que ninguém estava à vista, antes de bater na porta.

A porta se abriu no instante mesmo em que a mão dele encostou na madeira. Bell saiu rapidamente, olhou para o arreio na mão de Kunta e depois para o rosto dele, sem dizer nada. Como Kunta também não dissesse nada, ela começou a andar na direção da cerca atrás da casa grande.

Kunta foi caminhando ao lado. O pé dele se embarçou numa moita e ele tropeçou, quase caiu, o ombro roçando ligeiramente em Bell. Vasculhando a mente à procura de alguma coisa para dizer, qualquer coisa, Kunta desejou estar passeando com o violinista ou o velho jardineiro, com qualquer outra pessoa do mundo que não fosse Bell.

Foi Bell quem finalmente rompeu o silêncio, dizendo abruptamente:

— Os brancos escolheram aquele tal General Washington para Presidente.

Kunta pensou em perguntar o que isso significava, mas não disse nada, na esperança de que Bell continuasse a falar.

— E um outro massa de nome John Adams é o Vice-Presidente. Angustiado, Kunta compreendeu que precisava dizer alguma coisa, para manter a conversa. E finalmente balbuciou:

— Ontem levei o massa para visitar o irmão caçula.

Sentiu-se um tolo no instante mesmo em que o disse, pois Bell certamente já sabia disso. Ela voltou a falar:

— Não sei se você sabe muita coisa sobre o irmão do massa. Ele é o escrivão do Condado de Spotsylvania, mas nunca teve uma cabeça para os negócios tão boa quanto a do nosso massa. — Depois de mais alguns passos em silêncio, Bell acrescentou: — Estou sempre prestando atenção nas coisas que escuto. Sei muito mais do que todo mundo imagina.

Ela lançou um olhar rápido para Kunta, antes de continuar:

— Não gosto muito daquele Massa John. E sei que você também não gosta. Mas tem uma coisa que você devia saber sobre ele e que eu nunca disse. Não foi ele que mandou cortar seu pé. Ele chegou até a brigar com aqueles brancos desgraçados que cortaram seu pé. Tinha contratado eles para seguirem você, com os cachorros de rastejar negros. Eles disseram que você tinha tentado matar um deles com uma pedra.

Bell fez uma pausa, pensativa.

— Lembro-me como se fosse ontem de quando o Xerife Brock trouxe você correndo para o nosso massa, O massa disse que você estava quase morto. Ele ficou furioso quando Massa John disse que você não ia ter mais qualquer serventia porque estava sem pé. O nosso massa disse que ia comprar você do irmão e foi o que acabou fazendo. Ele trocou você e um pedaço de plantação pelo dinheiro que o irmão lhe estava devendo. É aquele lugar que tem um açude no lado direito da estrada grande. Você passa por lá todos os dias.

Kunta identificou imediatamente o local. Podia ver o açude e as terras ao redor.

— Mas os negócios que os Wallers fazem entre si não contam muito, porque eles são unidos. É uma das famílias mais antigas da Virgínia. E já era uma família muito antiga na Inglaterra, antes de atravessarem a grande água para chegar aqui. Tinha uma porção de gente importante e todo mundo era da Igreja Anglicana. Um deles escrevia poesia e se chamava Massa Edmund Waller. Foi o irmão caçula dele. Massa John Waller, que veio primeiro para aqui. Só tinha 18 anos. Ouvi o massa dizer que algum Rei Charles II deu a ele uma terra grande aqui, no lugar onde fica hoje o Condado de Kent.

Eles estavam agora andando bem mais devagar. Kunta sentia-se contente com a disposição de Bell em falar sem parar. É verdade que já ouvira algumas daquelas coisas de outras cozinheiras da família Waller, mas jamais diria isso a Bell.

— Esse John Waller casou-se com uma Mary Key e eles construíram Enfield, a casa grande para onde você leva o nosso massa de vez em quando. Eles tiveram três filhos. John Segundo, o mais moço, foi uma porção de coisas. Sabia tudo da lei quando era xerife, depois esteve na Câmara dos Representantes, ajudou a fundar Fredericksburg e a organizar o Condado de Spotsylvania. Foi ele e sua Missis Dorothy que fizeram Newport. E eles tiveram seis filhos. E esses filhos tiveram outros filhos e os Wallers foram-se espalhando por toda parte. Nosso massa e os outros que vivem por aqui são apenas uma parte da família. E todos eles são muito respeitados. Tem Wallers que são xerifes, pregadores, escrivães, membros da Câmara dos Representantes, médicos como o nosso massa. Quase todos eles lutaram na revolução e não sei o que mais.

Kunta estava tão absorvido pelo relato de Bell que ficou inteiramente desconcertado quando ela parou de andar.

— É melhor a gente voltar. Se a gente continuar passeando assim, amanhã de manhã vai estar com sono na hora de trabalhar.

Começaram a voltar. Bell ficou em silêncio por um minuto e Kunta não disse nada. Ela compreendeu que ele não ia dizer o que estava pensando, o que quer que fosse. Por isso, recomeçou a falar, sobre tudo o que lhe veio à cabeça, até chegarem à porta de sua cabana. Bell virou-se para encará-lo e ficou em silêncio. Kunta ficou calado por um longo e angustiante momento, até que finalmente conseguiu murmurar:

— Bem, acho que está ficando muito tarde, como você disse. Até amanhã.

Kunta afastou-se e Bell ficou pensando que ele terminara não dizendo o que desejava. Mas ela sabia que Kunta acabaria falando, quando chegasse o momento oportuno. E tinha receio de que fosse realmente o que imaginava.

Passaram-se duas semanas de silêncio entre os dois, até que Bell finalmente convidou Kunta para jantar uma noite na cabana dela. Ele ficou tão aturdido que não sabia o que dizer. Nunca antes estivera sozinho numa cabana com uma mulher, exceção de sua própria mãe e da avó. Não seria direito! Mas como Kunta não conseguisse encontrar o que dizer, Bell disse-lhe a que horas deveria aparecer e o assunto foi encerrado.

Kunta lavou-se meticulosamente da cabeça aos pés, numa tina, com um pano áspero e uma barra de sabonete. Esfregou-se uma segunda vez e depois uma terceira. Secou-se. Enquanto se vestia, descobriu-se a cantarolar baixinho uma canção de Juffure:

Mandumbe, o seu pescoço comprido é uma beleza..

Bell não tinha um pescoço comprido nem era bonita, mas Kunta não podia deixar de admitir que se sentia estranhamente feliz quando estava ao lado dela. E tinha certeza de que Bell sentia a mesma coisa.

A cabana de Bell era a maior da plantação e a mais próxima da casa grande, tendo à frente um pequeno canteiro de flores. Conhecendo a cozinha em que ela trabalhava, Kunta não ficou surpreso com a arrumação e limpeza da cabana. O cômodo em que ele entrou, quando Bell lhe abriu a porta, era aconchegante, as paredes de troncos recobertos pelo barro endurecido, a chaminé de tijolos feitos na senzala que se alargava abaixo do teto e formava uma lareira grande, ao lado da qual estavam os utensílios de cozinha, reluzentes. Kunta percebeu imediatamente que a cabana de Bell não era como a dele, com um só cômodo e uma única janela. A dela tinha dois cômodos e duas janelas, ambas com uma portinhola, que ela podia fechar quando chovia ou fazia muito frio. O segundo cômodo era

obviamente o lugar em que Bell dormia e Kunta tomou o cuidado de não olhar para a entrada. Na mesa, havia facas, garfos e colheres, dentro de um jarro. Em outro jarro havia flores do jardim. Duas velas acesas iluminavam o ambiente. Nas extremidades da mesa havia duas cadeiras de encosto alto, o assento de bambu entrelaçado.

Bell convidou Kunta a sentar numa cadeira de balanço ao lado da lareira. Ele o fez, cautelosamente, pois nunca antes sentara numa cadeira daquelas. Esforçava-se ao máximo para parecer à vontade, assim como Bell.

— Andei tão ocupada que nem acendi o fogo — disse ela.

Kunta imediatamente levantou-se, grato pela oportunidade de ter alguma coisa para fazer com as mãos. Raspando a pederneira num pedaço de ferro, acendeu o algodão que Bell colocara sob os gravetos de pinheiro, em cima dos quais estavam as achas de carvalho.

— Não sei como pude convidar você para vir aqui quando a cabana está uma confusão e não tive tempo de arrumar nada — comentou Bell, ocupando-se com suas panelas.

— Não tenho nenhuma pressa — Kunta apressou-se em dizer.

Mas Bell já preparara galinha com bolinhos de milho, pois sabia que Kunta adorava. Quando ficou pronto e ela serviu, caçou dele por estar comendo depressa demais. Kunta só parou de comer depois do terceiro prato, embora Bell insistisse que ainda havia mais um pouco.

— Não, já chega. Tenho a sensação de que vou estourar.

Depois de conversarem por mais alguns minutos, Kunta levantou-se e disse que estava na hora de ir embora. Parou na porta, olhando para Bell, que olhava para ele. Nenhum dos dois disse nada. Depois de um momento, Bell desviou os olhos. Kunta voltou para sua cabana.

Acordou sentindo-se mais alegre do que em qualquer outra ocasião desde que deixara a África. Não contou a ninguém por que se estava comportando de maneira tão estranha, jovial e expansivo. Nem precisaria contar. Não demorou a se espalhar o rumor de que Kunta fora visto sorrindo e até mesmo rindo na cozinha de Bell. A princípio uma vez por semana e depois duas, Bell convidava-o a jantar em sua cabana. Kunta pensara que deveria recusar de vez em quando, mas jamais conseguia reunir coragem suficiente para dizer não. Bell sempre cozinhava as coisas que Kunta dissera que se comiam em Gâmbia, como ervilhas, quiabos, um guisado feito de amendoins e inhame frito na manteiga.

De vez em quando, Bell dava alguma comida para Kunta levar ao violinista e ao velho jardineiro. Ultimamente, Kunta não se encontrava com os dois mais frequentemente, contudo ambos pareciam compreender. O tempo que passavam separados parecia aumentar ainda mais o prazer da conversa quando se reuniam. Embora jamais falasse a respeito de Bell com eles, e os dois também faziam questão de não abordar o assunto, Kunta sabia que ambos estavam a par de seu namoro. Achava isso vagamente embaraçoso, mas não havia nada que pudesse fazer, nem tampouco se importava muito.

Kunta estava mais preocupado com alguns problemas sérios que desejava discutir com Bell, mas nunca encontrava uma boa oportunidade de fazê-lo. Entre esses problemas, estava o fato de Bell manter no cômodo da frente de sua cabana um retrato grande e emoldurado do “Jesus” de cabelos amarelos, que parecia ser um parente do “o Deus” pagão daqueles pretos. Quando finalmente mencionou o assunto, Bell disse-lhe imediatamente:

— Só há dois lugares para onde todo mundo acaba indo, o paraíso ou o inferno. E o lugar para onde cada um prefere ir, é da sua conta e de mais ninguém!

E Bell recusou-se a dizer qualquer outra coisa a respeito. A resposta dela deixou Kunta confuso por algum tempo, mas ele acabou decidindo que Bell tinha direito a ter convicções

próprias, por mais erradas que fossem. Inabalável. Kunta nascera com Alá e iria morrer com Alá. É verdade que recentemente não vinha fazendo suas preces regularmente para Alá, desde que começara a se encontrar com Bell mais frequentemente. Decidiu corrigir-se, esperando que Alá o perdoasse por sua negligência.

De qualquer forma, Kunta não podia sentir-se muito rigoroso em relação a uma pessoa, mesmo sendo uma pagã cristã, que tratava tão bem uma pessoa de outra fé. Bell era tão boa com ele que Kunta queria fazer algo especial para ela, algo pelo menos tão especial quanto o pilão. Um dia, quando estava a caminho da casa de Massa John, a fim de pegar Missy Anne para fazer uma visita a Massa Waller, Kunta parou junto a um grupo de juncos que observava cuidadosamente e pegou os melhores. De volta a sua cabana, cortou os juncos em tiras finas, ao longo dos dias seguintes, entrançando-os com palha de milho, numa linda esteira, com um desenho mandinga no centro. Ficou muito melhor do que ele imaginara. Deu-o de presente a Bell, na próxima vez em que ela o convidou para jantar. Bell olhou da esteira para Kunta e exclamou:

— Ninguém vai botar os pés em cima disto!

Bell foi para o quarto e voltou momentos depois com a mão atrás das costas. E disse a Kunta:

— Isto ia ser o seu presente de Natal. Mas posso fazer uma outra coisa.

Ela estendeu a mão. Era um par de meias de lã, uma delas só com a metade do pé, a parte da frente com um chumaço de algodão. Nenhum dos dois sabia o que dizer naquele momento.

Kunta podia sentir o aroma delicioso da comida que Bell preparava e que estava no fogo, pronta para ser servida. Mas um estranho sentimento o dominava. Subitamente, a mão de Bell agarrou a de Kunta. Ela apagou as velas e levou Kunta para o quarto, como se ele fosse uma folha arrastada pela correnteza. Deitaram-se na cama, de frente um para o outro. Fitando-o nos olhos, Bell estendeu os braços para Kunta. Abraçaram-se. Pela primeira vez, nas suas 39 chuvas, Kunta tinha uma mulher nos braços.



— O massa não quis acreditar quando eu contei para ele — disse Bell a Kunta. — Mas ele acabou dizendo que acha que a gente deve esperar e pensar mais um pouco, porque o casamento é uma coisa sagrada aos olhos de Jesus.

Massa não disse nada a Kunta a respeito do casamento, nas semanas seguintes. Uma noite, Bell foi correndo até a cabana de Kunta e revelou-lhe ofegante:

— Falei com ele que a gente ainda está querendo casar-se e ele disse que, neste caso, estava certo.

A notícia espalhou-se rapidamente pela senzala. Kunta ficava embaraçado toda vez que alguém lhe dava os parabéns. E sentiu vontade de estrangular Bell por ter contado a Missy Anne. Na próxima vez em que a menina foi visitar o tio, soube logo da notícia e saiu correndo de um lado para outro, a gritar:

— Bell vai casar! Bell vai casar!

Ao mesmo tempo em que ficava constrangido e um pouco irritado, Kunta também sabia que não havia motivo para seu desagrado pelo fato de a notícia se espalhar. Afinal, seu povo, os mandingas, considerava o casamento como a coisa mais importante na vida de uma pessoa, depois do nascimento.

Bell conseguiu arrancar a promessa do massa de não usar a charrete, nem a Kunta, no último domingo anterior ao Natal, quando todos estariam de folga e poderiam assim assistir ao casamento.

— Sei que você não quer o casamento na casa grande — disse ela a Kunta. — A gente podia casar-se lá dentro, se eu pedisse ao massa. Mas sei que ele também não gostaria. Assim, acho que todos estamos de acordo.

Ela providenciou para que o casamento se realizasse no jardim diante da casa grande. Todos os escravos estavam presentes, no seus melhores trajes domingueiros. Massa Waller também estava presente, juntamente com a pequena Missy Anne e os pais dela. Mas para Kunta, o convidado de honra, e de certa maneira o responsável pelo casamento, era o seu amigo ganense, que dera um jeito de vir de Enfield para a cerimônia. Ao se encaminhar para o meio do jardim, ao lado de Bell, Kunta virou a cabeça na direção do tocador de quaquá. Trocaram um longo olhar, antes que a melhor amiga de Bell, Tia Sukey, a lavadeira da plantação, se adiantasse para iniciar a cerimônia. Depois de pedir a todos os presentes que chegassem mais para perto, ela disse:

— Peço a todos para rezar por essa união que Deus está para fazer. Quero que vocês todos rezem para que este casal continue junto e. — Ela hesitou por um instante, antes de continuar: — . que nada aconteça para fazer com que um seja vendido para longe do outro. E rezem também para que eles tenham filhos bons e saudáveis.

Depois, solenemente, Tia Sukey colocou um cabo de vassoura sobre a relva, recentemente cortada, diante de Kunta e Bell. Fez sinal para que os dois se dessem o braço.

Kunta tinha a sensação de estar sufocando. Em sua mente, via cenas de casamentos

em Juffure. Podia ver os dançarinos, ouvir as preces e os cantadores entoando elogios ao casal, e escutar os tambores falantes transmitindo as boas novas para as outras aldeias. Esperava ser perdoado pelo que estava fazendo, pelas palavras que tivesse de dizer ao Deus pagão. Alá certamente compreenderia que Kunta ainda acreditava nele e apenas nele. Como se fosse de muito longe, ouviu Tia Sukey perguntar:

— Vocês dois têm certeza de que querem mesmo se casar? Parada-ao lado de Kunta, Bell disse baixinho:

— Eu tenho.

Tia Sukey olhou para Kunta. Ele sentiu Bell a apertar-lhe o braço com toda força e finalmente conseguiu murmurar:

— Eu tenho.

E Tia Sukey disse então:

— E agora, vocês, dois, aos olhos de Jesus, pulem para a terra sagrada do matrimônio.

Kunta e Bell pularam juntos por sobre o cabo de vassoura levantado. Na véspera, Bell obrigara Kunta a praticar vezes sem conta. Ele sentira-se ridículo, mas Bell o advertira de que o casamento seria marcado pelo azar se o pé de um dos dois tocasse no cabo de vassoura. E a pessoa a quem pertencesse o pé seria a primeira a morrer. Quando os dois pousaram em segurança do outro lado do cabo de vassoura, todos os presentes aplaudiram entusiasmados. Depois que ficaram quietos, Tia Sukey voltou a falar.

— O que Deus juntou, nenhum homem pode separar. E agora vocês vão ser fiéis um ao outro. — Ela olhou diretamente para Kunta, antes de acrescentar: — E sejam bons cristãos.

Tia Sukey virou-se em seguida para Massa Waller e perguntou-lhe:

— Massa, quer dizer alguma coisa nesta ocasião?

O massa deu a impressão nítida de que preferia não dizer coisa alguma, mas acabou dando um passo para a frente e disse:

— Ele arrumou uma boa mulher em Bell. E ela arrumou um bom homem nele. E minha família aqui presente, assim como eu, desejamos a melhor sorte do mundo ao casal.

As aclamações delirantes dos escravos eram pontilhadas pelos gritos estridentes de missy Anne, que pulava sem parar, na maior alegria, até que a mãe puxou-a. Os Wallers se retiraram para a casa grande, a fim de deixar os pretos continuarem a comemoração à maneira deles.

Tia Sukey e outras amigas de Bell haviam-na ajudado a preparar caldeirões e mais caldeirões de comida, que foram colocados sobre uma mesa comprida, quase a escondendo inteiramente. Em meio a tanta alegria e aos pratos deliciosos, Kunta e o ganense foram os dois únicos que não tomaram da aguardente e dos vinhos que o massa enviara da adega da casa grande, como seu presente de casamento. Como o violinista tocava sem parar desde que a festa começara, Kunta não podia entender como ele conseguira beber. Mas pelo jeito como balançava enquanto tocava, era evidente que o violinista andara bebendo. e não fora pouco. Kunta já suportara tantas bebedeiras do violinista que estava resignado. Mas ao ver Bell tomando um copo de vinho atrás do outro, começou a ficar preocupado e embaraçado. E ficou ainda mais chocado ao ouvi-la dizer para Mandv, outra de suas amigas:

— Eu estava de olho nele há dez anos!

Pouco depois, Bell aproximou-se dele, abraçou-o e beijou-o na boca, na frente de todo mundo, por entre piadas grosseiras e risadas deliciadas. Kunta estava tenso quando os convidados finalmente começaram a se retirar. Ele e Bell ficaram sozinhos no jardim. Ela novamente aproximou-se dele, cambaleando, e disse-lhe, a voz enrolada:

— Agora que você comprou a vaca, pode ter todo o leite que quiser! Kunta ficou horrorizado ao ouvi-la falar dessa maneira. Mas não se passou muito tempo antes que ele superasse as suas prevenções. Antes de se passarem muitas semanas, ele já havia adquirido um conhecimento considerável do que era uma mulher forte e saudável. Suas mãos haviam explorado meticulosamente no escuro e ele agora tinha certeza de que o imenso traseiro de Bell era dela mesma, não uma dessas armações que ele ouvira dizer que muitas mulheres andavam usando, para darem a impressão de que tinham um traseiro maior do que na realidade. Embora ainda não a tivesse visto nua, pois Bell sempre apagava as velas antes de ir para a cama, já tinha apreciado os seios. E notara, com satisfação, que eram grandes, do tipo apropriado para amamentar um filho homem. O que era ótimo. Kunta só ficou horrorizado ao ver as marcas dos açoites nas costas de Bell.

— São as cicatrizes que vou levar para o túmulo, como minha mãe fez. — comentou Bell. — Mas minhas costas não estão tão ruins quanto as suas.

Kunta foi tomado de surpresa, pois jamais vira as próprias costas. E quase que já havia esquecido inteiramente os açoites que sofrera, há mais de 20 anos. Com o calor de Bell a seu lado. Kunta gostava intensamente de dormir na cama dela, sobre o colchão macio, cheio de algodão, ao invés de palha de milho. As colchas que Bell fazia também eram confortáveis e quentes. E o luxo de dormir entre dois lençóis foi para Kunta um prazer surpreendente e imenso. Também sentia-se feliz com as camisas que Bell fazia especialmente para ele, lavando, engomando e passando a ferro todos os dias. Bell até mesmo amaciava o couro dos sapatos dele, passando sebo. E fazia-lhe meias com uma extremidade acolchoada, para se ajustar ao meio pé de Kunta.

Depois de anos a guiar a charrete do massa diariamente e voltar à noite para um jantar frio, antes de se deitar em sua enxerga solitária, Kunta sabia agora que podia contar que Bell lhe providenciaria uma comida igual à do massa, a menos que fosse carne de porco, e a deixara esquentando na lareira da cabana. Ele agora gostava até mesmo de comer nos pratos de barro de Bell, com as facas, garfos e colheres que ela obviamente pegara no estoque da casa grande. Bell se dera até mesmo ao trabalho de cair a cabana dela — Kunta ainda tinha que recordar a si mesmo, frequentemente, que a cabana agora era deles — por fora e por dentro. Em tudo e por tudo, Kunta sentia-se espantado ao descobrir que gostava de quase tudo em Bell. Teria censurado a si mesmo por não ter descoberto o valor dela antes, se não se estivesse sentindo bem demais para perder tempo a lamentar todos os anos desperdiçados. Ele simplesmente não podia acreditar como a vida agora era diferente, como se tornara muito melhor, a uma distância de poucos meses e alguns metros.



Por mais íntimos que estivessem desde que haviam “pulado a vassoura”, havia ocasiões em que Kunta sentia que Bell ainda não confiava totalmente nele. Às vezes, quando estava conversando com ele na cozinha ou na cabana, Bell parecia prestes a dizer-lhe alguma coisa, mas depois mudava abruptamente para outro assunto, deixando Kunta com uma raiva intensa, que somente o orgulho dele lhe permitia ocultar. E em mais de uma ocasião ele soube de coisas por intermédio do violinista e do velho jardineiro que só poderiam ter sido descobertas no posto de escuta do buraco de fechadura do gabinete do massa. Para Kunta, não tinha importância o que Bell dissera a eles. O que o magoava era o fato de ela não lhe ter contado, de manter segredos para seu próprio marido. E ficava ainda mais magoado porque sempre partilhara tudo o que sabia com Bell e seus dois amigos. Eram notícias que eles talvez nunca soubessem ou pelo menos levariam muito mais tempo para descobrir. Kunta começou a deixar que muitas semanas passassem sem contar sequer a Bell o que ouvira na cidade. Quando Bell finalmente o interpelou, Kunta disse que as coisas pareciam andar quietas ultimamente e talvez fosse por isso que não andava ouvindo notícias realmente importantes. Mas ao voltar da cidade na próxima vez, Kunta achou que Bell já aprendera a lição e contou-lhe o que ouvira o massa dizer a um de seus amigos que acabara de saber que um médico branco de Nova Orleans, chamado Benjamin Rush, declarara que assim que seu assistente preto, um escravo chamado James Derham, aprendesse tudo o que ele sabia de medicina, iria dar-lhe a liberdade.

— Não foi esse o negro que se tornou um médico por si mesmo e ficou ainda mais famoso que o médico que ensinou tudo a ele? — perguntou Bell.

— Como é que sabe disso? O massa disse que acabou de ler a notícia e não apareceu ninguém por aqui para falar sobre isso! — Kunta estava irritado, ao mesmo tempo que perplexo.

— Tenho o meu jeito — respondeu Bell, misteriosamente, mudando de assunto.

Kunta tomou a decisão de que aquela fora a última vez que Bell soubera de alguma notícia por intermédio dele. Ele quase não falou durante a semana seguinte. Bell finalmente percebeu a insinuação.

Numa noite de domingo, depois de um jantar à luz de velas, na cabana,

“Bell pôs a mão no ombro dele.e disse:

— Tenho uma coisa na cabeça que há muito tempo estou querendo contar a você.

Ela foi para o quarto e voltou um momento depois com uma das Gazettes da Virgínia que estavam sempre empilhadas por baixo da cama. Kunta sempre achara que Bell gostava simplesmente de folhear os jornais, como muitos pretos faziam. Os brancos miseráveis da região também faziam a mesma coisa, exibindo-se na sede do condado aos sábados com jornais abertos diante do rosto.

Kunta e todos os que os viam sabiam perfeitamente que eles não eram capazes de ler uma só palavra. Mas ao ver agora a expressão solene de Bell, Kunta pressentiu o que ela

estava prestes a dizer-lhe.

— Sei ler alguma coisa — confessou Bell, hesitante. — O massa me venderia imediatamente se soubesse disso.

Kunta não disse nada. Há muito que já aprendera que Bell falava mais se a deixasse em paz, sem fazer perguntas.

— Eu conhecia algumas palavras desde que era menina. Foram os filhos do meu massa daquele tempo que me ensinaram. Às crianças gostavam de brincar de professor, porque estavam indo à escola. O massa e a missis não deram a menor importância, porque os brancos preferem pensar que os negros são tão estúpidos que não podem aprender coisa alguma.

Kunta pensou no preto velho que encontrava regularmente na sede do Condado de Spotsylvania. Há anos que o preto varria e limpava o prédio do tribunal. Nenhum branco jamais desconfiara de que ele copiava as assinaturas que deixavam lá, até ficar bom o bastante para forjar e assinar passes de viagem, que vendia aos pretos.

Olhando atentamente para a ponta do dedo indicador, a deslocar-se pela primeira página do jornal, Bell disse finalmente:

— Aqui está escrito que a Câmara dos Representantes se reuniu de novo. — Ela fez uma pausa, examinando meticulosamente as letras, antes de acrescentar: — Foi aprovada uma nova lei sobre impostos.

Kunta estava aturdido. Bell deslocou o dedo para o final da página.

— Aqui está escrito uma coisa sobre aquele lugar chamado Inglaterra. Diz que mandaram alguns negros de lá de volta para a África. — Bell levantou a cabeça subitamente e fitou Kunta: — Quer que eu leia mais alguma coisa sobre isso?

Kunta assentiu. Bell levou vários minutos a correr o dedo pelo jornal, os lábios formando silenciosamente as letras e palavras, antes de dizer:

— Não tem muita coisa aqui. Mas diz que 400 negros foram enviados para um lugar da África chamado Serra Leoa, para uma terra que a Inglaterra comprou do rei de lá. E cada negro recebeu um pedaço de terra e algum dinheiro.

Bell parecia estar cansada do esforço de ler. Passou para as páginas internas do jornal, apontando para Kunta um desenho depois de outro de homens carregando um fardo pequeno na ponta de uma vareta, apoiada no ombro. Ela explicou a Kunta:

— Estão sempre escrevendo essas coisas sobre negros fugidos. Fizeram assim com você da última vez em que fugiu. Diz aqui qual é a cor do negro, que marcas ele tem na cara, nas pernas ou nos braços, se tem as costas com cicatrizes dos açoites, se foi marcado com um ferro em brasa. E diz também o que o negro estava vestindo quando fugiu e tudo o mais. E no final diz quem é o dono do negro e qual a recompensa para quem o apanhar e levar de volta. Já vi oferecerem uma recompensa de até 500 dólares por um negro fugido. E o dono de outro negro, que já tinha fugido uma porção de vezes, oferecia 10 dólares para quem levasse ele de volta e 15 dólares para quem levasse apenas a cabeça do negro.

Depois de guardar o jornal novamente debaixo da cama, Bell ficou quieta por algum tempo. Kunta já a conhecia o suficiente para saber que ela ainda estava com alguma coisa na mente. Já se estavam preparando para deitar quando Bell voltou a sentar-se à mesa, como se tivesse acabado de tomar uma decisão. Com uma expressão ao mesmo tempo furtiva e orgulhosa, ela tirou do bolso do avental um lápis e um pedaço de papel dobrado. Alisando o papel, ela começou a escrever lentamente algumas letras.

— Sabe o que é isso? — Antes que Kunta pudesse responder o que é, Bell antecipou a resposta: — Isso é o meu nome. B-e-L-L.

Kunta ficou olhando espantado para os estranhos caracteres, recordando-se de como há anos vinha evitando qualquer contato maior com a escrita toubob, achando que podia conter algum feitiço. Ainda não tinha certeza de estar enganado. Bell escreveu mais algumas letras.

— Esse é o seu nome. K-u-n-t-e.

Ela olhou para Kunta com uma expressão radiante. Mesmo não querendo, Kunta não pôde resistir à tentação de se inclinar e examinar mais atentamente as estranhas marcas. Mas Bell logo se levantou, amassou o papel e jogou-o na lareira.

— A gente nunca pode ser apanhado com alguma coisa que escreveu.

Várias semanas se passaram antes de Kunta finalmente decidir tomar uma providência em relação a algo que o vinha corroendo desde que Bell lhe mostrara, orgulhosamente, que sabia ler e escrever. Como seus massas brancos, aqueles pretos nascidos nas plantações pareciam achar que todos os que vinham da África tinham acabado de descer das árvores e não possuíam qualquer experiência com educação.

Uma noite, depois do jantar, Kunta ajoelhou-se diante da lareira da cabana e puxou para fora um monte de cinzas. Achatou-as e alisou-as com as mãos. Bell olhava, curiosa. Kunta tirou do bolso um graveto fino e começou a escrever seu nome em caracteres árabes.

Bell não esperou que ele terminasse para perguntar:

— O que é isso?

Kunta explicou. Depois de demonstrar o que desejava, Kunta empurrou as cinzas de volta à lareira, sentou na cadeira de balanço e ficou esperando que ela lhe perguntasse como aprendera a escrever. Não teve que esperar muito tempo e falou pelo resto da noite. Bell, para variar, limitou-se a escutar. A sua maneira hesitante, Kunta contou como todas as crianças de sua aldeia aprendiam a escrever, com penas feitas de hastes de capim secas e usando como tinta água misturada com fuligem. Falou sobre o arafang e as aulas que dava às crianças, pela manhã e à tarde. Entusiasmado-se pelo assunto e apreciando a novidade de ver Bell de boca fechada a escutar, Kunta explicou como os estudantes de Juffure tinham que aprender a ler perfeitamente o Alcorão, antes de se formar. Chegou mesmo a recitar alguns versos do Alcorão. Podia ver que Bell estava interessada, parecia mesmo fascinada. A única coisa que o espantava era o fato de aquela ser a primeira vez, em muitos anos de relacionamento, que Bell demonstrava algum interesse pelas coisas da África.

Bell bateu na mesa e perguntou:

— Como vocês, africanos, dizem “mesa”?

Embora não tivesse falado mandinga desde que deixara a África, a palavra “mero” surgiu à mente de Kunta antes mesmo que sequer chegasse a pensar. Ele sentiu uma pontada de orgulho.

— E como chamam isso? — indagou Bell, apontando para sua própria cadeira.

— Sirango.

Kunta estava tão satisfeito consigo mesmo que se levantou e começou a andar pela cabana, apontando coisas. Batendo no caldeirão de ferro de Bell que estava na lareira ele disse “kalero”. Apontando para a vela sobre a mesa, disse-lhe também o nome em mandinga: “kandio”. Atônita, Bell também se levantou e foi seguindo Kunta. Ele tocou um saco de aniagem com a ponta do sapato e disse “boto”. Tocou numa cabaça seca e disse “mirango” e depois num cesto que o velho jardineiro fizera e disse “sinsingo”. Kunta levou Bell para o quarto. Apontou para a cama: “larango”; para um travesseiro, “kunglarang”; para a janela, “janerango”; para o teto, “kankarango”.

— Deus tenha misericórdia! — exclamou Bell.

Kunta jamais imaginara que pudesse despertar tanto respeito em Bell pela África.

— Agora está na hora de encostar nossas cabeças no kunglarang — disse Kunta, sentando na beira da cama e começando a despir-se.

Bell franziu o rosto por um momento, depois soltou uma risada e abraçou-o. Há muito tempo que Kunta não se sentia tão feliz.



Há várias semanas que Kunta tinha a impressão de que Bell vinha-se comportando de maneira estranha. Ela quase não falava, embora também não estivesse de mau humor. Lançava-lhe de vez em quando olhares esquisitos e suspirava quando ele a olhava de volta. Sorria misteriosamente enquanto se balançava em sua cadeira, às vezes cantando baixinho. Uma noite, depois de apagar a vela e deitar-se, ela pegou a mão de Kunta e colocou-a ternamente em sua barriga. E ele sentiu nitidamente algo dentro dela se mexer. Kunta levantou-se de um pulo, dominado pela alegria.

Nos dias seguintes, Kunta mal percebia para onde estava indo. Pelo que lhe importava, o massa podia estar puxando a charrete e os cavalos sentados atrás. Sua mente estava concentrada nas visões de Bell a remar pelo bolong, a caminho dos arrozais, com o filho dele, Kunta, acomodado nas costas.

Ele não pensava praticamente em mais nada que não no seu primogênito e na tremenda importância do acontecimento. Prometeu a si mesmo que, assim como Omoro, Binta e os outros tinham feito com ele em Juffre, iria ensinar seu filho a ser um homem de verdade, não importando os perigos e desvantagens que ele teria de enfrentar na terra dos toubobs. A função de um pai era ser como uma árvore-gigante para o filho homem. As meninas simplesmente comiam e iam crescendo, até terem idade suficiente para casarem e saírem de casa. Além do mais, a educação das meninas era competência das mães. O filho homem é que era importante, pois carregava o nome e a reputação da família. E quando os pais ficassem velhos e cansados, caberia ao filho cuidar deles.

A gravidez de Bell fez Kunta retornar na imaginação à África muito mais do que o seu encontro com o ganense. Uma noite, ele esqueceu inteiramente a presença de Bell na cabana e contou pacientemente todas as pedrinhas que estavam na cabaça. Descobriu, atônito, que estava longe de sua terra há 22 chuvas e meia. Na maioria das noites, porém, Bell ficava falando sem parar, enquanto Kunta mal prestava atenção, com o olhar perdido no vazio.

— Ele esquece de tudo quando fica pensando nos seus africanismos — comentou Bell um dia com Tia Sukey.

Depois de algum tempo, Bell passou a levantar de sua cadeira, sem que Kunta sequer percebesse, deixando a sala e indo deitar sozinho.

Numa dessas noites, cerca de uma hora depois que Bell fora deitar, Kunta foi arrancado de seus devaneios por gemidos que vinham do quarto. Teria chegado o momento? Ele correu para o quarto e encontrou Bell ainda dormindo, a rolar na cama de um lado para outro, a pique de gritar. Kunta inclinou-se para tocar-lhe a testa e nesse momento Bell sentou-se abruptamente, no escuro, o corpo encharcado de suor, a respiração ofegante.

— Oh, Deus, estou apavorada com esse bebê na minha barriga! — exclamou Bell, abraçando Kunta.

Ele não entendeu, até que Bell conseguiu acalmar-se o suficiente para contar-lhe o que acontecera. Sonhara que, numa festa dos brancos, haviam decidido que o principal prêmio de uma disputa entre eles seria o primeiro bebê preto a nascer na plantação daquela massa. Bell estava tão transtornada que Kunta descobriu-se na obrigação de consolá-la, o que raramente acontecia. Assegurou que Massa Waller jamais faria uma coisa dessas. Depois que Bell acabou concordando com isso, Kunta estendeu-se na cama ao lado dela. E Bell finalmente voltou a dormir.

Mas Kunta não conseguiu dormir. Ficou pensando nas muitas histórias que já ouvira, de bebês pretos sendo dados como presentes, apostados em jogos de carta e brigas de galo. O violinista falara-lhe de um massa agonizante, dono de uma escrava grávida, de 15 anos, chamada Mary, que legara como escravos às suas cinco filhas os cinco primeiros bebês da jovem. Ele já ouvira falar também de crianças pretas sendo oferecidas como garantias de empréstimos, de credores a reclamá-las quando ainda estavam na barriga da mãe, de devedores a vendê-las antes que nascessem, para arrumar algum dinheiro. Kunta sabia que, nos leilões de escravos na sede do Condado de Spotsylvania, o preço médio de uma criança preta com mais de seis meses, quando se presumia que iria viver, estava em torno de 200 dólares.

Kunta recordou-se de tudo isso cerca de três meses depois, quando Bell lhe contou, rindo jovialmente, que a curiosa Missy Anne perguntara por que a barriga dela estava ficando tão grande.

— E eu disse a Missy Anne: “Tenho um biscoito no forno que você vai adorar!”

Kunta mal conseguia ocultar a raiva que sentia pela atenção e afeto que Bell dedicava àquela menina mimada, que para ele era igual a tantas outras crianças brancas que já conhecera, nas diversas casas-grandes a que levava o massa. Ficava irritado ao pensar que o primeiro filho de Kunta e Bell Kinte teria que se sujeitar às brincadeiras das crianças toubobs, que cresceriam para ser seus massas. e às vezes até os pais de seus filhos, se fosse uma menina. Kunta já estivera mais de uma vez em plantações onde uma das crianças escravas era da mesma cor que os massas e muitas vezes até parecia gêmea dos filhos do massa, já que tinham o mesmo pai branco. Antes de permitir que uma coisa dessas acontecesse com Bell, Kunta disse a si mesmo que preferia matar o massa. Jamais seria um daqueles homens que vira criando uma criança “parda”, sabendo que não poderiam jamais se queixar publicamente, pois seria certamente açoitado, se não lhe acontecesse algo pior.

Kunta sabia que as jovens escravas “pardas” alcançavam altos preços nos leilões. Assistira a alguns desses leilões e ouvira os comentários sobre os usos que teriam tais escravas. Pensava também nas muitas histórias que ouvira de meninos “pardos” que haviam desaparecido misteriosamente quando ainda eram bebês, por causa do receio que pudessem ficar iguais a homens brancos quando crescessem, indo para um lugar onde não fossem conhecidos e misturando o seu sangue preto com o de mulheres brancas. Sempre que pensava em algum aspecto da mistura de sangues, Kunta agradecia a Alá pelo fato de que ele e Bell teriam pelo menos o conforto de verem o primeiro filho nascer totalmente preto.

Foi no início de uma noite de setembro de 1790 que Bell começou a ter as contrações do parto. Mas ela não deixou Kunta ir chamar imediatamente o massa, que se comprometera a tratar pessoalmente dela, com a ajuda de Mandy, se fosse necessário. A cada contração, Bell se contorcia na cama, rangendo os dentes para não gritar e apertando a mão de Kunta com a força de um homem.

Num dos breves intervalos entre as contrações, Bell virou o rosto suado para Kunta e

disse:

— Tem uma coisa que eu já devia ter falado a você antes. Já tive duas crianças, há muito tempo atrás, antes mesmo de vir para cá, antes mesmo de eu ter 16 anos.

Kunta estava aturdido. Não disse nada, continuando a olhar para o rosto angustiado de Bell. Se soubesse disso. Não, teria casado com Bell de qualquer maneira. Mas sentia-se traído porque ela não lhe contara antes. Esforçando-se para falar entre as contrações, Bell contou-lhe a história das duas filhas que tivera e das quais fora separada, ao ser vendida para a plantação em que ainda estava.

— Elas eram ainda bebês naquela ocasião! — Bell começou a chorar. — Uma delas estava começando a andar e a outra ainda tinha meses de idade!

Ela ia dizer mais alguma coisa, mas uma nova contração dominou-a. Rangeu os dentes, apertando a mão de Kunta com toda força. Quando a contração finalmente passou, Bell não afrouxou o aperto na mão de Kunta. Fitou-o atentamente, por entre as lágrimas, e disse, como se lesse os pensamentos tumultuados dele:

— Caso esteja pensando coisas, o pai não era um massa nem nenhum capataz. Era um negro que trabalhava nos campos, da minha idade. A gente nem sabia direito o que estava fazendo.

As contrações continuaram, a intervalos cada vez menores. As unhas dela se cravaram na palma da mão de Kunta, a boca se entreabriu num grito silencioso. Kunta correu até a cabana de Mandy, bateu na porta e chamou-a. E depois foi correndo o mais depressa que podia até a casa grande. Ficou batendo na porta e chamando, até que Massa Waller finalmente apareceu. Bastou um olhar para Kunta para que ele compreendesse tudo e dissesse:

— Já estou indo!

Ouvindo os gemidos angustiados de Bell se transformarem em gritos lancinantes. Kunta esqueceu inteiramente tudo o que a esposa lhe dissera. Por mais que desejasse ficar ao lado de Bell, sentiu-se contente quando Mandy ordenou-lhe que saísse. Ficou acorrido à entrada da cabana, procurando imaginar o que deveria estar acontecendo lá dentro.

Kunta pensou subitamente que, muito longe dali, em Juffure, Binta e Omoro estavam-se tornando avós. Ficou triste ao se lembrar que eles nunca veriam a criança, nem sequer saberiam que seu primogênito tivera um filho.

Ouvindo os primeiros gritos de uma voz estranha, Kunta levantou-se de um pulo. O massa saiu alguns minutos depois, parecendo exausto. E disse para Kunta:

— Não foi um parto fácil, pois ela já está com 43 anos. Mas estará totalmente recuperada dentro de alguns dias. — O massa gesticulou na direção da porta da cabana, antes de acrescentar: — Dê algum tempo para Mandy limpar tudo e depois entre para ver sua filha.

Uma menina! Kunta ainda estava-se esforçando para recuperar o controle quando Mandy apareceu na porta, sorrindo, e chamou-o. Kunta entrou rapidamente no quarto e aproximou-se da cama. Uma tábua do assoalho rangeu e Bell entreabriu os olhos, conseguindo esboçar um débil sorriso. Distraidamente, ele encontrou a mão de Bell e apertou-a, mal percebendo o que estava fazendo. Não conseguia desviar os olhos do rosto da menina que estava ao lado de Bell. Era quase tão preta quanto ele e as feições eram inconfundivelmente mandingas. Embora fosse uma menina, o que devia ser a vontade de Alá, mesmo assim era uma criança. Kunta sentiu um profundo orgulho e imensa serenidade com a certeza agora de que o sangue dos Kintes, que fluíra através dos séculos como um rio impetuoso, continuaria a fluir por mais outra geração.

Os pensamentos seguintes de Kunta, de pé ao lado da cama, concentraram-se na busca de um nome apropriado para a filha. Sabia que não poderia pedir ao massa oito dias de folga para pensar no nome da filha, como qualquer pai faria na África. Mesmo assim, sabia que tinha de pensar muito no assunto, pois o nome escolhido teria grande influência no que a criança se tornaria. Mas Kunta lembrou-se de repente de que, qualquer que fosse o nome que escolhesse para a filha, ela seria também chamada pelo último nome do massa. Isso deixou-o tão enfurecido que jurou a si mesmo que a filha cresceria sabendo seu verdadeiro nome.

Abruptamente, sem dizer nada, Kunta virou-se e saiu da cabana. O céu estava começando a clarear. Ele ficou andando de um lado para outro. Tinha de pensar. Recordando-se do que Bell lhe dissera, a respeito da maior dor que já sentira na vida, ter sido separada das duas filhas, Kunta vasculhou a mente à procura de uma palavra mandinga que expressasse o desejo de que sua esposa nunca mais passasse por tamanho sofrimento. E subitamente Kunta encontrou o nome certo. Ficou pensando interminavelmente no nome, resistindo à tentação de dizê-lo em voz alta, mesmo que apenas para si, pois isso seria impróprio. Não podia ser outro nome! Exultante com sua sorte por ter encontrado o nome em tão pouco tempo, Kunta voltou quase correndo para a cabana.

Mas quando disse a Bell que já estava pronto para dar o nome da criança, ela protestou mais veementemente do que Kunta julgara possível, no estado em que a esposa estava.

— Mas que pressa é essa em dar um nome à menina? E que nome é esse? Ainda não discutimos nome nenhum!

Kunta sabia perfeitamente como Bell podia ser obstinada, quando tomava alguma decisão. Por isso, havia angústia e raiva em sua voz quando procurou as palavras certas para explicar que havia certas tradições que deviam ser respeitadas, certos procedimentos que não podiam ser ignorados, na escolha do nome para uma criança. O principal era que a escolha do nome constituía uma atribuição exclusiva do pai, que não podia revelá-lo a ninguém, antes de dizê-lo à própria criança. Kunta explicou que a pressa era essencial, para que a menina não ouvisse primeiro um nome que o massa podia querer dar-lhe.

— Agora estou entendendo — gritou Bell. — Mas esses seus africanismos não levam a nada, só vão criar problemas para a gente. E não vou querer nenhum nome pagão para minha filha!

Furioso, Kunta saiu correndo da cabana, e quase esbarrou em Tia Sukey e Mandy, que estavam chegando com muitas toalhas e caldeirões com água fervendo.

— Parabéns, Toby — disseram elas. — Nós viemos ver como Bell está.

Kunta não disse nada ao passar por elas. Um preto que trabalhava nos campos, chamado Cato, ia naquele momento tocar o sino pela primeira vez na manhã, a fim de avisar aos outros que estava na hora de saírem de suas cabanas, a fim de irem buscar baldes de água no poço e se lavarem antes da primeira refeição. Kunta afastou-se rapidamente da senzala e foi para o estábulo. Queria ficar o mais longe possível daqueles pretos pagãos, que os toubobs tinham condicionado a se encolherem de medo diante de qualquer coisa que lembrassem a África, o berço de todos eles.

Refugiando no estábulo, Kunta deu água, alimentou e escovou os cavalos. Ao perceber que estava na hora de o massa tomar o café da manhã, Kunta deu uma volta grande para chegar à porta da cozinha, onde perguntou a Tia Sukey, que estava substituindo Bell como cozinheira, se o massa ia precisar da charrete naquela manhã. Tia Sukey recusou-se a falar,

limitando-se a sacudir a cabeça e virando-lhe as costas em seguida, sem sequer oferecer-lhe algo para comer. Voltando para o estábulo, Kunta ia pensando no que Bell teria dito a Tia Sukey e a Mandy, o que as duas estariam agora espalhando pela senzala. Mas acabou dizendo a si mesmo que não se importava.

Tinha era que tomar alguma providência com relação a si mesmo. Não podia continuar dentro do estábulo, sem fazer nada. Acabou saindo com os arreios e pôs-se a passar óleo no couro, desnecessariamente, como fizera há menos de duas semanas. Tinha vontade de voltar à cabana para ver a menina, e também a Bell, mas a raiva o dominava cada vez que pensava na desgraça da esposa de um Kinte desejar que sua filha tivesse algum nome toubob, o que significaria o primeiro passo para uma vida inteira de autodesprezo.

Por volta de meio-dia, Kunta viu Tia Sukey levar uma panela com comida para Bell, provavelmente uma sopa. Descobriu que estava com fome. Alguns minutos depois, foi para trás do celeiro, onde havia uma pilha de batatas-doces. Escolheu quatro das menores e comeu-as assim mesmo, cruas, sentindo pena de si mesmo.

A tarde já ia chegando ao fim quando Kunta decidiu finalmente retornar à cabana. Ao abrir a porta e entrar, não ouviu qualquer ruído de Bell no quarto. Talvez ela estivesse dormindo, pensou ele, inclinando-se na direção de uma vela, para acendê-la.

— É você?

Kunta percebeu que não havia qualquer aspereza na voz dela. Pegou a vela acesa e passou para o quarto. Reparou imediatamente que a expressão de Bell era tão determinada quanto a dele. Ela não perdeu tempo e foi direto ao assunto:

— Escute aqui, Kunta, sei de algumas coisas sobre o massa mais do que você. Se você deixar ele furioso com essas suas coisas da África, ele vai acabar vendendo nós três no leilão.

Dominando a raiva que sentia da melhor forma possível, Kunta procurou as palavras certas para dizer à esposa de sua decisão inabalável, quaisquer que fossem os riscos, de impedir que a filha tivesse um nome toubob. Além disso, a menina teria que receber o nome da maneira apropriada.

Por mais que Bell desaprovasse aquela atitude, ficou ainda mais apreensiva com o que Kunta poderia fazer, se recusasse. Por isso, acabou concordando. Mas perguntou, desconfiada:

— Qual é o vodu que vai fazer com ela?

Kunta explicou que ia simplesmente levar a filha até lá fora, por um momento. Bell insistiu para que ele esperasse um pouco, até que a filha acordasse e fosse amamentada, para não começar a chorar de fome. Kunta imediatamente concordou. Bell calculava que a menina não iria acordar antes de mais duas horas. A esta altura, todos os escravos já deveriam ter-se recolhido e ninguém veria a pantomima que Kunta iria fazer. Embora não deixasse transparecer, Bell ainda estava furiosa por Kunta não lhe ter permitido qualquer participação na escolha do nome da filha, que acabara de trazer ao mundo, em meio a intensa agonia. Receava também o momento em que tomaria conhecimento do nome africano horrível que Kunta certamente escolhera. Mas achava que poderia resolver esse problema mais tarde, à sua maneira, fazendo com que a filha fosse chamada por outro nome.

Já era quase meia-noite quando Kunta tornou a sair da cabana, levando a filha recém-nascida, envolta numa manta. Afastou-se o suficiente para ter certeza de que ninguém iria interferir no que estava para acontecer. Sob a lua e as estrelas, Kunta ergueu a filha para o céu e depois virou-a, a fim de que o ouvido direito da menina ficasse encostado em seus

lábios. E depois, bem devagar, falando com toda clareza, em mandinga, sussurrou três vezes:

— Seu nome é Kizzy. Seu nome é Kizzy. Seu nome é Kizzy. Estava feito, como fora feito com todos os ancestrais Kintes, como fora feito com ele próprio, como teria sido feito com aquela menina recém-nascida, se tivesse nascido na terra de seus ancestrais. Ela tinha sido a primeira pessoa a saber quem era.

Kunta sentiu a África pulsando em suas veias e fluindo de seu corpo para o da menina. Afastou-se mais um pouco. Parou novamente, levantou a ponta do manto, deixando à mostra o rosto preto da menina, virado para o céu. E desta vez falou-lhe em voz alta, ainda em mandinga:

— Olhe! Eis a única coisa maior do que você!

Quando Kunta voltou com a filha para a cabana, Bell pegou-a imediatamente, o rosto contraído de medo e ressentimento. Ela examinou a filha da cabeça aos pés, sem saber o que estava procurando e não querendo encontrar coisa alguma. Finalmente convencida de que Kunta não fizera nada de abominável — ou pelo menos nada que fosse aparente — ela deixou a filha na cama e foi para o cômodo da frente, sentando numa das cadeiras. Cruzou as mãos sobre o colo e disse:

— Muito bem, agora me diga.

— Dizer o quê?

— O nome, Africano! Qual foi o nome que deu a ela?

— Kizzy.

Kizzy? Ninguém jamais ouviu falar num nome desses!

Kunta explicou que “Kizzy”, em mandinga, significava “a que fica sentada” ou “a que não vai embora”. Ao contrário das duas filhas anteriores de Bell, aquela criança jamais seria separada da mãe.

Mas Bell não estava disposta a ser apaziguada e insistiu:

— Você vai é criar problemas para a gente!

Ao perceber que a raiva de Kunta estava novamente aumentando Bell resolveu ceder um pouco. Disse que se recordava da mãe a referir-se a avô como tendo o nome de “Kibby”, que soava quase a mesma coisa. Poderiam, pelo menos, dar essa explicação para o nome estranho, se o massa ficasse desconfiado.

Na manhã seguinte, Bell esforçou-se ao máximo para disfarçar seu nervosismo, quando o massa foi visitá-la. Ela chegou mesmo a rir ao revelar o nome da filha. O massa limitou-se a comentar que era um nome estranho, mas não fez qualquer objeção. Bell deixou escapar um profundo suspiro de alívio no momento em que ele se retirou. De volta à casa grande, antes de partir para as visitas a seus pacientes, na charrete guiada por Kunta, Massa Waller abriu a Bíblia grande que mantinha trancada num armário de seu gabinete. Procurou a página onde estavam os registros da plantação. Pegou uma pena, molhou-a no tinteiro e escreveu: “Kizzy Waller, nascida a 12 de setembro de 1790.”



— Ela é igualzinha a uma boneca negra! — gritou Missy Anne, pulando extasiada, a bater palmas, quando viu Kizzy pela primeira vez, três dias depois, na cozinha de Bell. — Ela pode ser minha?

Bell sorriu de prazer.

— Ela pertence a mim e ao pai dela, meu bem. Mas assim que ela crescer um pouco, vai poder brincar com ela sempre que quiser.

E assim aconteceu. Frequentemente, quando ia à cozinha verificar se haveria necessidade da charrete ou simplesmente para visitar Bell, encontrava a sobrinha de cabelos louros do massa, agora com quatro anos de idade, debruçada sobre a cesta em que Kizzy ficava, murmurando:

— Você é muito bonitinha. A gente vai brincar um bocado quando você ficar grande. Mas tem que crescer depressa, está bem?

Kunta jamais fazia qualquer comentário, mas sentia-se humilhado ao constatar que aquela criança toubob comportava-se como se Kizzy tivesse entrado no mundo para servir-lhe de brinquedo, como se fosse uma boneca diferente. Bell nem ao menos respeitara a virilidade e a paternidade dele para indagar a respeito de seus sentimentos ao ver a filha brincando com a filha do homem que o comprara, pensava Kunta, amargurado.

Às vezes ele tinha a impressão de que Bell estava mais preocupada com os sentimentos do massa do que com os dele. Já perdera a conta das noites em que Bell passara o tempo todo a falar da bênção de Missy Anne ter aparecido para tomar o lugar da filha de Massa Waller, que morrera no parto, juntamente com a mãe.

— Oh, Deus, acho que ele odeia só em pensar no que aconteceu! — comentou Bell uma noite, fungando. — A pobre Missis Priscilla não era muito maior que um beija-flor. Passava o dia inteiro cantando para si mesma, sorria para mim, acariciava a própria barriga, esperando ansiosamente que o bebê nascesse. E veio então aquela manhã em que ela começou a gritar e acabou morrendo. A menininha também morreu. Acho que o pobre massa nunca mais sorriu desde então. A não ser quando a pequena Missy Anne está aqui.

Kunta não sentia a menor pena pela solidão do massa. Mas ficava desejando que o massa casasse de novo, pois assim ficaria mais ocupado e teria menos tempo para dedicar à sobrinha. Com isso, as visitas de Missy Anne à plantação seriam reduzidas, e ela não teria tanto tempo para brincar com Kizzy.

— Tenho observado o massa como ele fica quando a pequena Missy Anne está aqui. Ele pega ela no colo, fica cantando até ela dormir. E quando ela dorme, continua com a menina no colo, em vez de botar na cama. Dá a impressão de que não vai nunca tirar os olhos da pequena Missy Anne, enquanto ela está aqui. E eu sei que é porque ele se sente o pai dela no fundo do coração!

Bell argumentava que o massa iria tratar aos dois com mais bondade ainda, sem falar em Kizzy, se a amizade de Missy Anne pela menina preta a fizesse vir à plantação com

maior frequência. E Bell acrescentava, maliciosamente, que Massa John e sua esposa doentia também não se incomodariam se a filha se tornasse cada vez mais íntima do tio, “porque eles acham que assim ficam mais perto do dinheiro do massa”. Por mais importante que o irmão do massa pretendesse ser, dizia Bell, ela tinha certeza de que ele de vez em quando pedia dinheiro emprestado ao massa. Kunta sabia o suficiente para não desacreditar. Mas, no fundo, não se importava em saber qual toubob era mais rico, já que considerava a todos como iguais.

Os meses foram passando. Missy Anne vinha visitar Massa Waller duas vezes por semana e passava horas brincando com Kizzy. Kunta não podia fazer nada para impedi-lo, mas pelo menos tentava evitar ver as duas juntas. Não o conseguia, pois as duas pareciam estar em todos os lugares a que e lá. E ficava amargurado ao ver sua filha sendo apalpada, apertada e beijada pela sobrinha do massa. A repulsa que o dominava era profunda. Recordava-se de um velho ditado africano, tão antigo que tinha vindo dos antepassados mais longínquos: “No final, o gato sempre come o rato com o qual brincou.”



Desde a época do nascimento de Kizzy, Kunta e o violinista volta e meia retornavam à plantação com notícias sobre uma ilha do outro lado da grande água, chamada “Haiti”, onde se dizia que havia 36 mil brancos, quase todos franceses, mandando em meio milhão de pretos, levados para lá em grandes navios vindos da África, para trabalhar como escravos nas plantações de cana-de-açúcar, café, índigo e cacau. Uma noite, Bell contou que ouvira Massa Waller dizer a seus convidados para o jantar que os brancos ricos do Haiti viviam como reis, enquanto oprimiam os muitos brancos mais pobres, que não podiam dar-se ao luxo de terem escravos.

— Mas que coisa! — comentou o violinista, sarcasticamente. — Como é que tem gente que pode fazer uma coisa dessas?

— Ora, cale essa boca! — disse Bell, rindo.

E ela continuou o relato. O massa dissera ainda a seus convidados horrorizados que vinha ocorrendo no Haiti, há várias gerações, tamanha procriação entre homens brancos e escravas pretas que agora existiam quase 28 mil mulatos na ilha, que eram comumente chamados de “colored”. Quase todos haviam sido libertados por seus donos e pais franceses. Segundo um dos convidados, disse Bell, esses “coloreds” invariavelmente procuravam companheiras de pele ainda mais clara. O objetivo era terem filhos que parecessem inteiramente brancos. Os que ainda eram visivelmente mulatos subornavam as autoridades para que constasse de seus documentos ‘a declaração de que os antepassados tinham sido espanhóis ou índios, qualquer coisa enfim que não africanos. Massa Waller acrescentara que, por mais difícil de se acreditar e por mais lamentável que fosse, esses “coloreds” graças a doações e testamentos de muitos brancos, possuíam agora pelo menos um quinto do território haitiano. e dos escravos. Eram tão ricos que passavam as férias na França e educavam seus filhos lá, exatamente como os brancos ricos. E também oprimiam e maltratavam os brancos pobres. A audiência de Bell ficou deliciada, tanto quanto a do massa ficara escandalizada.

— Vocês não vão rir ao saberem da outra parte da história — interveio o violinista. — Ouvi uma conversa dos massas numa festa em que fui tocar.

Os massas tinham comentado que os brancos pobres do Haiti odiavam os mulatos intensamente. Haviam feito uma porção de petições, até que a França finalmente baixara diversas leis, proibindo os “coloreds” de andarem pelas ruas de noite, de sentarem junto com os brancos nas igrejas, até mesmo de fazerem roupas com os mesmos tipos de tecidos. Tanto os brancos como os mulatos, explicou o violinista, estavam descarregando sua raiva uns contra os outros no meio milhão de escravos pretos do Haiti. Kunta confirmou, dizendo que ouvira na cidade alguns massas sorridentes fazerem comentários que indicavam que os pretos do Haiti estava sofrendo ainda mais do que os da América. Informou de que ouvira dizer que os pretos espancados até a morte ou enterrados vivos, como castigo, já eram fatos corriqueiros. As mulheres pretas grávidas eram postas a trabalhar arduamente, até

abortarem. Achando que de nada adiantaria, contribuindo apenas para deixar os outros ainda mais aterrorizados, Kunta não transmitiu as informações que ouvira sobre outras crueldades ainda mais desumanas: as mãos dos pretos eram pregadas numa parede, até que eles comessem as próprias orelhas que tinham sido cortadas; uma mulher toubob mandara cortar as línguas de todos os seus escravos; outra mandara amordaçar a boca de uma criança preta, até vê-la morrer de fome.

Diante de tantas histórias de horror, repetidas insistentemente ao longo de nove ou dez meses, Kunta não ficou surpreso ao saber, numa de suas visitas à cidade, no verão de 1791, que os escravos pretos do Haiti tinham-se levantado numa revolta sangrenta. Milhares de pretos haviam atacado, matando os homens brancos a golpes de porrete, estripando as crianças, estuprando as mulheres, incendiando as plantações. Todo o norte do Haiti se transformara numa paisagem desolada de ruínas fumegantes. A população branca, aterrorizada, estava lutando para sobreviver e revidando cruelmente, torturando, matando, esfolando vivos todos os pretos que conseguia apanhar. Mas havia apenas um punhado de sobreviventes, diminuindo rapidamente, enquanto a rebelião negra se espalhava. Ao final de agosto, os poucos milhares de brancos que ainda estavam vivos procuravam apenas se esconder ou fugir da ilha.

Kunta contou que nunca vira os toubobs do Condado de Spotsylvania tão irados e assustados.

— Parece que eles estão ainda mais apavorados do que no último levante que houve aqui na Virgínia — comentou o violinista. — Acho que foi uns dois ou três anos depois que você chegou aqui. Mas como naquele tempo não falava com ninguém, acho que nem soube o que estava acontecendo. Aconteceu lá em New Wales, no Condado de Hanover. Um capataz espancou um negro ainda jovem. O negro atçou ele com um machado. Mas errou o golpe. Os outros negros atacaram o capataz e bateram tanto nele que o primeiro negro teve de intervir para salvar a vida dele. Esse capataz, todo ensanguentado, foi correndo pedir ajuda. Enquanto isso, os negros enlouquecidos agarraram mais dois brancos, amarraram eles e começaram a bater. Foi quando um bando de brancos chegou, todo mundo armado. Os negros foram-se refugiar num celeiro. Os brancos tentaram convencê-los a se entregarem mansamente. Mas os negros saíram correndo com porretes e atacaram. E quanto tudo terminou, dois negros tinham morrido a tiros e uma porção de outros negros e brancos estavam feridos. Os brancos chamaram as milícias e fizeram uma porção de leis, até que tudo se acalmou. Acho que esse negócio do Haiti fez os brancos daqui se lembrarem. É que eles sabem tão bem quanto eu que tem muitos pretos por aqui que só estão esperando a centelha certa para se revoltarem. E se a coisa começar, pode espalhar-se depressa e a gente vai ver aqui mesmo na Virgínia tudo o que estava acontecendo no Haiti. — O violinista estava obviamente deliciado com a perspectiva.

Kunta não demorou a perceber o pavor com que os brancos o fitavam, toda vez que ia às cidades, passava por armazéns, tavernas ou igrejas, onde quer que eles se reunissem, em grupos nervosos, os rostos vermelhos e carrancudos. Até mesmo o massa, que raramente falava com Kunta além do necessário para informar onde desejava ir, passou a tratá-lo mais friamente, as palavras sempre ríspidas. Uma semana depois, a milícia do Condado de Spotsylvania estava patrulhando as estradas, querendo saber o destino e verificando os passes de todos os negros que passavam, açoitando e prendendo aqueles que pareciam suspeitos. Numa reunião a que compareceram todos os massas da região, tomou-se a decisão de cancelar as festas da colheita anuais dos pretos. Foram também proibidas quaisquer outras reuniões de pretos, além dos limites das plantações em que viviam. Até

mesmo as danças ou preces dos pretos de uma plantação deviam ser vigiadas pelo capataz ou algum outro branco.

Bell disse aos outros escravos:

— Quando o massa me falou tudo isso, eu disse a ele que Tia Sukey, Mandy e eu ficamos de joelhos todos os domingos e rezamos juntas para Jesus. Mas ele não falou nada em vigiar a gente e por isso vamos continuar a rezar!

Nas noites seguintes, sozinha na cabana com Kunta e Kizzy, Bell examinava atentamente os jornais que o massa jogara fora, à procura das últimas notícias. Ela levou quase uma hora inteira para ler uma notícia grande, antes de poder informar a Kunta que “uma tal de Lei dos Direitos foi feita.” E ela hesitou, respirou fundo e acrescentou:

— Parece que essa tal lei foi ra-ti-fi-ca-da ou algo parecido. Havia muitas informações sobre os recentes acontecimentos no Haiti. Mas eles já sabiam da maioria, através do sistema de comunicação clandestino dos escravos. Bell revelou que o ponto principal de quase todas as notícias era o receio de que a revolta dos escravos no Haiti pudesse chegar ao país. Por isso é que os brancos estavam impondo tantas restrições e severas punições. Depois de dobrar os jornais e guardá-los, Bell comentou:

— Estou achando que eles não têm mais muito o que fazer contra a gente, a não ser acorrentar tudo que é negro.

Nas semanas seguintes, no entanto, as notícias sobre a revolta no Haiti foram minguando, lentamente. Por todo o Sul, a tensão foi-se atenuando e os brancos se congratulavam pela produção de algodão nunca antes alcançada. e pelos preços excepcionais que estavam obtendo. O violinista foi tocar em tantas festas dos brancos que durante o dia fazia pouco mais além de dormir.

— Parece que os massas estão ganhando tanto dinheiro com o algodão que resolveram dançar até morrer! — disse ele a Kunta.

Mas não se passou muito tempo antes que os brancos tivessem novos motivos para se sentirem apreensivos. Em suas idas à sede do condado, levando o massa, Kunta começou a ouvir comentários irados e cada vez mais frequentes sobre a proliferação de “sociedades antiescravistas”, organizadas por “traidores da raça branca”, não apenas no Norte, mas também no Sul. Ele contou a Bell o que ouvira. Ela disse que já lera a respeito nos jornais do massa e que atribuíam o crescimento rápido e recente do movimento contra a escravidão à revolta dos pretos no Haiti.

— Eu sempre disse a você que existem alguns brancos que são bons! — exclamou Bell. — Ouvi até dizer que uma porção deles foi contra os primeiros navios que trouxeram os negros africanos como você para cá!

Kunta ficou espantado, como sempre acontecia em tais ocasiões, perguntando-se de onde será que Bell imaginava que tinham vindo os avós dela. Como Bell estava muito excitada, Kunta achou melhor não fazer qualquer comentário.

— Toda vez que essas coisas saem no jornal — continuou Bell — os brancos ficam logo nervosos e começam a gritar sobre os inimigos do país e coisas assim. Mas o que é importante é que quanto mais os brancos que são contra a escravidão disserem o que pensam, mais os massas começam a se perguntar no fundo do coração se estão certos ou errados. — Bell fez uma pausa, olhando atentamente para Kunta, antes de acrescentar: — Especialmente aqueles que dizem que são cristãos.

Outra pausa e Bell continuou, com uma expressão maliciosa:

— O que você pensa que eu, Tia Sukey e Mandy ficamos conversando nos domingos que o massa pensa que a gente está apenas cantando e rezando? Eu fico prestando atenção

aos brancos. Os quacres já eram contra a escravidão antes mesmo daquela Revolução. E aqui mesmo na Virgínia! E muitos deles eram massas que tinham uma porção de negros. Mas os pregadores começaram a dizer que os negros eram seres humanos, que tinham direito de ser livres como todas as outras pessoas. E você lembra que alguns massas brancos começaram a libertar seus negros, até mesmo a ajudar os negros a irem lá para o Norte. Agora, os quacres que ainda ficaram com os seus negros estão sendo falados pelos outros. E ouvi dizer que a igreja deles vai renegar os quacres que ainda não soltaram seus negros.

Bell respirou fundo.

— E há também os metodistas. Eu lembro que li há uns 10 ou 11 anos que os metodistas fizeram uma grande reunião em Baltimore e finalmente concordaram que a escravidão era contra as leis de Deus e que nenhuma pessoa que se chamasse cristã podia ter negros escravos. Os quacres e os metodistas estão fazendo muita confusão para conseguir leis para libertar os negros. Já os brancos batistas e presbiterianos, como os Wallers, me parecem meio indiferentes. Eles estão mais preocupados com sua própria liberdade de rezarem a seu Deus como quiserem e em encontrar um meio de ficarem com a consciência limpa e também com seus negros.

Apesar de toda a conversa de Bell a respeito dos brancos que eram contra a escravidão, sendo que muita coisa ela lera no jornal do massa, Kunta jamais ouviu um só toubob expressar uma única opinião que não fosse exatamente o inverso. Durante a primavera e verão de 1792, o massa partilhou a charrete com alguns dos mais ricos e poderosos massas da Virgínia, políticos, advogados, comerciantes. A menos que houvesse algum outro assunto mais premente, o principal tópico das conversas eram os problemas que os pretos lhes criavam.

Quem quer que desejasse controlar os escravos da maneira devida, alguém sempre dizia, precisava compreender primeiro que o passado africano deles, vivendo na selva com os animais, dava-lhes uma herança natural de estupidez, preguiça e hábitos horríveis. O dever cristão daqueles a quem Deus abençoara com a superioridade era o de ensinar àquelas criaturas um senso de disciplina, moralidade e respeito pelo trabalho, através do exemplo, é claro, mas também com leis e castigos na medida do necessário, embora se desse também estimular e premiar os que se tornassem merecedores.

Qualquer falta de firmeza por parte dos brancos, concordavam todos, iria simplesmente provocar a desonestidade, traição e artimanhas naturais às espécies inferiores. As sociedades antiescravistas, especialmente no Norte, só podiam ser integradas por homens que nunca tinham possuído pretos nem tentado dirigir uma plantação com eles. Não se podia esperar que tais pessoas compreendessem como a paciência, o coração, o espírito e até mesmo a alma de uma pessoa podiam ser postos à prova pelas dificuldades árduas de possuir escravos.

Kunta ouvia esses absurdos há tanto tempo que já se haviam transformado para ele numa espécie de ladainha. Quase não lhes prestava mais qualquer atenção. Mas, às vezes enquanto guiava a charrete, não podia deixar de se perguntar por que seus conterrâneos simplesmente não matavam todos os toubobs que punham o pé na África. Ele jamais conseguiu encontrar uma resposta que o satisfizesse.



Num dia quente e abafado, ao final de agosto, por volta do meio-dia, Tia Sukey aproximou-se do violinista, o mais depressa que conseguia andar, para dizer-lhe que estava extremamente preocupada com o velho jardineiro. Ele não aparecera para a primeira refeição, mas Tia Sukey não se preocupara com isso. Mas quando o velho jardineiro também não aparecera para o almoço, ela decidira ir procurá-lo. Baterá na porta da cabana dele e o chamara tão alto quanto podia. Não tivera resposta. Alarmada, ela resolvera vir falar com o violinista, para saber se ele tinha visto o velho jardineiro em algum lugar. O violinista disse que não.

Naquela noite, o violinista disse a Kunta:

— Eu já sabia antes mesmo de entrar lá dentro.

Kunta disse que também experimentara uma sensação estranha e inexplicável naquela tarde, quando estava trazendo o massa de volta.

— Ele estava deitado na cama, com uma cara serena, um sorriso no rosto — disse o violinista. — Parecia que estava dormindo. Mas Tia Sukey disse que ele já tinha acordado no paraíso.

O violinista contou que fora levar a triste notícia aos homens que estavam trabalhando nos campos. O chefe deles, Cato, voltara junto com o violinista e o ajudara a lavar o corpo. Tinham pendurado o chapéu de palha do velho jardineiro na porta, no sinal tradicional de luto, antes de os homens voltarem dos campos. Todos se reuniram diante da cabana para prestar a última homenagem ao velho jardineiro. Depois, Cato e outro homem tinham começado a escavar uma cova.

Na hora do enterro, Massa Waller ficou de um lado da cova, com os escravos no outro. Tia Sukey começou a rezar. Depois, uma moça que trabalhava nos campos, chamada Pearl pôs-se a cantar uma triste canção:

— Depressa para casa, minha alma cansada. Eu soube hoje do paraíso. Depressa, minha alma cansada. meus pecados foram perdoados, minha alma está livre.

Massa Waller falou ao final, de cabeça baixa:

— Josephus, você foi um servo bom e fiel. Que Deus abençoe sua alma! Amém.

Apesar de seu sofrimento, Kunta não pôde deixar de ficar surpreso ao ouvir o velho jardineiro ser chamado de “Josephus”. Qual teria sido o verdadeiro nome do velho jardineiro, o nome dos antepassados dele? A que tribo teria pertencido? Será que o próprio jardineiro soubera? Era mais provável que ele tivesse morrido como vivera, sem saber quem realmente era. Através das lágrimas, Kunta e os outros observaram Cato e o ajudante baixarem o corpo do velho jardineiro para a cova aberta no solo, o mesmo solo que ele passara tantos anos a cuidar, fazendo as plantas nele crescerem. Quando a terra começou a cair sobre o peito e o rosto do velho jardineiro, Kunta engoliu em seco e piscou repetidamente, para conter as lágrimas. A seu redor, as mulheres começaram a soluçar, os homens a limpar a garganta e assoar o nariz.

A morte do velho jardineiro deixou Kunta profundamente deprimido durante muito tempo. Uma noite, depois que Kizzy já estava deitada, Bell lhe disse:

— Sei como está sentindo a morte daquele jardineiro, Kunta. Mas não acha que já está na hora de tirar isso da cabeça e voltar a pensar nos vivos?

Kunta limitou-se a lançar-lhe um olhar furioso.

— Faça como achar melhor, Kunta. Só acho^o que não vai poder dar uma festa muito boa para o segundo aniversário de Kizzy, no próximo domingo, se continuar desse jeito.

— Eu estarei bem — Kunta apressou-se em dizer, torcendo para que Bell não percebesse que esquecera inteiramente o aniversário da filha.

Ele tinha cinco dias para fazer um presente para Kizzy. Na tarde de quinta-feira, já havia esculpido uma linda boneca mandinga de um pedaço de pinho, esfregando linhaça e fuligem e depois polindo até que brilhasse como as esculturas de ébano de sua terra. Bell há muito que já havia terminado o vestido que daria de presente à filha. Ela estava na cozinha, preparando as duas velas rosas que poria no bolo de chocolate, para a festa de domingo, para a qual convidara Tia Sukey e Mandy, quando Roosby, o cocheiro de Massa John, apareceu.

Bell teve que morder a língua quando o massa, radiante, chamou-a para comunicar que Missy Anne conseguiu convencer os pais a passar um fim de semana inteiro com o tio. Ela chegaria na tarde seguinte.

— Apronte imediatamente o quarto de hóspede, Bell. E por que não prepara um bolo ou algo assim para o domingo? Minha sobrinha me disse que sua filha vai fazer aniversário. Ela gostaria de ter uma festa, só as duas, no quarto dela. Anne também mandou perguntar se sua filha poderia passar a noite com ela, no quarto lá de cima. Eu disse que não havia problema. Por isso, mande colocar também um colchão ao pé da cama.

Bell foi dar a notícia a Kunta, acrescentando que o bolo teria de ser servido na casa grande, em vez de na cabana deles, e Kizzy estaria tão ocupada a festejar com Missy Anne que não poderiam ter a festa que haviam planejado. Kunta ficou tão furioso que não conseguiu falar nem mesmo olhar para Bell. Saiu da cabana e foi direto para o estábulo, onde escondera a boneca, sob uma pilha de feno. Pegou-a.

Fizera uma promessa solene a Alá de que uma coisa daquelas jamais aconteceria com sua Kizzy. Mas o que podia fazer? Sentia-se tão frustrado e amargurado que quase compreendeu por que aqueles pretos haviam finalmente acreditado que resistir aos toubobs era quase tão inútil quanto uma flor tentando manter-se em meio a uma tempestade de neve. Olhando para a boneca, ele pensou na mãe preta cuja história lhe haviam contado. Ela esmagara a cabeça da filha, na plataforma do leilão de escravos, gritando:

— Não vão fazer com ela o que fizeram comigo!

Kunta levantou a boneca, para arremessá-la contra a parede. Logo baixou a mão, lentamente. Jamais poderia fazer isso com a filha. Mas o que dizer de uma fuga? A própria Bell certa vez mencionara essa possibilidade. Mas será que ela realmente iria? E se decidissem pela fuga, será que conseguiriam, na idade em que estavam, ele com apenas a metade de um pé, levando uma criança que mal sabia andar? Há anos que Kunta não cogitava seriamente de fugir. Mas agora ele conhecia toda a região tão bem quanto a plantação. Talvez.

Largando a boneca, Kunta voltou para a cabana. Mas Bell começou a falar antes mesmo que ele tivesse oportunidade de dizer alguma coisa.

— Estou sentindo a mesma coisa que você, Kunta. Mas tem que compreender. Prefiro ver Kizzy assim a trabalhar nos campos como o pequeno Noah. Ele tem apenas dois anos a

mais que Kizzy, mas já começaram a levar o garoto para os campos, para arrancar o mato e carregar água. Não importa o que você possa estar sentindo, acho que tem de concordar com isso.

Como sempre, Kunta não disse nada. Mas já vira e fizera o bastante, durante seu quarto de século como escravo, para saber que a vida de um preto que trabalhava nos campos era praticamente a vida de um animal. E ele preferia morrer a condenar a filha a tal destino.

Uma noite, algumas semanas depois, Kunta voltou para a cabana e encontrou Bell a sua espera na porta, com uma caneca de leite frio, coisa que ele sempre podia contar, depois de uma viagem comprida. Kunta sentou na cadeira de balanço para esperar o jantar. Bell postou-se atrás dele e, sem que o pedisse, massageou-lhe as costas, no lugar em que ela sabia que costumava doer, depois de um dia inteiro manejando as rédeas. Quando Bell serviu o prato predileto dele, um guisado à moda africana, Kunta compreendeu que ela o estava preparando para dizer alguma coisa. Mas sabia que era melhor não perguntar. Durante todo o jantar, Bell falou sem parar sobre coisas que não tinham a menor importância. Ele já estava começando a pensar que Bell jamais chegaria ao assunto, quando, cerca de uma hora depois do jantar, no momento em que se preparavam para ir deitar, Bell parou subitamente de falar, por um longo tempo. Ela respirou fundo, pôs a mão no braço dele. Kunta compreendeu que o momento tinha chegado.

— Kunta, não sei como dizer isso. Assim, vou dizer logo de uma vez. O massa me disse que tinha prometido a missy que ia levar Kizzy até a casa de Massa John para passar o dia com ela. Vai levar a menina amanhã de manhã.

Aquilo já era demais. Kunta já se sentia amargurado o bastante ao ver a filha sendo lentamente transformada numa cachorrinha ensinada. E agora ainda queriam tirá-la de casa, levá-la para sua nova dona. Kunta fechou os olhos, procurando dominar a raiva. Levantou-se abruptamente, desvencilhando o braço de Bell com um safanão, e saiu da cabana. Enquanto Bell passava a noite sozinha na cama, sem conseguir dormir, Kunta ficou sentado no estábulo, também sem dormir. Os dois choravam desesperadamente.

Ao pararem diante da casa de Massa John, na manhã seguinte, Missy Anne veio correndo para recebê-lo, antes mesmo que Kunta tivesse tempo de pôr Kizzy no chão. Ao afastar-se, guiando os cavalos na direção da estrada, ouvindo as risadas infantis, Kunta ia pensando, amargurado, que a filha nem mesmo se despedira dele.

No final da tarde, Kunta estava esperando há horas pelo massa, diante de uma casa grande, cerca de 30 quilômetros da plantação dele. Um escravo apareceu para dizer que Massa Waller teria que passar a noite inteira ali, com sua missis doente. Kunta deveria voltar para buscá-lo no dia seguinte. Kunta obedeceu. Chegando à casa de Massa John, descobriu que Missy Anne suplicara à mãe doente a deixar Kizzy passar a noite em sua companhia. Ficou profundamente aliviado quando veio a resposta da mãe da menina: o barulho que as duas faziam deixava-a com dor de cabeça. Pouco depois, Kunta estava retornando à plantação, com Kizzy acomodada a seu lado, no banco estreito.

Kunta lembrou-se de repente de que aquela era a primeira vez que se encontrava a sós com a filha, desde a noite em que lhe dissera qual era seu nome. Sentiu uma alegria estranha e crescente, à medida que a tarde ia caindo. Mas sentia-se também um pouco tolo. Pensara muito nos planos e responsabilidades que tinha para com a filha, mas não sabia agora como agir. Abruptamente, ele pôs Kizzy no colo. Desajeitadamente, apalpou-lhe os braços, as pernas, a cabeça. Kizzy se contorceu um pouco, fitando-o com uma expressão curiosa. Kunta levantou-a de novo, para avaliar o peso dela.

Depois, com uma expressão solene, ele ajeitou as rédeas nas mãos da filha. Kizzy logo estava rindo alegremente. Kunta teve a sensação de que aquele era o som mais delicioso que já ouvira em toda a sua vida.

— Você é uma menina bonita — disse Kunta, finalmente. — Parece com meu irmãozinho Madi.

Kizzy limitou-se a fitá-lo, impassível.

— Fã! — disse Kunta, apontando para si mesmo.

Ela olhou para o dedo dele. Batendo no próprio peito, Kunta repetiu:

— Fã!

Mas Kizzy voltara a concentrar sua atenção nos cavalos. Sacudindo as rédeas, ela gritou o que ouvira o pai dizer muitas vezes:

— Eia!

Ela sorriu orgulhosamente. Mas Kunta parecia tão triste que o sorriso desapareceu rapidamente. Fizeram o resto da viagem em silêncio.

Algumas semanas depois, quando estavam voltando para casa depois de uma segunda visita a Missy Anne, Kizzy inclinou-se na direção de Kunta, bateu com o dedo no peito dele e disse com brilho alegre nos olhos:

— Fã!

Kunta ficou emocionado.

— Ee to mu Kizzy leh! — disse ele, segurando o dedo da filha e apontando-o para ela própria. — Seu nome é Kiazzy! — Ele fez uma pausa e repetiu: — Kizzy!

Ela começou a sorrir, reconhecendo o próprio nome. Kunta apontou para si mesmo.

— Kunta Kinte.

Mas Kizzy parecia estar perplexa. Apontou para ele e disse:

— Fã!

Os dois sorriram.

Na metade do verão, Kunta estava deliciado com a rapidez com que Kizzy aprendia as palavras que lhe ensinava, e o quanto ela parecia apreciar as viagens que faziam juntos. Ele começou a pensar que talvez ainda houvesse uma esperança para ela. Um dia, Kizzy repetiu uma ou duas palavras mandingas, quando estava a sós com Bell. Mais tarde, ela mandou a filha ir jantar com Tia Sukey e ficou esperando Kunta sozinha. Assim que ele chegou, Bell foi logo gritando:

— Será que não tem nenhum juízo nessa cabeça? Por que não ouve o que digo a você? Se continuar a ensinar aquelas coisas à menina, vai acabar colocando todos nós na maior encrenca. É melhor meter logo nessa sua cabeça dura que ela não é nenhuma africana!

Kunta nunca esteve tão perto de bater em Bell. Ela não apenas cometera a ofensa inconcebível de altear a voz para o marido, como também, o que era ainda pior, negava o sangue e a semente dele. Será que ninguém podia dizer uma só palavra de sua verdadeira herança sem temer o castigo de algum toubob? Contudo, algo o advertiu para não dar vazão à raiva que sentia, pois qualquer atrito maior com Bell poderia acabar com as viagens de charrete em companhia de Kizzy. Kunta pensou um momento depois que Bell não poderia tomar tal providência sem explicar o motivo ao massa, coisa que ela não se atreveria a fazer. Kunta estava indignado. Não podia compreender o que o levava a casar-se com uma mulher nascida na terra dos toubobs.

No dia seguinte, enquanto esperava o massa terminar a visita a um paciente numa plantação próxima, Kunta soube por outro cocheiro das últimas notícias a respeito de Toussaint, um antigo escravo que organizara um grande exército de rebeldes pretos no

Haiti e o comandava com sucesso contra os franceses, espanhóis e ingleses. Toussaint, disse o cocheiro, aprendera tudo sobre a guerra lendo livros a respeito de guerreiros antigos famosos, como “Alexandre, o Grande” e “Júlio César”. Os livros tinham sido dados pelo antigo massa dele, a quem ajudara a fugir do Haiti para os Estados Unidos. Ao longo dos últimos meses, Toussaint transformara-se num verdadeiro herói para Kunta, logo abaixo do lendário guerreiro mandinga Sundiata. Kunta mal podia aguardar o momento de voltar para a plantação e transmitir para os outros a história fascinante.

Mas ele esqueceu inteiramente a história. Bell estava à espera dele no estábulo, com a notícia de que Kizzy caíra de febre e estava com inchaços por todo o corpo. O massa disse que era caxumba. Kunta ficou preocupado, até que Bell lhe disse que era normal nas crianças. Ao saber mais tarde que Missy Anne recebera ordem de se manter à distância, pelo menos durante duas semanas, até que Kizzy ficasse inteiramente boa, Kunta, sentiu-se um pouco mais feliz pela doença. Kizzy estava doente há poucos dias quando Hoosby, o cocheiro de Massa John, apareceu com uma boneca toubob toda vestida, mandada por Missy Anne. Kizzy apaixonou-se pela boneca. Ficou sentada na cama, apertando a boneca com toda força, a balançar para a frente e para trás, exclamando, com os olhos semicerrados.

— Ela é tão bonita!

Kunta se retirou sem dizer nada, indo direto para o estábulo. A boneca que ele fizera ainda estava na pilha de feno onde a largara, meses atrás, esquecendo em seguida. Limpando-a na manga, voltou à cabana e quase a jogou nos braços da filha. Kizzy riu de prazer e até mesmo Bell admirou a boneca. Mas Kunta percebeu, alguns minutos depois, que Kizzy gostara mais da boneca toubob. E pela primeira vez na vida, ele ficou furioso com a filha.

Kunta não se sentiu mais feliz ao ver como as duas meninas procuraram ansiosamente compensar o tempo perdido pela separação forçada. Embora algumas vezes Kunta recebesse ordem de levar Kizzy para brincar na casa de Missy Anne, não era segredo para ninguém que Missy Anne preferia ir visitar o tio, já que sua mãe vivia queixando-se do barulho que as duas faziam, recorrendo mesmo a desmaios simulados, como a arma final e decisiva, segundo a cozinheira dela, Omega.

Kunta ressentia-se profundamente da crescente intimidade entre as duas meninas, ainda mais intensamente do que na ocasião em que pressentira tudo, vendo Missy Anne ao lado do berço de Kizzy. Parte dele, no entanto, estava satisfeita por Kizzy ter a oportunidade de desfrutar sua infância. Acabou concordando com Bell que ser uma espécie de animalzinho de estimação de uma menina toubob era melhor do que ir trabalhar nos campos. Mas ele tinha certeza de que a própria Bell de vez em quando se inquietava, ao ver as duas meninas brincando juntas. Achava que, pelo menos em algumas dessas ocasiões, Bell devia pressentir e temer as mesmas coisas que ele. Algumas noites, quando estavam juntos na cabana, observando Bell acariciar Kizzy e entoar uma de suas canções de “Jesus”, Kunta tinha a nítida impressão de que ela temia pela filha, que desejava adverti-la para não se ligar muito a nenhum toubob, por mais que a afeição parecesse mútua. Kizzy ainda era muito jovem para compreender tais coisas, mas Bell sabia perfeitamente a angústia terrível, que poderia resultar de se confiar em qualquer toubob. Afinal, eles não tinham vendido as duas primeiras filhas dela? Não havia possibilidade de sequer prever o que poderia aguardar Kizzi no futuro. Nem o que o destino reservava a Kunta e Bell. Mas de uma coisa Kunta tinha certeza: Alá iria infligir uma vingança terrível a qualquer toubob que se atrevesse a fazer algum mal a Kizzy.



Dois domingos por mês, Kunta levava o massa à igreja da família Waller, cerca de nove quilômetros da plantação. O violinista dissera-lhe que não tinham sido apenas os Wallers mas também diversas outras famílias brancas importantes que haviam construído seus próprios templos. Kunta ficara espantado ao descobrir que o serviço religioso era assistido não apenas pelos Wallers, mas também por outras famílias brancas menos importantes e pelos brancos pobres da região. A charrete frequentemente passava por esses brancos pobres, sempre a pé, carregando a enxada nas costas, presa por um cordão. Nem o massa nem as demais “pessoas de qualidade”, como Bell dizia, jamais paravam para oferecer uma carona a esses brancos pobres. Kunta até que ficava satisfeito por isso.

Havia sempre um sermão comprido e monótono entre uma porção de cantos e preces igualmente insípidos. Quando o serviço finalmente acabava, todos saíam e um a um apertavam a mão do pregador. Kunta não demorou a perceber, divertido, que os brancos pobres e aqueles que pertenciam à classe do massa sorriam e tocavam de leve nos chapéus, comportando-se como se o fato de ambos serem brancos os tornasse iguais. Mas depois, quando se estendiam as toalhas de piquenique sob as árvores, as duas classes sentavam-se em lados opostos do pátio da igreja, como se a separação tivesse sido casual.

Algum tempo depois, Bell recordou a Kunta “o encontro” a que planejava comparecer, em fins de julho. Desde que Kunta chegara à plantação, aquele era o grande acontecimento para os pretos no verão. Ele sempre encontrava um pretexto para não ir. Por isso mesmo é que ficou espantado ao constatar que Bell ainda tinha a disposição de convidá-lo. Kunta quase nada sabia a respeito daqueles encontros, anão ser que tinham relação com a religião pagã de Bell. Mas não queria de jeito nenhum se envolver. Bell, no entanto, insistiu no convite, dizendo-lhe em tom sarcástico:

— Achei melhor avisar você com bastante antecedência, para poder enquadrar nos seus planos.

Kunta não conseguiu pensar uma resposta à altura. E como não queria iniciar uma discussão, limitou-se a responder:

— Vou pensar nisso.

Na verdade, ele não tinha a menor intenção de ir. No dia anterior ao encontro, quando ele parou a charrete diante da casa grande, depois de uma viagem à sede do condado, o massa lhe disse:

— Não vou precisar da charrete amanhã, Toby. Dei permissão a Bell e às outras mulheres para irem ao encontro e disse que você poderia levá-las na carroça.

Fervendo de raiva, convencido de que fora Bell quem tramara aquilo, Kunta levou os cavalos para trás do estábulo. Sem esperar para desatrelá-los, foi direto para sua cabana. Bell fitou-o calmamente e disse:

— Não pude imaginar uma outra maneira melhor para você estar lá quando Kizzy for batizada.

— For o quê?

— Batizada. Isso significa que ela entrou para a igreja.

— Que igreja? Essa sua religião do “Ó Deus”?

— Não vamos começar com isso novamente. Missy Anne pediu aos pais dela para levar Kizzy à igreja nos domingos, para ficar lá atrás, enquanto eles rezam lá na frente. Mas Kizzy não pode entrar na igreja dos brancos se não for batizada.

— Ela não vai a igreja nenhuma!

— Não está compreendendo, não é mesmo, Africano? É um privilégio ser convidado a ir à igreja deles! E se você disser que não, nós dois vamos voltar aos campos para colher algodão!

Ao partirem na manhã seguinte, Kunta ia rígido no assento, olhando fixamente à frente, recusando— se até mesmo a fitar a filha excitada e risonha, sentada no colo da mãe, entre as outras mulheres e cestos de piquenique. As mulheres ficaram conversando durante algum tempo e depois começaram a cantar:

“Estamos subindo a escada de Jacó. Estamos subindo a escada de Jacó. Soldados da Cruz.”

Kunta ficou tão irritado que começou a bater com as rédeas nas ancas das mulas, fazendo a carroça se sacudir toda e desequilibrando as mulheres. Mas não podia fazê-lo muito bruscamente nem com a frequência necessária para que elas se calassem. Ele podia ouvir até mesmo a voz esganiçada da filha, a se misturar com as outras. Os toubobs não precisavam roubar sua filha, pensou Kunta, amargurado, pois sua própria esposa estava disposta a dá-la.

Outras carroças igualmente apinhadas vinham das outras plantações. Todos se acenavam e cumprimentavam alegremente. Kunta foi ficando cada vez mais indignado. Ao chegarem finalmente ao local da reunião, uma campina florida e ondulada, ele estava em tal estado que mal reparou nas carroças que já estavam ali e nas muitas outras que se aproximavam, de todas as direções. Quando cada carroça parava, os passageiros saltavam rapidamente, rindo e gritando, as mulheres se abraçando e beijando. Lentamente, Kunta começou a perceber que nunca antes vira tantos pretos reunidos num só lugar, desde que chegara à terra dos toubobs. Começou a prestar mais atenção à reunião.

Enquanto as mulheres levavam os cestos de piquenique para a sombra de algumas árvores, os homens começaram a se reunir num pequeno cômodo, no meio da campina. Kunta amarrou as mulas numa estaca que fincara no chão e depois foi sentar-se atrás da carroça. mas numa posição tal em que podia observar tudo. Algum tempo depois, todos os homens estavam sentados em torno do cômodo. Só quatro homens tinham ficado de pé. Pareciam ser justamente os mais velhos. Subitamente, como que em resposta a um sinal previamente combinado, o que parecia ser o mais velho dos quatro, muito preto, magro, encurvado, com uma barba branca, jogou a cabeça para trás e gritou na direção do lugar em que as mulheres se encontravam:

— Venham, crianças de JESUS!

Atônito, Kunta observou as mulheres se virarem rapidamente e gritarem ao mesmo tempo:

— Sim, Senhor!

Elas avançaram rapidamente e foram sentar-se atrás dos homens. Kunta compreendeu que a cena era parecida com a das reuniões do Conselho dos Anciãos, em Juffure.

O velho tornou a gritar:

— Todos aqui são crianças de JESUS?

— Sim, Senhor!

Os três outros velhos se adiantaram e gritaram, um depois do outro:

— Vai chegar o tempo em que vamos ser apenas escravos de DEUS!

— Sim, Senhor! — gritaram os que estavam sentados no chão.

— Vocês têm que estar prontos, Jesus está pronto!

— Sim, Senhor!

— Sabem o que o Santo Padre acabou de me dizer? Ele disse: Não vai haver nenhum estranho!

A multidão desatou a gritar, abafando o que o mais velho dos quatro começara a dizer. Kunta sentiu o excitamento contagiá-lo, de uma maneira estranha. Finalmente, a multidão se aquietou o suficiente para que ele pudesse ouvir o que o mais velho dos anciãos dizia:

— Crianças de Deus, têm uma terra PROMETIDA! É para onde vai todo mundo que acredita nele!

É lá que vão viver aqueles que acreditam, e vão viver por toda e-ter-ni-da-de!

O velho logo começou a suar profusamente, sacudindo os braços, o corpo tremendo todo na intensidade da ladainha, a voz rouca de emoção.

— Está dito a nós na Bíblia que o cordeiro e o leão vão deitar JUNTOS! — O velho tornou a jogar a cabeça para trás, sacudindo os braços na direção do céu. — E não vai haver massas nem escravos NUNCA MAIS! Vão existir apenas os FILHOS DE DEUS!

Subitamente, algumas mulheres se levantaram e começaram a gritar freneticamente:

— Ó Jesus! Ó Jesus! Ó Jesus! Ó Jesus!

Outras acompanharam e um instante depois mais de duas dúzias de mulheres gritavam e sacudiam— se. Kunta recordou-se inesperadamente de uma história que o violinista lhe contara. Em algumas plantações, em que os massas proibiam os escravos de fazerem seu culto, os pretos costumavam esconder um caldeirão de ferro num bosque próximo. Aqueles que sentiam o espírito dentro de si, iam até lá, metiam a cabeça dentro do caldeirão e gritavam. O barulho era abafado, pelo menos o suficiente para não ser ouvido pelo massa nem pelo capataz.

Foi nesse momento que Kunta descobriu que Bell era uma das mulheres que cambaleavam e gritavam freneticamente. Uma delas gritou:

— Eu vejo o filho de Deus!

Ela caiu abruptamente no chão, como se tivesse sido atingida por um raio. E lá ficou estendida, o corpo a tremer. Outras disseram a mesma coisa, rolando pela relva, gemendo incessantemente. Uma mulher que estava toda curvada empertigou-se bruscamente, ao mesmo tempo em que gritava:

— O Senhor! O Jesus!

Kunta podia ver que nenhuma delas planejava de antemão o que estava fazendo naquele momento. A medida que os gritos e contorções foram diminuindo, Kunta lembrou-se de que era mais ou menos assim que as danças de Juffure terminavam, aparentemente pela exaustão dos dançarinos. Notou também que, de certa forma, aqueles pretos pareciam estar exaustos e em paz consigo mesmos.

Depois, um a um, todos se levantaram e começaram a gritar entre si:

— Minhas costas doíam muito até que falei com meu Senhor. E Ele disse para mim: “Levante.” E não doeu mais!

— Não conhecia meu Senhor Jesus até que Ele salvou minha alma e agora coloco meu amor por Ele acima de qualquer coisa!

Houve outras frases. Depois, um dos velhos comandou uma prece. Quando terminou, todos gritaram:

— AMÉM!

Depois, puseram-se a cantar, com uma disposição impressionante:

“Eu tenho sapatos, você tem sapatos, todos os filhos de Deus têm sapatos! Quando a gente chegar ao Paraíso, vou calçar meus sapatos, vou andar por todo o Paraíso de Deus! Paraíso! Todo mundo que fala do Paraíso nunca esteve lá! Paraíso! Paraíso! Vou andar por todo o Paraíso de Deus!”

Enquanto cantavam, foram todos se levantando, um a um E começaram a descer o cômodo, lentamente, seguindo o pregador de cabelos brancos. Quando o canto terminou, tinham chegado ao outro lado da campina, onde havia um pequeno lago. O pregador ficou de frente para os fiéis, com os outros três anciãos a seu lado. Levantou os braços.

— E agora, irmãos e irmãs, é chegado o momento de vocês, pecadores, lavarem seus pecados nas águas do RIO JORDAO!

— É, sim — gritou uma mulher.

— Está na hora de apagar os fogos do Inferno nas águas sagradas da TERRA PROMETIDA!

— É a hora! — gritou outra mulher.

— Todos os que estão prontos para mergulhar por suas almas todopoderosas e levantar de novo com o Senhor, fiquem de pé. Os outros que já foram batizados ou ainda não estão prontos para Jesus vão sentar agora!

Kunta estava cada vez mais aturdido. Cerca de 15 pessoas se sentaram. Enquanto os outros faziam fila à beira da água, o pregador e o mais forte dos quatro anciãos entraram no lago, até ficarem imersos na altura dos quadris.

O pregador indagou à moça que era a primeira da fila:

— Está pronta, criança? Ela assentiu.

— Então se adiante!

Agarrando os braços da moça, os outros dois anciãos levaram-na para o lago, ao encontro dos que já estavam lá dentro. Pondo a mão direita na testa da moça, enquanto o mais forte dos anciãos segurava os ombros dela por trás com as duas mãos e os outros continuavam a agarrar-lhe os braços, o pregador disse:

— Ó Senhor, deixe que esta criança seja limpa!

Ele empurrou-a para trás, enquanto o outro a puxava, até que a moça estivesse inteiramente imersa.

Enquanto as borbulhas subiam à superfície e a moça se debatia, os quatro anciãos olharam para o céu, continuando a mantê-la firmemente na mesma posição. A moça não demorou a se debater freneticamente, arqueando o corpo violentamente. Os anciãos tiveram que se esforçar ao máximo para contê-la.

— QUASE! — gritou o pregador. — AGORA!

Levantaram a moça, ofegante, procurando respirar, cuspidando água, ainda se debatendo freneticamente. Quase que a carregaram até a margem, entregando-a aos braços da mãe, que a esperava.

Os anciãos aproximaram-se do segundo da fila, um rapaz de vinte e poucos anos que estava aterrorizado demais para sequer se mexer. Tiveram praticamente que arrastá-lo. Kunta continuou observando, cada vez mais aturdido, à medida que cada pessoa — depois do rapaz, um homem de meia-idade, outra moça, em torno dos 12 anos, uma velha que mal podia andar — era levada ao lago e submetida à mesma provação incrível. Por que tinham

de fazer aquilo? Que espécie de “Deus” cruel exigia tamanho sofrimento daqueles que desejavam acreditar nele? Como uma pessoa quase afogada podia livrar-se do mal? A mente de Kunta fervilhava de perguntas, para as quais não podia encontrar respostas. A última pessoa da fila foi finalmente levantada da água.

Deve ter acabado, pensou Kunta. Mas o pregador, enxugando o rosto com a manga enopada, continuou no meio do pequeno lago e disse:

— Há alguém entre vocês que deseja consagrar o filho a JESUS neste dia santo?

Quatro mulheres se levantaram... e a primeira foi Bell, segurando Kizzy pela mão.

Kunta levantou-se de um pulo, em seu posto de observação atrás da carroça. Mas certamente não iam fazer a mesma coisa com as crianças! Bell seguiu na frente das outras para a margem do pequeno lago. Kunta começou a andar, a princípio lentamente, hesitante, depois cada vez mais depressa, na direção da multidão à beira D'Água. O pregador chamou Bell, que levantou Kizzy nos braços e entrou na água resolutamente. Pela primeira vez em 25 anos, desde que lhe haviam cortado o pé, Kunta começou a correr. Mas quando alcançou a beira do lago sentindo uma dor terrível no pé, Bell já estava lá no meio, ao lado do pregador. Ofegando para recuperar o fôlego, Kunta abriu a boca para falar, no instante mesmo em que o pregador disse:

— Meus caros irmãos e irmãs, estamos aqui reunidos para dar as boas-vindas a outro cordeiro no seio do Senhor! Qual é o nome da criança, irmã?

— Kizzy, Reverendo.

— Senhor... — o pregador começou a dizer, pondo a mão esquerda na testa de Kizzy e fechando os olhos.

— Não! — gritou Kunta, a voz rouca.

Bell virou a cabeça bruscamente, lançando um olhar furioso para Kunta. O pregador olhou para Kunta, depois para Bell, novamente para Kunta. Kizzy começou a choramingar.

— Quieta, querida, quieta... — sussurrou Bell.

Kunta sentiu os olhares hostis que o cercavam. O silêncio era total. Foi Bell quem o rompeu:

— Está tudo bem, Reverendo. Aquele é meu marido africano. Ele não compreende. Eu explico para ele depois. Pode continuar.

Kunta, aturdido demais para falar, viu o pregador dar de ombros, virar-se novamente para Kizzy, fechar os olhos e recomeçar:

— Senhor, com esta água benta, abençoe esta criança. Qual é mesmo o nome dela, irmã?

— Kizzy.

— Abençoe esta criança Kizzy e leve ela em segurança consigo para aquela Terra Prometida!

O pregador molhou a mão direita na água, pingou algumas gotas no rosto de Kizzy e gritou:

-AMÉM!

Bell virou-se e levou Kizzy de volta à margem. Foi parar diante de Kunta, a água a escorrer das roupas. Sentindo-se tolo e envergonhado, Kunta baixou os olhos para os pés enlameados de Bell. Depois, fitou-a nos olhos. Os olhos dela estavam úmidos. Seriam lágrimas? Bell pôs Kizzy nos braços dele.

— Está tudo bem, ela está apenas molhada — murmurou Kunta, a mão áspera acariciando o rosto da filha.

— Você correu tanto que deve estar faminto. Eu estou. Vamos comer. Eu trouxe

galinha frita e aquela torta de creme que você não se cansa de comer.

— É uma boa ideia...

Bell pegou o braço dele e atravessaram a campina, até o lugar em que ela deixara o cesto do piquenique. Sentaram à sombra de uma noqueira e comeram.



Uma noite, Bell disse a Kizzy, quando já estavam na cabana:

— Você já vai fazer sete anos. Com essa idade, as crianças que vão para os campos já estão trabalhando todos os dias, como aquele Noah. Por isso você vai começar a me ajudar na casa grande.

Como já sabia o que o pai sentia a respeito de tais coisas, Kizzy olhou para Kunta, indecisa.

— Ouviu o que sua mãe disse? — falou Kunta, sem muita convicção.

Bell já discutira o assunto com Kunta, que acabara concordando que era prudente Kizzy começar a fazer algum trabalho que Massa Waller pudesse ver, ao invés de continuar a ser unicamente a companheira de brincadeiras de Missy Anne. Particularmente, Kunta apreciava a ideia de a filha começar a trabalhar. Afinal, em Juffure, as meninas da idade dela já tinham começado a aprender com as mães, todas as coisas que mais tarde permitiriam aos pais pedir um bom dote aos pretendentes. Mas ele sabia que Bell não esperava o menor entusiasmo de sua parte por qualquer iniciativa que pudesse aproximar Kizzy dos toubobs... e afastá-la mais dele e do senso de dignidade e de herança a preservar que ainda pretendia inculcar na filha. Algumas manhãs depois, quando Bell informou de que Kizzy já estava aprendendo a polir a prataria, esfregar os assoalhos e até mesmo fazer a cama do massa, Kunta achou impossível partilhar o orgulho dela por tais realizações da filha. Mas ao ver a filha esvaziar e depois lavar o urinol branco em que o massa fazia suas necessidades todas as noites, Kunta ficou horrorizado e irado, convencido de que seus piores receios haviam-se consumado.

Ele também ficou furioso ao ouvir os conselhos que Bell deu a Kizzy, sobre as atribuições e o comportamento de uma criada pessoal:

— Preste bem atenção ao que vou dizer, menina. Não é todo negro que tem uma chance de trabalhar para gente branca de qualidade como o massa. Só isso já deixa você acima de todas as outras crianças da plantação. A coisa mais importante é aprender o que o massa quer semeie ter que dizer. Você vai começar a levantar-se bem cedo, junto comigo, antes de o massa levantar. Foi assim que fiz o massa gostar do meu trabalho. Nunca se esqueça disso. A primeira coisa que vou ensinar vai ser como tirar o pó dos casacos e das calças do massa, quando for pendurar no varal para arejar. Tem que tomar todo cuidado para não quebrar nem arranhar nenhum dos botões...

E assim por diante, às vezes por horas seguidas. Kunta tinha a impressão de que não se passava uma noite sem que Bell tivesse instruções a dar à filha, às vezes chegando aos detalhes mais ridículos.

— Para lustrar os sapatos do massa, eu misturo num vidro um pouco de pó, um pouco de óleo doce e um pouco de açúcar. Tem que deixar de molho da noite para o dia. E tem que sacudir bastante quando for usar. Os sapatos pretos do massa ficam brilhando como vidro.

Antes de não conseguir mais aguentar e bater em retirada para a cabana do violinista, Kunta adquiriu alguns conhecimentos valiosos sobre cuidados domésticos.

— Se você põe numa salada de pires com uma colher de chá de pimenta-do-reino e açúcar marrom, misturando com um pouco de creme de vaca, as moscas todas desaparecem.

A melhor maneira de limpar um sujinho no papel de parede, acrescentava Bell, era esfregar os farelos de um pãozinho de dois dias.

Kizzy parecia estar prestando toda atenção às lições, ao contrário de Kunta. Semanas mais tarde, Bell informou que o massa comentara que estava muito satisfeito pela maneira como o cão da lareira andava brilhando, desde que Kizzy começara a poli-lo.

Mas sempre que Missy Anne vinha fazer uma visita, o massa nem precisava dizer que Kizzy estava dispensada de todo e qualquer trabalho. As duas meninas, como sempre, brincavam o tempo todo, pulando corda, divertindo-se com a brincadeira de esconder-pegar, distraíndo-se com alguns jogos que elas próprias haviam inventado. Uma tarde, “brincando de negro”, elas abriram uma melancia e enterraram os rostos na polpa macia e úmida, sujando os vestidos. Bell deu um berro e um tapa em Kizzy, chegou mesmo a censurar Missy Anne:

— Você já devia saber que não pode fazer uma coisa dessas! Dez anos indo para a escola e nem pensa que vai ser uma missy de alta classe!

Embora Kunta não se desse mais ao trabalho de fazer qualquer queixa, tornava-se uma companhia extremamente difícil para Bell durante as visitas de Missy Anne e pelo menos por mais um dia depois. Mas sempre que recebia a ordem de levar Kizzy à casa de Massa John, Kunta tinha de se esforçar ao máximo para não demonstrar a ansiedade que sentia pela oportunidade de ficar novamente a sós coma filha, na charrete. A esta altura, Kizzy já compreendera que as conversas durante as viagens na charrete deviam ficar exclusivamente entre os dois. Assim, Kunta achava agora mais seguro ensinar tudo o que sabia a respeito de sua terra, sem medo de que Bell viesse a descobrir.

Percorrendo as estradas poeirentas do Condado de Spotsylvania, Kunta ia dizendo à filha os nomes mandingas das coisas por que passavam Apontando” para uma árvore, ele dizia “yiro”.

Depois apontava para a estrada e dizia “silo”. Passando por uma vaca a pastar, Kunta dizia “ninsemuso”. Ao atravessarem uma pequena ponte, ele dava o nome em mandinga: “saio”. Certa ocasião, ao serem surpreendidos por um temporal súbito, Kunta gritou “sanjio”. Quando o sol reapareceu, ele disse “tilo”. Kizzy observava atentamente a boca do pai a cada palavra que ele dizia, depois imitava a posição e movimento dos lábios, até conseguir reproduzir o som corretamente. Não demorou muito para que ela própria começasse a apontar coisas e indagar os nomes em mandinga.

Um dia, logo depois que se afastaram da casa grande, Kizzy cutucou o pai, bateu com um dedo acima da orelha e sussurrou:

— Como é que chama minha cabeça?

— Kungo.

Ela deu um puxão nos cabelos e Kunta informou: “kuntinyo”. Ela beliscou o nariz — “nungo”; ela apertou a orelha — “tulo”. Rindo, Kizzy levantou o pé e bateu no dedão. “Sinkumba”. Aproveitando o dedo indicador esticado da filha, Kunta segurou-o e disse:

— Bulokonding.

Tocando na boca da filha, ele disse “da”. Foi a vez de Kizzy segurar o dedo indicador do pai e apontá-lo para ele próprio, antes de dizer:

Kunta sentiu-se invadido por um amor imenso pela filha. Um pouco mais tarde, apontando para um córrego preguiçoso que corria ao lado da estrada, Kunta disse:

— Aquilo é umbolongo.

Ele contou então que, em sua terra, vivera perto de um rio chamado “Kamby Bolongo”. Naquela tarde, ao voltarem, Kizzy apontou para o pequeno rio e gritou:

— Kamby Bolongo!

É claro que ela não compreendeu, quando Kunta tentou explicar, que aquele era o Rio Mattaponi e não o Rio Gâmbia. Mesmo assim, Kunta ficou tão delicado por ela ter-se lembrado do nome que achou que o resto não tinha a menor importância. O Kamby Bolongo, disse ele, era muito maior, mais rápido e mais forte. Ele quis explicar à filha como o rio era reverenciado por seu povo como um símbolo da fertilidade, mas não conseguiu encontrar a maneira certa de dizê-lo. Assim, falou sobre os peixes que nele existiam, como o poderoso e suculento kujalo, que de vez em quando pulava dentro de uma canoa. Falou também sobre o verdadeiro tapete de pássaros que flutuava sobre o rio, até que algum menino, como ele fizera muitas vezes, saía subitamente de detrás de uma moita, fazendo barulho, só para poder contemplar a revoada, o céu ficando todo branco, como se fosse uma nevasca de penas. Kunta falou sobre uma história que sua Avó Yaisa certa vez lhe contara. Alá enviara a Gâmbia uma praga de gafanhotos, tão terrível que o céu chegara a ficar inteiramente tapado. Os gafanhotos devoraram tudo que era verde, até que o vento finalmente mudou de direção e carregou-os para o mar, onde foram comidos pelos peixes.

— Eu também tenho uma vovó? — indagou Kizzy.

— Você tem duas, minha mãe e a mãe de sua mãe.

— E por que elas não estão com a gente?

— Elas não sabem onde a gente está. — Depois de um breve momento de silêncio,

Kunta perguntou: — Você sabe onde a gente está?

— Na charrete.

— Estou perguntando o lugar onde a gente vive.

— Na plantação de Massa Waller.

— E onde é que fica isso?

— Por ali — respondeu Kizzy, apontando para a estrada. — Ela não estava muito interessada pelo assunto e passou para outro: — Fale mais sobre os bichos e as coisas do lugar de onde veio.

— Há umas formigas vermelhas grandes, que sabem atravessar o rio em cima de folhas. Essas formigas lutam guerras, marcham como exércitos, constroem formigueiros para viver que são mais altos do que um homem.

— Parecem medonhas. E a gente pisa nelas?

— Não, a menos que seja preciso. Todas as coisas têm o direito de estar aqui igual ao seu. Até a relva é viva e tem uma alma como as pessoas.

— Então não vou mais pisar nela. Vou ficar na charrete. Kunta sorriu.

— Não havia charretes no lugar de onde vim. A gente tinha que andar a pé para qualquer lugar. Certa vez andei durante quatro dias com meu pai, de Juffure até a aldeia nova dos meus tios.

— O que é Juffure?

— Já disse uma porção de vezes a você que é o lugar de onde vim.

— Pensei que tivesse vindo da África. Essa Gâmbia de que fala é na África?

— Gâmbia é um país na África. Juffure é uma aldeia em Gâmbia.

— E onde é que esses lugares ficam, Papai?

- Do outro lado da grande água.
- E essa grande água é muito grande?
- Tão grande que a gente leva quase quatro luas para ir de um lado ao outro.
- Quatro o quê?
- Luas. Assim como você diz meses.
- E por que você também não diz meses?
- Porque luas é a minha palavra para a mesma coisa.
- Como é que você chama um ano?
- Uma chuva.

Kizzy ficou em silêncio por algum tempo, pensando.

- Como foi que atravessou essa grande água?
- Num barco grande.
- Maior do que aquele barco com remos que a gente viu os homens saírem para pescar?
- Grande o bastante para carregar cem homens.
- E como foi que não afundou?
- Eu bem que gostaria que tivesse afundado.
- Por quê?
- Porque a gente estava tão doente que parecia que todo mundo ia acabar morrendo.
- E como foi que ficaram doentes?
- De ficarmos deitados na própria sujeira, quase que um em cima do outro.
- E por que não foram à casinha?
- Os toubobs tinham acorrentado a gente.
- Que toubobs?
- Os brancos.
- E por que foram acorrentar vocês? Tinham feito alguma coisa errada?
- Eu estava simplesmente no mato perto do lugar onde vivia, Juffure, procurando um tronco para fazer um tambor, quando eles me agarraram e me levaram embora.
- Quantos anos você tinha?
- Dezesete.
- Eles perguntaram a seu pai e sua mãe se você podia ir? Kunta olhou, incrédulo, para a filha.
- Eles teriam levado também meu pai e minha mãe, se pudessem. Até hoje minha família não sabe onde estou.
- Ah, Papai, eu nunca poderia deixar você e Mamãe!
- E a gente também nunca poderia deixar você, minha filha!



Uma tarde, o cocheiro dos pais de Massa Waller veio de Enfield para trazer-lhe o convite para um jantar em homenagem a um importante homem de negócios de Richmond, que ia passar a noite hospedado lá, em sua viagem para Fredericksburg. Cerca de uma dúzia de charretes já estavam paradas diante de Enfield quando Kunta chegou com o massa, logo depois do anoitecer.

Kunta já estivera ali muitas vezes desde que se casara com Bell, há oito anos. Mas somente há alguns meses é que Hattie, a gorda cozinheira de Enfield, que fora apaixonada por Kunta, decidira voltar a falar com ele. Só o fizera depois que ele aparecera em Enfield com Kizzy, num dia em que fora levar Missy Anne para visitar os avós. Naquela noite, ao ir até a cozinha para dizer “olá” e ver se lhe era oferecido algo para comer, Kunta recebeu um convite de Hattie para ficar ali e conversar, enquanto ela, sua ajudante e quatro moças para servir terminavam os preparativos. Kunta achou que nunca tinha visto tanta comida junta.

— Como é que anda aquela sua sirigaita? — perguntou Hattie, enquanto provava e cheirava os diversos pratos.

— Ela está bem. Kizzy está até aprendendo a cozinhar direito. Ela me surpreendeu outra noite com uma torta de maçã que ela mesma tinha feito.

— Ah, aquela diaba! Daqui a pouco eu é que vou estar comendo as coisas dela, ao invés de ela comer as minhas. Ela deve ter levado um pouco da minha massa na última vez em que esteve aqui.

Lançando um último olhar para três ou quatro espécies diferentes de pães apetitosos que estavam terminando de assar, Hattie virou-se para a mais velha das mulheres encarregadas de servir e disse:

— Já estamos prontas. Pode ir dizer à missis. — Depois que a mulher saiu da cozinha, Hattie virou-se para as outras três. — Vou pegar vocês com um cabo de vassoura, se derrubarem uma gota da sopa no meu melhor linho quando estiverem servindo. — Em seguida, foi a vez da ajudante adolescente: — Comece logo a trabalhar, Pearl. Vá pondo o nabo, o quiabo e a abóbora nas terrinas, enquanto eu ajeito esse lombo de carneiro.

Uns poucos minutos depois, uma das mulheres que serviam voltou à cozinha e sussurrou alguma coisa ao ouvido de Hattie, antes de se retirar novamente. Hattie virou-se para Kunta.

— Está lembrado do que aconteceu alguns meses atrás, quando um desses navios mercantes foi atacado em algum lugar da grande água pela tal da França?

Kunta assentiu.

— O violinista disse que ouviu falar que o Presidente Adams ficou tão furioso que mandou toda a Marinha dos Estados Unidos para atacar eles.

— Pois já atacaram. Louvina veio dizer-me que aquele homem de Richmond que está lá dentro acaba de contar que eles pegaram 80 barcos que pertenciam a essa tal de França. E ela disse que os brancos lá dentro parece que vão começar a cantar e a dançar de alegria a

qualquer momento, porque dizem que deram uma boa lição nessa tal de França.

Enquanto ela falava, Kunta começou a comer do prato cheio que fora colocado a sua frente, ao mesmo tempo que contemplava extasiado o rosbife, presunto defumado, peru, galinha e pato que Hattie ajeitava em cima de imensas travessas, para serem servidos. Ele tinha acabado de pôr na boca um punhado de batata-doce frita na manteiga quando as quatro mulheres que serviam voltaram ao mesmo tempo, trazendo as terrinas vazias.

— A sopa já acabou — disse Hattie para Kunta.

Um momento depois, as mulheres tornaram a sair, levando o resto da comida. Hattie enxugou o rosto suado e disse:

— Agora vai ter uns 40 minutos antes de eles estarem prontos para a sobremesa. Você não ia dizer alguma coisa antes?

— Eu ia dizer que 80 barcos não fazem a menor diferença para mim, enquanto os brancos estiverem brigando uns com os outros e deixando a gente em paz. Parece que eles nunca estão felizes a não ser quando estão brigando com alguém.

— Pelo jeito como eu vejo as coisas, depende de contra quem eles estão brigando. No ano passado teve aquele mulato que chefiou uma revolta contra Toussaint. E ele bem que podia ter vencido, se o Presidente não tivesse mandado seus barcos para ajudar Toussaint.

— Ouvi Massa Waller dizer que Toussaint não tem inteligência bastante para ser um general, muito menos para dirigir um país sozinho. Ele diz que todos os escravos que ficaram livres lá no Haiti vão passar muito pior do que no tempo que viviam com seus antigos massas. É claro que é isso o que todos os brancos estão querendo que aconteça. Mas eu acho que eles já estão melhores só de trabalhar nas plantações para si mesmos.

Uma das que serviam voltara à cozinha e estava prestando atenção à conversa. E interveio nesse momento:

— É exatamente sobre isso o que eles estão falando lá dentro agora... os negros livres. Dizem que tem demais, 13 mil só aqui na Virgínia. O juiz diz que é a favor de se libertar os negros que fizeram alguma coisa importante, como aqueles que lutaram na Revolução ao lado dos massas, como aquele negro que descobriu aquela erva medicinal que até os brancos dizem que pode curar praticamente tudo. O juiz disse também que acha que os massas têm o direito de libertar os negros fiéis em seus testamentos. Mas ele e todos os outros estão dizendo que são contra os quacres e aqueles outros brancos que estão libertando seus negros a troco de nada.

A mulher encaminhou-se para a porta, acrescentando antes de sair:

— O juiz diz para marcar as palavras dele: ainda vai aparecer alguma lei para acabar com isso.

Hattie perguntou a Kunta:

— O que acha daquele Massa Alexander Hamilton lá do Norte, que anda dizendo que todos os negros livres devem ser mandados para a África, porque os negros e os brancos são diferentes demais e nunca vão conseguir viver juntos?

— Eu acho que ele está certo. Mas os brancos falam isso e continuam a trazer mais negros da África.

— Você sabe por que tão bem quanto eu. Esses negros vão trabalhar na colheita de algodão lá na Geórgia e nas Carolinas, que está dando cada vez mais dinheiro. É por isso que muitos massas daqui estão vendendo seus negros para os brancos mais ao sul por duas ou três vezes o que pagaram por eles.

— O violinista diz que os grandes massas lá do Sul estão pondo os brancos pobres para trabalhar como capatazes e que eles fazem os negros trabalharem como burros de carga

para preparar o terreno para plantar mais algodão.

— É por isso que os jornais estão publicando cada vez mais notícias de negros fugidos.

As quatro mulheres começaram a voltar para a cozinha neste momento, trazendo os pratos sujos e as travessas praticamente vazias. Hattie ficou com uma expressão radiante.

— Parece que eles comeram tudo o que aguentaram. O massa deve estar agora servindo o champanha, enquanto a mesa é limpa para a sobremesa. Veja se você gosta desse pudim de ameixa. — Ela colocou um prato diante de Kunta, antes de acrescentar: — Acho que também tem uma aguardente de pêssego, mas estou lembrando de que você nunca toca em nada que tenha álcool.

Saboreando o delicioso pudim, Kunta recordou um anúncio de escrava fugida que Bell lera há poucos dias para ele: “Mulata alta, com os seios muito grandes; o da direita tem uma cicatriz profunda. Mentirosa, astuta e ladra, pode estar exibindo um passe forjado, pois o dono anterior permitiu que aprendesse a escrever alguma coisa. Ela pode também estar dizendo que é uma negra liberta.”

Hattie sentou, serviu-se de um gole da aguardente de pêssego e bebeu. Olhando para o outro lado da cozinha, para as duas pias cheias de copos, pratos, talheres, ainda por lavar e guardar, ela soltou um suspiro e disse:

— Sabe de uma coisa? Vou ficar contente quando olhar para a minha cama esta noite. Porque só o Senhor sabe como estou cansada!



Há muitos anos que Kunta se levantava diariamente antes do amanhecer, mais cedo do que qualquer outro escravo, tão cedo que alguns estavam convencidos de que o “Africano” podia ver no escuro, como um gato. Kunta não se importava como que os outros pudessem pensar, contanto que o deixassem em paz para ir até o estábulo, onde ficava prostrado de frente para o sol nascente, entre duas pilhas de feno, e oferecia a prece suba a Alá. Depois, punha algum feno no cocho dos cavalos. Ao terminar, sabia que Bell e Kizzy já se tinham levantado e estavam prontas para iniciar o trabalho na casa grande. A esta altura, o chefe dos homens que trabalhavam nos campos, Cato, também já estava de pé, juntamente com o filho de Ada, Noah, que dali a pouco iria tocar o sino, para despertar os outros escravos.

Quase todas as manhãs, Noah fazia um aceno com a cabeça e dizia “Bom dia”, com uma reserva tão solene que fazia Kunta pensar no povo Jaloff da África, sobre o qual se dizia que o cumprimento dado pela manhã era praticamente a única coisa que se ouvia durante o dia inteiro. Embora tivessem muito pouco para dizer um ao outro, Kunta gostava de Noah, talvez porque o menino o fizesse lembrar de si mesmo quando tinha aquela idade, a atitude sempre séria, o jeito com que fazia seu trabalho e não se metia com os outros, o hábito de falar pouco mas observar tudo. Muitas vezes percebera Noah fazendo a mesma coisa que ele, parado em algum lugar, a acompanhar com os olhos as brincadeiras de Kizzy e Missy Anne pela plantação. Certa ocasião, Kunta parou à porta do estábulo para contemplar as meninas a rolarem um aro pelo quintal, rindo e gritando. Já ia entrar quando viu que Noah estava parado junto à cabana de Cato, também observando. Os olhos dos dois se encontraram e se fixaram por um momento, antes de se desviarem. Kunta ficou imaginando o que Noah estaria pensando... e teve o pressentimento de que Noah também estava imaginando a mesma coisa. De alguma forma, Kunta sabia que ambos estavam pensando as mesmas coisas.

Com dez anos, Noah era dois anos mais velho do que Kizzy. Mas a diferença não era grande o bastante para explicar por que os dois não eram amigos, muito menos companheiros de brincadeiras, já que eram as duas únicas crianças escravas que havia na plantação. Kunta já tinha notado que, ao passarem um pelo outro, ambos procuravam dar a impressão de que nem sequer se haviam visto. Não conseguia entender o motivo... a menos que os dois, mesmo naquela idade, já tivessem começado a adotar o costume de que os escravos domésticos e os escravos dos campos não deviam misturar-se.

Seja como for, Noah passava o dia nos campos com os outros, enquanto Kizzy varria, tirava o pó, polia os metais e arrumava diariamente o quarto do massa, para Bell inspecionar mais tarde, com uma vara de nogueira nas mãos. Aos sábados, quando Missy Anne geralmente aparecia, Kizzy realizava o milagre de concluir suas tarefas na metade do tempo que levava nos outros dias. As duas passavam o resto do dia em brincadeiras, a não ser na hora do almoço, quando o massa estava em casa. Se isso acontecia, ele e Missy Anne

comiam na sala de jantar, com Kizzy de pé um pouco atrás, a abanar lentamente um leque de folhas, para afastar as moscas. Bell entrava e saía para servir a comida, vigiando atentamente as meninas, às quais avisara antes:

— Se eu apanhar vocês só pensando em rir lá dentro com o massa, juro que vou esfolar as duas!

Aquela altura, Kunta já estava resignado a partilhar sua Kizzy com Massa Waller, Bell e Missy Anne. Procurava não pensar no que a obrigavam a fazer lá na casa grande e passava o máximo de tempo possível no estábulo, sempre que Missy Anne vinha à plantação. Aguardava ansiosamente as tardes de domingo, depois que o serviço religioso terminava e Missy Anne voltava para sua casa com os pais. No fim da tarde, Massa Waller geralmente descansava ou ficava conversando com amigos na sala de visitas. Bell estava sempre fora, com Tia Sukey e Mandy, nos “encontros com Jesus”. Kunta podia então passar algumas horas preciosas a sós com a filha.

Quando o tempo estava firme, geralmente saíam a passear, seguindo pela cerca coberta de trepadeiras, o mesmo caminho que Kunta percorrera nove anos antes, ao pensar no nome “Kizzy” para a filha. Ao chegarem a um ponto em que ninguém poderia vê-los, Kunta segurava a mão da filha. Não sentia então a menor necessidade de falar. Acompanhavam um pequeno córrego e iam sentar-se à sombra de uma árvore. Comiam o que quer que Kizzy tivesse pegado na cozinha, geralmente pãezinhos frios, com a geléia de amora que Kunta adorava. E conversavam.

Quase sempre era Kunta quem falava, embora Kizzy o interrompesse constantemente com perguntas. Um dia, antes de Kunta ter tempo de falar qualquer coisa, Kizzy perguntou-lhe, ansiosamente:

— Quer ouvir o que Missy Anne me ensinou ontem?

Kunta não se interessava por qualquer coisa que se relacionasse com aquela criatura branca e tola, que só fazia rir. Mas como não desejava magoar a filha, limitou-se a dizer:

— Estou escutando...

— O rato roeu a roupa do rei...

— Foi isso? Ela assentiu.

— Gosta?

Kunta pensou que não se podia esperar outra coisa de uma criatura tão tola quanto Missy Anne.

— É engraçado...

— Aposto que não sabe dizer tão bem quanto eu.

— Nem vou tentar.

— Ora, Papai, diga só uma vez.

— Não quero saber dessas coisas!

Kunta parecia mais exasperado do que na realidade. Ela continuou insistindo e Kunta, sentindo-se um tolo por saber que a filha o dominava inteiramente, acabou fazendo um esforço para repetir a frase ridícula. E disse a si mesmo que assim o fazia apenas para que Kizzy o deixasse em paz.

Antes que ela pudesse pedir-lhe para repetir a frase tola, Kunta pensou em recitar-lhe alguns versos, talvez uns trechos do Alcorão, para mostrar-lhe como eram bonitos. Mas compreendeu imediatamente que os versos não fariam o menor sentido para a filha.

Mas ele teve outra ideia. Pegou um graveto, alisou a terra entre os dois e escreveu alguns caracteres árabes.

— Esse é o meu nome, Kun-ta Kin-te — disse ele, seguindo os riscos com a ponta do

dedo.

Kizzy estava fascinada.

— Faz o meu nome, Papai.

Ele escreveu-o. Kizzy soltou uma risada.

— Isso é Kizzy? Ele assentiu.

— Você me ensina a escrever como você?

— Não é apropriado.

— Por que não? Kizzy parecia magoada.

— Na África, somente os meninos aprendem a ler e escrever. As meninas não têm nenhum uso para essas coisas. E aqui ninguém tem.

— E como é que mamãe sabe ler e escrever?

— Não fique falando sobre isso, entendeu? — disse Kunta, rispidamente. — Não é da conta de ninguém! Os brancos não gostam que a gente saiba ler e escrever!

— Por quê?

— Porque eles acham que quanto menos a gente souber menos problemas a gente vai criar.

— Eu não ia criar problema nenhum — murmurou Kizzy, visivelmente desolada.

— Se a gente não voltar correndo para a cabana, sua mãe vai criar uma porção de problemas para a gente.

Kunta levantou-se e começou a se afastar. Parou alguns passos adiante e virou-se, percebendo que a filha não o estava acompanhando. Kizzy ainda estava sentada à margem do córrego, olhando para uma pedrinha lisa que acabara de descobrir.

— Venha logo, Kizzy! Já está na hora!

Ela fitou-o. Kunta voltou e estendeu-lhe a mão.

— Vamos fazer uma coisa, Kizzy. Leve essa pedrinha e esconda em algum lugar seguro. Se não contar nada a ninguém, deixo você jogar ela na minha cabaça na próxima lua.

— Oh, Papai!

E Kizzy ficou radiante.



Estava quase chegando o momento de Kizzy jogar outra pedrinha na cabaça de Kunta, cerca de um ano depois, no verão de 1800, quando o massa disse a Bell que ia passar cerca de uma semana em Fredericksburg, a negócios. Enquanto ele estava viajando, o irmão ficaria na plantação, “para cuidar de tudo”. Ao saber da notícia, Kunta ficou ainda mais transtornado que os demais escravos, pois não lhe agradava a ideia de deixar Bell e Kizzy expostas a seu antigo dono, assim como também não gostava de passar tanto tempo longe delas. É claro que ele não deixou transparecer sua preocupação. Na manhã da partida, quando ia sair da cabana para atrelar os cavalos, ficou completamente aturdido, pois Bell deu a impressão de que havia lido seus pensamentos, ao dizer:

— Massa John não é como o irmão, mas eu sei como lidar com gente como ele. E vai ser só uma semana. Não precisa ficar preocupado. Não vai acontecer nada com a gente.

— Não estou preocupado — disse Kunta, esperando que Bell não percebesse que estava mentindo.

Nos dois primeiros dias da ausência do massa tudo transcorreu normalmente, embora Bell ficasse ligeiramente irritada com tudo o que Massa John dizia e fazia. Detestava particularmente o fato de ele ficar até tarde da noite no gabinete do irmão, bebendo o melhor uísque dele, fumando os seus próprios charutos malcheirosos, jogando a cinza no tapete. Apesar de tudo, Massa John não interferia com a rotina normal de Bell e não se metia com coisa alguma.

Mas na manhã do terceiro dia, quando Bell estava varrendo a varanda da frente, um homem branco apareceu num cavalo coberto de espuma e pediu para falar com o massa.

O homem partiu dez minutos depois, tão apressadamente quanto chegara. Massa John chamou Bell, aos gritos. Ele parecia profundamente abalado e Bell teve o pressentimento súbito de que algo terrível acontecera com Kunta e o massa. Ela teve certeza quando Massa John ordenou-lhe que reunisse os escravos na frente da casa. Quando todos estavam reunidos, nervosos e apavorados,

Massa John apareceu, com um revólver na cintura.

Contemplando os pretos à sua frente com uma expressão fria, ele começou a falar:

— Acabei de ser avisado de que alguns negros de Richmond estavam planejando sequestrar o governador, massacrar todos os brancos e incendiar a cidade.

Os escravos se entreolharam, espantados. Massa John continuou:

— Graças a Deus, e a alguns negros espertos que souberam de tudo e contaram a seus massas bem a tempo, a conspiração foi esmagada e os negros culpados já foram quase todos apanhados. Patrulhas armadas estão nas estradas, procurando pelo resto. E eu vou dar um jeito para que nenhum deles resolva parar aqui para passar a noite. E se algum de vocês tem ideias de revolta, quero que todos saibam que vou ficar vigiando dia e noite. Nenhum de vocês tem permissão para pôr os pés fora desta plantação! Não quero reuniões de qualquer espécie! E ninguém pode sair de suas cabanas depois do escurecer! — Fez uma pausa,

sorriu e bateu lentamente no revólver. — Não sou tão paciente e mole com os negros como meu irmão. E se eu achar que algum de vocês está sequer pensando em sair da linha, quero que saiba que ele não vai conseguir remendar uma bala entre os olhos! E agora sumam da minha frente!

Massa John não estava brincando. Nos dois dias seguintes, ele deixou Bell furiosa, ao exigir que Kizzy provasse toda a comida, antes de comer qualquer coisa. Durante o dia, ele vagueava pela plantação, a cavalo. De noite, ficava sentado na varanda, com uma espingarda no colo. A vigilância dele era tão rigorosa que os escravos não se atreveram sequer a discutir a rebelião de Richmond, muito menos a tramarem uma. Depois de receber e ler o número seguinte da Gazette, Massa John queimou-o na lareira. Uma tarde, quando um massa vizinho apareceu, ele ordenou que Bell saísse da casa e foi conversar no gabinete, as janelas fechadas. Assim, foi impossível a qualquer dos escravos descobrir mais alguma coisa sobre a planejada revolta. Ou melhor, sobre as consequências que era o que mais preocupava Bell e os outros. O problema não era Kunta, pois ele estava seguro junto com o massa, mas sim o violinista, que partira no dia anterior, para tocar num baile em Richmond. Os escravos podiam muito bem imaginar o que podia acontecer com os negros estranhos em Richmond, nas mãos dos brancos furiosos e dominados pelo pânico.

O violinista ainda não havia voltado quando Kunta e o massa chegaram, três dias depois, a viagem sendo abreviada pelo levante. No final do dia, depois da partida de Massa John, as restrições foram ligeiramente atenuadas, embora não totalmente. Somente quando ficaram a sós na cabana é que Kunta pôde contar a Bell o que ouvira em Fredericksburg. Os rebeldes pretos capturados tinham sido torturados, até denunciarem os companheiros. Alguns haviam confessado que a revolta fora planejada por um ferreiro livre, chamado Gabriel Prosser, que recrutara 200 pretos escolhidos a dedo, entre mordomos, jardineiros, garçons, porteiros, ferreiros, cordoeiros, mineiros, barqueiros, até mesmo pregadores, treinando-os durante mais de um ano. Prosser ainda estava à solta e a milícia vasculhava a região. Os “patrulheiros” estavam aterrorizando as estradas e havia rumores de que alguns massas estavam açoitando escravos, às vezes até a morte, por pouca ou nenhuma provocação.

No dia seguinte, como o violinista ainda não tivesse voltado, o massa escreveu um bilhete avisando ao xerife e mandou Kunta entregá-lo, na sede do condado. O xerife, ao ler a mensagem, limitou-se a sacudir a cabeça, sem dizer nada. Retornando à plantação, Kunta foi seguindo devagar, olhando sombriamente para a estrada. Imaginava se tornaria a ver o violinista, lamentando jamais ter— lhe dito o quanto o considerava um bom amigo, apesar de ele beber, praguejar e outros defeitos. Subitamente, ele ouviu um arremedo do sotaque de branco pobre:

— Ei, negro!

Kunta achou que estava ouvindo coisas.

— Onde, diabo, você pensa que está indo, negro? — insistiu a voz. Kunta parou os cavalos e olhou ao redor atentamente, mas não viu ninguém. A voz tornou a soar:

— Aposto que não tem um passe, negro. Está metido numa encrenca dos diabos.

E subitamente, saindo da vala ao lado da estrada, as roupas rasgadas, cheio de arranhões, coberto de lama, carregando a caixa velha e sorrindo de orelha a orelha. Lá estava o violinista.

Kunta soltou um grito estridente e pulou da carroça. Um instante depois, ele e o violinista estavam-se abraçando e rindo alegremente.

— Você é a imagem escrita e escarrada de um africano que eu conheço — disse o

violinista. — Mas não pode ser ele, pois esse africano jamais seria capaz de deixar que alguém percebesse o contentamento dele por ver uma pessoa.

— Não sei por que estou assim — balbuciou Kunta, embaraçado.

— Mas que bela maneira de receber um amigo que se arrastou de Richmond até aqui só para ver sua cara feia novamente!

A seriedade de Kunta indicava a preocupação dele.

— Foi muito ruim, Violinista?

— Ruim nem chega perto. Pensei até que ia tocar um dueto com os anjos antes de sair de lá!

Kunta pegou a caixa do violino e os dois subiram na carroça. O violinista falava sem parar.

— Os brancos de Richmond ficaram apavorados. Havia milicianos parando os negros em toda parte. Quem não tinha passe ia parar na cadeia, com uma dor de cabeça que não era brincadeira. E esses eram os que tinham sorte. Havia matilhas de brancos pobres correndo pelas ruas como cães raivosos, atacando tudo que é negro, batendo neles até que ficassem irreconhecíveis.

“O baile em que eu fui tocar estava no meio quando eles receberam as primeiras notícias da revolta. As missis começaram a gritar e a correr de um lado para outro. Os massas sacaram as pistolas e apontaram para os negros que estavam tocando na banda. No meio da confusão, escapei para a cozinha e me escondi numa lata de lixo. Só saí quando todo mundo já tinha ido embora. Pulei por uma janela e fui-me afastando pelos becos, procurando ficar longe dos lampiões. Já estava quase saindo da cidade, quando de repente ouvi gritos atrás de mim, depois o barulho de uma porção de pés correndo. Uma coisa me disse que não eram pretos, mas não fiquei esperando para descobrir. Virei a primeira esquina, quase voando. Mas senti que eles estavam chegando mais perto. Já ia começar a dizer minhas últimas preces, quando vi uma varanda baixa e tratei de me arrastar para baixo.”

“Era um bocado apertado ali embaixo. Ouvi os brancos passarem correndo, com tochas na mão e gritando: “Peguem aquele negro!” Foi quando esbarrei em alguma coisa grande e macia. A mão de alguém tampou minha boca e uma voz de negro me disse: “Vê se bate da próxima vez!” Era o vigia noturno de um armazém. Ele tinha visto a turba matar um amigo dele e pretendia ficar debaixo daquela varanda até a primavera seguinte, se não desse para aguentar mais tempo.

“Depois de algum tempo, desejei boa sorte ao tal vigia, saí de debaixo da varanda e fui para o mato. Isso foi há cinco dias. Podia ter chegado aqui antes, mas tinha tantas patrulhas na estrada que tive de ficar pelo mato, comendo amoras, dormindo nas moitas com os coelhos. Não tive problemas até alguns quilômetros a leste daqui, quando alguns daqueles brancos pobres me encontraram, ontem.”

“Eles tinham acabado de açoitar um negro. Talvez até tenham enforcado o pobre coitado, pois estavam com uma corda. Começaram a me empurrar de um lado para outro, perguntando quem eu era e para onde estava indo. Mas não estavam prestando qualquer atenção ao que eu dizia. Até que eu falei que era violinista. Eles pararam, acharam que eu estava mentindo e gritaram: “Pois então vamos ouvir você tocar!”

“Africano, vou-lhe dizer uma coisa. Abri a caixa do violino e tenho certeza de que você nunca ouviu um concerto como aquele que dei no meio da estrada. E não demorou muito para que aqueles brancos comessem a gritar, bater palmas e bater com os pés. E só parei de tocar quando eles ficaram cansados e me disseram para ir embora e não parar até chegar

em casa. E não parei mesmo. Mas pulava na vala toda vez que ouvia um cavalo, uma charrete ou uma carroça se aproximando, só saindo depois que estava longe. Até que você apareceu.”

Ao entrarem no caminho estreito que levava à casa grande, ouviram gritos distantes e depois viram os outros escravos correndo para a carroça.

— Parece até que eles estavam sentindo a falta de alguém — comentou o violinista sorrindo, mas Kunta percebeu que ele estava também profundamente comovido.

— Parece que você vai ter que repetir toda a história de novo — falou Kunta.

— E acha mesmo que alguém ou alguma coisa ia impedir-me de contar a história outra vez?



Nos meses seguintes, com a captura, julgamento e execução de um conspirador depois do outro, culminando com a do próprio Gabriel Prosser, as notícias sobre a rebelião de Richmond — e as tensões que gerou — foram aos poucos desaparecendo. Mais uma vez, a política tornou-se o tema principal das conversas entre o massa e seus amigos. Por extensão, passou a ser também o principal assunto dos escravos. Kunta, Bell e o violinista juntaram as diversas informações que tinham ouvido em várias fontes, sobre as eleições presidenciais. Um certo Massa Aaron Burr disputara o cargo com o famoso Massa Thomas Jefferson, que acabara vencendo, aparentemente por ter sido apoiado pelo poderoso Massa Alexander Hamilton. E Massa Burr, inimigo de Massa Hamilton, tornara-se Vice—Presidente.

Ninguém parecia saber muita coisa a respeito de Massa Burr. Kunta soube por outro cocheiro, que nascera na Virgínia, perto da plantação de Massa Jefferson, chamada Manticello, que os escravos dele diziam que não podia existir um massa melhor.

— O cocheiro me disse que Massa Jefferson nunca permitiu que seus capatazes açoitassem ninguém — contou Kunta aos outros escravos. — E todos eles comem bem. Massa Jefferson deixa as mulheres fiarem e fazerem boas roupas. E ele acha também que não faz mal nenhum os escravos aprenderem ofícios diferentes.

Quando Massa Jefferson vinha voltando para casa, depois de uma longa viagem, contou Kunta, os escravos foram esperá-lo a três quilômetros da plantação, desatrelando os cavalos e puxando a carruagem até a casa grande de Monticello. E depois carregaram-nos nos ombros até a porta.

O violinista interveio:

— Todo mundo sabe que uma porção daqueles negros são filhos do próprio Massa Jefferson, com uma parda que ele tem, chamada Sally Hemings.

Kunta ignorou a interrupção e continuou como se não tivesse havido qualquer comentário.

— Ouvi dizer que Massa Jefferson acha que a escravidão é ruim tanto para os brancos quanto para a gente. E ele concorda com Massa Hamilton que há diferenças demais entre brancos e pretos para que possam viver juntos em paz. Dizem que Massa Jefferson quer ver os pretos livres, mas não quer que eles continuem nesta terra, tirando os trabalhos dos brancos pobres. Ele é a favor de mandar a gente de volta para a África, aos poucos, sem muita confusão.

— Seria bom Massa Jefferson conversar com os traficantes de escravos — comentou o violinista. — Porque acho que eles têm ideias diferentes do curso que os navios devem seguir.

Kunta passou para outro assunto:

— Ultimamente, quando levo o massa a outras plantações, tenho ouvido falar de uma porção de pretos que estão sendo vendidos. Famílias inteiras, que viveram aqui durante

toda a sua vida, estão sendo vendidas por seus massas lá para o Sul. E ontem mesmo a gente passou por um desses mercados de escravos na estrada. Ele acenou, sorriu, tirou o chapéu, mas o massa agiu como se não tivesse visto o homem.

— Esses mercadores de escravos estão enxameando na cidade como moscas — disse o violinista. — Na última vez em que fui a Fredericks burg, eles caíram em cima de mim, até que mostrei meu passe. Vi um negro velho, de barba branca, ser vendido por 600 dólares. Antigamente, só os rapazes fortes e saudáveis é que conseguiam dar tanto dinheiro. O negro velho não ficou quieto um só instante. Quando o levaram para a plataforma do leilão, começou a gritar: “Vocês, brancos, fizeram desta terra de Deus um INFERNO em vida para meu povo! Mas quando o JUÍZO FINAL começar, vocês todos vão pagar pelo que fizeram! E não vai adiantar vocês implorarem, pois nada irá evitar que sejam todos DESTRUÍDOS! Não vai adiantar nenhuma MEDICINA que vocês possam fazer. não vai adiantar vocês todos fugirem. não vai adiantar todas as suas armas. não vai adiantar rezar, nada vai adiantar para vocês quando o JUÍZO FINAL começar!” Os brancos resolveram levar o negro velho embora. Pelo jeito como ele falava, parecia um pregador ou qualquer coisa assim.

Kunta percebeu o súbito nervosismo de Bell. Ela disse:

— Esse velho. ele tinha a pele muito preta, era um pouco encurvado, tinha uma barba grande e uma cicatriz grande no pescoço?

O violinista pareceu ficar surpreso.

— É esse mesmo! O velho tinha tudo isso! Sabe quem ele era?

Bell olhou para Kunta. Parecia que estava prestes a chorar. A voz era desolada quando ela disse:

— Foi esse o pregador que batizou Kizzy.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Kunta estava visitando o violinista quando Cato bateu na porta aberta.

— O que está fazendo aí fora? — gritou o violinista. — Entre logo! Cato entrou. Tanto Kunta como o violinista ficaram satisfeitos com a presença dele. Não fazia muito tempo que os dois haviam manifestado o desejo mútuo de que o chefe dos homens que trabalhavam nos campos fosse mais chegado a eles, como acontecera com o velho jardineiro. Cato parecia estar constrangido.

— Eu queria apenas dizer que acho que talvez seria melhor se não ficassem dizendo essas coisas que assustam as pessoas de uma porção de gente sendo vendida para o Sul. — Hesitou por um momento, antes de acrescentar: — Estou dizendo isso é porque lá nos campos os homens estão tão apavorados de serem vendidos que não conseguem pensar em mais nada e não trabalham direito. — Fez uma nova pausa. — Acho que todo mundo está assim, menos eu e aquele menino Noah. Eu penso que, se eu for vendido, fui vendido e está acabado, não posso fazer nada. E aquele Noah. parece que ele não tem medo de nada.

Depois de alguns minutos de conversa, durante a qual Kunta percebeu que Cato ficou feliz com a recepção, os três decidiram que seria melhor se partilhassem apenas entre si, não contando nem mesmo a Bell, as notícias mais assustadoras, que só serviriam para alarmar os outros, desnecessariamente.

Cerca de uma semana depois, quando os dois estavam a sós na cabana, de noite, Bell levantou a cabeça abruptamente de sua costura e disse para Kunta:

— Parece que o gato andou comendo algumas línguas por aqui. ou então os brancos pararam de vender os negros. Mas não sou tão estúpida assim para acreditar nisso.

Kunta ficou embaraçado e surpreso ao descobrir que Bell, e provavelmente todos os outros escravos, haviam percebido intuitivamente que ele e o violinista não mais estavam

contando tudo o que sabiam. Por isso, contou mais algumas histórias de vendas de escravos, mas omitindo os detalhes mais desagradáveis. Procurou realçar as histórias de fugas bem-sucedidas, relatando as proezas que circulavam entre os pretos, de escravos astutos e bem-falantes que conseguiam enganar os patrulheiros. Uma noite, Kunta contou aos outros a história de um mor dono pardo e de um cavaliço preto, que tinham roubado uma charrete, cavalo, roupas finas e até um chapéu. O pardo vestira as roupas e fingia que era um massa rico, gritando com seu cocheiro preto, toda vez que uma patrulha branca se aproximava, enquanto seguiam para o norte e a liberdade. Noutra ocasião, Kunta contou a história de um escravo não menos audacioso que galopava em sua mula diretamente ao encontro dos patrulheiros. Parava bruscamente, desenrolava um documento todo escrito, o qual, segundo ele dizia, explicava que estava numa missão urgente para seu massa. Ele apostava na certeza de que aqueles brancos pobres e analfabetos iriam deixá-lo seguir em frente, antes de admitirem que não sabiam ler. Frequentemente, Kunta fazia a senzala inteira rir, contando como outros pretos fugitivos tinham aperfeiçoado uma encenação de gagueira, a tal ponto que os patrulheiros, irritados, deixavam-nos partir, pois não agüentavam mais interrogá-los. Ele falava também de fugitivos que simulavam uma relutância temerosa, antes de finalmente confessarem que seus massas ricos e poderosos desprezavam os brancos pobres e tratavam impiedosamente aqueles que interferiam nos trabalhos de seus escravos. Uma noite, Kunta provocou gargalhadas incontroláveis ao relatar a história de um escravo doméstico, que conseguira chegar em segurança ao Norte, um passo à frente do massa que o perseguia. O massa chamara um guarda. “Você sabe que é meu negro!”, gritara o massa para o escravo, que simplesmente o fitara com uma expressão impassível e dissera: “Que Deus me ajude! Nunca antes vi esse homem branco em toda a minha vida!” E o fugitivo conseguira vencer a multidão e o guarda, que acabara ordenando ao massa que ficasse quieto e fosse embora, caso contrário teria de prendê-lo por perturbar a ordem pública.

Há anos que Kunta conseguia evitar a passagem nas proximidades de qualquer leilão de escravos, desde que vira uma jovem africana suplicar-lhe em vão que a ajudasse. Mas alguns meses depois daquela primeira conversa com Cato e o violinista, Kunta levou o massa à praça pública da sede do condado, no início de uma tarde, no momento mesmo em que o leilão de escravos estava começando.

— Olhem bem, cavalheiros de Spotsylvania! Estou-lhes oferecendo o melhor love de negros que já viram em toda as suas vidas!

Enquanto o leiloeiro arengava para a multidão, seu assistente jovem e gordo arrastou uma preta velha para a plataforma.

— Uma cozinheira de primeira!

O leiloeiro foi interrompido pelos gritos da mulher, que gesticulava freneticamente para um homem branco na multidão.

— Massa Philip! Philip! Parece que já esqueceu! Trabalhei para você e seus irmãos desde que eram pequeninos! Sei que já não valho muita coisa agora, mas fique comigo, pelo amor do Senhor!

Faço tudo o que quiser, Massa Philip! Por favor, massa, não deixe me mandarem para o Sul, onde vão me açoitar até a morte!

— Pare a charrete, Toby! — ordenou o massa.

Kunta sentiu o sangue esfriar nas veias ao puxar as rédeas e parar os cavalos. Depois de todos aqueles anos a não demonstrar o menor interesse pelos leilões de escravos, será que Massa Waller estava querendo assistir a um? Estaria pensando em comprar um novo

escravo ou o quê? Estaria com pena da explosão triste e terrível da velha? O homem a quem ela apelara gritou alguma coisa zombeteira. A multidão ainda estava rindo quando um comerciante comprou-a por 700 dólares.

— Ajude-me, Deus, Senhor, Jesus! Ajude-me! — gritou a mulher, enquanto o ajudante preto do leiloeiro empurrava-a rudemente para o cercado dos escravos. — Tire essas mãos pretas de cima de mim, seu negro!

A multidão ria sem parar. Kunta mordeu os lábios, para não chorar.

— E agora o melhor negro do love, cavalheiros!

Um preto jovem subiu à plataforma, os olhos brilhando de ódio, o peito largo e todo o corpo musculoso cortado pelas marcas de açoites antigos e recentes.

— Este aqui só precisa de uns lembretes de vez em quando! Vai sarar num instante! Pode trabalhar como uma mula! Pode colher mais de 200 quilos de algodão por dia! Olhem só para ele! Um garanhão espetacular. se as suas negras não estão tendo crias todos os anos, como deviam ter! É uma pechincha, por qualquer preço!

O jovem acorrentado acabou sendo vendido por 1400 dólares. A visão de Kunta ficou novamente enevoada quando uma mulata a soluçar subiu à plataforma. Ela estava grávida.

— Dois pelo preço de um ou um de graça, como preferirem! — gritou o leiloeiro. — Os negrinhos estão valendo cem dólares hoje, assim que começam a respirar!

A mulher foi vendida por mil dólares.

A cena era cada vez mais insuportável. Kunta quase caiu da charrete quando a oferta seguinte subiu à plataforma. Era uma moça, tremendo de terror. Pelo tipo de corpo, a cor da pele, até mesmo as feições, era como uma Kizzy mais velha. Aturdido, Kunta ouviu o leiloeiro começar sua arenga:

— Uma criada doméstica de primeira! E pode ser também uma parideira, se estão precisando de uma!

Ele piscou um olho sugestivamente e convidou os espectadores a se aproximarem para examinarem mais de perto. Abruptamente, desfez o laço que prendia o vestido feito de saco da moça. Ela começou a gritar e a soluçar desesperadamente, estendendo os braços num esforço para cobrir sua nudez dos olhares lúbricos da multidão. Vários homens se adiantaram, estendendo os braços para espetá-la e apalpá-la.

— Já chega! — gritou Massa Waller. — Vamos sair daqui!

E foi bem na hora, pois Kunta já ia fazê-lo por sua própria iniciativa.

Ao voltarem à plantação, Kunta mal olhava para a estrada, a mente em turbilhão. E se aquela moça fosse realmente Kizzy? E se a cozinheira tivesse sido a sua Bell? E se as duas fossem vendidas para longe dele? E se ele fosse vendido para longe delas?



Kunta estava prestando toda atenção na conversa do massa com um dos primos prediletos, que ia jantar na plantação.

— Outro dia, num leilão na sede do condado — disse o massa — fiquei espantado ao descobrir que os escravos que trabalham nos campos estão sendo vendidos por duas e até três vezes mais do que há alguns anos. E pelos anúncios que tenho lido na Gazette, os carpinteiros, pedreiros e ferreiros valem muito mais. E os que são realmente experientes e bons em determinados ofícios, como os músicos, os que trabalham em couro, podem valer até 25 mil dólares.

— Isso está acontecendo por toda parte, desde que inventaram o descaroçador de algodão — comentou o primo do massa. — Ouvi dizer que já há mais de um milhão de escravos no país. E os navios não conseguem trazer mais na quantidade necessária para abastecer as terras do Sul, empenhadas em atender os pedidos das fábricas do Norte.

— O que me preocupa é a possibilidade de muitos plantadores sensatos, em sua ansiedade por lucros rápidos, acabarem privando a Virgínia dos seus melhores escravos. O que é uma incrível tolice.

— Toliche? Não acha que a Virgínia tem mais escravos do que precisa? E eles custam mais para manter do que valem em trabalho.

— Talvez exista um excesso hoje. Mas como podemos prever as nossas necessidades dentro de cinco ou dez anos? Quem teria previsto, há dez anos, que o algodão iria alcançar os preços de hoje?

E não concordo com essa noção de que a manutenção dos escravos é muito alta. Tenho a impressão de que isso não acontece em qualquer plantação que esteja pelo menos razoavelmente organizada. Afinal, eles não plantam e colhem tudo o que comem? E geralmente são muito fecundos. Já esqueceu que qualquer negrinho já lhe está valendo um bom dinheiro ao nascer? E muitos são capazes de aprender um ofício, o que os torna ainda mais valiosos. Estou convencido de que escravos e terra, nessa ordem, são os melhores investimentos atualmente. É por isso que me recuso a vender qualquer um dos meus escravos. Eles constituem a própria base do nosso sistema.

— O sistema talvez esteja começando a mudar, sem que muitos o percebam — comentou o primo. — Veja só esses brancos arrivistas que se pavoneiam como se tivessem ingressando na classe dos plantadores, apenas porque compraram um ou dois escravos e obrigam-nos a trabalhar até a morte para ajudá-los a conseguir uma magra colheita de algodão e tabaco. Eles são desprezíveis. Mas acontece que esses brancos miseráveis parecem procriar mais depressa do que os negros. Só pela quantidade eles podem daqui a pouco começar a usurpar as nossas terras.

— Acho que não há motivo para preocupações — disse o massa, sorrindo jovialmente, antes de acrescentar: — Ou pelo menos enquanto os brancos pobres estiverem competindo com os pretos livres na compra dos escravos que rejeitamos.

O primo também sorriu.

— Não acha uma coisa incrível? Ouvi dizer que metade dos negros livres nas cidades trabalham dia e noite para economizarem o dinheiro suficiente a fim de comprarem escravos e pô-los em liberdade.

— É por isso que atualmente há tantos pretos livres no Sul.

— Acho que estamos permitindo pretos livres demais na Virgínia — comentou o primo.

— E não apenas porque eles estão prejudicando o nosso suprimento de mão-de-obra, comprando os seus iguais e criando mais pretos livres. Não podemos esquecer que eles estão na origem de todas as revoltas. Não devemos jamais esquecer daquele ferreiro de Richmond.

— Tem razão. Mas ainda acho que leis rigorosas, que os mantenham em seus lugares, e exemplos bem dados em alguns encenqueiros podem resolver o problema. Afinal, a maioria deles pode ser bem útil nas cidades. Pelo que me disseram, eles já estão começando a dominar em vários ofícios.

— Nas minhas viagens, tenho constatado que eles se estão espalhando cada vez mais. Já trabalham como carregadores nos armazéns e portos. São comerciantes, agentes funerários, jardineiros. E são os melhores cozinheiros. Sem falar nos músicos, é claro. Eu soube que não existe um único barbeiro branco em toda a cidade de Lynchburg. Tive que deixar crescer barba quando estive lá. Não ia deixar que um negro chegasse perto da minha garganta com uma navalha na mão!

Os dois desataram a rir. Um instante depois, porém, o massa voltou a ficar sério.

— Acho que as cidades nos podem criar um problema social maior do que os pretos livres. Estou — me referindo a esses mercadores de escravos, todos eles vigaristas, com uma astúcia incrível. Ouvi dizer que são antigos taverneiros, professores, advogados, pregadores, coisas assim. Três ou quatro já me procuraram na sede do condado, oferecendo preços incríveis pelos meus escravos. E um deles teve a ousadia de ir até minha casa. Isso está-me preocupando bastante, pois são uns abutres totalmente destituídos de escrúpulos.

Chegaram à casa grande. Kunta, parecendo não ter ouvido uma só palavra da conversa, saltou rapidamente, para ajudá-los a descer. Eles entraram, foram-se lavar e mudar de roupa. Ao se acomodarem na sala de visitas e chamarem Bell para servir-lhes drinques, ela e todos os demais escravos da plantação já sabiam que o massa não tencionava vendê-los, pois Kunta imediatamente espalhara a notícia. Kunta repetira para uma audiência extasiada toda a conversa, procurando reconstituir o diálogo nos mínimos detalhes.

Quando ele terminou, houve um momento de silêncio, que foi quebrado por Mandy:

— O massa e o primo falaram em negros livres guardando dinheiro para comprarem outros negros e libertarem eles. Eu gostaria de saber como é que esses negros livres conseguiram ficar livres.

— Muitos massas das cidades deixam seus escravos aprenderem ofícios e depois alugam eles a outros — explicou o violinista. — Dão um pouco do dinheiro que ganham aos escravos, como o massa faz comigo. Assim, guardando dinheiro durante 10 ou 15 anos, se não tiver mais sorte, um negro desses pode dar a seu massa o dinheiro suficiente para comprar a si mesmo.

— É por isso que você não pára de tocar o violino? — perguntou Cato.

— Pode ter certeza de que não é porque eu adoro ver os brancos dançando.

— E já tem dinheiro bastante para comprar a você mesmo?

— Se eu tivesse, não estaria aqui para você me fazer essa pergunta. Todos riram.

— Mas já está perto? — insistiu Cato.

— Você não desiste, hem? — disse o violinista, exasperado. — Estou mais perto do que estava na última semana, mas não mais perto do que estarei na semana que vem.

— Está certo. Mas quando tiver o dinheiro bastante, o que vai fazer?

— Vou para o Norte, irmão! Ouvi dizer que muitos negros livres lá do Norte vivem melhor do que os brancos. O que parece ser uma boa coisa. Vou viver entre esses mulatos emproados, começar a falar emproado como eles, me vestir de seda, começar a tocar harpa e ir a reuniões para discutir livros, flores e coisas assim!

Assim que as risadas diminuíram, Tia Sukey perguntou:

— O que vocês acham dessa coisa que os brancos dizem que os mulatos se saem tão bem porque o sangue branco que eles têm faz com que sejam mais inteligentes do que a gente?

— Os homens brancos devem misturar um bocado o sangue deles — comentou Bell, cautelosa.

— Veja lá como fala do capataz de minha mãe! — exclamou o violinista, procurando assumir uma expressão de ofendido.

Cato quase caiu da cadeira de tanto rir, até que Beulah deu-lhe um tapa na cabeça com as costas da mão.

— Vamos agora falar sério — continuou o violinista. — Tia Sukey fez uma pergunta e eu me enciono responder. Se julgarem pelos que são como eu, então vão achar que os negros de pele mais clara são mesmo espertos. Vejam o caso daquele pardo do Benjamin Banneker, que até os brancos dizem que é um gênio com os números, até estuda a lua e as estrelas! Mas há uma porção de negros inteligentes que são tão pretos como todos vocês.

Bell tornou a falar:

— Ouvi o massa falar de um negro chamado James Derham, que é médico em Nova Orleans. O médico branco que ensinou a ele diz que ele sabe mais do que o mestre. E ele é preto retinto.

— Não é o único assim — disse o violinista. — Há aquele Pince Hall que fez a primeira Ordem Maçônica negra. Já vi fotografias de grandes pregadores que fundaram igrejas negras. E muitos eram tão pretos que de noite não dava para ver se não estivessem com os olhos abertos. E há também aquele Phyllis Wheattley que escreve poesias que os brancos acham lindas. E não há também aquele Gustavus Vassa que escreve livros? — O violinista fez uma pausa, olhando diretamente para Kunta. — E esses dois são negros que vieram direto da África, não têm uma só gota de sangue branco. E não me parecem nada estúpidos. — Soltando uma risada, o violinista acrescentou: — É verdade que também existe muito negro estúpido. Vejam por exemplo o caso de Cato.

Ele levantou-se de um pulo e saiu correndo, com Cato em seu encalço.

— Se eu apanho você vou mostrar quem é o estúpido! — gritou Cato.

Depois que os outros pararam de rir, Kunta disse:

— Podem rir à vontade. Todos os negros são iguais para os brancos. Uma gota de sangue negro e a pessoa é negra, mesmo que seja mais branca do que os brancos.

Cerca de um mês depois, o violinista voltou de uma de suas viagens com uma notícia que deixara os brancos exultantes. e que deixou os escravos mergulhados no mais sombrio abatimento. O chefe francês chamado Napoleão tinha mandado um imenso exército do outro lado da grande água. E depois de muita luta e derramamento de sangue, esse exército tinha recuperado o Haiti, vencendo os pretos e seu libertador, o General Toussaint. Convidado para jantar pelo general do vitorioso exército francês, Toussaint cometera o erro

de aceitar. Durante o jantar, os garçons tinham-no agarrado e amarrado. Toussaint fora embarcado rapidamente em um navio e despachado para a França, onde fora levado, acorrentado, à presença de Napoleão, que tramara toda a traição.

Sendo o maior admirador do General Toussaint na plantação, Kunta foi o que mais sofreu com a notícia. Continuou sentado na cabana do violinista, profundamente abatido, depois que todos os outros já se haviam retirado.

— Sei como você se sente com relação a Toussaint — disse o violinista. — Não quero que pense que não estou dando a menor importância a isso, mas tenho outra notícia que não posso mais esperar para dar.

Kunta fitou o violinista, sentindo-se ainda mais deprimido porque o amigo parecia prestes a estourar de felicidade. Que notícia podia ser tão importante a ponto de afetar o respeito que cada um devia sentir pela derrota e humilhação do maior líder preto de todos os tempos?

— Eu consegui! — gritou o violinista, emocionado. — Quando Cato perguntou há um mês, eu não disse quanto já tinha conseguido juntar. Mas faltavam apenas alguns dólares. E consegui completar o que faltava com esta viagem! Precisei tocar mais de 900 vezes para os brancos dançarem. Como eu não sabia se ia conseguir, não falei com ninguém, nem mesmo com você, Africano. Mas agora eu consegui! Já tenho os 700 dólares que o massa disse há muito tempo atrás que eu precisava ganhar para poder comprar minha liberdade!

Kunta estava aturdido demais para falar.

— Olhe só! — O violinista abriu um lado do colchão e despejou no chão centenas de notas de um dólar, que se amontoaram em torno dos pés dele. — E veja isso também! — Tirou um saco de anagem de debaixo da cama e esvaziou-o em cima das notas. As moedas caíram, retinindo. Havia também centenas, de todos os valores. — E então, Africano, vai me dizer alguma coisa ou vai continuar sentado aí com a boca aberta?

— Não sei o que dizer.

— O que me diz de dar parabéns?

— Parece bom demais para ser verdade.

— Está tudo certo. Já contei mais de mil vezes. Tenho até um dinheiro extra, suficiente para comprar uma mala de papelão!

Kunta simplesmente não podia acreditar. O violinista ia ser um homem livre! Não era um mero sonho. Kunta sentia vontade de rir e chorar. por si mesmo, tanto quanto pelo amigo.

O violinista ajoelhou-se e começou a recolher o dinheiro.

— Não conte nada a ninguém até amanhã de manhã, está bem, Africano? É quando vou falar com o massa e dizer que ele está 700 dólares mais rico. Você vai ficar tão contente quanto ele ao me ver ir embora?

— Vou ficar contente por você, não por mim.

— Se está querendo fazer que eu sinta pena de você e compre também sua liberdade, vai ter que esperar um bocado! Levei 33 anos tocando violino para conseguir a minha liberdade!

Ao voltar para sua cabana, Kunta já estava começando a sentir saudade do violinista. Bell atribuiu a tristeza dele à derrota de Toussaint. Assim sendo, Kunta não precisou esconder, nem explicar o que estava sentindo.

Na manhã seguinte, depois de alimentar os cavalos, Kunta deu um pulo à cabana do violinista e verificou que estava vazia. Foi perguntar a Bell se ele estava com o massa.

— Ele já saiu há uma hora. Parecia que tinha visto um fantasma. O que houve com

ele? E por que ele queria falar com o massa?

— O que ele disse quando saiu?

— Não disse nada. Passou por mim como se eu não existisse.

Sem dizer mais nada, Kunta saiu da cozinha e voltou à senzala, ouvindo Bell gritar-lhe:

— Mas o que deu em você? — Como ele não respondesse, Bell acrescentou: — Está bem, está bem! Não precisa me dizer nada! Eu sou apenas sua esposa!

Depois de procurar em todas as cabanas, de dar uma espiada na “casinha” e gritar “Violinista!” no celeiro, Kunta seguiu ao longo da cerca. Já tinha percorrido uma boa distância quando ouviu os acordes lentos e tristes de uma canção que ouvira numa das reuniões do “O Senhor” dos pretos. Só que desta vez a canção não estava sendo cantada, mas sim tocada por um violino. A música do violinista era sempre alegre e feliz, mas agora parecia que o violino estava chorando.

Kunta começou a andar mais depressa e dali a pouco avistou um carvalho ao lado de um córrego, quase no limite da propriedade de Massa Waller. Chegando mais perto, ele viu os sapatos do violinista saindo de detrás da árvore. Foi nesse momento que a música parou. Kunta parou também, sentindo-se um intruso. Ficou imóvel, esperando a música recomeçar. Mas o zumbido das abelhas e o murmúrio do córrego eram os únicos ruídos a quebrarem o silêncio. Finalmente, quase que timidamente, Kunta contornou a árvore e encarou o violinista. Um único olhar foi o suficiente para que ele compreendesse o que acontecera. A luz desaparecera do rosto do amigo, o brilho familiar nos olhos se extinguiu.

— Está precisando de um bom recheio para seu colchão? — indagou o violinista, em tom amargurado.

Kunta não disse nada. As lágrimas escorriam pelo rosto do violinista. Ele enxugou-as furiosamente, como se o estivessem queimando. E as palavras saíram aos borbotões:

— Eu disse a ele que finalmente tinha conseguido juntar o dinheiro para comprar minha liberdade, até o último vintém. Ele ficou calado durante um minuto inteiro, olhando para o teto. Depois me deu os parabéns por ter juntado tanto dinheiro. Mas disse em seguida que, se eu quisesse, os 700 dólares podiam servir como uma entrada, porque ele tinha que levar em consideração nos seus negócios que o preço dos escravos havia aumentado muito, desde a invenção do descarçador de algodão. Não podia aceitar menos de 1500 dólares por um bom violinista como eu, que lhe fazia ganhar um bom dinheiro. Se ele fosse vender-me para outro, poderia conseguir até 2500 dólares. Disse que sentia muito, mas esperava que eu compreendesse que negócio é negócio e que ele sempre quer ter um bom lucro por seus investimentos. — O violinista estava agora soluçando abertamente. — Ele disse que ser livre não é tão importante assim e que me desejava boa sorte se eu insistisse e quisesse juntar o resto do dinheiro. e ele me disse que eu devia continuar a trabalhar direito. e pediu que eu falasse com Bell, ao sair, para levar café para ele!

Ele calou-se. Kunta continuou imóvel, sem dizer nada.

— Aquele filho da puta! — gritou o violinista subitamente, e esticou o braço para trás e jogou o violino dentro do córrego. Kunta entrou na água para buscá-lo. Mas antes mesmo de chegar perto, pôde ver que estava quebrado.



Uma noite, alguns meses depois, quando Kunta trouxe o massa de volta à plantação, Bell ficou mais preocupada do que irritada ao descobrir que os dois estavam cansados demais para comer o bom jantar que ela havia preparado. Uma estranha febre começara a se espalhar pelo condado e os dois estavam deixando a plantação cada dia mais cedo e voltando mais tarde, nos esforços do massa, como o médico do condado, para conter a epidemia.

Kunta estava exausto e afundou na cadeira de balanço. Ficou olhando distraidamente para o fogo e nem notou quando Bell pôs a mão em sua testa e depois tirou-lhe os sapatos. Meia hora se passou antes que ele percebesse que Kizzy não estava em seu colo, como sempre acontecia, mostrando-lhe um novo brinquedo que ela mesma fizera ou contando o que fizera durante o dia.

— Onde está Kizzy? — perguntou ele, finalmente.

— Pus ela na cama há cerca de uma hora.

— Ela está doente?

— Não. Apenas estava cansada de brincar. Missy Anne passou o dia aqui.

Kunta estava exausto demais até mesmo para sentir a costumeira irritação. De qualquer maneira, Bell tratou de mudar de assunto.

— Enquanto Roosby esperava para levar a missy para casa, ele me contou que ouviu o violinista tocar outra noite num baile a que levou Massa John, em Fredericksburg. Disse que quase não reconheceu a música do violinista, pois não é mais a mesma. Eu não disse a ele que o violinista também já não é mais o mesmo, desde que descobriu que não vai ser livre.

— Parece que ele não se importa mais com coisa nenhuma, — falou Kunta.

— É o que eu também acho. Ele anda calado, quase não cumprimenta mais a gente, só conversa com Kizzy, quando ela vai levar o jantar para ele e fica esperando ele terminar de comer. Ela é a única pessoa por quem o violinista ainda se interessa. Ele nem mesmo conversa mais com você!

— Também com essa febre que anda por aí, eu não tenho mais tempo nem forças para ir visitar ele.

— Posso ver que você anda mesmo cansado. E por isso não vai ficar sentado aqui pela metade da noite, conversando. Vamos logo para a cama.

— Deixe-me em paz, mulher! Estou bem!

— Não está, não!

A voz de Bell era categórica. Ela pegou a mão dele, ajudou-o a levantar e levou-o para o quarto, sem que Kunta oferecesse qualquer resistência. Kunta sentou na beira da cama, enquanto Bell o ajudava a tirar a roupa. Deitou-se em seguida, suspirando.

— Vire para eu esfregar suas costas.

Ele obedeceu e Bell começou a massagear-lhe as costas. Kunta estremeceu.

— Qual é o problema? Não estou fazendo com tanta força assim.

— Não foi nada.

— Está doendo aqui? — indagou Bell, apertando a região dos rins:

— Ui!

— Não estou gostando nada disso — murmurou Bell.

— Estou apenas cansado. Tudo o que preciso é de uma noite de sono.

— Veremos — disse Bell, apagando a vela e deitando ao lado dele.

Na manhã seguinte, depois de servir o café do massa, Bell informou que Kunta não conseguira levantar-se da cama.

— Provavelmente ele pegou a febre — disse o massa, procurando disfarçar sua irritação. — Você sabe o que tem de fazer. Mas, enquanto isso, há uma epidemia no condado e preciso de outro cocheiro.

— Sim, Massa. — Bell pensou por um momento. — Tem alguma objeção contra aquele menino que trabalha nos campos, o Noah, Massa? Ele cresceu tão depressa que já tem quase um tamanho de homem. Ele sabe guiar as mulas e acho que também vai guiar os cavalos direito.

— Quantos anos ele tem?

— Noah é uns dois anos mais velho do que a minha Kizzy. Assim. — Bell fez uma pausa, fazendo as contas nos dedos. — ... acho que ele tem 13 ou 14 anos, Massa.

— É jovem demais. Vá dizer ao violinista para tomar o lugar de Toby. Ele quase não tem trabalhado no jardim ultimamente e toca o violino muito pouco. Mande-o atrelar os cavalos e trazer a charrete para a frente o mais depressa possível.

A caminho da cabana do violinista, Bell previu que ele se mostraria indiferente ou perturbado com a notícia. O violinista teve as duas reações. Não pareceu importar-se por ter que guiar a charrete do massa, mas ficou tão preocupado ao saber que Kunta estava doente que Bell teve de recorrer a toda sua habilidade para convencê-lo a não visitar Kunta antes de começar a cumprir as ordens do massa.

Desse dia em diante, o violinista mudou bastante. Não parecia estar mais feliz do que nos últimos meses, mas pelo menos era atencioso e prestativo, revelando-se também incansável. Levava o massa a visitar pacientes por todo o condado, de dia e de noite. Ao retornar à plantação, ia ajudar Bell a cuidar de Kunta e dos outros que haviam também contraído a febre.

Não demorou muito para que fossem tantas as pessoas doentes que o massa recrutou os serviços de Bell como sua assistente. Enquanto ele cuidava dos brancos, o menino Noah levava Bell na carroça puxada pelas mulas para cuidar dos pretos. Um dia ela confidenciou ao violinista:

— O massa tem a medicina dele e eu tenho a minha.

Depois de administrar as drogas do massa, Bell dava a seus pacientes a infusão secreta que fazia, com ervas secas e reduzidas a pó, misturadas com água de casca de caquizeiro fervida. Ela afirmava que sua infusão funcionaria melhor e mais depressa que qualquer remédio dos brancos. Mas o que realmente curava os pacientes, confidenciou ela a Tia Sukey e a Mandy, era o fato de sempre se ajoelhar ao lado da cama de cada paciente e fazer uma prece.

— O que Ele dá ao homem, também pode tirar, se quiser.

Mas alguns dos pacientes dela acabaram morrendo. da mesma forma que alguns pacientes de Massa Waller.

A medida que o estado de Kunta foi-se agravando, apesar de todos os cuidados de Bell e do massa, ela passou a rezar com mais frequência e maior fervor. Esqueceu inteiramente o

comportamento estranho de Kunta, caladão, obstinado, ao sentar-se todas as noites ao lado da cama, cansada demais para dormir. Kunta se remexia, suava profusamente, gemia, de vez em quando balbuciava palavras incoerentes, no delírio da febre, sob as cobertas que Bell empilhara em cima dele. Ela segurava a mão quente e seca de Kunta entre as suas, com um medo desesperado de nunca mais poder dizer-lhe o que levava todos aqueles anos para compreender: que ele era um homem de verdade, um homem de caráter, que jamais conhecera outro igual e que o amava profundamente.

Kunta estava em coma há três dias quando Missy Anne foi visitar o massa e encontrou Kizzy na cabana, junto com Bell, Mandy e Tia Sukey, todas chorando e rezando. Missy Anne voltou à casa grande e disse ao tio exausto que queria ler alguma coisa da Bíblia para o pai de Kizzy. Mas não sabia qual era a melhor coisa para ler nas circunstâncias. O tio poderia ajudá-la? Os olhos do massa contemplaram demoradamente o rostinho triste da sobrinha adorada. Ele levantou-se, abriu a estante e tirou sua Bíblia, bem grande. Pensou por um momento, procurou a página certa e apontou com o dedo o lugar em que a sobrinha deveria começar a ler.

Quando se espalhou a notícia de que Missy Anne ia ler alguma coisa, todos se reuniram rapidamente fora da cabana de Bell e Kunta, e ela começou a ler:

“O Senhor é o meu pastor: nada me faltará. Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso; refrigere-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome.”

Missy Anne fez uma pausa, franziu o rosto para as letras e depois continuou:

“Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque Tu estás comigo; a Tua vara e o Teu cajado me consolam.”

Ela fez nova pausa, desta vez para respirar fundo. Olhou, indecisa, para os rostos que a fitavam. Profundamente comovida, Mandy não pôde deixar de exclamar:

— Senhor, escute essa criança! Já cresceu e aprendeu a ler tão bem! Em meio aos murmúrios de elogio dos outros, a mãe de Noah, Ad.i, disse:

— Parece que foi ontem que ela estava correndo por aqui de fralda! Quantos anos ela tem agora?

— Ainda não fez 14 anos! — informou Bell, orgulhosa, como se fosse sua própria filha. — Por favor, meu bem, leia um pouco mais para a gente!

Enrubescida de tantos elogios, Missy Anne leu o verso final do Salmo 23.

Entre o tratamento e as preces, alguns dias depois Kunta apresentou sinais de que estava começando a se recuperar. Bell teve certeza de que ele ia ficar bom ao vê-lo lançá-lo um olhar furioso e arrancar do pescoço o pé de coelho seco e a bolsinha com assa-fétida, ali postos para afastar o azar e a doença. Kizzy soube quando foi sussurar ao ouvido do pai que jogara mais uma pedrinha na cabaça quando a lua tornara a aparecer e o rosto dele se abriu num sorriso. E Kunta soube que o violinista ia também se recuperar, ao despertar uma manhã sobressaltado, com o som do violino ao lado de sua cama.

— Devo estar sonhando — disse Kunta, abrindo os olhos.

— Não está mais — disse o violinista. — Já estou cansado de levar seu massa por todo o inferno e mais além. Meu casaco está cheio de buracos nas costas dos olhares que ele me lança. Está na hora de você se levantar, negro!



Logo depois do Natal do ano seguinte, 1803, os ventos sopraram tanta neve “por toda a Virgínia que as estradas, em muitos pontos, ficaram ocultas e intransitáveis a não ser com as carroças maiores. Quando o massa saía, para atender apenas aos chamados mais urgentes, tinha que ir montado num dos cavalos. Kunta ficava na plantação, ajudando Cato, Noah e o violinista a manter desobstruído o caminho até a casa grande, a cortar lenha para manter todos os fogos acesos.

Apesar de completamente isolados — até mesmo a Gazette de Massa Waller deixara de ser entregue há cerca de um mês, depois da primeira grande nevasca — os escravos ainda comentavam as últimas notícias de que tinham tomado conhecimento. E a principal era a satisfação dos massas pela maneira como o Presidente Jefferson estava “dirigindo o governo”, apesar das restrições que tinham feito inicialmente às opiniões dele a respeito dos escravos. Desde que assumira, o Presidente Jefferson reduzira o Exército e a Marinha, diminuía consideravelmente a dívida pública, até mesmo abolira o imposto sobre a propriedade pessoal. O violinista comentou que a última medida havia agradado particularmente a todos os brancos da classe do massa.

Kunta disse que, em sua última viagem à sede do condado, antes de ficarem isolados pela neve, verificara que os brancos estavam ainda mais entusiasmados com outra medida do Presidente Jefferson: a compra do imenso “Território da Louisiana”, pagando apenas três cents por acre.

— O que eu mais gostei, de tudo o que ouvi, foi a explicação de que Massa Napoleão teve de vender barato assim porque estava em dificuldades lá na França, por causa do que custou em dinheiro, juntamente com 50 mil franceses que foram mortos, a vitória sobre Toussaint no Haiti.

Os escravos ainda estavam-se deleitando com essa notícia quando uma tarde, pouco depois, um preto chegou a cavalo, em meio a uma nevasca, trazendo um recado urgente de um doente para o massa e uma notícia desoladora para os escravos: numa masmorra úmida, no fundo de uma fortaleza francesa numa montanha, para onde fora enviado por Napoleão, o General Toussaint, do Haiti, morrera de fome e pneumonia.

Três dias depois, de tarde, ainda se sentindo deprimido pela morte de Toussaint, Kunta retornou à cabana para tomar uma caneca de sopa quente. Mal tinha acabado de entrar e estava tirando as luvas quando avistou Kizzy deitada num colchão no primeiro cômodo, com o rosto contraído e uma expressão assustada.

— Ela não está passando bem — foi a única explicação de Bell.

E a mãe preparou rapidamente um chá de ervas, ordenando a Kizzy que se sentasse e bebesse. Kunta sentiu que algo mais estava acontecendo e as duas não lhe diziam. Minutos depois, tomando a sopa na cabana aquecida, suas narinas ajudaram-no a descobrir que Kizzy estava tendo a primeira regra.

Há quase 13 chuvas que ele observava diariamente Kizzy crescer e amadurecer.

Recentemente, passara a aceitar o fato de que a transformação dela em mulher seria apenas uma questão de tempo. Contudo, estava completamente despreparado para aquele acontecimento. Depois de mais um dia na cama, a vigorosa Kizzy já estava de pé, movimentando-se pela cabana. Mais um dia e ela voltou a trabalhar na casa grande. E como se tivesse tudo acontecido da noite para o dia, Kunta começou a notar, pela primeira vez, que o corpo antes sempre estreito da filha tinha começado a adquirir contornos arredondados. Bastante embaraçado, ele observou que a filha tinha agora seios do tamanho de mangas, que as nádegas haviam começado a inchar e se arredondar. Kizzy parecia até não mais estar andando como uma menina. Agora, sempre que passava pela cortina que separava o quarto do cômodo da frente, onde Kizzy dormia Kunta passou a desviar os olhos. E quando Kizzy por acaso não estava inteiramente vestida, ela fazia também a mesma coisa.

Na África, pensou Kunta, recordando que a África agora lhe parecia imersa num passado muito distante, Bell começaria a instruir Kizzy na maneira de fazer a pele brilhar, usando manteiga de Galan, como escurecer os lábios, as palmas e as solas, usando a crosta preta do fundo dos caldeirões. E Kizzy, com aquela idade, já estaria atraindo as atenções dos homens à procura de uma donzela bem preparada para o casamento. Kunta sentia-se angustiado ao pensar no fato de algum homem entrando entre as coxas de Kizzy. Só conseguiu sentir-se melhor ao assegurar a si mesmo que isso só aconteceria depois de um casamento conveniente. Em sua terra, àquela altura, como fã de Kizzy, estaria assumindo sua responsabilidade de avaliar meticulosamente as qualidades pessoais e os antecedentes de família dos homens que demonstrassem qualquer interesse matrimonial pela filha. Teria que escolher o marido ideal para Kizzy e decidir qual o preço apropriado a pedir pela mão dela.

Kunta continuava a remover a neve do caminho diariamente, junto com Cato, Noah e o violinista. Depois de algum tempo, foi gradativamente sentindo-se ridículo por sequer pensar nessas tradições e costumes africanos. Afinal, não seriam observados nem respeitados ali. E ele seria escarnecido se sequer os mencionasse, mesmo que aos outros pretos. Além disso, não havia por ali nenhum pretendente provável e aceitável para casar-se com Kizzy, com a idade certa, entre 30 e 35 chuvas. Mas lá estava ele começando novamente! Teria que fazer um esforço para pensar de acordo com os costumes matrimoniais da terra dos toubobs, onde as moças geralmente casavam, “pulavam a vassoura”, como se dizia, com um homem mais ou menos da mesma idade.

Imediatamente, Kunta começou a pensar em Noah. Sempre gostara do menino. Aos 15 anos, dois a mais do que Kizzy, Noah parecia ser tão amadurecido, compenetrado e responsável quanto era grande e forte. Quanto mais pensava a respeito, mais Kunta achava que só faltava uma coisa a Noah para ser um bom pretendente: o fato de ele jamais ter demonstrado o menor interesse pessoal por Kizzy. Havia também o problema de que a própria Kizzy parecia ignorar completamente a existência de Noah. Kunta pensou: Por que eles não se interessam um pelo outro, ao menos como amigos? Afinal, Noah era bem parecido com o que ele próprio fora quando jovem, merecendo assim a atenção de Kizzy, se não mesmo a admiração. Será que poderia exercer alguma influência para aproximá-los? Mas Kunta logo concluiu que essa seria a maneira mais certa para mantê-los permanentemente afastados. Decidiu, como sempre, que o melhor era cuidar apenas de sua própria vida, e esperar que os dois jovens se sentissem naturalmente atraídos. E ele, particularmente, iria pedir a Alá que ajudasse a natureza a seguir o seu curso.



— Escute bem, menina! Não quero mais saber de ver você sacudindo o rabo outra vez para aquele Noah! Faz isso de novo e dou uma surra em você! — Chegando à cabana, Kunta estacou abruptamente a dois ou três passos da porta e ficou escutando o que Bell dizia. — Você ainda nem tem 16 anos! O que seu pai vai pensar de ver a filha se comportando desse jeito?

Kunta virou-se silenciosamente e retornou à intimidade do estábulo, a fim de pensar nas implicações do que acabara de ouvir. “Sacudindo o rabo.” E para Noah! Bell nada vira pessoalmente, mas alguém lhe contara. Não havia a menor dúvida de que fora Tia Sukey. Ou Mandy. Conhecendo bem as duas, pensou Kunta, não ficaria surpreso se uma delas ou ambas tivessem presenciado algo perfeitamente inocente e passado adiante com uma malícia sugestiva, só para terem o que comentar. Mas o que teria sido? Pelo que ele ouvira, Bell não iria contar-lhe, a menos que acontecesse novamente e precisasse da ajuda dele para intervir. Jamais passaria pela cabeça de Kunta interrogar Bell a respeito, pois isso seria uma atitude por demais feminina.

E se não tivesse sido algo tão inocente assim? Será que Kizzy andara exibindo-se para Noah? E se isso acontecera, o que o rapaz teria feito para estimulá-la? Sempre dera a impressão de ser um rapaz de honra, de bom caráter, mas nunca se sabia.

Kunta não sabia muito bem o que deveria sentir ou pensar. De qualquer forma, como Bell dissera, a filha tinha apenas 15 anos. De acordo com os costumes da terra dos toubobs, ainda estava muito jovem para pensar em casamento. Kunta compreendeu que não estava sendo muito africano ao encarar o problema. Mas a verdade é que ainda não se sentia preparado para pensar em Kizzy com uma barriga imensa, como já vira em muitas moças da idade dela e até menores.

Mas se ela casasse com Noah, pensou Kunta, pelo menos o filho deles seria preto e não um daqueles pálidos bebês sasso-borro, os produtos de mães estupradas por massas ou capatazes lúbricos. Kunta agradeceu a Deus que nem Kizzy nem qualquer outra mulher da plantação jamais tivesse que sofrer tão terrível experiência. Tal coisa jamais acontecera em todos os anos há que ali estava e muitas vezes ouvira Massa Waller manifestar veementemente aos amigos as suas convicções contra a mistura do sangue de brancos e pretos.

Nas semanas seguintes, em todas as oportunidades Kunta observava discretamente o traseiro de Kizzy, para ver se estava rebolando. Nunca a surpreendeu fazendo isso. Mas umas poucas vezes ambos ficaram surpresos, quando Kunta entrou inesperadamente na cabana e encontrou a filha a rodopiar, cantando baixinho, com uma expressão sonhadora. Kunta também vigiava Noah atentamente e observou que o rapaz e Kizzy, ao contrário do que acontecia anteriormente, agora se cumprimentavam e sorriam, toda vez que se avistavam. Quanto mais pensava nisso, mais convencido Kunta ficava de que os dois estavam disfarçando seu ardor. Kunta acabou decidindo que não haveria mal algum se

Kizzy e Noah começassem a dar pequenos passeios, à vista de todos. Além disso, Noah poderia acompanhá-la à reunião religiosa dos pretos e à festa deles, que se realizavam todos os anos. Afinal, seria preferível que Noah fosse o parceiro dela no baile, ao invés de algum estranho descarado. E dentro de uma chuva ou pouco mais, era até possível que Noah desse um bom marido para Kizzy.

Não se passou muito tempo para que Kunta percebesse que Noah também começara a observá-lo, tão atentamente quanto era observado. Kunta calculou que o rapaz estava procurando tomar coragem para perguntar-lhe se podia casar-se com Kizzy. Foi numa tarde de domingo, no princípio de abril, que houve finalmente a conversa. Massa Waller trouxera uma família para almoçar na plantação, depois do serviço religioso. Kunta estava diante do estábulo, polindo a charrete dos convidados, quando algo lhe disse para levantar a cabeça. E avistou o vulto esguio e preto de Noah a se aproximar, caminhando com uma atitude determinada.

Parando diante de Kunta, ele falou sem a menor hesitação, como se tivesse ensaiado as palavras:

— É o único aqui em quem eu posso confiar. E tenho que contar a alguém. Não suporto mais continuar a viver assim. Tenho que fugir de qualquer maneira.

Kunta ficou tão aturdido que, a princípio, não pôde pensar em nada para dizer. Ficou imóvel, por um longo tempo, olhando para Noah, até que finalmente recuperou a fala.

— Você não vai fugir para lugar nenhum com Kizzy!

— Não vou não. Não quero meter Kizzy em nenhuma encrenca. Kunta sentiu-se embarçado. E demorou um pouco para dizer, cautelosamente:

— Acho que todo mundo sente de vez em quando vontade de fugir. Os olhos de Noah examinavam— no atentamente.

— Kizzy me contou que Miss Bell disse que já tinha fugido quatro vezes.

Kunta assentiu, a expressão ainda impassível, sem deixar transparecer que estava pensando em si mesmo naquela idade, recentemente chegado da África, desesperadamente obcecado pela ideia de escapar, a tal ponto que era um tormento quase insuportável cada dia que passava à espera de uma oportunidade, por menor que fosse. Kunta compreendeu subitamente que, se Kizzy ainda não sabia de nada, como se podia deduzir da declaração anterior de Noah, então ela ficaria profundamente desolada e amargurada, quando O rapaz desaparecesse. Seria um segundo grande choque para Kizzy, pouco depois de a menina toubob ter-se afastado bruscamente, cortando os laços de amizade entre as duas. Mas Kunta sabia que não havia nada que se pudesse fazer. Decidiu que, por diversos motivos, qualquer coisa que dissesse a Noah deveria ser cuidadosamente analisada. E disse gravemente:

— Não vou dizer a você para fugir ou não fugir. Mas se não está disposto a morrer se for apanhado, então ainda não está preparado.

— Não estou pensando em me deixar apanhar. Já ouvi dizer que o principal é seguir na direção da Estrela do Norte e que os brancos quacres e os negros libertos escondem a gente durante o dia. E a gente fica livre quando chega ao lugar chamado Ohio.

Mas quão pouco ele sabe!, pensou Kunta. Como alguém podia achar que fugir era tão simples assim? Mas Kunta não demorou a compreender que Noah era jovem, como ele também fora. Além disso, como a maioria dos escravos, Noah raramente saía dos limites da plantação. Era por isso que quase todos os escravos que fugiam, especialmente os que trabalhavam nos campos, eram capturados tão depressa, o corpo sangrando dos talhos dos espinhos, quase mortos de fome, vagueando a esmo pelas florestas e pântanos, onde havia

incontáveis cobras venenosas. E Kunta recordou-se de suas fugas, os cachorros, as armas, os açoites, e o machado.

— Não tem a menor ideia do que está falando, menino! — disse ele impulsivamente, arrependendo-se no mesmo instante de suas palavras. — Isto é, o que eu queria dizer, é que não é tão fácil assim. Sabe alguma coisa dos cachorros que eles usam para encontrar a pista dos negros fugidos?

A mão direita de Noah entrou no bolso da calça e saiu com uma faca. A lâmina estava bastante afiada, com um brilho opaco.

— Acho que cachorros mortos não encontram ninguém. — Kunta lembrou-se das palavras de Cato, de que Noah não tinha medo de coisa alguma. O rapaz tornou a guardar a faca, acrescentando: — Não vou deixar que coisa alguma me impeça de fugir.

— Bem, se você tem de fugir, então tem de fugir.

— Ainda não sei exatamente quando vou fugir. Só sei que tenho de fugir de qualquer maneira.

Kunta tornou a insistir, meio constrangido:

— Só não quero é que meta Kizzy nisso.

Noah não pareceu ficar ofendido. Seus olhos se encontraram com os de Kunta.

— Claro que não. — Hesitou por um momento, antes de acrescentar: — Mas quando eu chegar ao Norte, vou trabalhar duro e juntar todo o dinheiro para comprar a liberdade dela. — Uma nova pausa e ele indagou: — Não vai contar nada disso a ela, não é?

Foi a vez de Kunta hesitar.

— Isso é uma coisa entre vocês dois.

— Vou contar tudo a ela quando chegar o momento.

Impulsivamente, Kunta segurou a mão do rapaz entre as suas e murmurou:

Espero que você consiga.



Aconteceu uma semana depois que Kizzy completou 16 anos. Era o início da manhã da primeira segunda-feira de outubro e os escravos estavam começando a se reunir para saírem para os campos quando alguém perguntou, curioso:

— Onde é que está Noah?

Kunta, que por acaso estava parado ali perto, conversando com Cato, teve imediatamente a certeza de que o rapaz tinha fugido. Viu as cabeças olhando ao redor, Kizzy inclusive, procurando manter uma expressão de surpresa. Os olhos dos dois se encontraram... e Kizzy desviou o olhar.

— Pensei que ele tivesse saído mais cedo para se encontrar com você — disse Ada, a mãe de Noah, para Cato.

— Pois ele não apareceu. E eu ia brigar com ele por ter dormido até mais tarde — falou Cato.

Lato foi bater com o punho cerrado na cabana outrora ocupada pelo velho jardineiro, herdada recentemente por Noah, quando completara 18 anos. Como não houvesse resposta, Cato abriu a porta com um safanão e entrou, gritando furiosamente:

— Noah! — Tornou a sair um instante depois, com uma expressão preocupada. E disse baixinho: — Ele não está na cabana.

Cato ordenou que todos fossem procurar nas outras cabanas, no quartinho, nas despensas, nos campos. Todos saíram correndo. Kunta ofereceu-se para ir verificar no estábulo.

— Noah! Noah! — gritou ele, bem alto, em benefício de quem estivesse ouvindo.

Mas sabia que não adiantava. Os animais nas baias pararam de mastigar o feno e olharam-no de uma maneira estranha. Espiando da porta e verificando que não havia ninguém por perto, Kunta subiu rapidamente para o palheiro, onde se prostrou e fez um segundo apelo a Alá para que a fuga de Noah fosse bem-sucedida.

Pouco depois, Cato despachou todo mundo para os campos, a fim de iniciarem o trabalho, dizendo que ele e o violinista iriam também dali a pouco. O violinista se oferecera para trabalhar nos campos também, numa atitude sensata, desde que os rendimentos que produzia com o violino tinham começado a diminuir.

— Acho que ele fugiu — murmurou o violinista para Kunta, ao se encontrarem no quintal nos fundos da casa grande.

Kunta limitou-se a grunhir, enquanto Bell comentava:

— Ele nunca desapareceu assim e nunca foi de sair da cabana durante a noite.

Cato disse então o que estava preocupando a todos:

— Vou ter que contar ao massa. O Deus, tenha misericórdia! Depois de uma conferência apressada, Bell recomendou que nada se dissesse a Massa Waller até ele terminar de comer, “porque o rapaz pode estar aqui por perto, com medo de continuar a fuga e querendo voltar, mas achando que vai ter de esperar até ficar escuro novamente

para não ser apanhado pelos patrulheiros”.

Bell serviu o breakfast de que o massa mais gostava, pêssegos e conserva com creme, presunto defumado, ovos mexidos, canjica, biscoitos de nata. Ficou esperando que ele pedisse a segunda xícara de café antes de falar.

— Massa... Massa, Cato pediu para dizer que aquele rapaz Noah não estava aqui esta manhã!

O massa pousou a xícara na mesa, franzindo o rosto.

— E onde é que ele está? Está querendo dizer-me que ele se embriagou ou saiu por aí para se divertir um pouco e vai voltar ainda hoje? Ou será que ele está tentando fugir?

— Tudo o que a gente sabe, Massa — disse Bell, a voz trêmula — é que parece que ele não está por aqui. E a gente já procurou em toda parte.

Massa Waller ficou olhando para a xícara de café, pensativo.

— Vou esperar por ele até esta noite... não, até amanhã de manhã, antes de tomar as providências cabíveis.

— Massa, ele é um bom menino, nasceu e foi criado aqui. Trabalhou a vida inteira, nunca deu o menor trabalho...

Massa Waller fitou Bell nos olhos.

— Se ele está tentando fugir, garanto que vai arrepende-se.

— Sim, Massa.

Bell saiu para o quintal assim que pôde e contou aos outros o que o massa dissera.

Mas logo depois que Cato e o violinista partiram apressadamente para os campos, Massa Waller tornou a chamar Bell e disse que ia precisar da charrete.

Durante o dia inteiro, levando o massa de um paciente para outro, Kunta variou entre a exultação, ao pensar em Noah fugindo, e a angústia, ao recordar-se dos espinheiros e cachorros. E imaginava também como Kizzy devia estar-se sentindo, dilacerada entre a esperança e o sofrimento.

Na reunião daquela noite, os escravos falaram aos sussurros. Tia Sukey comentou:

— Aquele garoto fugiu mesmo. Eu tinha visto nos olhos dele que ia acabar fazendo uma coisa dessas.

— Eu também já sabia que ele não era um garoto de se contentar de se embriagar de vez em quando — acrescentou Mandy.

A mãe de Noah, Ada, estava rouca por ter chorado o dia inteiro.

— Meu filho não me falou nada que estava pensando fugir. Vocês acham que o massa vai vender ele?

Ninguém quis responder.

Ao voltarem para a cabana, Kizzy desatou a chorar no instante mesmo em que entrou. Kunta sentia-se desolado e impotente, sem nada a dizer. Bell aproximou-se da filha, em silêncio, abraçou-a e puxou-a para seu colo.

Na manhã de terça-feira ainda não havia o menor sinal de Noah. Massa Waller ordenou a Kunta que o levasse à sede do condado, indo diretamente para a cadeia de Spotsylvania. Saiu meia hora depois com o Xerife e ordenou rispidamente a Kunta que amarrasse o cavalo do Xerife atrás da charrete e os levasse à plantação.

— Vamos deixar o Xerife na Creek Road — disse o massa.

O Xerife pôs-se a falar no momento em que a charrete partiu:

— Há tantos negros fugindo atualmente que mal dá tempo para seguir todos eles. Os negros estão preferindo se arriscar no mato a serem vendidos para o Sul.

— Desde que tenho a minha plantação, jamais vendi um dos meus negros, a menos

que quebrem minhas regras — comentou o massa. — E eles sabem disso.

— Sabe perfeitamente que é muito raro os negros apreciarem um bom amo, Doutor. Disse que o garoto tem seus 18 anos? Se ele é como a maioria dos negros da sua idade que trabalham nos campos, então tudo indica que vai tentar chegar ao Norte.

Kunta ficou subitamente tenso. O Xerife continuou:

— Seria diferente se ele fosse um negro doméstico. Esses são geralmente mais espertos, falam com desembaraço, tentam passar como negros libertos ou dizem aos patrulheiros que estão a serviço de seus amos e perderam o passe. E tentam chegar a Richmond ou alguma outra cidade grande, onde podem esconder-se entre tantos negros, talvez encontrar um trabalho. — O

Xerife fez uma pausa. — Além da mãe dele, que vive em sua plantação, sabe se ele tem algum outro parente que possa ir procurar?

— Ao que eu saiba, não tem nenhum.

— Certamente saberia se ele tivesse alguma garota em outro lugar, porque esses negros jovens são assanhados e não param quietos quando isso acontece.

— Ao que eu saiba, ele não tem garota nenhuma em outra plantação. Mas na minha plantação tem uma garota ainda jovem, de 15 ou 16 anos, filha da cozinheira. Não sei se eles já andaram se roçando ou não.

Kunta quase parou de respirar. O Xerife soltou uma risada.

— Conheço uma porção de casos de negrinhas que pariram aos 12 anos. E muitas dessas negrinhas atraem até os homens brancos. Os negros jovens são capazes de fazer qualquer coisa por elas!

Kunta estava fervendo de raiva ao ouvir a resposta fria do massa:

— Procuo ter o menor contato possível com meus escravos e não me meto nem me interesso por seus problemas pessoais!

— Claro, claro! — o Xerife apressou-se em dizer.

Depois de um momento de silêncio, o Xerife voltou a falar, agora um pouco mais cauteloso:

— Disse que o garoto nasceu em sua plantação e quase nunca saiu dela?

— Acho que ele não saberia como chegar a Richmond, e muito menos ao Norte — disse o massa.

— Os negros costumam trocar muitas informações Doutor.

Já pegamos alguns que acabaram confessando que tinham verdadeiros mapas na cabeça dos lugares para onde deveriam ir e se esconder.

Quando a gente vai investigar, descobre que são esses brancos que gostam dos negros, como os quacres e os metodistas, os principais culpados por isso. Mas como ele quase nunca saiu antes da plantação, jamais tinha tentado fugir e não lhe dera qualquer problema até agora, acho que podemos esperar que ele acabará saindo do mato depois de mais duas noites, apavorado e meio morrendo de fome. Os negros não se agüentam quando a barriga está roncando de fome. E isso lhe irá evitar a despesa de um anúncio na Gazette ou contratar esses caçadores de escravos com seus cachorros. Não me parece provável que o rapaz seja um desses negros proscritos, que se escondem nos pântanos e saem de lá de vez em quando, para matar um porco ou um boi e levar a carne para seus esconderijos.

— Espero que esteja certo, Xerife. Mas, de qualquer maneira, ele infringiu minhas regras ao deixar a plantação sem permissão. Mesmo que volte espontaneamente, irei imediatamente vendê-lo para o Sul.

Kunta cerrou os punhos que seguravam as rédeas, apertando com tanta força que as

unhas chegaram a se cravar nas palmas.

— Se é isso o que pensa fazer, Doutor, então tem pelo menos uns 1500 dólares à solta por aí. Já me deu a descrição do negro. Vou passá-la para os patrulheiros.

E se o apanharmos ou soubermos de alguma coisa, irei informá-lo imediatamente.

Na manhã de sábado, depois do café, Kunta estava escovando um cavalo, diante do estábulo, quando julgou ter ouvido o pio do noitibó, o sinal de aviso de Cato. Ficou prestando atenção e ouviu novamente. Rapidamente, amarrou o cavalo num poste próximo e seguiu para a cabana. Da janela da frente, podia avistar todo o caminho até a casa grande, a partir da estrada principal. Ao entrar na cabana, percebeu imediatamente que o aviso de Cato alertara também a Bell e a Kizzy.

Viu uma carroça se aproximar pelo caminho.

Alarmado, reconheceu o Xerife nas rédeas. Ó, Alá misericordioso! Será que Noah tinha sido apanhado?

Observando o Xerife saltar, Kunta sentiu instintivamente que devia cumprir sua obrigação, de ir dar água e escovar o cavalo estafado do visitante. Mas não conseguiu mexer-se, olhando da janela, enquanto o Xerife subia os degraus da casa grande, de dois em dois. Era como se estivesse paralisado.

Passaram-se apenas alguns minutos e Kunta viu Bell sair correndo pela porta dos fundos da casa grande. Kunta foi invadido por uma premonição terrível um instante antes de Bell abrir a porta da cabana com um empurrão, quase arrancado-a das charneiras.

O rosto de Bell estava contorcido, as lágrimas escorrendo. E ela gritou, estridentemente:

— O Xerife e o massa estão falando com Kizzy!

Kunta ficou inteiramente atordoado. Por um momento continuou imóvel, olhando para Bell com uma expressão de incredulidade. Mas logo agarrou-a e sacudiu-a vigorosamente, indagando:

— O que ele quer?

Alteando a voz, engasgando, balbuciando, Bell conseguiu dizer que o Xerife mal entrara na casa quando o massa gritara por Kizzy, que estava arrumando o quarto lá em cima.

— Quando ouvi o massa gritar daquele jeito, passei da cozinha para o corredor, onde sempre escuto tudo o que eles falam. Mas não consegui entender nada e pude sentir apenas que o massa estava furioso... — Bell engasgou e engoliu em seco, antes de continuar:

— O massa tocou então o sino para me chamar e voltei para fingir que estava saindo da cozinha. Estava-me esperando na porta do gabinete, segurando na maçaneta, com a porta fechada atrás dele. Ele me disse com a voz fria como gelo para sair de casa e não voltar enquanto não me chamasse!

Bell foi até a janela e ficou olhando para a casa grande, ainda sem acreditar que acontecera realmente tudo o que acabara de contar.

— Oh, Deus do Céu, o que o Xerife pode querer com a minha menina? — falou ela.

A mente de Kunta procurava desesperadamente algo para fazer. Deveria correr para os campos, a fim de alertar os outros? Mas o instinto dizia-lhe que qualquer coisa poderia acontecer enquanto estivesse longe dali.

Quando Bell passou para o quarto, suplicando a Jesus com toda força de seus pulmões, Kunta teve que fazer um tremendo esforço para não gritar-lhe que podia ver agora o que há 40 chuvas vinha tentando dizer, que não deveria ser tão crédula e iludida com relação à bondade do massa... ou de qualquer outro toubob.

— Vou voltar até lá! — gritou Bell, subitamente.

Ela tornou a sair do quarto e passou correndo pela porta.

Kunta ficou observando-a entrar na cozinha. O que ela iria fazer? Ele correu também até a cozinha e deu uma espiada pela porta de tela. A cozinha estava vazia e a porta do outro lado estava acabando de fechar. Kunta entrou, fechando a porta de tela sem fazer barulho. Foi até a outra porta, na ponta dos pés. Ficou parado ali, uma das mãos a segurar a maçaneta, a outra cerrada, prestando toda atenção para ver se escutava alguma coisa.

Mas tudo o que podia ouvir era a sua respiração ofegante.

Mas não demorou a ouvir uma voz:

— Massa?

Era Bell, chamando suavemente. Não houve resposta.

— Massa? — chamou ela novamente, desta vez mais alto, mais asperamente.

Kunta ouviu a porta da sala de estar se abrir. — Onde está minha Kizzy, Massa?

— Ela está sob a minha guarda — disse o massa, friamente. — Não vou permitir que haja outra fuga nesta plantação.

— Não estou entendendo, Massa — disse Bell, tão baixo que Kunta mal conseguiu escutar. — A menina nunca se afastou para lugar nenhum, O massa ia dizer alguma coisa, mas parou antes de chegar a fazê-lo. Ficou calado por um momento, antes de voltar a falar:

— É possível que não saiba realmente o que ela fez. O garoto Noah foi capturado, mas não antes de esfaquear gravemente dois patrulheiros, que contestaram um passe falso que ele levava. Depois de subjugado, ele confessou que o passe não fora escrito por mim, mas sim por sua filha. E ela acaba de confessar também para o Xerife.

Houve um longo e angustiante momento de silêncio. Depois, Kunta ouviu um grito e passos correndo.

Abriu a porta. Bell passou por ele, empurrando-o com a força de um homem, atravessou a cozinha e saiu pela porta dos fundos. O corredor estava vazio, a porta da sala novamente fechada.

Kunta saiu correndo atrás de Bell, alcançando-a na porta da cozinha.

— O Massa vai vender Kizzy!

— gritou Bell. — Eu sei que vai!

Kunta sentiu algo explodir dentro de si.

— Vou buscar minha Kizzy!

Ele seguiu para a porta dos fundos da casa grande, entrou na cozinha, com Bell em seus calcanhares. Dominado pela fúria, passou para o corredor proibido.

O massa e o Xerife viraram-se, incrédulos, quando a porta da sala foi bruscamente aberta. Kunta parou abruptamente, com um brilho assassino nos olhos. Bell gritou, logo atrás dele:

— Onde está nossa menina? A gente veio buscar ela!

Kunta viu a mão direita do Xerife descer para a arma no coldre, enquanto o massa gritava:

— Saiam daqui!

— E então, negros, não ouviram?

O Xerife estava tirando a pistola do coldre. Kunta ficou tenso, pronto para saltar em cima dele. Foi nesse momento que ouviu a voz trémula de Bell a balbuciar:

— Sim, senhor...

E sentiu que ela puxava-lhe o braço, desesperadamente.

Seus pés começaram a recuar, deixaram a sala. A porta foi fechada bruscamente, soou

o clique da chave sendo girada.

Parado com a esposa no corredor, sufocado pela própria vergonha, Kunta ficou ouvindo a conversa tensa e abafada entre o massa e o Xerife... e depois o barulho de passos, um corpo a se debater... e o choro de Kizzy, a porta da frente abrindo e fechando de novo, estrepitosamente.

— Kizzy! Oh, minha Kizzy!

Deus, Deus, não deixa eles vender a minha Kizzy!

Bell saiu correndo pela porta dos fundos, seguida por Kunta. Os gritos lancinantes dela foram ouvidos pelos escravos que trabalhavam nos campos e vieram correndo para ver o que estava acontecendo. Cato chegou a tempo de ver Bell gritando desesperadamente, pulando sem parar, enquanto Kunta a abraçava, procurando mantê-la onde estavam. Massa Waller descia os degraus da frente, com o Xerife um pouco mais atrás, puxando Kizzy por uma corrente.

Kizzy chorava e se debatia freneticamente, ao mesmo tempo em que gritava:

— Mamãe! Mammãe!

Nesse momento, Bell e Kunta saíram correndo, contornando a casa, como dois leões enfurecidos.

O Xerife sacou a pistola e apontou para Bell, que estacou abruptamente. Ela olhou para Kizzy e conseguiu balbuciar uma pergunta:

— Você fez essa coisa que eles disseram?

Todos viram a agonia de Kizzy, os olhos vermelhos e suplicantes fixando-se em Bell e Kunta, depois no massa e no Xerife. Mas ela não respondeu.

— Ó, meu Deus do Céu! — gritou Bell, estridentemente.

— Massa, por favor, tenha misericórdia! Ela não fez por querer! Não sabia o que estava fazendo! Foi Missy Anne quem ensinou ela a escrever!

A voz de Massa Waller era fria:

— A lei é a lei. Ela quebrou minhas regras. Cometeu um crime. Pode ter contribuído para um assassinato. Soube que um dos homens brancos feridos pode morrer.

— Mas não foi ela quem meteu a faca no homem, Massa! Pelo amor de Deus, Massa! Ela tem trabalhado na casa grande desde que tinha tamanho bastante para carregar seu urinol, Massa! E há 40 anos que estou cozinhando e servindo o senhor, Massa. E ele... e ele...

— Bell começou a gaguejar, gesticulando na direção de Kunta. — e ele tem levado o massa para tudo que é lugar há quase tanto tempo! Será que nada disso conta, Massa? >

Massa Waller não olhou diretamente para ela.

— Vocês estavam simplesmente cumprindo suas obrigações. Ela vai ser vendida... e está acabado!

— Só os brancos ordinários é que separam as famílias! — gritou Bell. — Eu sei que não é desse tipo, Massa!

Furioso, Massa Waller fez um gesto para o Xerife, que começou a arrastar Kizzy na direção da carroça. Bell bloqueou o caminho.

— Então venda eu e o pai dela junto Massa/ Não separe a gente!

— Saia da frente! — gritou o Xerife, empurrando-a rudemente. Urrando, Kunta pulou para a frente como um leopardo, derrubando o Xerife no chão a socos.

— Me salva, Fa! — gritou Kizzy.

Kunta agarrou a filha pela cintura e começou a puxar a corrente, desesperadamente.

Quando a coronha da pistola do Xerife acertou em sua cabeça, logo acima da orelha, Kunta teve a impressão de que tudo explodia por dentro.

Caiu de joelhos. Bell investiu contra o Xerife, mas ele esticou o braço e derrubou-a.

Ele puxou Kizzy para a traseira da carroça e prendeu a corrente num cadeado.

Pulando agilmente para o assento da frente, o Xerife deu uma chicotada no cavalo.

A carroça estava começando a se afastar no momento em que Kunta conseguiu ficar de pé, cambaleando. Atordoado, a cabeça latejando terrivelmente, ele ignorou a pistola e saiu correndo atrás da carroça, que ia rapidamente aumentando a velocidade.

— Missy Anne!... Missy Annnnnnnnnne! — berrava Kizzy, freneticamente. — Missy Annnnnnnnnnnnnnnne!

Os gritos continuaram a soar, vezes sem conta.

Pareciam pairar no ar, na esteira da carroça, que rolava rapidamente na direção da estrada principal.

Quando Kunta começou a tropeçar, sem fôlego, ofegante, a carroça já estava a quase um quilômetro de distância. E quando ele finalmente parou, permaneceu no mesmo lugar por um longo tempo, até que a poeira assentasse e a estrada estivesse vazia, até onde a vista podia alcançar.



Fraca e aturdida, Kizzy ficou deitada na escuridão, sobre alguns sacos de aniagem, na cabana onde fora metida, quando a carroça puxada por mulas chegara a seu destino, pouco depois do escurecer.

Vagamente, imaginou que horas seriam. Parecia que a noite durava eternamente.

Começou a se remexer, inquieta, procurando concentrar-se em alguma coisa, qualquer coisa que não a aterrorizasse. Finalmente, pela centésima vez, pôs-se a pensar em como alcançar “o Norte”, onde os pretos podiam ter a liberdade, se conseguissem escapar, como muitas vezes lhe haviam contado. Se ela seguisse para o lado errado, poderia acabar no “Sul”, onde os massas e os capatazes eram piores do que Massa Waller, conforme sempre ouvira dizer. Mas para que lado ficava o “Norte”? Ela não sabia. Mas vou escapar de qualquer maneira, jurou a si mesma, amargurada.

Teve a sensação de um alfinete a se espetar em sua espinha quando ouviu o rangido da porta da cabana.

Enguendo-se de um pulo e recuando para a escuridão mais densa, viu um vulto entrar furtivamente, com a mão em concha protegendo a chama da vela. Reconheceu o rosto do homem branco que a comprara. Viu que a outra mão dele segurava o cabo de um chicote, pronto para ser usado. Mas foi a expressão lúbrica dos olhos vidrados do homem que a deixou paralisada.

— Prefiro não ter que machucar você — disse o homem.

Kizzy sentiu o bafo de álcool, quase sufocando-a.

Sabia o que o homem estava querendo. Era a mesma coisa que seu pai fazia com a mãe, no quarto do outro lado da cortina tosca, depois que pensavam que ela estava dormindo. Era a mesma coisa que Noah insistira várias vezes para que fizessem, quando saíam a passear. Ela estivera a pique de ceder, várias vezes, especialmente na noite anterior à fuga dele.

Mas Noah a assustara demasiado, ao exclamar, com a voz rouca de desejo:

— Quero você com um filho meu!

Kizzy pensou que o homem branco devia estar doido, para achar que ela iria permitir-lhe fazer tal coisa.

— Não tenho tempo para brincar com você agora!

A voz do homem branco estava engrolada. Os olhos de Kizzy estavam calculando como poderia passar pelo homem e fugir pela noite.

Mas ele pareceu perceber tal impulso. Moveu-se um pouco para o lado, sem tirar os olhos dela. Abaixou-se e inclinou a vela, derramando um pouco da cera derretida no assento da única cadeira, quebrada, que havia na cabana. A chama se endireitou. Recuando lentamente, Kizzy sentiu as costas encostarem na parede da cabana.

— Será que não tem juízo suficiente para saber que sou seu novo massa? — Observou-a por um momento, contraindo o rosto num sorriso medonho. — Você até que é uma negra

bonita. Se eu gostar de você, posso até dar sua liberdade...

O homem se adiantou rapidamente e agarrou Kizzy.

Ela conseguiu desvencilhar-se. Praguejando furiosamente, o homem desferiu-lhe uma chicotada.

— Vou arrancar a sua pele!

Investindo como uma mulher desvairada, Kizzy tentou arranhar-lhe o rosto.

Mas o homem forçou-a a deitar-se no chão da cabana.

Kizzy conseguiu levantar-se, foi derrubada de novo. O homem ficou de joelhos, uma das mãos a abafar os gritos dela.

— Por favor, Massa, por favor!

Com a outra mão, o homem enfiou alguns trapos na boca de Kizzy, até deixá-la quase sufocada. Enquanto ela agitava os braços em sua agonia e arqueava o corpo para derrubá-lo, o homem começou a bater com a cabeça dela no chão, repetidas vezes. Depois, passou a esbofeteá-la, cada vez mais excitado. Kizzy sentiu que seu vestido era suspenso, as roupas de baixo arrancadas. Debatendo-se freneticamente, o pano na boca a lhe abafar os gritos, sentiu as mãos do homem a lhe subirem pelas coxas, encontrando, apalpando suas partes íntimas, apertando, separando. Golpeando-a mais uma vez, com toda força, o homem abaixou o suspensório e mexeu na frente da calça. Kizzy teve a sensação de que ia explodir, quando o homem enfiou nela à força, provocando-lhe uma dor insuportável. E ele continuou a se mexer, até que Kizzy acabou perdendo os sentidos.

Ao amanhecer, Kizzy abriu os olhos, piscando. Foi dominada pela vergonha ao descobrir uma jovem preta inclinada sobre ela, lavando-lhe as partes íntimas com um pano e água morna cheia de espuma. Quando o olfato lhe disse que a mulher estava nas mesmas condições, Kizzy fechou os olhos, embaraçada.

Um instante depois, sentiu que a mulher estava limpando a si mesma. Kizzy entreabriu os olhos e viu que o rosto da mulher era tão inexpressivo como se ela estivesse simplesmente lavando roupa, como se fosse apenas mais uma das incontáveis tarefas que já tivera de realizar na vida. Pondo uma toalha limpa sobre as coxas de Kizzy, ela finalmente fitou-a e disse calmamente:

— Acho que você não deve estar sentindo muita vontade de conversar neste momento.

— A mulher reuniu rapidamente os trapos e o balde que trouxera. Após se erguer, ficou parada por um instante, em seguida tornou a inclinar-se e puxou um saco de aniagem, cobrindo a maior parte do corpo de Kizzy. — Daqui a pouco trago alguma coisa para você comer...

A mulher saiu. Kizzy continuou deitada, com a sensação de que estava suspensa em pleno ar.

Procurou negar para si mesma que aquela coisa horrível e inconcebível realmente acontecera, mas as dores lancinantes de suas partes íntimas não lhe permitiram. Sentia-se irremediavelmente maculada.

Era uma desgraça que jamais poderia ser apagada. Tentou mudar de posição, mas as dores pareceram aumentar.

Mantendo o corpo imóvel, esticou as mãos e apertou o saco em torno de seu corpo, como se desejasse assim pôr-se ao abrigo de uma nova atrocidade. Mas isso fez com que as dores aumentassem.

Kizzy recordou os últimos quatro dias e noites. Ainda podia ver os rostos aterrorizados dos pais, ainda podia ouvir os gritos desesperados deles, enquanto a levavam para longe.

Ainda podia sentir seus esforços desesperados para escapar do mercador branco a quem o Xerife do Condado de Spotsylvania a entregara.

Quase conseguira escapar, depois de suplicar que precisava satisfazer suas necessidades. Finalmente, haviam chegado a uma pequena cidade, onde o mercador, depois de uma negociação prolongada e difícil, acabara vendendo-a àquele novo massa, que esperara a noite cair para violá-la. Mamãe! Papai! Se, gritando, ao menos conseguisse fazer com que a ouvissem... Mas eles não sabiam onde ela estava. E quem sabe lá o que poderia ter-lhes acontecido? Kizzy sabia que Massa Waller jamais vendia nenhum de seus escravos, “a menos que quebrem as minhas regras”.

Ao tentarem impedir o massa de vendê-la, o pai e a mãe deviam ter infringido pelo menos uma dúzia das regras.

E Noah? O que teria acontecido com Noah? Teria sido espancado até a morte em algum lugar? Kizzy recordou novamente a cena, Noah a exigir-lhe furiosamente que demonstrasse o amor que sentia por ele, escrevendo-lhe um passe forjado para que pudesse exibir aos patrulheiros ou a quaisquer outros brancos desconfiados, se fosse detido e interrogado.

Recordou nitidamente a determinação inabalável estampada no rosto de Noah, ao dizer-lhe que, assim que chegasse ao Norte, iria juntar rapidamente todo o dinheiro necessário.

— E depois vou voltar para aqui e vou levar você para o Norte e a gente vai passar o resto da vida juntos.

Kizzy recomeçou a chorar.

Sabia que nunca mais tornaria a ver Noah. Nem a seus pais. A menos...

Quando a porta da cabana tornou a se abrir, rangendo, Kizzy levantou-se de um pulo e já estava recuando para os fundos da cabana, antes de perceber que era outra vez a mulher. Ela trazia um pequeno caldeirão fumegante, com uma tigela e uma colher.

Kizzy tornou a estender-se no chão de terra, enquanto a mulher punha o caldeirão em cima da mesa, servia um pouco de comida na tigela e a punha ao lado de Kizzy. Mas Kizzy comportou-se como se não tivesse visto nem a comida nem a mulher, que se acocorou ao lado dela e começou a falar, calmamente, como se as duas se conhecessem há muitos anos.

— Sou a cozinheira da casa grande. Meu nome é Malizy. Qual é o seu?

Kizzy sentiu que não havia motivo para deixar de responder.

— É Kizzy, Miss Malizy.

A mulher deixou escapar um grunhido de aprovação.

— Você parece ser uma moça bem-criada. — Ela olhou para a comida ainda intacta na tigela e acrescentou: — Acho que sabe que não vai ficar boa se deixar esfriar.

Miss Malizy falava quase como a Tia Sukey. Hesitante, Kizzy pegou a colher e experimentou o guisado.

Começou a comer, lentamente.

— Quantos anos você tem? — indagou Miss Malizy.

— Tenho 16 anos.

— O massa ainda vai voltar para o inferno, onde nasceu! — exclamou Miss Malizy, baixinho. — Acho que tenho de dizer a você que o massa é um daqueles brancos que adora as negras, especialmente as garotas como você. Ele costumava meter-se comigo. Tenho apenas nove anos a mais do que você. Ele só parou depois que trouxe a missis para cá e me

fez a cozinheira, trabalhando lá na casa onde ela está. Graças a Deus! — Miss Malizy franziu o rosto, antes de acrescentar: — Acho que você vai ver o massa aparecer por aqui regularmente.

Kizy só pensou numa coisa naquele momento: fugir.

Antes da noite cair e do massa voltar, ela tinha que fugir de qualquer maneira.

Miss Malizy parece que leu os pensamentos dela, pois disse então:

— Nem comece a pensar em fugir, meu bem, O massa iria atrás de você com aqueles cachorros dele e sua situação ficaria ainda pior. Ele não vai aparecer por aqui nos próximos quatro ou cinco dias. Ele e seu negro velho que é o treinador dos galos já foram embora para uma briga de galos do outro lado do Estado. — Miss Malizy fez uma pausa. — O Massa não pensa em mais nada tanto quanto pensa nas brigas daqueles seus galos.

E ela continuou a falar sem parar, contando como o massa, que era um branco pobre, comprara uma rifa de 25 cents e ganhara um bom galo de briga, que fora o início de sua carreira para se tornar um dos mais bem-sucedidos donos de galos de briga da região.

Kizy finalmente interrompeu-a:

— Ele nunca dorme com a missis dele?

— Claro que dorme! Mas é que o massa simplesmente adora as mulheres. Não vai ver muito a missis, pois ela tem pavor dele e fica quietinha lá na casa. Ela é muito mais moça do que o massa. Tinha apenas 14 anos e era uma branca pobre como o massa, quando ele casou com ela e trouxe ela para cá.

Mas ela não demorou a descobrir que o massa se preocupa mais com aqueles galos dele do que com ela...

Enquanto Miss Malizy continuava a falar sobre o massa, a esposa e os galos, Kizy começou a pensar em fugir.

— Ei, menina, está prestando atenção ao que estou falando?

— Estou, sim — Kizy apressou-se em responder.

— Acho bom. De onde é que você veio, menina?

Kizy respondeu que viera do Condado de Spotsylvania, Virgínia.

— Nunca ouvi falar. Aqui é o Condado Caswell, Carolina do Norte.

A expressão de Kizy indicou que ela não tinha a menor ideia de onde estava. Já ouvira, no entanto, falar muitas vezes da Carolina do Norte e tinha a impressão de que ficava perto da Virgínia.

— Você sabe qual é o nome do massa? — indagou Miss Malizy. Kizy não disse nada.

— Ele é o Massa Tom Lea... — Miss Malizy pensou por um momento, antes de acrescentar: — Acho que isso faz com que você seja agora Kizy Lea.

— Meu nome é Kizy Waller!

— protestou Kizy.

Subitamente, Kizy recordou-se de tudo o que sofrera nas mãos de Massa Waller e começou a chorar.

— Não leve essa coisa tão a sério, meu bem — disse Miss Malizy. — Devia saber que os negros sempre levam o nome do seu massa. Os nomes dos negros não fazem a menor diferença, servem apenas para se ter como chamar eles...

— O nome verdadeiro de meu pai é Kunta Kinte. Ele é um africano.

— Não me diga! — Miss Malizy parecia estar realmente impressionada. — Ouvi dizer que o pai do meu avô era também um desses africanos. Minha mãe dizia que a mãe dela contava que ele era mais preto do que piche, com cicatrizes nas bochechas. Mas minha mãe nunca me disse o nome dele... — Miss Malizy fez uma pausa. — Você também conhece sua

mãe?

— Claro que conheço! Minha mãe se chama Bell. Ela também é uma cozinheira de casa grande, como você. E meu pai guia a charrete do massa... ou pelo menos guiava.

— Está querendo dizer-me que você vivia junto com seu pai e sua mãe? — Miss Malizy estava incrédula. — Deus do céu! Não são muitos os negros que chegam a conhecer o pai e a mãe antes de um deles ser vendido para longe!

Percebendo que Miss Malizy estava prestes a ir embora, Kizzy sentiu subitamente o medo de ficar sozinha e procurou um meio de prolongar a conversa.

— Você fala como minha mãe...

Miss Malizy pareceu ficar surpresa, a princípio, mas depois mostrou-se visivelmente satisfeita.

— É que ela deve ser uma boa cristã como eu.

Hesitante, Kizzy fez uma pergunta que lhe ocorrera de repente:

— Qual é o tipo de trabalho que vão me dar para fazer aqui, Miss Malizy?

Miss Malizy ficou atônita com a pergunta.

— O que você vai fazer aqui?

O Massa não disse a você quantos negros existem aqui?

Kizzy sacudiu a cabeça.

— Com você, meu bem, são exatamente cinco. E isso contando com Mingo, o negro velho que vive entre os galos.

Eu cozinho, lavo roupa e arrumo a casa, a Irmã Sarah e Tio Pompey trabalham nos campos. Acho que é o que você vai fazer também.

Miss Malizy tornou a franzir o rosto, olhando aturrida para o rosto de Kizzy.

— Qual o trabalho que você fazia no lugar onde vivia?

— Eu limpava a casa grande e ajudava minha mãe na cozinha — respondeu Kizzy, gaguejando.

— Eu já tinha imaginado que só podia ser uma coisa assim quando vi as suas mãos macias. Pode ir se preparando para conseguir alguns calos nas mãos, assim que o massa voltar! — Miss Malizy ficou com pena de Kizzy e achou que devia ser um pouco mais gentil. — Pobre menina! Acho que você estava acostumada a uma dessas casas de massa rico. Mas aqui é a plantação de um desses brancos pobres, que conseguiu juntar dinheiro para comprar um pedaço de terra e construir uma casa que só tem uma frente grande para parecer melhor do que é na verdade. Tem muito branco pobre desse jeito por aqui. Eles dizem que se deve cuidar de cem acres com quatro negros. Mas o nosso massa não tem dinheiro para comprar nem isso. É verdade que ele só tem oitenta e poucos acres e só planta o suficiente para dizer que é um massa. A grande coisa dele é mais de cem galos de briga, que o velho Mingo ajuda ele a criar e treinar para as lutas a dinheiro. Ele está sempre dizendo à missis que um dia esses galos vão fazer ele um homem rico. Quando ele fica bêbado, diz à missis que um dia desses vai construir para ela uma casa tão grande que vai ter seis colunas na frente e vai ter dois andares e vai ser muito maior do que as casas dos massas ricos que existem por aqui e que tratam eles tão mal, como se eles ainda fossem os brancos pobres que eram antigamente. O massa jura que está guardando dinheiro para fazer essa casa grande. Pelo que eu sei, talvez seja verdade. Sei também que o massa é muito sovina até para ter um menino para cuidar dos cavalos, muito menos para ter um negro para levar ele na charrete à todos os lugares, como quase todos os massas daqui fazem. É o massa quem atrela sua charrete e a carroça, é ele quem põe a sela no cavalo, é ele quem guia. A única razão para eu não trabalhar nos campos é porque a missis não sabe nem

cozinhar água e o massa adora comer. Além disso, ele gosta de mostrar que tem em casa uma negra para servir, quando tem convidados. E quando ele se embriaga em algum lugar, adora convidar gente para jantar, especialmente se ele está ganhando dinheiro, apostando naqueles seus galos nas brigas. Mas ele acabou compreendendo que Tio Pompey e Irmã Sarah não podiam plantar tanto quanto ele queria e que tinha de arrumar mais alguém. Foi por isso que ele comprou você...

— Miss Malizy fez uma breve pausa, antes de indagar: — Você sabe quanto você custou?

— Não...

— Acho que deve ter sido uns 600 ou 700 dólares, considerando os preços que ouvi dizer que estão pagando hoje em dia pelos negros. E como você ainda é moça e forte e parece ser uma boa parideira, isso vai fazer ele conseguir uma porção de negrinhos de graça.

Kizzy estava outra vez aturdida, sem conseguir dizer nada. Miss Malizy foi até a porta e parou.

— Eu não ficaria nada surpresa se o massa pusesse você para deitar com um desses negros garanhões que alguns massas ricos têm em suas plantações e alugam para os outros. Mas acho que ele vai preferir embarrigar você ele mesmo.



A conversa foi breve.

— Massa, vou ter um bebê.

— E daí? O que está esperando que eu faça? Acho bom é não começar a bancar a doente só para não trabalhar!

Mas ele passou a ir com menos frequência à cabana de Kizzy, à medida que a barriga dela foi aumentando.

Trabalhando sob o sol muito quente, Kizzy sentia-se constantemente tonta, sem falar no enjôo todas as manhãs. O aprendizado do trabalho nos campos era árduo e doloroso. Surgiram bolhas nas mãos dela, encheram-se de fluido, estouraram, outras bolhas apareceram do contato com o cabo da enxada. Procurando não ficar muito atrás de Tio Pompey, um preto baixo, experiente e vigoroso, e de Irmã Sarah, de pele mais clara e também vigorosa — os dois demonstrando claramente que ainda não haviam decidido o que pensar a respeito dela — Kizzy procurava recordar de tudo o que a mãe dissera a respeito de ter filhos. Apesar da humilhação de estar com a barriga grande de criança e o medo de enfrentar a mãe nesse estado, pois ela sempre a advertira contra a desgraça que poderia se abater se continuasse “a se meter com esse Noah”, Kizzy daria tudo para ter agora Bell a seu lado.

Sabia que a mãe iria compreender que não fora culpa dela e lhe diria tudo o que era preciso saber.

As mulheres mais velhas, Miss Malizy e Irmã Sarah, pareciam nem perceber o crescimento da barriga — e dos seios — de Kizzy. Por isso, furiosa, Kizzy decidiu que era pura perda de tempo confidenciar suas apreensões às duas, assim como não adiantaria coisa alguma recorrer a Massa Lea. Era evidente que Massa Lea não se preocupava absolutamente com o estado dela, ao percorrer a plantação a cavalo, gritando ameaças para o escravo que considerasse não estar trabalhando depressa o bastante.

Quando o bebê nasceu, no inverno de 1806, a Irmã Sarah foi a parteira. Depois do que lhe pareceu uma eternidade de gemidos e gritos, tendo a sensação de que estava sendo toda rasgada por dentro, Kizzy ficou olhando, espantada, banhada em suor, para o bebê a se contorcer que a sorridente Irmã Sarah segurava. Era um menino... mas a pele dele parecia quase parda.

Vendo a expressão alarmada de Kizzy, a Irmã Sarah tratou de tranquilizá-la:

— Os bebês novos sempre levam pelo menos um mês até a pele ficar escura, meu bem.

Mas a apreensão de Kizzy foi aumentando sempre que examinava o bebê, várias vezes por dia. Depois que se passou um mês inteiro, ela compreendeu que a cor permanente da criança seria, na melhor das hipóteses, um marrom de nogueira-pecã.

Ela recordou-se da mãe a se gabar orgulhosamente de vez em quando:

— Só tem negros pretos mesmo aqui na plantação do massa. Procurou não pensar na expressão sasso-borro, o nome que seu pai cor de ébano dava, com uma expressão

desdenhosa, aos escravos que tinham a pele mais clara. Kizzy sentiu-se grata pelo fato dos dois não estarem ali para verem, e partilharem, sua vergonha.

Sabia que nunca mais poderia manter a cabeça erguida, mesmo que os pais jamais vissem a criança. Os outros iriam ver e bastaria comparar a cor dela e a do bebê para que soubessem o que acontecera... e com quem.

Pensava em Noah e sentia-se envergonhada. E podia ouvir a voz dele a dizer:

— Essa é a última oportunidade que a gente tem antes de eu ir embora. Por que você não quer?

Kizzy desejava então, desesperadamente, ter cedido, pois o bebê teria sido de Noah... e pelo menos seria preto.

Certa manhã, notando como Kizzy se comportava de maneira estranha e dava a impressão de que nem queria olhar para o bebê Miss Malizy disse-lhe:

— Menina, não posso entender por que você não está feliz com um menino grande, forte e bonito assim!

— Num acesso de compreensão, ela não parou por aí: Não precisa se preocupar com essa coisa que está atormentando você. Não vai fazer diferença nenhuma, porque ninguém vai se importar nem mesmo prestar atenção. Vai chegar o dia em que vai haver tantos mulatos quanto negros pretos como a gente. É a maneira como as coisas são e não se pode fazer nada...

Esse ângulo do problema ajudou Kizzy a recuperar o ânimo pelo menos um pouco.

— Mas o que vai acontecer quando a missis olhar a criança Miss Malizy?

— Ela sabe que ele não presta! Eu gostaria de ter um cent para cada mulher branca que sabe que o marido tem filhos com negras. A missis pode é ficar com inveja, porque parece que ela não pode ter filho nenhum.

Na noite seguinte, cerca de um mês depois de o bebe ter nascido, Massa Lea entrou na cabana, inclinou-se sobre a cama e iluminou com a vela o rosto da criança adormecida.

— Hum, hum... Não é nada feio. E tem também um bom tamanho. — Com o indicador, ele sacudiu um dos punhos cerrados do bebê, antes de virar-se para Kizzy e dizer: — Só vai ter mais este fim de semana para ficar de boa-vida. Vai voltar ao trabalho na segunda-feira.

— Mas tenho que ficar aqui para amamentar o bebê, Massa! Ele teve uma explosão de raiva:

— Cale essa boca e faça o que estou mandando! Você não está mais sendo mimada por um desses esnobes da Virgínia! Leve esse negrinho para os campos com você ou então fico com ele e vendo você!

Apavorada com a ideia de ser separada do filho, Kizzy desatou a chorar.

— Sim, Massa!

Vendo a submissão dela, o massa abrandou rapidamente.

Kizzy percebeu nesse momento, incrédula, que ele estava tencionando usá-la novamente, mesmo com o bebê adormecido ao lado.

— Massa, Massa, ainda é muito cedo! — suplicou Kizzy, em lágrimas. — Ainda nem estou curada direito, Massa!

Mas como ele simplesmente a ignorasse, Kizzy debateu-se apenas o tempo suficiente para apagar a vela.

Submeteu-se à provação sem qualquer resistência, aterrada com a possibilidade de o bebê acordar. Ficou aliviada ao perceber que o bebê continuou a dormir durante todo o tempo, mesmo depois de o massa ter ejaculado a grunhir ruidosamente. Ele levantou-se,

ajeitando-se para ir embora. Ao erguer os suspensórios até os ombros, ele disse:

— Bem, acho que vamos ter de chamar o negrinho de alguma coisa...

Kizzy ficou imóvel, prendendo a respiração. Um momento depois, o massa voltou a falar:

— Chame ele de George... era o nome do negro que mais trabalhava que já conheci. — Depois de outra pausa, o massa continuou, como se falasse para si mesmo: — É isso mesmo, George...

Amanhã vou escrever na minha Bíblia. George... é um bom nome!

E ele saiu. Kizzy limpou-se e depois ficou deitada, sem saber qual o ultraje maior.

Pensara antes em “Kunta” ou “Kinte” como os nomes ideais, mesmo receando a reação do massa a esses nomes estranhos. Mas agora não podia arriscar-se a provocar a ira dele, levantando alguma objeção ao nome que escolhera.

Pensou, novamente horrorizada, no que o pai africano pensaria a respeito, conhecendo a importância que ele atribuía aos nomes.

Kizzy recordou-se de que o pai lhe dissera que, na África, a escolha do nome para os filhos era da maior importância, porque os filhos se tornam os homens da família.

Pensou também que jamais compreendera por que o pai sempre se mostrara amargurado e revoltado contra o mundo dos brancos, os toubobs, como ele os chamava. E recordou algo que Bell lhe dissera certa ocasião:

— Você tem tanta sorte que isso até me assusta, menina.

Não sabe realmente o que é ser uma negra. E espero que o bom Deus não deixe que você jamais venha a descobrir.

Mas Kizzy já descobrira... e tinha a impressão de que não havia limites para os sofrimentos que os brancos eram capazes de infligir aos pretos. O pior, no entanto, como dissera Kunta, era mantê-los na ignorância de quem eram, impedi-los de serem plenamente humanos.

— Eu me senti atraída por seu pai desde o início porque ele era o preto mais orgulhoso que já conheci! — dissera-lhe a mãe certa vez.

Antes de adormecer, Kizzy decidiu que, por mais vil que fosse a origem de seu filho, por mais clara que fosse a cor da pele dele, qualquer que fosse o nome que o massa lhe impusesse, haveria sempre de considerá-lo como o neto de um africano.



Tio Pompey jamais falara com Kizzy algo mais do que um lacônico cumprimento pela manhã. Foi por isso que ela ficou ainda mais surpresa e profundamente comovida ao chegar aos campos com o bebê, na manhã do seu primeiro dia de volta ao trabalho. Tio Pompey aproximou-se dela timidamente, tocou na ponta do chapéu de palha manchado de suor e apontou para umas árvores à beira da plantação e disse:

— Achei que você podia deixar o bebê ali embaixo.

Sem entender direito, Kizzy olhou atentamente para o local indicado. Seus olhos logo ficaram marejados de lágrimas, ao se aproximar das árvores e descobrir um pequeno abrigo, com um teto de mato recentemente cortado e com uma camada de folhas verdes sobre a terra.

Kizzy estendeu o saco limpo sobre as folhas e ajeitou o bebê por cima. Ele chorou por um instante, mas logo se acalmou, com as carícias e palavras suaves de Kizzy, pondo-se a examinar os dedos. Indo juntar-se aos outros dois, que já estavam trabalhando na plantação de tabaco, Kizzy disse:

— Muito obrigada, Tio Pompey.

Ele se limitou a grunhir e a trabalhar mais depressa, para esconder o embarço. A intervalos, Kizzy ia correndo para ver como estava o filho.

De três em três horas, quando o bebê começava a chorar, ela o amamentava com um dos seios, cheios de leite.

— Seu bebê está encantando a gente porque não tem mais nada por aqui para a gente prestar atenção — disse a Irmã Sarah alguns dias depois, dirigindo-se a Kizzy, mas lançando um olhar furtivo para Tio Pompey, que dava a impressão de estar à procura de algum mosquito persistente.

A esta altura, quando o dia de trabalho terminava com o pôr-do-sol, Irmã Sarah insistia em carregar o bebê, enquanto Kizzy levava as duas enxadas. A senzala consistia apenas de quatro cabanas pequenas, com uma única janela pequena, perto de um castanheiro.

Geralmente já estava escuro quando Kizzy acendia alguns gravetos na lareira, para cozinhar um pouco das rações que Massa Lea fornecia todas as manhãs de sábado.

Comendo rapidamente, ela se deitava em seguida no colchão de palha de milho, brincando com George. Só ó amamentava quando ele começava a gritar de fome.

Procurava fazer com que ele mamasse ao máximo, antes de suspendê-lo no ombro e bater-lhe nas costas até que arrotasse. Depois, tornava a brincar com ele, mantendo-o acordado até o -< mais tarde possível. Assim, o bebê teria um sono profundo antes de despertar para a próxima mamada. Era durante esse intervalo, duas a três vezes por semana, que o massa aparecia para se servir dela.

O massa estava sempre cheirando a álcool, mas Kizzy decidira, pelo bem do bebê assim como o seu também, não mais opor qualquer resistência. Com repugnância e ódio, ela ficava imóvel, com as pernas abertas, enquanto o massa se satisfazia, grunhindo sem parar.

Quando ele terminava e se levantava, Kizzy continuava com os olhos fechados, ouvindo o retinido da moeda de 10 cents e às vezes de 25 cents que o massa sempre deixava cair em cima da mesa, antes de ir embora. Kizzy se perguntava se a missis estaria também acordada na casa grande, que ficava próxima. O que deveria pensar, como deveria sentir-se, quando o massa ia deitar-se na cama a seu lado ainda cheirando a outra mulher?

Kizzy ainda amamentava o filho mais duas vezes, durante a noite, antes de mergulhar num sono profundo... pouco antes de Tio Pompey bater na porta da cabana para acordá-la. Kizzy comia rapidamente e amamentava o bebê novamente, antes de a Irmã Sarah aparecer para levá-lo a um dos campos. Havia um campo separado para o milho, outro para o tabaco e um terceiro para o algodão. Tio Pompey construía em cada um deles um pequeno abrigo para o bebê, à sombra das árvores na margem.

Com um ano de idade, George já estava andando sem qualquer ajuda. Aos 15 meses, era capaz de ir a qualquer parte sozinho, demonstrando uma intensa alegria por ser independente.

Raramente permitia que alguém o segurasse no colo, a não ser quando estava sonolento ou não se sentia bem. O que, diga-se de passagem, raramente acontecia, pois era um menino cheio de saúde e cresceria rapidamente, com a ajuda dos alimentos que Miss Malizy desviava diariamente da cozinha da casa grande.

Nas tardes de domingo, enquanto Kizzy e os outros três escravos conversavam, George ficava brincando sozinho, sob os olhares afetuosos deles, a fralda logo encharcada ficando da cor da terra. George ficava visivelmente feliz ao experimentar o gosto de um graveto, capturar um besouro ou perseguir uma libélula.

Gostava também de perseguir o gato da plantação e as galinhas, que dispersava constantemente, impelindo-as a procurar outro canto em que ciscar. Numa tarde de domingo, as três mulheres desataram a rir incontrolavelmente, ao verem Tio Pompey, normalmente sério, correndo esbaforido de um lado para outro, tentando empinar a pipa que fizera para o fascinado George.

— Não tem a menor ideia da coisa espantosa que está havendo neste momento, menina — comentou a Irmã Sarah para Kizzy. — Antes desse menino aparecer aqui, Tio Pompey ficava o tempo todo trancado em sua cabana e só saía de manhã.

— É a pura verdade! — acrescentou Miss Malizy. — Eu nunca imaginei que Tio Pompey fosse capaz de se divertir!

— O que eu sei é que fiquei muito feliz quando ele fez aqueles abrigos para George quando comecei a levar o menino para os campos — disse Kizzy.

— Pois fique sabendo que essa criança deixou todo mundo aqui feliz! — comentou Irmã Sarah.

Tio Pompey passou a prender mais ainda a atenção de George quando começou a contar-lhe histórias, logo depois que ele fez dois anos.

Quando o sol do domingo se punha e a noite começava a esfriar, Pompey acendia uma pequena fogueira, com galhos verdes para afastar os mosquitos. As três mulheres ajeitavam suas cadeiras em torno da fogueira. E George se ajeitava da melhor forma possível e ficava observando atentamente, fascinado, as expressões e os gestos de Pompey, a lhe contar a história do “Irmão Coelho” e do “Irmão Urso”. E tantas e tão variadas eram as histórias que ele contava que um dia a Irmã Sarah comentou:

— Nunca imaginei que você soubesse tantas histórias! Tio Pompey lançou-lhe um olhar enigmático e disse:

— Há uma porção de coisas a meu respeito que você não sabe. Irmã Sarah, sacudindo

a cabeça, simulou uma expressão de repulsa.

— E acho bom ninguém tentar descobrir!

Tio Pompey soprou solenemente uma baforada do cachimbo, os olhos contraídos numa risada silenciosa. Um dia, Kizzy comentou:

— Miss Malizy, tenho uma coisa a dizer. Irmã Sarah e Tio Pompey estão sempre dando a impressão de que deixam um ao outro irritado.

Mas eu acho que eles estão no fundo se namorando...

— Não sei de nada, menina. E acho que nenhum dos dois iria dizer nada. Mas acho que os dois podem estar apenas se divertindo um pouco para passar o tempo e mais nada.

Quando a gente fica velha e não tem ninguém, a gente acaba se acostumando, já que parece que a gente não pode fazer nada a respeito.

Miss Malizy examinou Kizzy atentamente, antes de acrescentar:

— A gente está velha e já se acostumou. Mas você é jovem e isso é diferente. Eu bem que gostaria que o massa comprasse alguém para fazer companhia a você.

— Não vou fingir que eu não penso nisso, Miss Malizy, pois a verdade é que eu também gostaria. — Kizzy fez uma pausa, pensativa, e depois disse o que as duas já sabiam, sem a menor sombra de dúvida: — Mas o massa nunca vai fazer isso.

Kizzy sentia-se profundamente grata por nenhum deles jamais ter mencionado ou sequer insinuado o que todos sabiam estar acontecendo entre ela e o massa; pelo menos nunca haviam feito qualquer comentário na presença dela.

— Já que estamos falando dessas coisas íntimas, Miss Malizy, conheci um homem no lugar de onde vim e ainda penso muito nele. A gente ia casar, mas aí ficou tudo na maior confusão. E foi por isso que vim parar aqui.

Sentindo um interesse genuíno de Miss Malizy, Kizzy procurou mostrar-se um pouco mais animada e contou a história de seu namoro com Noah.

— Ainda continuo a dizer a mim mesma que ele não parou de me procurar e um dia desses a gente vai tornar a se encontrar, em algum lugar.

— Kizzy fez uma pausa. Sua expressão era a de alguém que estava rezando. — Se isso acontecer, Miss Malizy, acho que nenhum dos dois vai dizer nada. A gente vai simplesmente pegar a mão um do outro, vir até aqui, dizer adeus a todos e ir embora, levando George. Não vou nem perguntar nem me preocupar para onde a gente vai. Nunca vou me esquecer da última coisa que Noah me disse: “Vamos passar o resto dos nossos dias juntos!”

As duas começaram a chorar. Pouco depois, Kizzy retornou à sua cabana.

Numa manhã de domingo, algumas semanas mais tarde, quando George estava na casa grande “ajudando” Miss Malizy a preparar o almoço, a Irmã Sarah convidou Kizzy a ir à cabana dela, pela primeira vez. Kizzy ficou olhando para as paredes, espantada. Estavam cobertas de raízes secas e ervas, penduradas em pregos, o que parecia confirmar a alegação da Irmã Sarah de que era capaz de encontrar a cura na natureza para qualquer doença. Apontando para a única cadeira, Irmã Sarah disse:

— Sente, menina. — Kizzy sentou e a Irmã Sarah continuou: — Vou contar uma coisa para você que não é todo mundo que sabe. Minha mãe era da Louisiana e me ensinou a ler a sorte.

Ela estudou atentamente o rosto aturdido de Kizzy, antes de perguntar:

— Quer que eu leia sua sorte?

Kizzy recordou-se imediatamente de que Tio Pompey e Miss Malizy haviam-lhe dito que a Irmã Sarah tinha o dom de prever a sorte das pessoas.

— Acho que eu gostaria, Irmã Sarah.

Agachando-se, a Irmã Sarah puxou uma caixa grande de debaixo da cama. Tirou lá de dentro uma caixa menor e pegou dois punhados de objetos ressequidos, de aparência estranha. Virou-se lentamente para Kizzy.

Arrumou os misteriosos objetos no chão, formando um desenho simétrico.

Depois, tirou uma vareta fina de dentro do vestido e começou a remexer os objetos. Inclinou-se para a frente, até que a testa encostasse nos objetos.

Parecia estar fazendo a maior força para voltar à posição anterior quando disse, a voz estranhamente alta:

— Detesto dizer o que os búzios estão dizendo, mas você nunca mais vai ver seu pai nem sua mãe...

Kizzy desatou a chorar.

Ignorando-a inteiramente, a Irmã Sarah tornou a arrumar os objetos, remexeu-os novamente, por mais tempo que na vez anterior, até que Kizzy recuperou um pouco o controle e seus soluços diminuíram. Através dos olhos enevoados, ela viu a vareta na mão da Irmã Sarah tremer vigorosamente. E a Irmã Sarah pôs-se a balbuciar, de maneira quase inaudível:

— Parece que essa criança não anda com muita sorte... o único homem que ela vai amar na vida... ele tem um caminho muito duro na vida... e ama ela também... mas os búzios dizem que ela tem de saber a verdade... e que é melhor desistir de toda esperança...

Kizzy levantou-se abruptamente a gritar, deixando a Irmã Sarah bastante nervosa.

— Psiu! Psiu! Psiu! Não perturbe os búzios, menina!

Psiu! Psiu! Psiu!

Mas Kizzy continuou a gritar. Correu para sua própria cabana e bateu a porta. Nesse momento, a porta da cabana de Tio Pompey se abriu, e os rostos de Massa e Missis Lea, de Miss Malizy e George apareceram nas janelas da casa grande. Kizzy estava-se contorcendo e gemendo sobre o colchão de palha de milho, quando George entrou na cabana.

— Mamãe! Mamãe! O que aconteceu?

O rosto de Kizzy, contorcido e molhado de lágrimas, tremia histericamente quando ela gritou: — CALE A BOCA!



Ao completar três anos de idade, George começou a demonstrar uma determinação de “ajudar” os escravos adultos.

— Deus do céu, ele tentou carregar água para mim e mal conseguia levantar o balde!
— comentou certo dia Miss Malizy, rindo.

Em outra ocasião, ela disse:

— Ele não descansa enquanto não traz toda a lenha de que eu preciso e sempre tira todas as cinzas da lareira!

Por mais orgulhosa que Kizzy se sentisse, fazia questão de não repetir os elogios de Miss Malizy a George, pois achava que o menino já lhe estava causando problemas suficientes sem isso.

Uma noite, quando estavam a sós na cabana, George perguntou:

— Por que eu não sou tão preto quanto você, Mamãe?

Kizzy ficou confusa e balbuciou uma explicação:

— As pessoas nascem da cor que elas são e isso é tudo.

Mas não se passaram muitas noites antes que George voltasse a abordar o assunto:

— Mamãe, quem foi meu pai?

Por que eu nunca vi ele?

Onde é que ele está?

Kizzy simulou um tom ameaçador ao responder:

— Fique com a boca fechada!

Ela ficou angustiada ao ver a expressão magoada e confusa do filho, por muitas horas a seguir. Na manhã seguinte, ao entregá-lo a Miss Malizy, ela pediu desculpas:

— Eu estava muito nervosa ontem. Você faz perguntas demais. Mas Kizzy sabia que precisava dizer algo mais ao filho esperto e curioso, algo que ele pudesse compreender e aceitar.

Finalmente ela teve uma ideia:

— Ele era alto, tão preto quanto a noite, quase nunca sorria. Pertence a você tanto quanto a mim, só que você deve chamar ele de avô!

George ficou interessado, quis saber mais. E Kizzy contou que o avô dele viera num navio da África, “para um lugar que minha mãe dizia que eles chamam de Naplis, que fora comprado por um irmão do seu Massa Waller e levado para uma plantação no Condado de Spotsylvania. O avô tentara fugir. Sem saber como suavizar a parte seguinte da história, Kizzy procurou relatá-la da maneira mais sucinta possível:

— ... e como ele continuasse a fugir, eles cortaram a metade do pé dele.

George ficou espantado:

— Por que eles fizeram isso, Mamãe?

— Ele quase matou alguns caçadores de negros.

— E para que eles caçavam negros?

— Eles caçavam os negros que fugiam.

— E por que os negros fugiam?

— Fugiam dos massas brancos.

— O que os massas brancos faziam com eles para eles fugirem? Kizzy gritou estridentemente, de frustração:

— Cale essa boca! E suma da minha frente!

Mas George jamais ficava calado por muito tempo, assim como jamais era saciada a sua curiosidade pelo avô africano: “Onde é que fica esse lugar chamado África, Mamãe? Tem garotinhos como eu lá na África? Qual era mesmo o nome do meu avô?”

George parecia estar formando uma imagem própria do avô, muito mais vigorosa do que Kizzy jamais esperara. E na medida do possível, dentro dos limites de sua capacidade de suportar, Kizzy contribuía com as recordações de sua infância.

— Você ia gostar quando ele cantava aquelas canções africanas dele. Eu era pequena, do seu tamanho, quando a gente saía na charrete do massa e ele cantava para mim.

Kizzy se descobria a sorrir ao relembrar a felicidade que experimentara sentada na charrete ao lado do pai, a percorrerem as estradas poeirentas do Condado de Spotsylvania. Não esquecia também as muitas ocasiões em que os dois haviam passeado de mãos dadas até um córrego na plantação, o mesmo passeio que ela mais tarde fizera com Noah. E dizia para George:

— Seu avô gostava de dizer para mim os nomes das coisas na língua africana. Ele dizia que um violino era um ko e chamava um rio de Kamby Bolongo. E me dizia uma porção de palavras estranhas assim.

Kizzy tinha certeza de que o pai, onde quer que estivesse, ficaria satisfeito pelo fato de o neto conhecer palavras africanas.

— Ko! Você pode dizer isso, George?

— Ko!

— Muito bem. Você é esperto.

Kamby Bolongo!

George repetiu certo logo na primeira vez. Sentindo que Kizzy não tencionava continuar, ele suplicou:

— Diga mais alguma coisa, Mamãe!

Sentindo um amor imenso pelo filho, Kizzy sempre prometia que iria contar mais... no dia seguinte. E o obrigava a ir para cama, sob protestos.



George completou seis anos.

Era o momento de ele começar a trabalhar nos campos. Miss Malizy ficou desolada por perder a companhia do menino na cozinha, mas Kizzy e Irmã Sarah ficaram na maior alegria por finalmente recuperá-lo ao lado delas durante o dia inteiro. Desde o primeiro dia de trabalho nos campos, George mostrou-se deliciado, encarando a tudo como um novo reino para sua aventura de viver. Os olhos afetuosos dos adultos seguiam-no atentamente, enquanto ele corria para recolher as pedras que poderiam quebrar a ponta do arado de Tio Pompey. Volta e meia ele ia buscar um balde de água fresca para os adultos, na fonte que havia no outro lado dos campos. Ele até mesmo “ajudava” a semear o milho e o algodão, lançando algumas sementes mais ou menos no lugar onde deveriam ficar, ao longo dos sulcos.

Ao cair da noite, quando voltava para a cabana, Kizzy começava imediatamente a preparar o jantar, sabendo que George deveria estar faminto. Mas, uma noite, ele propôs que a rotina fosse alterada.

— Mamãe, você trabalhou muito durante o dia inteiro.

Por que não descansa um pouco antes de cozinhar?

George chegava mesmo a ensaiar algumas ordens para Kizzy, quando ela permitia.

Nessas ocasiões, Kizzy tinha a impressão de que o filho estava procurando preencher a ausência do homem cuja falta na vida de ambos ele visivelmente sentia. George era tão independente e auto-suficiente para um menino de sua idade que Irmã Sarah tinha de insistir e até mesmo quase suplicar para permitir-lhe usar as suas ervas medicinais, quando ele ficava resfriado ou se machucava. E

Kizzy completava a cura com o bálsamo do seu amor.

Algumas vezes, deitados lado a lado, antes de dormirem, Kizzy sorria deliciada com as fantasias do filho, sussurradas na escuridão.

— Eu vinha vindo pela estrada grande e de repente levantei a cabeça e lá estava um urso velho e grande... e o urso parecia mais alto que um cavalo... e aí eu gritei para ele: “Sr. Urso! Ei, Sr. Urso!”

Acho bom você se preparar para eu virar você pelo avesso, porque não vou deixar você machucar minha mãe!”

Às vezes, quando nada mais atraía a atenção de George dentro da cabana, ele deitava-se diante do fogo e chamuscava a ponta de um graveto, fazendo uma espécie de lápis, com o qual desenhava numa prancha lisa de pinho os contornos simples de pessoas e animais.

Toda vez que isso acontecia, Kizzy prendia a respiração, temendo que George fosse em seguida querer aprender a ler e escrever. Mas, aparentemente, a ideia jamais ocorreu ao irrequieto menino de seis anos. Kizzy tomava todo cuidado em não fazer qualquer referência a ler e escrever, pois achava que fora isso o que arruinara sua vida para sempre. Durante todos os anos em que estava na plantação Lea, Kizzy jamais tornara a pegar numa

pena ou num lápis, num livro ou num jornal, nunca sequer contara a ninguém que outrora sabia ler e escrever.

Quando pensava nisso, o que só acontecia de raro em raro, perguntava-se se ainda o saberia, se algum dia viesse a precisar, por algum motivo.

Punha-se então a soletrar mentalmente algumas palavras que julgava ainda recordar perfeitamente. Com total concentração, formava uma imagem mental de como ficariam tais palavras quando escritas, mesmo não sabendo como sua letra sairia, depois de tantos anos. As vezes, ela bem que se sentia tentada a experimentar, mas logo recordava da promessa que fizera a si mesma, de nunca mais voltar a escrever.

Muito mais do que de ler e escrever, Kizzy sentia falta de notícias sobre o que estava acontecendo no mundo além da plantação. Ela recordava de como o pai sempre contava tudo o que vira e ouvira, ao retornar das viagens que fazia com Massa Waller. Mas as notícias do mundo exterior eram uma verdadeira raridade naquela plantação modesta e isolada, onde o massa saía sozinho a cavalo e guiava pessoalmente a charrete. Os escravos só sabiam de notícias do mundo exterior quando Massa e Missis Lea recebiam convidados, o que não acontecia com frequência, os intervalos às vezes se prolongando por vários meses. Numa dessas ocasiões, numa tarde de domingo de 1812, Miss Malizy veio correndo da casa grande para contar:

— Eles estão comendo agora e eu vou ter que voltar imediatamente. Mas eles estão falando sobre uma nova guerra que começou com a tal Inglaterra! Parece que a Inglaterra está mandando uma porção de navios carregados de soldados para vir lutar aqui contra a gente!

— Não é contra mim que eles vão lutar! — disse Irmã Sarah.

— Essa luta é só dos brancos!

— E onde é que eles estão lutando essa guerra? — indagou Tio Pompey.

Miss Malizy disse que não sabia e ele acrescentou:

— Contanto que a luta fique lá pelo Norte e não chegue por aqui, não faz a menor diferença para mim!

Naquela noite, ao se recolherem à cabana para dormir, o atento George perguntou a Kizzy:

— O que é uma guerra, Mamãe?

Ela pensou por um momento, antes de responder:

— Acho que é uma porção de homens lutando contra outros.

— E por que eles lutam, Mamãe?

— Eles lutam porque sentem vontade.

— E por que os brancos e essa tal Inglaterra sentem vontade de lutar um contra o outro?

— Mas que coisa, menino! A gente nunca pode parar de explicar as coisas para você!

Meia hora mais tarde, Kizzy começou a sorrir, no escuro, ao ouvir George entoar uma das canções de Miss Malizy, baixinho, como se cantasse só para si:

“Vou vestir minha roupa branca! E vou para a beira do rio! E vou para a beira do rio!

E nunca mais quero saber da guerra!”

Depois de um longo período sem notícias, houve outro almoço na casa grande e Miss Malizy veio informar:

— Eles estão dizendo que a Inglaterra tomou uma cidade lá do Norte chamada Detroit!

Mais alguns meses se passaram antes que Miss Malizy trouxesse outra informação. O

massa, a missis e os convidados estavam falando de “um navio grande e novo dos Estados Unidos que eles chamam de Old Iroimides, dizendo que ele afundou uma porção de navios da Inglaterra com seus canhões quarenta e quatro.

— Puxa! — exclamou Tio Pompey. — Acho que isso dava para al lindar até a arca!

Num domingo de 1814, mais uma vez com convidados para o almoço, Miss Malizy despachou George, que estava “ajudando” na cozinha. para dar a seguinte informação aos demais escravos:

— Miss Malizy mandou dizer que o exército daquela Inglaterra matou cinco mil soldados dos Estados Unidos e incendiou o Capitólio e a Casa Branca!

— Mas que coisas são essas? — perguntou Kizzy.

— Ficam lá naquela Washington Decê — explicou Tio Pompey. — É um bocado longe daqui.

— Acho bom eles continuarem a matar e a queimar uns aos outros em vez de se virarem contra a gente! — comentou Irmã Sarah.

Ao final desse mesmo ano, quando havia novamente convidados, Miss Malizy aproveitou um momento de folga na cozinha para ir correndo contar as últimas notícias:

— Eles estão cantando uma música lá dentro sobre uns navios da Inglaterra que estavam atirando num forte grande perto de Baltimore!

E Miss Malizy meio cantou meio falou a canção que ouvira. Ao final daquela tarde, os escravos ouviram um barulho estranho e abriram apressadamente as portas de suas cabanas. E ficaram atônitos. Era George quem fazia o barulho, com uma pena comprida de peru metida nos cabelos, a marchar, batendo com um pedaço de pau numa cabaça e cantando sua versão particular da que ouvira de Missis Malizy.

“Oh, a gente pode ver à luz da madrugada... ao clarão vermelho dos foguetes... aquela bandeira.estrelada tremulando... Oh, a terra dos homens livres, oh, a terra dos bravos...”

Mais um ano e o talento de George para as imitações se tornara o divertimento predileto da senzala. Os escravos constantemente pediam que apresentasse sua imitação de Massa Lea.

Certificando-se primeiro de que o massa não estava por perto, George semicerrava os olhos, armava uma carranca e depois se punha a falar, com a voz arrastada e furiosa:

— Escutem bem, seus negros!

Se vocês não pegarem todo esse algodão antes do pôr-do-sol, não vão ter mais nenhuma ração para comer!

Em meio às gargalhadas, os adultos comentavam:

— Alguém já viu algo parecido com esse garoto?

— Ele é incrível!

— Ele é demais!

George precisava ver uma pessoa apenas de passagem para poder imitá-la perfeitamente, da maneira mais cômica possível. Uma delas foi um convidado da casa grande, um pregador branco, que o massa levava depois do almoço para fazer uma pregação aos escravos, à sombra do castanheiro.

Bastou a George ver uma única vez o misterioso velho Mingo, que treinava os galos de briga do massa, para que passasse a imitar com perfeição o andar desengonçado dele. E o menino não ficava por aí.

Pegava duas galinhas a protestarem desesperadamente e segurava-as firmemente pelas pernas, deslocando-se para a frente e para trás, como se estivessem se ameaçando,

enquanto improvisava um diálogo entre elas:

— Sua galinha velha com cara de urubu! Vou arrancar seus olhos fora!

Ao que a segunda galinha respondia, desdenhosamente:

— Você não passa de um monte de penas metida a besta!

Numa manhã de sábado, quando Massa Lea distribuía as rações semanais para os escravos, com Kizzy, Irmã Sarah, Miss Malizy e Tio Pompey parados submissamente diante das respectivas cabanas, George subitamente apareceu, correndo atrás de um rato.

Ele parou imediatamente, mas quase esbarrou no massa.

Um pouco divertido, Massa Lea simulou um tom ríspido ao perguntar:

— O que você faz para merecer a comida que come aqui, garoto?

Os quatro escravos adultos quase desmaiaram quando George, então com nove anos, empinou os ombros confiantemente, fitou o massa nos olhos e declarou:

— Trabalho nos seus campos e também faço sermões, Massa! Atônito, Massa Lea disse:

— Pois então vamos ouvir um dos seus sermões!

Com cinco pares de olhos fixados nele, George deu um passo para trás e anunciou:

— Esse foi o pregador branco que trouxe aqui, Massa... — E subitamente ele estava sacudindo os braços e berrando: — E se vocês virem Tio Pompey comendo um pedaço do porco do massa, contem ao massa! Se vocês virem Miss Malizy tirando farinha de trigo da missis, contem à missis! Porque se vocês forem uns negros bons e fizerem tudo o que o seu bom massa e a sua boa missis mandarem, então quando vocês morrerem vão poder entrar na cozinha do paraíso!

Massa Lea já estava às gargalhadas antes mesmo de George acabar. Aproveitando a oportunidade, George exibiu os seus dentes muito brancos e pôs-se a entoar uma das canções prediletas de Miss Malizy:

“Sou eu, sou eu, sou eu, Ó

Senhor, que estou precisando de uma prece! Não é minha mãe, não é meu pai, sou eu, ó Senhor, que estou precisando de uma prece! Não é o pregador, não é o diácono, sou eu, Ó Senhor, que estou precisando de uma prece!”

Nenhum dos adultos jamais vira Massa Lea rir com tanto prazer. Visivelmente encantado, ele deu um tapinha nas costas de George.

— Menino, você pode pregar por aqui desse jeito toda vez que tiver vontade!

Deixando a cesta de rações para que os escravos se encarregassem de dividi-las, Massa Lea retornou à casa grande, ainda rindo, a olhar de vez em quando para George, que sorria de felicidade.

Naquele mesmo verão, algumas semanas depois, Massa Lea voltou de uma viagem trazendo duas plumas compridas de pavão. Mandou Miss Malizy chamar George nos campos e instruiu-o a agitar as plumas gentilmente, por trás dos convidados que teria para almoçar no domingo seguinte.

— Eles estão querendo fazer que nem os brancos ricos! — escarneceu Miss Malizy, depois de transmitir a Kizzy as instruções de Missis Lea para que George fosse para a casa grande impecavelmente lavado, com as roupas limpas, engomadas e passadas a ferro.

George estava tão excitado com seu novo papel e a atenção que lhe estava sendo dispensada, até mesmo pelo massa e a missis, que mal podia conter sua ansiedade.

Os convidados ainda estavam na casa grande quando Miss Malizy saiu da cozinha e correu até a senzala, não mais contendo sua impaciência em transmitir as notícias à audiência que a aguardava ansiosamente.

— Vou dizer uma coisa a vocês: mas aquele garoto é demais!

Ela pôs-se então a descrever a maneira como George ficara balançando as plumas de pavão, “torcendo os pulsos e se inclinando para a frente e para trás, mais emproado que o massa e a missis!” Diante dos olhares atônitos dos demais escravos, Miss Malizy chegou ao clímax do relato:

— E logo depois da sobremesa o massa estava servindo o vinho quando parece que teve uma ideia súbita. E ele disse: “Ei, menino, vamos ouvir um sermão!” E eu juro que acredito que aquele menino andou praticando! Porque ele mais do que depressa pediu um livro ao massa para ser sua Bíblia. O massa arrumou.

Cristo! E aquele menino subiu em cima do banquinho para os pés mais bonito da missis. E vou dizer uma coisa para vocês! Aquele menino iluminou a sala fazendo sua pregação! E sem que ninguém pedisse, ele começou a cantar! Foi quando saí correndo para vir contar!

Miss Malizy voltou correndo para a cozinha, deixando Kizzy, Irmã Sarah e Tio Pompey a sacudirem a cabeça e sorrirem orgulhosamente.

George fora um sucesso. A partir daí, toda vez que Missis Lea voltava de seus passeios de charrete dominicais com o massa, contava a Miss Malizy que os convidados do almoço anterior que haviam encontrado sempre perguntavam por George.

Não demorou muito para que até Missis Lea, geralmente retraída, começasse a manifestar sua afeição por George.

— E Deus sabe que ela nunca gostou de nenhum negro! — exclamou Miss Malizy.

Missis Lea foi aos poucos encarregando George de mais e mais tarefas dentro ou por perto da casa. Quando George completou 11 anos, Kizzy tinha a impressão de que ele só passava a metade do tempo trabalhando nos campos.

E porque tinha de abanar as plumas em todos os almoços e jantares com convidados, ouvindo assim as conversas dos brancos, George passou a recolher mais informações do mundo exterior do que Miss Malizy jamais fora capaz, tendo que correr constantemente entre a sala de jantar e a cozinha. Logo depois que os convidados se retiravam, George, orgulhoso, corria até à senzala para contar as notícias aos escravos que aguardavam ansiosamente. Um dia, ele deixou os escravos atônitos ao relatar o que um dos convidados contara:

— Ele disse que uns três mil negros livres se reuniram num lugar chamado Filadélfia. E o homem branco disse que os negros mandaram uma declaração ao Presidente Madison dizendo que tanto os negros livres como os escravos ajudaram a construir este país e até lutar suas guerras. E disseram também que os Estados Unidos não podem dizer que são o que são, se os negros não partilharem também de todas as suas bênçãos. — George fez uma pausa e acrescentou: — O massa disse que qualquer tolo pode ver que os negros livres deviam ser corridos para fora do país!

Depois de um outro almoço, George informou de que “os brancos estavam tão furiosos que ficaram até vermelhos de raiva”, ao conversarem sobre notícias recentes de grandes revoltas de negros nas índias Ocidentais.

— Vocês deviam ouvir o que eles contaram das histórias de marinheiros que voltaram de lá e disseram que os negros escravos estão queimando as plantações e as casas, até mesmo açoitando, retalhando e enforcando os brancos que eram seus massas]

Depois de almoços subsequentes, George informou de que um novo recorde de velocidade fora alcançado, de 15 quilômetros por hora, por uma carruagem puxada por seis cavalos, viajando entre Boston e Nova York; que “um barco a vapor de Massa Robert Fulton atravessou um tal Oceano Atlântico em doze dias! “Em outra ocasião, um convidado

descreveu um show-boat.

— O que eu pude entender é que eles chamam esses homens de menestréis e que são brancos que pintam o rosto de preto com cortiça queimada e cantam e dançam como negros!

Outra conversa de um almoço foi a respeito dos índios, e George transmitiu a informação:

— Um dos brancos disse que os cherokees estão ocupando uma coisa parecida com 80 milhões de acres que os brancos precisam. E ele disse que o governo já teria dado um jeito nesses índios há muito tempo, se não fosse porque uns brancos importantes estão atrapalhando, especialmente um Massa Davy Crockett e um Massa Daniel Webster.

Num domingo de 1818, George informou de que “uma coisa que os convidados chamaram de Sociedade Colonizadora Americana está tentando despachar uma porção de navios carregados de negros livres para o lugar chamado África”.

— Os negros estão indo para um lugar que tem o nome de Libéria. Os brancos riram muito porque estavam dizendo aos negros livres que na Libéria tem árvores de toucinho e que as fatias ficam penduradas que nem folhas e que tem também árvores de melaço e que basta cortar para se beber tudo o que se quiser. O massa disse que por ele podem mandar esses negros livres nos navios para longe daqui o mais depressa que for possível.

— Eu não ia nunca para essa África com todos os negros que têm lá trepados nas árvores com os macacos... — resmungou Irmã Sarah.

— Como é que essa ideia se meteu na sua cabeça? — disse Kizzy, rispidamente. — Meu pai veio da África e ele nunca viveu trepado nas árvores!

Aturrida, Irmã Sarah gaguejou:

— Ora, todo mundo cresce ouvindo isso!

— Não precisa ficar preocupada — disse Tio Pompey. — Nenhum navio vai levar você a lugar nenhum porque não é uma negra livre.

— Pois eu não iria mesmo que fosse!

Irmã Sarah sacudiu a cabeça, furiosa com Tio Pompey e com Kizzy, a quem não desejou boa noite quando terminou a pequena reunião e cada um se retirou para sua cabana. Kizzy, por sua vez, também estava fervendo de raiva de Irmã Sarah, pelas insinuações escarminhas a seu sábio e honrado pai e a sua amada terra africana.

Ela ficou surpresa e satisfeita ao descobrir que até George estava irritado com a tentativa de ridicularizar seu avô africano. Embora relutante em dizer alguma coisa, ele acabou não conseguindo mais se conter.

Kizzy percebeu que ele estava bastante preocupado em não parecer desrespeitoso, ao perguntar:

— Mamãe, o que Irmã Sarah disse não é verdade, não é?

— Claro que não!

George ficou em silêncio por algum tempo, antes de voltar a falar:

— Mamãe, não tem mais nada que possa me contar a respeito dele?

Kizzy sentiu-se dominada pelo remorso por ter ficado tão exasperada com as perguntas intermináveis de George a respeito do avô, no inverno anterior, que o proibira de indagar mais alguma coisa. E por isso ela disse gentilmente:

— Uma porção de vezes rebusquei minha mente para ver se tinha mais alguma coisa a respeito de seu avô que eu não contei a você, mas acho que não tem mais nada... — Fez uma pausa, hesitante, antes de acrescentar: — Sei que você não esquece nada... mas posso contar de novo qualquer parte que você quiser.

George ficou novamente calado por algum tempo.

— Mamãe, você uma vez me contou que tinha a impressão de que a coisa mais importante que o avô pensava era que tinha de contar a você todas as coisas da África...

— É isso mesmo. Uma porção de vezes pensei assim.

Depois de outro longo silêncio, George disse:

— Mamãe, eu estive pensando... A mesma coisa que você fez para mim, eu vou fazer para meus filhos, contando tudo a eles sobre meu avô.

Kizzy sorriu. Era típico de seu filho tão diferente discutir, aos 12 anos, os problemas dos filhos que teria no futuro.



— Ele age como um garoto bem-comportado e parece que é jeitoso, Massa — disse Tio Mingo, concluindo a descrição do garoto que vivia na senzala e cujo nome não se dera ao trabalho de perguntar.

Mingo ficou bastante satisfeito quando Massa Lea concordou em fazer a experiência, pois há vários anos que estava querendo um ajudante. Mas não ficou realmente surpreso. Ele sabia perfeitamente que o massa andava preocupado com a idade avançada e a saúde duvidosa do treinador de seus galos de briga. Há cinco ou seis meses que ele vinha sofrendo com frequência crescente terríveis acessos de tosse. Sabia também que os esforços do massa em comprar um jovem escravo que fosse aprendiz de treinador haviam fracassado, o que já era de se esperar, pois os outros donos de galos de briga da região não iam querer ajudá-lo. O massa inclusive lhe contara o que um deles dissera:

— Se eu tivesse algum garoto que mostrasse alguma propensão a tratar de galos de briga, a última coisa que eu faria seria vender a você.

Com aquele Mingo a treinar o garoto, dentro de cinco a dez anos ele estaria ajudando você a me vencer!

Mas Mingo sabia que a razão mais provável para a rápida aprovação de Massa Lea era o fato de que a temporada anual de briga de galos do Condado de Caswell iria começar dentro em breve.

Se o garoto se encarregasse de alimentar os bichos mais novos, Mingo teria mais tempo para preparar e treinar os galos de dois anos que haviam entrado na idade boa e que logo seriam retirados dos cercados onde ficavam juntos.

Na manhã do primeiro dia de George no novo trabalho, Mingo mostrou-lhe como alimentar as dezenas de frangos, mantidos em diversos cercados, cada um com bichos aproximadamente da mesma idade e tamanho.

Verificando que o garoto cumpria aquela tarefa inicial de forma aceitável, Mingo deixou-o em seguida alimentar os frangos mais crescidos, que ainda não tinham um ano, mas já ensaiavam algumas brigas entre si nos cercados triangulares. Nos dias seguintes, Mingo manteve George a trabalhar incessantemente, alimentando os bichos com milho, dando-lhes uma mistura de milho, casca de ostra e carvão vegetal, tudo moído, e mudando a água três vezes por dia.

George nunca imaginara que pudesse sentir algum respeito pelas aves, especialmente pelos frangos, que estavam começando a desenvolver esporões e criar penas coloridas e que desfilavam sem medo pelos cercados, com um brilho de desafio nos olhos. Se Tio Mingo não estava por perto, George de vez em quando desatava em gargalhadas pela maneira como alguns frangos empinavam a cabeça e cantavam desajeitadamente, como se estivessem tentando competir com os gritos roucos dos seis ou sete galos velhos, cada um com as cicatrizes de muitos combates. Era Mingo quem alimentava pessoalmente esses galos. George imaginava-se como um dos frangos, enquanto Mingo era um dos galos velhos.

Massa Lea vinha a cavalo visitar os galos de briga pelo menos uma vez por dia.

George procurava então passar o mais despercebido possível, tendo notado que o massa passara subitamente a tratá-lo com mais frieza.

George ouvira Miss Malizy contar que o massa nem mesmo permitia que a missis fosse ao local em que criava seus galos. A missis respondera, indignada, que não tinha o menor interesse.

O massa e Mingo iam visitar os cercados. Mingo se mantinha sempre um passo atrás, perto o suficiente para escutar e responder o que o massa dissesse por entre o canto dos galos velhos.

George logo notou que o massa falava afavelmente com Tio Mingo, em contraste com a maneira brusca e fria com que tratava Tio Pompey, Irmã Sarah e a mãe dele, que eram apenas escravos para trabalhar nos campos.

Algumas vezes, quando eles se aproximavam, George podia ouvir trechos das conversas.

— Estou pensando em pôr 30 galos para brigar nesta temporada, Mingo. Por isso, vamos ter que tirar uns 60 ou mais dos cercados.

— Está certo, Massa. Depois da seleção, acho que vão sobrar uns 40 que vão dar bem para a briga.

A cada dia-que passava, George tinha mais perguntas a fazer. Mas tinha o pressentimento de que não deveria perguntar a Tio Mingo coisa alguma que não fosse absolutamente necessária ao cumprimento das tarefas de que era incumbido. E Mingo considerou que era um aspecto positivo do garoto, já que os bons treinadores de galos de briga tinham muitos segredos e não deviam falar demais. Enquanto isso, os olhos pequenos e vigilantes de Mingo não perdiam um só detalhe da maneira como George se comportava no trabalho. Deliberadamente, ele dava as ordens de forma lacônica e depois se afastava depressa, para verificar a rapidez com que o garoto apreendia as instruções e as executava. Mingo ficou satisfeito ao constatar que quase sempre só precisava dizer as coisas a George uma única vez.

Depois de algum tempo, Mingo disse a Massa Lea que aprovava a maneira como George vinha cuidando dos animais. É claro que tratou de fazer uma ressalva cautelosa:

— Pelo menos é o que está parecendo nesse pouquinho de tempo, Massa.

Mingo estava totalmente despreparado para a reação de Massa Lea:

— Tenho pensado que você está precisando ficar com o garoto por aqui durante todo o tempo, Mingo. Como sua cabana não é grande o bastante, vocês dois vão construir uma outra cabana para ele, a fim de que o garoto esteja sempre à mão quando precisar dele.

Mingo ficou apreensivo diante da perspectiva de alguém partilhar de sua intimidade, que vinha desfrutando, em companhia dos galos de briga, há mais de 20 anos. Mas não ia manifestar abertamente seu desacordo.

Depois que o massa foi embora, ele disse a George, rispidamente:

— O massa diz que eu vou precisar de você aqui o tempo todo. Acho que o massa deve saber alguma coisa que eu não sei.

— Sim, senhor — disse George, esforçando-se para manter o rosto impassível. — Mas onde é que eu vou ficar, Tio Mingo?

— Vamos nós dois construir uma cabana para você.

Kizzy estava descansando os pés doloridos numa tina pequena, cheia de água quente, quando George entrou, com uma expressão sombria, o que não era normal dele.

— Mamãe, há uma coisa que eu tenho que dizer a você.

— Estou muito cansada de trabalhar o dia inteiro, George. E não quero saber mais nada daqueles seus galos!

— Não é exatamente sobre os galos, Mamãe. — George respirou fundo. — Mamãe, o massa disse para eu e Tio Mingo fazermos uma cabana para mim e eu me mudar para perto dos galos.

Kizzy esparramou água para fora da tina ao se erguer bruscamente, aparentemente prestes a se lançarem cima de George.

— Sair daqui? Mas o que tem de mais você continuar a viver aqui onde sempre viveu?

— Não fui eu que quis, Mamãe! Foi o massa! — George deu um passo para trás, assustado com a fúria estampada no rosto da mãe. E acrescentou, com voz esganiçada. — Eu não quero sair de junto de você, Mamãe!

— Você não tem idade bastante para ir para lugar nenhum longe de mim!

Aposto que foi aquele negro velho do Mingo quem meteu essa ideia na cabeça do Massa.

— Não foi ele, não, Mamãe!

Eu vi que ele também não gostou nada! Ele não gosta de ninguém rondando ele durante o tempo todo! Ele me disse que gosta é de ficar sozinho! — George procurou desesperadamente por alguma coisa para dizer que pudesse acalmar a mãe. — O

Massa acha que está sendo bom para mim, Mamãe. Ele trata eu e o Tio Mingo muito bem, diferente de como trata os que trabalham nos campos...

Era tarde demais. George engoliu em seco, embaraçado, recordando subitamente que a mãe também trabalhava nos campos. Amargurada, com o rosto contorcido, Kizzy segurou George e sacudiu-o violentamente, ao mesmo tempo em que gritava:

— O massa não gosta de você coisa nenhuma! Ele pode ser seu pai, mas não quer saber de você, pois só gosta daqueles galos dele!

Kizzy ficou tão aturdida quanto o filho pelo que acabara de dizer.

— É verdade! E é bom mesmo você saber para não ficar pensando que ele está fazendo muitos favores para você! O massa só está pensando em botar você para ajudar aquele negro velho e maluco para cuidar dos galos dele, pois acha que ainda vão fazer ele um homem rico!

George continuou calado, inteiramente atordoado.

Kizzy começou a bater nele com os punhos cerrados.

— O que é que você ainda está fazendo por aqui?

Virando-se abruptamente, ela pegou as poucas roupas do filho e jogou-as em cima dele. — Suma daqui! Saia da minha-cabana!

George continuou parado onde estava. Sentindo as lágrimas se derramarem pelo rosto, Kizzy saiu correndo e foi para a cabana de Miss Malizy.

George também estava chorando. Depois de algum tempo, sem saber o que fazer, George acabou metendo suas poucas roupas num saco e seguiu cambaleando pelo caminho até a área de criação dos galos de briga. Naquela noite, dormiu ao lado de um dos cercados, usando o saco como travesseiro.

Antes do amanhecer, Mingo, que sempre levantava muito cedo, deparou com o menino deitado ali e imaginou o que havia acontecido. Durante o dia inteiro ele se deu ao trabalho de tratar George gentilmente. Mas o garoto executou todas as suas tarefas em silêncio, distante.

Nos dois dias seguintes, enquanto construíam a cabana, Mingo começou a tratar George como se só agora se apercebesse da presença dele.

— Sua vida tem que ser esses galos, garoto, até eles serem como a sua família — disse ele abruptamente, uma manhã.

Essa era a coisa mais importante que desejava incutir na mente de George.

Mas o garoto não disse nada.

Não conseguia pensar em outra coisa senão o que a mãe lhe dissera. Seu massa era seu pai. Seu pai era seu massa.

Ele não conseguia entender.

Percebendo que o menino não ia dizer nada, Mingo voltou a falar:

— Eu sei que os negros lá de cima pensam que eu sou meio esquisito... — Hesitou por um momento. — Acho que sou mesmo.

E não disse mais nada.

George compreendeu que Tio Mingo esperava uma resposta, mas não podia admitir que fora exatamente isso o que ouvira a respeito dele. Por isso, preferiu fazer uma pergunta que estava em sua cabeça desde que ali chegara:

— Tio-Mingo, por que esses galos não são como os outros?

— Você está falando das galinhas domésticas que não servem para outra coisa além de virar comida — disse Mingo, desdenhosamente. — Esses bichos aqui são mais ou menos como eles eram na selva de onde o massa diz que eles vieram nos tempos muito antigos. Acho que, se a gente jogar um desses galos na selva, ele vai sair conquistando as galinhas e matando os outros galos, como se nunca tivesse saído da selva!

George tinha outras perguntas a fazer, mas não teve mais a menor oportunidade de abrir a boca, a partir do momento em que Tio Mingo desandou a falar.

Qualquer franguinho que cantasse antes de chegar à idade apropriada, disse Mingo, devia ter o pescoço prontamente torcido, pois cantar cedo demais era um sinal seguro de covardia mais tarde.

— Os bichos de verdade já saem do ovo com a vontade de brigar no sangue de seus pais e dos pais de seus pais. O massa diz que antigamente um homem e seus galos eram como são hoje um homem e seus cachorros. Mas esses bichos têm mais gana de luta do que a gente encontra nos cachorros, nos touros, nos ursos, até mesmo numa porção de homens! O massa diz que até os reis e os presidentes adoram as brigas de galo porque é o maior esporte que existe!

Tio Mingo notou que George estava olhando para as cicatrizes em suas mãos, punhos e antebraços. Ele foi até sua cabana e voltou com um par de puas de aço, tão afiadas que as pontas pareciam agulhas.

— No dia em que começar a preparar os bichos, garoto, suas mãos vão ficar igualzinhas às minhas, a não ser que tome muito cuidado.

George ficou emocionado ao ver que o velho parecia considerar possível que ele um dia viesse a colocar as puas nos galos de briga do massa.

— O massa não tem medo de homem nenhum na rinha — disse Tio Mingo uma noite. — Ele até que gosta de enfrentar aqueles massas ricos de verdade, que podem ter até mil bichos e escolhem os cem melhores para lutar todos os anos. Mesmo assim, o massa ganha um bocado de dinheiro apostando contra esses massas ricos de verdade. Eles não gostam nada disso porque o massa começou a vida como um branco pobre. Mas com uns bichos bons de verdade e muita sorte, o massa pode ficar até tão rico quanto eles todos... — Tio Mingo estreitou os olhos, fitando George. — Está-me ouvindo mesmo, menino?

Uma porção de gente não faz ideia do dinheiro que corre nas brigas de galo. Sei de uma coisa: se alguém me oferecer cem acres de campos de algodão ou tabaco ou um bom

galo de briga, eu fico com o galo de briga. É isso o que o massa também acha. E por isso que ele não mete o dinheiro que tem em muita terra ou numa porção de negros.

Ao completar 14 anos, George sempre iniciava seus domingos de folga com uma visita à família na senzala.

Achava que a família, além da mãe, incluía também Tio Pompey, Irmã Sarah e Miss Malizy. Mesmo depois de tanto tempo, ele ainda tinha que tranquilizar Kizzy de que não guardava nenhum ressentimento pela maneira como ela lhe revelara a verdade a respeito do pai.

Ainda pensava muito a respeito do assunto, embora jamais o discutisse com ninguém, muito menos com o massa. A esta altura, todos na senzala estavam um pouco intimidados com a nova posição de George, embora procurassem não dar tal impressão.

— Eu trocava a fralda do seu traseiro sujo quando você era pequeno — comentou Irmã Sarah, numa manhã de domingo, acrescentando com um tom de ferocidade zombeteira. — Não vai agora querer se meter a besta comigo!

George sorriu.

— Claro que não, Irmã Sarah.

Nunca vou ser metido a besta.

Todos estavam dominados por uma intensa curiosidade sobre as coisas misteriosas que ocorriam na área proibida em que George convivia com os galos de briga. George contava-lhes apenas as coisas mais triviais. Disse que vira os galos matarem um rato, repelir um gato, até mesmo atacar uma raposa. AS galinhas podiam ser tão violentas quanto os galos e algumas chegavam até a cantar como se fossem machos. Contou que o massa tomava toda cautela contra invasores de suas terras, por causa dos altos preços que se podiam conseguir até mesmo de ovos roubados de campeões, sem falar nos próprios bichos, que os ladrões poderiam levar para outros Estados e vender ou pô-los a lutar como se fossem seus. Quando George contou que Mingo lhe dissera que um rico proprietário de galos de briga, Massa Jewett, chegara a pagar três mil dólares por um bicho, Miss Malizy exclamou:

— Ô Senhor, com o dinheiro desse galo dava para comprar pelo menos uns três ou quatro negros!

Depois de conversar durante algum tempo, George começava a ficar impaciente para ir embora, assim que começava a tarde de domingo. Assim que era possível, saía correndo pelo caminho até os cercados dos galos. Na passagem, recolhia um pouco de capim e jogava para os frangos já crescidos, ficando a contemplá-los por algum tempo. Os frangos estavam agora com um ano, as penas começando a ficar lustrosas, explodindo subitamente em cantos furiosos, esforçando-se em atingir uns aos outros. Alguns dias atrás, Tio Mingo comentara:

— Acho que já está mais do que na hora de a gente levar esses bichos daqui lá para o mato!

George sabia o que aconteceria quando os galos já crescidos fossem trazidos do mato, para serem preparados e treinados para a temporada de briga de galo, que em breve iria começar.

Depois de visitar os frangos, George ia até o bosque de pinheiros onde ficavam os galos já adultos. De vez em quando, avistava um dos galos, a dominar um bando de galinhas, em total liberdade.

Ele sabia que havia por ali muita relva, gafanhotos e outros insetos para os bichos se alimentarem, além de muitas nascentes.

Numa manhã fria de novembro, quando Massa Lea chegou com a carroça, Tio Mingo e

George já estavam esperando com os frangos de um ano, furiosos, presos em cestos de vime com tampas.

Depois de pôr os cestos na carroça, George ajudou Tio Mingo a apanhar o galo velho predileto dele, com o corpo coberto das cicatrizes de muitos combates.

— Ele é igualzinho, a você, Mingo — comentou Massa Lea, soltando uma risada. — Já lutou tudo o que podia e galou todas as galinhas.

Agora não serve para mais nada, além de comer e cantar.

Sorrindo, Tio Mingo disse:

— Eu nem mesmo sirvo mais para cantar, Massa.

Como George sentia-se tão intimidado diante de Tio Mingo quanto tinha medo do massa, ficou feliz ao ver que os dois estavam com tão boa disposição. Os três subiram na carroça e partiram, com Mingo ao lado do massa no assento da frente, segurando seu galo velho, e George sentado atrás dos cestos.

Massa Lea, finalmente, parou a carroça no meio do bosque. Ele e Tio Mingo esticaram a cabeça, escutando atentamente. Mingo falou baixinho:

— Estou ouvindo eles ali!

Abruptamente, enchendo as bochechas, ele soprou com toda força a cabeça do galo velho, que imediatamente cantou vigorosamente.

Segundo depois, souou um canto forte por entre as árvores. O galo velho tornou a cantar, todo eriçado. George ficou todo arrepiado ao avistar o galo espetacular que surgiu do meio das árvores.

As penas coloridas estavam eriçadas em todo o corpo sólido e vigoroso. As penas lustrosas do rabo estavam levantadas. Nove galinhas vieram atrás dele, muito nervosas, ciscando e cacarejando. O galo bateu as asas e soltou um canto forte, sacudindo a cabeça, à procura do intruso.

Massa Lea falou em voz baixa:

— Deixe ele ver o galo velho, Mingo.

Tio Mingo levantou o galo velho. O outro galo partiu para o ataque. Massa Lea agarrou-o em pleno voo, evitando habilmente os esporões. E meteu o galo num cesto, pondo a tampa por cima.

— O que está parando aí de bobagem, garoto? Solte logo um dos frangos! — gritou Tio Mingo, como se George já tivesse feito aquilo muitas vezes.

George abriu o cesto mais próximo e soltou o frango que pulou da carroça para o chão. Depois de um momento de hesitação, o bicho bateu as asas, soltou um canto alto, abaixou uma das asas e contornou uma das galinhas.

Logo depois, o novo galo do terreiro saiu perseguindo todas as outras galinhas, o bando se embrenhando pelo mato.

Quando a carroça voltou, pouco antes do escurecer, 28 galos de dois anos tinham sido substituídos por galos de um ano. Depois de fazer a mesma coisa no dia seguinte, com a substituição de outros 32 galos, George tinha a sensação de que não fizera outra coisa durante toda a sua vida. Ele tinha agora que alimentar e dar água aos 60 galos de dois anos. Quando os bichos não estavam comendo, pareciam estar cantando e bicando furiosamente os lados do cercado, construídos de forma a evitar que eles se vissem, pois poderiam machucar-se nos esforços de brigar. George não podia deixar de admirar aqueles bichos majestosos, selvagens, bonitos. Encarnavam tudo o que Tio Mingo sempre dissera a respeito da tradição de coragem deles, como a conformação física e o instinto os levavam a lutar contra outros galos até a morte, em qualquer lugar, em qualquer ocasião.

O massa achava que se devia preparar o dobro dos galos que pretendia lançar na rinha durante a temporada.

— Tem uns bichos que não comem e agem como os outros — explicou Tio Mingo a George. — E esses a gente tira fora.

Massa Lea começou a chegar mais cedo para trabalhar com Tio Mingo, examinando os 60 galos, um a um, várias horas por dia.

Ouvindo trechos das conversas, George soube que eles iam tirar os galos que tinham feridas na cabeça, ou no corpo, os que não tinham bico, pescoço, asas, pernas perfeitos. O pior defeito, no entanto, era o bicho não demonstrar agressividade suficiente.

Certa manhã, o massa trouxe uma caixa grande. George ficou observando Tio Mingo medir as quantidades certas de farinha de trigo e a aveia, misturando-as numa massa em que havia também uma garrafa de cerveja, as claras de doze ovos, um pouco de folhas de lapaça, algumas ervas e alcaçuz. A massa foi separada em biscoitos finos e redondos, cozinhados num forno de barro.

— Isso é para dar mais força aos bichos — disse Tio Mingo.

Ele instruiu George a esfarelar os biscoitos e dar três porções por dia a cada galo. Devia também pôr um pouco de terra nas vasilhas, cada vez que trocasse a água.

George ouviu o massa dizer:

— Quero que esses bichos fiquem só músculos e ossos, Mingo! Não quero ver uma só grama de gordura lá na rinha!

— Pode deixar que eu cuido disso direitinho, Massa!

A partir do dia seguinte, George tinha que correr com um dos galos velhos de Tio Mingo debaixo do braço, de um lado para outro, perseguido por um dos galos em treinamento. Como Tio Mingo determinara, George de vez em quando deixava que o galo em perseguição se aproximasse o suficiente para poder pular e atacar com o bico e as pernas o galo velho, que se debatia e gritava furiosamente.

Agarrando o ofegante atacante, Tio Mingo rapidamente enfiava uma bola de manteiga sem sal no bico faminto, misturada com algumas ervas socadas. Em seguida, ele metia o galo exausto dentro de um cesto cheio de palha. Punha mais palha por cima e fechava a tampa.

— Isso vai fazer ele suar um bocodo — explicou Tio Mingo na primeira vez.

Depois de exercitar dessa maneira até o último dos galos, George começou a tirá-los dos cestos e devolvê-los aos cercados. Antes, porém, Tio Mingo lambia a cabeça e os olhos do galo, com a língua, explicando o motivo a George:

— Isso é para eles ficarem acostumados, se eu tiver que lamber o sangue do bico deles para eles poderem continuar a respirar se ficarem muito machucados durante a luta.

Ao cabo de uma semana, as mãos e os antebraços de George estavam tão cortados pelos esporões dos galos que Tio Mingo resmungou:

— Os bichos vão pensar que você é também um galo de briga se você não tomar mais cuidado!

Exceto pela rápida visita que fez à senzala na manhã de Natal, o período de feriados passou quase que totalmente despercebido para George.

Com a abertura da temporada de briga de galo se aproximando, o instinto assassino dos bichos estava no auge e eles cantavam constantemente em desafio e bicavam qualquer coisa, batendo as asas ruidosamente. George descobriu-se pensando, muitas vezes, que não podia entender como sua mãe, Tio Pompey, Irmã Sarah e Miss Malizy podiam lamentar a vida que tinham. Será que não podiam perceber que havia toda uma vida emocionante a poucos metros do lugar em que viviam?

Dois dias depois do Ano Novo, George foi pegando galo por galo, enquanto Massa Lea e Tio Mingo meticulosamente cortavam as penas da cabeça e encurtavam as penas do pescoço, asas e ancas, aparando ainda as penas do rabo, de forma a que ficassem como um leque arredondado. George achou incrível que isso pudesse contribuir tanto para realçar os corpos esguios e compactos, os pescoços que pareciam dobras, as cabeças fortes, com bicos compridos e olhos faiscantes. A parte inferior do bico de alguns galos também foi aparada, “para quando ele tiver que agarrar com a boca toda”, explicou Tio Mingo. A última providência foi raspar os esporões, deixando-os lisos.

À primeira claridade do dia de abertura da temporada, Mingo e George já estavam acomodando os doze galos finalmente selecionados em capoeiras próprias para a viagem, feitas com varas de nogueira. Tio Mingo deu a cada bicho um torrão de manteiga misturada com açúcar. Massa Lea chegou com a carroça, trazendo um saco de maçãs. Depois que Mingo e George colocaram as capoeiras na carroça, o preto velho sentou-se ao lado do massa. A carroça começou a andar. Olhando para trás, Tio Mingo gritou:

— Você vem ou não vem?

George saiu correndo atrás da carroça, alcançou e pulou para o interior. Ninguém dissera que ele também ia!

Depois de recuperar o fôlego, o rapaz ajeitou-se numa posição de cócoras. Os rangidos da carroça misturavam-se com os ruídos feitos pelos galos. George sentia uma gratidão profunda e o maior respeito por Tio Mingo e Massa Lea. E pensou novamente, com perplexidade, como sempre, no que a mãe lhe dissera, que o massa era seu pai ou seu pai era o massa, ou vice-versa.

Mais além, George viu à frente ou saindo de estradas secundárias outras carroças, carruagens e charretes, homens a cavalos e brancos pobres a pé, carregando sacos. George sabia que nesses sacos havia galos de briga, acomodados em palha.

Será que Massa Lea seguira outrora para a rinha a pé, com seu primeiro galo dentro de um saco? George já ouvira dizer que Massa Lea ganhara esse primeiro galo numa rifa.

Ele viu que os outros veículos levavam um ou mais homens brancos e escravos, além das capoeiras. Recordou-se do que Tio Mingo lhe dissera certa vez:

— A gente que gosta de briga de galo não se importa com tempo ou distância quando tem uma boa luta.

George perguntou-se se algum daqueles brancos pobres a pé algum dia ainda iria possuir uma plantação e uma casa grande, como o massa.

Cerca de duas horas depois, George começou a ouvir o que só podia ser o canto de muitos galos, à distância. O coro incrível foi-se tornando cada vez mais alto, à medida que a carroça ia-se aproximando de um denso bosque de pinheiros. Ele sentiu o cheiro de churrasco.

Não demorou muito para que a carroça de Massa Lea estivesse no meio de incontáveis outras, procurando um lugar onde parar. Ao redor, havia cavalos e mulas, amarrados a postes fincados no chão, abanando as caudas. Muitos homens conversavam.

— Tawm Lea!

O massa tinha acabado de se levantar em cima da carroça e estava flexionando os joelhos, emperrados da longa viagem. George viu que o grito havia partido de um grupo de brancos pobres, parados ali perto, bebendo da mesma garrafa, que passava de mão em mão. Ele sentiu-se emocionado pelo fato daqueles homens terem reconhecido seu massa.

Acenando para os homens, Massa Lea saltou da carroça e foi ao encontro deles.

Centenas de brancos, de garotos ainda muito pequenos, agarrados às calças dos pais, a

velhos encarquilhados, estavam reunidos ali, em pequenos grupos, conversando.

Olhando ao redor, George percebeu que a maioria dos escravos permanecia nos veículos, aparentemente cuidando dos galos, centenas deles, a fazerem tanto barulho que davam a impressão de estarem empenhados numa competição de canto.

Debaixo de muitas carroças havia sacos de dormir.

George calculou que os donos tinham vindo de tão longe que teriam de passar a noite ali. Ele sentiu o cheiro forte de aguardente de milho.

— Pare de ficar aí de boca aberta, garoto! — gritou Tio Mingo. — A gente tem que cuidar dos bichos!

Procurando dominar seu excitamento ao máximo, George começou a abrir as capoeiras e tirar um galo furioso depois do outro, entregando a Tio Mingo, que fazia uma massagem nas pernas e nas asas. Ao receber o último galo, Tio Mingo disse:

— Corte uma meia dúzia dessas maçãs aí. Vai ser a última coisa que os bichos vão comer antes da luta.

O velho percebeu o olhar fascinado de George para a multidão e recordou-se do que sentira ao comparecer à sua primeira briga de galos, há tanto tempo que já nem se importava com isso.

— Mas que garoto! Está bem, está bem! Vá dar uma volta por aí se está com vontade.

Mas volte antes de começar, está bem?

Quando o “Sim, senhor” dele chegou aos ouvidos de Tio Mingo, George já tinha pulado da carroça e estava longe. Esgueirando-se por entre a multidão a beber, a rir, a falar alto, George não parou um só instante, sentindo a maciez das folhas dos pinheiros sob seus pés descalços. Passou por dezenas de capoeiras, com galos das mais variadas plumagens, do branco como a neve ao preto como carvão, com todas as combinações de cores possíveis entre esses dois extremos.

De repente, George estacou abruptamente. Estava diante de um círculo afundado cerca de meio metro no chão, com os lados escorados. No meio do chão de terra compactada estava desenhado um pequeno círculo. Nos dois lados, à mesma distância, havia uma linha reta de um lado a outro. A rinha!

Levantando a cabeça, George viu vários homens acomodando-se numa encosta natural por detrás da rinha, conversando e bebendo. Ele teve um sobressalto nesse momento, quando um homem de rosto vermelho, quase a seu lado, berrou subitamente:

— Muito bem, cavalheiros, vamos logo botar esses bichos para brigar!

George voltou correndo como uma lebre, alcançando a carroça um instante antes de Massa Lea. Tio Mingo e o massa começaram a andar em torno da carroça, falando em voz baixa e olhando para os galos nas capoeiras. De pé no assento da frente da carroça, George podia ver por cima das cabeças dos homens a rinha lá adiante. Quatro homens estavam conversando ali. Outros dois se aproximaram, cada um trazendo um galo de briga debaixo do braço.

Subitamente, ouviram-se gritos entre os espectadores:

— Dez no vermelho!

— Está apostado!

— Vinte no azai!

— Aceito!

— Mais cinco nele também!

— Eu topo!

Os gritos foram-se tornando cada vez mais altos. George viu os dois galos sendo

pesados e depois os proprietários ajustaram as puas de aço. Recordou-se de que Tio Mingo certa ocasião lhe dissera que raramente se punha para brigar dois galos que tinham uma diferença de peso de um quilo ou mais.

— Incitem os galos! — gritou alguém, na beira da rinha.

Dois homens imediatamente se agacharam fora da rinha, enquanto os donos dos galos se agachavam dentro do círculo, segurando os animais perto o bastante um do outro para se bicarem de leve.

— Preparem os galos!

— Os dois homens recuaram para detrás das linhas, segurando os galos no chão.

Os bichos faziam o maior esforço para se lançarem um contra o outro.

— Larguem os galos!

Os dois galos se lançaram velozmente um contra o outro, com tanta fúria que ambos cambalearam para trás, com o impacto. Mas recuperaram-se um segundo depois, erguendo-se no ar e golpeando-se com as pernas em que estavam as puas pontiagudas. Caíram no chão da rinha e se elevaram no ar outra vez, numa agitação de penas.

— O vermelho foi cortado! — gritou alguém.

George observou, aturdido, cada dono pegar seu galo, examiná-lo rapidamente e depois colocá-lo novamente atrás da linha. O galo vermelho, cortado e desesperado, conseguiu agora subir mais alto que o adversário e de repente a pua em sua perna atingiu o cérebro do galo azul. O bicho caiu, agitando-se convulsivamente, nos estertores da morte. Em meio a uma confusão indescritível de gritos, George ouviu o juiz anunciar:

— O vencedor é o galo do Sr. Grayson... um minuto e dez segundos no segundo ataque!

George estava excitado demais. A luta seguinte terminou ainda mais depressa. O dono do galo perdedor, num acesso de raiva, jogou para longe o corpo ensanguentado do animal.

— Um galo morto é apenas uma porcaria de penas sem valor — comentou Tio Mingo, atrás de George.

A sexta ou sétima luta havia terminado quando um dos homens à beira da rinha gritou:

— Sr. Lea!

O massa adiantou-se rapidamente, com um galo debaixo do braço. George pensou que alimentara aquele bicho, treinara-o, segurara-o em seus braços. Sentiu-se dominado pelo orgulho. O massa e o adversário logo estavam dentro da rinha, pesando os galos, ajustando as puas de metal, por entre os gritos das apostas.

Iniciado o combate, os dois bichos se chocaram de frente.

Subiram ao ar, voltaram ao chão, bicando furiosamente, esquivando-se, os pescoços compridos e ágeis não parando um instante, à procura de uma abertura para o golpe fatal. Os dois galos novamente se elevaram, batendo-se com as asas. Ao caírem, o galo de Massa Lea cambaleou, evidentemente atingido. Mas segundos depois, ao se elevarem novamente, o bicho conseguiu desferir um golpe fatal com a pua.

Massa Lea pegou o galo, que ainda estava cantando em triunfo, e voltou correndo para a carroça. George ouviu vagamente a declaração:

— O vencedor é o galo do Sr. Lea...

Tio Mingo pegou o galo, os dedos deslizando rapidamente pelo corpo do bicho, para localizarem o ferimento, um talho fundo-no papo.

Depois, Tio Mingo encostou os lábios no talho e sugou com toda força. E colocando o galo ferido diante de George, ele gritou:

— Mija em cima! Depressa!

Aturdido, George ficou imóvel.

— Mija logo! Assim não infecciona!

George obedeceu, o jato forte atingindo o galo ferido e as mãos de Tio Mingo. O preto velho acomodou então o galo num cesto, entre palha macia.

— Acho que salvamos ele, Massa! Qual é o que vai botar para brigar em seguida, Massa? Massa Lea gesticulou na direção de uma capoeira.

— Tire o bicho dali, garoto!

George apressou-se em cumprir a ordem, quase caindo, enquanto Massa Lea voltava rapidamente para o meio da multidão a gritar, no momento em que outro vencedor era anunciado.

Fracamente, em meio aos cantos roucos de centenas de galos, em meio aos gritos dos homens fazendo novas apostas, George podia ouvir o débil cacarejar do galo ferido, acomodado dentro do cesto.

Ele sentia-se triste, exultante, assustado. Nunca antes se sentira tão excitado. E naquela manhã fria, nasceu um novo entusiasta das brigas de galo.



Numa manhã de domingo, ao se aproximar da senzala, George sentiu que alguma coisa estava errada, ao ver que nem sua mãe nem qualquer outro dos escravos estava à espera para cumprimentá-lo, como sempre acontecia, nos quatro anos em que estava vivendo junto com Tio Mingo.

Acelerando o passo, chegou à cabana da mãe. Já ia bater quando a porta se abriu bruscamente e Kizzy praticamente puxou-o para dentro, tornando a fechar a porta, o rosto tenso de medo.

— A missis viu você?

— Eu não vi ela, Mamãe! O que está acontecendo?

— Santo Deus, menino! O massa ouviu dizer que um negro livre lá de Charleston, na Carolina do Sul, chamado Denmark Vesey, tinha centenas de negros prontos para matarem não sei quantos brancos, esta noite, se não tivessem apanhado ele antes.

O massa ficou furioso, agindo como se estivesse maluco, com uma espingarda nas mãos e ameaçando matar qualquer um que a missis visse fora das cabanas, até ele voltar de uma reunião grande com os outros brancos!

Kizzy deslizou ao longo da parede da cabana até a janela pequena, de onde podia avistar a casa grande.

— Ela não está mais no lugar onde estava espiando a gente!

Acho que ela viu você e correu para se esconder!

O absurdo de Missis Lea escondendo-se dele fez com que um pouco do alarma de Kizzy contagiasse George.

— Volte para junto daqueles seus galos, menino! Não sei o que o massa pode fazer se pegar você aqui!

— Vou ficar aqui e falar com o massa, Mamãe!

George estava pensando que, num caso extremo como aquele, deveria, de forma indireta, recordar ao massa que era o seu pai, o que certamente contribuiria para atenuar a ira dele.

— Você ficou doido? Saia já daqui! — Kizzy começou a empurrar George na direção da porta da cabana. — Saia logo! Furioso como o massa estava, se ele pega você aqui vai descarregar a raiva em cima da gente também! Corra pelos arbustos por detrás da “casinha”, até chegar a um lugar em que a missis não possa mais ver você!

Kizzy parecia estar à beira da histeria. O massa devia ter-se mostrado bem pior do que habitualmente, para aterrorizá-la daquele jeito.

— Está bem, Mamãe — disse George finalmente. — Mas não vou fugir pelo meio do mato.

Não fiz nada com ninguém.

Vou voltar pelo caminho, do mesmo jeito como vim até aqui.

— Está bem, está bem! Mas vá logo de uma vez!

Retornando à área de criação dos galos de briga, George mal acabara de contar a Tio Mingo o que acontecera, temendo parecer absurdo demais, quando ouviram o galope de um cavalo.

Momentos depois, Massa Lea olhava para os dois com uma expressão furiosa, sem desmontar, as rédeas numa das mãos, a outra segurando a espingarda. E endereçou a fúria de suas palavras a George:

— Minha esposa disse que viu você. Portanto, os dois já sabem o que aconteceu!

— Sim, senhor... — balbuciou George, sem conseguir desviar os olhos da espingarda.

Massa Lea fez menção de que ia desmontar, mas mudou de ideia e continuou no cavalo, o rosto vermelho de raiva.

— Muitos brancos iam morrer esta noite, se um negro de juízo não tivesse contado a seu massa bem a tempo. Isso prova que nunca se pode confiar nos negros! — Massa Lea sacudiu a espingarda, antes de acrescentar: — A gente nunca pode saber o que vocês estão pensando. Mas se eu sequer pensar que estão com alguma ideia errada, eu estouro os miolos de vocês no mesmo instante!

Lançando um último olhar de ódio para Tio Mingo e George, Massa Lea virou o cavalo e saiu a galope pelo caminho.

Alguns minutos se passaram antes que Tio Mingo fizesse o primeiro movimento. Ele cuspiu no chão com raiva e deu um chute nas varetas de noqueira que estava entrelaçando para fazer uma capoeira. E exclamou, em tom de amargura:

— A gente pode trabalhar mil anos para um homem branco e ainda continua a ser um negro!

George não sabia o que dizer. Tio Mingo abriu a boca para falar novamente, mas tornou a fechá-la.

Encaminhou-se para sua cabana, parou à entrada, virou-se e disse para George:

— Preste muita atenção, garoto! Você pensa que é uma coisa especial para o massa, mas nenhuma coisa faz a menor diferença para os brancos, quando estão assustados e furiosos. Não banque o idiota e saia a andar por aí, enquanto essa confusão toda não tiver terminado. Está-me entendendo? Não faça isso!

— Sim, senhor.

George pegou a capoeira que Tio Mingo estava fazendo e foi senta-se num toco. Seus dedos começaram a entrelaçar as varetas de noqueira, enquanto a mente procurava ordenar os pensamentos. Mais uma vez, Tio Mingo conseguira adivinhar exatamente o que se passava na cabeça dele.

George estava furioso consigo mesmo, por ter acreditado que Massa Lea poderia comportar-se em relação a ele como algo mais que não apenas um massa. A esta altura, já deveria saber como era angustiante — e inútil — pensar no massa como seu pai. Mas gostaria desesperadamente de ter alguém com quem pudesse conversar a respeito. Não poderia conversar com Tio Mingo, pois teria então de admitir que sabia que o massa era seu pai. Pela mesma razão, também não poderia conversar com Miss Malizy, Irmã Sarah ou Tio Pompey. Não tinha certeza se eles sabiam do que houvera entre o massa e sua mãe. Mas se um deles soubesse, os outros certamente saberiam também, pois sempre contavam tudo, mesmo que se referisse aos outros. Ele e Kizzy não iam ser exceção.

Não podia também conversar sobre o assunto com a mãe, depois que ela lhe pedira desculpas, cheia de remorsos, por ter-lhe contado a verdade.

Embora fosse orgulhoso demais para sequer mencionar o fato, George chegara a pensar certa vez em abordar o problema de seu pai branco com Charity.

Achara que ela iria compreender. Charity era uma mulata bem mais clara do que George, o oposto de Beulah, que era preta como carvão. As duas eram as garotas com que ele volta e meia se encontrava. Ela tinha a pele que muitos pretos costumavam chamar de “parda”. Não tinha o menor constrangimento por isso e uma vez dissera a George, rindo, que seu pai era um capataz branco da plantação de arroz e índigo da Carolina do Sul, com mais de cem escravos, onde ela nascera e fora criada, até os 18 anos, quando fora comprada num leilão por Massa Teague, para ser uma escrava doméstica.

Falando sobre cor de pele, Charity dissera que deixara na Carolina do Sul a mãe e um irmão mais moço, que era praticamente branco. Os garotos de pele preta zombavam constantemente do irmão dela, até que a mãe lhe dissera para responder assim a seus algozes:

— Foi um urubu que me gerou! E o sol quente me chocou! Deus me deu essa cor que não é da conta dos negros pretos como vocês!

A partir desse dia, afirmara Charity, tinham deixado o irmão dela em paz.

Mas o problema de sua própria cor e da maneira como a conseguira foi ofuscado na mente de George por sua frustração ao compreender que a revolta na distante Charleston iria retardar a realização de uma ideia que há muito tempo ele vinha acalentando. Há quase dois anos que o rapaz vinha pensando na coisa e decidira finalmente expor o plano a Tio Mingo. Mas não havia o menor sentido em falar agora, já que tudo iria depender da aprovação final de Massa Lea. E George sabia muito bem que Massa Lea continuaria furioso e inacessível por mais algum tempo. O massa deixou de carregar a espingarda para onde quer que fosse depois de uma semana. Mas visitava a criação de galos de briga rapidamente, dando instruções ríspidas e lacônicas a Tio Mingo, afastando-se com a mesma expressão carrancuda com que chegara.

George só foi descobrir a gravidade do que acontecera em Charleston cerca de duas semanas depois. Apesar da advertência de Tio Mingo, ele não pôde mais resistir à tentação de escapulir para visitar uma de suas namoradas. Impulsivamente, decidiu favorecer Charity, recordando o ardor com que ela sempre o recebia. Depois de esperar pelos roncões de Tio Mingo, George atravessou os campos durante quase uma hora, até alcançar o bosque de nogueiras-pecã, de onde sempre emitia o pio do noitibó, o sinal combinado com Charity. Depois de assoviar quatro vezes, sem ver a vela acesa na cabana de Charity, o sinal de que podia ir até lá, George começou a ficar preocupado. Já ia sair de seu esconderijo e ir até lá quando viu um movimento no mato, a sua frente. Era Charity. George correu para abraçá-la. Mas Charity permitiu-lhe apenas um rápido abraço e um beijo, antes de afastá-lo.

— O que é que há, meu bem?

— Indagou George, excitado demais por seu desejo para perceber a expressão apavorada da moça.

— Você é o maior idiota que existe no mundo, vindo até aqui quando tantos negros estão sendo mortos pelos patrulheiros!

— Pois então vamos logo para sua cabana! — exclamou George.

E ele passou o braço pela cintura de Charity. Mas ela desvencilhou se e disse:

— Você parece até que não ouviu falar da revolta!

— Eu sei que houve qualquer coisa e mais nada...

— Pois então vou contar tudo para você!

E Charity contou que ouvira o massa e a missis comentarem que o líder da revolta, um negro livre de Charleston chamado Denmark Vesey, um carpinteiro que lia a Bíblia, levava anos planejando tudo, antes de falar com quatro amigos íntimos, que o haviam ajudado a

recrutar e organizar centenas de pretos da cidade, livres e escravos.

Quatro grupos fortemente armados estavam apenas aguardando o sinal para capturar o arsenal e outros prédios de importância fundamental, enquanto os outros iriam incendiar a cidade e matar todos os brancos que encontrassem.

Havia até mesmo uma companhia de pretos que sairia pela cidade em carroças, para criar confusão e impedir que os brancos se concentrassem.

— Mas, na manhã de domingo, um negro apavorado contou a seu massa o que ia acontecer naquela noite. Os brancos entraram em ação imediatamente, prendendo, açoitando, torturando negros, para fazer eles contarem quem eram os rebeldes. Já enforcaram mais de 30 negros e por toda parte estão incutindo o medo de Deus nos negros. Estão fazendo a mesma coisa aqui, mas está muito pior lá na Carolina do Sul. Expulsaram lá de Charleston os negros livres e queimaram as casas deles.

Prenderam também os negros pregadores e fecharam as igrejas deles, dizendo que em vez de fazerem sermões eles estavam era ensinando os negros a ler e escrever...

George tinha recomeçado seus esforços para levá-la até a cabana. Bastante nervosa, Charity disse:

— Será que não está escutando o que estou dizendo? Você tem que voltar correndo para casa, antes de um patrulheiro ver e matar você!

George alegou que dentro da cabana dela estaria a salvo de qualquer patrulheiro, assim como teria a oportunidade de aliviar-se da paixão que o consumia e que o levava a ir até ali, arriscando-se a levar um tiro.

— Eu já disse a você que não!

Exasperado, George acabou empurrando-a rudemente.

— Pois então vá embora!

Amargurado, ele voltou pelo mesmo caminho por que viera, pensando que deveria ter ido visitar Beulah ao invés de Charity. Mas agora já era tarde demais.

Pela manhã, George disse a Mingo:

— Fui visitar minha mãe ontem de noite e Miss Malizy estava contando o que tinha ouvido o massa e a missis falarem sobre a revolta...

Sem saber se Mingo ia ou não acreditar em sua história, mesmo assim George contou o que Charity lhe dissera. O velho ouviu atentamente. Ao acabar, George perguntou:

— Por que os negros daqui estão sendo mortos por causa de uma coisa que aconteceu na Carolina do Sul, Tio Mingo?

Tio Mingo demorou algum tempo para responder:

— Todos os brancos têm pavor que os negros um dia se organizem e se revoltem juntos... — Ele soltou uma risada desdenhosa. — Mas os negros nunca vão fazer nada juntos! — Tio Mingo pensou por mais um momento. — Mas essa história de matar negros por aqui vai terminar acabando, como sempre acontece, depois que os brancos tiverem matado e assustado os negros. Eles vão fazer uma porção de leis novas, mas vão acabar se cansando de pagar aos patrulheiros.

— E quanto tempo isso vai demorar Tio Mingo? — No instante mesmo em que fez a pergunta, George compreendeu que era uma tolice sequer perguntar. O olhar de Tio Mingo confirmou tal opinião.

— Como é que eu vou saber?

Isso é uma coisa que ninguém pode responder!

George ficou calado.

Decidiu não contar sua ideia a Tio Mingo, até que as coisas voltassem ao normal com

Massa Lea.

Ao longo dos dois meses seguintes, Massa Lea foi voltando a ser como antigamente, quase sempre mal-humorado, embora não mais perigoso. E não demorou muito para que George chegasse à conclusão de que era o momento certo.

— Tio Mingo, venho pensando numa coisa há uma porção de tempo... Acho que tenho uma ideia que pode ajudar os galos do massa a ganharem mais lutas do que estão ganhando.

Mingo fitou seu ajudante de 17 anos como se o rapaz tivesse sido acometido por uma espécie de loucura.

George continuou a falar, inabalável:

— Tem cinco anos que estou indo ver as brigas de galo, Tio Mingo. Acho que tem duas temporadas que comecei a prestar atenção nas brigas de verdade. E fiquei achando que cada massa deixa seus bichos lutarem no seu próprio estilo... — Esfregando um sapato no outro, George evitou olhar para o homem que já treinava galos de briga antes mesmo que ele nascesse. — A gente treina os galos do massa para serem fortes de verdade, terem mais resistência e ganharem as lutas por aguentarem mais tempo que os outros galos.

Mas andei fazendo uma contagem... e quase todas as vezes em que a gente perde é porque o outro galo subiu mais alto do que o galo do massa e golpeou com a pua de cima, geralmente na cabeça. Tio Mingo, acho que se os galos do massa tiverem asas mais fortes, como eu acho que a gente pode dar a eles com uma porção de exercícios especiais para as asas, eles iam voar mais alto que os outros galos e matar muito mais do que estão matando agora.

Sob a testa franzida, os olhos de Tio Mingo vasculharam a relva entre seus próprios sapatos e os de George. E algum tempo se passou antes que ele falasse:

— Acho que estou entendendo o que está querendo dizer. E acho que tem de falar com o massa.

George sentiu-se profundamente aliviado. Pelo menos Tio Mingo não rira da ideia. Naquela noite, porém, deitado em seu estreito colchão de palha de milho, George passou muitas horas acordado, inquieto, com medo do momento em que teria de falar com Massa Lea.

Na manhã de domingo, quando o massa apareceu, George respirou fundo e repetiu calmamente quase o que dissera a Tio Mingo, acrescentando mais alguns detalhes sobre os diferentes estilos de luta.

Massa Lea ficou olhando para George como se nunca o tivesse visto antes.

Nos meses seguintes, antes da próxima temporada de briga de galos, Massa Lea passou cada vez mais tempo no local da criação dos galos de briga, algumas vezes até ajudando Tio Mingo e George a jogarem os galos para o ar, cada vez mais alto. Ao descerem, agitando as asas freneticamente, tentando atenuar a queda dos corpos de três a quatro quilos, os galos iam fortalecendo as asas cada vez mais.

Como George previra, a temporada de 1823 foi iniciada e continuou sem que ninguém aparentemente percebesse por que ou como os galos de Massa Lea estavam ganhando muito mais lutas do que no ano anterior. Ao final da temporada, as puas de aço dos galos do Massa Lea tinham-se enterrado fatalmente em 39 dos 52 oponentes.

Uma manhã, cerca de uma semana depois de encerrada a temporada, Massa Lea apareceu na área de criação, visivelmente bem disposto. Ia verificar a recuperação de meia dúzia dos galos, feridos gravemente durante a temporada.

— Acho que esse não vai conseguir se recuperar, Massa. — Tio Mingo apontou para um

dos galos, tão caído que Massa Lea sacudiu a cabeça, concordando. — Mas esses outros dois vão sarar direitinho e vão poder voltar a lutar na próxima temporada, Massa. — Mingo apontou para os três galos convalescentes seguintes. — Esses aqui nunca vão ser de novo perfeitos para poderem voltar a lutar direito. Mas a gente pode usar eles como reprodutores, Massa. Ou como chamarizes.

Massa Lea aceitou a sugestão. Encaminhou-se para o cavalo, mas parou no meio do caminho e virou-se, dizendo a George:

— Nessas noites em que escapa daqui para se encontrar com as suas negrinhas é bom tomar todo cuidado, pois pode encontrar um negro de maus bofes querendo a mesma garota...

Charity! George recordou-se, furioso, de como ela o impedira de entrar na cabana, poucas noites antes. Ele forçou-se a rir, nervosamente.

Tio Mingo também riu.

George estava apavorado.

Agora que o massa descobrira que ele andava deixando a plantação durante as noites, o que iria fazer-lhe?

Depois de fazer uma longa pausa, deliberadamente querendo fazer com que George esperasse uma explosão de raiva, Massa Lea surpreendeu-o, dizendo num tom quase amistoso:

— Enquanto você continuar a fazer seu trabalho direito, não me importo com suas escapulidas. Só quero é que não deixe um outro negro cortar você em pedaços... e não se deixe apanhar pelas patrulhas que estão nas estradas atirando nos negros...

— Não vou deixar não! — balbuciou George, tão confuso que não sabia direito o que dizer. — Obrigado, Massa...

Massa Lea montou no cavalo. Os ombros dele sacudiam-se visivelmente, sugerindo aos tratadores dos seus galos que ele estava rindo interiormente, ao se afastar.



— Está pensando em quê, garoto?

Depois de mais de uma hora a viajarem na carroça, lado a lado, observando as nuvens brancas a se deslocarem preguiçosamente pelo céu e sentindo o sol quente da manhã de fevereiro, Chicken George, como ele há pouco começara a ser chamado, ficou desconcertado com a pergunta súbita de Massa Lea. Era a primeira vez que faziam uma viagem sem a companhia de Tio Mingo.

— Não estava pensando em nada não, Massa.

— Está aí uma coisa que nunca entendi nos negros! — disse Massa Lea, ligeiramente irritado. — Quando a gente tenta falar com vocês de maneira decente, começam logo a bancar os estúpidos. Isso me deixa furioso, especialmente quando se trata de um negro como você, que é esperto e sabe dizer tudo o que pensa, quando está com vontade.

Não acha que os brancos respeitariam você muito mais se se comportasse como se tivesse alguma inteligência?

Chicken George ficou subitamente alerta.

— Eles podem, Massa, mas também pode ser que não.

Tudo depende.

— Lá vem você de novo com essa conversa fiada. Depende do quê? Ainda procurando ganhar tempo, até descobrir onde o massa estava querendo chegar, Chicken George optou por outra declaração evasiva:

— Depende de quem é o branco com quem a gente está falando, Massa. Ou pelo menos essa é a impressão que eu tenho.

Massa Lea cuspiu na estrada, com uma expressão de repugnância.

— A gente alimenta e veste um negro, põe um teto sobre a cabeça dele, dá tudo o que ele precisa neste mundo. E nem assim a gente consegue arrancar uma resposta direta do negro!

Chicken George decidiu que o massa simplesmente tivera um impulso súbito de puxar conversa com ele, para animar um pouco a monótona e interminável viagem de carroça. A fim de não mais irritá-lo, Chicken George resolveu testar a disposição do massa:

— Se quer saber a verdade nua e crua, Massa, acho que todos os negros pensam que são espertos se bancarem ser mais estúpidos do que realmente são, porque quase todos os negros têm pavor dos brancos.

— Pavor? Essa não! Os negros são escorregadios como enguias, isso sim! Os negros são tão aterrorizados que vivem tramando conspirações para matar todos os brancos, se a gente virar as costas! E vivem envenenando a comida dos brancos, matam até os bebês! Qualquer coisa que se puder fazer contra os brancos, os negros estão sempre fazendo! E quando os brancos entram em ação para se defenderem, os negros começam a gritar que estão aterrorizados!

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo. Chicken George podia sentir que a raiva

do Massa estava aumentando. Até que finalmente Massa Lea exclamou:

— Vou dizer uma coisa a você, garoto! Passou toda a sua vida na minha plantação, com a barriga cheia. Não sabe nada do que é crescer com fome o tempo todo, com dez irmãos e irmãs e o pai e a mãe dormindo tudo em dois cômodos abafados e chovendo dentro!

Chicken George ficou atônito com aquela confissão.

O massa continuou, como se sentisse a necessidade imperiosa de extravasar o que lhe ia por dentro:

— Não consigo lembrar-me de uma só ocasião em que a barriga de minha mãe não estivesse grande com outro bebê! E meu pai vivia mascando tabaco e meio embriagado, gritando e praguejando que a gente não estava trabalhando o bastante nos dez acres cheios de pedras que ele tinha! Eu hoje não daria 50 cents por um acre daqueles! E ele se dizia um fazendeiro! — Lançando um olhar furioso para Chicken George, o massa acrescentou: — Quer saber o que mudou minha vida?

— Quero sim, Massa.

— Um grande pregador apareceu por lá. Todo mundo ficou excitado e foi olhar quando ele armou sua tenda.

Na primeira noite, a tenda estava transbordando de gente. Todo mundo que podia andar estava lá, até mesmo os que tinham de ser carregados.

Mais tarde, as pessoas disseram que nunca houve no Condado de Caswell um sermão tão inspirado e curas tão milagrosas! Nunca mais vou-me esquecer daquelas centenas de brancos, pulando e gritando. As pessoas caíam nos braços umas das outras, gemendo, se contorcendo, tremendo todas. Pior do que a gente vê nesses acampamentos dos negros. E no meio daquela confusão toda e dos gritos, teve uma coisa que realmente me impressionou e me atingiu em cheio. — Massa Lea fez uma pausa, olhando atentamente para Chicken George. — Você sabe alguma coisa da Bíblia, garoto?

— Não sei não, Massa. Só de ouvir falar.

— E aposto que estava pensando que eu também não sabia de nada! O negócio é dos Salmos. Marquei a parte na minha própria Bíblia. Diz o seguinte: “Fui moço e agora já sou velho, porém jamais vi o justo desamparado nem sua descendência a mendigar o pão.” Depois que o pregador foi embora, a frase ficou embatucada na minha cabeça.

Pensei e pensei, procurando descobrir o significado particular que tinha para mim. E tudo o que eu via na minha família representava que a gente estava mendigando o pão. A gente não tinha nada, nunca ia ter nada. Finalmente, achei que se eu me tornasse um justo, isto é, se trabalhasse duro e ganhasse tudo o que podia, não ia ter que mendigar o pão quando ficasse velho.

O massa lançou um olhar de desafio para Chicken George, que não sabia o que dizer e por isso limitou-se a balbuciar:

— Sim, senhor...

— Foi quando eu saí de casa.

Eu tinha 11 anos de idade.

Caí na estrada, pedindo trabalho a todo mundo, fazendo até trabalho de negro. Andava maltrapilho.

Só comia sobras. E guardei tudo que era cent que eu ganhava, até que finalmente comprei meus primeiros 25 acres de mato, juntamente com o meu primeiro negro, chamado George. Foi por causa-dele que dei esse nome a você...

O massa fez uma pausa.

Parecia aguardar uma resposta e por isso Chicken George disse:

— Tio Pompey me falou sobre ele, Massa...

— Pompey chegou depois, foi o meu segundo negro.

Trabalhei lado a lado com o negro George, dando um duro danado, arrancando as árvores, tirando o mato, removendo as pedras, para plantar minha primeira colheita. Foi o Senhor quem me fez comprar um bilhete de rifa de 25 cents e esse bilhete me valeu o meu primeigo galo de briga. Garoto, nunca tive um bicho melhor do que aquele! Mesmo quando ele estava todo cortado, eu remendava, e ele continuou a ganhar uma porção de lutas, mais do que qualquer um já tinha ouvido dizer de outro galo.

Massa Lea fez uma pausa.

— Não sei por que estou sentado aqui perdendo meu tempo a falar essas coisas com um negro. Mas acho que um homem precisa de vez em quando falar essas coisas com alguém.

Outra pausa.

— A gente não pode falar essas coisas com a esposa.

Parece que depois que uma mulher agarra um marido para cuidar dela, passa o resto da vida doente, descansando ou se queixando de alguma coisa. Ou então está sempre passando pó-de-arroz na cara e ficando parecida com um fantasma...

Chicken George mal podia acreditar em seus ouvidos.

Mas o massa continuou, como se não conseguisse controlar-se:

— A gente pode também ficar como a minha família. Uma porção de vezes me perguntei por que nenhum dos meus nove irmãos e irmãs não lutou para deixar aquela vida, como eu fiz. Eles ainda estão vivendo do mesmo jeito, sempre com fome, exatamente como no dia em que fui embora... só que agora cada um tem sua própria família.

Chicken George decidiu que era melhor não dizer nada, nem mesmo um simples “Sim senhor”, enquanto o massa falava a respeito da família. Já vira alguns, falando rapidamente com o massa, quando iam à cidade ou em brigas de galo. Os irmãos do Massa Lea eram os brancos pobres de quem os plantadores ricos e até mesmo seus escravos escarneciam. O massa sempre ficava embaraçado quando encontrava algum deles.

Chicken George já os ouvira muitas vezes lamentarem as dificuldades da vida e pedirem dinheiro. E vira também o ódio espantado nos rostos deles, quando o massa dava 50 cents ou um dólar, que eles iam gastar em aguardente. Chicken George recordou-se das muitas vezes em que ouvira Miss Malizy dizer, quando o massa ainda convidava pessoas de sua família para almoçarem, como eles comiam por três. E no momento em que o massa se afastava, escarneciam dele, como se fosse um cachorro.

— Qualquer um deles podia ter feito o que eu fiz! — exclamou Massa Lea, sentado ao lado de Chicken George, na carroça. — Mas parece que eles não têm a menor iniciativa! Se é assim, que vão todos para o diabo!

O massa ficou novamente em silêncio, mas não por muito tempo.

— De um jeito ou de outro, até que as coisas não andam muito ruins para o meu lado hoje. Tenho um teto razoável para viver, cento e tantos galos de briga, 85 acres com mais da metade plantada, além do cavalo, as mulas, as vacas e os porcos. E uns poucos negros preguiçosos.

— Sim, senhor — disse Chicken George, pensando que talvez fosse aquela a ocasião apropriada para apresentar outra opinião sua.

— Mas nós os negros também trabalhamos duro para o Massa. Pelo mais longe que me lembro, minha mãe, Miss Malizy, Irmã Sarah, Tio Pompey e Tio Mingo... eles não estão

trabalhando o mais duro que podem, Massa? — Antes que o massa pudesse responder, Chicken George abordou um problema que Irmã Sarah mencionara, na última visita que ele fizera à zanga, no domingo anterior.

— A verdade, Massa, é que tirando minha mãe, nenhum deles tem menos de 50 anos...

Ele parou por aí, pois não ia acrescentar a conclusão de Irmã Sarah, de que o massa era ordinário demais para comprar escravos mais jovens, aparentemente preferindo deixar que os poucos que possuía trabalhassem até caírem mortos.

— Não deve ter prestado atenção a tudo o que eu falei, garoto! Nenhum negro jamais trabalhou tão duro quanto eu!

Por isso não venha com essa história dos negros trabalharem duro!

— Sim, senhor.

— Sim senhor o quê?

— Apenas sim, senhor.

Trabalhou um bocado duro, Massa.

— E trabalhei mesmo! Pensa que é fácil ser responsável por tudo e por todos na minha plantação? Pensa que é fácil manter uma porção de galos como eu tenho?

— Claro que não, Massa. Sei que é muito duro para o Massa. — George recordou-se de que Tio Mingo vinha cuidando dos bichos todos os dias, há mais de 30 anos, sem falar nos sete em que ele ajudava. Como um preparativo para destacar os muitos anos de bons serviços de Tio Mingo, ele perguntou inocentemente: — Massa, tem alguma ideia de qual é a idade de Tio Mingo?

Massa Lea pensou por um momento, coçando o queixo.

— Não sei lá muito bem.

Deixe-me ver... Calculei certa vez que ele era uns 15 anos mais velho do que eu, o que o faz ter uns sessenta e poucos anos. E está ficando mais velho a cada dia. Parece que a cada ano ele fica mais doente. O que você acha?

Deve saber melhor do que eu, pois vive lá ao lado dele.

Chicken George recordou-se imediatamente do último acesso de tosse de Tio Mingo, o pior que eleja vira, ao longo daqueles sete anos. Lembrou também de que Miss Malizy e Irmã Sarah haviam ressaltado diversas vezes que o massa encarava qualquer alegação de doença como sendo uma manifestação de preguiça.

— Sabe, Massa, ele passa bem quase que o tempo todo, mas de vez em quando tem uns acessos de tosse que são realmente terríveis. E eu fico com medo, pois Tio Mingo é como um pai para mim.

Já era tarde demais quando Chicken George percebeu o que acabara de dizer. Sentiu no mesmo instante uma reação hostil. Um solavanco da carroça fez com que os galos nas capoeiras se pusessem a reclamar.

Seguiram em silêncio por algum tempo, antes que Massa Lea finalmente perguntasse:

— O que Mingo fez de tão importante assim por você?

Foi ele quem tirou você dos campos e mandou lá para baixo, com uma cabana só para você?

— Foi o Massa quem fez tudo isso.

Houve outro longo momento de silêncio, até que o massa decidiu falar novamente:

— Eu ainda não tinha pensado no que você falou. Mas agora que disse, estou vendo que realmente estou com um bando de negros velhos.

Alguns vão começar a fraquejar daqui a pouco.

Acho que vou ter de comprar um ou dois negros mais jovens para trabalhar nos campos! — Ele virou-se bruscamente para Chicken George. — Está vendo agora o que eu estava falando sobre as coisas com que tenho de me preocupar?

— Sim senhor, Massa.

— Sim senhor, Massa! É essa a resposta que os negros dão para qualquer coisa!

— Não ia querer que os negros discordassem, Massa.

— Mas será que você não pode encontrar alguma coisa para dizer além de “Sim senhor, Massa”?

— Não senhor... Isto é, acho que o massa tem dinheiro para comprar mais negros.

Esta temporada ganhou muito nas brigas de galo. — Chicken George estava querendo passar para um terreno mais seguro e por isso indagou: — Massa, é verdade que tem alguns donos de galos de briga que não têm nenhuma fazenda, que não têm nenhuma colheita, só os bichos?

— Ao que eu saiba, não. A menos que sejam esses patifes da cidade. Mas nunca ouvi dizer que nenhum deles tivesse bichos suficientes para ser levado a sério. — O massa ficou calado por algum tempo, antes de acrescentar: — Para dizer a verdade, quanto maior o número de bichos, maior é a fazenda... como a plantação daquele Sr. Jewett, onde você sempre vai divertir-se.

Chicken George ficou furioso consigo mesmo por ter proporcionado aquela abertura ao massa. Apressou-se em fechá-la, dizendo:

— Não tenho mais ido até lá, Massa. Outro silêncio prolongado e Massa Lea disse:

— Encontrou uma outra negrinha em outro lugar, hem? Chicken George hesitou por um momento, antes de responder:

— Eu agora fico por perto, Massa.

Com isso, ele evitava uma mentira direta. Mas Massa Lea não se deixou convencer:

— Um negro grande e saudável de 20 anos como você? Garoto, não me venha dizer que não está mais escapulindo durante a noite, com tantos rabos quentes por aí! Eu posso até alugar você para procriar algumas negras!

Garanto como ia gostar! — O rosto do massa se contraiu numa expressão lúbrica. — Um amigo meu diz que as negras têm um rabo um bocadinho quente. Isso é verdade, garoto?

Chicken George recordou-se do massa com sua mãe.

Fervendo de ódio por dentro, ele disse bem devagar, quase friamente:

— Talvez tenham, Massa. Não conheço tantas assim.

— Você não vai querer me dizer para onde vai quando escapa da minha plantação de noite. Mas sei exatamente para onde você vai e quantas vezes vai. Não quero que as patrulhas atirem em você, como aconteceu com aquele negro tratador dos galos do Sr. Jewett. Por isso, vou fazer uma coisa para você, garoto.

Assim que a gente voltar, vou escrever um passe para você poder sair todas as noites e ir atrás do rabo quente que quiser. Nunca pensei que um dia eu ainda faria uma coisa dessas para um negro!

Massa Lea parecia estar quase embaraçado. Para disfarçar, franziu o rosto e disse severamente:

— Mas uma coisa eu vou dizer a você, garoto! A primeira vez que se meter numa encrenca, não voltar antes do dia amanhecer, parecer cansado demais para trabalhar ou eu descobrir que esteve novamente na plantação Jewett ou em qualquer outro lugar onde não deveria ter ido, vou rasgar o passe... e arrancar seu couro.

Está entendendo?

Chicken George estava incrédulo. -Massa, não sabe como eu agradeço por isso!

Massa Lea sacudiu a mão, para dispensar os agradecimentos, retomando a expressão jovial.

— Está vendo agora que eu não sou tão ruim quanto vocês negros dizem. Não podem dizer que não sei tratar bem um negro quando estou querendo. — A expressão lúbrica retornou. — Mas agora me diga, garoto: as negras são mesmo quentes? Quantas você pode montar numa noite? Um conhecido meu disse que os negros nunca se cansam. É esse o seu caso?

— Não, senhor, Massa. Isto é, não é bem assim...

— Lá vem você de novo com essa conversa fiada!

— Não é isso não, Massa! É que agora... — Chicken George hesitou. Estava fazendo um esforço para parecer o mais sério possível.

— Eu queria dizer uma coisa que nunca disse a ninguém antes, Massa! Sabe aquele Massa MacGregor que aparece com galos amarelos nas brigas?

— Claro que conheço. Nós dois sempre conversamos.

Mas o que tem ele a ver com o que estamos falando?

— É isso o que estou querendo falar com alguém com quem eu realmente possa falar, Massa! Tem uma garota lá que está-me deixando maluco! O nome dela é Matilda e trabalha nos campos e ajuda na casa grande quando é preciso. Massa, é a primeira garota que não deixa eu tocar nela, não importa o que eu diga ou tente! O máximo que eu consigo é ela me dizer que gosta de mim, mas não suporta o jeito como eu sou. Eu disse a ela que também não gostava do jeito que ela era, que eu podia ter todas as mulheres do mundo que eu quisesse. E ela me disse para eu então ir ter essas mulheres e deixasse ela em paz!

Massa Lea estava incrédulo, tão incrédulo quanto Chicken George ficara enquanto o escutava.

— E tem mais, Massa! Cada vez que eu apareço lá, ela fica citando a Bíblia para mim!

Ela disse que lia a Bíblia porque tinha um massa que era pregador e que depois vendeu todos os negros que tinha, por causa de sua religião. Vou contar como ela é religiosa, Massa! Um dia ela ouviu dizer que um bando de negros libertos ia dar uma festa grande na floresta com muita comida, bebida e dança. Essa garota ainda não tinha 17 anos e escapuliu da plantação de Massa MacGregor e foi até lá, chegando quando a festa estava esquentando. Eles disseram que ela começou a fazer a maior confusão, gritando pelo Senhor para vir salvar aqueles pecadores antes de o demônio aparecer e levar eles para os fogos do inferno. Todos os negros libertos saíram correndo de lá, cada um para um lado!

Massa Lea desatou a rir.

— Uma coisa posso dizer: parece que é uma garota dos diabos!

— Massa... — Chicken George hesitou. — Antes de eu conhecer ela, eu pegava tudo o que era garota que aparecia, só pensando na quentura delas. Mas ela me fez sentir que tem mais alguma coisa que apenas isso. Um homem tem que começar a pensar em “pular a vassoura” com uma boa mulher... — Chicken George estava atônito com o que acabara de dizer. E acrescentou, debilmente: — Isto é, se ela também quiser... — Depois de uma breve pausa, ele voltou a falar, ainda mais debilmente:

— E se o massa não tiver nenhuma objeção...

Seguiram em silêncio por algum tempo, ouvindo os rangidos da carroça e o barulho dos galos, antes que Massa Lea finalmente dissesse:

— O Sr. MacGregor sabe que você anda cortejando essa garota dele?

— Acho que não, Massa.

Como ela trabalha nos campos, nunca diz nada diretamente a Massa MacGregor. Mas os negros da casa grande sabem.

Depois de outro longo intervalo, Massa Lea indagou:

— Quantos negros o Sr. MacGregor tem?

— Ele tem uma plantação grande, Massa. Pelo tamanho da senzala, acho que ele tem uns 20 negros ou mais, Massa.

George estava inteiramente confuso com as perguntas inesperadas. Depois de mais outro silêncio, o massa disse:

— Estou pensando... Desde que você nasceu que nunca me deu nenhum problema.

Para dizer a verdade, você tem até me ajudado bastante.

Por isso, vou fazer uma coisa por você. Ouviu eu dizer que estou precisando de uns negros mais jovens para trabalharem nos campos. Se essa garota for tola o bastante para “pular a vassoura” com alguém que nunca vai deixar de correr atrás de um rabo quente, como eu sei que é o seu caso, então vou ter uma conversa com o Sr. MacGregor. Se ele tem tantos negros como você diz, não vai sentir falta de uma garota que trabalha nos campos... se a gente conseguir ajustar um preço razoável. Você vai poder então trazer essa garota para a plantação. Como é mesmo o nome dela?

— Tilda... Matilda, Massa. — Chicken George estava tremulo, sem saber se ouvira direito.

— Se tudo der certo — disse o massa — vai poder levar ela para a minha plantação, construir uma cabana para vocês dois...

George mexeu com a boca, mas não conseguiu emitir qualquer ruído. E finalmente balbuciou:

— Só os massas de alta classe é que fazem isso!

Massa Lea resmungou inteligivelmente, sacudindo a mão.

— Só quero que você não se esqueça de que o seu lugar é ao lado de Mingo!

— Mas é claro, Massa!

Armando uma carranca, Massa Lea apontou o dedo indicador esticado para o peito de Chicken George.

— Mas depois que você estiver amarrado, vou tirar aquele seu passe! Vai ajudar essa tal de Matilda a manter você dentro de casa, que vai ser o seu lugar!

Chicken George e Matilda casaram-se em agosto de 1827. Na primavera de 1828, Matilda deu à luz um menino.



Tirando o chapéu-coco com uma das mãos, Chicken George estendeu com a outra, na direção de Massa Lea, um pequeno recipiente de água, que parecia feito com arames entrançados.

— Foi o meu menino Tom, aquele que demos o seu nome, Massa que fez isso, para dar de presente para a avó dele. Mas eu quis antes mostrar ao Massa.

Com uma expressão desconfiada, Massa Lea pegou a caneca pelo cabo de chifre de boi e examinou-a rapidamente.

— Hum, hum... — resmungou ele, cautelosamente. George compreendeu que teria de insistir.

— E ele fez isso com pedaços enferrujados de arame farpado Massa! Fez uma fogueira e ficou derretendo e entortando um arame contra outro até ficar com a forma que ele estava querendo.

Aquele Tom sempre foi jeitoso, Massa...

Chicken George parou novamente, esperando alguma reação Mas não houve nenhuma. Percebendo que teria de revelar sua verdadeira intenção sem contar com a vantagem tática de alguma reação positiva à habilidade de Tom, ele decidiu não esperar mais:

— Esse menino sempre teve orgulho de carregar seu nome por toda a vida, Massa. E a gente acha que, se ele tiver uma chance, pode dar um bom ferreiro para o Massa...

A expressão de Massa Lea tornou-se imediatamente de desaprovção, como se fosse um reflexo, o que aumentou a determinação de George de não fracassar na promessa que fizera a Matilda e Kizzy de fazer tudo para ajudar Tom. Teria que recorrer ao que sabia ser o apelo mais forte para Massa Lea: as possíveis vantagens financeiras.

— Massa, podia economizar o dinheiro que gasta todos os anos com ferreiros! Nenhum de nós jamais contou como Tom já está economizando o seu dinheiro, amolando as enxadas e as foices e fazendo uma porção de outras coisas.

Ele sempre conserta as coisas que se quebram por aqui Foi por isso que pensei nisso quando o Massa me mandou até o negro ferreiro Isaiah para botar as novas proteções de ferro das rodas da carroça e ele me disse que Massa Askew está há anos prometendo a ele um ajudante que ele precisa muito, tanto é o trabalho que ele está fazendo para ganhar dinheiro para seu massa. Ele me disse que podia fazer um bom ferreiro de qualquer garoto bom que caísse nas mãos dele. Aí eu comecei a pensar no om. Se ele aprender tudo, Massa, vai poder fazer tudo o que a gente precisa por aqui e ainda vai trabalhar para ganhar muito dinheiro para o Massa, como aquele negro Isaiah está fazendo para Massa Askew!

George teve a impressão de que atingira o alvo, mas não pôde ter certeza, pois o massa nada deixou transparecer.

— Estou começando a pensar que esse seu garoto passa mais tempo a fazer essas coisas do que trabalhando — comentou Massa Lea, devolvendo a caneca a George.

— Tom não faltou um só dia desde que começou a trabalhar nos campos, Massa!

Ele só faz essas coisas quando está de folga nos domingos. E desde que ele teve idade suficiente que anda fazendo. Parece que consertar e fazer coisas está no sangue dele. Ele passa os domingos inteiros naquele pequeno telheiro, atrás do celeiro, que ele mesmo fez, fazendo uma coisa e outra. E ele fica até com medo de incomodar o massa ou amissis.

— Vou pensar no caso — disse Massa Lea, virando-se abruptamente e afastando-se.

Chicken George continuou parado no mesmo lugar, desconcertado e frustrado, com a caneca na mão. Tinha a impressão de que o massa agira daquela forma brusca deliberadamente.

Miss Malizy estava na cozinha, descascando nabos, quando o massa entrou. Ela limitou-se a virar a cabeça, não mais se levantando imediatamente, como teria feito anos antes. Mas achava que o massa não se importava, já que ela atingira aquela idade de serviço em que se podia permitir pequenas infrações.

Massa Lea foi direto ao assunto:

— O que acha daquele menino chamado Tom?

— Tom? Está falando do Tom de Tilda, Massa?

— Quantos Toms existem por aqui? Sabe de quem estou falando, não é?

Miss Malizy sabia perfeitamente do motivo da pergunta. Alguns minutos antes, Vovó Kizzy lhe contara da incerteza de Chicken George quanto à reação do massa sobre a proposta que lhe apresentara. A opinião que ela tinha a respeito do jovem Tom era tão favorável — e não apenas porque ele fizera os ganchos novos para pendurar suas caçarolas — que resolveu hesitar um pouco, para parecer imparcial.

— A gente não ia escolher para conversar, Massa, pois aquele menino nunca foi muito de falar. Mas acho que posso dizer que ele é o garoto mais esperto que tem por aqui! — Miss Malizy fez uma pausa para dar mais ênfase a sua declaração. — E digo até que ele vai crescer para ser mais homem do que o pai numa porção de coisas!

— Sobre o que está falando?

Em que coisas?

— Nas coisas de homem, Massa. Ele é mais sólido e mais digno de confiança, não gosta de bobagens e coisas assim. Vai ser o tipo de homem que vai dar um marido muito bom para alguma mulher.

— Espero que ele não esteja pensando em casar, pois acabei de deixar o mais velho... como é mesmo o nome dele?

— Virgil, Massa.

— Isso mesmo. E todo fim de semana ele vai correndo deitar com ela lá na plantação Curry, quando devia estar aqui trabalhando!

— Isso não acontece com o Tom, Massa. Ele ainda é muito moço para pensar nessas coisas. E mesmo depois que ele crescer acho que não vai ser muito apressado, preferindo esperar até encontrar a garota certa.

— Você está velha demais para saber como são os negros jovens de hoje em dia.

Eu não ficaria surpreso se um deles largasse meu arado e minha mula no meio dos campos e saísse correndo atrás de uma garota.

— Concordo se está falando daquele Ashford, Massa, pois ele corre atrás das mulheres igualzinho ao pai. Mas Tom não é desse tipo.

— Está bem, está bem. Se eu for acreditar no que me está dizendo, parece que o garoto pode dar para alguma coisa.

— Pode acreditar no que todos nós falamos sobre ele, Massa — disse Miss Malizy, mal

conseguindo esconder sua alegria. — Não sei por que está perguntando sobre o Tom, mas pode estar certo de que é o melhor daqueles meninos.

Massa Lea deu a notícia a Chicken George cinco dias depois.

— Acertei tudo para o seu Tom ir morar lá na plantação Askew, para um aprendizado de três anos com o negro ferreiro Isaiah.

George ficou tão exultante que teve de se esforçar para conter o impulso de agarrar a mão do massa e sair a rodopiar com ele. Em vez disso, sorriu de orelha a orelha e começou a balbuciar um agradecimento.

— Acho bom você estar certo com relação a seu menino, George. Foi pelo que você me disse que o recomendei a Massa Askew. Se não for tão bom quanto você diz, trarei ele de volta imediatamente. E se ele sair da linha, se trair minha confiança, arrancarei o couro dele e o seu também.

Está entendido?

— Ele não vai desapontar, Massa. Tem minha promessa.

Aquele é um menino como os de antigamente.

— É justamente disso que tenho medo. Apronte o menino para partir amanhã de manhã.

— Obrigado, Massa. Juro que não vai se arrepender.

Assim que o massa foi embora, Chicken George correu para a senzala o mais depressa possível. Estava tão cheio de orgulho ao dar a notícia que nem reparou no sorriso contrariado que foi trocado entre Kizzy e Matilda, as duas responsáveis pela insistência dele junto ao massa. Um momento depois, George estava na porta da cabana, gritando:

— Tom! Tom! Ei, Tom!

— Estou aqui. Papai!

A resposta vinha de detrás do celeiro.

— Venha até aqui, menino!

Um momento depois, a boca de Tom estava tão escancarada quanto os olhos estavam arregalados. A notícia incrível era uma total surpresa para ele, pois não lhe haviam contado coisa alguma, para não desapontá-lo se a tentativa malograsse. Por mais contente que estivesse, no entanto, Tom ficou constrangido com os parabéns e aproveitou a primeira oportunidade para escapulir... em parte para poder absorver a ideia de que seu sonho se transformara em realidade. Ele não havia percebido que, enquanto estava na cabana, suas irmãs pequenas, Kizzy e Mary, tinham saído e corrido a contar a notícia aos outros irmãos.

O magro Virgíl estava acabando as suas tarefas no celeiro, antes de partir para a plantação de sua esposa.

Limitou-se a resmungar alguma coisa baixinho e depois se afastou correndo.

Tom ficou a contemplá-lo, sorrindo. Virgíl parecia estar permanentemente atordoado desde que pulara a vassoura.

Tom ficou tenso quando viu Ashford, corpulento e forte em seus 18 anos, aproximar-se, seguido pelos irmãos mais moços James e Lewis. Depois de quase uma vida inteira de hostilidade entre ele e Ashford, Tom não ficou surpreso com a amargura estampada no rosto do irmão.

— Você sempre bajulou todo mundo, só para conseguir os favores! E agora vai ficar rindo da gente continuar a trabalhar nos campos!

Ele fez um gesto de que ia desferir um soco em Tom, deixando James e Lewis boquiabertos. Mas não chegou a consumir o golpe.

— Espere só que um dia ainda vou acertar contas com você!

— E Ashford afastou-se. Tom ficou olhando, pensativo, imaginando se um dia ele e Ashford ainda teriam uma confrontação decisiva.

O que Tom ouviu do “Pequeno George” foi uma manifestação de amargura diferente:

— Eu também gostaria de ir embora daqui, porque papai me faz trabalhar como um doido lá embaixo. Só porque eu tenho o nome dele, ele acha que eu também tenho de gostar daqueles galos. Mas eu odeio aqueles bichos fedorentos!

Quanto a Kizzy, de dez anos, e Mary, de oito, depois de espalharem a notícia, passaram a segui-lo por toda parte, pelo resto da tarde, os olhares tímidos deixando claro que ele era o irmão predileto e adorado.

Na manhã seguinte, depois de verem Tom partir com Virgil na carroça, Kizzy, Irmã Sarah e Matilda foram trabalhar nos campos. Mal tinham começado quando Vovó Kizzy comentou:

— Alguém que visse a gente fungando e chorando lá em cima ia pensar que a gente nunca mais vai ver aquela criança.

— Não é mais uma criança! — exclamou Sarah. — Aquele Tom vai ser o próximo homem neste lugar!



Na memória de Chicken George, nunca houve tanto entusiasmo entre os criadores de galos de briga da Carolina do Norte como no final de novembro de 1855, quando se espalhou a notícia de que o rico Massa Jewett estava hospedando em sua casa um criador da Inglaterra, que trouxera do outro lado do oceano 30 dos seus bichos, todos purosangues “Old English Game”, que diziam ser a melhor raça de galos de briga que existia no mundo inteiro. Segundo a notícia, o inglês, Sir C. Eric Russell, aceitara um convite escrito de Massa Jewett para lançar seus galos contra alguns dos melhores representantes dos Estados Unidos. Como eram amigos há muito tempo, decidiram que não poriam os respectivos galos a lutarem uns contra os outros. Cada um apresentaria 20 galos escolhidos, para enfrentarem 40 galos desafiantes, cujos proprietários teriam de se cotizar para cobrir o prêmio principal de 30 mil dólares.

As apostas paralelas para cada luta seriam no mínimo de 250 dólares. Outro rico criador local ofereceu-se para organizar os 40 desafiantes, aceitando apenas cinco galos de cada um dos outros sete proprietários além dele.

Massa Lea nem precisou dizer a seu veterano treinador que ia tentar ganhar um quinhão de um prêmio tão elevado. Ao voltar para a plantação, depois de pagar sua parte de 1.875 dólares, ele disse a Chicken George:

— Temos seis semanas para preparar cinco galos.

Quando faltava apenas uma semana para a grande competição, Massa Lea deixou a plantação a cavalo e só voltou no dia seguinte, trazendo seis pares das melhores puas de aço sueco que existiam no mercado, afiadas em toda a sua extensão, as pontas finas como agulhas.

Depois de uma avaliação crítica final, dois dias antes das lutas, os oito galos selecionados pareciam tão perfeitos que simplesmente não havia meio de se determinar quais os cinco melhores. O massa resolveu levar os oito, para decidir no último minuto quais os que seriam escolhidos.

Disse a Chicken George que partiriam à meia-noite do dia seguinte, a fim de chegarem cedo e, tanto os galos como eles próprios, poderem descansar da longa viagem, antes das grandes lutas.

Chicken George sabia que o massa estava tão ansioso quanto ele para chegar ao local da rinha.

A longa viagem pela noite transcorreu sem qualquer novidade. Olhando para a lanterna pendurada na lança da carroça, entre as duas mulas, Chicken George pensava na discussão recente que tivera com Matilda, por causa de dinheiro. Disse a si mesmo, ressentido, que sabia melhor do que a esposa quantos anos de paciente economia aquilo representava. Afinal, não tinham sido os esforços dele, em dezenas e dezenas de hackfights, que haviam possibilitado a conquista daquele dinheiro? E depois de todos aqueles anos a juntar dinheiro, fora uma verdadeira bênção que o massa lhe tivesse confidenciado que

estava precisando de mais dinheiro para apostar nas lutas, não só para fazer um bom papel diante daqueles massas ricos e altivos, mas também para ganhar o dinheiro deles. Chicken George radeou, sorrindo, o espanto de Massa Lea quando ele dissera:

— Tenho cerca de dois mil dólares guardados que pode usar para apostar, Massa.

Depois de recuperar-se do choque, Massa Lea agarrara e sacudira a mão de seu treinador, dando sua palavra de que Chicken George iria receber até o último cent das apostas feitas com o dinheiro dele e acrescentando:

— Você vai pelo menos dobrar o dinheiro que tem! — O massa hesitara por um momento, antes de finalizar:

— Garoto, o que vai fazer você com quatro mil dólares?

Naquele momento, Chicken George decidira fazer uma jogada ainda mais alta: revelar por que estava guardando dinheiro há tanto tempo e com tanto esforço.

— Massa, não quero que me leve a mal. Reconheço tudo de bom que o massa fez por mim e pelos meus. Mas eu e Tilda andamos conversando e achamos que talvez a gente podia comprar a nossa liberdade e das crianças e passar o resto dos nossos dias livres! — Vendo que o massa estava espantado, Chicken tornara a suplicar: — Pelo amor do Senhor, Massa, não leve a gente a mal...

E nesse momento Chicken George tivera uma das experiências mais emocionantes de sua vida, pois Massa Lea lhe dissera:

— Garoto, vou dizer a você o que eu tenho pensado sobre essas lutas em que a gente vai entrar. Estou pensando que vai ser a minha última. Acho que você nem percebe, mas já estou com 78 anos. Há mais de 50 anos que estou correndo de um lado para outro em todas as temporadas, preocupado em criar e treinar esses bichos. Já estou farto disso. E vou lhe dizer uma coisa, garoto! Com a minha parte do prêmio principal e com as apostas paralelas, acho que vou ganhar o suficiente para construir outra casa para mim e minha mulher. Já não quero mais uma mansão imensa como antigamente, basta uma casa nova com cinco ou seis cômodos. Eu ainda não tinha pensado nisso até que você tocou no assunto, mas não vamos mais precisar de uma porção de negros para ter que sustentar. Sarah e Malizy podem cozinhar e cuidar de uma horta para a gente. E com dinheiro bastante no banco, nunca mais vou ter que mendigar por coisa alguma...

Chicken George mal estava respirando, quando o massa acrescentara:

— Por isso eu vou dizer a você o que farei, garoto!

Vocês todos me serviram muito bem e nunca me criaram nenhum problema de verdade. A gente vence essas lutas e pelo menos dobramos o dinheiro. Você me dá o que tem, os quatro mil dólares, e fica tudo acertado. E você sabe muito bem que vocês valem pelo menos o dobro disso. Eu nunca contei a você, mas aquele Jewett uma vez me ofereceu quatro mil dólares só por você. E eu recusei! E vocês todos poderão ficar livres, se é isso o que estão querendo.

Subitamente em lágrimas, Chicken George se adiantara para abraçar Massa Lea, que se desviara rapidamente, embaraçado.

— Ó Senhor, Massa, acho que não tem ideia do que está dizendo! A gente quer tanto ser livre!

A voz de Massa Lea, ao responder, estava estranhamente rouca:

— Não sei por que todos vocês, negros, querem ser livres, sem ter ninguém para cuidar de vocês. E sei que minha mulher vai ficar furiosa, achando que estou dando vocês de graça. Só aquele menino ferreiro, o Tom, vale pelo menos 2500 dólares. E isso sem falar no dinheiro que ele está ganhando para mim! — Rudemente, o massa empurrara George. —

Suma da minha frente, negro, antes que eu mude de ideia! Diabo!

Acho que fiquei maluco! Mas espero que sua mulher e sua mãe descubram que eu não sou tão ruim como elas acham!

O dia começava a raiar quando eles avistaram o local da rinha, já ocupada por uma multidão heterogênea, que se espalhava por um pasto adjacente, onde aumentava a cada momento a quantidade de carroças, charretes, cavalos e mulas.

— TawmLea!

Era um grupo de brancos pobres que estava gritando, ao ver o massa descer da carroça.

— Acabe com eles, Towm!

Ajustando o seu chapéu-coco preto, Chicken George viu o massa acenar cordialmente para o grupo, mas sem parar de caminhar. Ele sabia que o massa oscilava entre o orgulho e o constrangimento diante de sua popularidade no meio dos brancos-pobres.

Depois de meio século como criador de galos de briga, Massa Lea se transformara numa figura lendária. Aos 78 anos, a sua capacidade de cuidar dos bichos na rinha parecia não ter diminuído.

Mas pouco depois a atenção geral se concentrou no próprio nobre inglês, estranhamente vestido, baixo, corpulento, de cara vermelha, dono dos galos que iriam enfrentar os de Massa Lea.

Ele estava sentado ao lado de Massa Jewett numa pequena carruagem aberta que avançara por entre a multidão. Os dois exibiam toda a importância que sabiam possuir e o inglês, inclusive, não ocultava um ar de altivez, até de desdém pela multidão agitada.

As lutas começaram e não demorou muito que Chicken George ouvisse o juiz gritar:

“Os próximos cinco galos desafiantes são de propriedade e serão apresentados pelo Sr. Tom Lea, do Condado de Cas well.”

George correu então até à carroça para trazer para a rinha os oito galos e a cesta com medicamentos de emergência, onde não faltava, para dar sorte, um pé de coelho. Massa Lea escolheu um esplêndido galo escuro para a primeira luta e o inglês apresentou outro, cuja magnífica plumagem azulada brilhava ao sol. Colocados os dois bichos, na balança o de Massa Lea, com três quilos, era apenas poucos gramas mais pesado do que o adversário.

Nesse momento, sobre o vozerio da multidão ouviu-se a voz alta, o inglês que se dirigia a Massa Lea:

— Senhor Lea, os nossos galos são de primeira qualidade e imagino que, talvez, aceitasse fazer uma aposta pessoal comigo. — Após ligeira pausa, concluiu:

— Que tal dez mil dólares?

A multidão quieta, em respeitoso silêncio, ouviu a pronta resposta de Massa Lea:

— Que acha se dobrarmos a parada para vinte mil?

Chicken George estava horrorizado porque sabia perfeitamente que aquela quantia representava para o seu amo tudo o que possuía na vida, sua casa, a terra, os escravos e até as economias dele próprio, Chicken George! Mas apesar do seu horror, confiava no esplêndido galo escuro que ele criara e treinara.

A luta começou selvagem.

Os dois bichos partiram um para o outro tão logo foram soltos, cada um procurando atingir o adversário com violentas bicadas e esporadas desferidas em pleno salto, encontrando-se no ar a meia altura, e assim seguiram até chegar ao descanso de 30 segundos ordenado pelo juiz e aproveitado pelos proprietários para cuidar dos seus galos e prepará-los para o prosseguimento da luta.

Esta se reiniciou com a mesma violência.

O primeiro sangue a correr foi do galo do massa, ferido no peito. Chicken George acompanhou, com a respiração presa, a reação do galo escuro, que sofreu ainda outros ferimentos, mas conseguiu por fim desferir uma esporada que atingiu o galo do inglês no coração, prostrando-o por terra, morto.

Foi um golpe tão súbito, que se passaram alguns segundos até que a multidão prorrompesse em aplausos.

Vamos ser livres, era o pensamento dominante de Chicken George, enquanto o inglês caminhava em direção ao seu amo e parava a um metro de distância, à sua frente.

— Foi uma brilhante vitória — disse ele — mas acho que qualquer um dos dois poderia ter vencido. Foi a disputa mais igual que já presenciei.

Como fui informado de que o senhor é um perfeito desportista, quem sabe gostará de casar o dinheiro em jogo noutra luta... o vencedor leva tudo!

A atenção geral se concentrou em Massa Lea, que por uma fração de segundo pareceu hesitar.

Todos os olhares convergiam para ele, que respondeu num tom de voz formal que não lhe era característico.

— Perfeito, meu senhor. Terei prazer em aceitar a sua proposta de uma outra luta.

A multidão permanecia em silêncio, como que atônita por nunca ter visto ali coisa igual. O experiente Chicken George aprovou a escolha do massa quando este pegou o galo “De Hawk”, ao mesmo tempo em que o inglês se apressava em apanhar um galo acinzentado e forte. Na balança, acusaram o mesmo peso: três quilos e meio.

A luta teve um desfecho inesperadamente rápido.

Quando todos esperavam que os galos, assim que os soltassem, comesçassem a saltar para atingir o adversário no ar com os seus esporões armados, eles permaneceram no chão a trocar, furiosamente, golpes com as asas e com os bicos... e de repente, num golpe tão violento quanto inesperado, o galo do inglês conseguiu atingir “De Hawk” que tombou no chão em agonia.

— Meu Deus, meu Deus — exclamou Chicken George em desespero, correndo para socorrer o bicho, pobre bicho que jazia no solo mortalmente ferido. Em torno da rinha, os fazendeiros felicitavam o inglês e Massa Jewett, um contraste com o que se passava com Massa Lea, uma triste e solitária figura, totalmente perdida no meio daquela multidão.

Finalmente, Sir C. Eric Russell dirigiu-se para o perdedor e disse:

— Hoje não era o seu dia de sorte.

Massa Lea conseguiu esboçar um sorriso e Sir C.

Eric Russell prosseguiu:

— Quanto à aposta, compreendo que ninguém carregue oitenta mil dólares nos bolsos todos os dias, portanto, que tal fazermos as contas amanhã? Digamos à tarde — fez uma pausa — depois da hora do chá na casa do Sr. Jewett.

Massa Lea concordou como um autômato.

A viagem de volta à casa foi longa e triste. Rodaram por um longo tempo em silêncio, até que o massa falou:

— George, tenho uma coisa horrível para dizer a você. — Fez uma pausa procurando as palavras certas. — Não sei muito bem como é que posso dizer. Mas você sabe que não tenho nem a metade do dinheiro que os outros pensam que eu tenho. Para dizer a verdade, tirando uns poucos milhares de dólares que tenho de reserva, todos os meus bens se limitam à casa, às terras e aos negros.

Ele vai vender a gente, pressentiu George.

— O problema é que tudo isso não dá a metade do que eu fiquei devendo àquele filho da puta daquele inglês! Mas ele me fez uma proposta... — o massa hesitou novamente — ele falou sobre você, George, na frente de todo o mundo, dizendo que os meus galos eram muito bem treinados...

O massa respirou fundo, enquanto George prendia a respiração.

— Parece que ele está precisando substituir um treinador que perdeu lá na Inglaterra faz pouco tempo, George, e disse que seria divertido levar um treinador negro. — O massa não se atrevia a fitar os olhos incrédulos de George e passou a falar mais bruscamente. — Para encurtar a conversa, George, ele me propôs que eu lhe entregasse todo o dinheiro que tenho, além do que conseguir pela hipoteca da plantação. E ainda quer levar você para a Inglaterra, pelo tempo suficiente para preparar um outro treinador. Ele disse que não deve demorar mais que dois anos. E, com isso, minha dívida com ele ficaria saldada. — O massa fez um esforço para fitar George nos olhos. — Não posso dizer o quanto lamento tudo isso, George... Mas não tenho alternativa. Se eu não concordar, estou arruinado, perderei tudo o que conquistei na vida com muito esforço.

George não conseguia encontrar nada para falar. E que poderia ele dizer? Afinal, era escravo do massa.

— Sei que você também está sem nada, George. Mas vou procurar dar uma compensação a você.

Prometo que cuidarei de sua mulher e dos seus filhos enquanto você estiver longe.

E no dia em que você voltar... — Massa Lea parou de falar. Meteu a mão no bolso e tirou um papel dobrado, que abriu e mostrou a Chicken George. — Sabe o que é isso? Eu escrevi ainda há pouco. Está olhando para o seu documento legal de libertação, garoto! Vou guardar isso comigo para lhe entregar no dia em que voltar!

Depois de contemplar por um momento os misteriosos sinais que cobriam quase toda a superfície do papel branco, Chicken George fez um tremendo esforço para controlar sua fúria. A voz estava calma quando disse:

— Massa, eu ia comprar a liberdade de todos nós! Agora já não tenho mais nenhum vintém e está-me mandando para o outro lado do oceano, para longe da minha esposa e dos meus filhos. Por que não pode libertar todos eles agora, em vez de esperar eu voltar para libertar a mim?

Os olhos de Massa Lea se estreitaram.

— Não preciso que me diga o que fazer, garoto! Não foi culpa minha se você perdeu aquele dinheiro! Estou até oferecendo fazer por você muito mais do que deveria! É esse o problema de vocês, negros! Acho melhor tomar cuidado com o que fala! — O rosto do massa estava ficando cada vez mais vermelho. — Se não fosse pelo fato de você ter passado toda a vida na minha plantação, eu ia lhe dar uma lição e tanto!

George fitou-o em silêncio por um momento, depois sacudiu a cabeça.

— Se toda a minha vida significa alguma coisa para si, Massa, por que está encrencando ela desse jeito?

A expressão de Massa Lea tornou-se fria e impiedosa.

— Trate de arrumar tudo o que pretende levar na viagem, assim que chegarmos! Você vai partir para a Inglaterra sábado que vem!



Com Chicken George longe, a sorte perdida e talvez também a coragem, a fortuna do massa continuou a declinar rapidamente. No início, ele determinou que o Pequeno George cuidasse dos galos em tempo integral. Mas ao final do terceiro dia, o massa descobriu que as vasilhas de água de vários cercados estavam vazias.

Pequeno George, gordo e preguiçoso, foi imediatamente dispensado do serviço, sob as mais terríveis ameaças. O rapaz mais moço, Lewis, de 19 anos, foi transferido dos campos para assumir o trabalho.

Preparando-se para as competições da temporada que ainda faltavam, Massa Lea foi obrigado a se encarregar pessoalmente do treinamento dos galos, já que Lewis nada sabia a respeito.

Ele acompanhava o massa aos diversos locais das lutas.

Nesses dias, a família se reunia de noite, aguardando o retorno de Lewis para saber o que acontecera.

Lewis sempre dizia que os galos do massa haviam perdido mais do que vencido.

Algum tempo depois, ele começou a ouvir os homens comentarem abertamente que Tom Lea andava pedindo dinheiro emprestado para apostar.

— Parece que quase ninguém mais quer falar com o massa.

Eles cumprimentam e acenam de passagem, fugindo do massa como se fosse da praga.

— É isso mesmo... a praga de saber que ele agora é pobre — comentou Matilda.

— O mesmo branco pobre que ele nunca deixou de ser! — rematou Irmã Sarah.

Os escravos logo descobriram que Massa Lea começara a beber muito, quase todos os dias, ao mesmo tempo que brigava cada vez mais com Missis Lea.

— Aquele velho nunca foi tão ruim assim! — disse Miss Malizy uma noite. — Está sempre gritando e praguejando mesmo quando a missis nem olha para ele. E quando ele não está em casa, a missis passa o tempo todo chorando. E nem quer ouvir falar naqueles galos!

Matilda ficava escutando, emocionalmente esgotada, de tanto que chorava e rezava desde que seu Chicken George se fora. Ela contemplava as filhas adolescentes e os seis filhos adultos e fortes, três deles já casados e com filhos.

Finalmente, os olhos dela se fixaram no filho que era ferreiro, Tom, como se desejasse que ele dissesse alguma coisa. Mas quem falou foi Lilly Sue, a esposa grávida de Virgíl, que estava fazendo uma visita, vinda da plantação Curry, à qual ela pertencia. E a voz dela estava impregnada de medo:

— Não conheço o massa de vocês tão bem quanto vocês, mas estou com o pressentimento de que ele vai fazer alguma coisa terrível.

Todos ficaram em silêncio.

Ninguém desejava arriscar um palpite, pelo menos em voz alta.

Depois do café, na manhã seguinte, Miss Malizy saiu apressadamente da cozinha e foi até a oficina de ferreiro de Tom.

— O massa disse para você selar o cavalo dele e levar lá para a frente. Tom. Depressa, Tom, pelo amor do Senhor!

As coisas que ele está dizendo para a pobre missis são terríveis.

Sem dizer nada, Tom selou o cavalo e foi prendê-lo num poste na frente da casa. Já estava-se afastando quando Massa Lea saiu cambaleando pela porta.- Com o rosto já vermelho de bebida, ele montou no cavalo com alguma dificuldade e partiu a galope, balançando na sela.

Por uma janela entreaberta, Tom pôde ouvir Missis Lea, que chorava desesperadamente. Sentindo-se constrangido por ela, ele voltou rapidamente para o telheiro onde tinha sua oficina. Estava começando a ajeitar a ponta rombuda de um arado quando Miss Malizy tornou a aparecer.

— Tom, acho que o massa vai acabar se matando, se continuar desse jeito, com quase 80 anos como ele está!

— Se quer saber a verdade, Miss Malizy, acho que é justamente isso o que o massa está tentando fazer.

Massa Lea voltou no meio da tarde, acompanhado por outro homem branco, também a cavalo. De seus respectivos postos de observação, na cozinha e na oficina de ferreiro, Miss Malizy e Tom ficaram surpresos ao verem que os dois não desmontaram e entraram na casa grande para tomarem um drinque, como sempre acontecera antes com todos os convidados. Em vez disso, eles continuaram em frente, na direção do local de criação dos galos de briga.

Meia hora depois, Tom e Miss Malizy viram o visitante voltar, sozinho, galopando apressadamente, com uma assustada galinha de raça debaixo do braço.

Tom pôde reparar que a expressão do homem era furiosa.

Naquela noite, na reunião habitual na senzala, Lewis contou o que acontecera:

— Quando ouvi os cavalos se aproximando, dei um jeito para o massa ver que eu estava trabalhando e depois fui me esconder por trás de uma moita, de onde eu podia ver e ouvir tudo. Depois de discutirem um bocado, eles combinaram o preço de cem dólares por uma galinha que estava chocando um punhado de ovos. O homem contou o dinheiro, depois o massa contou outra vez, antes de meter no bolso. Logo depois os dois começaram a discutir, o homem dizendo que os ovos que a galinha estava chocando também faziam parte do negócio. O massa começou a praguejar que nem um louco. Ele correu para pegar a galinha e esmigalhou todos os ovos com os pés. Os dois já estavam quase brigando quando o outro homem arrancou a galinha do massa, montou no cavalo e gritou que teria arrebatado a cabeça do massa se ele não fosse tão velho.

A inquietação da família de escravos ia aumentando a cada dia que passava.

Nenhum deles tinha um sono tranquilo, apreensivos com as coisas terríveis que poderiam acontecer a qualquer momento. Durante todo o verão e outono de 1855, a cada explosão de raiva do massa, a cada vez que ele partia ou chegava, os olhos da família involuntariamente fixavam-se no ferreiro Tom, de 22 anos, como que apelando pela orientação dele. Mas ele não apresentava qualquer sugestão. O mês de novembro chegou, bastante frio. A colheita de algodão e tabaco dos 65 acres fora muito boa e todos sabiam que o massa conseguira vendê-la por um bom preço. Numa tarde de sábado, Matilda ficou olhando da janela da cabana até ver o último fregruês de Tom ir embora.

Ela foi então até a oficina.

Tom compreendeu imediatamente, pela expressão da mãe, que ela tinha algo muito importante a falar-lhe.

— O que é, Mamãe? — perguntou ele, começando a abafar o fogo da forja.

— Estive pensando, Tom.

Todos vocês já são adultos agora. Você não é o mais velho, mas sou a mãe de vocês e sei que você é o que tem a cabeça mais no lugar.

Além disso, você é um ferreiro, enquanto eles trabalham nos campos. Por isso, acho que você tem de ser o principal homem da família, já que seu pai partiu, faz agora oito meses... — Matilda hesitou por um instante, antes de acrescentar:

— Até ele voltar...

Tom ficou desconcertado, pois desde a infância que era o membro mais calado da família. Ele e os irmãos tinham todos nascido e sido criados na plantação Lea, mas ele jamais fora íntimo de qualquer um deles, principalmente porque passara alguns anos longe, como aprendiz de ferreiro. E desde que voltara, já homem feito, ficava sempre em sua oficina, enquanto os outros iam trabalhar nos campos.

Ele quase não tinha mais contato com Virgil, Ashford e Pequeno George, por diferentes razões. Virgil, agora com 26 anos, passava quase todo o seu tempo livre na plantação adjacente, com a esposa Lilly Sue e o filho recentemente nascido, chamado Uriah. Ashford, com 25 anos, tornara-se ainda mais amargurado contra o mundo, desde que fora recusado pelo massa de uma moça com quem desejava desesperadamente casar-se, sob a alegação de que era um “negro presunçoso”. E

Pequeno George, agora com 24 anos, bastante gordo, estava fazendo a corte à cozinheira de uma plantação próxima, com o dobro da idade, o que provocava comentários da família de que seria capaz de tudo para satisfazer seu apetite insaciável.

A declaração de Matilda, de que o considerava como o chefe da família agora, deixou-o ainda mais desconcertado, pois isso significava que teria de ser o intermediário junto a Massa Lea, com quem procurava ter o menor contato possível, deliberadamente. Desde que fora comprado o equipamento para a oficina de ferreiro, o massa sempre parecera respeitar a reserva de Tom, ao mesmo tempo que admirava a competência dele como ferreiro, que lhe trazia um fluxo cada vez maior de fregueses. Estes sempre iam pagar os serviços ao massa, na casa grande. Todos os domingos, o massa dava dois dólares a Tom por sua semana de trabalho.

Além de sua relutância em falar demais com quem quer que fosse, Tom possuía uma tendência a meditar profundamente sobre todos os assuntos. Ninguém poderia jamais imaginar que há mais de dois anos ele pensava constantemente nas afirmações do pai de que “lá no Norte” havia oportunidades excepcionais para os pretos livres. Tom avaliara detidamente a ideia de propor à família que, ao invés de esperarem mais alguns anos intermináveis até conseguirem comprar a liberdade de todos, planejassem cuidadosamente e tentassem uma fuga em massa para o Norte. Acabara abandonando a ideia, relutantemente, ao pensar nas dificuldades, pois Vovó Kizzy já devia estar com bem mais de 60 anos, enquanto Irmã Sarah e Miss Malizy, que pareciam também pertencer à família, há muito que já tinham passado dos 70 anos. Ele achava que as três estariam dispostas a tentar, mas duvidava que conseguissem sobreviver aos riscos e rigores de uma aventura tão desesperada.

Mais recentemente, Tom deduzira que os prejuízos do massa nas brigas de galo tinham sido muito maiores do que ele revelara. Tom observara Massa Lea tornar-se mais tenso, encovado e velho, a cada dia que passava, a cada garrafa de uísque esvaziada.

Mas Tom sabia que o indício mais perturbador de que as coisas iam mal era o fato de o massa já ter vendido, de acordo com as informações de Lewis, pelo menos metade de seus bichos, cujas linhagens representavam no mínimo meio século de cruzamentos cuidadosos.

O Natal chegou e depois o Ano Novo de 1856. Uma mortalha opressiva parecia pairar sobre a senzala e toda a plantação. Numa tarde, ao final da primavera, outro homem a cavalo aproximou-se da casa grande. A princípio, Miss Malizy achou que era outro comprador para as galinhas. Mas ela não demorou a ficar apreensiva, ao verificar a maneira diferente como o massa cumprimentou-o. Sorrindo e conversando enquanto o homem desmontava, o massa gritou para o Pequeno George, que estava ali perto, que desse água e forragem ao cavalo do visitante, guardando-o depois no estábulo, para passar a noite.

E depois escoltou o homem para o interior da casa grande.

Antes mesmo de Miss Malizy começar a servir o jantar na casa grande, a família na senzala já estava trocando perguntas apreensivas.

— Mas quem é afinal aquele homem?

— Nunca vi ele antes!

— O massa nunca se comportou assim recentemente!

— O que será que ele veio fazer aqui?

E eles ficaram aguardando ansiosamente a chegada de Miss Malizy.

— Os dois não falaram muita coisa que eu pudesse ouvir.

Acho que foi porque a missis estava lá. — Miss Malizy fez uma pausa, pensativa, antes de acrescentar, enfaticamente: — Mas sei que não gosto do jeito como aquele outro homem parece!

Já vi uma porção de outros como ele antes, de olhar de patife e tentando passar por uma coisa que não é.

Uma dúzia de pares de olhos estavam vigiando a casa grande, das janelas da senzala, quando os movimentos óbvios de uma luz indicaram que Missis Lea deixara os homens na sala de visitas e subira para seu quarto. O lampião da sala ainda continuava aceso quando a família da senzala finalmente desistiu da vigília e foi deitar, temendo o que poderia acontecer quando o sino os despertasse ao romper do dia.

Antes mesmo do café da manhã, Matilda chamou o filho ferreiro para conversarem a um canto.

— Tom, ontem de noite não tive uma oportunidade de dizer para você em particular e não queria deixar todo mundo apavorado. Mas Malizy me contou que ouviu o massa dizer que tem de pagar duas hipotecas sobre a casa. E Malizy sabe que eles estão sem um vintém! Estou com a impressão de que aquele branco é um comprador de negros!

— Eu também acho. — Tom ficou calado por algum tempo, antes de acrescentar: — Mamãe, estive pensando e acho que a gente pode ficar bem melhor com um outro massa. Isto é, enquanto a gente continuar junto. Essa é a minha maior preocupação.

Como os outros comessem a sair de suas cabanas, Matilda afastou-se rapidamente, para não alarmá-los desnecessariamente com a continuação da conversa.

Depois que Missis Lea comunicou a Miss Malizy que estava com dor de cabeça e não desceria para o café da manhã, o massa e o visitante comeram com apetite e depois saíram, pondo-se a andar de um lado para outro, na frente da casa, conversando animadamente.

Não se passou muito tempo antes que contornassem a casa grande e seguissem até o telheiro nos fundos onde Tom estava acionando os foles que ele mesmo fizera, levantando fagulhas amarelas na forja em que estavam dois pedaços de ferro, quase no ponto para serem moldados em dobradiças. Os dois ficaram observando atentamente por vários

minutos, enquanto Tom usava uma tenaz de cabo comprido para tirar da forja as folhas de ferro em brasa.

Ajeitou-as na bigorna Fisher & Norris, abrindo os canais para a passagem dos pinos e fazendo os buracos para os parafusos. Finalmente, pegando uma talhadeira e um martelo que ele mesmo fizera, Tom cortou as dobradiças de metal no formato de um H, como um cliente lhe encomendara, comportando-se durante o tempo todo como se estivesse alheio à presença dos observadores.

Massa Lea finalmente falou:

— Ele é um ferreiro e tanto e não sou o único a dizer isso.

O outro homem grunhiu afirmativamente. Depois, começou a andar pela oficina, examinando os muitos exemplares da perícia de Tom, pendurados de pregos nas paredes ou sobre prateleiras. Abruptamente, o homem perguntou diretamente a Tom:

— Quantos anos tem, garoto?

— Vou fazer 23 anos agora, senhor.

— E quantos filhos já tem?

— Não tenho ainda uma esposa, senhor.

— Um garoto grande e forte como você não precisa de esposa para ter uma porção de filhos espalhados por toda parte.

Tom não disse nada, pensando em quantos filhos de homens brancos estavam espalhados pelas senzalas.

— Você é por acaso um desses negros religiosos?

Tom sabia que o homem estava querendo saber de tudo a seu respeito por alguma razão, provavelmente para avaliá-lo em termos de compra.

— Imagino que Massa Lea já disse que a gente aqui é quase tudo uma família, minha mãe, minha avó, meus irmãos e irmãs, os filhos deles. E a gente foi criado para acreditar no Senhor e na Bíblia.

Os olhos do homem se estreitaram.

— Qual de vocês lê a Bíblia para os outros?

Tom já ia dizer ao estranho sinistro que tanto sua avó como sua mãe sabiam ler, mas preferiu evitá-lo.

— Acho que a gente cresceu ouvindo as Escrituras tantas vezes que já sabe de cor, senhor.

Parecendo relaxar, o homem retornou ao assunto original:

— Acha que poderia dar conta dos trabalhos de ferreiro num lugar muito maior do que este?

Tom quase que explodiu com essa confirmação de que sua vida estava sendo planejada. Mas controlou-se, pois precisava saber se sua família estava ou não incluída na transação.

Deixando a raiva em suspenso, tentou fazer uma sondagem:

— Acho que eu e o resto da família podemos cuidar das colheitas e fazer quase tudo que uma plantação precisa, senhor...

Nem o estranho nem o massa fizeram qualquer comentário, afastando-se tranquilamente, na direção dos campos. Miss Malizy saiu correndo pela porta da cozinha.

— O que eles estavam dizendo, Tom? A missis está que nem me olha na cara.

Procurando controlar a voz, Tom informou:

— Vai haver alguma venda por aqui, Miss Malizy.

Talvez todos nós, talvez só eu.

Miss Malizy desatou a chorar e Tom sacudiu-a bruscamente pelos ombros.

— Miss Malizy, não tem necessidade de chorar. Como eu disse para mamãe, a gente ir para outro lugar vai ser melhor do que ficar aqui com ele.

Por mais que tentasse, porém, Tom não conseguiu aliviar o sofrimento da idosa Miss Malizy.

No final do dia, quando todos voltaram dos campos, os irmãos de Tom tinham uma expressão sombria e deprimida, enquanto as mulheres choravam e se lamentavam. Todos tentaram contar ao mesmo tempo como o massa e o visitante haviam-nos observado a trabalhar, com o estranho indo de um a um e fazendo perguntas, o que não deixava a menor dúvida de que estavam sendo avaliados para venda.

As três pessoas na casa grande não podem ter deixado de ouvir o pandemônio e as manifestações de dor e terror que dominaram as 17 pessoas na senzala, até de madrugada.

Chegou um momento em que até mesmo os homens estavam reagindo tão histericamente quanto as mulheres, agarrando e abraçando desesperadamente a pessoa mais próxima, gritando que nunca mais tornariam a se ver.

— Ó Senhor, livra a gente desse mal! — gritava Matilda, numa prece repetida a todo instante.

Na manhã seguinte, ao tocar o sino para o despertar, Tom estava dominado pelo pressentimento da tragédia.

A idosa Miss Malizy passou por ele, a caminho da cozinha da casa grande. Ela retornou à senzala menos de dez minutos depois, o rosto preto tenso e as lágrimas escorrendo.

— O massa mandou dizer para ninguém ir para lugar nenhum depois do café. Ele quer ver todo mundo reunido aqui...

Embora estivesse muito doente, o idoso Tio Pompey foi tirado de sua cabana numa cadeira e levado para o local em que estavam todos reunidos, com expressões aterrorizadas.

Quando Massa Lea e o visitante se aproximaram, todos puderam perceber que o dono da plantação andara bebendo mais do que o habitual, àquela hora da manhã, pela maneira como cambaleava. Os dois pararam cerca de quatro metros dos escravos e o massa pôs-se a falar, a voz alta, furiosa e engrolada:

Vocês, negros, vivem com o nariz metido nos meus negócios e por isso sabem que esta plantação está indo para a bancarrota. Não é nenhuma novidade para vocês! Não posso mais continuar a sustentar vocês e por isso vou ter que fazer umas vendas para o cavalheiro aqui a meu lado...

Ao coro de gritos e gemidos, o outro homem gesticulou furiosamente:

— Calem essa boca! Já não agüento mais tanto berreiro desde ontem de noite! — Ele olhou de um a um, até que todos finalmente se aquietaram. — Não sou um mercador de negros comum!

Represento uma das maiores e melhores firmas do ramo.

Temos filiais e barcos levando negros entre Richmond, Charleston, Memphis e Nova Orleans...

Matilda indagou a dúvida angustiante que atormentava a todos:

— Vai vender todo mundo junto, Massa ?

— Eu já disse a vocês para ficarem com a boca fechada!

Já vão saber de tudo! Não preciso dizer que o massa de vocês é um verdadeiro cavalheiro e a missis que está lá na casa chorando por causa de uns negros miseráveis como vocês é uma dama e tanto! Eles podiam conseguir muito mais dinheiro vendendo vocês separados! — Ele olhou para as trémulas Little Kizzy e Mary. — Vocês duas estão na idade

de começar a gerar negrinhos, que estão valendo 400 dólares ou mais! — O olhar dele fixou-se em Matilda. — Você pode estar ficando velha, mas disse que sabe cozinhar. Lá no Sul, uma boa cozinheira está valendo atualmente de 1200 a 1500 dólares. — Ele olhou para Tom. — Da maneira como os preços estão, acho que um negro jovem e forte como você pode dar até 2500 dólares. E se quem comprar estiver pensando em pôr você para trabalhar para fora, é capaz de pagar até três mil dólares. — Os olhos dele esquadriharam atentamente os cinco irmãos de Tom, entre 20 e 28 anos. — E vocês, negros para trabalharem nos campos, devem estar valendo entre 900 e mil dólares... — O mercador de escravos fez uma pausa, para aumentar o efeito. — Mas vocês são um bando de negros de muita sorte! A missis insiste que todos vocês têm que ser vendidos juntos e o massa concordou!

— Obrigada, Missis! Obrigada, Jesus! — gritou Vovó Kizzy.

— Louvado seja Deus! — gritou Matilda.

— CALEM A BOCA! — O mercador de escravos gesticulou furiosamente. — Esforcei-me ao máximo para convencê-los de que isso era um absurdo, mas não consegui. E acontece que a minha firma está neste momento com uns clientes que possuem uma plantação de tabaco não muito longe daqui, no Condado de Alamance. Eles estão querendo uma família de negros que estejam juntos há bastante tempo e que não cause problemas, que não tenha negros com a mania de fugir e coisas assim. E que tenha também a experiência para cuidar da plantação. Não vou nem precisar levar vocês a leilão. E o massa de vocês me disse que também não vou precisar acorrentá-los, pois não irão me dar o menor trabalho. — Ele fez uma pausa, contemplando-os friamente. — A partir de agora, vocês todos vão se considerar como meus negros, até que eu os entregue no lugar para onde vão! Vou dar quatro dias para vocês arrumarem todas as suas coisas. Na manhã de sábado vão partir para o Condado de Alamance, em algumas carroças.

Virgil foi o primeiro a recuperar a voz, balbuciando:

— E o que vai acontecer com a minha Lilly Sue e o meu filho lá na plantação Curry?

Vai comprar eles também?

E Tom explodiu:

— E o que me diz de nossa avó, de Irmã Sarah, Miss Malizy e Tio Pompey? Não falou nada sobre eles, mas também são da nossa família...

— Essa não! Não posso comprar toda negra com quem um negro se deita só para ele não se sentir solitário! — gritou o mercador de escravos, sarcasticamente.

Quanto a essa velharia, eles mal conseguem andar, muito menos trabalhar! Nenhuma pessoa de juízo ia comprar nenhum deles! Mas o Sr. Lea é generoso o bastante para permitir que eles continuem a viver por aqui.

Por entre uma explosão de exclamações e gemidos, Vovó Kizzy foi postar-se diante de Massa Lea e palavras cortantes saíram de sua garganta:

— Já mandou embora o seu próprio menino. Será que não vai me deixar ficar com os meus netos?

Massa Lea afastou os olhos rapidamente. Vovó Kizzy caiu no chão e braços jovens e fortes suspenderam-na e ampararam-na, enquanto Miss Malizy e Irmã Sarah gritavam, quase ao mesmo tempo:

— Essa é a minha única família, Massa!

— A minha também, Massa!

Estamos juntos há 51 anos!

Tio Pompey, já inválido, continuou sentado onde estava, incapaz de erguer-se da

cadeira, as lágrimas escorrendo pelas faces, os olhos fixados à frente, sem nada verem, os lábios se mexendo numa prece silenciosa.

— CALEM A BOCA! — berrou novamente o mercador de escravos. — Estou avisando pela última vez! Se continuarem assim, vão logo descobrir como eu sei lidar com negros!

Os olhos de Tom procuraram e se encontraram por um momento com os de Massa Lea. E Tom falou, em voz rouca, palavras que escolhera meticulosamente:

— Massa, a gente lamenta o seu azar e sabemos que é o único motivo para estar vendendo a gente, porque não tem outro jeito...

Massa Lea pareceu assumir uma expressão quase agradecida, antes de baixar os olhos novamente. Todos tiveram que prestar muita atenção para conseguir ouvi-lo:

— Não tenho nada contra nenhum de vocês, garoto... — Ele hesitou por um instante. — Para dizer a verdade, eu acho até que todos vocês são bons negros, a maioria nascida e criada aqui na minha plantação.

Tom implorou, gentilmente:

— Massa, se as pessoas lá do Condado de Alamance deixarem a gente ficar com os velhos da família, a gente não pode comprar eles do massa? Esse homem aqui disse que eles não valem muita coisa em dinheiro. E eu pago bom preço, Massa. Vou cair de joelhos e implorar ao novo massa para me deixar fazer trabalho de ferreiro para fora, talvez até para a estrada de ferro nova. E meus irmãos podem trabalhar também depois de terminar o serviço na plantação e ajudar. — Tom estava agora suplicando humildemente, as lágrimas escorrendo pelo rosto. — Massa, tudo o que a gente ganhar a gente manda para cá, até pagar o preço que pedir pela Vovó Kizzy e por esses três velhos que são também a nossa família. A gente sempre esteve junto e quer continuar junto, Massa...

Massa Lea estava tenso.

— Está bem, está bem! Por 300 dólares cada um podem ficar com todos eles... — Ele ergueu a mão bruscamente, antes que os escravos tivessem tempo de manifestar sua alegria: — Esperem um pouco! Eles vão continuar aqui, até que o dinheiro esteja na minha mão!

Por entre os gemidos e soluços, Tom tornou a falar, a voz desolada:

— A gente esperava mais do Massa, considerando tudo,...

— Leve logo esses negros para longe daqui! — gritou o massa para o mercador, virando-se abruptamente e voltando para a casa grande.

De volta à senzala, até mesmo Miss Malizy e Irmã Sarah estavam entre as que procuravam confortar a desconsolada Vovó Kizzy.

Ela estava sentada na cadeira de balanço que Tom lhe fizera, cercada pela família, que a abraçava, beijava, apertava. Todos estavam chorando.

Do fundo de seu coração, Vovó Kizzy encontrou forças para dizer:

— Não precisam ficar assim!

Eu, Sarah, Malizy e Pompey vamos ficar aqui esperando George voltar. Não vai demorar muito, pois aqueles dois anos quase já passaram.

Se ele não tiver o dinheiro para comprar a gente, então é só esperar mais um pouco até Tom e vocês outros conseguirem arrumar...

Ashford engoliu em seco, contendo um soluço.

— A gente vai conseguir de qualquer maneira!

Vovó Kizzy sorriu para ele e para todos os outros, antes de continuar:

— E tem mais uma coisa: se qualquer um de vocês tiver mais algum filho antes de eu ver vocês de novo, não vão esquecer de contar a história da minha gente, da minha Mamãe

Bell e do meu Papai africano Kunta Kinte. E falem também sobre mim, sobre o meu George, sobre vocês. E o que a gente tem passado com diferentes massas! Contem para as crianças tudo o que têm de contar para dizer quem a gente é!

Por entre um coro de “A gente vai fazer isso.” e “A gente não vai nunca esquecer...”, Vovó Kizzy acariciou os rostos mais próximos, antes de dizer:

— E agora fiquem quietos!

Vai tudo terminar bem. E agora vai todo mundo dormir, pois já estão quase me sufocando!

Quatro dias se passaram rapidamente, os que iam partir arrumando suas coisas.

Chegou a manhã de sábado.

Quase ninguém dormira durante a noite anterior. Sem dizer nada, eles se reuniram e ficaram observando o sol surgir, de mãos dadas. As carroças finalmente chegaram. Um a um, os que iam partir viraram-se para abraçar em silêncio os que iam ficar.

— Onde está Tio Pompey? — perguntou alguém. Miss Malizy informou:

— O pobre coitado me disse ontem de noite que não ia suportar ver vocês partirem...

— Mesmo assim, vou dar um beijo nele! — exclamou Little Kizzy, correndo para a cabana de Tio Pompey.

Um momento depois, ouviram-na gritar: — Oh, NAO!

Todos correram até a cabana. O velho Tio Pompey estava sentado em sua cadeira. E estava morto.



Na nova plantação, foi só no domingo seguinte, quando Massa e Missis Murray partiram na charrete para a igreja, que a família inteira teve a oportunidade de se reunir para conversar.

Olhando para os filhos, Matilda disse:

— Acho que a gente não deve julgar as coisas muito depressa. Mas durante a semana toda andei conversando com Missis Murray na cozinha, enquanto eu cozinhava. Estou achando que ela e o novo massa são bons cristãos e que a gente vai estar muito melhor aqui, se não fosse pelo fato de que o pai de vocês ainda não voltou e a Vovó Kizzy e as outras duas continuam na plantação Lea. — Fazendo uma pausa e olhando novamente para os filhos, Matilda indagou: — Por tudo o que vocês viram e ouviram, como acham que vai ser?

Virgil foi o primeiro a falar:

— Parece que esse Massa Murray não sabe muita coisa de plantação nem de ser massa...

Matilda interrompeu-o:

— É porque eles eram gente da cidade e tinham uma loja lá em Burlington, até que o tio morreu e deixou esta plantação para eles.

— Ele disse para mim que está procurando um feitor branco para fazer a gente trabalhar — continuou Virgil. — Eu disse a ele que não precisava gastar esse dinheiro, que se pusesse um feitor aqui, ia precisar de mais cinco ou seis homens para trabalhar nos campos.

Disse a ele para dar uma chance à gente e ia ver só como a gente conseguia uma boa colheita de tabaco...

Ashford interrompeu-o:

— Não vou aguentar ter um feitor branco olhando tudo o que eu faço!

Virgil fitou-o por um momento, antes de continuar:

— Massa Murray diz que vai esperar um pouco para ver como é que a gente se sai. — Fez mais uma pausa. — Implorei a ele para comprar minha Lilly Sue e meu garoto de Massa Curry. Falei que Lilly Sue é muito trabalhadeira e que ele não ia se arrepender. Ele disse que ia pensar no caso, mas que teve de hipotecar a casa grande para poder comprar a gente e vai ter que esperar para ver como vai ser a colheita de tabaco este ano.

— Virgil fez outra pausa. — Por isso, a gente vai ter que trabalhar duro. Posso ver que os outros brancos estão dando uma porção de conselhos a Massa Murray, dizendo que os negros não trabalham direito quando não têm ninguém para vigiar eles. Se o massa vir alguns de nós sem fazer nada, a gente pode estar certo de que vai ganhar um feitor. — Olhando novamente para o mal-humorado Ashford, Virgil acrescentou: — Quando Massa Murray aparecer no lugar em que a gente estiver trabalhando, acho bom eu gritar com todo mundo. Mas vocês todos vão saber por que estou gritando!

— Claro, claro! — explodiu Ashford. — Você e mais alguém que eu conheço estão sempre querendo ser os negros especiais do massa]

Tom ficou tenso, mas conseguiu dar a impressão de que ignorava inteiramente o comentário de Ashford.

Virgil é que reagiu, soerguendo o corpo e apontando o dedo para o irmão:

— Garoto, vou dizer uma coisa a você: tem alguma coisa errada com alguém que não consegue se dar bem com ninguém! Qualquer dia desses você ainda vai se meter numa encrenca das grossas! E se não for eu que vai meter você nessa encrenca, vai ser um outro qualquer!

— Fiquem quietos! — interveio Matilda, lançando um olhar furioso para ambos, especialmente para Ashford, antes de olhar suplicante para Tom, procurando evidentemente uma maneira de aliviar a tensão. — Tom, vi você conversando um bocadinho com Massa Murray, enquanto armava sua oficina. O que está achando?

Lentamente, pensativo, Tom disse:

— Acho também que a gente vai estar melhor por aqui.

Mas tudo vai depender muito da maneira como a gente vai fazer. Massa Murray não parece mesmo um desses brancos mesquinhos. E acho a mesma coisa que Virgil disse, que ele não tem muita experiência para confiar na gente. Mas do que isso, acho que ele está preocupado de a gente pensar que ele é mole e por isso procura parecer mais duro do que é. Foi por isso que veio com aquela conversa de feitor. — Tom fez uma pausa. — Da maneira como eu vejo as coisas, mamãe pode cuidar da missis. E o resto da gente tem que mostrar ao massa que ele vai se dar muito melhor se deixar a gente sozinho.

Depois de murmúrios de aprovação, Matilda voltou a falar, a voz vibrando de alegria por poder visar novamente um futuro promissor para a família:

— Acho que a gente tem que fazer tudo isso que todos vocês disseram. E a coisa seguinte é vencer o massa a comprar Lilly Sue e o pequeno Uriah. Quanto ao pai de vocês, acho que a gente não pode fazer nada além de esperar. Qualquer dia desses ele vai aparecer aqui...

Rindo, Mary interrompeu-a:

— E com um lenço verde no pescoço e o chapéu-coco preto na cabeça!

— Tem toda razão nisso, filha — disse Matilda, sorrindo, juntamente com o resto da família. — Ainda não falei de Vovó Kizzy, Sarah e Malizy.

Já consegui arrancar a promessa de Missis Murray de ajudar a gente nisso.

Contei para ela como a gente ficou desesperada quando teve que deixar as três para trás. A missis chorava mais do que eu! Ela disse que não podia pedir ao massa para comprar três mulheres velhas de verdade, mas disse que ia pedir a ele para alugar Tom e os outros rapazes para trabalhos fora da plantação. O que a gente tem que lembrar é de que a gente não está aqui simplesmente trabalhando para outro massa, mas sim trabalhando para reunir a nossa família de novo!

E com essa determinação, a família lançou-se ao trabalho de plantio da colheita de 1856. Matilda merecia a crescente confiança e admiração de Missis e Massa Murray, graças à sua evidente lealdade e sinceridade, aos pratos deliciosos que preparava, à maneira impecável em que mantinha a casa grande. O massa podia ver Virgil pressionando os irmãos e as irmãs para trabalharem cada vez mais, para terem uma colheita de tabaco excepcional. E via a Tom pôr a plantação num estado de conservação invejável, as mãos talentosas manejando ferramentas que ele mesmo fizera, transformando pedaços de ferro enferrujados e abandonados em instrumentos agrícolas, juntamente com objetos domésticos, funcionais e decorativos.

Quase todas as tardes de domingo, quando os Murrays não iam visitar alguém,

recebiam as visitas de outras famílias de plantadores, além de antigos amigos de Burlington, Graham, Haw River, Mebane e outras cidades em que haviam vivido. Ao mostrarem a propriedade aos convidados, os Murrays sempre apontavam, orgulhosos, para diversos exemplos da perícia de Tom como ferreiro. Eram poucos os convidados, de outras plantações ou das cidades, que não insistiam, antes de irem embora, que Massa Murray permitisse que Tom fosse fazer algum trabalho para eles. Massa Murray sempre concordava.

Aos poucos, objetos consertados e feitos por Tom eram vistos por todo o Condado de Alamance. O pedido original da missis, para que o massa procurasse outros trabalhos para Tom, tornou-se desnecessário. Não demorou muito para que todos os dias aparecessem escravos na plantação Murray, jovens e velhos, em mulas e às vezes a pé, trazendo ferramentas quebradas ou outros objetos para Tom consertar. Alguns massas ou missis desenhavam objetos decorativos e enviavam para Tom fazer. Havia ocasiões em que os clientes pediam que Massa Murray escrevesse um passe de viagem para Tom, a fim de que ele pudesse ir a outras plantações e cidades próximas, a fim de fazer concertos no local. Por volta de 1857, Tom estava trabalhando do amanhecer ao anoitecer, todos os dias, exceto aos domingos, o volume de trabalho pelo menos igualando o que tivera o negro Isaiah, que lhe ensinara o ofício. Os fregueses pagavam a Massa Murray, quer indo procurá-lo na casa grande ou quando o encontravam na igreja. Os preços variavam, de 14 cents para uma ferradura de cavalo, boi ou mula, 37 cents para um aro de carroça, 18 cents para consertar um forcado e seis cents para afiar uma picareta. Os preços para os trabalhos decorativos eram negociados um a um, podendo ser, por exemplo, de cinco dólares para um enfeite de portão com folhas de carvalho. Todos os fins de semana, Massa Murray calculava para Tom dez cents sobre cada dólar que o trabalho dele proporcionara durante a semana anterior.

Depois de agradecer ao massa, Tom entregava o dinheiro a Matilda, que o guardava numa de suas jarras, escondidas em locais conhecidos apenas dela e de Tom.

Nas tardes de sábado, encerrado o trabalho semanal dos membros da família que trabalhavam nos campos, Little Kizzy e Mary, agora com 19 e 17 anos, tomavam banho rapidamente, prendiam os cabelos em tranças e passavam cera de abelhas no rosto, deixando-os com um preto lustroso. Depois usando seus melhores vestidos de algodão estampado, elas iam até a oficina de ferreiro de Tom, uma levando um cântaro com água e às vezes com “limonada”, a outra levando uma cabaça. Depois que Tom matava a sede, elas ofereciam aos outros escravos que invariavelmente se reuniam ali, enviados por seus massas para pegarem os objetos que Tom prometera aprontar até o final da semana. Tom sempre percebia, divertido, que elas conversavam mais animadamente com os homens mais jovens e mais bonitos. Uma noite de sábado, ele não ficou surpreso ao ouvir Matilda censurar estridentemente as filhas:

— Não pensem que eu sou cega! Estou vendo muito bem vocês sacudirem o rabo para aqueles homens lá em cima!

Little Kizzy reagiu em tom de desafio:

— Ora, Mamãe, a gente é mulher! E não tinha homens lá na plantação de Massa Lea!

Matilda murmurou algo que Tom não conseguiu entender.

Mas ele desconfiou que, no fundo, a mãe não desaprovava tanto a atitude das duas meninas quanto procurava demonstrar. E isso ficou confirmado pouco depois, quando Matilda lhe disse:

— Parece que você está deixando as duas namorarem bem debaixo do seu nariz, Mas acho que a única coisa que você pode fazer é ficar de olho nelas para ver se não pegam o homem errado.

Para surpresa da família, não foi a esfuziante Little Kizzy e sim Mary, muito mais quieta, a primeira a comunicar que desejava “pular a vassoura”, com um cavaliço de uma plantação nas proximidades de Mebane. Ela suplicou a Matilda:

— Sei que pode convencer o massa a me vender por um preço bom quando o massa de Nicodemus vier falar com ele! A gente tem que viver juntos, Mamãe!

Matilda limitou-se a murmurar promessas vagas, fazendo Mary se afastar em lágrimas. Mais tarde, Matilda comentou com Tom:

— Não sei como é que eu devo me sentir, Tom! Afinal, não posso deixar de me sentir feliz pela menina, porque ela está parecendo muito feliz.

Mas é que detesto ver qualquer um de nós vendido para longe!

— Você está errada, Mamãe.

E sabe que está. Eu não ia querer casar com ninguém que morasse em outro lugar.

Veja só o que aconteceu com Virgil. Desde que a gente foi vendido que ele fica doente o tempo todo, de pensar em Lilly Sue sozinha lá para trás!

— Filho, não precisa me falar de estar casado com alguém que a gente quase não vê!

Uma porção de vezes tenho que olhar para todos vocês para me lembrar que tenho um marido... — Matilda hesitou. — Mas voltando à ideia de Mary ir embora, não é apenas nela que estou pensando, mas em todos vocês. Acho que você tem trabalhado tanto que não tem prestado atenção. Mas agora, nos domingos, a gente quase que não vê mais seus irmãos por aqui. Só você e Virgil é que ficam. Os outros saem por aí...

Tom interrompeu-a bruscamente:

— Mamãe, já somos homens crescidos!

— Eu sei que são! E é justamente disso que estou falando. Não vou deixar que nossa família se separe cada um para um lado antes de ela ficar toda junta outra vez!

Houve um longo momento de silêncio. Tom procurou pensar em algo confortador para dizer, sentindo que a irritação e a depressão recente da mãe eram uma decorrência de já se haverem passado alguns meses além da data prevista para o retorno do pai.

Tom ficou aturdido quando Matilda perguntou-lhe, abruptamente:

— Quando é que você vai casar?

— Ainda não pensei nisso... — Embaraçado, Tom hesitou por um instante e tratou de mudar de assunto: — E por falar em mandar buscar Vovó Kizzy, Irmã Sarah e Miss Malizy, quanto é que a gente já conseguiu mais ou menos juntar até agora, Mamãe?

— Nada de mais ou menos!

Vou dizer exatamente! Com aqueles dois dólares e 40 cents que você me deu no último domingo, a gente tem 87 dólares e 52 cents.

Tom sacudiu a cabeça.

— Tenho que fazer mais...

— Eu gostaria que Virgil e os outros ajudassem mais, Tom.

— Não posso culpar eles, Mamãe. Não é muito fácil encontrar trabalho de aluguel para os negros que trabalham nos campos. Quando os massas precisam, eles podem encontrar negros libertos que trabalham por 25 cents por dia, pouco mais do que precisam para não morrerem de fome. Eu é que tenho de dar um jeito de ganhar mais dinheiro! Afinal, Vovó Kizzy, Irmã Sarah e Miss Malizy estão ficando cada dia mais velhas!

— Sua vovó já deve estar com 70 anos e Miss Malizy e Irmã Sarah devem estar com quase 80 anos.

Um pensamento súbito ocorreu a Matilda. Uma expressão distante se estampou no rosto dela.

— Tom, você sabe o que eu acabei de pensar? Sua avó costumava dizer que o africano pai dela cantava o quanto velho estava ficando jogando pedrinhas numa cabaça. Você lembra de ela contar isso?

— Lembro sim, Mamãe.

Quantos anos será que o Africano tinha?

— Acho que eu nunca soube ou pelo menos não lembro de ouvir Vovó Kizzy falar. — Uma expressão de perplexidade surgiu no rosto de Matilda. — A idade dele vai depender da época de que você estiver falando. Ele tinha uma idade quando Vovó Kizzy foi vendida para longe dele e da mamãe dela, tinha outra quando o Senhor levou ele... — Ela hesitou. — Com Vovó Kizzy com 70 anos, o papai dela deve estar morto tem bastante tempo. E a mamãe dela também. Pobres almas!

— É mesmo... às vezes eu fico me perguntando como é que eles eram. Já tenho ouvido falar tanto deles...

Houve um silêncio prolongado entre os dois, cada um imerso em seus próprios pensamentos. Tom chegou à conclusão de que aquele momento era tão apropriado quanto outro qualquer para revelar à mãe algo que vinha escondendo cuidadosamente dos demais.

Usou como pretexto uma pergunta anterior de Matilda.

— Mamãe, você me perguntou tem pouco tempo se eu ainda não pensei em casar, não foi mesmo?

Matilda levantou a cabeça bruscamente, os olhos brilhando.

— E daí, filho?

Tom sentiu raiva de si mesmo por ter abordado o assunto. Procurou desesperadamente um meio de prosseguir e acabou dizendo firmemente:

— É que conheci uma garota e a gente vem falando...

— Deus do céu, Tom! Quem é ela?

— Não é ninguém que você conhece, Mamãe! O nome dela é Irene. Alguns chamam ela de Reeny. Ela pertence àquele Massa Edwin Holt e trabalha na casa grande...

— O rico Massa Holt que o massa e a missis dizem que tem aquela fábrica de algodão lá no Alamance Creek?

— Esse mesmo...

— A casa grande deles é aquela que você pôs aquelas grades bonitas nas janelas?

— Essa mesma... — A expressão de Tom era a de um garotinho que fora surpreendido a roubar bolinhos.

— Santo Deus! — Uma expressão radiante se estampou no rosto de Matilda. — Alguém pegou finalmente o meu negro velho! — Matilda levantou-se bruscamente e foi abraçar o filho, totalmente embaraçado.

— Eu fico tão feliz por vocês, Tom! — Percebendo que o filho estava apreensivo, Matilda acrescentou: — Tenho certeza de que o massa vai comprar ela para você, menino! E agora me fale mais sobre ela, Tom!

Matilda estava na maior alegria e já se punha a imaginar uma porção de coisas, inclusive os bolos de casamento que iria fazer...



Um domingo, vários meses antes, assim que voltara da igreja com a missis, Massa Murray chamara por Matilda, dizendo-lhe que avisasse a Tom para se apresentar na varanda da frente.

O prazer do massa transparecia tanto na expressão como no tom de voz com que dissera a Tom que o Sr. Edwin Holt, proprietário da Fábrica de Algodão Holt, acabara de enviar-lhe um recado. Holt vira recentemente alguns trabalhos de Tom e desenhara algumas grades, para Tom fazer e instalar na mansão deles, chamada “Locust Grove”.

Com um passe assinado por Massa Murray, Tom partira numa mula no início da manhã seguinte para ver os desenhos e tirar as medidas das janelas. Massa Murray dissera-lhe para não se preocupar com os outros trabalhos que o aguardavam na oficina. Aconselhara também sobre o melhor caminho a seguir, pela estrada do Haw River até a cidadezinha de Graham, depois pela estrada de Granam até a igreja de Bellemont. Cerca de três quilômetros mais adiante, à direita, ficava a elegante mansão Holt. Era impossível errar.

Ao chegar, Tom identificara-se para um jardineiro preto, que lhe dissera para esperar perto dos degraus da frente.

Missis Holt logo aparecera, dando os parabéns a Tom pelos trabalhos anteriores dele que já vira. Ela mostrara os desenhos e Tom examinara-os cautelosamente. As grades de ferro seriam em forma de treliça, parecendo cobertas de trepadeiras e folhas.

— Acho que posso fazer essas grades ou pelo menos tentar o melhor possível, Missis.

Tom ressaltara que, como eram muitas as janelas e as grades exigiam um trabalho meticuloso, era bem provável que levasse dois meses para concluir o serviço. Missis Holt dissera que ficaria muito satisfeita se Tom concluísse o trabalho nesse prazo.

Entregara-lhe os desenhos e se afastara. Tom começara imediatamente a medir as diversas janelas.

No início daquela tarde, Tom estava começando a medir as janelas do segundo andar que davam para uma varanda quando sentira que alguém o observava. Olhando ao redor, ele ficara surpreso ao deparar com uma jovem de beleza impressionante, a pele cor de cobre, parada na janela seguinte, com um pano de pó nas mãos. Usava um uniforme simples de escrava doméstica e os cabelos pretos estava presos num coque atrás da cabeça. Ela retribuía tranquilamente, mas com uma expressão afetuosa, o olhar de Tom. Fora somente a reserva em relação aos outros que Tom sempre tivera, ao longo de toda a sua vida, que lhe permitira controlar o sobressalto interior, tirar rapidamente o chapéu e balbuciar:

— Olá, miss.

— Olá, senhor — respondera ela, sorrindo jovialmente e desaparecendo em seguida.

Ao voltar para a plantação Murray, Tom ficara surpreso e perturbado ao descobrir que não conseguia tirar a moça dos pensamentos. Naquela noite, deitado em sua cama,

lembrara-se de repente que nem mesmo indagara o nome dela! Calculara que ela deveria ter 19 anos, talvez 20 anos. Conseguira finalmente dormir, um sono inquieto. Ao despertar, torturara-se com a ideia de que uma moça tão bonita certamente era casada ou então já estava namorando outro.

Fazer as estruturas das grades era um simples trabalho de rotina para Tom.

Seis dias depois, essa parte já estava pronta e começara o trabalho mais difícil e delicado de fabricar as barras parecidas com hastes de trepadeiras. Depois de várias experiências que não considerara satisfatórias, Tom saíra por diversas vezes para examinar trepadeiras, até finalmente ter certeza de que conseguiria reproduzi-las à perfeição.

O trabalho progredira rapidamente. Massa Murray explicava aos fregueses mais irados que Tom só poderia cuidar dos serviços de reparos mais urgentes, até terminar um trabalho importante para o Sr. Edwin Holt, o que conseguia acalmar a maioria. Massa Murray e depois Missis Murray apareciam de vez em quando na oficina para observar o trabalho. Não demorara muito para que comesçassem a levar os amigos em visita para observarem também. Havia ocasiões em que havia até oito ou dez pessoas, todos assistindo Tom trabalhar, em silêncio.

Desde o momento em que Missis Holt lhe entregara os desenhos que Tom soubera que a parte mais difícil seria a de fazer as folhas. Tom saíra novamente para estudar as folhas da natureza.

Aquecendo e tornando a aquecer pequenos pedaços de metal, batendo até que ficassem finos, Tom recortara dezenas e dezenas de folhas.

Teria que dar os retoques finais depois, a parte mais delicada e difícil, pois as chapas finas de metal poderiam derreter-se inteiramente, se ficassem demais na forja. Tom acionava os foles com o máximo de cuidado, pondo as folhas na bigorna com toda atenção e delineando os contornos com golpes precisos de um martelo de ponta arredondada.

Soldando as folhas, Tom fizera diversos padrões diferentes, antes de prendê-las nas hastes. Ficara satisfeito ao constatar que não havia dois padrões iguais, pois isso também não acontecia na natureza. E finalmente, depois de sete semanas de trabalhos intensivos, Tom soldara as hastes e folhas nas estruturas já prontas.

— Tom, parece até que essas trepadeiras estão crescendo de algum lugar! — exclamara Matilda, contemplando, impressionada, o trabalho do filho.

Little Kizzy, que a esta altura estava namorando três jovens escravos das proximidades, também se mostrara igualmente entusiasmada. Até mesmo os irmãos de Tom e as esposas — somente Ashford e Tom continuavam solteiros — também contemplaram as grades com uma expressão que não deixava a menor dúvida quanto ao respeito cada vez maior que sentiam por ele. Massa e Missis Murray mal podiam esconder sua satisfação e orgulho por serem os donos de um ferreiro tão exímio.

Tom seguira sozinho para a mansão Holt, levando as grades na carroça. Ao chegar, levantara uma delas para que Missis Holt a examinasse.

Ela ficara extasiada, desatando a bater palmas e a soltar exclamações de prazer.

Chamara imediatamente a filha adolescente e diversos filhos já crescidos que por acaso estavam na casa naquele momento. Todos se puseram imediatamente a dar os parabéns a Tom.

Tom começara imediatamente a instalar as grades. Duas horas depois, as grades das janelas do primeiro andar já estavam nos devidos lugares, admiradas pelos membros da família Holt e por diversos escravos. Tom calculara que a notícia da satisfação da missis espalhara-se pelos escravos. Mas onde será que estaria ela? Tom estava bastante tenso

quando um dos filhos da missis levara-o pela longa escadaria, para instalar as grades restantes, nas janelas que davam para a varanda do segundo andar.

Era o próprio local onde ele a vira na vez anterior! Como e a quem ele poderia perguntar, sem parecer indevidamente curioso, sobre quem ela era, onde estava naquele momento, qual a sua situação na casa?

Tom estava instalando a terceira grade no segundo andar quando ouviu de repente o barulho de passos correndo e lá estava ela, corada, quase ofegante. Ele ficara paralisado, sem saber o que dizer.

— Olá, Sr. Murray!

Tom tivera um sobressalto ao ver que não era tratado por Lea. Mas, afinal, a moça não poderia saber que o massa anterior dele chamava-se Lea, pois só conhecia o atual, Massa Murray. Ele tirara o chapéu de palha, meio sem jeito.

— Olá, Miss Holt...

— Eu estava lá no defumadouro quando ouvi dizer que estava aqui e vim correndo... — O olhar dela se fixara na última grade que Tom acabara de instalar. — Mas como é bonita! Passei por Missis Emily lá embaixo e ela estava quase tendo um ataque por causa do seu trabalho!

Tom vira o pano que ela usava' na cabeça, típico das pessoas que trabalhavam nos campos.

— Pensei que trabalhasse aqui na casa... — Era algo tão tolo para dizer!

— Adoro fazer coisas diferentes e eles deixam — dissera a moça, olhando ao redor. — Só vim aqui por um minuto. É melhor eu voltar correndo para trabalhar e você também.

Tom tinha que saber mais alguma coisa a respeito dela, pelo menos o nome. E por isso o perguntara.

— Meu nome é Irene. Mas eles me chamam de Reeny. E qual é o seu nome?

— Tom. — Como ela dissera, ambos tinham que voltar ao trabalho. Ele tinha que se arriscar: — Miss Irene, está, está namorando alguém?

Ela o fitara em silêncio por tanto tempo que Tom tivera a certeza de que estragara tudo.

— Sempre fui conhecida por dizer o que tenho na cabeça, Mr. Murray. Quando eu vi antes como era tímido, fiquei com medo que nunca mais fosse falar comigo.

Tom quase que caíra da varanda de tanto espanto.

A partir desse dia, Tom passara a pedir a Massa Murray um passe para se ausentar durante o domingo inteiro, juntamente com a permissão para usar a carroça puxada pelas mulas. Ele dizia à família que ia procurar objetos de metal jogados fora, na região ao redor, a fim de reabastecer o estoque de sua oficina. Quase sempre encontrava alguma coisa útil, na viagem de quase duas horas para ir ver Irene.

Não apenas ela, mas todas as demais pessoas que ele conhecera na senzala dos Holts tratavam-no afetuosamente.

— Você é tão tímido, apesar de ser tão esperto, que as pessoas não podem deixar de gostar de você — confessara-lhe Irene um dia.

Geralmente iam para algum lugar isolado, Tom desatrelava a mula e deixava-a pastando, na ponta de uma corda comprida. E Irene praticamente monopolizava a conversa.

— Meu papai era um índio.

Minha mãe disse que o nome dele era Hillian. Isso explica a cor diferente que eu tenho.

Tem muito tempo minha mãe fugiu de um massa realmente perverso. Alguns índios agarraram ela e levaram para a aldeia deles, onde ela e meu papai ficaram juntos e eu nasci. Eu ainda era pequena quando alguns homens brancos atacaram a aldeia e mataram quase todos os índios. Minha mãe foi capturada e levada de volta a seu antigo massa. Ela disse que ele deu uma surra nela e depois vendeu a gente a um mercador de escravos e aí Massa Holt comprou a gente, o que foi muita sorte porque eles são gente de alta qualidade... — Os olhos dela se estreitaram por um momento. — Ou pelo menos quase sempre. Mamãe lavava as roupas e passava a ferro até que ficou doente e morreu, faz quatro anos. Eu estou agora com 18 anos e vou fazer 19 no dia de Ano Novo... — Ela fitara Tom abruptamente e indagara: — E qual é a sua idade?

— Tenho 24 anos.

Tom contara os fatos essenciais a respeito de sua família e depois dissera que quase não tinham conhecimento daquela região da Carolina do Norte para onde tinham sido vendidos.

— Pois eu sei uma porção de coisas porque os Holts são gente importante e quase todo mundo que é importante vai visitar eles. E eu estou quase sempre servindo e tenho ouvidos para ouvir!

Irene pusera-se então a relatar o que sabia.

— Eles dizem que quase todos os brancos do Condado de Alamance são o que eles chamam de descendentes dos brancos que chegaram aqui vindos da Pensilvânia antes daquela Guerra da Revolução, quando não havia ninguém aqui além dos índios sissipaw. Alguns chamam eles de saxapaws. Mas os soldados brancos ingleses mataram todos os índios e agora a única coisa que tem o nome deles é o RioSaxapaw...

Irene sempre entremeava as falas com expressões sugestivas. E fizera uma carranca ao fazer tal declaração.

— Meu massa diz que eles tinham fugido de momentos difíceis lá do outro lado da água grande e estavam apinhando a Pensilvânia. Os ingleses que dirigiam as Colônias anunciaram que eles podiam comprar todas as terras que quisessem nessa parte da Carolina do Norte por menos de dois cents o acre. O massa diz que não sei quantos quacres, presbiterianos, escoceses-irlandeses e alemães luteranos pegaram tudo o que tinham e meteram em carroças cobertas, vindo para aqui, pelos Vales Cumberland e Shenandoa. O massa diz que eles viajaram uma coisa como quase 700 quilômetros.

Eles compraram toda a terra que podiam e começaram a limpar o mato, derrubar as árvores e plantar. Eram fazendas pequenas e eles trabalhavam quase que sozinhos, como a maioria dos brancos do condado continua a fazer. É por isso que não tem muitos negros aqui como tem nas grandes plantações.

No domingo seguinte, Irene levara Tom até a fábrica de algodão do massa dela, à beira do Alamance Creek.

Mostrara-a com o maior orgulho, como se a fábrica e a família Holt fossem suas também.

Depois de passar a semana inteira a realizar dezenas e dezenas de trabalhos de ferreiro, Tom ansiava com a chegada do domingo, quando saía na carroça pelas estradas, passando por quilômetros e quilômetros de cercas, atrás das quais viam-se plantações de milho, trigo, algodão e tabaco, com um outro pomar de macieiras ou pessegueiros, as casas relativamente modestas. Passando por outros pretos, geralmente a pé, eles quase sempre trocavam um aceno. Tom esperava que eles compreendessem que, se lhes oferecesse uma carona, perderia com isso a sua intimidade com Irene. Às vezes, Tom parava abruptamente

a mula, pulava da carroça e ia pegar algum pedaço de metal enferrujado que alguém jogara fora. Certa ocasião, Irene o surpreendera, ao saltar para ir pegar uma rosa silvestre.

— Desde que eu era garotinha que já adorava as rosas.

Quando passavam por brancos, em carroças, charretes ou a cavalo, Tom e Irene ficavam como duas estátuas. Tanto eles como os brancos olhavam fixamente para a frente. Tom comentara, certo dia, que vira bem poucos “brancos pobres” desde que chegara ao Condado de Alamance, ao contrário do que acontecia no lugar onde vivera anteriormente.

— Acho que sei como é que são os brancos de que você está falando. Quase não tem por aqui. Os brancos ricos não têm trabalho nenhum para eles, pois contam com os negros para fazerem tudo.

Tom ficara surpreso ao descobrir que Irene parecia conhecer todas as lojas que existiam nos cruzamentos, todas as igrejas, escolas e outros prédios. E Irene tratara de explicar:

— É que estou sempre ouvindo o massa dizer a seus convidados como a família dele tem sempre alguma coisa à ver com quase tudo que existe no Condado de Alamance.

Pouco depois, apontando para um moinho, Irene informara que pertencia a seu massa, acrescentando:

— É ali que ele transforma o trigo dele em farinha e o milho em uísque para vender a Fayetteville.

Tom já estava começando a se cansar dos elogios intermináveis que Irene adorava fazer a seu massa e à família dele. Um domingo, quando os dois se aventuraram até a sede do condado Granam, ela contou:

— No ano daquela grande corrida de ouro para a Califórnia, o pai do meu massa estava entre os grandes homens que compraram essa terra e construíram a cidade para ser a sede do condado.

No domingo seguinte, ao seguirem pela estrada de Salisbury, ela apontou para uma pedra grande ao lado da estrada.

— Foi ali, na plantação do vovô do meu massa, que eles lutaram a Batalha de Alamance. Às pessoas estavam cansadas do tratamento horrível daquele rei e por isso brigaram com os casacos vermelhos. Meu massa diz que essa luta foi o estopim da Revolução Americana, que começou uns cinco anos depois.

A esta altura, Matilda já estava começando a ficar irritada. A sua paciência estava chegando ao limite, não mais suportava guardar um segredo emocionante por tanto tempo.

— Mas o que há com você?

Parece até que não está querendo que ninguém veja aquela sua garota índia!

Controlando sua irritação, Tom limitara-se a murmurar algo ininteligível. A exasperada Matilda desferira um golpe baixo:

— Talvez ela seja boa demais para a gente porque é de brancos tão importantes!

Pela primeira vez, Tom fizera com a mãe algo que nunca antes se atrevera: afastara-se imediatamente, sem lhe dar qualquer resposta.

Ele desejava que houvesse alguém, qualquer pessoa, com quem pudesse conversar a respeito de suas dúvidas profundas sobre a continuação do namoro com Irene.

Chegara finalmente a reconhecer que a amava.

Além das feições extremamente atraentes, resultado da mistura de preto e índio, Irene era simpática, cativante, a esposa com que ele sempre sonhara. Contudo, sendo meticuloso e cauteloso em tudo, Tom sentia que, a menos que dois problemas vitais em relação a Irene fossem resolvidos, a união deles jamais seria bem-sucedida.

Por um lado, lá no fundo, Tom não gostava nem confiava totalmente em nenhuma pessoa branca, não fazendo exceção nem mesmo para Massa e Missis Murray.

Perturbava-o o fato de Irene aparentemente adorar, se não mesmo idolatrar, os brancos a que pertencia. Isso indicava que jamais poderiam ter o mesmo ponto de vista numa questão essencial.

O segundo problema, aparentemente ainda mais insolúvel, era o fato de a família Holt parecer igualmente devotada a Irene, como de vez em quando algumas prósperas famílias de massas consideravam suas escravas domésticas. Ele sabia que jamais poderia casar-se com uma mulher que vivesse em outra plantação, cada um tendo que submeter-se à indignidade de pedir licença aos respectivos massas para ocasionais visitas conjugais.

Tom chegou a aventar uma maneira honrosa, se bem que dolorosa, de separar-se de Irene, abstendo-se de tornar a vê-la. No domingo seguinte, vendo a expressão preocupada dele, Irene perguntou:

— O que está havendo, Tom?

— Não tem nada.

Rodaram em silêncio por algum tempo, até que Irene voltou a falar, a sua maneira direta e franca:

— Não vou insistir para você me dizer nada que não esteja querendo me dizer, enquanto você souber que eu sei que alguma coisa está amolando você.

Mal consciente das rédeas em suas mãos, Tom pensou que, entre as qualidades de Irene, as que mais admirava eram a franqueza e a honestidade. Contudo, há semanas, meses mesmo, que ele estava sendo desonesto com ela, ao lhe omitir seus verdadeiros pensamentos, por mais dolorosos que pudessem ser para ambos. E quanto mais ele adiasse as revelações, mais desonesto seria, além de aumentar suas amargas frustrações.

Tom decidiu falar, esforçando-se ao máximo para parecer natural:

— Lembra que eu contei a você que a esposa do meu irmão Virgil teve que ficar com o massa dela quando a gente foi vendido?

Como não tinha qualquer relação com o seu argumento, Tom não contou que, há pouco tempo, depois de um apelo pessoal dele, Massa Murray fora até o Condado de Caswell e conseguira comprar Lilly Sue e o pequeno Uriah. Respirando fundo, Tom acrescentou:

— Se eu pensasse em casar com alguém... acho que não ia aceitar que a gente vivesse em plantações de massas diferentes!

— Nem eu! — A resposta de Irene foi tão imediata a categórica que Tom quase largou as rédeas, mal podendo acreditar nos próprios ouvidos. Ele virou-se para ela, a boca entreaberta, gaguejando:

— Como... como assim?

— Estou dizendo que penso igualzinho a você. Tom resolveu pressioná-la.

— Você sabe muito bem que Massa e Missis Holt jamais vão vender você!

— Eu vou ser vendida quando chegar a hora!

Irene fitava-o calmamente.

Tom sentiu uma súbita fraqueza dominá-lo.

— Mas como é que pode saber?

— Não quero bancar a mal-educada, mas isso é problema meu e não seu!

Tom ouviu-se balbuciar:

— Sendo assim, por que você não é logo vendida... Ela pareceu hesitante. Tom quase entrou em pânico.

— Está bem, Tom. Você tem alguma data que acha melhor?

— Acho que é melhor deixar isso com você...

A mente de Tom estava em turbilhão. Que preço vultoso o massa de Irene não iria pedir por uma escrava tão valiosa? Ou será que a possibilidade não era antes de tudo um sonho delirante?

— Você vai ter que perguntar ao seu massa se ele vai querer me comprar, Tom.

— Claro que vai querer — respondeu Tom, com mais certeza do que sentia. Ele respirou fundo, antes de perguntar, sentindo-se um tolo: — Quanto você acha que vai custar? Acho que o meu massa vai querer ter uma ideia.

— Acho que eles vão aceitar qualquer oferta do seu massa, se for razoável.

Tom ficou olhando aturdido para Irene, sem saber o que dizer. Foi ela quem finalmente falou:

— Tom Murray, acho que em algumas coisas você é o homem mais irritante que já conheci! Tem um bocado de tempo que estou esperando você dizer alguma coisa!

Espre só até eu ter você nas minhas mãos e aí vou meter um pouco de juízo nessa sua cabeça dura!

Tom mal sentiu os punhos dela a lhe baterem na cabeça, nos ombros, no peito, enquanto a tomava nos braços, a primeira mulher a quem abraçava em toda a sua vida. E a mula seguiu em frente, sem ninguém a guiá-la.

Naquela noite, estendido na cama, Tom começou a ver com os olhos da mente como iria fazer uma rosa de ferro para Irene. Na primeira viagem que fizesse à sede do condado, iria comprar um pedaço do melhor ferro forjado que encontrasse.

Estudaria atentamente uma rosa, como a haste e a base se encontravam, a maneira como as pétalas se abriam, cada curva... Pensou na maneira como esquentaria o pedaço de ferro, deixando-o laranja, para moldá-lo até a finura apropriada para fazer os contornos das pétalas... e depois iria tornar a esquentar e mergulharia a rosa numa mistura de água salgada e óleo, garantindo assim a têmpera delicada das pétalas da rosa...



Missis Emily Holt ficou imediatamente alarmada, primeiro ao ouvir o barulho e depois ao adiantar-se rapidamente e descobrir sua querida Irene encolhida debaixo da escada, a soluçar desesperadamente.

— O que aconteceu, Irene? — Missis Emily inclinou-se e agarrou os ombros da moça, que tremiam convulsivamente. — Levante-se imediatamente e me conte tudo o que aconteceu, Irene!

A moça conseguiu ficar de pé, a cambalear, enquanto contava à sua aturdida missis o amor que sentia por Tom, com quem desejava casar, e seus esforços para resistir aos assédios constantes de alguns jovens massas. Pressionada por Missis Emily, bastante nervosa, Irene terminou revelando os nomes de dois dos jovens massas.

Naquela noite, antes do jantar, Massa e Missis Holt, abalados com a notícia, acabaram concordando que era melhor, para a família, que Irene fosse vendida a Massa Murray... e o mais depressa possível.

Mesmo assim, porque Missis e Massa Holt gostavam realmente de Irene e aprovavam a escolha de Tom para marido, insistiram junto a Massa e Missis Murray para que o casamento fosse realizado na propriedade deles. Todos os membros das duas famílias, tanto brancos como pretos, compareceriam à cerimônia, diante da mansão Holt. O próprio Massa Holt se encarregaria de entregar a noiva a Tom.

A cerimônia foi comovente e maravilhosa, mas a maior sensação foi a rosa de ferro, de haste comprida e impecavelmente lavrada, que o noivo Tom tirou do bolso interno do casaco e presenteou à noiva radiante.

Por entre as exclamações de espanto e admiração dos presentes, Irene contemplou a rosa por um momento, depois levou-a ao peito e murmurou:

— Tom, é a coisa mais linda que eu já vi! Nunca vou ficar longe desta rosa... nem de você!

Durante o suntuoso banquete oferecido no quintal aos pretos, depois que as radiantes famílias brancas se retiraram para irem comer dentro da casa grande, Matilda já estava no terceiro copo de vinho quando disse para Irene:

— Você é muito mais do que só uma filha bonita! Você me evitou a preocupação de pensar que o meu Tom era tímido demais para chegar a pedir uma garota em casamento!

Irene respondeu prontamente, em voz bem alta:

— E não foi ele quem pediu!

Todos desataram a rir alegremente.

Depois da primeira semana de casamento, a família de Tom, na plantação Murray, gracejava que o martelo dele parecia estar novamente cantando na bigorna.

Ninguém jamais vira Tom conversar tanto com as pessoas nem sorrir tão frequentemente quanto depois do casamento com Irene. A rosa de ferro estava colocada em cima da lareira da cabana deles, de onde Tom saía ao amanhecer para acender sua

forja. E durante o resto do dia raramente se interrompiam os ruídos das ferramentas dele a moldarem os metais, até que ao anoitecer ele mergulhava o último objeto em brasa na tina cheia de água, sibilando e levantando borbulhas, enquanto esfriava. Aos fregueses que apareciam para um pequeno conserto ou simplesmente para que afiasse ferramentas, Tom geralmente indagava se podiam esperar um pouco.

Alguns escravos sentavam-se nos troncos que havia a um lado da oficina, mas a maioria preferia andar a esmo de um lado para outro, em pequenos grupos, conversando sobre assuntos de interesse comum. No outro lado, ficavam esperando os fregueses brancos, sentados em toras que Tom preparara especialmente, colocando-as em posição tal que pudesse ouvir as conversas, embora não perto o bastante para que desconfiassem de que ele estava escutando, enquanto trabalhava. Fumando, mascando tabaco, talhando madeira, de vez em quando tomando um gole dos frascos que traziam nos bolsos, aqueles homens começaram a considerar a oficina de Tom como um ponto de encontro.

Assim, ele podia diariamente contar uma porção de notícias locais e outras mais importantes a sua Irene, a Matilda e a seus demais parentes na senzala.

Tom contou, por exemplo, do profundo ressentimento dos brancos contra a campanha dos abolicionistas do Norte pela libertação de todos os escravos.

— Eles estão dizendo que é bom o Presidente Buchanan não se meter com aqueles bandos de adoradores de negros, se quiser contar com algum apoio aqui no Sul.

Mas os fregueses brancos, dizia Tom, manifestavam um ódio ainda mais terrível “contra Massa Abraham Lincoln, que anda falando em libertar imediatamente todos os escravos...”

— Isso é verdade — confirmou Irene. — Tem um ano que eu vinha ouvindo dizer que, se ele não calar a boca, ainda vai meter o Norte e o Sul numa guerra!

— Vocês deviam era ouvir o meu antigo massa gritando furioso e praguejando! — disse Lilly Sue. — Ele diz que esse Massa Lincoln tem pernas e braços compridos e finos e que se a gente olhar para a cara dele vai ficar sem saber se parece mais com um macaco ou com um gorila!

Disse que ele nasceu numa cabana de troncos e chão de terra e pegava ursos e gatos do mato para ter alguma coisa para comer, enquanto rachava troncos para fazer os postes de cercas, como se fosse um negro!

— Tom, você não disse para a gente que Massa Lincoln é agora um advogado? — indagou Little Kizzy.

Tom assentiu, confirmando.

Matilda declarou:

— Não me importo com o que esses brancos estão dizendo.

Só sei de uma coisa: Massa Lincoln está querendo fazer uma coisa boa para a gente, se deixa os brancos tão furiosos. Para dizer a verdade, quanto mais escuto falar sobre ele mais ele me parece como Moisés tentando libertar a gente, filhos de Israel!

— Só acho que ele não está fazendo as coisas depressa o bastante para o meu gosto — comentou Irene.

Tanto ela como Lilly Sue tinham sido compradas por Massa Murray para trabalharem nos campos, como ela realmente fizera, no início. Mas poucos meses de haviam passado quando Irene pediu ao marido apaixonado que lhe fizesse um tear manual.. e ela teve o tear no tempo mais curto que as mãos hábeis de Tom puderam fazê-lo. De noite, podia-se ouvir o barulho do tear na senzala, por muito tempo depois que o resto da família já fora deitar-se. Não se passou muito tempo para que Tom, visivelmente orgulhoso e um pouco

acanhado, estivesse usando uma camisa que Irene cortara e costurara, de um pano que ela própria fizera.

— Eu apenas gosto de fazer o que minha mãe me ensinou — disse Irene modestamente, quando lhe deram os parabéns.

Em seguida, ela fez o pano e costurou vestidos iguais para as extasiadas Lilly Sue e Little Kizzy, que estava agora com quase 20 anos e parecia não ter ainda assentado, preferindo ter namoros sucessivos e breves. O último era com um empregado da Companhia Ferroviária da Carolina do Norte, Amos, que trabalhava no hotel da empresa, recentemente construído, a 15 quilômetros das oficinas.

Em seguida, Irene fez camisas para todos os cunhados, que ficaram comovidos e gratos, até mesmo Ashford. Finalmente, fez blusas, aventais e toucas combinando, para si mesma e para Matilda. Missis e depois Massa Murray também ficaram maravilhados com o vestido e a camisa que Irene fez em seguida para os dois, de algodão plantado e colhido na plantação.

— Mas é lindo! — exclamou Missis Murray, virando-se para que a radiante Matilda pudesse contemplar o vestido. — Não consigo entender por que os Holts venderam Irene para nós e por um preço tão razoável!

Evitando cautelosamente a verdade, que Irene lhe contara, Matilda disse:

— Acho que é porque eles gostam muito de Tom, Missis.

Como tinha uma grande paixão por cores, Irene rapidamente acumulou as plantas e folhas de que precisava para tingir o algodão. Nos fins de semana do início de outono de 1859, podiam-se ver amostras de pano de diversas cores, vermelha, verde, púrpura, azul, marrom e amarelo, a cor preferida de Irene, balançando nos varais para secar. Sem que ninguém parecesse ter decidido formalmente ou sequer percebido, Irene foi aos poucos deixando de trabalhar nos campos. Desde o massa e a missis, até Virgil, Lilly Sue e o pequeno Uriah, de quatro anos e que se comportava de maneira muito estranha, todos estavam muito mais preocupados com as diversas maneiras pelas quais Irene estava contribuindo para tornar a vida deles mais alegre.

— Acho que uma das coisas que me fez gostar de Tom foi descobrir que nós dois adoramos fazer coisas para as pessoas — disse Irene para Matilda, que se balançava preguiçosamente diante da lareira acesa, numa noite fria em princípios de outubro.

Depois de uma pausa, Irene lançou um olhar sugestivo e brejeiro para a sogra, acrescentando: — Conhecendo Tom, acho que nem preciso perguntar se ele contou que a gente andou fazendo também outra coisa...

Matilda levou um segundo para responder. Depois levantou-se bruscamente, a gritar de alegria, e foi abraçar Irene.

— Quero ver se vocês fazem uma menina primeiro, meu bem, para eu poder abraçar e ninar como se fosse uma bonequinha!

Irene fez uma quantidade inacreditável de coisas durante os meses de inverno, enquanto sua gravidez ia aos poucos aumentando. As mãos dela pareciam dotadas de magia, fazendo coisas maravilhosas que pouco depois eram admiradas na casa grande e em todas as cabanas da senzala. Ela fez tapete com retalhos de algodão, velas coloridas e perfumadas para o Natal e Ano Novo, transformou chifres de vacas em pentes, fez cabações e ninhos para passarinhos com desenhos maravilhosos. Insistiu até que Matilda a deixasse assumir a tarefa semanal de ferver, lavar e passar a ferro as roupas de todos. Punha entre as roupas algumas de suas pétalas de rosas secas ou folhas de manjeriço, fazendo com que todos os Murrys, tanto os pretos como os brancos, cheirassem igual e tão bem quanto se

sentiam.

No mês de fevereiro, Irene participou de uma pequena conspiração, tramada por Matilda, que conseguira recrutar a ajuda de um Ashford divertido. Depois de explicar o plano, Matilda advertira a Irene:

— Não fale nada disso com Tom. Você sabe como ele só gosta de fazer as coisas às claras!

Como não visse mal algum na conspiração, Irene aproveitou a primeira oportunidade para chamar a cunhada, Little Kizzy, que a adorava, para uma conversa em particular.

— Ouvi uma coisa que acho que você vai querer saber.

Aquele Ashford anda dizendo por aí que uma garota bonita de verdade está levando vantagem sobre você junto daquele homem que trabalha no hotel da estrada de ferro, o Amos... — Irene hesitou por um instante, o suficiente para confirmar que os olhos de Little Kizzy se estreitavam bruscamente, numa reação de ciúme. — Ashford disse que a garota é da mesma plantação que um colega dele. E ele diz que Amos vai visitar ela nas noites de semana, deixando o domingo para você. A garota anda dizendo que não vai demorar muito para ela e Amos pularem a vassoura...

Little Kizzy engoliu a isca como um peixe voraz, o que deixou Matilda imensamente satisfeita, pois achava que Amos era o melhor entre todos os namorados que a filha volúvel já tivera e que já estava mais do que na hora de a menina assentar e parar de namorar.

No domingo seguinte, até mesmo o impassível Tom franziu as sobrancelhas, surpreso, durante a visita de Amos, que chegara, como sempre, numa mula emprestada. Ninguém da família jamais vira Little Kizzy exibir tamanha alegria, exuberância e manobras sugestivas, envolvendo o aturdido e silencioso Amos, a quem anteriormente sempre tratara com um certo tédio.

Depois de alguns domingos assim, Little Kizzy confessou à sua heroína Irene que finalmente estava apaixonada por Amos. Irene imediatamente comunicara a notícia a Matilda, que ficara profundamente satisfeita.

Mas outros domingo se passaram sem que houvesse qualquer alusão a “pular a vassoura”. E Matilda confidenciou a Irene:

— Estou preocupada. Acho que não vai passar muito tempo antes de eles fazerem alguma coisa. Já reparou como os dois sempre se afastam da gente e ficam falando baixinho? — Matilda fez uma pausa. — Irene, estou preocupada com duas coisas.

A primeira é que eles podem ficar tão juntos e acabar fazendo uma besteira. A outra coisa é que aquele menino conversa com tanta gente da estrada de ferro e gente que viaja que eles podem estar pensando em fugir lá para o Norte. A minha Little Kizzy é maluca o bastante para fazer uma coisa dessas!

No domingo seguinte, quando Amos chegou, Matilda imediatamente apareceu com um bolo e um jarro de limonada, convidando-o para conversar um pouco.

— Parece que a gente quase não se vê mais!

Little Kizzy deixou escapar um gemido audível, mas tratou de se acalmar quando viu o olhar furioso de Tom.

Amos, sem qualquer alternativa, aceitou o lugar que lhe era oferecido. A família pôs-se a conversar, enquanto tomava a limonada.

Amos contribuiu com alguns monossílabos, meio inibido.

Depois de algum tempo, Little Kizzy aparentemente decidiu que seu homem era muito mais interessante do que a família estava sendo capaz de apreciar.

— Amos, por que não fala para eles sobre aqueles postes compridos e os fios que os

brancos da estrada de ferro estão colocando?

O tom dela era mais uma exigência do que um mero pedido. Visivelmente contrafeito com a atenção súbita, Amos disse:

— Não sei se vou poder contar direito o que eles estão fazendo. Mas no mês passado eles começaram a estender fios em cima de postes altos até perder de vista...

— E para que servem esses postes e esses fios? — indagou Matilda.

— Ele já vai chegar lá, Mamãe! Amos parecia embaraçado.

— É o tal de telégrafo. Acho que é assim que eles chamam. Andei dando uma olhada e vi que os fios descem para dentro da estação. O agente da estação tem ao lado dele uma engenhoca engraçada, com uma espécie de manivela esquisita do lado. De vez em quando ele faz um clique com o dedo. Mas quase que o tempo todo é a engenhoca que fica fazendo o clique sozinha. Parece que os brancos acham uma coisa espetacular. Agora, todas as manhãs aparece uma porção de brancos, amarram seus cavalos e ficam esperando a engenhoca começar a fazer os cliques. Eles dizem que são notícias que vêm de uma porção de lugares diferentes pelos fios no alto daqueles postes.

— Espere um pouco, Amos...

— disse Tom, falando bem devagar. — Está querendo dizer que as notícias chegam, mas não há ninguém falando, só esses cliques?

— Isso mesmo, Mr. Tom.

Parece um grilo imenso.

Acho que de um jeito ou de outro o agente vai formando palavras com esses cliques, até que eles param. Depois ele sai da estação e diz para os outros brancos o que foi que disseram.

— Esses brancos fazem cada coisa! — exclamou Matilda. — Deus do céu!

Ela olhou para Amos quase tão radiante quanto Little Kizzy. Evidentemente sentindo-se agora mais à vontade, Amos decidiu falar a respeito de outras maravilhas que conhecia.

— Mr. Tom já esteve nas oficinas da estrada de ferro?

Tom tinha chegado à conclusão de que simpatizava com aquele rapaz que parecia ser, finalmente, o eleito de sua irmã para “pular a vassoura”. Era um rapaz de boas maneiras, parecia sério e sincero.

— Não, filho, não conheço. Eu e minha esposa já passamos perto das oficinas, mas eu nunca entrei lá.

— Já levei muita comida em bandejas do hotel para os homens que trabalham nas 12 oficinas diferentes. Acho que a que tem mais movimento é a oficina de ferreiro. Eles endireitam lá aqueles eixos grandes dos trens, endireitam outras coisas, fazem todas as peças que fazem os trens andarem. Tem lá guindastes grandes como árvores e cada grupo de ferreiro tem um ajudante negro, cuidando das maretas tão grandes como nunca vi iguais. Eles têm forjas que dão para assar duas ou três vacas inteiras. E um dos negros me disse que as bigornas deles pesam até 400 quilos!

— Puxa! — exclamou Tom, soltando um assovio, de tão impressionado que estava.

— Quanto é que pesa a sua bigorna, Tom? — perguntou Irene.

— Em torno de cem quilos e não tem ninguém que consiga levantar ela.

Little Kizzy voltou a intervir:

— Amos, você não contou nada a eles sobre o seu hotel novo em que está trabalhando!

— Vamos com calma! — disse Amos, sorrindo. — O hotel não é meu! Mas eu bem que gostaria! O que entra de dinheiro ali não é pouco!

Acho que todo mundo já sabe que o hotel foi construído tem pouco tempo. Dizem que

teve homens que ficaram furiosos porque o presidente da estrada de ferro conversou com eles mas depois escolheu Miss Nancy Hillard para cuidar do hotel. Foi ela quem me contratou, lembrando como eu trabalhava duro para a família dela. O hotel tem 30 quartos, com seis banheiros nos fundos. As pessoas pagam um dólar por dia pelo quarto, uma bacia com água, uma toalha, além do café da manhã, almoço e jantar e uma cadeira na varanda da frente.

Miss Nancy de vez em quando reclama que os homens da estrada de ferro deixam os lençóis limpos sujos de graxa e fuligem. Mas depois ela acha que é melhor eles gastarem todo o dinheiro deles ali, antes de voltarem a trabalhar nas oficinas.

Little Kizzy deu outra deixa a Amos:

— E aquela história de dar comida para os trens carregados de pessoas?

Amos sorriu.

— É um bocado de trabalho!

Todos os dias passam dois trens de passageiros, um indo para leste e o outro para oeste. Vão para McLeansville ou Hillsboro, dependendo do lado para que estão seguindo.

O condutor do trem telegrafa na frente para o hotel, dizendo quantos passageiros e empregados está levando. E quando o trem chega a nossa estação, Miss Nancy já cuidou de tudo, as comidas estão quentinhas em cima de mesas compridas. E a gente tem de correr de um lado para outro para servir as pessoas.

Tem galinha, tem perdiz, presunto, coelho, bife. E também tem uma porção de saladas e todos os legumes que a gente pode imaginar. E tem uma mesa comprida inteira onde só tem sobremesas! O trem fica esperando 20 minutos para dar tempo das pessoas comerem e embarcarmos de novo, antes de partir para a estação seguinte.

— Os caixeiros-viajantes, Amos! — gritou Little Kizzy, fazendo todos sorrirem com o seu orgulho visível.

— Miss Nancy adora quando eles vão para o hotel. Tem vezes que dois ou três deles saltam do mesmo trem. Eu e o outro negro saímos correndo na frente levando as malas, bem grandes, que estão cheias de amostras do que eles estão vendendo. Miss Nancy diz que eles são verdadeiros cavalheiros, mantêm os quartos limpos e gostam de bons cuidados. E eu também gosto deles. Tem alguns que estão sempre dispostos a dar um dinheiro para a gente, por carregar as malas, engraxar os sapatos ou fazer qualquer outro serviço assim. Logo depois que chegam, eles se lavam e saem pela cidade, conversando com as pessoas. E depois do jantar, eles sentam na varanda, mascando tabaco ou fumando, apenas olhando ou conversando, antes de subirem para deitar. E na manhã seguinte eles mandam a gente levar as malas com as amostras até o ferreiro local, que aluga um cavalo e uma charrete pelo dia por um dólar. E eles saem para vender as suas coisas, em todos os armazéns espalhados pelo condado...

Numa explosão espontânea de admiração pelo fato de Amos trabalhar em meio a coisas tão maravilhosas, o gorducho Little George exclamou:

— Amos, nunca pensei que você estivesse levando uma vida assim!

— Miss Nancy diz que a estrada de ferro é a coisa mais importante que já aconteceu desde o cavalo — disse Amos, modestamente. — Ela diz que daqui a pouco, mais estradas de ferro vão juntar os trilhos e as coisas nunca mais vão ser as mesmas!



Chicken George diminuiu o galope apenas o suficiente para sair da estrada e entrar no caminho para a plantação.

Abruptamente, ele ficou tenso. Era o lugar, mas como estava diferente da última vez em que o vira! Era inacreditável! O mato se espalhava pelo caminho, a casa Lea, outrora amarela, estava agora com a pintura toda descascada, de uma cor indefinível. Nas janelas havia trapos, onde outrora existiam vidraças. Todo um lado do telhado estava quase caindo e já sofrera inúmeros consertos. Até mesmo os campos adjacentes eram uma paisagem desolada, com hastes velhas e ressequidas, as cercas caindo.

Chocado, aturdido, Chicken George deixou que o cavalo seguisse a passo, procurando o melhor caminho entre o mato. Chegando mais perto, viu que a varanda estava inclinada, os degraus da frente quebrados, os telhados das cabanas dos escravos tinham desmoronado. Não avistou um só gato, um cachorro ou uma galinha, ao desmontar e puxar o cavalo pelas rédeas, até o quintal dos fundos.

Também não estava preparado para a visão da velha encarquilhada, sentada num pedaço de tronco, a tirar as folhas de uma alface, jogando as numa bacia rachada e enferrujada.

Chicken George concluiu que só podia ser Miss Malizy, mas estava tão diferente que parecia até impossível. O

“Ei” desnecessariamente alto dele chamou a atenção da velha.

Miss Malizy olhou ao redor, avistou-o. Mas Chicken George compreendeu logo que ela não o reconheceria.

— Miss Malizy! Ele se aproximou, parando diante dela, indeciso, ao verificar que continuava sem reconhecê-lo. Ela cerrou os olhos, focalizando melhor... e subitamente apoiou uma das mãos no tronco e levantou-se:

— George... você não é aquele menino, o George?

— Sou eu mesmo, Miss Malizy! — Ele correu até ela, abraçando o corpo imenso, prestes a chorar.

— Mas onde é que andou, menino? Antigamente você estava por aqui o tempo todo!

O tom e as palavras dela eram vagos, como se não registrasse que cinco anos se haviam passado.

— Estive do outro lado da grande água, naquele lugar chamado Inglaterra, Miss Malizy. Estive pondo galos para lutar por lá... Miss Malizy, onde é que está minha esposa, minha mãe e meus filhos?

A expressão dela era impassível, como se estivesse agora além de qualquer emoção, não importando o que pudesse acontecer.

— Não tem mais ninguém por aqui, menino! — Ela parecia estar surpresa pelo fato de George não saber. — Já foi todo mundo embora. Agora só tem o massa e eu...

— Foram para onde, Miss Malizy?

George sabia agora que ela estava de miolo mole. Com a mão gorducha, ela acenou na direção de um pequeno bosque de salgueiros, além da senzala em ruínas.

— Sua mãe... Kizzy era o nome dela... está ali embaixo...

Um soluço subiu pela garganta de Chicken George, que levou as mãos à boca, numa tentativa inútil de contê-lo.

— Sarah também está lá embaixo... e a velha missis... ali na frente... Não viu ela quando passou?

— Miss Malizy, onde é que estão Tilda e as crianças?

George não queria insistir demais para não deixá-la abalada. Miss Malizy teve que pensar por um momento.

— Tilda? Ah, sim. Tilda era uma boa menina. E teve uma porção de crianças. Menino, você devia saber que o massa vendeu eles há muito tempo.

— Para onde, Miss Malizy?

Para onde? — Chicken George sentiu-se dominado pela raiva. — Onde é que está o massa, Miss Malizy?

Ela virou a cabeça na direção da casa.

— Lá em cima, acho que ainda dormindo. Fica tão bêbado que só levanta tarde da manhã... e gritando que está querendo comer... e quase não tem comida...

Menino, você trouxe alguma coisa para cozinhar?

George gritou um “Não!” para a confusa Miss Malizy e entrou correndo na cozinha, atravessou o corredor até a sala de visitas. Foi parar na base da escada, gritando, furioso por Massa Lea!

— MASSA LEA!

Já se preparava para subir a escada quando ouviu algum barulho lá em cima. Depois de um momento, da porta à direita, emergiu um vulto desgrenhado.

Chicken George, apesar de toda a sua raiva, não conseguiu deixar de ficar chocado e aturdido da sombra de seu massa, agora esquelético, barbado, sujo, tendo dormido com as roupas que estava.

— Massa Lea?

— George! — O corpo do velho estremeceu. — George!

Ele desceu lentamente pela escada que rangia. Parou lá embaixo e os dois ficaram-se olhando em silêncio por algum tempo. O rosto de Massa Lea estava encovado, os olhos semicerrados pela remela. Ele começou a rir e abriu os braços para abraçar George, que deu um passo para o lado e pegou as mãos ossudas do velho, sacudindo-as vigorosamente.

— George, estou tão contente de você ter voltado! Onde é que você andou? Já devia ter voltado há muito tempo!

— É que Lord Russell simplesmente não queria deixar eu vir embora. E levei oito dias para vir do navio em Richmond até aqui.

— Menino, venha até a cozinha. — Massa Lea estava puxando os pulsos de Chicken George. Ao chegarem, ele apontou para as duas cadeiras quebradas. — Sente-se aqui, menino! LIZY!

Onde é que está meu jarro?

LIZY!

— Estou indo, Massa...

A voz vinha lá de fora.

Massa Lea comentou:

— Ela ficou de miolo mole depois que você foi embora, não sabe distinguir o ontem do

amanhã...

— Massa, onde é que está a minha família?

— Menino, vamos beber alguma coisa antes de agente conversar. A gente passou uma porção de tempo juntos, mas nunca bebemos juntos.

Estou tão contente de você ter voltado! Finalmente tenho alguém para conversar!

— Não estou querendo conversar, Massa. Quero é saber onde é que está a minha família...

— LIZY!

— Sim, senhor...

O vulto volumoso de Miss Malizy apareceu na porta. Ela encontrou e pôs em cima da mesa um jarro e copos.

Tornou a sair, como se não percebesse sequer que Chicken George e Massa Lea estavam ali conversando.

— Sinto muito o que aconteceu com a sua mamãe, menino. Mas ela estava velha demais, não sofreu muito e morreu depressa. Enterrei ela numa boa sepultura... — Massa Lea serviu os drinques.

É de propósito que ele não está dizendo nada sobre Tilda e as crianças, pensou George.

Não mudou nada... ainda é traiçoeiro e perigoso como uma cobra... tenho que dar um jeito de não deixar ele furioso demais...

— Lembra da última coisa que me disse, Massa? Disse que ia me dar a liberdade assim que eu voltasse! Pois acabei de voltar!

Mas Massa Lea não deu sinal de sequer ter ouvido.

Empurrou um copo por cima da mesa e levantou o seu.

— Aqui está você, menino.

Vamos beber à sua volta...

Preciso disso... pensou Chicken George, tomando a bebida e sentindo que o queimava por dentro. Tentou novamente, de forma indireta:

— Fiquei muito triste quando soube de Miss Malizy que tinha perdido a sua missis, Massa.

Terminando de beber, Massa Lea disse:

— Teve uma manhã que ela simplesmente não acordou.

Detestei quando ela morreu.

Ela nunca me deu sossego desde aquela briga de galos com o inglês, mas mesmo assim não gostei quando ela foi embora. Não gosto de ver ninguém indo embora. — Ele arrotou, antes de acrescentar:

— Mas todo mundo acaba indo embora...

Ele não está tão ruim quanto Miss Malizy, mas já está no caminho, pensou George. Ele decidiu ir direto ao ponto.

— Miss Malizy disse que vendeu minha Tilda e as crianças, Massa...

Massa Lea fitou-o bruscamente.

— Tive que vender, menino.

Não tive outro jeito. O azar me pegou firme. Tive que vender quase todas as minhas terras, tive que vender até o último dos meus galos!

Chicken George estava prestes a explodir, mas conseguiu conter-se.

— Menino, estou tão pobre agora que eu e Miss Malizy estamos comendo só o que a gente consegue encontrar e pegar! — Subitamente, soltou uma risada. — Mas isso não é

nenhuma novidade! Afinal, eu nasci pobre assim! — Voltou a ficar sério. — Mas agora que você voltou, George, a gente pode botar este lugar para funcionar de novo! Eu sei que você pode fazer isso, menino!

A única coisa que impedia Chicken George de atacar Massa Lea era o condicionamento a que fora submetido por toda a sua vida, do que lhe aconteceria se atacasse fisicamente um homem branco. Mas sua raiva era cada vez mais intensa.

— Massa, me mandou para longe daqui com a palavra de que ia me libertar assim que eu voltasse! Eu voltei agora e descubro que vendeu toda a minha família! Quero os meus papéis de liberdade e quero saber onde é que estão minha Tilda e as crianças, Massa!

— Pensei que já tinha falado para você, menino. Eles estão lá no Condado de Alamance, com um plantador de tabaco chamado Murray, que vive perto das oficinas da estrada de ferro... — Os olhos de Massa Lea se estreitaram subitamente. — Não levante a voz para mim, menino!

Alamance... Murray... oficinas da estrada de ferro!

Gravando essas palavras na memória, Chicken George conseguiu assumir uma expressão arrendida.

— Desculpe, Massa. É que eu fiquei muito nervoso...

A expressão do massa era a de quem hesitava por um instante e depois acabava perdendo.

Tenho que arrancar dele aquele papel que ele escreveu me dando a liberdade!

— Estou um bocando ruim, menino! — Inclinando-se sobre a mesa, o massa semicerrou os olhos, com uma expressão furiosa. — Está-me entendendo? Estou muito ruim! Ninguém sabe como! E não é apenas o dinheiro! — Ele gesticulou para o peito: — É lá dentro!

O massa ficou em silêncio, como se esperasse por uma resposta. Chicken George murmurou:

— Sim, senhor.

— As coisas não estão nada fáceis, menino! Os filhos das putas gritam meu nome quando eu apareço e atravessam a rua. Já ouvi eles rindo nas minhas costas.

Filhos das putas! — O punho ossudo bateu na mesa. — Mas juro que Tom Lea vai mostrar para eles todos! Agora que você voltou, tudo vai mudar!

Vou arrumar outros galos.

Não importa que eu esteja com 83 anos! A gente pode conseguir, menino!

— Massa...

Massa Lea fitava-o atentamente.

— Já esqueci quantos anos você tem, menino. Cinquenta e quatro anos agora, Massa.

— Essa não!

— É, sim, Massa. E não demora muito para eu fazer 55 anos.

— Oh, diabo! Eu vi você na manhã mesma em que nasceu! Era todo enrugado, um negrinho cor de palha... — Massa Lea soltou uma risadinha. — Fui eu que dei o nome para você!

Servindo-se de mais um drinque, depois que Chicken George recusou, Massa Lea olhou rapidamente ao redor, como que para certificar-se de que estavam a sós.

— Acho que não tem sentido você ser mais uma das pessoas que eu estou enganando, menino. Eles pensam que eu não tenho mais nada... — Ele fez uma pausa, olhando para Chicken George com uma expressão de conspiração. — Tenho dinheiro! Não é muito... mas tenho dinheiro escondido! E só eu sei onde é que está!

Ele ficou em silêncio, por algum tempo, olhando para Chicken George.

— Menino, sabe quem é que vai ficar com tudo o que eu tenho quando eu morrer? E ainda tenho dez acres! Terra é como dinheiro no banco!

Tudo o que eu tenho vai para você! É agora a pessoa mais chegada a mim, menino! — Massa Lea parecia estar dominado por alguma dúvida. Furtivamente, inclinou-se mais ainda. — Que diabo, a gente tem que enfrentar as coisas! É o sangue que une a gente, menino!

Ele chegou no fundo ao dizer isso, pensou George, mantendo-se em silêncio.

— Só quero que fique mais um pouco, George... — O rosto vermelho pelo uísque estava suplicante. — Sei que você não é de virar as costas a quem ajudou você neste mundo...

Pouco antes de eu partir, ele me mostrou o papel que tinha escrito e assinado me dando a liberdade. E disse que ia guardar o papel no cofre.

Chicken George compreendeu que teria de embriagar Massa Lea mais um pouco. Examinou o rosto do outro lado da mesa, pensando: ser branco é a única coisa que restou para ele...

— Menino, você lembra que eu dei um passe a você para sair atrás de toda garota que quisesse? — Chicken George simulou uma risada jovial. O massa continuou: — E eu fiz isso porque você era demais.

E como a gente arrumava mulher naquelas viagens que a gente fazia! Eu sabia o que você estava fazendo e você sabia o que eu estava fazendo!

— É isso mesmo, Massa.

— E quando você começou a querer ganhar dinheiro, eu emprestei um pouco para ser o ponto de partida!

— Isso é verdade, Massa.

— Menino, a gente formava uma dupla e tanto!

Chicken George descobriu-se quase emocionado com aquelas reminiscências.

Sentia-se também um pouco tonto do uísque. Teve que recordar-se de seu objetivo.

Estendendo a mão, pegou o cântaro e serviu mais um pouco de uísque ao massa, despejando depois mais um pouco em seu próprio copo, envolvendo-o com a mão para que Massa Lea não reparasse na quantidade pequena. Levantando o copo, George disse com a voz engrolada:

— Vamos beber ao melhor dos massas!

Limpando a boca com as costas da mão, tossindo com o impacto do uísque, Massa Lea disse, a voz também engrolada:

— Menino, eu me sinto feliz de ver que você se sente assim!

— Outro brinde!

Os dois copos se levantaram.

— Aos melhores negros que eu já tive! Esvaziaram os copos.

— Ainda não me falou nada sobre aquele inglês, menino... Como era mesmo o nome dele?

— Lord Russell, Massa. Ele tem mais dinheiro do que pode contar. E tem mais de 400 linhagens diferentes de galos de briga... — Chicken George fez uma pausa deliberada, antes de acrescentar: — Mas ele não é um criador tão bom quanto o massa.

— Está falando sério, menino?

— E também não é tão esperto quanto o massa. Ele é só rico e sortudo. Não é um branco de qualidade como o massa.

Chicken George recordou-se de que certa ocasião ouvira Sir C. Eric Russell dizer que “o

dono de George não passa de um mero criador de frangos ordinários”.

Massa Lea levantou a cabeça, os olhos tentando focalizar George. Onde será que ele guarda o cofre?

George pensou que o resto de sua vida iria depender de obter aquele pedaço de papel de que tão bem se recordava, talvez com três vezes mais palavras escritas do que um passe comum, por cima da assinatura.

— Massa, posso tomar mais um pouco do seu uísque?

— Sabe que nem precisa perguntar, menino... pode tomar tudo o que quiser...

Chicken George estava começando a sentir os efeitos do uísque. Empertigou-se subitamente, ao ver a cabeça do massa baixar lentamente na direção do tampo da mesa.

— Sempre foi muito bom para os seus negros, Massa... A cabeça hesitou, acabou de baixar.

— Eu tentei, menino... bem que tentei...

Acho que ele-ja está bastante bêbado agora, pensou George.

— E a missis também...

— Ela sempre foi uma boa mulher...

O peito do massa também estava agora encostado na mesa. Levantando-se, procurando fazer o mínimo de barulho, Chicken George esperou por um momento de suspense. Foi até a porta e parou. Virou-se e chamou, não muito alto:

— Massa!... Massa!

Chicken George virou-se novamente e entrou em ação, ágil e silencioso como um gato, revistando todas as gavetas de todos os móveis da sala da frente. Ao acabar, parou por um instante, ouvindo apenas a própria respiração. Começou a andar, maldizendo o rangido do assoalho.

O impacto de entrar num quarto de homem branco atingiu-o em cheio. Parou, recusando involuntariamente, a olhar para toda aquela confusão. Mas controlou-se rapidamente e entrou de vez no quarto, repugnado com o mau cheiro, de uísque azedo, urina, suor e roupas sujas, por entre garrafas vazias.

Freneticamente, começou a revistar tudo, jogando as coisas para longe, rebuscando inutilmente. Talvez estivesse debaixo da cama! Ficando de quatro, ele deu uma olhada debaixo da cama. E lá estava o cofre.

Agarrando-o, ele desceu correndo, a escada, quase tropeçando. Vendo que o massa ainda estava dormindo sobre a mesa da cozinha, saiu rapidamente pela porta da frente. Contornou a casa, procurando abrir a caixa de metal com as mãos. Monta no cavalo e vai embora! Deixa para abrir depois! Mas ele precisava ter certeza de que lá dentro estava o documento de sua libertação.

Ele viu o velho cepo de cortar lenha, com o machado enferrujado ao lado. Quase pulou de alegria. Pôs a caixa sobre o cepo e abriu-a com um único golpe do machado.

Notas, moedas e papéis dobrados caíram pelo chão.

Chicken George vasculhou os papéis e reconheceu imediatamente o que estava procurando.

— O que é que está fazendo, menino?

Ele teve um sobressalto.

Mas era apenas Miss Malizy, sentada ali perto, impassível.

— O que o massa disse? — perguntou ela, distraidamente.

— Tenho que ir embora, Miss Malizy!

— Então acho melhor você ir logo de uma vez...

- Vou dizer para Tilda e as crianças que você mandou lembranças para elas...
- Isso é muito bom, menino... e vocês todos têm que se cuidar...
- Claro, Miss Malizy.

Chicken George foi abraçá-la. Devia ir dar uma olhada lá nas sepulturas. Mas ele decidiu que não, que era melhor recordar sua mãe Kizzy e Irmã Sarah como as conhecera, vivas. Lançou um último olhar pela plantação onde nascera e fora criado. E inesperadamente começou a chorar. Apertando com força o documento que lhe concedia a liberdade, saiu correndo e montou no cavalo, com os dois sacos nos lados, onde estavam todos os seus pertences. E saiu a galope pelo caminho tomado pelo mato, sem olhar para trás.



Perto da cerca viva que margeava a estrada principal, Irene estava colhendo folhas para fazer os seus perfumes.

Levantou a cabeça ao ouvir subitamente os cascos de um cavalo a galope. E ficou boquiaberta ao ver o cavaleiro, usando um lenço verde no pescoço e um chapéu-coco preto, com uma pena de galo espetada.

Sacudindo os braços freneticamente, ela correu na direção da estrada, gritando:

— Chicken George! Chicken George!

O cavaleiro parou ao lado da cerca. O cavalo coberto de espuma deixou escapar um arquejo de alívio.

— Eu conheço você, menina?

— disse ele, retribuindo o sorriso.

— Não, senhor! A gente nunca se viu, mas Tom, Mamãe Tilda e o resto da família falam tanto que eu não pude deixar de reconhecer.

Ele fitou-a, espantado.

— Meu Tom e minha Tilda?

— Isso mesmo! Sua esposa e meu marido... o pai do meu bebê! Chicken George levou alguns segundos para compreender.

— Você e Tom têm um bebê?

Ela assentiu, radiante, batendo na barriga estofada.

— Vai chegar dentro de mais um mês. Ele meneou a cabeça.

— Deus do Céu! Deus do Céu!

Como é o seu nome?

— Irene.

Dizendo-lhe que continuasse até a senzala, Irene correu o mais depressa que pôde até o lugar em que Virgil, Ashford, Little George, James Lewis, Little Kizzy e Lilly Sue estavam trabalhando. Os gritos dela atraíram a preocupada Little Kizzy, que saiu correndo um instante depois, para transmitir a notícia inacreditável. E todos correram imediatamente para a senzala, gritando e se amontoando em torno de Chicken George; Matilda e Tom procurando abraçá-lo ao mesmo tempo. Chicken George quase ficou sufocado pela recepção.

Quando a família se aquietou um pouco, ele disse:

— Acho que é melhor vocês saberem primeiro das más notícias. Ele revelou então a morte da Vovó Kizzy e da Irmã Sarah.

— E Missis Lea também morreu...

Depois que as lamentações cessaram, ele contou como estava Miss Malizy e o seu encontro com Massa Lea, terminando por exhibir-lhes o documento de sua libertação.

Terminado o jantar, todos se reuniram em torno dele, para ouvirem a história dos quase cinco anos que passara na Inglaterra.

— Vou dizer a verdade para vocês. Acho que eu ia precisar de pelo menos um ano para contar tudo o que eu vi e fiz do outro lado da grande água. É tanta coisa incrível!

Ele começou a relatar alguns fatos, sobre a imensa riqueza e prestígio social de Sir C.

Eric Russell; a criação de galos de briga dele, com grandes campeões; como os aficionados da Inglaterra tinham-se mostrado fascinados pelo treinador negro que viera da América.

Contou que, na Inglaterra, as mulheres ricas andavam com garotos africanos vestidos de seda e veludo, com correntes de ouro no pescoço.

— Não vou mentir para vocês.

Gostei de todas as experiências que tive, mas senti uma saudade terrível de vocês!

— Não é o que parece... ficando lá mais dois anos além do que precisava! — disse Matilda, ríspidamente.

— A velha rabugenta não mudou nada, hem? — comentou George, olhando para os filhos, com uma expressão divertida.

— Quem é que é velha aqui?

Você já tem mais cabelos brancos na cabeça do que eu!

— falou ela.

Rindo, Chicken George afagou o ombro de Matilda, que simulava grande indignação.

— Não fiquei lá todo esse tempo porque eu quis.

Quando os dois anos passaram, fui lembrar a Lord Russell que ele tinha prometido me mandar de volta depois disso. Mas um dia ele veio me dizer que eu estava treinando os bichos dele tão bem e preparando o ajudante branco que tinha mandado dinheiro para Massa Lea dizendo que precisava de mim por lá mais um ano.

Quase que tive um ataque.

Mas o que é que eu podia fazer? Fiz a única coisa que podia... pedi que ele pusesse na carta dele para Massa Lea um pedido para explicar a vocês o que tinha acontecido...

— Ele não disse nada para a gente! — exclamou Matilda.

— E quer saber por quê? — interveio Tom. — Porque nesta altura ele já tinha vendido a gente!

— É isso mesmo! Foi por isso que a gente não soube de nada!

— Está vendo? E você me culpando por uma coisa que eu não tinha culpa!

Chicken George parecia satisfeito e vingado. Ele continuou a história. Depois de seu amargo desapontamento, arrancara de Lord Russell a promessa de que aquele seria o último ano.

— Continuei a tratar dos bichos e eles ganharam as maiores lutas da Inglaterra... ou pelo menos foi isso que Lord Russell me disse. Um dia ele veio me dizer que achava que eu já tinha ensinado tudo ao tal ajudante branco e que eu podia voltar.

Não sabem como fiquei feliz!

Chicken George sorriu, recordando-se.

— Vou dizer uma coisa para vocês! Acho que não teve muitos negros que tiveram um acompanhamento de duas carruagens cheias de gente, como fizeram comigo quando fui para Southampton. É uma cidade grande que fica na beira da água. Nunca vi tanto navio entrando e saindo. Lord Russell arrumou para eu viajar nos alojamentos do porão de um navio que ia atravessar o oceano. E querem saber de uma coisa?

Nunca fiquei tão apavorado!

O navio tinha partido não fazia muito tempo quando começou a balançar todo e empinar como um cavalo selvagem!

Matilda deixou escapar um resmungo de incredulidade, mas Chicken George ignorou-a e continuou:

— Parecia que todo o oceano tinha ficado maluco, querendo arrebentar a gente em pedacinhos! Mas finalmente ficou tudo quieto de novo e continuava assim quando a gente chegou em Nova York e todo mundo desembarcou...

— Nova York! — exclamou Little Kizzy. — Como é que é lá, Papai?

— Garota, não estou contando o mais depressa que é possível? Lord Russell tinha dado dinheiro para um dos oficiais do navio, juntamente com instruções para me botar em outro navio para Richmond. Mas o navio que esse oficial me arrumou só ia partir dentro de uns cinco ou seis dias. E aí eu saí andando por aquela Nova York, escutando e vendo...

— Onde é que você ficou dormindo? — indagou Matilda.

— Numa pensão para colored... é assim que algumas pessoas de lá chamam os negros. O que é que você estava pensando?

Eu tinha dinheiro. E ainda tenho dinheiro nas bolsas que estão lá na sela. Vou mostrar tudo para vocês amanhã de manhã. — Lançou um olhar zombeteiro para Matilda, antes de acrescentar: — Posso até dar cem dólares para você, se se comportar direito!

Enquanto ela fungava, desdenhosamente, Chicken George retormava a narrativa:

— Aquele Lord Russell era um homem bom de verdade.

Me deu uma porção de dinheiro pouco antes de eu ir embora. Disse que era tudo para mim, que eu não devia dizer nada ao meu massa. E vocês podem estar certos de que eu não disse mesmo!

“Conversei com uma porção daqueles pretos livres lá de Nova York. Achei que a maior parte estava apenas lutando para não morrer de fome, em situação pior do que a gente está. Mas tem alguns que estão vivendo um bocado bem! Eles têm os seus próprios negócios ou empregos em que ganham muito bem. Alguns têm as suas próprias casas e outros pagam aluguel numa coisa que eles chamam de apartamento. E algumas das crianças estão até em escolas!

Mas quase todos os negros que eu conversei estão furiosos com os brancos que estão imigrando por toda parte onde a gente olha...

— São os abolicionistas? — gritou Little Kizzy.

— Vai ou não vai me deixar contar a história? Não, não são os abolicionistas. Pelo que eu sei, os abolicionistas são brancos que estão neste país faz tanto tempo quanto os negros. Esses de quem eu falei estão desembarcando de navios lá em Nova York e dizem que pelo Norte inteiro.

São uns tais de irlandeses. A gente não consegue entender o que eles dizem. Eles são muito esquisitos e tem uma porção que nem sabe falar inglês. Ouvi dizer que a primeira coisa que eles aprendem a falar quando descem do navio é a palavra negro e logo depois estão dizendo que os negros estão tirando os trabalhos deles.

Eles estão sempre armando confusão e provocando brigas. São piores do que os brancos pobres daqui!

— Rezo ao Senhor para que eles fiquem longe daqui! — disse Irene.

— Acho que vou levar pelo menos uma semana para contar a metade do que eu vi e ouvi naquele navio que me levou para Richmond.

— Fico surpresa de você ter sequer entrado nele! — exclamou Matilda.

— Mas que coisa, mulher!

Você não me dá um instante de sossego! O seu homem está longe faz anos e você se comporta como se ele tivesse saído de casa ontem!

Havia um ligeiro tom de irritação na voz de Chicken George. Tom apressou-se em perguntar:

— Comprou o seu cavalo em Richmond?

— Isso mesmo! Setenta dólares! É uma égua um bocado rápida. Achei que um homem livre ia precisar de um bom cavalo. Esporeei ela até o máximo que dava para ela aguentar até a plantação de Massa Lea...

Ao longo da semana seguinte, Chicken George foi visitar e conversar com todos os filhos. Mas logo se tornou evidente que ele não tinha a menor propensão para o trabalho nos campos e só atrapalhava quando por lá aparecia. Matilda e Irene sorriam quando ele se aproximava, Chicken George apressava-se em pedir desculpas, dizendo que sabia que as duas precisavam continuar o trabalho que estavam fazendo. Por diversas vezes, ele foi até a oficina, para conversar um pouco com Tom. Mas o ambiente tornava-se imediatamente tenso. Os escravos à espera ficavam visivelmente nervosos e os fregueses brancos ainda não atendidos paravam abruptamente de conversar, cuspiam no chão e ficavam olhando com uma expressão desconfiada para o negro com um lenço verde no pescoço e chapéu-coco preto.

Nessas ocasiões, Tom viu, duas vezes, Massa Murray encaminhando-se para a oficina, parando no meio do caminho e voltando. Ele sabia por quê. Matilda lhe dissera que, ao saberem da volta do Chicken George, os Murrays “ficaram felizes por causa da gente, mas depois eu sei que eles andam conversando e param de falar quando eu chego perto”.

O que iria ser da situação de “livre” de Chicken George na plantação Murray? O que ele ia fazer? A questão pairava como uma nuvem ameaçadora nas mentes de cada um... menos na de Uriah, de quatro anos, o filho de Virgil e Lilly Sue.

— Você é o meu vovô? — Uriah aproveitou a primeira oportunidade para interrogar objetivamente o homem misterioso que provocara tamanha comoção entre os adultos, desde a sua chegada, alguns dias antes.

— Como? — O surpreso Chicken George estava voltando para a senzala, abatido e deprimido, sentindo-se rejeitado. Olhou para o menino, que o fitava com olhos arregalados e curiosos. — É, acho que sou...

— Como é mesmo que eles chamaram você?

— Uriah, senhor. Vovô, onde é que você trabalha?

— Mas que história é essa? — Chicken George lançou um olhar furioso para o menino.

— Quem é que mandou você me perguntar isso?

— Ninguém. Eu apenas quis perguntar.

Chicken George chegou à conclusão de que o menino estava dizendo a verdade.

— Não trabalho em lugar nenhum. Eu sou livre. O menino hesitou.

— Vovô, o que é livre?

— Livre significa que ninguém mais é dono de você. — Chicken George examinou Uriah por um momento, procurando pensar em algo mais para dizer-lhe. — Sua mamãe ou alguma outra pessoa contou para você de onde é que você veio?

— De onde é que eu vim?

Era evidente que não lhe haviam contado, concluiu Chicken George. Ou pelo menos não da maneira apropriada, de forma a que o menino recordasse.

— Venha aqui comigo, menino.

Afinal, era também algo para ele fazer. Seguido por Uriah, Chicken George foi para a cabana que estava partilhando com Matilda.

— Agora senta aí nessa cadeira e não me faça nenhuma pergunta. Escute só o que vou

contar para você.

— Sim, senhor.

— Seu papai nasceu de mim e de sua Vovó Tilda. — Olhou atentamente para o menino. — Pode entender isso?

— Meu papai é seu filho.

— Isso mesmo. Você não é tão estúpido quanto parece. O nome da minha mamãe era Kizzy. Ela era a sua bisavó.

Bisavó Kizzy. Vamos, diga isso.

— Sim, senhor. Bisavó Kizzy.

— Isso mesmo. E o nome da mamãe dela era Bell. Ele olhou para o menino.

— O nome era Bell. Chicken George grunhiu.

— Isso mesmo. E o nome do papai de Kizzy era Kunta Kinte.i

— Kunta Kinte.

— Isso mesmo!

Quase uma hora depois, quando Matilda entrou nervosamente na cabana, apreensiva com Uriah, que há bastante tempo não era visto em parte alguma, encontrou-o a repetir palavras como “Kunta Kinte”, “ko” e “Kamby Bolongo”. Matilda decidiu que tinha tempo para sentar um pouco. E radiante de satisfação, ficou ouvindo Chicken George contar ao neto extasiado a história do trisavô africano, que não estava muito longe de sua aldeia, cortando madeira para fazer um tambor, quando fora surpreendido, dominado e roubado para ser escravo por quatro homens.

— E então um navio trouxe ele através da água grande para um lugar chamado Naplis e ele foi comprado ali por um Massa John Waller, que levou ele para a sua plantação no Condado de Spotsylvania, na Virgínia...

Na segunda-feira seguinte, Chicken George acompanhou Tom até Granam, a sede do condado, onde ele ia comprar suprimentos, levando a carroça para traze-los. Os dois pouco se falaram durante a viagem, cada um absorvido nos próprios pensamentos.

Ao irem de uma loja para outra, Chicken George apreciava a dignidade com que seu filho de 27 anos tratava os diversos comerciantes brancos.

Chegaram finalmente a uma loja que vendia rações e que Tom informara ter sido recentemente comprada por um antigo xerife do condado, chamado J. D. Cates.

Cates, um homem corpulento, ignorou-os deliberadamente, enquanto servia os seus poucos fregueses brancos. Tom teve um súbito pressentimento.

Percebeu que Cates olhava para Chicken George, de chapéu-coco na cabeça e lenço verde no pescoço, a andar presunçosamente de um lado para outro, examinando as mercadorias.

Tom começou a se encaminhar para o pai, a fim de tirá-lo da loja, por precaução, quando ouviu a voz fria de Cates:

— Ei, menino, pegue um pouco de água para mim naquele balde que está ali!

Cates olhava diretamente para Tom, os olhos zombeteiros, ameaçadores.

Tom estava gelado por dentro, quando, sob a ameaça direta do branco, foi até o balde e voltou com a caneca de água pedida. Cates bebeu de um gole, a olhar para Chicken George, que estava imóvel, sacudindo ligeiramente a cabeça. Cates empurrou a caneca na direção de Chicken George.

— Ainda estou com sede!

Evitando qualquer movimento mais brusco, Chicken George tirou do bolso o seu documento de alforria e entregou-o a Cates, que desdobrou e leu.

— E o que é que você está fazendo neste condado?

— Ele é meu pai — Tom apressou-se em dizer, pois não queria que Chicken George desafiase o ex-xerife. — Ele acaba de ganhar a liberdade.

— E está vivendo com vocês lá na plantação do Sr. Murray?

— Sim, senhor.

Olhando para os seus fregueses brancos, Cates disse:

— O Sr. Murray devia conhecer melhor as leis deste Estado!

Sem compreenderem o que ele quisera dizer com aquilo, Tom e George permaneceram em silêncio. Subitamente, Cates tornou-se quase afável:

— Quando vocês chegarem em casa, digam ao Sr. Murray que eu vou até lá ter uma conversinha com ele.

E ao coro de risadas dos brancos, Tom e Chicken George deixaram a loja.

Foi na tarde seguinte que Cates aproximou-se a galope pelo caminho que levava à casa grande da plantação Murray. Alguns minutos depois, Tom levantou os olhos da forja e viu Irene correndo na direção da oficina. Deixando os poucos fregueses à espera, ele foi ao encontro dela.

— Mamãe Tilda mandou avisar a você que o massa e aquele homem branco estão conversando sem parar lá na varanda. O homem é que fala quase tudo e o massa só faz sacudir a cabeça.

— Está tudo certo, meu bem — disse Tom. — Não precisa ficar com medo. Agora pode voltar.

Irene veio procurá-lo novamente meia hora depois, para informar que Cates já fora embora e que “o massa e a missis estão agora falando muito baixinho”.

Mas nada aconteceu até a hora em que Matilda serviu o jantar a Massa e Missis Murray. Os dois comeram em silêncio. Ao final, depois que ela serviu a sobremesa e o café, Massa Murray disse-lhe:

— Matilda, diga a seu marido que eu quero falar com ele imediatamente, na varanda da frente.

— Sim, Massa.

Ela foi encontrar Chicken George em companhia de Tom, na oficina. Chicken George soltou uma risada forçada ao receber o recado.

— Acho que ele está querendo ver se eu posso arrumar uns galos de briga para ele!

Ajustando o lenço no pescoço e inclinando o chapéu-coco na cabeça, ele seguiu para a casa grande.

Massa Murray esperava-o na varanda, sentado numa cadeira de balanço. Chicken George parou ao pé da escada.

— Tilda disse que queria falar comigo, senhor.

— Quero, sim, George. E vou direto ao ponto. Sua família tem proporcionado muita felicidade a mim e a Missis Murray...

— Sim, senhor! E eles todos também falam muito bem dos dois, Massa!

O massa firmou a voz.

— Mas receio que vamos ter de resolver um problema... relativo a você... — Fez uma pausa. — Ouvi dizer que você se encontrou ontem com o Sr. I. D. Cates, o antigo xerife do nosso condado.

— Foi isso mesmo, senhor.

— Você provavelmente já sabe que o Sr. Cates visitou-me hoje. E ele recordou-me a existência de uma lei que proíbe a qualquer negro liberto viver na Carolina do Norte por

mais de 60 dias, sob pena de voltar a ser escravizado.

Chicken George levou alguns segundos para compreender. Ficou olhando para Massa Murray, aturdido e incrédulo, sem saber o que dizer.

— Lamento muito, garoto. Sei que isso não lhe parece justo.

— E é justo a seus olhos, Massa Murray? O massa hesitou.

— Para dizer a verdade, não.

Mas a lei é a lei. — Fez uma pausa. — Mas se você quiser continuar aqui, garanto que será bem tratado. Dou minha palavra.

— Sua palavra, Massa Murray? — A expressão de George era impassível.

Naquela noite, George e Matilda ficaram deitados na cabana, de mãos dadas, olhando para o teto. Depois de um longo tempo, ele disse:

— Tilda, acho que não posso fazer outra coisa senão ficar.

Parece que não fiz outra coisa na vida além de correr.

Matilda sacudiu lentamente a cabeça.

— Não, George. Você é o primeiro de nós a ficar livre.

Tem que continuar livre, para que a gente tenha pelo menos uma pessoa livre nesta família. Você não pode voltar a ser um escravo.

Chicken George começou a chorar. E Matilda chorou também. Duas noites depois, ela não estava se sentindo bastante bem para acompanhá-lo ao jantar com Tom e Irene, na pequena cabana deles. A conversa foi a respeito da criança que deveria nascer dentro de duas semanas. Chicken George ficou subitamente solene.

— Só quero que vocês contem a essa criança a história da nossa família, está bem?

— Papai, não é um dos meus filhos que vai crescer sem saber da história — disse Tom, forçando um sorriso. — Acho que se eu não contar, Vovó Kizzy vai voltar para ralhar comigo.

Houve silêncio por algum tempo, os três olhando para o fogo, até que Chicken George voltou a falar:

— Eu e Tilda estávamos contando e vimos que eu ainda tenho 40 dias antes de ter que ir embora, segundo o que diz a lei. Mas eu estive pensando que nenhuma ocasião é melhor do que a outra para ir embora. E não adianta nada ficar adiando...

Ele levantou-se abruptamente e foi abraçar Tom e Irene. E a voz estava trêmula quando balbuciou:

— Eu ainda vou voltar!

Tomem conta de vocês!

E Chicken George saiu rapidamente pela porta, para a noite escura lá fora.



Era o início de novembro de 1860 e Tom apressava-se em concluir seu último trabalho na oficina antes do anoitecer.

Conseguiu. Abafou o fogo na forja e seguiu para sua cabana, exausto, a fim de jantar com Irene. Ela estava amamentando a filha deles, Maria, agora com um ano e meio. Comeram sem conversar, porque Irene preferiu não interromper o silêncio pensativo do marido.

Foram em seguida juntar-se ao resto da família na cabana de Matilda. Todos estavam partindo nozes que Matilda e Irene, novamente grávida, tinham colhido para fazerem bolos e tortas especiais para o Natal e Ano Novo.

Tom ficou escutando a conversa amena, sem fazer qualquer comentário... e aparentemente sem prestar muita atenção. Durante um intervalo, ele inclinou-se para a frente e disse:

— Vocês todos se lembram das muitas vezes em que eu contei que os homens brancos reunidos lá na oficina ficaram praguejando contra aquele Massa Lincoln? Pois eu gostaria que vocês todos pudessem ouvir eles hoje, pois Massa Lincoln foi eleito Presidente. Dizem que quando ele entrar na Casa Branca vai fazer tudo contra o Sul e contra as pessoas que têm escravos.

— Eu gostaria de saber o que Massa Murray tem a dizer sobre isso — comentou Matilda. — Ele anda dizendo para a missis que vai haver muita encrenca se o Norte e o Sul não acertarem as suas diferenças, de um jeito ou de outro.

— Pelo que ouvi dizer — continuou Tom — tem muito mais gente contra a escravidão do que a gente pensa. E nem todas são lá do Norte. Eu mal consegui pensar no que estava fazendo durante todo o dia de hoje.

Parece difícil de acreditar, mas pode chegar o dia em que a gente não será mais escravo de ninguém.

— Acho que a gente não vai viver para ver esse dia — disse Ashford, amargamente.

— Mas talvez ela vá — disse Virgil, sacudindo a cabeça na direção do bebê de Irene.

— Parece muito difícil para mim, por mais que eu queira acreditar — disse Irene. — Se a gente juntar todos os escravos do Sul, só os negros dos campos valendo 800 dólares cada um, dá mais dinheiro do que o próprio Deus tem! Além disso, não se pode esquecer que é a gente que faz todo o trabalho! — Ela olhou para Tom e acrescentou: — Você sabe que os brancos não vão desistir de tudo isso.

— Não sem uma luta — disse Ashford. — E tem muito mais brancos do que a gente. Como é então que a gente vai poder ganhar?

— Mas se a gente pensar no país inteiro — disse Tom — vai ver que tem tanta gente contra a escravidão como tem a favor.

— O problema é que aqueles que estão contra não estão aqui onde a gente está — disse Virgil.

Ashford assentiu, concordando, o que era raro.

Tom voltou a falar:

— Se Ashford está certo sobre uma luta, tudo isso pode mudar muito depressa.

Em princípios de dezembro, pouco depois que Massa e Missis Murray voltaram de um jantar numa plantação vizinha, Matilda saiu correndo da casa grande e foi até a cabana de Tom e Irene.

— O que é “secessão”? — perguntou ela.

Os dois deram de ombros.

Ela então acrescentou:

— O massa diz que a Carolina do Sul acaba de fazer isso.

Pelo que ele falou, parece que é sair dos Estados Unidos.

— Mas como é que eles vão sair do país? — disse Tom.

— Os brancos são capazes de fazer qualquer coisa — comentou Irene.

Tom não lhes contara, mas durante o dia inteiro ouvira os fregueses brancos comentarem, furiosos, que preferiam “afundar no sangue até os joelhos”, antes de ceder ao Norte o que eles chamavam de “direitos dos Estados”, juntamente com o direito de possuir escravos.

— Não quero ver ninguém assustado — disse ele a Irene e Matilda — mas acho que vamos ter mesmo uma guerra.

— Ó Senhor! E onde é que vai ser essa guerra, Tom?

— Não tem lugar especial nenhum para se fazer uma guerra, Mamãe, como uma igreja ou um campo para piqueniques.

— Só espero que não tenha guerra nenhuma por aqui!

Irene escarneceu dos dois.

— Não peçam a mim para acreditar que os brancos vão-se matar uns aos outros por causa dos negros!

Mas os dias foram-se passando e as conversas que Tom ouvia na oficina confirmaram que ele estava certo. Ele contou algumas coisas à família, mas não tudo, porque não queria alarmá-la desnecessariamente. Além disso, ainda não sabia se os acontecimentos que estavam para vir deveriam ser temidos... ou aguardados com ansiedade. Mas podia sentir a inquietação da família, crescendo cada vez mais, assim como o tráfego na estrada, com cavaleiros brancos e charretes correndo de um lado para outro além da plantação, cada vez mais depressa e em maior quantidade. Quase que diariamente alguém ia até a casa grande e conversava demoradamente com Massa Murray. Matilda recorria a todos os seus truques, para varrer e tirar o pó perto dos lugares em que ocorriam as conversas. E gradativamente, ao longo das semanas seguintes, a família foi chegando à conclusão, em suas conversas noturnas, de que tudo indicava, pelo pavor dos brancos, pela raiva que estavam demonstrando, que era possível que, se houvesse uma guerra e os “ianques” vencessem, todos os negros fossem postos em liberdade.

Cada vez era maior o número de pretos que iam levar trabalhos para Tom e lhe diziam que seus massas e missis estavam-se tornando cada vez mais desconfiados e misteriosos, baixando a voz quando viam aproximar-se até mesmo os escravos domésticos mais antigos.

— Eles também estão se comportando de maneira diferente com você lá na casa grande, Mamãe? — perguntou Tom a Matilda.

— Eles não estão sussurrando nem fazendo nada parecido, mas parece que mudam de repente a conversa, falando sobre colheitas ou festas, assim que eles me vêem.

— A melhor coisa que a gente pode fazer — decidiu Tom — é parecer estúpido e como

quem não sabe nada do que está acontecendo.

Matilda pensou muito na proposta do filho, mas decidiu-se contra. E uma noite, logo depois de servir a sobremesa aos Murrays, ela voltou à sala de jantar e exclamou, retorcendo as mãos:

— Deus do céu! Massa e Missis, vão me dar licença, mas tenho que dizer que minhas crianças e eu estamos ouvindo toda essa conversa que tem por aí e a gente está com um medo danado desses ianques. E a gente espera que tomem conta da gente se houver alguma encrenca!

— Estão certos ao sentirem medo, pois esses ianques certamente não são amigos de vocês! — disse Missis Murray.

Tanto ela como o marido estavam com expressões de aprovação e alívio. O massa apressou-se em dizer, procurando tranquilizá-la:

— Mas não precisam preocupar-se, porque não vai haver nenhuma encrenca.

Até mesmo Tom não pôde deixar de rir quando Matilda descreveu a cena. E todos riram pouco depois, quando Tom contou a história de um cavaliço de Melville e a maneira inteligente como se saíra de uma situação difícil.

Interrogado por seu massa, que queria saber por que lado ele iria lutar, se houvesse uma guerra, o cavaliço respondera:

— Já vii dois cachorros brigando por um osso, Massa? Nós, negros, vamos ser esse osso!

Veio o Natal e depois o Ano Novo. Quase não houve festas no Condado de Alamance.

Volta e meia os fregueses de Tom na oficina traziam notícias de outros Estados que haviam aderido à secessão. Primeiro foi o Mississippi, depois a Flórida, Alabama, Geórgia e Louisiana, todos durante o mês de janeiro de 1861. A 1 de fevereiro foi a vez do Texas. Todos estavam-se juntando numa “Confederação” de Estados sulistas, que tinha o seu próprio Presidente, um homem chamado Jefferson Davis.

Uma noite, Tom informou à família:

— Esse Massa Davis e uma porção de senadores, deputados e oficiais do Exército estão renunciando e voltando para os seus Estados.

— Tom, as coisas estão chegando perto da gente — comentou Matilda. — Hoje apareceu um homem para dizer ao massa que o velho Juiz Ruffin vai partir de Haw River amanhã para participar de uma grande conferência de paz lá em Washington, D.C.!

Alguns dias depois, Tom soube por seus fregueses na oficina que o Juiz Ruffin já voltara, anunciando tristemente que a conferência de paz terminara em fracasso, com os delegados mais jovens, tanto do Norte como do Sul, discutindo acaloradamente. Um cocheiro preto contou a Tom pouco depois sobre uma reunião de 1400 brancos do condado no tribunal local, da qual fora informado pelo preto que era zelador do prédio. Tom sabia que Massa Murray comparecera a essa reunião.

O antigo dono de Irene, Massa Holt, além de outros massas igualmente importantes, disseram que aqueles que se juntassem aos Confederados eram “traidores”. O zelador contara também que um certo Massa Giles Mebane fora escolhido para ir a uma convenção estadual sobre a secessão, levando o voto do Condado de Alamance, que era de quatro-a-um a favor da permanência na União.

Foi-se tornando cada vez mais difícil para a família absorver todas as notícias que Tom e Matilda tinham a comunicar todas as noites.

Num único dia, em março, chegaram notícias de que o Presidente Lincoln prestara juramento, que a bandeira Confederada fora hasteada numa gigantesca cerimônia em Montgomery, Alabama. É que o Presidente da Confederação, Jeff Davis, declarara abolido o

tráfico de escravos africanos. Sabendo o que ele pensava a respeito da escravidão, a família não conseguiu compreender o motivo de tal atitude. Alguns dias depois, a tensão se elevou bruscamente, com a notícia de que a Assembléia Legislativa da Carolina do Norte pedira a apresentação imediata de 20 mil voluntários para as suas forças militares.

Numa manhã de sexta-feira, 12 de abril de 1861, Massa Murray partiu para uma reunião na cidade de Mebane.

Lewis, James, Ashford, Little Kizzy e Mary estavam trabalhando nos campos, transplantando mudas de tabaco, quando uma quantidade incrivelmente grande de cavaleiros brancos começou a passar pela estrada a galope. Um dos cavaleiros diminuiu subitamente a velocidade do animal e sacudiu o punho cerrado na direção deles, gritando alguma coisa que não puderam entender. Virgil mandou Little Kizzy ir comunicar a Tom, Matilda e Irene que alguma coisa muito importante devia estar acontecendo.

Tom, geralmente calmo, perdeu o controle quando verificou que Kizzy não sabia dizer mais nada.

— O que foi, afinal, que ele gritou para vocês?

Mas ele limitou-se a dizer que o cavaleiro estava longe demais para que pudessem entender.

— Acho melhor eu pegar a mula e tentar ver se consigo descobrir alguma coisa! — decidiu Tom.

— Mas você não tem um passe! — gritou-lhe Virgil, ao vê-lo se afastar.

— Tenho que correr esse risco! — gritou Tom em resposta.

Ao chegar à estrada, Tom percebeu que todos os cavaleiros pareciam estar-se dirigindo às oficinas da estrada de ferro, onde o telégrafo devia estar recebendo notícias importantes, através dos fios estendidos no alto dos postes.

Enquanto corriam, alguns cavaleiros gritavam uns para os outros. Mas pareciam saber tanto quanto Tom. Ao passar por brancos pobres e pretos correndo a pé, Tom compreendeu que o pior acontecera. Mas sentiu, mesmo assim, o coração se contrair, quando chegou às oficinas da estrada de ferro e viu a multidão agitada em torno do escritório do telégrafo.

Desmontando e amarrando a mula, Tom correu em torno da multidão de brancos a gesticularem furiosamente, olhando para os fios do telégrafo, como se esperassem ver alguma coisa neles. A um lado, um pouco afastado, havia um grupo grande de pretos e ele pôde ouvir algumas coisas que estavam dizendo:

— Massa Lincoln vai lutar pela gente!

— Parece que o Senhor, no final das contas, gosta um pouquinho dos negros!

— Mal consigo acreditar!

— Livres, Senhor, livres!

Tom chamou um velho para um lado e soube o que acontecera. Tropas da Carolina do Sul estavam atacando a guarnição federal do Forte Sumter, no porto de Charleston. E 29 outras bases federais no Sul ” tinham sido ocupadas, por ordem do Presidente Davis. A guerra começara. Tom voltou rapidamente para a plantação, sem qualquer contratempo, chegando antes de Massa Murray. Nos dias que se seguiram, as notícias transmitidas pelos pretos, de boca em boca, chegaram ao auge. Depois de dois dias de sítio, o Forte Sumter se rendera, com 15 mortos nos dois lados. Mais de mil escravos estavam erguendo uma barreira de sacos de areia à entrada do porto de Charleston. Depois de informar ao Presidente Lincoln que não deveria contar com tropas da Carolina do Norte, o Governador do Estado, John Ellis, garantira milhares de voluntários ao Exército Confederado. O Presidente Davis pedira que todos os brancos sulistas, entre 18 e 35 anos, se apresentassem como voluntários

para lutar durante um período de três anos. E determinara também que um em cada dez escravos homens de uma plantação deveria ser entregue para trabalhos de guerra, sem qualquer remuneração. O General Robert E. Lee renunciara a seu posto no Exército dos Estados Unidos, para assumir o comando do Exército da Virgínia. E dizia-se também que todos os prédios públicos de Washington estavam vigiados por soldados fortemente armados e defendidos por barricadas de ferro e cimento, pelo receio de um ataque de tropas sulistas.

Enquanto isso, os homens brancos do Condado de Alamance faziam filas intermináveis para se oferecerem como voluntários para a luta. Um cocheiro preto contou a Tom que seu massa chamara o escravo mais antigo e de maior confiança e lhe dissera:

— Estou esperando que você cuide da missis e das crianças até eu voltar.

Alguns vizinhos brancos apareceram na plantação para ferrarem os cavalos, antes de partir para a cidade de Mebane, a fim de se integrarem à “Companhia Hawfields”, dos voluntários do Condado de Alamance.

Havia um trem à espera, para levá-los a um campo de treinamento em Charlotte.

Um cocheiro preto, que levava seu massa e a missis até lá, para verem a partida do filho mais velho, descrevera a cena para Tom.

As mulheres choravam desesperadamente, os rapazes inclinavam-se para fora das janelas do trem, o ar ressoava com seus gritos joviais. Volta e meia um deles gritava:

— Vamos dar uma lição nesses malditos ianques e voltaremos para o café da manhã!

E o cocheiro preto rematara:

— O jovem massa estava no seu uniforme cinza novo e ele começou a chorar também, assim como o velho massa e a missis. E eles ficaram se beijando e se abraçando, até que tiveram de se separar. O velho massa e a missis ficaram parados ali na estação, chorando baixinho.

Não vou mentir. Eu também estava chorando!



Naquela noite, o lampião na cabana ficou aceso até mais tarde. Pela segunda vez, Tom estava sentado ao lado da cama, com Irene a apertar-lhe a mão, convulsivamente.

Quando os gemidos de sofrimento dela se converteram num grito lancinante, Tom saiu correndo da cabana, para ir chamar a mãe. Mas apesar da hora, Matilda intuitivamente não havia dormido e ouvira o grito. Já estava saindo a correr de sua cabana, gritando para Little Kizzy e Mary, que estavam imóveis na porta, de olhos esbugalhados:

— Vão esquentar algumas chaleiras de água e tragam depressa para mim!

Momentos depois, os outros adultos da família haviam saído também de suas cabanas. Os cinco irmãos de Tom ficaram acompanhando, a andar de um lado para outro, ouvindo os gemidos e gritos angustiados de Irene.

Quando a manhã começou a raiar, ouviu-se um grito estridente de bebê. Os irmãos cercaram Tom, com tapinhas nas costas, apertando-lhe a mão — até mesmo Ashford.

Pouco depois, uma sorridente Matilda apareceu na porta da cabana e anunciou:

— Tom, você tem outra menina!

Primeiro Tom e depois o resto da família foram ver a pálida mas sorridente Irene e a recém-nascida parda e toda enrugada. Matilda levou a notícia à casa grande, onde preparou apressadamente o café da manhã. Depois de comerem, o massa e a missis foram até a senzala, para verem a recém-nascida, que nascera sob a propriedade deles. Tom concordou prontamente com o pedido de Irene, de dar à segunda filha o nome de “Ellen”, o mesmo da mãe dela. Ele estava tão exultante por ser pai novamente que só muito depois foi lembrar-se de que estava querendo um menino.

Mas até mesmo o excitação do nascimento da segunda filha de Tom e Irene logo diminuiu, à medida que os acontecimentos da guerra iam tomando impulso. Enquanto ferrava cavalos e mulas, fazia e consertava ferramentas, Tom mantinha os ouvidos atentos, para ouvir o máximo possível das conversas entre os fregueses brancos que se reuniam diante da oficina. E ele estremeceu, desapontado, diante das conversas exultantes sobre as sucessivas vitórias confederadas. Houve uma batalha em particular, a que os brancos davam o nome de “Buli Run”, que os deixou exultantes, a darem tapinhas nas costas uns dos outros, jogando os chapéus para o alto e gritando uma porção de coisas:

— Os ianques que não ficaram para trás, mortos ou feridos, estão correndo até hoje para salvarem suas vidas!

— Assim que ouvem dizer que nossos rapazes estão-se aproximando, os ianques mostram logo o rabo para fugir!

A mesma alegria se repetiu quando houve uma outra grande derrota ianque, em “Wilson’s Creek”, no Missouri. E logo depois veio “Bah’s Bluff”, na Virgínia, onde centenas de ianques haviam morrido, inclusive um general que fora amigo pessoal do Presidente Lincoln. E Tom disse a sua família, todos profundamente abatidos:

— Os brancos estão pulando de alegria e rindo que não se acabam mais, dizendo que o

Presidente Lincoln já está chorando como um bebê.

Ao final de 1861, depois que o Condado de Alamanga já despachara doze companhias de voluntários para lutarem nas diversas frentes, Tom detestava comunicar o que tinha ouvido à família, pois isso só contribuía para aumentar o desapontamento geral. Numa tarde de domingo, correndo os olhos pelos rostos abatidos da família, Matilda comentou:

— Se a coisa continuar assim, parece que a gente não vai mesmo conseguir ficar livre?

Ninguém fez qualquer comentário, por um longo tempo. Foi Lilly Sue, que estava dando de comer ao filho Uriah, que estava doente, quem finalmente falou:

— E toda essa conversa de liberdade! Eu já não tenho mais nenhuma esperança!

Numa tarde da primavera de 1862, quando um cavaleiro se aproximou a galope pelo caminho para a casa grande, usando o uniforme cinza de oficial confederado, Tom teve a impressão, mesmo a alguma distância, de que já o conhecia. Quando o homem chegou mais perto, Tom descobriu, chocado, que era Cates, o antigo xerife do condado e proprietário de uma loja de forragem, cuja advertência a Massa Murray forçara Chicken George a deixar o Estado. Com uma apreensão crescente, Tom viu Cates desmontar e entrar na casa grande. Não demorou muito para que Matilda viesse correndo até a oficina, o rosto franzido de preocupação.

— O massa mandou chamar você, Tom. Ele está falando com aquele Massa Cates que não vale nada! O que você acha que eles estão querendo?

Tom já estava analisando todas as possibilidades, recordando-se inclusive dos comentários de vários fregueses, de plantadores que levavam seus escravos juntos para a guerra, de outros que ofereciam os serviços de escravos que tinham oficinas, especialmente os carpinteiros, os ferreiros e os que trabalhavam em couro.

Mas ele limitou-se a dizer, o mais calmamente possível:

— Não sei, Mamãe. Acho que a melhor coisa que tenho a fazer é ir descobrir o que é.

E Tom seguiu para a casa grande. Massa Murray disse-lhe:

— Tom, você já conhece o Major Cates.

— Sim, senhor. — Tom não olhou para Cates, mas sentiu que ele o fitava fixamente.

— O Major Cates veio dizer-me que está comandando uma nova unidade de cavalaria, que está sendo treinada em torno das oficinas da estrada de ferro. E ele está precisando de você para ferrar os animais.

Tom engoliu em seco. Ouviu suas próprias palavras soando muito roucas e distantes:

— Massa, isso quer dizer que eu vou para a guerra? Foi o Major Cates quem respondeu, desdenhosamente:

— Nenhum negro vai chegar perto do lugar onde eu for lutar. Afinal, a única coisa que os negros sabem fazer é fugir o mais depressa possível, ao ouvirem o primeiro zunido de uma bala.

Você só vai ferrar os cavalos no lugar onde estamos treinando.

Tom procurou esconder seu alívio.

— Sim, senhor.

Massa Murray voltou a falar:

— O Major e eu já acertamos tudo. Você trabalhará durante uma semana para a unidade de cavalaria dele, depois voltará para trabalhar aqui durante uma semana para mim, enquanto durar a guerra. O que parece que não vai ser muito tempo. — Olhou para o Major Cates. — Quando deseja que ele comece, Major?

— Amanhã de manhã, se não for incômodo.

— Mas claro que não é!

Afinal, é o dever de todos nós para com o Sul! — Massa Murray parecia estar imensamente satisfeito com aquela oportunidade de ajudar o esforço de guerra.

— Espero que esse negro saiba qual é o lugar dele — comentou Cates. — O Exército não tem moleza como uma plantação.

— Tenho certeza de que Tom sabe se comportar — disse Massa Murray, lançando um olhar confiante para Tom. — Esta noite escreverei um passe e amanhã de manhã Tom partirá na mula, a fim de apresentar-se.

— Está certo — disse Cates, olhando em seguida para Tom. — Temos as ferraduras, mas é bom você levar suas ferramentas. E vou dizer-lhe desde agora que queremos um serviço bem-feito e rápido. Não temos tempo a perder.

— Sim, senhor.

No dia seguinte, Tom reuniu apressadamente as ferramentas de que iria precisar para ferrar os animais e partiu. Ao se aproximar das oficinas da estrada de ferro, viu que os campos ao redor estavam agora pontilhados por pequenas tendas, em fileiras ordenadas. Chegando mais perto, ouviu cometas e mosquetões sendo disparados. Ficou tenso quando uma sentinela montada aproximou-se a galope.

— Não está vendo que isto é o Exército, negro? Para onde é que você pensa que está indo?

— O Major Cates mandou eu vir até aqui para ferrar os cavalos — respondeu Tom, nervosamente.

— A cavalaria fica lá do outro lado. E agora suma daqui, antes de levar um tiro! Tom afastou-se rapidamente.

Logo chegou a uma pequena elevação, de onde avistou quatro fileiras de cavaleiros, fazendo diversas manobras.

Por trás dos oficiais que gritavam as ordens, viu o Major Cates, montado em seu cavalo, numa atitude arrogante. O Major avistou-o.

Disse alguma coisa e fez um gesto. Um instante depois, outro soldado aproximava-se dele a galope.

— Você é o ferreiro negro?

— Sim, senhor.

O soldado apontou para um pequeno amontoado de tendas.

— Você vai ficar e trabalhar ao lado daquelas tendas.

Assim que estiver pronto, vamos começar a enviar-lhe os cavalos.

Os cavalos estavam precisando muito de novas ferraduras de metal. Ele trabalhou incessantemente, do amanhecer ao anoitecer, ferrando incontáveis animais, durante sua primeira semana de serviço na cavalaria confederada. Prestava atenção a tudo o que os jovens soldados diziam e logo ficou convencido de que os Ianques estavam sofrendo derrotas fragorosas por toda parte. Foi um Tom exausto e desolado que voltou para a plantação, a fim de passar uma semana trabalhando para os fregueses habituais.

Ao chegar, encontrou as mulheres na senzala bastante agitadas. O pequeno Uriah, o estranho filho de Virgíl e Lilly Sue, estivera desaparecido durante toda a noite anterior e aquela manhã. Pouco antes da chegada de Tom é que Matilda, varrendo a varanda da frente, ouvira ruídos estranhos. Ao investigar, encontrara Uriah, apavorado e em lágrimas, escondido debaixo da casa grande.

— Eu apenas queria ouvir o que o massa e a missis iam dizer sobre libertar a gente, mas não consegui ouvir nada lá embaixo — explicara Uriah.

Tanto Matilda como Irene estavam agora tentando consolar a angustiada Lilly Sue,

cujo filho causara tamanha rebulição. Tom ajudou também a acalmá-la e depois relatou para a família como fora aquela sua primeira semana a serviço da cavalaria confederada.

— Por tudo o que vi e ouvi — concluiu ele — acho que as coisas não melhoraram nada para o nosso lado.

Irene tentou um esforço inútil para fazê-los sentirem-se um pouco melhor:

— A gente nunca foi livre, por isso não vai fazer a menor diferença. Mas Matilda disse:

— Pois vou dizer o que eu estou pensando: estou com medo que a gente acabe ainda pior do que estava antes.

O mesmo pressentimento dominou Tom quando ele iniciou a segunda semana de trabalho para a cavalaria confederada. Na terceira noite, ele estava deitado, pensando, quando ouviu um barulho que parecia vir de uma das tendas de lixo, situadas ali perto. Tom tateou nervosamente e pegou o seu martelo de ferreiro. E saiu na ponta dos pés, ao luar muito fraco, para investigar. Já estava quase concluindo que provavelmente fora algum bicho roubando comida, quando vislumbrou um vulto humano saindo de uma das tendas de lixo, a comer alguma coisa. Ao se aproximar, Tom ficou surpreso ao ver o rosto encovado e pálido de um rapaz branco. Os dois ficaram imóveis por um momento, se olhando, antes que o rapaz se afastasse rapidamente. Dez metros adiante, o rapaz tropeçou em alguma coisa, fazendo o maior barulho. Ele logo recuperou o equilíbrio e desapareceu na noite. Alguns guardas armados se aproximaram, segurando lampiões e empunhando os mosquetões. Viram Tom parado ali, com o martelo na mão.

— O que está roubando, negro?

Tom sentiu imediatamente que estava metido na maior encrenca. Negar a acusação seria chamar um branco de mentiroso, algo ainda mais perigoso que a acusação de roubo. Tom apressou-se em balbuciar:

— Ouvi um barulho e vim ver o que que era e vi um homem branco no lixo e ele saiu correndo, Massa.

Trocando olhares de incredulidade, os guardas desataram a rir.

— Será que parecemos tão estúpidos assim para você, negro? — perguntou um deles.

— O Major Cates recomendou que o vigiássemos atentamente. Você vai ter uma conversinha com ele de manhã, negro!

Os guardas conferenciaram rapidamente, em voz baixa.

Depois, um deles disse:

— Largue esse martelo, negro!

Instintivamente, Tom apertou mais ainda o cabo do martelo. O guarda deu um passo para a frente, apontando o mosquetão para a barriga dele.

— Largue!

Os dedos de Tom se entreabriram e ele ouviu o baque surdo do martelo caindo no chão. Os guardas ordenaram-lhe que marchasse à frente deles, até chegarem a uma pequena clareira, onde havia uma tenda maior, com outro guarda armado postado na frente.

— Estávamos de patrulha e pegamos este negro roubando. Teríamos dado um jeito nele, se o major não tivesse recomendado que o vigiássemos em especial e o informássemos pessoalmente de tudo. Voltaremos para buscá-lo assim que o Major se levantar.

Os outros guardas partiram e o que estava diante da tenda grande ordenou rispidamente a Tom:

— Deite de costas, negro! E se se mexer é um homem morto!

Tom obedeceu. O chão estava frio. Ele ficou pensando nas suas possibilidades de fuga

e nas consequências se tentasse. Os dois primeiros guardas voltaram assim que amanheceu. Houve barulho no interior da tenda, indicando que o Major Cates já acordara. Um dos guardas gritou:

— Tenho permissão para falar-lhe, Major?

— O que é? — resmungou o Major.

— Ontem à noite pegamos aquele ferreiro negro roubando, senhor! Houve uma pausa.

— Onde é que ele está agora?

— O prisioneiro está diante de sua tenda, senhor.

— Já vou sair!

Um minuto depois, o Major Cates saiu da tenda e ficou olhando para Tom como um gato que contempla um passarinho acuado.

— Quer dizer que estava roubando, hem, seu negro metido a besta? Sabe qual é a punição que aplicamos para roubo aqui no Exército?

— Massa... — E Tom contou toda a verdade, logo concluindo: — Ele estava com muita fome, Massa, remexendo assim no lixo!

— E agora você vem me contar uma história de um branco a comer lixo! Dei um jeito naquele seu pai, um negro livre sem-vergonha, mas você me escapou! Mas agora vou enquadrá-lo no código do Exército!

Atônito, Tom viu Cates ir pegar um chicote que estava no arção de sua sela, em cima de um poste ali perto. Os olhos de Tom olharam ao redor, procurando um caminho de fuga. Mas os três guardas lhe apontavam os mosquetões. Cates se adiantou, o rosto contorcido pelo ódio, levantando o chicote. E açoitou Tom, cortando-lhe a carne, vezes sem conta.

Tom voltou a cambalear para o lugar onde estava ferrando os cavalos. Pegou suas ferramentas e montou na mula, sem se preocupar com o que poderia acontecer-lhe.

Só parou quando chegou na casa grande. Massa Murray ouviu atentamente a história.

Estava vermelho de raiva quando Tom acabou.

— Não me importa o que possa acontecer, Massa. Não vou voltar para lá.

— Você está bem agora, Tom?

— Só estou ferido na mente, Massa, se é isso o que está querendo dizer.

— Vou prometer-lhe uma coisa, Tom: se o Major aparecer por aqui novamente, querendo criar encrenca, estou disposto a procurar o comandante dele, se for necessário. Lamento muito o que aconteceu. E agora volte para sua oficina e faça seu trabalho de sempre. — Massa Murray hesitou por um instante e depois acrescentou:

— Tom, sei que não é o irmão mais velho, mas Missis Murray e eu consideramos você como o cabeça da família. E queremos dizer-lhe que aguardamos ansiosamente o momento em que poderemos viver o resto das nossas vidas juntos, em paz e sossego, assim que os malditos ianques forem batidos. Esses ianques não passam de verdadeiros demônios!

— Sim, senhor.

E Tom pensou que nenhum massa jamais poderia compreender que ser possuído por alguém jamais poderia ser agradável. As semanas foram-se passando e chegou a primavera de 1862.

Irene estava novamente grávida. Tom ouvia diariamente as notícias da guerra, por intermédio dos ferreiros brancos que iam à oficina. Tinha a impressão de que o Condado de Alamance era o centro tranquilo de um furacão de guerra sendo lutada em outros lugares.

Ouviu falar da Batalha de Shiloh, onde ianques e confederados tinham matado ou ferido em torno de 40 mil homens em cada lado. Ao final, os sobreviventes tiveram que abrir

caminho por entre pilhas de cadáveres.

Tantos eram os feridos que precisavam de amputações que o pátio do mais próximo hospital do Mississippi ficara atulhado de membros. Essa batalha parecia ter terminado empatada, mas não havia a menor dúvida de que os ianques estavam perdendo a maioria dos combates importantes. Ao final de agosto, Tom ouviu as descrições exultantes da segunda Batalha de Bul Run, em que os ianques tinham batido em retirada, deixando dois generais entre os mortos.

Milhares de soldados haviam retornado a Washington, D.

C., de onde os civis estavam fugindo em pânico. Dizia-se que os funcionários federais estavam erguendo barricadas diante dos prédios públicos.

O Tesouro dos Estados Unidos estava sendo transferido para a cidade de Nova York, enquanto uma canhoneira estava de prontidão no Rio Potomac, pronta para evacuar o Presidente Lincoln e seu staff. Duas semanas depois, Tom soube que uma força confederada, sob o comando do General Stonewall Jackson, fizera 11 mil prisioneiros ianques, em Harpers Ferry.

— Tom, não quero saber mais nada dessa guerra horrível — disse Irene, numa noite de setembro.

Os dois estavam sentados diante do fogo e Tom acabara de contar a história das colunas de soldados ianques e confederados, com mais de três quilômetros de comprimento, que se haviam enfrentado num lugar chamado Antietam, dizimando-se mutuamente.

— Estou sentada aqui, com a nossa terceira criança na barriga, e acho que não é certo a gente ficar falando de todas essas lutas e matanças...

Os dois olharam para a porta da cabana ao mesmo tempo, ouvindo um ruído quase imperceptível. Não viram nada e voltaram a contemplar a fogo, não dando maior importância. Mas logo ouviram o ruído novamente e depois uma batida na porta, muito leve. Irene, que estava mais perto, levantou-se e foi abrir a porta. Tom franziu o rosto, ao ouvir a voz suplicante de um homem branco:

— Perdoe, mas não tem nada para eu comer? Estou morrendo de fome!

Virando-se, Tom quase caiu da cadeira ao reconhecer o rapaz branco que vira revirando as latas de lixo, no acampamento da cavalaria.

Controlando-se rapidamente, desconfiado de algum estratagem, Tom ficou rígido na cadeira, enquanto Irene, que de nada suspeitava, dizia:

— A gente só tem um pouco de pão frio que sobrou do jantar.

— Eu agradeço se me der. Há dois dias que praticamente não como nada.

Concluindo que era apenas uma bizarra coincidência, Tom levantou-se e foi até a porta.

— Andou fazendo algo mais do que apenas suplicar comida, não é mesmo?

Por um momento, o rapaz branco fitou-o perplexo.

Depois, os olhos dele se arregalaram... e desapareceu.

Irene ficou atônita, ainda mais depois que Tom lhe contou a história.

Toda família ficou sabendo da inacreditável ocorrência na noite seguinte, durante a reunião habitual. Matilda contou que, pouco depois do café da manhã, “um rapaz branco esquelético” aparecera inesperadamente na porta da cozinha, suplicando por um pouco de comida. Ela lhe dera o que restara do guisado da noite anterior, frio mesmo.

O rapaz agradecera, antes de desaparecer. Mais tarde, ela encontrara a tigela vazia e limpa na escada da cozinha.

Tom explicou quem era o rapaz e acrescentou:

— Como deu comida para ele, acho que ele vai continuar por aqui. Provavelmente deve estar dormindo no meio do mato. Não confio nele nem um pouquinho. Se a gente não ficar atento, vai se meter na maior encrenca.

— Não acredito nisso! — protestou Matilda. — Se ele me aparecer de novo, vou pedir a ele para esperar e fingir que estou arrumando alguma comida, enquanto vou avisar ao massa.

A armadilha funcionou perfeitamente, quando o rapaz tornou a aparecer, na manhã seguinte. Alertado por Matilda, Massa Murray saiu da casa grande pela porta da frente e deu a volta, enquanto Matilda retornava à cozinha, a tempo de ver o rapaz ser surpreendido.

— O que está fazendo por aqui? — perguntou Massa Murray. Mas o rapaz não entrou em pânico nem ficou confuso.

— Mister, estou apenas cansado de correr de um lado para outro e de viver com fome. Não pode culpar nenhum homem por isso. E devo dizer que seus negros foram generosos o bastante para me darem comida.

Massa Murray hesitou por um instante e depois disse:

— Sinto pena da situação em que está, mas deve saber que os tempos andam difíceis para todo mundo e não nos podemos dar ao luxo de alimentar bocas extras. Você vai ter que ir embora.

E Matilda ouviu então a voz do rapaz suplicando humildemente:

— Mister, deixe-me ficar, por favor! Não tenho medo de trabalho nenhum. Só não quero é morrer de fome. Farei qualquer trabalho que tiver.

— Não há nada para você fazer aqui. Meus negros cuidam dos campos.

— Nasci e fui criado nos campos, Mister. Posso trabalhar mais do que os seus negros... apenas em troca de comida.

— Qual é o seu nome e de onde veio, rapaz?

— Meu nome é George Johnson e venho da Carolina do Sul. A guerra destruiu quase que totalmente o lugar onde eu vivia. Tentei me alistar, mas não deixaram, dizendo que eu era muito jovem. Acabei de completar 16 anos. A guerra acabou com as nossas colheitas e parece que não sobrou nem um coelho. E eu resolvi ir embora, achando que estaria melhor em qualquer outro lugar. Mas até agora as únicas pessoas que quiseram me ajudar foram os seus negros.

Matilda podia sentir que a história do rapaz comovera Massa Murray. Incrédula, ela ouviu-o dizer:

— Você conhece alguma coisa do trabalho de feitor?

— Nunca tentei isso, Mister. — O tom de voz de George Johnson era o de quem estava desconcertado. Um instante depois, ele acrescentou, hesitante: — Mas já disse que não tem nada que eu não esteja disposto a tentar.

Matilda, horrorizada, aproximou-se mais da porta de tela, a fim de ouvir melhor:

— Sempre pensei em ter um feitor, embora os meus negros trabalhem direito e nunca tenham precisado de ninguém para vigiá-los. Estou disposto a experimentar, em troca de casa e comida, para começar. Vamos ver se dá certo.

— Mister... Como é o seu nome?

— Murray.

— Acaba de arrumar um feitor, Mr. Murray. Matilda ouviu o massa soltar uma risada.

— Tem uma cabana vazia atrás do celeiro. Você pode ficar lá. Onde é que estão suas

coisas?

— Todas as coisas que eu tenho estão aqui comigo — disse George Johnson.

A notícia surpreendente espalhou-se rapidamente pela família, com o impacto de um raio.

— Eu mal podia acreditar no que estava ouvindo! — exclamou Matilda, ao terminar o relato.

Os comentários da família foram explosivos.

— O massa deve estar maluco!

— Não cuidamos muito bem da plantação sozinhos?

— É só porque os dois são brancos!

— Acho que ele vai olhar esse branco pobre de maneira diferente quando as coisas começarem a sair erradas!

Por mais furiosos que estivessem, no entanto, os membros da família não conseguiram manter a raiva no auge, quando se encontraram com George Johnson nos campos, pela primeira vez, na manhã seguinte. Ele já estava esperando quando a família chegou, com Virgil à frente.

Adiantou-se para recebê-los, o rosto esquelético muito vermelho e o pomo-de-adão subindo e descendo nervosamente.

— Não posso culpar vocês por me estarem odiando, mas só peço que esperem um pouco até verificarem se vai ser tão ruim quanto estão pensando.

Vocês são os primeiros negros com quem tenho algum contato mais direto, mas me parece que são pretos assim como eu sou branco. E acho que só se deve julgar as pessoas pela maneira como se comportam. De uma coisa eu sei: vocês me deram comida quando eu estava faminto, o que muitos brancos não fizeram. Parece que Mr. Murray está com a ideia fixa de ter um feitor. Sei que vocês podem agir de tal maneira que ele terminará me mandando embora. Mas se o fizerem, estarão correndo o risco de ele arrumar um outro que pode ser muito pior.

Nenhum dos membros da família soube o que dizer em resposta. E não havia outra coisa a fazer se não começarem a trabalhar. E o jovem George Johnson pôs-se também a trabalhar, tanto quanto eles, se não mais.

Parecia estar obcecado pela necessidade de provar sua sinceridade.

A terceira filha de Tom e Irene, Viney, nasceu ao final da primeira semana de trabalho de George Johnson.

A esta altura, ele já estava sentando junto com a família nos campos, na hora do almoço, parecendo não perceber a maneira como Ashford imediatamente se levantava e se afastava, desdenhosamente. E George Johnson disse, com toda franqueza:

— Não sei nada do trabalho de feitor e por isso vocês vão ter que me ajudar. Não seria nada bom que Mr. Murray aparecesse por aqui e descobrisse que o trabalho não está sendo feito como ele quer.

A ideia de treinar o novo feitor divertiu até mesmo Tom, geralmente sisudo.

Naquela noite, quando o assunto foi discutido na reunião familiar, todos concordaram que a tarefa deveria caber a Virgil, já que era ele quem sempre comandara o trabalho nos campos. Na manhã seguinte, Virgil disse a George Johnson:

— A primeira coisa que tem de fazer é mudar um bocado as suas maneiras. A gente vai ficar vigiando o tempo todo e se o massa se aproximar a gente dá um sinal para você.

Então você vai ter que se afastar depressa e sair de muito perto da gente. Acho que você sabe que os brancos, especialmente os feitores, não devem parecer muito chegados aos

negros...

— Lá na Carolina do Sul, de onde eu vim, parece que são os negros que não querem ser muito chegados aos brancos.

— É que esses negros devem ser espertos — disse Virgil. — A próxima coisa que o massa vai querer ver é o seu feitor conseguindo fazer os negros trabalharem ainda mais do que antes. Você tem que aprender a gritar “Vão trabalhar, seus negros!” e outras coisas assim. E quando o massa ou outro branco estiver por perto, não pode chamar a gente pelos nomes, como faz. Você tem que aprender a praguejar e xingar e parecer ser muito perverso, para fazer o massa pensar que não está dando descanso para a gente.

Na próxima visita de Massa Murray aos campos, George Johnson esforçou-se devidamente em gritar, praguejar, até mesmo ameaçar todos os negros, de Virgil para baixo.

— Como é que eles estão indo? — perguntou Massa Murray.

— Muito bem para negros que trabalhavam sozinhos — resmungou George Johnson. — Mas acho que daqui a mais uma ou duas semanas eles estarão em forma.

Naquela noite, a família riu até não poder mais, imitando o comportamento de George Johnson e a visível satisfação do massa. Depois que as risadas cessaram, George Johnson contou que sempre fora um branco pobre. Depois que a família fora obrigada a deixar a fazenda miserável em que viviam, arruinada pela guerra, ele decidira sair à procura de uma vida nova e melhor. Mais tarde, depois da aprovação coletiva da família ao rapaz, Virgil comentou:

— Acho que ele é o único branco que existe que é capaz de dizer a verdade sobre si mesmo.

— Parece que vocês todos já estão começando a gostar do Old George — disse Matilda.

Houve novas risadas diante do apelido do novo feitor, Old George, o Velho George, já que ele era ridiculamente jovem. E Matilda tinha acertado em cheio: por mais incrível que pudesse parecer, eles tinham realmente começado a gostar do rapaz.



O Norte e o Sul pareciam engalfinhados num combate mortal. Nenhum dos dois parecia capaz de desfechar uma ofensiva rigorosa o bastante para liquidar o outro.

Tom começou a perceber um começo de desalento nas conversas dos fregueses brancos. Para ele, era um raio de esperança, pois ainda não desistira de conquistar a liberdade.

Algum tempo depois, a família ficou atônita e pôs-se a especular, quando Old George Johnson anunciou misteriosamente:

— Mr. Murray disse que eu poderia ausentar-me para tratar de alguns problemas pessoais. Voltarei assim que puder.

Ele partiu na manhã seguinte.

— O que será que ele foi fazer?

— Pelo jeito com que ele falava, não tinha nada para ir buscar lá no lugar de onde veio.

— Mas ele deve ter ido para algum lugar.

— Talvez ele tenha resolvido ir para a guerra.

— Não posso imaginar Old George querendo atirar em ninguém.

— Talvez ele tenha ficado de barriga cheia e a gente nunca mais vai ver ele.

— Mas que coisa, Ashford!

Você nunca tem nada de bom para dizer sobre ele nem sobre ninguém!

Quase um mês se passou, até que um domingo ou viram-se grilos alegres na senzala. Old George estava de volta, sorrindo constrangido. Ao seu lado havia uma moça, terrivelmente tímida, tão pálida e magra quanto ele. A gravidez de oito meses dava a impressão de que ela engolira uma abóbora.

— Essa é minha esposa, Miss Martha — disse Old George Johnson.

— Casamos pouco antes da minha partida e disse-lhe que voltaria assim que tivesse um lugar para ficarmos. Não contei que tinha uma esposa, pois já foi um bocado difícil arrumar quem quisesse ficar apenas comigo.

— Sorriu para sua Martha. — Por que não diz alô ao pessoal?

Martha, submissamente, disse olá a todos e depois acrescentou, no que parecia ser um discurso excessivamente comprido para ela:

— George me contou uma porção de coisas a respeito de todos vocês.

— Só espero que ele tenha falado coisas boas da gente — comentou Matilda, jovialmente.

Old George percebeu o olhar dela para o adiantado estado de gravidez de Martha e tratou de explicar:

— Quando eu parti, não sabia que íamos ter um filho. Mas estava com o pressentimento de que tinha de voltar para buscá-la o mais depressa possível. E encontrei-a prestes a iniciar uma família!

A frágil Martha parecia a companheira perfeita para Old George Johnson. A família

inteira não pôde deixar de gostar dos dois.

— Não contou nem a Massa Murray? — indagou Irene.

— Não. Disse apenas que tinha de tratar de alguns negócios, a mesma coisa que falei a vocês. Se ele quiser mandar a gente embora, vamos ter que ir.

— Sei que o massa não vai fazer uma coisa dessas — declarou Irene. E Matilda arrematou:

— Não vai mesmo! O massa não é esse tipo de homem!

— Diga a ele que preciso falar-lhe na primeira oportunidade que puder me receber — pediu Old George Johnson a Matilda.

Não querendo correr risco nenhum, Matilda informou primeiro a Missis Murray, procurando dramatizar ao máximo a situação.

— Missis, sei que ele é um feitor e tudo o mais, mas ele e aquela pobre esposa dele estão apavorados que o massa mande eles embora porque não tinha falado antes de uma esposa e os tempos andam muito difíceis. E agora que falta pouco para a pobre coitada dar à luz...

— Claro que não posso tomar decisões por meu marido, mas tenho certeza de que ele não irá expulsá-los...

— Eu sabia que não, Missis! E ainda mais porque a pobre coitada parece que não tem mais do que 13 ou 14 anos e parece que vai ter o bebê a qualquer momento e eles não conhecem ninguém por aqui a não ser a gente... e a Missis e o Massa.

— Como eu já disse, a decisão não é minha, mas de Mr. Murray. Mas tenho certeza de que eles poderão ficar.

Voltando à senzala, Matilda disse a Old George Johnson, profundamente grato, que não precisaria preocupar-se, já que Missis Murray declarara que não haveria qualquer problema. Depois, Matilda foi correndo até a cabana de Irene. As duas conferenciaram por um momento e seguiram juntas até a cabana atrás do celeiro.

Irene bateu na porta. Quando Old George Johnson abriu, ela disse:

— Estamos preocupadas com sua esposa. Diga para ela que a gente vai cozinhar e lavar tudo, porque ela precisa poupar as forças para quando o bebê nascer.

— Ela está dormindo agora. E tenho certeza de que vai gostar do oferecimento, pois está vomitando sem parar desde que chegamos.

— O que não é de espantar — comentou Irene. — Ela parece que não tem a força nem de um passarinho.

E Matilda acrescentou, em tom severo:

— Não devia ter trazido ela numa viagem tão comprida do jeito em que ela está.

— Eu bem que me esforcei para convencê-la a ficar, mas ela não quis de jeito nenhum.

— Vamos pensar que alguma coisa tivesse acontecido — disse Matilda. — Você não sabe nada de pôr um bebê no mundo!

— Eu ainda mal posso acreditar que vou ser pai!

— Pois devia!

Irene quase riu da expressão atormentada de Old George Johnson. Ela e Matilda retornaram à senzala. As duas estavam profundamente preocupadas. Matilda disse:

— A pobre menina não parece que está muito bem. Está que é só pele e ossos. E é muito tarde para engordar ela direito.

— Acho que ela vai ter um tempo muito difícil — profetizou Irene. — Deus do céu! Eu nunca pensei que um dia ainda fosse gostar de dois brancos pobres!

Menos de duas semanas se passaram até que Martha entrou em trabalho de parto, ao meio-dia. Toda a família na senzala podia ouvir os gritos angustiados dela, enquanto

Matilda e Irene faziam tudo para ajudá-la, durante a noite e até a metade do dia seguinte. Finalmente, quando Irene saiu da cabana atrás do celeiro, a expressão dela informou ao angustiado Old George Johnson antes mesmo que dissesse:

— Acho que Miss Martha vai se salvar. O bebê era uma menina... mas está morta.



Ao final da tarde do dia de Ano Novo de 1863, Matilda apareceu na senzala quase voando.

— Vocês todos viram aquele homem branco que chegou faz pouco tempo a cavalo?

Vocês nem vão acreditar! Ele veio dizer ao massa que o fio do telégrafo da estrada de ferro trouxe a notícia de que o Presidente Lincoln assinou a Proclamação da Emancipação, que dá liberdade para a gente!

A notícia sensacional deixou os Murrays pretos na maior alegria, assim como milhões de outros pretos... todos exultantes na intimidade de suas cabanas. Mas a expectativa foi diminuindo, a cada semana que passava, a alegria se reduzindo na espera interminável, até se transformar apenas em mero desespero, ao ficar patente que, dentro da Confederação ensanguentada e devastada, a ordem presidencial não tivera qualquer efeito, a não ser o de aumentar o ressentimento contra o Presidente Lincoln.

O desespero na senzala da plantação Murray era tão profundo que, apesar das informações intermitentes de Tom de que os ianques estavam agora ganhando as principais batalhas, tendo inclusive capturado Atlanta, ninguém mais se atrevia a acalentar esperanças de libertação. E isso continuou até o final de 1864, quando Tom apareceu com uma notícia sensacional, mais empolgado do que jamais se mostrara em qualquer outra ocasião dos últimos dois anos. E ele contou que incontáveis milhares de ianques, avançando numa frente de quase oito quilômetros, sob o comando de um General Sherman, estavam devastando todo o Estado da Geórgia. Apesar de tantas esperanças antes destruídas, a família começou a acreditar novamente que um dia poderia alcançar a liberdade, diante das notícias que Tom levou para as reuniões familiares, nas noites subseqüentes.

— Os ianques não estão deixando nada de pé! Os brancos juram que eles estão queimando os campos, as casas-grandes, os celeiros!

Estão matando as mulas e assando as vacas e tudo o mais que podem comer! E o que eles não estão queimando e comendo, estão destruindo e roubando, levando tudo o que podem carregar! E dizem que tem negros que não acaba mais nos matos e nas estradas, como formigas, que deixaram seus massas e suas plantações e estão seguindo os ianques! O General Sherman teve até que pedir a eles para voltarem para os lugares de onde tinham vindo!

Não muito depois que o avanço triunfal dos ianques chegou ao mar, Tom trouxe outra notícia sensacional:

— Charleston caiu!

Pouco depois, mais uma notícia:

— O General Grant tomou Richmond! E, finalmente, em abril de 1865:

— O General Lee rendeu todo o Exército da Confederação!

O Sul desistiu da guerra!

A alegria na senzala foi incontrolável. A família inteira saiu correndo para a estrada,

onde já se encontravam centenas de outros pretos. E todos gritavam, riam, choravam, pulavam, cantavam, rezavam.

— Livres, Senhor, livres!

— Graças a Deus Todo- poderoso, livres finalmente!

Mas alguns dias depois a alegria das comemorações foi substituída diante da notícia terrível do assassinato do Presidente Lincoln.

— Oh, desgraça! — gritou Matilda, enquanto a família chorava desesperadamente em torno dela, assim como milhões de outros pretos, que tinham reverenciado o Presidente assassinado como seu Moisés.

Em maio, como estava acontecendo por todo o Sul derrotado, Massa Murray convocou seus escravos para uma reunião diante da casa grande. Não era fácil para eles contemplarem os rostos abatidos do massa, de Missis Murray, que choravam sem parar, e de Old George Johnson e sua Martha, que também eram brancos. Com a voz trêmula, Massa Murray leu bem devagar o que estava escrito no papel em sua mão, dizendo que o Sul perdera a guerra. E fazendo um esforço tremendo para não sufocar, diante da família preta parada a sua frente, ele acrescentou:

— Acho que isso significa que vocês são tão livres quanto nós. Podem ir embora, se quiserem. Podem ficar, se preferirem. E quem quer que decida ficar, eu tentarei pagar alguma coisa...

Os Murrays pretos começaram a pular, cantar, rezar, gritar, numa explosão de alegria renovada.

— Somos livres!

— Finalmente livres!

— Obrigado, Jesus!

Os gritos de alegria passaram pela porta da pequena cabana onde estava o filho de Lilly Sue, Uriah, agora com oito anos e há semanas de cama, com febre.

— Liberdade! Liberdade!

Ao ouvir, Uriah se levantou e saiu correndo da cabana.

Foi primeiro até o chiqueiro e gritou:

— Porcos! Podem parar de grunhir! Vocês agora são livres! Depois, foi até o estábulo:

— Vacas! Podem parar de dar leite! Vocês agora são livres!

E em seguida foi para o galinheiro:

— Galinhas! Podem parar de botar ovos! Vocês agora são livres... E EU TAMBÉM

SOU!

Naquela noite, depois que a comemoração terminou pelo cansaço dos participantes, Tom reuniu a família no celeiro, para discutir o que iriam fazer, agora que haviam conquistado a "liberdade", há tanto tempo esperada.

— A liberdade não vai dar comida para a gente, apenas deixa a gente decidir o que quer fazer para comer — disse Tom. — Não temos muito dinheiro. E além de mim que sou ferreiro e mamãe que sabe cozinhar, a única coisa que a gente sabe fazer é trabalhar nos campos.

Matilda informou que Massa Murray pedira-lhe que insistisse com os filhos para aceitarem a proposta dele, de dividir a plantação e trabalhar nas colheitas meio a meio.

Houve um acalorado debate.

Vários adultos da família desejavam partir imediatamente. Matilda protestou:

— Quero que a família continue junta. Não quero saber dessa história da gente ir embora. E se o papai Chicken George voltar e não tiver ninguém aqui para dizer a ele para

onde é que a gente foi?

Todos ficaram em silêncio quando Tom deixou claro que desejava falar:

— Vou dizer para vocês por que acho que a gente ainda não pode ir embora: porque a gente não tem nenhum lugar para ir! Quando a gente estiver pronto, eu serei o primeiro a querer ir embora!

Todos finalmente se convenceram de que Tom falara com “bom senso” e a reunião terminou.

Levando Irene pela mão, Tom saiu andando pelo luar na direção dos campos.

Pulando por cima de uma cerca, ele deu alguns passos largos, depois virou bruscamente para a direita, até percorrer um quadrado.

Voltou para a cerca e disse:

— Irene, isso vai ser nosso! E ela repetiu, deliciada:

— Nosso!

Uma semana depois, os diversos membros da família já estavam cuidando dos seus campos separados. Certa manhã, quando Tom deixou a oficina de ferreiro para ir ajudar os irmãos, reconheceu um cavaleiro solitário que se aproximava pela estrada. Era o antigo Major Cates, da Cavalaria Confederada, o uniforme cinza esfarrapado, o cavalo mancando. Cates também reconheceu Tom.

Aproximou-se da cerca e parou o cavalo.

— Ei, negro, me dê uma caneca de sua água!

Tom olhou para o balde a seu lado e depois para o rosto de Cates, por um longo momento. Encheu a caneca de água e levou-a para Cates, dizendo então, calmamente:

— As coisas estão mudadas agora, Mr. Cates. Só dei essa água porque daria de beber a qualquer homem com sede e não porque gritou comigo.

Queria apenas que soubesse disso.

Cates devolveu a caneca.

— Vá-me buscar mais água, negro!

Tom olhou para a caneca, largou-a dentro do balde, virou as costas e se afastou, sem olhar para trás.

Mas quando outro cavaleiro se aproximou a galope, com um chapéu-coco preto na cabeça e um lenço verde no pescoço esvoaçando, todos os que estavam trabalhando nos campos saíram em disparada para a senzala.

— Mamãe! Mamãe! Ele voltou! Ele voltou!

Quando o cavalo de Chicken George chegou ao quintal, os filhos dele tiraram-no lá de cima e levaram-no nos ombros até Matilda, que chorava sem parar.

— Por que está abrindo esse berreiro, mulher? — indagou ele, numa indignação zombeteira.

E abraçou-a, como se nunca mais fosse largá-la. Mas finalmente o fez e gritou para que a família se aproximasse e ficasse quieta.

— Mais tarde eu conto para vocês todas as coisas que eu vi e que fiz desde que estive com vocês da última vez.

Mas neste momento estou é querendo contar para vocês o que todos nós vamos fazer juntos!

Aos pouquinhos, com todo seu senso dramático, Chicken George contou-lhe que descobrira para eles um novo povoado na parte oeste do Tennessee, onde os brancos aguardavam ansiosamente a chegada da família, para construir uma cidade juntos.

— Vou dizer uma coisa para vocês! A terra para onde a gente vai é tão preta e fértil

que se a gente planta um rabo de porco logo acaba nascendo um porco! Vocês quase não vão poder dormir de noite, porque as melancias crescem tão depressa que estouram como fogos de artifícios! Os gambás são tão gordos que nem conseguem correr!

A família não o deixou continuar a falar, de tão excitada que estava. Naquela tarde, enquanto alguns iam-se gabar para outros pretos nas plantações próximas, Tom começou a planejar como poderia transformar uma carroça antiga da fazenda num carroção coberto. Cerca de dez carroções assim poderiam transportar todos os membros da família. Ao pôr-do-sol, uma dúzia de chefes de outras famílias recentemente libertadas apareceram para exigir — e não para pedir apenas — que fossem junto também. Lá estavam os pretos Holts, os Fitzpatrick, Perms, Taylors, Wrights, Lakes, MacGregors e outros, das plantações do Condado de Alamance.

Nos dois meses seguintes, trabalhando febrilmente, os homens construíram os carroções necessários. As mulheres prepararam comidas para a viagem, selecionando outras coisas vitais. Chicken George desfilava de um lado para outro, inspecionando tudo, adorando seu papel de herói.

Tom Murray tinha que tratar com os representantes de outras famílias recentemente libertadas, que desejavam transformar velhas carroças em carroções e irem também.

Tom finalmente anunciou que todos que desejassem poderiam ir, mas tinha que haver um carroção para cada unidade familiar. Quando finalmente os carroções ficaram prontos para partir, ao amanhecer do dia seguinte, uma estranha sensação de tristeza invadiu os pretos livres. Todos saíram a tocar e olhar as coisas familiares, sabendo que seria pela última vez.

Há dias que os Murrays pretos só viam os Murrays brancos de passagem.

Matilda disse, soluçando:

— O Senhor! Detesto pensar no que eles devem estar sofrendo! Tom Murray já se deitara dentro de seu carroção, para passar a noite, quando alguém bateu na madeira de trás. De alguma forma, eleja sabia quem era, antes mesmo de entreabrir a lona. Old George Johnson estava parado ali, a emoção estampada no rosto, as mãos retorcendo o chapéu.

— Tom... gostaria de dar uma palavrinha com você... se tiver tempo...

Descendo do carroção, Tom seguiu Old George Johnson, ao luar. Quando Old George finalmente parou, estava tão dominado pelo embaraço e emoção que mal conseguiu balbuciar:

— Eu e Martha estivemos conversando... E parece que vocês são as únicas pessoas a que estamos ligados de verdade. Tom, estive pensando... será que vocês não deixariam a gente ir também?

Tom demorou algum tempo para responder:

— Se fosse só por minha família, eu podia dizer a você agora mesmo. Mas tem muitos outros. Vou ter de falar com eles. Depois eu dou a resposta...

Tom foi de carroção em carroção, batendo gentilmente e chamando os homens. Reunindo-os, ele contou o que acabara de acontecer. Houve um momento de silêncio constrangido, até que Tom Murray acrescentou:

— Ele foi o melhor feitor de que eu já ouvi falar porque não era um feitor de verdade e trabalhava lado a lado com a gente.

Houve oposição, inclusive de alguns que eram radicalmente contra os brancos. Mas, depois de algum tempo, alguém disse:

— Ele não tem culpa de ser branco...

— Finalmente, foi feita uma votação e a maioria decidiu que os Johnsons poderiam ir

também.

Foi necessário um dia de atraso para improvisar um carroção para Old George e Martha. Mas ao amanhecer do dia seguinte, a caravana de 29 carroções deixou a plantação Murray, rangendo.

A frente dos carroções, ia Chicken George, nos seus 67 anos, de chapéu-coco na cabeça e lenço verde no pescoço, levando na garupa o “Old Bob”, seu velho galo de briga caolho. Logo atrás dele, vinha Tom Murray, no primeiro carroção, tendo Irene a seu lado. Dentro do carroção, estavam as filhas, de olhos esbugalhados e excitadas com a aventura. A mais moça era Cynthia, com dois anos. Em seguida vinham outros 27 carroções, com pretos ou mulatos sentados no banco da frente.

E, por último, ia o carroção de Old George e Martha Johnson, que tinham a maior dificuldade em avistar alguma coisa, por entre a poeira levantada pelos cascos e rodas. Estavam a caminho do que Chicken George lhes jurara ser a terra prometida.



— Mas é isso? — indagou Tom.

— A terra prometida? — disse Matilda.

— Onde é que estão os porcos crescendo no chão e as melancias estourando? — perguntou uma das crianças.

Chicken George tinha parado o cavalo. A frente deles, havia uma clareira na floresta, com algumas lojas feitas com troncos, no cruzamento da trilha por que tinham vindo com uma outra que formava um ângulo reto.

Três homens brancos, um deles sentado num barril de pregos, o outro numa cadeira de balanço e o terceiro num banco inclinado, as costas apoiadas na parede e os pés em cima de um poste pequeno de amarrar cavalos, se cutucaram e sacudiram a cabeça na direção dos carroções empoeirados e seus passageiros. Dois meninos brancos, rolando um arco, estacaram abruptamente e ficaram olhando também. O arco continuou a rodar até o meio da trilha, onde rodopiou um pouco, até cair de todo no chão. Um preto velho, varrendo um alpendre, contemplou-os impassivelmente por um longo tempo e depois sorriu.

Um cachorro grande, que estava-se coçando atrás de um barril de chuva, parou subitamente, com a perna suspensa no ar, esticando a cabeça para olhar também, logo recomentou Little George, sem sorrir.

— Eu disse a vocês que era um povoado novo — Chicken George apressou-se em dizer.

— Tem apenas uns cem brancos vivendo por aqui. E mesmo descontando todos os de nós que ficaram para trás, as pessoas que têm nestes 15 carroções vão logo dobrar a população. A gente vai ser dos primeiros numa cidade crescendo.

— Só pode crescer mesmo, pois outra coisa não pode acontecer — comentou Little George, sem sorrir.

— Esperem só até ver as terras para as nossas plantações! — exclamou Chicken George, alegremente, esfregando as mãos de expectativa.

— Provavelmente não passam de pântanos — disse Ashford, tomando a precaução de falar baixinho, para o pai não ouvir.

Mas eram terras de primeira qualidade, férteis e margosas, 30 acres para cada família, que iam dos arredores da cidade até as fazendas de propriedade dos brancos, que ocupavam as melhores terras do Condado de Lauderdale, às margens do Rio Hatchie, dez quilômetros ao norte. Muitas das fazendas dos brancos eram tão grandes quanto todas as propriedades dos pretos juntas. Mas 30 acres eram 30 vezes mais do que qualquer coisa que eles já haviam possuído antes e já era muito com que se ocuparem.

Continuando a residir nos carroções abarrotados, as famílias começaram a limpar trechos do mato logo na manhã seguinte. E não demorou muito para que os primeiros sulcos fossem abertos e as primeiras colheitas semeadas, algodão na maior parte, um pouco de milho, áreas para hortas. Em seguida, os homens puseram-se a serrar árvores e rachar troncos para construir suas cabanas. Chicken George ia de uma fazenda para outra, em

seu cavalo, oferecendo seus conselhos em matéria de construções e não perdendo uma oportunidade de se gabar como mudara a vida de todos.

Mesmo entre os colonos brancos de Henning, Chicken George não pôde deixar de se gabar, anunciando que as pessoas que trouxera consigo ajudariam a cidade a crescer e prosperar. E jamais deixava de mencionar que seu filho do meio, Tom, em breve iria abrir a primeira oficina de ferreiro da região.

Não muito tempo depois, três brancos foram a cavalo até a fazenda de Tom, que estava naquele momento misturando argila com pelos de porco, para tapar as frestas da cabana de troncos, ainda inacabada.

— Qual de vocês é o ferreiro?

— gritou um dos homens, sem desmontar.

Certo de que seus primeiros fregueses tinham aparecido, antes mesmo de iniciar o negócio, Tom adiantou-se, orgulhoso.

— Ouvimos dizer que você está pensando em abrir uma oficina de ferreiro aqui na cidade.

— Sim, senhor. Estive dando uma olhada para ver qual é o melhor lugar. E estava pensando naquele love vazio ao lado da serraria, se ninguém está de olho nele.

Os três brancos se entreolharam e um deles disse:

— Não vamos desperdiçar seu tempo, garoto. Você pode fazer o trabalho de ferreiro que bem quiser. Mas se quiser trabalhar na cidade, vai ter que ser na oficina de um branco, que será o dono dela. Estamos entendidos?

Tom sentiu-se invadido por uma raiva tão grande que levou um minuto inteiro para ter certeza de que poderia falar sem perder o controle:

— Não, senhor, não entendi.

Eu e minha família somos agora livres e estamos apenas querendo ganhar a vida, como todo mundo, trabalhando duro e fazendo as coisas que sabemos fazer.

Ele fez uma pausa, fitando os três homens nos olhos.

— Se não posso ter o que faço com as minhas próprias mãos, então este não é o lugar para a gente.

O terceiro branco finalmente entrou na conversa:

— Se é assim que você pensa, acho que vai ter que andar muito por este Estado, garoto.

— A gente está acostumado a viajar. Não quero causar encrenca em lugar nenhum, mas tenho que ser um homem. Eu gostaria de ter sabido antes como vocês pensavam por aqui. Assim, a minha família nem teria parado.

— Pois pense no que a gente acabou de falar, garoto — disse o primeiro homem branco. — Você é quem sabe o que vai fazer.

— Vocês vão ter que aprender a não deixar a liberdade subir à cabeça — disse o segundo branco.

E os três viraram os cavalos e foram embora, sem dizer mais nada. Quando a notícia se espalhou pelas outras plantações, os chefes de cada família foram imediatamente procurar Tom.

— Filho — disse Chicken George — você sempre soube como é que os brancos são.

Será que não pode começar do jeito que eles estão querendo? Depois, vendo que seu trabalho é bom, eles vão acabar mudando de ideia.

— Viajar tanto para depois arrumar as coisas e partir de novo! — exclamou Matilda. — Não faça isso com a sua família, filho!

Irene juntou-se ao coro:

— Tom, por favor! Estou cansada, muito cansada! Mas a expressão de Tom era sombria quando ele disse:

— As coisas não ficam melhores se a gente não faz elas ficarem melhores! Não vou ficar num lugar onde não me deixam fazer aquilo que um homem livre tem direito de fazer! E não vou pedir a ninguém para ir com a gente, mas amanhã vamos arrumar o carroção e partir de novo!

— Eu também vou! — gritou Ashford, igualmente furioso.

Naquela noite, Tom saiu a passear sozinho, dominado pelo sentimento de culpa por estar prestes a submeter a família a novas provações.

Recordou o sofrimento por que tinham passado nos carroções, avançando por semanas a fio. E recordou-se também de uma coisa que Matilda dizia com frequência:

— Se a gente procurar bastante numa coisa ruim, vai terminar encontrando uma coisa boa.

Depois que a ideia ocorreu-lhe, continuou a passear por mais uma hora, deixando o plano ir adquirindo contornos definidos em sua mente.

Depois, voltou para o carroção onde sua família dormia e deitou-se.

Na manhã seguinte, Tom disse a James e Lewis que construíssem abrigos provisórios para Irene e as crianças, pois iria precisar do carroção. Enquanto a família o observava, aturdida — e Ashford com crescente incredulidade e raiva — Tom descarregou a pesada bigorna, com a ajuda de Virgil, montando-a em cima de um tronco recentemente cortado.

Ao meio-dia, já havia concluído uma forja improvisada. Com todos ainda olhando, Tom tirou em seguida a lona do carroção e as tábuas laterais, deixando apenas a base de madeira, na qual começou a trabalhar com suas ferramentas. Aos poucos, todos começaram a perceber qual era a ideia espantosa que Tom estava convertendo em realidade.

Ao final daquela semana, Tom atravessou a cidade com sua oficina de ferreiro ambulante. Não houve um só homem, mulher ou criança que não ficasse olhando para a bigorna, a forja e a tina de resfriamento, montados em cima da carroça, reforçada com vigas.

Acenando polidamente para todos os homens que encontrava, tanto pretos quanto brancos, Tom indagava se não tinham trabalhos de ferreiro que desejassem entregar-lhe, a preços módicos. Dias depois, os serviços dele estavam sendo cada vez mais requisitados nas fazendas em torno do novo povoado, pois ninguém via uma razão qualquer para que um preto não pudesse exercer seu ofício em um carroção.

Quando compreenderam que Tom se estava saindo muito melhor com sua oficina ambulante do que teria acontecido com uma estacionária, ele já se tornara tão indispensável que ninguém poderia dar-se ao luxo de levantar objeções, mesmo que quisesse. Mas eles realmente não queriam, pois Tom parecia ser o tipo de homem que cuidava de sua vida e não se metia nos negócios dos outros. Não podiam deixar de respeitá-lo por isso. Não demorou muito para que a família inteira fosse reconhecida como sendo integrada por bons cristãos, que pagavam suas contas direito e não se metiam com o que não era de sua conta. “Eles conhecem o seu lugar”, conforme informou Old George, transmitindo o comentário de alguns brancos, que ouvira no armazém.

O próprio Old George era tratado como “um deles”, evitado socialmente, tendo que esperar nas lojas até que todos os demais fregueses brancos tivessem sido servidos. Certa ocasião, um comerciante lhe informara de que ele havia “comprado” um chapéu que simplesmente experimentara, pondo-o novamente na prateleira, ao descobrir que era

pequeno demais. Mais tarde, ele contou à família a história do chapéu equilibrado no alto de sua cabeça e todos riram, tanto quanto o próprio Old George.

— Estou surpreso do chapéu não caber — comentou Little George — já que você parece ter uma cabeça vazia o bastante para ir comprar alguma coisa lá naquela loja.

Ashford, como sempre, ficara furioso, ameaçando, apenas isso, ir “até lá e enfiar o chapéu pela garganta abaixo daquele idiota”.

Por menor que fosse a simpatia da comunidade branca — e o inverso também era verdadeiro — Tom e os outros sabiam perfeitamente que os comerciantes da cidade estavam exultantes com o súbito crescimento dos negócios, depois da chegada deles. Embora eles fabricassem quase todas as suas roupas, plantassem e criassem praticamente tudo o que comiam e cortassem a maior parte de sua madeira, as quantidades de pregos, metais e arame farpado que compraram, ao longo dos dois anos seguintes, eram um testemunho do quanto estavam prosperando.

Com todas as casas, celeiros, telheiros e cercas construídos em 1874 a família, liderada por Matilda, concentrou sua atenção num empreendimento que considerava igualmente importante para seu bem-estar: a construção de uma igreja, para substituir o altar improvisado em que vinham fazendo seu culto. Levou quase um ano e consumiu boa parte das economias. Mas quando Tom, os irmãos e os muitos filhos terminaram de instalar o último banco, quando o lindo pano branco que Irene fizera, bordado com uma cruz púrpura, cobria o púlpito, diante da janela de vidro fosco encomendada à Sears Roebuck por 250 dólares, todos concordaram que a New Hope Colored Methodist Episcopal Church bem valia todos os esforços, sacrifícios e despesas.

Tantas pessoas compareceram ao serviço religioso naquele primeiro domingo — na verdade, todos os pretos que podiam andar ou estavam em condições de serem carregados, num raio de 30 quilômetros — que muita gente não conseguiu entrar na igreja. Mas ninguém teve a menor dificuldade em ouvir o sermão vibrante do Reverendo Sylus Henning, um antigo escravo do Dr. D.

C. Henning, diretor da Estrada de Ferro Central do Illinois, que possuía amplas propriedades na região.

Durante o sermão, Little George sussurrou para Virgíl que o Reverendo parecia estar convencido de que era o próprio Dr. Henning. Mas ninguém jamais se atreveria a contestar o vigor do sermão dele.

Depois do último hino, The Old Rugged Cross, a congregação, liderada por Matilda, que estava mais radiante do que Chicken George jamais a vira, começou a deixar a igreja, enxugando os olhos e apertando a mão do pregador.

Depois, cada família pegou sua cesta de piquenique e todos acomodaram-se pelo gramado diante da igreja, pondo-se a comer as galinhas fritas, sanduíches de carne de porco, ovos cozidos, salada de batata, salada de repolho cru, picles, broas e limonadas. Havia tantos bolos e tortas que Little George estava sem fôlego quando terminou de comer a última fatia.

Enquanto todos conversavam, sentados ou passeando, os homens e os meninos de paletó e gravata, as mulheres mais velhas de branco e as moças em vestidos coloridos, Matilda ficou contemplando os netos brincarem, os olhos marejados de lágrimas.

Virou-se para o marido e pôs a mão sobre a dele, coberta de cicatrizes do trato com tantos galos de briga.

— Nunca mais vou esquecer este dia, George. A gente percorreu um longo caminho desde aquele dia em que você foi me procurar, com aquele seu chapéu-coco. Nossos filhos

cresceram e tiveram os seus próprios filhos. E o Senhor permitiu que a gente continuasse junto. A única coisa de que eu gostaria era que Mamãe Kizzy estivesse aqui para ver tudo isso com a gente!

Os olhos também cheios de lágrimas, Chicken George fitou-a afetuosamente e murmurou:

— Ela está olhando, meu bem! Ela está vendo tudo!



Ao meio-dia da segunda-feira seguinte, durante o intervalo do trabalho nos campos, as crianças entraram na igreja, para o primeiro dia de aula sob um telhado. Há dois anos, desde que chegara à cidade, depois de ser uma das primeiras a se formar no Lane College, em Jackson, Tennessee, que a Irmã Carrie White vinha ensinando junto ao altar improvisado. O aproveitamento da igreja como escola era uma grande ocasião. Os mantenedores da Igreja da Nova Esperança, Chicken George, Tom e os irmãos, contribuíram com o dinheiro necessário para comprar lápis, tabuinhas para escrever e cartilhas de “ler, escrever e aritmética”. Como ela ensinava a todas as crianças em idade escolar ao mesmo tempo, Irmã Carrie tinha alunos que iam dos cinco aos 15 anos, inclusive os cinco filhos mais velhos de Tom: Maria Jane, com 12 anos, Ellen, Viney, Little Matilda e Elizabeth, que estava com seis anos. Young Tom, o seguinte na fila, só começou a estudar no ano seguinte. E Cynthia, a caçula, foi depois.

Quando Cynthia se formou, em 1883, Maria Jane já deixara a escola, casara e tivera um filho. Elizabeth, que era a melhor estudante da família, conseguira ensinar o pai a assinar o nome, Tom Murray, passando a cuidar da contabilidade dele nos negócios de ferreiro. E Tom bem que estava precisando, pois, a esta altura, já se tornara tão bem-sucedido com sua oficina ambulante que abrira uma estacionária, agora sem a menor objeção.

Era um dos homens mais prósperos da cidade.

Cerca de um ano depois de ir trabalhar com o pai, Elizabeth apaixonou-se por John Toland, recém-chegado a Henning, que estava trabalhando como meeiro numa fazenda de 600 acres de uma família branca, perto do Rio Hatchie. Ela o vira um dia no armazém da cidade e ficara impressionada. Contou à mãe, Irene, que se sentira imediatamente atraída não apenas pela boa aparência e o corpo musculoso do rapaz, mas também suas maneiras distintas e inteligência óbvia.

Ele sabia até escrever alguma coisa, o que ficara evidenciado quando assinara um recibo. Nas semanas seguintes, durante os passeios que dava com o rapaz pelos bosques, uma ou duas vezes por semana, Elizabeth descobriu também que era um rapaz de boa reputação, que frequentava a igreja regularmente, que tinha ambições de economizar o bastante para comprar sua própria fazenda. E ele era tão gentil e delicado quanto era forte.

Foi somente depois que os dois já se vinham encontrando regularmente há quase dois meses e haviam começado secretamente a falar em casamento que Tom Murray, a par do namoro desde o início, disse à filha que parasse de esquivar-se e levasse o rapaz a sua casa no domingo seguinte, depois do serviço religioso. Elizabeth obedeceu. John Toland não podia ter sido mais amistoso e respeitoso ao ser apresentado a Tom Murray, o qual, no entanto, parecia mais taciturno do que o habitual. E ele não demorou a retirar-se, depois de uns poucos minutos de conversa constrangida, alegando um pretexto qualquer. Depois que John Toland foi embora, Elizabeth foi chamada pelo pai, que lhe disse firmemente:

— É evidente que você está apaixonada por esse rapaz, pela maneira como olha para ele. Vocês dois estão pensando em alguma coisa?

— Como assim, Papai?

— Em casamento! É isso o que estão pensando?

Elizabeth não conseguiu dizer nada.

— Eu gostaria de dar a você a minha bênção, pois quero que seja muito feliz. Ele me parece um bom rapaz... mas não posso deixar que case com ele.

Elizabeth estava perplexa, sem entender mais nada.

— Ele é claro demais. Mais um pouquinho e poderia passar por branco. Ele não é uma coisa nem outra. Está entendendo o que estou querendo dizer? Ele é claro demais para os pretos, escuro demais para os brancos. Ele não pode dar um jeito no que parece. Mas por mais que ele se esforce, nunca vai pertencer a lado nenhum. E você tem que pensar também no que seus filhos vão parecer! Não quero esse tipo de vida para você, Elizabeth.

— Mas todo mundo gosta de John, Papai! Se a gente pode se dar bem com Old George Johnson, por que não pode se dar bem com ele?

— Não é a mesma coisa!

— Não entendo, Papai! — gritou Elizabeth, desesperada.

— Você dizer que as outras pessoas podem não aceitar John. E você é o primeiro a não aceitar!

— Já chega de conversa! Você disse tudo o que eu estou disposto a ouvir. Se você não tem juízo para ficar longe desse tipo de sofrimento, eu cuido disso para você. Não quero que você veja ele nunca mais!

— Mas, Papai... — Elizabeth estava chorando.

— Já chega!

— Se eu não posso casar com John, então não vou casar com mais ninguém!

Tom Murray virou-se e saiu da sala, batendo a porta.

Parou na outra sala. Irene, sentada na cadeira de balanço, começou a levantar-se.

— Tom, o que você...

— Não tenho mais nada a dizer sobre isso! — gritou ele, saindo de casa.

Quando Matilda soube o que acontecera, ficou tão furiosa que Irene teve o maior esforço para contê-la.

— O pai desse menino tem sangue -branco nas veias! — berrou Matilda. — Estremecendo subitamente e levando a mão ao peito, Matilda caiu sobre uma mesa.

Irene amparou-a antes que batesse no chão. O rosto contorcido pela dor, Matilda balbuciou: — Ó meu Deus! ó, Jesus! ó Senhor, não!

As pestanas adejaram um pouco, e logo se fecharam.

— Vovó! — gritou Irene, segurando-a pelos ombros. — Vovó!

Ela encostou a cabeça no peito de Matilda e escutou.

Ainda havia uma batida do coração, mas cessou por completo dois dias depois.

Chicken George não chorou, mas havia algo terrível em sua imobilidade, na ausência de brilho nos olhos. A partir desse dia, ninguém jamais se lembrou de vê-lo sorrir ou dizer uma palavra delicada a alguém. Ele e Matilda não pareciam realmente muito unidos. Mas quando ela morreu, a vivacidade dele de certa forma morreu também.

E ele começou a encolher, a secar, a envelhecer quase da noite para o dia. Não se tornou um ancião fraco e esclerosado, mas sim um velho vigoroso e mal humorado. Recusando-se a viver com quem quer que fosse na cabana que partilhara com Matilda, passou a morar com os filhos, um depois do outro, ficando até que a situação se tornasse

insuportável. Quando não estava reclamando de alguma coisa, o velho Chicken George estava sentado numa cadeira na varanda, olhando fixamente para os campos, durante horas a fio.

Acabara de completar 83 anos — e, rabugento como sempre, recusara-se a comer um pedaço que fosse do bolo de aniversário que lhe fora preparado — e estava sentado diante da lareira, na casa de sua neta, Maria Jane. Era o inverno de 1890. A neta disse-lhe que ficasse descansando, enquanto corria até o campo, para levar o almoço do marido. Ao voltar, o mais depressa que pôde, Maria Jane encontrara-o estendido ao lado da lareira, depois de ter caído em cima do fogo. Os gritos dela atraíram imediatamente o marido. O chapéu-coco, o lenço no pescoço e a suéter estavam fumegando. Chicken George estava horrivelmente queimado, da cabeça até a cintura. Ele morreu naquela noite mesmo.

Quase todos os pretos de Henning compareceram ao funeral. Lá estavam todos os seus filhos, netos e bisnetos.

Parado ao lado do túmulo, no momento em que o caixão estava sendo baixado, para ficar ao lado do de Matilda, o filho Little George inclinou-se para Virgíl e sussurrou:

— Papai era tão duro que nunca poderia morrer de morte natural... Virgíl virou-se e fitou o irmão, com uma tristeza profunda estampada nos olhos.

— Eu amava ele. E sei que você também, todos nós...

— Claro que sim! Ninguém agüentava viver com aquele velho patife rabugento e veja agora como todo mundo está chorando porque ele morreu!

— Mamãe! — gritou Cynthia para Irene, ofegante. — Will Palmer perguntou se podia me acompanhar até em casa, depois da igreja, no próximo domingo!

— Ele não é de se apressar, hem? Há pelo menos dois anos que vejo ele ficar olhando para você na igreja todos os domingos... — disse Irene.

— Quem? — indagou Tom.

— Will Palmer. Ele pode trazer Cynthia de volta para casa? Depois de algum tempo, Tom disse secamente:

— Vou pensar nisso.

Cynthia saiu da sala, visivelmente angustiada.

Irene ficou olhando para o marido.

— Tom, será que você não acha ninguém bastante bom para as meninas? Todo mundo na cidade sabe que o jovem Will Palmer dirige a companhia madeireira para aquele velho bêbado, Mr. James! Todo mundo em Henning vê quando Will descarrega pessoalmente as madeiras, vende e entrega tudo, escreve as contas, recebe o dinheiro e deposita no banco. Ele até mesmo faz um trabalho de serraria de vez em quando para os fregueses que pedem. E apesar disso tudo e de ganhar muito pouco, ele jamais disse uma palavra sequer contra o velho Mr James!

— Não faz mais do que a obrigação dele, na minha opinião. Já vi também ele na igreja. Metade das garotas ficam revirando os olhos para ele!

— Ora, Tom, deixe ele trazer a menina de volta para casa! — suplicou Irene. — Se os dois quiserem ficar juntos e namorar depois, o problema é deles.

— E meu também!

Tom não queria parecer acessível demais para as filhas nem para a esposa. E, naquele momento, não queria que Irene soubesse que ele já avaliara o potencial e aprovaria Will Palmer, se o momento chegasse. Tendo observado o jovem Will desde que ele chegara a Henning, Tom muitas vezes desejara que os dois filhos tivessem pelo menos a metade da capacidade de iniciativa dele. Will Palmer, invariavelmente sério, ambicioso, capaz, fazia-o

pensar em si mesmo quando era mais jovem.

Ninguém podia esperar que o namoro fosse tão rápido.

Dez meses depois, na “sala de visitas” da nova casa de quatro cômodos de Tom e Irene, Will pediu Cynthia em casamento. Ela mal pôde esperar que o rapaz terminasse de falar para dizer “Sim”! Três domingos depois, eles se casaram na Igreja da Nova Esperança, uma cerimônia assistida por mais de 200 pessoas. Cerca da metade se constituía de pessoas que tinham vindo da Carolina do Norte nos carroções, ali presentes com seus filhos. Viviam agora em fazendas espalhadas por todo o Condado de Lauderdale.

Will, com suas próprias mãos e ferramentas, construiu a pequena casa em que foram morar. Um ano depois, em 1894, nasceu o primeiro filho deles, que morreu alguns dias depois. A esta altura, Will jamais tirava um dia de folga, pois o dono da companhia andava cada vez mais bêbado e ele tinha que dirigir todo o negócio.

Repassando os livros da companhia no final de uma tarde chuvosa de sexta-feira, Will descobriu um pagamento que deveria ter sido efetuado naquele dia no Banco Popular. Ele pegou o cavalo e andou por quase 15 quilômetros, para ir bater na porta dos fundos da casa do banqueiro.

— Mr. Vaughan, esse pagamento foi esquecido por Mr. James e tenho certeza de que não vai querer fazê-lo esperar até segunda-feira.

Convidado a entrar para secar-se, Will disse:

— Não, obrigado, senhor.

Cynthia deve estar preocupada com minha demora.

E desejando boa noite ao banqueiro, Will tornou a sair pela chuva. O banqueiro, profundamente impressionado, contou a história a toda a cidade.

No outono de 1893, Will recebeu um recado de que estava sendo chamado no banco. Aturdido, Will seguiu imediatamente para o banco.

Encontrou a sua espera os dez principais negociantes brancos da cidade, todos de rosto vermelho e parecendo embaraçados. O banqueiro Vaughan explicou rapidamente que o dono da companhia madeireira se declarara falido e estava pensando em mudar de cidade, levando a família.

— Mas Henning precisa da companhia madeireira — declarou o banqueiro. — Estamos discutindo o assunto há algumas semanas e concluímos que não há ninguém melhor do que você para dirigi-la, Will.

Concordamos em cobrir as dívidas da companhia, para que você possa assumi-la, como o novo proprietário.

Com as lágrimas escorrendo pelas faces, Will Palmer percorreu a fila de homens brancos. À medida que apertava a mão de cada homem, este assinava a nota garantindo as dívidas e saía rapidamente, também com lágrimas nos olhos. Depois que todos se foram, Will segurou a mão do banqueiro por um longo tempo.

— Mr. Vaughan, tenho mais um favor a pedir-lhe. Poderia pegar a metade das minhas economias e fazer um cheque para Mr. James, sem que ele jamais saiba quem enviou o dinheiro?

Um ano depois, o lema de Will, oferecer as melhores mercadorias possíveis, pelos menores preços possíveis, estava atraindo fregueses até mesmo de cidades vizinhas. E carroças carregadas de pessoas, principalmente pretos, estavam vindo de tão longe quanto Memphis, 80 quilômetros ao sul, para ver com seus próprios olhos o primeiro negócio daquele tipo na parte oeste do Tennessee possuído por um preto. Nas janelas havia cortinas que Cynthia fizera e na frente Will pintara um letreiro: COMPANHIA MADEIREIRA W. E.

PALMER.



As preces de Cynthia e Will foram atendidas em 1895, com o nascimento de uma menina forte e saudável, a quem deram o nome de Bertha George. O “George” era em homenagem ao pai de Will. Cynthia insistiu em reunir a família dela, para contar à menina recém-nascida a história de tudo o que acontecera até o Africano, Kunta Kinte, exatamente como Tom Murray contara aos filhos, a intervalos, quando eram pequenos.

Will Palmer respeitava a devoção de Cynthia à memória dos ancestrais, mas irritava o orgulho dele o fato de considerar-se que entrara para a família da esposa, ao invés do contrário.

Provavelmente foi por isso que começou a monopolizar a pequena Bertha, antes mesmo que ela soubesse andar. Todas as manhãs, passeava com ela, antes de sair para o trabalho.

De noite, ao voltar para casa, ajeitava-a no berço, que ele mesmo fizera.

Quando Bertha tinha cinco anos, o resto da família e muitos membros da comunidade preta de Henning citavam uma opinião de Cynthia e apoiavam-na:

— Will Palmer está estragando aquela menina com tantos mimos! Ele providenciara para que a filha tivesse crédito em todas as lojas de Henning em que se vendiam balas, pagando as contas todos os meses. Exigia, porém, que a filha mantivesse uma conta-corrente das despesas, “para aprender a fazer negócios”, verificando-a solenemente. Quando Bertha completou 15 anos, o pai abriu uma conta em nome dela no serviço de reembolso postal da Sears, Roebuck.

Todos sacudiram a cabeça, atônitos... e orgulhosos.

— Tudo o que aquela garota precisa fazer é escolher o que quiser nos catálogos, despachando o pedido. E os brancos da Sears, Roebuck, lá em Chicago, mandam para cá o mais depressa possível. Já vi com esses meus olhos! E o pai paga tudo! O pai paga tudo que Bertha quer!

No final desse mesmo ano, Will contratou um professor para vir todas as semanas de Memphis dar aulas de piano a Bertha. Ela era talentosa e não se passou muito tempo para que começasse a tocar na Igreja da Nova Esperança, da qual Will era curador e Cynthia a presidente perpétua da Junta de Administração.

Quando Bertha concluiu o oitavo ano do primeiro grau, em junho de 1909, não houve a menor dúvida de que ela deixaria Henning para cursar o Instituto Lane, financiado pela Igreja Colored Metodista Episcopal, que ficava 50 quilômetros a leste de Jackson, Tennessee, e ia do nono ano até os dois primeiros anos da universidade.

— Menina, acho que você não pode entender o que significa... ser a primeira pessoa da família a entrar na universidade...

— Sabe, Mamãe, eu gostaria de algum dia poder fazer com que você e Papai falassem o inglês direito. Mas confesso que já estou quase perdendo as esperanças. Seja como for, para que servem as universidades? Não é para as pessoas irem lá estudar?

Cynthia chorou quando ficou a sós com o marido.

— Céus, Will, o Senhor vai ter que nos ajudar com essa menina! Ela simplesmente não compreende!

— Talvez seja até melhor que ela não compreenda. Só sei que vou da' tudo o que tem em mim para que ela tenha uma oportunidade melhor do que tivemos.

Como já se esperava, Bertha recebeu excelentes notas, estudando Pedagogia, para tornar-se professora. Tocava piano e cantava no coro da escola. Numa das visitas a sua casa, dois fins de semana por mês, Bertha sugeriu ao pai que mandasse pintar uma frase nos dois lados do caminho de entrega:

Henning 121 — Your Lumber Number .1 Os telefones haviam sido recentemente instalados em Henning e a sugestão foi comentada por toda a cidade como um indício da inteligência de Bertha.

Em visitas posteriores, Bertha começou a falar sobre um jovem que conhecera no coro da escola, Simon Alexander Haley. Ele era de uma cidade chamada Savannah, também no Tennessee. Como era muito pobre, o rapaz estava trabalhando em até quatro empregos diferentes para manter-se na universidade, onde estudava Agricultura, informou Bertha. Como Bertha continuasse a falar a respeito dele, um ano depois, em 1913, Will e Cynthia sugeriram que o convidasse para ir visitá-los em Henning, a fim de que pudessem avaliá-lo pessoalmente.

A Igreja da Nova Esperança estava apinhada no domingo em que circulou a notícia de que “o namorado de Bertha da universidade” estaria presente. E quando ele chegou, foi examinado atentamente não apenas por Cynthia e Will Palmer, mas por toda a comunidade preta.

Mas ele parecia um rapaz sereno e seguro. Depois de cantar em voz de barítono o solo *In the Garden*, acompanhado por Bertha ao piano, ele conversou em seguida com todos que o cercaram no pátio da igreja, tranquilo, olhando a todos nos olhos, apertando firmemente as mãos dos homens, tocando na aba do chapéu para as mulheres.

No final daquela tarde, Bertha e Simon Alexander Haley voltaram juntos de ônibus para a universidade.

Nas discussões que se travaram na comunidade, ninguém tinha nada a dizer contra ele... publicamente.

Particularmente, porém, houve quem manifestasse apreensões pela cor muito clara dele. (Ele contara a Bertha, confidencialmente, que os pais, ex-escravos, eram filhos de mães pretas e pais brancos. Pelo lado paterno, fora um capataz chamado Jim Baugh, de quem pouco se sabia; pelo lado materno, fora o filho de um planador do Condado de Marion, Alabama, que depois se tornara coronel durante a Guerra Civil, chamado James Jackson.) Mas todos concordaram que ele cantava bem, parecia ser muito bem-educado e não dava a menor indicação de ser metido a besta só porque estava na universidade.

Haley passou o verão trabalhando como cabineiro de trem, poupando todo o vintém possível para conseguir sua transferência para o A&T College, em Greensboro, Carolina do Norte, onde faria um curso de quatro anos. Todas as semanas, ele e Bertha trocavam cartas. Quando a Grande Guerra começou, Haley e os colegas alistaram-se imediatamente no Exército dos Estados Unidos. Não se passou muito tempo para que as cartas dele para Bertha fossem enviadas da França.

Em 1918, ele sofreu envenenamento por gás na floresta de Argonne. Depois de vários meses de tratamento num hospital de além-mar, foi enviado de volta aos Estados Unidos, para convalescer. Em 1919, plenamente recuperado, ele voltou para Henning e anunciou o

noivado com Bertha.

O casamento foi realizado na Igreja da Nova Esperança no verão de 1920. Foi um grande acontecimento social, ao qual compareceram tanto pretos como brancos, já que Will Palmer era um dos mais preeminentes cidadãos da comunidade e, além disso, não havia quem não encarasse a irrepreensível Bertha com o maior orgulho.

A recepção foi realizada nos jardins da nova casa dos Palmers, de dez cômodos, inclusive uma sala de música e uma biblioteca. Foi servido um lauto banquete. Havia mais presentes do que normalmente se viam em três casamentos juntos. Houve até mesmo um recital do coro do Lane College, onde os recém-casados se haviam conhecido.

Will Palmer alugara um ônibus em Jackson para trazer o pessoal.

Ao final daquele dia, a pequena estação ferroviária de Henning foi totalmente invadida, quando Bertha e Simon embarcaram num trem que os levou pela noite afóra até Chicago, onde pegaram outro trem para um lugar chamado Ithaca, Nova York.

Simon ia ali fazer um curso de pós-graduação em Agricultura, na Universidade Cornell, enquanto Bertha se matricularia no Conservatório de Música de Ithaca.

Durante nove meses, Bertha escreveu regularmente para os pais, informando das experiências emocionantes e de como eram felizes. Mas, no início do verão de 1921, as cartas de Bertha começaram a chegar com uma frequência cada vez menor. Cynthia e Will ficaram profundamente preocupados, receando que alguma coisa estivesse errada e Bertha não quisesse lhes dizer. Will entregou 500 dólares a Cynthia para que enviasse a Bertha, a fim de gastar como achasse melhor, sem dizer nada a Simon. Mas as cartas da filha continuavam raras, até que Cynthia comunicou a Will e aos amigos mais chegados que ia a Nova York, para ver o que estava acontecendo.

Dois dias antes da data marcada para a partida de Cynthia, bateram na porta da frente, por volta de meia-noite. Os dois acordaram imediatamente, alarmados.

Cynthia foi a primeira a sair da cama e vestir o roupão, com Will logo atrás. Pela porta do quarto, ela pôde divisar as silhuetas de Bertha e Simon na varanda, iluminados pelo luar. Cynthia pôs-se a gritar e saiu correndo para abrir a porta.

Bertha disse calmamente:

— Desculpe não termos escrito. Mas é que desejávamos trazer um presente de surpresa...

E ela entregou a Cynthia um fardo envolto em mantas que tinha nos braços. Com o coração disparado e Will a olhar por cima de seu ombro, Cynthia levantou a manta... deparando com um rosto redondo e pardo.

O bebê, com seis meses de idade, era eu.



Mais tarde, papai contou-me várias vezes aquela noite da grande surpresa, sempre rindo.

— Quase que eu perdi um filho naquela noite...

Meu avô, Will Palmer, tirou-me dos braços de Cynthia e levou-me, “sem dizer nada, para algum lugar nos fundos da casa”. E lá ficou por cerca de meia hora.

— Quando ele voltou, Cynthia, Bertha e eu também não dissemos nada. Por um lado, porque ele era Will Palmer. Por outro, é que sabíamos o quão desesperadamente ele desejava um filho para criar... e acho que foi isso o que ele viu em você, o primeiro filho de Bertha.

Depois de uma semana, papai voltou sozinho para Ithaca, deixando mamãe e a mim em Henning. Haviam decidido que assim seria melhor, enquanto ele concluía seus estudos. Vovô e vovó praticamente me adotaram como seu próprio filho... especialmente vovô.

Anos depois, vovô iria contar que, antes mesmo de eu saber falar, vovô me levava para a serraria, deixando-me num berço, enquanto trabalhava. Depois que aprendi a andar, seguíamos juntos para o centro da cidade. Eu tinha que dar três passos para cada um deles. Eu agarrava firmemente o polegar esquerdo estendido de vovô.

Parecendo-me uma árvore muito alta, preta e forte, vovô volta e meia parava no caminho, para conversar com pessoas que encontrava. Vovô ensinou-me a olhar as pessoas nos olhos, falar sempre claramente, delicadamente. Algumas vezes, as pessoas comentavam que eu era muito bem-educado, que estava crescendo depressa. E vovô se limitava a dizer:

— Acho que ele vai chegar lá.

Chegando à serraria, ele deixava-me brincar entre as pilhas de carvalhos, cedros, pinhos e nogueiras, em pranchas de diversos comprimentos e larguras. Eu me imaginava envolvido nas mais emocionantes aventuras, sempre em tempos e lugares remotos. Havia ocasiões em que vovô deixava-me sentar na cadeira giratória em seu gabinete, com a pala verde na cabeça. Eu ficava rodando de um lado para outro, até ficar tonto e ter que parar. Adorava simplesmente ir a qualquer lugar que fosse com vovô.

Ele morreu pouco antes de eu completar cinco anos.

Fiquei tão histérico que o Dr.

Dillard teve que me dar um copo de leite com alguma coisa, para fazer-me dormir naquela noite. Antes de dormir, porém, recordo-me de ter vislumbrado uma extensa fila na estrada poeirenta que passava diante da casa, todos de cabeça baixa, as mulheres com véus, os homens com o chapéu nas mãos. Nos dias seguintes, tive a impressão de que todas as pessoas do mundo estavam chorando.

Papai, que já concluía o curso de pós-graduação e apresentara sua tese, veio de Cornell para assumir a direção da serraria, enquanto mamãe começava a ensinar na escola local. Como eu amara vovô profundamente e sentira a dor intensa de vovô, nós dois ficamos muito chegados. Ela não ia a qualquer lugar sem me levar.

Tenho a impressão de que era para tentar preencher o vazio da ausência de vovô que,

a partir daquela ocasião, vovó começou a convidar, todas as primaveras, diversas mulheres da família Murray para virem visitá-la. Havia algumas que chegavam a passar o verão inteiro conosco. Com idades girando em torno dos 50 anos, elas vinham de lugares que me pareciam exóticos, como Dyersburg, Tennessee, Inkster, Michigan, St. Louis e Kansas City. E tinham nomes que também me atraíam, como Tia Plus, Tia Liz, Tia Til, Tia Viney e Prima Geórgia. Depois de lavada a louça do jantar, elas iam senta-se nas cadeiras de 'balanço na varanda da frente. Eu sempre as acompanhava, quase que me escondendo por detrás da cadeira de vovó. Era normalmente aquele momento maravilhoso em que o crepúsculo se transforma em noite, os vaga-lumes começam a piscar, sente-se mais forte a fragrância das madressilvas.

E todas as noites, ao que consigo recordar-me, a menos que ouvisse alguma notícia local, elas falavam sobre as mesmas coisas. Só mais tarde é que eu viria a saber que era a longa e acumulada história da família, transmitida de geração para geração.

Era essa conversa que gerava os únicos atritos que me lembro de ter visto surgir entre mamãe e vovó. Vovó, às vezes, se punha a falar sobre o assunto, mesmo quando as mulheres mais velhas, suas convidadas do verão, não estavam presentes.

Não demorava muito para que mamãe dissesse rispidamente algo assim:

— Ora, Mamãe, eu gostaria que você parasse com toda essa bobagem ultrapassada do tempo da escravidão. É muito embaraçoso. Ao que vovó reagia prontamente:

— Se você não se importa quem é e de onde veio, eu me importo!

E as duas podiam passar um dia inteiro sem se falarem, às vezes mais.

Seja como for, fiquei com a impressão inicial de que aquela conversa entre vovó e as outras mulheres de cabelos brancos, o que quer que fosse, era algo que remontava a um passado distante. Quando uma delas recordava algo da infância, apontava para mim e dizia:

— Eu não era maior do que esse menino!

A noção de que uma pessoa tão velha e encarquilhada pudesse ter sido da minha idade era algo que escapava-me à compreensão. Mas foi isso que me fez pensar que as coisas de que elas falavam eram muito antigas.

Sendo apenas um menino, eu não podia entender boa parte do que elas falavam. Não sabia o que era um “massa” ou uma “missis”, não entendia o que era uma “plantação”, embora julgasse tratar-se de algo parecido com uma fazenda. Mas, aos poucos, de ouvir as histórias todos os verões, comecei a reconhecer nomes frequentemente repetidos e a lembrar de coisas que haviam sido ditas a respeito de tais pessoas. A pessoa mais antiga de quem falavam era um homem a quem davam o nome de “Africano”, que fora trazido para aquele país por um navio e desembarcado num lugar chamado “Naplis”.

Elas contavam também que ele fora comprado por um “Massa John Waller”, que tinha uma plantação num lugar chamado “Condado de Spotsylvania, Virgínia”.

Contavam como o Africano tentara fugir diversas vezes.

Na quarta tentativa, tivera o infortúnio de ser capturado por dois brancos caçadores profissionais de escravos, os quais aparentemente haviam decidido fazer dele um exemplo. Haviam dado ao Africano a opção de ser castrado ou ter o pé cortado.

E, “graças a Jesus ou não estaríamos hoje aqui contando a história, o Africano preferira o pé. Eu não podia entender como homens brancos eram capazes de fazer uma coisa tão terrível.

A vida desse Africano, contavam as mulheres, fora salva pelo irmão do Massa John, um Dr. William Waller.

Ele ficara tão furioso com a mutilação desnecessária que comprara o Africano para trabalharem sua própria plantação. Embora o Africano estivesse aleijado, podia sempre trabalhar em alguma coisa e fora cuidar do jardim e da horta. Fora por isso que o Africano fora mantido na mesma plantação por tanto tempo, numa época em que os escravos, especialmente os homens, eram vendidos com tanta frequência que a maioria das crianças escravas não tinha a menor ideia de quem eram seus pais.

Vovó e as outras diziam que os africanos que desembarcavam dos navios negreiros recebiam nomes novos, dados por seus massas. No caso particular do Africano, fora-lhe dado nome de “Toby”. Mas elas diziam que, sempre que algum outro escravo chamava-o assim, ele reagia imediatamente, declarando que seu nome era “Kinty”.

Capengando de um lado para outro, cuidando do jardim e da horta, depois tornando-se o cocheiro do massa, “Toby”

— ou “Kintay” — terminara conhecendo e casando-se com uma escrava, a qual vovó e as outras mulheres chamavam de “Bell, a cozinheira da casa grande”. Haviam tido uma filha, a quem deram o nome de “Kizzy”. Quando ela tinha quatro para cinco anos, o pai Africano começara a levá-la a passear, sempre que tinha uma oportunidade.

Apontava-lhe diversas coisas e repetia os nomes em sua língua nativa. Ele apontava, por exemplo, para uma guitarra e dizia algo que se parecia com “ko”. Ou então apontava para o rio que corria perto da plantação, o Rio Mattaponi, e dizia algo que soava como “Kamby Bolongo”. E falava ainda muitas e muitas outras coisas.

A medida que Kizzy foi crescendo, o pai Africano havia aprendido inglês um pouco melhor, passando a contar-lhe histórias a respeito de si mesmo, de sua gente, de sua terra... e como fora roubado de lá. Ele dissera que estava na floresta, não muito longe de sua aldeia, cortando madeira para fazer um tambor, quando fora surpreendido por quatro homens, subjogado e levado para a escravidão.

Quando Kizzy tinha 16 anos, contaram vovó Palmer e as outras mulheres da família Murray, fora vendida para um novo massa, Tom Lea, que possuía uma pequena plantação na Carolina do Norte. E fora nessa plantação que Kizzy tivera um filho, cujo pai era Tom Lea, que dera ao menino o nome de George.

Quando George tinha quatro ou cinco anos, a mãe começara a contar-lhes as histórias e as palavras que ouvira do Africano, até que ele as conhecesse profundamente. Quando George tinha 12 anos, fora entregue a um certo Tio Mingo, contavam as mulheres na varanda. Era esse Tio Mingo quem cuidava dos galos de briga do massa, e George tornara-se o ajudante dele. Ainda adolescente, George conquistara tamanha reputação entre os aficionados de brigas de galo que ganhara o apelido que levava para o túmulo: “Chicken George”.

Quando tinha 18 anos, George conhecera e casara-se com uma moça escrava chamada Matilda, que acabara lhe dando oito filhos.

A cada criança que nascia, diziam vovó e as outras, Chicken George reunia a família em sua cabana de escravo, contando novamente a história de seu avô Africano chamado “Kintay”, que chamava uma guitarra de “ko”, um rio na Virgínia de “Kamby Bolongo” e outros nomes estranhos, que dissera estar cortando madeira para fazer um tambor quando fora capturado e reduzido à escravidão.

As oito crianças cresceram, casaram-se, tiveram seus próprios filhos. O quarto filho, Tom, era um ferreiro quando fora vendido com o resto da família para um “Massa Murray”, que possuía uma plantação de tabaco no Condado de Alamance, Carolina do Norte. Lá, Tom conhecera e casara-se com uma moça escrava que era meio índia, chamada Irene, que

vinha de uma plantação de um certo “Massa Holt”, que tinha também uma fábrica de algodão. Irene tivera também oito filhos. A cada criança que nascia, Tom mantinha a tradição do pai, Chicken George, reunindo a família e contando a história do Africano e de seus descendentes.

Desse segundo grupo de oito filhos, a caçula era uma menina chamada Cynthia. Ela tinha apenas dois anos, quando o pai, Tom, e o avô, Chicken George, haviam liderado uma caravana de carroções de escravos recentemente libertados a caminho do Oeste, até

Henning, Tennessee. E fora lá que, aos 22 anos de idade, Cynthia conhecera e se casara com Will Palmer.

Quando eu estava profundamente imerso a escutar as histórias dessas pessoas misteriosas que tinham vivido há muito tempo e em lugares distantes, a longa narrativa finalmente chegava a Cynthia... e eu me empertigava, espantado, olhando para vovó! E olhava também, aturdido, para Tia Viney, Tia Matilda, Tia Liz, que eram irmãs mais velhas de vovó e tinham viajado também no tal carroção.

Continuei com vovó em Henning até depois que dois irmãos nasceram, George em 1925 e Julius em 1929. Papai vendeu a serraria para vovó e tornou-se professor de Agricultura. Vivíamos onde quer que ele ensinasse. O período mais longo foi no A&M College, em Normal, Alabama. Certa manhã, quando eu estava na escola, recebi um recado para ir correndo para casa. Ao chegar, ouvi os soluços desesperados de Papai.

Mamãe, que volta e meia estava doente desde que partíramos de Henning, estava estendida na cama, morta. Corria o ano de 1931.

Ela tinha 36 anos.

Todos os verões, George, Julius e eu íamos para Henning, ficar com vovó. Era evidente que algo nela desaparecera, depois que vovó e mamãe tinham morrido. As pessoas que passavam pela rua sempre a cumprimentavam.

— Irmã Cynthia, como é que tem passado?

— Apenas passando...

Dois anos depois, papai casou-se novamente, com uma colega professora, Zeona Hatcher, de Columbus, Ohio, onde ela conseguira fazer o mestrado, na Universidade Estadual de Ohio. Ela se encarregou de cuidar e criar três meninos que cresciam depressa e ainda nos deu uma irmã, Lois.

Eu tinha acabado o segundo grau e me alistado na Guarda Costeira dos Estados Unidos, aos 17 anos, quando a segunda Grande Guerra começou. No meu navio de transporte de munição, cruzando o Pacífico Sudoeste, encontrei a longa estrada que me levou a escrever NEGRAS RAÍZES.

Às vezes, ficando no mar até durante três meses, a luta incessante que a tripulação enfrentava não era contra os bombardeiros ou submarinos inimigos, mas contra o tédio.

Por insistência de papai, eu tinha aprendido datilografia na escola secundária. Meu bem mais precioso a bordo era uma máquina de escrever portátil. Eu escrevia cartas para todas as pessoas de que podia lembrar-me. Li também todos os livros da pequena biblioteca do navio e os que me foram emprestados por colegas.

Desde criança que eu sempre gostara de ler, especialmente as histórias de aventuras.

Depois de ler tudo o que havia a bordo pelo menos três vezes, creio que por pura frustração decidi escrever algumas histórias. A ideia de que alguém podia meter um papel em branco no rolo de uma máquina de escrever e depois bater nas teclas e escrever coisas que outros leriam com prazer atraía-me profundamente, deixava-me exultante, era um verdadeiro desafio... e ainda é até hoje.

Não sei o que me motivou a continuar a insistir em escrever, todas as noites, sete noites por semana, despachando meus esforços para revistas e recebendo um não atrás do outro. E isso se prolongou durante oito anos, até que minha primeira história foi comprada.

Depois da guerra, com um outro editor aceitando de vez em quando uma história minha, a Guarda Costeira dos Estados Unidos criou para mim um cargo que nunca antes existira: o de “jornalista”. Escrevendo todas as horas de que dispunha, fui publicando mais e mais histórias.

Finalmente, em 1959, aos 37 anos de idade, completei 20 anos de serviço, podendo assim aposentar-me. Foi o que fiz, decidido a iniciar uma nova carreira, a de escritor em tempo integral.

A princípio, vendi alguns artigos para revistas masculinas de aventuras, especialmente dramas marítimos históricos, porque adoro o mar. Depois, Reader's Digest começou a incumbir-me de escrever pequenas biografias de pessoas que haviam tido experiências dramáticas ou levado vidas emocionantes.

Em 1962, gravei por acaso uma conversa com o famoso pistonista Miles Davis, que se tornou a primeira das “Entrevistas Playboy”. Entre as entrevistas subsequentes, teve muita repercussão a que fiz com o arauto da Nação do Islã, Malcolm X. Um editor, lendo a entrevista, pediu um livro sobre a vida dele.

Malcolm X convidou-me a trabalhar com ele, como seu colaborador. Aceitei. Passei o ano seguinte a entrevistá-lo intensamente e dediquei o outro a escrever a Autobiografia de Malcolm X, a qual, como eu havia previsto, ele não viveu para ler, sendo assassinado cerca de duas semanas depois de o original ser concluído.

Não demorou muito para que uma revista me enviasse para uma reportagem em Londres.

Nos dias seguintes, entre as diversas entrevistas, eu aproveitava as horas vagas para incorporar-me a todo roteiro turístico histórico, algo que sempre me fascinara. Um dia, no Museu Britânico, descobri-me a contemplar uma coisa de que já ouvira falar vagamente: a Pedra da Roseta. Não sei por que, senti-me fascinado.

Peguei um livro na biblioteca do museu para descobrir mais alguma coisa a respeito.

A Pedra da Roseta foi encontrada no delta do Nilo.

Havia três textos separados gravados nela: um em caracteres gregos conhecidos; um segundo em caracteres desconhecidos aquela ocasião; e o terceiro em hieróglifos antigos, que se presumira que ninguém jamais conseguiria decifrar.

Mas um estudioso francês, Jean Champollion, conseguira decifrar tudo, tanto o texto em caracteres desconhecidos como aquele escrito em hieróglifos e o outro em grego. Apresentara a tese de que os três textos diziam a mesma coisa. Ele conseguira assim decifrar o mistério dos hieróglifos, nos quais fora escrita uma boa parte da história antiga da humanidade.

A chave que destrancara essa porta para o passado me fascinava. Eu tinha a sensação de que possuía um significado pessoal para mim, mas não conseguia atinar qual era. Eu estava no avião, voltando para os Estados Unidos, quando uma ideia ocorreu-me subitamente.

Usando o que fora gravado numa pedra, o estudioso francês decifrara uma língua desconhecida, comparando-a com outra que era conhecida.

Eu tinha uma analogia, meio tosca: nas histórias que vovó, Tia Liz, Tia Plus, Prima Geórgia e as outras contavam, durante a minha infância em Hennmg, havia sempre palavras estranhas e sons que passavam por africanos. Recordei-me de tudo. Ele dissera que

se chamava “Kin-tay”. “Ko” era a maneira como chamava uma guitarra. Chamara um rio na Virgínia de “Kamby Bolongo”. Eram sons ásperos, em que o k sempre predominava. Tais sons provavelmente haviam sido alterados à medida que eram transmitidos de geração para geração, mas certamente representavam exemplos fonéticos de qualquer que fosse a língua do meu ancestral africano, que era uma lenda da família. O avião já estava sobrevoando Nova York enquanto eu ainda pensava no assunto. Que língua específica seria? Será que haveria uma possibilidade qualquer de eu descobrir?



Agora, quase 30 anos depois, a única sobrevivente daquelas mulheres que contavam a história da família, em Henning, durante a minha infância, era a mais jovem de todas, Prima Geórgia Anderson. Vovó já morrera, assim como todas as outras.

Já com oitenta e tantos anos, Prima Geórgia morava com o filho e a filha, Floyd Anderson e Bea Neely, na Everett Avenue, 1200, Kansas City. Eu não a via desde alguns anos atrás, quando fizera frequentes visitas a Kansas, para dar a minha colaboração a meu irmão que se tornara político, George.

Depois de sair da Força Aérea do Exército dos Estados Unidos e terminar o curso de Direito na Universidade de Arkansas, George se lançara como candidato a senador estadual no Kansas. Na festa da vitória, nós rimos alegremente ao saber que um dos fatores de sua eleição fora... a Prima Geórgia.

Tendo ouvido o filho dela, Floyd, que era o diretor da campanha de George, falar várias vezes sobre a comprovada integridade do meu irmão, a nossa querida Prima Geórgia saía a bater de porta em porta com sua bengala, mostrando uma fotografia do sobrinho-neto candidato e declarando:

— Esse menino tem mais integridade do que qualquer um pode ter! E agora eu estava novamente voando para Kansas City, a fim de falar com Prima Geórgia.

Acho que jamais esquecerei a reação imediata dela quando abordei o assunto da história da família.

Encarquilhada e doente, ela empertigou-se subitamente na cama, o seu entusiasmo como eu recordava da minha infância:

— É isso mesmo, menino!

Aquele Africano disse que o nome dele era “Kin-tay”! Ele disse que uma guitarra é “ko”, um rio é “Kamby Bolongo” e estava pegando madeira na floresta para fazer um tambor quando agarraram ele!

Prima Geórgia ficou tão emocionada com a história da família que Floyd, Bea e eu tivemos a maior dificuldade em acalmá-la. Expliquei a ela que desejava ver se havia algum meio de descobrir de onde aquele “Kin-tay” realmente viera... o que poderia revelar a nossa tribo ancestral.

— Faça isso mesmo, menino! — exclamou Prima Geórgia. — Sua vovó e todos eles... estão lá em cima olhando para você!

A ideia fez-me sentir algo como... Santo Deus!



Pouco depois, fui até os Arquivos Nacionais, em Washington. Disse a um funcionário que estava interessado nos registros censitários do Condado de Alamance, Carolina do Norte, logo após a Guerra Civil.

Rolos e mais rolos de microfimes me foram entregues. Comecei a passá-los pela máquina, uma sucessão interminável de nomes, nas caligrafias diferentes e típicas do século passado. E muito depois, quando já começava a me cansar, descobri-me subitamente a olhar, atônito, para um nome: “Tom Murray, preto, ferreiro...” E logo depois: “Irene Murray, preta, doméstica...” Em seguida vinham os nomes das irmãs mais velhas de vovó, que eu tantas vezes ouvira conversando em Hening.

“Elizabeth, 6 anos...” Mas era a minha Tia-avó Liz! Por ocasião daquele censo, minha avó ainda nem nascera!

Devo dizer que meu espanto não era decorrência de eu não acreditar nas histórias de minha avó. Mas é que me parecia fantástica estar de repente olhando para todos aqueles nomes em registros oficiais do Governo dos Estados Unidos!

Como eu vivia em Nova York, voltei a Washington quantas vezes me foi possível, rebuscando os Arquivos Nacionais, a Biblioteca do Congresso, a Biblioteca das Filhas da Revolução Americana. Onde quer que eu fosse, sempre que bibliotecários pretos percebiam a natureza de minha pesquisa, os documentos solicitados eram encaminhados com uma rapidez milagrosa. Através de uma fonte ou outra, ao longo de 1966, consegui documentar pelo menos os pontos essenciais da história da família. Pensava então que daria tudo para contar as minhas descobertas a vovó, mas Togo me recordava das palavras de Prima Geórgia, de que todos eles estavam “lá em cima”, observando-me.

O problema agora era descobrir como e onde eu poderia encontrar a pista daqueles estranhos sons. que a família sempre dissera que o nosso Africano falara.

Pareceu-me óbvio que eu tinha de procurar entrar em contato com a maior quantidade possível de africanos, já que eram muitas as línguas tribais faladas na África. Como vivia em Nova York, comecei a fazer o que parecia lógico. Todos os fins de tarde, eu ia até o prédio da ONU, na hora em que todos estavam indo embora. Não era difícil localizar os africanos. A todos que consegui convencer a parar, repeti os sons e indaguei se sabiam o que era. Duas semanas depois, creio que eu já havia parado umas duas dúzias de africanos, que me fitavam atentamente, ouviam por um instante e depois se afastavam, sacudindo a cabeça. Não posso realmente culpá-los. Afinal, eu estava querendo que entendessem sons africanos pronunciados com o mais puro sotaque do Tennessee!

Cada vez mais frustrado, tive uma longa conversa com George Sims, com quem eu crescera em Henning e que era um especialista em pesquisa. Alguns dias depois, George entregou-me uma lista de uma dúzia de pessoas famosas por seus conhecimentos de linguística africana. Estudei os créditos de cada um e senti-me imediatamente atraído por um belga, Dr. Jan Vansina.

Depois de estudar na Escola de Estudos Africanos e Orientais da Universidade de Londres, ele fizera suas primeiras pesquisas em aldeias africanas e escreveu um livro intitulado *La Tradition Orale*. Telefonei para o Dr. Vansina, na Universidade de Wisconsin, onde ele estava então ensinando. Marcamos um encontro. Foi numa manhã de quarta-feira que peguei um avião para Madison, Wisconsin, levado por minha intensa curiosidade em relação a alguns estranhos sons fonéticos... e sem ter a menor ideia do que estava para começar a acontecer...

Naquela noite, na sala de estar de Vansina, repeti-lhe todas as sílabas de que podia recordar-me das conversas da família, ouvidas durante a infância e recentemente reavivadas pela Prima Geórgia. O Dr. Vansina escutou atentamente e depois começou a fazer perguntas.

Sendo um estudioso da história oral, estava particularmente interessado na transmissão física da narrativa de uma geração para outra.

Ficamos conversando até tão tarde que ele me convidou a passar a noite em sua casa.

Na manhã seguinte, com uma expressão solene, o Dr. Vansina disse-me:

— Eu queria dormir com o problema na cabeça. As ramificações dos sons fonéticos preservados através de gerações de sua família podem ser imensas.

Ele informou-me que havia conversado pelo telefone com um colega africanista, Dr.

Philip Curtin. Ambos tinham certeza de que os sons que eu comunicara eram da língua mandinga. Eu nunca antes ouvira falar em tal palavra e ele esclareceu que era a língua dos mandingas.

Procurou em seguida traduzir alguns dos sons. Um deles significava gado ou vaca, outro provavelmente referia-se ao baobá, uma árvore muito comum na África Ocidental. A palavra *ko* podia ser *kora*, um antigo instrumento de cordas dos mandingas, feito com uma cabaça cortada ao meio, uma pele de cabra esticada por cima e 21 cordas. Um mandinga escravizado poderia relacionar o *kora*, visualmente, com alguns dos instrumentos de cordas dos escravos dos Estados Unidos.

O som que mais me fascinava era *Kamby Bolongo*, que meu ancestral dissera à filha *Kizzy*, apontando para o Rio Mattaponi, na Virgínia. O Dr.

Vansina declarou não haver a menor dúvida de que *bolongo* significava, em mandinga, uma água que corre, um rio.

Precedido por “*Kamby*”, poderia indicar o Rio Gâmbia.

Eu nunca antes ouvira falar nele.

Ocorreu pouco depois um incidente que iria aumentar minha sensação — especialmente depois que outras coisas misteriosas também aconteceram — de que eles estavam realmente lá em cima me observando...

Fui convidado a falar num seminário realizado no *Utica College*, em *Utica*, Nova York. Caminhando por um corredor, ao lado do professor que me convidara, disse-lhe que acabara de ir a Washington e contei-lhe o motivo.

— Gâmbia? Se não estou enganado, alguém me falou recentemente que um destacado estudante desse país está no momento estudando em Hamilton.

Hamilton College, uma instituição antiga, ficava apenas a meia hora de distância de carro, em Clinton, Nova York. Antes de eu sequer terminar de explicar-me, o Professor Charles Todd Disse:

— Você está falando de *Ebou Manga*.

Consultando rapidamente uma relação, ele acrescentou que eu poderia encontrar *Ebou Manga* na aula de economia agrícola. *Ebou Manga* era pequeno, olhos cautelosos,

reservado, preto como fuligem. Ele confirmou que meus sons eram mandingas, mostrando-se visivelmente surpreso por vê-los pronunciados por mim. O mandinga era a língua nativa dele?

— Não, embora eu a conheça bastante.

Ele era um wolof. Contei-lhe a história de minha busca.

Partimos para Gâmbia ao final da semana seguinte.

Chegamos a Dakar, Senegal, na manhã seguinte e pegamos um avião menor para o pequeno Aeroporto Yundun, em Gâmbia. Seguimos imediatamente para a capital, Banjul (então Bathurst). Ebou e o pai dele, Alhaji Manga, reuniram um pequeno grupo de homens versados na história do país para conversar comigo.

Encontramo-nos no saguão do Hotel Atlantic. Como eu já contara antes ao Dr. Vansina, em Wisconsin, contei para aqueles homens a narrativa da família, que me chegara através de gerações.

Disse-lhes que fizera uma progressão inversa, começando por minha avó, passando para Tom, Chicken George e depois Kizzy, que dissera como o pai africano dela insistira em dizer aos outros escravos que seu nome era “Kin-tay”. O Africano fizera questão de repetir os sons para a filha e lhe contara diversas histórias, inclusive a de que fora capturado quando fora cortar madeira para fazer um tambor.

Quando terminei, eles disseram, ligeiramente divertidos:

— Mas é claro que “Kamby Bolongo” quer dizer “Rio Gâmbia”. Qualquer pessoa sabe disso.

Eu disse a eles, furioso, que não, que havia muitas pessoas que não tinham a menor ideia! Eles demonstraram um interesse maior pela insistência do meu ancestral africano em dizer que se chamava “Kin-tay”.

— As aldeias mais antigas do país tendem a receber os nomes das famílias que as construíram, séculos atrás.

Mandaram buscar um mapa e me mostraram:

— Aqui está. E a aldeia de Kinte-Kundah. E não muito longe fica a aldeia de Kinte-Kundah Janneh-Ya.

Eles me contaram então algo que eu nunca antes imaginara. Existiam homens já muito velhos, chamados griots, ainda encontrados nas aldeias mais atrasadas, verdadeiros arquivos vivos e ambulantes de história oral.

Um griot mais antigo era um homem em torno dos 70 anos.

Abaixo dele, havia griots cada vez mais jovens, até meninos aprendizes, que passavam 40 ou 50 anos ouvindo aquela narrativa, antes de se tornarem griots veteranos também. Só em ocasiões especiais é que um griot veterano contava as histórias de aldeias, clãs, famílias ou grandes heróis.

Por toda a África, essas crônicas orais vinham desde os tempos dos mais remotos antepassados. Havia alguns griots lendários que poderiam narrar aspectos da história africana durante três dias seguidos, sem repetir coisa alguma.

Vendo o meu espanto, os gambianos recordaram-me de que todas as pessoas vivas descendem de um tempo e um lugar onde não existia escrita, quando as memórias humanas, as bocas e os ouvidos eram os únicos pelos quais os homens podiam guardar e transmitir informações. Eles disseram também que nós, que vivemos na cultura ocidental, estamos tão condicionados à

“muleta da palavra escrita” que pouco nos apercebemos do que é capaz uma memória bem treinada.

Como meu antepassado dissera que era “Kin-tay”, que corretamente se escrevia “Kinte”, um clã muito antigo e conhecido em Gâmbia, prometeram-me fazer o que fosse possível para encontrar um griot capaz de ajudar-me.

De volta aos Estados Unidos, comecei a devorar livros e mais livros sobre a história africana. Não demorou muito para que fosse uma verdadeira obsessão o meu esforço para corrigir a ignorância em relação ao segundo maior continente da terra. É-me vergonhoso até hoje confessar que, naquela ocasião, meus conhecimentos da África limitavam-se ao que deduzia dos filmes de Tarzan e de folhear de vez em quando reportagens do National Geographic. E depois de ler durante o dia inteiro, de noite eu me sentava na beira da cama estudando um mapa da África, decorando as posições dos diversos países e dos grandes rios em que os navios negreiros operavam.

Algumas semanas depois, recebi uma carta registrada de Gâmbia. Sugeriu que eu deveria voltar, assim que fosse possível. Mas, àquela altura, eu estava sem dinheiro, especialmente porque quase não dedicava mais o meu tempo a escrever.

Certa ocasião, numa festa na Reader’s Digest, a co-fundadora, Sra. Dewit Wallace, dissera-me que gostara muito de um “Tipo Inesquecível” que eu escrevera, sobre um velho cozinheiro da Guarda Costeira que fora meu chefe.

Antes de se afastar, a Sra. Wallace dissera-me que a procurasse, se algum dia eu precisasse de ajuda. Escrevi-lhe uma carta, relatando, um tanto constrangido, a pesquisa em que estava empenhado, quase que compulsivamente. Ela pediu a alguns editores que me procurassem e sentissem a situação. Convidaram-me para almoçar e falei sozinho, durante quase três horas, sem parar. Pouco depois, uma carta avisou-me de que a Reader’s Digest iria enviar-me um cheque de 300 dólares todos os meses, durante um ano. Além disso — e era realmente do que eu mais precisava — receberia o suficiente para pagar as despesas das viagens necessárias.

Tornei a visitar Prima Geórgia, em Kansas City, impelido por um impulso inexplicável. Ela estava bastante doente, mas ficou encantada ao tomar conhecimento do que eu já descobrira e do que ainda esperava descobrir. Ela me desejou felicidades e parti para a África.

Os mesmos homens a quem eu me encontrara anteriormente informaram-me que haviam descoberto um griot que tinha um conhecimento profundo do clã Kinte. O nome dele era Kebba Kanji Fofana. Eu estava prestes a ter um ataque.

— E onde é que ele está?

Os homens me fitaram de maneira estranha.

— Na aldeia dele.

Descobri que, se se tentava ver esse griot, teria de fazer algo com que nunca sonhara antes: organizar o que parecia ser, pelo menos para mim na ocasião, um minissafári!

Levei três dias para negociar, através de intermináveis barganhas com os africanos, a que eu não estava acostumado, o aluguel de uma lancha para subir o rio, o aluguel de um caminhão e um Land-Rover para levar suprimentos por terra, e a contratação de 14 pessoas, inclusive três intérpretes e quatro músicos, pois garantiram-me que os velhos griots não contavam coisa alguma se não houvesse música ao fundo.

Na lancha Baddibu, subindo o largo “Kamby Bolongo”, senti-me > contrafeito, um estranho naquele lugar.

Finalmente, surgiu a nossa frente a Ilha James, onde há dois séculos existia um forte, por cuja posse a Inglaterra e a França haviam travado sangrentos combates, porque propiciava o controle do tráfico de escravos. Pedi para pararmos ali e caminhei por entre as

ruínas, ainda guardadas por um canhão-fantasma. Tive a sensação de que iria retornar pelo tempo a esse período da história africana. Procurei, em vão, por algum símbolo remanescente de uma corrente antiga. Terminei levando apenas um pedaço de tijolo. Antes de voltar para a lancha, fiquei alguns minutos a contemplar o rio, cujo nome meu ancestral dissera à filha, do outro lado do Oceano Atlântico, no Condado de Spotsylvania, Virgínia.

Seguimos viagem e chegamos a uma pequena aldeia chamada Albreda.

Desembarcamos ali.

Teríamos que alcançar a pé o nosso destino, a pequena aldeia de Juffure, onde vivia o gríot.

Há uma expressão que fala em “o pique da experiência”.

É aquele momento de nossas vidas em que nada mais poderá superar as emoções que então sentimos. Passei por isso naquele primeiro dia no interior de um pequeno país da África Ocidental.

Assim que avistamos Juffure, as crianças a brincar também nos avistaram e deram o aviso. Todos os habitantes saíram de suas cabanas. É uma aldeia que não deve ter mais do que 70 habitantes. Como a maioria das aldeias pretas do interior, ainda é muito parecida com o que era 200 anos atrás, as cabanas de lama e os tetos cônicos de colmo. Entre as pessoas que vieram a nosso encontro havia um homem pequeno, de túnica branca, com um estranho chapéu na cabeça. Dava a impressão de “ser alguém” e não demoramos a descobrir que era o homem que eu tinha vindo procurar.

Enquanto três dos intérpretes deixavam o grupo para ir falar com o gríot, os setenta e tantos moradores de Juffure me cercaram, formando um semicírculo, mas sem encostarem em mim.

Estavam simplesmente me examinando, os rostos franzidos, concentrados.

Fiquei desconcertado, comecei a sentir algo se revirar dentro de mim. Mas que diabo estaria acontecendo? Foi então que compreendi tudo, abruptamente. Muitas vezes em minha vida já estivera no meio de multidões, mas nunca numa multidão onde todos eram pretos como carvão.

Abalado emocionalmente, abaixei os olhos, como costumamos fazer quando estamos indecisos, inseguros.

E vi a pele marrom das minhas próprias mãos. Desta vez a emoção atingiu-me mais depressa e com mais força do que antes. Eu me sentia uma espécie de híbrido... Era como se eu fosse impuro entre os puros.

O sentimento de vergonha era terrível. Nesse momento, o ancião afastou-se dos intérpretes. A multidão também me deixou, para ir cercar o ancião.

Um dos intérpretes aproximou-se rapidamente de mim e sussurrou-me:

— Eles ficaram olhando assim para você porque nunca viram antes um negro americano.

Quando apreendi o significado, acho que fiquei ainda mais chocado. Eles não me contemplavam como um indivíduo, mas porque eu representava, aos olhos deles, um símbolo dos 25 milhões de pretos a quem jamais veriam, pois viviam além de um vasto oceano.

As pessoas estavam reunidas em torno do ancião, falando animadamente em mandinga e de vez em quando olhando para mim. Depois de algum tempo, o ancião abriu caminho pela pequena multidão, passou pelos intérpretes e veio postar-se diante de mim. Os olhos dele se cravaram nos meus, parecendo dizer que eu deveria saber mandinga, para

poder compreender que eles haviam decidido que sentiam muita preocupação em relação aos milhões que viviam nos lugares para onde tinham sido levados pelos navios negreiros. A tradução foi rápida:

— Nossos antepassados disseram que muitos de nós estão no exílio no lugar chamado América... e em outros lugares.

O ancião sentou-se a minha frente e os outros foram sentando-se atrás dele. Ele começou então a relatar-me a história do clã Kinte, transmitida oralmente através dos séculos, desde o tempo dos antepassados. Não era uma conversa, mais como se um pergaminho estivesse sendo lido. Para os aldeões, imóveis, silenciosos, era visivelmente uma ocasião solene. O griot falava inclinando o tronco para a frente, as cordas vocais se sobressaindo no pescoço, as palavras parecendo quase objetos físicos. Depois de uma ou duas frases, ele parecia ficar inerte, inclinava-se para trás e ficava esperando a tradução do intérprete. Saindo da cabeça do griot, ouvi uma coo complexa história do clã Kinte, quem tinha casado com quem, quem tivera que filhos, que filhos tinham casado com quem, qual a prole de cada um. Eu estava atordoado com a profusão de detalhes e também com a narrativa em estilo bíblico, algo assim na base de “fulano tomou a beltrana como esposa e gerou... que gerou... que gerou...” Para situar as coisas no tempo, o griot relacionava-as com acontecimentos — “no ano da grande água”, certamente uma inundação, “ele abateu um búfalo da água”.

Simplificando a saga enciclopédica que ouvi, o griot falou que o clã Kinte começara no país chamado Velho Mália. Nesse tempo, os homens Kinte tradicionalmente eram ferreiros, “que tinham conquistado o fogo”, e as mulheres faziam potes e teciam. Um ramo do clã fora para o país chamado Maurîtânia. E fora da Maurîtânia que um filho do clã, cujo nome era Kairaba Kunta Kinte, um marabu ou homem santo da fé muçulmana, viajara por toda a primeira até uma aldeia chamada Pakali N’Ding, ficara ali algum tempo, depois seguira para a aldeia de Jiffarong, e finalmente para Juffure.

Ali, Kairaba Kunta Kinte tomou sua primeira esposa, uma donzela mandinga chamada Sireng. E com ela teve dois filhos, Janneh e Saloum. Depois tomou uma segunda esposa, Yaisa, com quem teve um filho chamado Omoro.

Os três meninos cresceram juntos em Juffure. Os dois mais velhos, Janneh e Saloum, saíram depois para conhecer o mundo e acabaram fundando uma aldeia chamada Kinte-Kundah Janneh-Ya. O filho mais moço, Omoro, continuara na aldeia de Juffure. Quando tinha 30 chuvas, tomara sua primeira esposa, uma donzela mandinga chamada Binta Kebba. E de Binta Kebba, aproximadamente entre os anos de 1750 e 1760, Omoro Kinte teve quatro filhos, cujos nomes eram, por ordem de nascimento, Kunta, Lamin, Suwadu e Madi.

O velho griot já estava falando há quase duas horas.

Por dezenas de vezes a narrativa incluía detalhes sobre alguém cujo nome acabara de enunciar. Naquele momento, depois de indicar os quatro filhos, ele novamente acrescentou um detalhe e o intérprete traduziu:

— Na ocasião em que os soldados do Rei vieram, o mais velho desses quatro filhos, Kunta, saiu da aldeia para cortar madeira... e nunca mais foi visto... — E o griot prosseguiu na narrativa.

Fiquei imóvel, como se fosse feito de pedra. Meu sangue parecia ter congelado.

Aquele homem, que passara toda a sua vida numa aldeia do interior africano, não tinha condições de saber que acabara de repetir o que eu ouvira ao longo de todos os anos da minha infância, na varanda da casa de minha avó, em Henning, Tennessee... a história de um africano que insistia que seu nome era “Kin tay” que chamava uma guitarra de Ko e

um rio no Estado da Virgínia de “Kamby Bolongo”, um africano que fora sequestrado para ser escravo, ao ir cortar madeira para fazer um tambor.

Consegui tirar da mochila meu caderninho de anotações e mostrei ao intérprete. Nas primeiras páginas, estava escrita a história que minha avó contava. O intérprete leu devagar e ficou visivelmente atônito. Falou rapidamente, mostrando o caderninho ao griot, que ficou profundamente nervoso. O velho se levantou, gesticulando para o caderninho na mão do intérprete e falando sem parar. Todos ficaram também muito agitados.

Não me lembro de ninguém ter dado uma ordem. Mas o fato é que, de repente, aquelas setenta e tantas pessoas formaram um amplo círculo humano a meu redor e começaram a se deslocar, cantando baixo, depois alto, novamente baixo. E os corpos muito juntos de repente começaram a pular, levantando nuvens de poeira vermelha...

A mulher que se adiantou do círculo em movimento tinha um filho pendurado nas costas, como uma dúzia de outras. O rosto preto como carvão contorcido, os pés descalços batendo na terra, a mulher tirou o bebê das costas e estendeu-o na minha direção. O gesto era o de que mandava-me pegar. E peguei.

Um momento depois, ela tornou a segurar o bebê. E outra e mais outra e mais outra mulher repetiram a manobra, até que eu já tinha abraçado pelo menos uma dúzia de bebês. Só um ano depois é que vim a saber o que aquilo tudo representara.

Foi o Dr. Jerome Bruner, professor da Universidade de Harvard e estudioso de tais assuntos, quem me explicou:

— Você estava participando de uma das cerimônias mais antigas da humanidade, a imposição das mãos. A sua maneira, elas lhe estavam dizendo: “Através desta carne, que é nós, nós somos você, você é nós.”

Mais tarde, os homens de Juffure levaram-me a sua mesquita, construída de bambu e colmo e rezaram a meu redor em árabe.

Recordo-me de ter pensado, ajoelhado ali:

“Depois que descobri de onde vim, não consigo entender uma só palavra do que eles estão dizendo!”

Mais tarde, o ponto básico da prece deles foi-me repetido:

— Louvado seja Alá por ter feito retornar alguém que se perdera de nós há tanto tempo.

Como viéramos pelo rio, eu queria voltar por terra.

Sentado ao lado do jovem motorista mandinga, que levantava uma nuvem de poeira pela estrada esburacada, a caminho de Banjul, ocorreu-me uma ideia atordoante. Se algum preto americano fosse abençoado o bastante para conhecer algumas pistas de seus ancestrais, poderia descobrir onde e quando os ancestrais tinham sido capturados, até encontrar algum griot capaz de revelar toda a história do clã dele ou de sua aldeia!

Comecei a ver nos olhos da mente, como uma imagem desfocada, tudo o que já lera sobre a maneira como milhões de nossos ancestrais tinham sido escravizados.

Muitos milhares tinham sido sequestrados individualmente, como meu antepassado Kunta. Mas milhões haviam despertado de noite, em meio aos gritos e à confusão das aldeias atacadas, quase sempre em chamas. Os sobreviventes em boas condições físicas capturados eram acorrentados pelo pescoço, em fileiras que tinham às vezes mais de um quilômetro de comprimento.

Vi homens morrendo ou sendo deixados para trás quando estavam fracos demais para continuar a jornada terrível na direção da praia. Os que chegavam até lá, eram esfregados no corpo todo com uma pasta, raspados, às vezes marcados com ferros em brasa.

Imaginei-os a serem açoitados e levados para as canoas e dali para os navios.

Vi-os agarrando-se à terra desesperadamente, engolindo-a, numa última tentativa de manter o contato com a terra africana que fora seu lar. Imaginei-os açoitados, empurrados, espremidos nos porões dos navios negreiros, acorrentados em prateleiras, às vezes tão apertados que tinham de ficar de lado o tempo todo...

Minha mente girava vertiginosamente quando nos aproximamos de outra aldeia bem maior. Olhando para a frente, percebi que a notícia do que acontecera em Juffure já devia ter chegado ali. O motorista diminuiu a velocidade. Os habitantes da nova aldeia estavam parados na estrada à frente, acenando e gritando. Levantei-me no Land-Rover e retribuí aos acenos. Relutantemente, eles começaram a recuar, abrindo caminho para o jipe.

Creio que já tínhamos passado por um terço da aldeia quando compreendi o que eles estavam gritando, tanto os anciões encarquilhados quanto os jovens, as mães, as crianças nuas. As expressões eram radiantes e todos gritavam ao mesmo tempo:

— Mister Kinte! Mister Kinte!

Vou dizer-lhes uma coisa: Sou um homem. Um soluço começou lá pelos tornozelos, foi subindo e me dominou inteiramente. Levei as mãos ao rosto, chorando como não fazia desde que era criança.

— Mister Kinte!

Eu sentia que chorava por todas as atrocidades incríveis cometidas ao longo da história pelo homem contra os seus semelhantes, o maior defeito da humanidade...

Peguei um avião em Dakar para retornar aos Estados Unidos. Durante a viagem, decidi escrever um livro. A história dos meus próprios ancestrais seria também, automaticamente, uma saga simbólica de todos os descendentes de africanos.

Todos eles, sem exceção, são frutos de alguém como Kunta, que nasceu e cresceu em alguma aldeia africana, um dia foi capturado e acorrentado a um navio negreiro, transportado para o outro lado do oceano e vendido para uma sucessão de plantações... mas sempre sonhando em reconquistar a liberdade.

Em Nova York, o serviço telefônico tinha vários recados para mim. Um deles era do Hospital de Kansas City. Nossa Prima Geórgia de 83 anos, morrera. Mais tarde, fazendo o cálculo dos fusos horários, verifiquei que ela tinha morrido no instante mesmo em que eu entrava na aldeia de Juffure. Creio que, como a última das velhas que conversavam sobre a história na varanda em Henning, ela ficara encarregada de garantir a minha ida até a África.

Depois que isso acontecera, ela foi juntar-se às outras, a fim de me observar também lá de cima.

Há uma sucessão de acontecimentos relacionados, desde a minha infância, que se foram juntando e finalmente causaram este livro. Vovó e as outras incutiram-me a história da família desde cedo. Depois, por uma simples questão de circunstâncias, tive que passar longos períodos em alto-mar, servindo na Guarda Costeira dos Estados Unidos, forçando-me a aprender a escrever. E por causa do meu amor pelo mar, minhas primeiras histórias foram aventuras marítimas dramáticas, levando-me a rebuscar velhos arquivos amarelados da Guarda Costeira. Eu não poderia ter feito um preparativo melhor para enfrentar as pesquisas marítimas que este livro iria exigir.

Vovó e as outras disseram muitas vezes que o navio levava o Africano para “algum lugar chamado Naplis”. Eu sabia que elas só podiam estar se referindo a Annapolis, Maryland. Assim, eu tinha de descobrir que navio aportara em Annapolis, procedente do Rio Gâmbia, com sua carga humana em que estava incluído o Africano, que mais tarde insistiria em dizer

que seu nome era “Kunta”, apesar de Massa John Waller ter-lhe dado o nome de “Toby”.

Eu precisava determinar um período para pesquisar o navio. Meses antes, na aldeia de Juffre, o griot dissera que a captura de Kunta Kinte ocorrera por ocasião “do tempo em que os soldados do Rei vieram”.

Fui para Londres. Na metade de uma segunda semana de pesquisas de unidades militares inglesas durante a década de 1760, finalmente encontrei a referência que procurava. Os “soldados do Rei” só podiam ser de uma unidade chamada “as tropas do Coronel O’Hare”, que fora despachada de Londres em 1767 para guarnecer o Forte James, no Rio Gâmbia. O griot não errara!

Fui ao Lloyds de Londres.

No escritório de um executivo, Mr. R.C.E. Landers, expus o que estava tentando descobrir. Ele levantou-se de detrás de sua escrivaninha para me dizer:

— Meu jovem, Lloyds de Londres lhe irá prestar toda a ajuda que for possível.

O que foi uma bênção, pois, através do Lloyds, outras portas se abriram para mim, possibilitando-me o acesso a todos os registros marítimos ingleses.

Não me posso recordar de uma experiência mais extenuante do que as primeiras seis semanas de buscas aparentemente inúteis, para localizar um navio negreiro específico, numa viagem específica, em meio a milhares e milhares de registros. Enquanto examinava o material, minha frustração foi crescendo... assim como a raiva! Só agora eu podia perceber como o tráfico de escravos fora considerado na ocasião, por aqueles que participavam, como um simples negócio como outro qualquer, assim como seria comprar, transportar e vender gado hoje em dia. Muitos registros pareciam jamais terem sido novamente mexidos, depois de ali guardados.

Eu ainda não tinha encontrado um único navio que tivesse ido do Rio Gâmbia até Annapolis, durante as sete primeiras semanas. Uma tarde, por volta das duas e meia, eu estava examinando o 1023 registro de navio negreiro.

Ali estavam registradas as entradas e saídas de cerca de 30 navios do Rio Gâmbia, durante os anos de 1766 e 1767. Descendo pela relação, meus olhos chegaram ao 18º navio. E lá estava!

A 5 de julho de 1767, o ano em que “os soldados do Rei vieram”, um navio chamado Lord Ligonier, cujo Capitão era Thomas E. Davies, partira do Rio Gâmbia com destino a Annapolis...

Não sei por quê, mas minha reação interna foi estranhamente protelada.

Recordo-me de ter anotado a informação, impassivelmente. Devolvi os registros e saí. Havia uma pequena casa de chá na esquina. Entrei, pedi um chá e uma broa inglesa. Sentado ali, tomando o chá, ocorreu-me que era bem possível que aquele navio tivesse levado Kunta Kinte para a América!

Ainda estou devendo o chá e a broa. Por telefone, a Pan American confirmou-me a venda da última passagem que dispunha naquele dia para Nova York. Não havia tempo sequer para ir ao hotel.

Disse ao motorista do táxi:

— Aeroporto Heathrow!

Passei a noite sem dormir, enquanto o avião atravessava o Atlântico. Estava vendo o livro da Biblioteca do Congresso que tinha de examinar novamente. Tinha uma capa marrom-clara, com letras em marromescuro: Navegação no Porto de Annapolis, de Vaughan W. Brown.

Em Nova York, peguei um voo da ponte-aérea da Eastern Airlines para Washington.

Peguei um táxi até a Biblioteca do Congresso, pedi o livro, quase arranquei-o das mãos do rapaz... e lá estava a confirmação! O Lord Ligonier chegara a Annapolis a 29 de setembro de 1767.

Alugando um carro, fui o mais depressa possível para Annapolis. Entrei nos Arquivos de Maryland e pedi à arquivista, Sra. Phebe Jacobsen, exemplares dos jornais locais, por volta da primeira semana de outubro de 1767. Ela apresentou um microfilme da Gazette de Maryland. Estava projetando a metade do número de 1 de outubro quando vi o anúncio:

“ACABADOS DE IMPORTAR. No navio Lord Ligonier, Capitão Davies, do Rio Gâmbia, na África, serão vendidos em Annapolis, por ouro, na próxima quarta-feira, 7 de outubro, ESCRAVOS SAUDÁVEIS E SELECIONADOS. O referido navio vai transportar tabaco para Londres, a seis libras a tonelada.”

O anúncio era assinado por John Ridout e Daniel of St. Thos. Jenifer.

A 29 de setembro de 1967, eu não poderia estar em qualquer outro lugar do mundo que não no cais de Annapolis. E era justamente lá que eu estava, 200 anos depois do Lord Ligonier ter aportado ali. Contemplando o mar, observando aquelas águas que meu ancestral africano atravessara, não pude deixar de chorar.

O documento compilado no Forte James, sobre o movimento de barcos no Rio Gâmbia em 1766 e 1767, informava de que o Lord Ligonier partira com 140 escravos no porão. Quantos teriam sobrevivido à viagem?

Fiz uma segunda visita aos Arquivos Públicos de Maryland e encontrei a carga declarada do navio ao chegar a Annapolis: 3265 “dentes de elefante”, como as presas de marfim eram chamadas naquele tempo; 1.700 quilos de cera de abelha; 400 quilos de algodão cru; 907 gramas de ouro gambiano e 98 negros. A perda de 42 africanos no caminho, um terço do total, era considerada normal.

A esta altura, eu já tinha percebido que vovó, Tia Liz, Tia Plus e Prima Geórgia também tinham sido griots, à maneira delas. Minhas anotações continham a história muito antiga delas de que o nosso Africano fora vendido a “Massa John Waller”, que lhe dera o nome de “Toby”. Durante a quarta tentativa de fuga, quando fora encurralado e ferira com uma pedra um dos dois caçadores de escravos que o haviam encontrado, tendo então o pé cortado ao meio, “o irmão de Massa John, Dr. William Waller”, salvara Kunta Kinte, comprando-o do irmão. Eu esperava encontrar registros que também confirmassem isso.

Fui para Richmond, Virgínia. Examinei os microfilmes de todos os contratos registrados no Condado de Spotsylvania depois de setembro de 1767, quando o Lord Ligonier aportara em Annapolis.

Acabei encontrando o que procurava, um contrato datado de 5 de setembro de 1768, pelo qual John Waller e sua esposa Anne transferiam para William Waller terra e bens, inclusive 240 acres de terra arável... e também um negro escravo chamado “Toby”.

Oh, Deus!

Nos 12 anos que se passaram desde a minha visita à Pedra da Roseta, viajei quase um milhão de quilômetros, procurando, verificando, confirmando as histórias orais dessas pessoas e até mesmo ligando-as, nos dois lados do oceano. Consegui, finalmente, interromper as pesquisas para dedicar-me a escrever este livro. Imaginar a infância e a juventude de Kunta Kinte exigiu-me muito tempo. Como passei a conhecê-lo a fundo, fiquei angustiado com sua captura.

Quando comecei a tentar escrever sobre a travessia do Atlântico no porão do navio negreiro, acabei pegando um avião para a África e descobri entre as companhias de navegação a que me podia providenciar uma passagem no primeiro cargueiro que partisse

de um porto africano diretamente para os Estados Unidos. Todas as noites, depois do jantar, eu descia sucessivas escadas até o porão inferior, escuro e frio.

E ficando apenas de cueca, deitava-me no chão, forçando-me a ficar assim, durante as dez noites da travessia. Procurava imaginar o que Kunta Kinte via, ouvia, sentia, cheirava comia... e, acima de tudo, o que pensava.

É claro que minha travessia foi ridiculamente luxuosa, comparada com a terrível provável de Kunta Kinte e milhões de outros africanos, acorrentados, aterrorizados espojando-se em suas próprias sujeiras durante 80 a 90 dias, ao fim dos quais havia novos horrores físicos e mentais a esperá-los. Seja como for, escrevi sobre a travessia do oceano da perspectiva real de uma carga humana.

Depois” de tudo, entrelacei as nossas sete gerações neste livro que está em suas mãos.

Durante os anos que passei a escrevê-lo, fiz várias conferências sobre como surgira a ideia de NEGRAS

RAÍZES. De vez em quando, alguém ainda pergunta:

— O quanto de NEGRAS

RAÍZES é fato e o quanto é ficção?

Ao que eu sei e no melhor dos meus esforços, cada linha de NEGRAS RAÍZES é a história das minhas famílias africana ou americana, preservadas pela história oral e muitas coisas confirmadas por mim da maneira convencional, através de documentos. Tais documentos e os muitos textos sobre as festividades e costumes das diversas épocas exigiram muitos anos de pacientes pesquisas em cinquenta e tantas bibliotecas, arquivos e outras fontes de informações, em três continentes.

Como eu não estava presente quando a maioria dos fatos ocorreu, os diálogos e incidentes específicos são uma combinação do que eu sei que ocorreu com o que eu julgo plausível ter ocorrido.

Acho agora que não são apenas vovó, Prima Geórgia e as outras que estão “lá de cima olhando”. Todos os outros também estão, Kunta e Bell, Kizzy, Chicken George, Matilda, Tom, Irene, Vovô Will Palmer, Bertha, mamãe... e o mais recente deles, papai...

Ele tinha 83 anos. Quando os filhos, George, Julius, Lois e eu, discutíamos as providências para o funeral, alguém comentou que papai vivera uma vida repleta e rica, na maneira como interpretava a riqueza. Além disso, morrera de repente, sem qualquer sofrimento.

Conhecendo papai, concordamos que ele não haveria de querer que chorássemos. E prometemos que não o faríamos.

Eu estava tão enlevado nas recordações que, quando o agente funerário falou no “falecido,” levei algum tempo para compreender que ele estava-se referindo a papai. Logo depois do primeiro serviço religioso, em Washington, com a capela repleta de amigos da família, meu irmão George disse ao Reverendo Boyd que os filhos desejariam partilhar algumas recordações de papai com os amigos ali presentes.

Depois das cerimônias convencionais, cantamos uma das músicas prediletas de papai. George levantou-se e ficou parado ao lado do caixão aberto. E contou que se recordava nitidamente de que, onde quer que papai ensinasse, nossa casa era sempre partilhada por pelo menos um rapaz. Fora papai quem convencera o pai do rapaz a deixá-lo estudar agricultura. E diante da oposição de que “não tenho dinheiro”, ele sempre resolvia imediatamente o problema:

— Ele irá morar conosco.

Por causa disso, George calculava que havia pelo menos 18 agentes agrícolas

espalhados pelo Sul, além de diretores de escolas secundárias e professores, que se intitulavam orgulhosamente “os meninos do Professor Haley”.

George disse que uma de suas recordações mais nítidas fora a de uma ocasião em que vivíamos no Alabama.

Durante o café da manhã, papai dissera:

— Vocês vão sair hoje comigo, pois quero que conheçam um grande homem.

E papai nos levava em uma viagem de horas até

Tuskegee, Alabama, onde visitáramos o misterioso laboratório do genial cientista preto Dr. George Washington Carver, que nos falara a respeito da necessidade de estudar muito e presenteara cada um com uma flor.

George contou que, em anos recentes, papai se mostrava aborrecido por não realizarmos grandes reuniões familiares anuais, como ele gostaria. E George pediu a todos que se juntassem a nós no sentimento de que estávamos ali fazendo uma reunião para e com papai.

Levantei assim que George sentou. Fui postar-me ao lado do caixão, olhei para papai.

Disse que, como o irmão mais velho, podia lembrar-me de mais coisas a respeito do cavalheiro que ali estava estendido. Por exemplo: minha primeira recordação nítida de amor na infância fora ver a maneira como os olhos de papai e mamãe se encontravam, por cima do piano, enquanto mamãe tocava alguma introdução e papai se preparava para cantar, na igreja. Outra lembrança era a maneira como eu sempre conseguia arrancar um níquel de papai, não importa o quanto as pessoas pudessem dizer que a situação andava difícil.

Bastava pegá-lo sozinho e pedir que me contasse mais uma vez a história de sua unidade em luta na Floresta de Argonne.

— Ah, como nós éramos bravos, filho! — exclamava papai.

Ao me dar o níquel, ele já tinha deixado bem claro que toda vez que o General Blackjack Pershing estava metido numa encrenca, imediatamente enviava um mensageiro para chamar o Sargento Simon A. Haley (Nº 2816106), de Savannah, Tennessee. Os espões alemães sempre sabiam e o próprio Kaiser ficava apavorado.

Mas, eu disse a todos, na minha opinião, depois do encontro de papai com mamãe no Lane College, o acontecimento mais importante na vida dele e na nossa ocorrera por ocasião de sua transferência para o A&T College, Greensboro, Carolina do Norte. Papai já estava prestes a largar os estudos para ser meeiro numa fazenda, dizendo que trabalhando em quatro empregos não tinha mesmo tempo para estudar, quando recebeu o aviso de que fora aceito para ser cabineiro dos vagões Pullmans durante o verão. Numa viagem noturna de Buffalo para Pittsburgh, ele ouvira a campainha tocar, por volta das duas horas da madrugada. Um homem branco insone e a esposa estavam querendo um copo de leite morno. Papai levou o leite e depois me contou o que aconteceu:

— Eu bem que tentei ir embora, mas o homem estava com vontade de conversar.

Ficou surpreso quando soube que eu era estudante e trabalhava para pagar os estudos. Fez-me uma porção de perguntas e depois deu-me uma boa gorjeta ao desembarcar em Pittsburgh.

Papai tinha poupado todos os cents possíveis. Ao voltar para a escola, em setembro de 1916, o diretor mostrou-lhe as cartas do homem que papai conhecera no trem. Era um diretor aposentado da Curtis Publishing Company, R.S.M.

Boyce, que escrevera primeiro para indagar o custo dos estudos de papai durante um ano inteiro e depois enviara o cheque de 503,15 dólares, “para a mensalidade, dormitório,

comida e livros”.

E papai tivera tão boas notas que mais tarde ganhara uma bolsa de estudos da Escola de Agricultura da Universidade de Cornell.

E foi assim, contei a todos os presentes, que nosso pai pudera concluir os estudos e depois fazer um curso de pós-graduação, tornando-se professor. E nós, filhos dele, tivéramos todas essas influências, às quais se somavam todas as coisas boas que a família pelo lado de mamãe fizera. E agora, ao nos despedirmos de papai, éramos eu como escritor, George como diretor-assistente da Agência de Informações dos Estados Unidos, Julius como arquiteto do Departamento da Marinha e Lois como professora de música.

Levamos o corpo de papai de avião para Arkansas, onde foi realizada uma segunda cerimônia, com os amigos da Universidade AM&N, de Pine Bluff, e de toda a região, onde papai ensinara e vivera durante mais de 40 anos.

Como sabíamos que ele gostaria, levamo-lo a dar uma volta pelo campus e depois a percorrer duas vezes a rua diante do prédio do Departamento de Agricultura da universidade, que ganhara uma placa quando ele se aposentara: “S.A. Haley Drive”.

Terminado o serviço fúnebre em Pine Bluff, levamos papai para o local em que ele queria descansar: o Cemitério dos Veteranos em Little Rock.

Seguimos o caixão até a Seção 16 e ficamos observando papai ser baixado para a sepultura n^o 1429.

Depois, os quatro a quem ele gerara, membros da sétima geração de Kunta Kinte, nos afastamos rapidamente, evitando olhar um para o outro. É que havíamos combinado que não iríamos chorar.

E assim papai foi juntar-se aos outros lá em cima. Sinto que eles estão observando e orientando. E sinto também que eles podem juntar-se a mim na esperança de que esta história do nosso povo possa ajudar a atenuar e alterar o legado de que a história, basicamente, tem sido escrita pelos vencedores.

Fim

Este *ePub* teve como base uma digitalização em *Pdf* feita por autor desconhecido.

Abril de 2014

LeYtor

A large, light gray watermark of the letter 'Y' is centered on the page, extending from the top to the bottom. It is positioned behind the text in the top right corner.